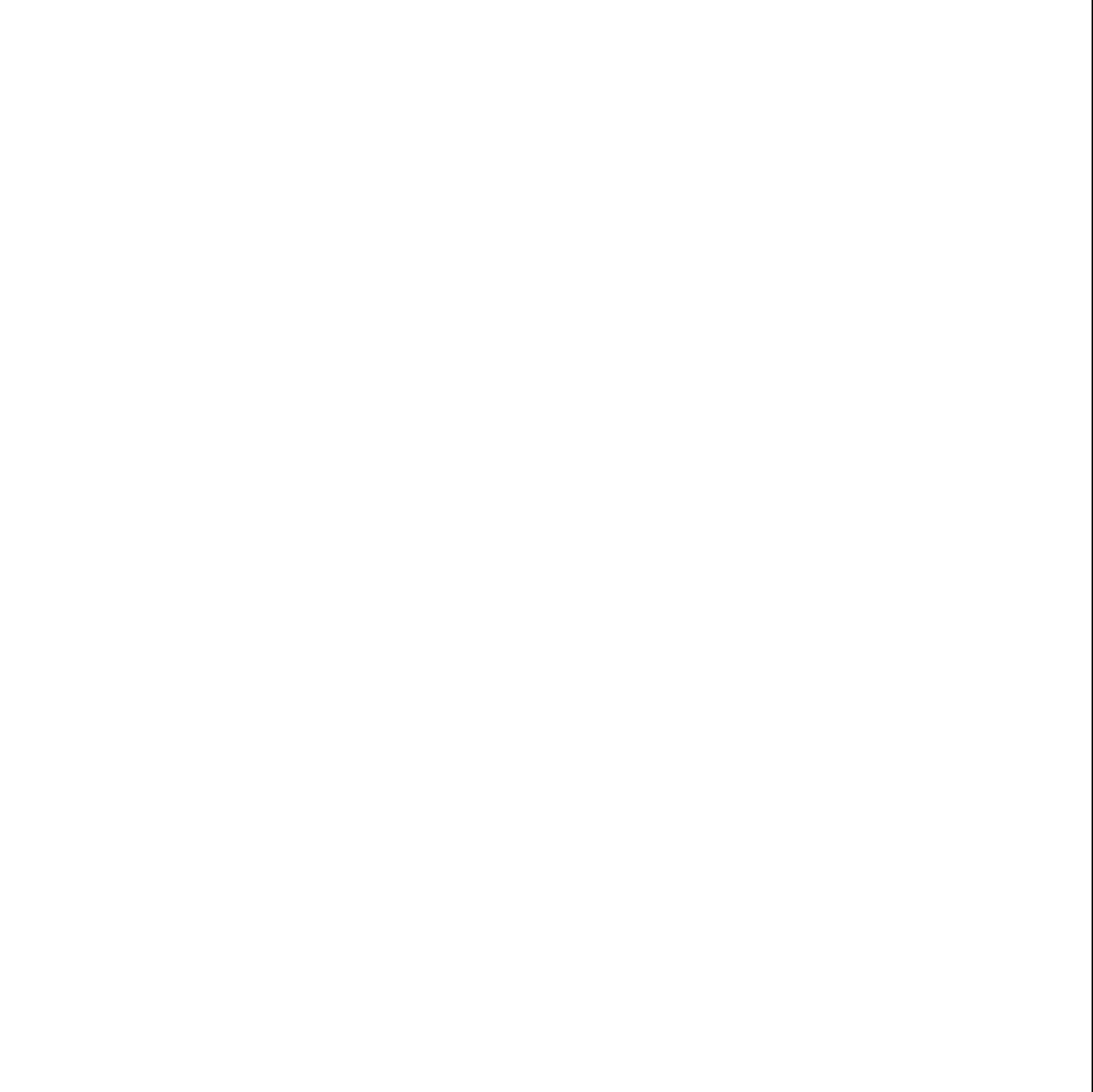


C A A T. I N G A S  
e  
C H A P A D Õ E S



## CAPÍTULO I

*Como as comissões "acontecem" — Convite do Dr. Charropin para a do Norte e aprovação do Dr. Vital Brasil — Despedida da família — Ida ao Rio e encontro com o acadêmico Gustavo Barroso quando era João do Norte. Embarque no "Brasil" do Loide — Um pulinho nos portos de passagem — O pescador de caranguejos — As reliquias gloriosas do Forte de Cabedelo — Indicação e fanatismo pela água de coco verde. Chegada a Tutóia — Primeira noite no "gaiola" e alvorada com a "Viuva Alegre" — subindo o Parnaíba — Cobra a bordo e rebelião — Chegada a Terezina.*

O TELEFONE do laboratório tilintou. Era o Dr. Charropin, meu professor de botânica na Escola Agrícola "Luís de Queirós", de Piracicaba — que no fim da linha do bonde dos Pinheiros pedia condução para o Butantã. Meia hora depois, entrava êle sorridente, bigode armado à "Kaiser". Depois dos cumprimentos habituais, disse-me em poucas palavras o que o levava àquela visita matinal. O Governo Federal organizara um plano de proteção à cultura da borracha; várias comissões seriam instaladas nos diversos estados nortistas produtores do precioso "latex", que é a matéria prima da gôma elástica. A distribuição geográfica da estaçõ-

séde das comissões abraugia toda a zona norte do país, da Baía para cima.

O Professor Charropin seria o chefe da comissão destinada a Joazeiro da Baía. E convidou-me para assistente da Secção de Biologia, cuja chefia estaria a cargo do próprio diretor da estação Charropiu. Fiquei tonto com o convite tão inesperado. Era eu, nessa ocasião, o administrador do Instituto Serum-terápico do Butantã, sob a sábia direção do grande cientista brasileiro — Dr. Vital Brasil. O meu ex-professor deu-me 48 horas para refletir e consultar meu director.

Chega o Dr. Vital Brasil, com seu avental branco. Fazem-se as apresentações do estilo. Expus ao meu eminente chefe, de quem já me considerava discípulo, pelas lições científicas que havia quase 4 anos dêle recebia, quotidianamente, a natureza do convite que acabava de receber e a dificuldade em que estava para tomar uma decisão. Via-me na encruzilhada da minha vida — ali estava decidindo o meu destino.

— Iglésias — disse afinal o mestre — sinto perder sua colaboração; mas, agrônomo, Você tem uma oportunidade excepcional diante de si.

Como única resposta, um tanto comovido, disse: — Vou consultar minha mãe.

Considerados os prós e contras, ficou resolvida a aceitação do convite.

Em fins de abril de 1913, de uma casinha modesta da Rua São José, hoje Oscar Freire, o filho, que a morte prematura do pai transformara em chefe de família, despedia-se de sua mãe e irmãs, talvez com os mesmos sobressaltos com que outróra partiram, pela primeira vez, do planalto piratiningano em demanda dos invios sertões da terra brasileira, os intrépidos bandeirantes. Antes de seguir para o Rio de Janeiro, que iria ver pela



primeira vez, fui despedir-me do Butantã — cenário dos meus primeiros passos de profissional.

Embora o Instituto do Butantã já fosse conhecido nos meios científicos de todo o mundo civilizado, suas instalações eram o que pode haver de mais simples: o laboratório — o único! — era uma antiga cocheira adaptada; à direita de quem entrava, o biotério — criação de coelhos, cobaias, pombos, ratos, destinado às experiências; no mesmo eixo do laboratório, e a ele ligado por um corredor, uma cocheira para grandes animais; fóra, um galpão cimentado onde se praticavam as sangrias nos animais imunizados, fornecedores do sôro bem-dito que disputaria à morte os nossos cabôclos — fatores primordiais da economia nacional; e finalmente, ao lado de um renque de eucaliptos que ia até à margem esquerda do Rio Pinheiros, uma esterqueira. E era tudo nisto resumido o grande Instituto do Butantã, onde o sábio brasileiro escrevia o novo capítulo da serumterapia anti-ofídica, impondo-se ao mundo da ciência experimental, ficando assim eloquentemente provado que temos aptidão para perlustrar todos os ramos do saber humano!

Nesse humilde barracão vi entrarem as personalidades mais notáveis da época: o estadista Clemenceau, que, para não se esquecer de que era médico, envergou um avental de laboratório afim de acompanhar a Vital Brasil em suas interessantes demonstrações de eficácia dos diversos sôros anti-peçonhentos; Paderewsky — o pianista genial, alto, magro, cabeleira eriçada de milho verde; Rubem Dario — o poeta que elevou os acordes de sua lira mais alto que os píncaros da Cordilheira Andina. Lembro-me ainda da emoção de vate ao contemplar a luta de uma mussurana com uma jararaca: quando a mussurana conseguiu subjugar sua vítima e dava início à deglutição, Rubem, fechando os olhos, estremeceu

e disse, retirando-se: “Parece-me um pesadelo”. Outros, muitos outros vultos internacionais passaram pelo modesto laboratório, cuja pobreza franciscana mais realçava o mérito invulgar do sábio que ali erguera o maior monumento à ciência brasileira.

As últimas recomendações: “As cobras, como Você sabe, são muito prolíferas; apesar disso, não são assim tão numerosas, diz o Dr. Vital, e devem ter, portanto, muitos inimigos naturais. Entre estes, tenho notícia de um falconídio — Acauã, que, segundo a crença popular da gente do norte, come cobras. Veja se consegue verificar êsse fato.”

Agora o João Florêncio: “Mande-me cobras, pois, como é do seu conhecimento, quero dedicar-me ao estudo da sistemática das cobras da América. Cuidado com as picadas. Tenha sempre à mão o sôro anti-ôfídico.”

Bruno Rangel Pestana também faz um pedido: “Tudo quanto fôr inseto parasita, principalmente carapatos.”

O Dorival Camargo sorri bondosamente: “Cuidado com a difteria —examine primeiro a garganta das marias-bonitas.”

Sobraçando um caixote de medicamentos, tomei o trolinho que me conduziria até o ponto dos bondes, e lá ficaram o mestre e seus três assistêntes — os pioneiros da maior obra científica que se realizou até agora no continente americano.

• • •

Rio de Janeiro. Na velha estação da Central, esperava-me o meu conterrâneo e amigo de infância — João Silveira Mello.

— Isto é que é o Rio de Janeiro?

— É. Que é que Você quer dizer com isso?

— Não estou achando lá essas coisas.

— Engraçado: caçorova de Piracicaba, fazendo restrição à beleza do Rio.

— Não... mas eu imaginava... É verdade, a imaginação tem as asas das Mil e uma Noites. Mesmo um espírito provinciano é capaz de arquitetar rutilantes fantasias, palácios encantados, "ruas calçadas de diamantes", da velha modinha de violão, para o amor passar...

À tarde do mesmo dia os rapazes do "61" — moradia da Família Silveira Mello, levaram-me à cidade: atravessamos a Avenida Central (Rio Branco) e quando o automovel desembocou na Avenida Beira Mar fiquei deslumbrado; o encantamento tomou quase a forma de êxtase ao acenderem-se as luzes da iluminação pública. Tive a sensação de ser um personagem de conto de fadas: havia-se dado uma transmutação na minha pessoa. Lembrei-me daquela estrofe simples do nosso cabôclo nortista:

*Amóde que não choveu,  
Amóde que eu tô trocado,  
Amóde que não só eu". (1)*

No dia seguinte, em companhia do Dr. Emilio Charropin, fomos apresentados ao Superintendente e autor do plano de proteção à cultura da borracha: Engenheiro Raimundo Pereira da Silva.

Comunicou-nos o Dr. Pereira da Silva que devíamos voltar no dia seguinte para receber as passagens e uma ajuda de custo — a primeira que recebi na vida de funcionário. Apresentou-nos ao Secretário Geral da

---

(1) Recitado por Basílio Melo em Bom Jesus da Gurguéia, na viagem de 1919.

Comissão: moço elegante, alto, claro e corado, com aparência mais de um estudante do que de um alto funcionário. Quando seu nome foi declinado, fiquei surpreso. Como? Gustavo Barroso — João do Norte, autor do interessante livro "Terra de Sol"?

— Sim, sou eu mesmo. E estão aqui a sua requisição de passagens e a ajuda de custo em moéda corrente. Boa viagem e seja muito feliz!

Baluciei um muito obrigado, meti a ajuda de custo na carteira e rumei para o Loide Brasileiro, parafusando... "Terra de Sol"... terra de sol... "Onde canta a jandáia na cópa da carnaúba." Onde...

— Onde fica, aqui, o Loide Brasileiro, moço?

— Ali, naquela porta.

— Muito obrigado.

Um novo problema se me apresentava: navegar por mar. Uma grande preocupação empolgou o espírito de minha boa mãe quando soube que eu deveria cruzar o Atlântico, ou, melhor, costeá-lo, perdendo de vista, não poucas vezes, a costa brasileira. Disse-me ela, entre superticiosa e incrédula:

Quando Você nasceu, veio ter à porta de casa um velho pedindo um prato de comida, e que depois falou: "Aqui veio ao mundo um menino; qualquer que seja o ofício que queira seguir será muito feliz; mas, se escolher o de marinheiro, a infelicidade morará com ele."

— Mamãe, não se preocupe: vou simplesmente como passageiro e mesmo que me ofereçam — (dizia, brincando, para dar um pouco de alegria àquele coração de mãe tão triste porque o filho partia para longe) o comando do navio, não o aceitarei, prometo-lhe!

De tudo isso, uma coisa é verdadeira — tenho formal repulsa pelas viagens marítimas, muito embora tenha encontrado sempre mar de rosas. Um único tem-

poral que apanhei, numa das múltiplas viagens que fiz ao norte do país, da Baía a Maceió, não me sobressaltou, pois dormia profundamente, sem dar por êle.

Lá pelo dia 20 de maio de 1913, saía o velho vapor do Lóide — o “Brasil”, singrando a Guanabara. Eu, no tombadilho, extasiado com a beleza da terra carióca; passamos pertinho do “Pão de Açúcar”, de Copacabana e rumamos para o norte. Lancei um último olhar aos perfis geográficos no desejo de vêr o “Gigante Adormecido” — não o conseguí. A costa foi desaparecendo, desaparecendo...

A bordo tudo corria bem. O velho “Brasil” navegava serenamente. Comecei a confiar, e, deixando tudo ao que determinasse a mercê do Braço Divino, que, no dizer de Newton, “colocou os astros na tangente de suas órbitas”, pus o coração à larga — seja o que Deus quiser.

Na manhã seguinte, bem cedo, o vapor aproou para a costa verdejante de um verde garrafa. No pináculo de uma montanha divisei um castelo. Castelo? Não. Era um convento. Lembrou-me aquele quadro célebre de Goya: um castelo no ápice de um morro tão abrupto como o “Pão de Açúcar” do Rio, assediado por um exército inimigo que, da base, por meio de catapultas dispara flechas incendiárias, enquanto — profética visão — homens guerreiros, com asas, como gigantescos acrídios atacam pelos ares irreduzíveis fortaleza.

Passamos a barra. Espetáculo maravilhoso oferece a entrada da baía de Vitória — Capital do Estado de Espírito Santo. É um verdadeiro presépio. À prôa do “Brasil”, não sabia o que mais admirar — se o convento no pico do morro, a linda práia cheia de moradias pitorescas, onde desejaria habitar, ou os encantos topográficos que envolvem casas e ruas da bela cidade.

Apesar dêsse encanto singular, gritou mais alto o estômago — símbolo da matéria que integra o ser vivente à terra, à vulgaridade da vida fisiológica — e, antes de mais nada, fui, em companhia do meu saudoso colega e companheiro de Comissão — Armando Negrais, em busca de um hotel, onde se comesse bem, pois a bordo mal pude tragar um chá, que desde essa época me tornou todos os chás intragáveis.

E a viagem continuou. A baía de Vitória foi ficando ao longe, e, mais do que na entrada, deu-me a impressão de um presépio impròpriamente, embóra, instalado à beira-mar. Contente, alegre, encantado pelo espetáculo ímpar que a natureza me havia proporcionado na graciosa baía capixaba, dei o dia por encerrado e tratei de me encaminhar para o camarote onde a exalação de tinta fresca punha à prova meu pobre estômago. Lembrei-me do conselho do bondoso amigo Dr. Silveira Mello: — “Caso você sinta qualquer coisa de anormal no estômago, deite-se em decúbito dorsal e assim evitará o enjôo.” Esta prática deu bom resultado. Dormi regularmente, contudo dei graças a Deus, quando amanheceu. Manhã bonita, ensolarada, calma (o que era para mim o mais importante), convidava a dar um passcio pelo tombadilho.

Mais ou menos às nove horas passamos pelos Abrolhos — meus velhos conhecidos, conhecidos quando no grupo escolar lia os primeiros capítulos da História do Brasil. Que de recordações me vieram à mentel! A luta impávida dos primeiros povoadores da Terra de Santa Cruz! O fim trágico de muitos dêles que naufragavam de encontro a essas ilhotas! Contrito, silencioso, fiquei em pé alguns momentos em memória daqueles ilustres varões que tudo deram, inclusive a vida, para trazer à civilização a nova nação que surgia.

Depois de dias e noites dormidas como Deus foi servido, avistamos Salvador. "O Brasil" ancorou perto do forte São Marcelo. (1) (2).

Ao saltar, não me preocupava distinguir a cidade baixa da alta; o que eu queria era provar o célebre "vatapá" baiano. Não que o apetite fôsse lá muito grande, mas movido por uma curiosidade muito natural nos sulistas que ouvimos falar em "vatapá" sem ainda o haver degustado. A partida do vapor estava marcada para as 22 horas. Tínhamos muito tempo para dar um bom passeio e conhecer a Capital baiana. Infelizmente não pude ir até o Senhor do Bomfim, mas visitei as principais igrejas da cidade, notáveis pelos tesouros artísticos que encerram. Conhecí os bairros pitorescos, entre os quais o mais lindo é o do Farol da Barra.

Mais uma noite dormida. E ao despertar de formosa manhã, cheia de luz, avistei a terra que dera ao Brasil grandes soldados, invictos cabos de guerra — Alagôas. As águas do porto eram tão azuis e transparentes que se podiam ver os peixes nadando de um para outro lado. Ao longe, deixando a costa, as jangadas de velas brancas iam em demanda dos pescueiros de alto mar.

Depois de percorrer os pontos mais interessantes da bela cidade que é Maceió, fomos procurar um bom hotel para refazermos as calorias perdidas. Não sou um "gourmet", mas passar por Maceió e não comer *sururú*, seria dar prova de máu gôsto e não ter a menor curiosidade gastronômica. Comí e gostei. Foi também em Maceió que, pela primeira vez na minha vida, comí ostras, por insistência de um belga, que era químico da Comissão. Apesar do limão, traguei as ostras com

---

(2) Na campanha chefiada pelo notável político Baiano J. Seabra, fizera ouvir sua rouquenha voz, vomitando balas contra a cidade de que era secular guardião. Mais uma vez o feitiço virou contra o feiticeiro — Coisas da política...

certa dificuldade. Talvez falta de civilização requintada... Comprei alguns artefatos de tartaruga em que são peritos os alagoanos, e me despedi da cidade e de suas lindas praias.

No dia seguinte travava conhecimento com a Veneza brasileira — a cidade que o Príncipe de Nassau levantara entre os rios Capiberibe e Beberibe.

A abundância da palmeira — côco da praia, dá uma nota alegre aos arredores da cidade e desperta o desejo de mitigar a sêde com o saboroso e refrigerante líquido que o fruto contém. No restaurante Leite, à beira do Capiberibe (não é reclame) fomos almoçar — meu colega Negrais e eu. Que pão delicioso! Que acepipes gostosos! Nunca mais comi lagosta tão saborosa! Foi um regalo! E, se não fôsse irreverência, diria que comemos como bons frades. Alegres, contentes, viamos tudo com uma esfumatura côr de rosa, não sei se por efeito da lagosta ou da cerveja "Vita". Tomamos um honde e fomos a Olinda. Cidade interessante, relicário de coisas antigas, páginas vetustas da história pátria, por toda a parte encontramos motivos pitorescos, dignos de pincel de mestre. Praias formosas, emolduradas por verdes cocais que dão uma nota característica à paisagem.

O côco (*Cocos nucifera* L.) que da Baía para o sul é conhecido pela denominação popular de — côco da Baía, no norte, de Pernambuco para cima, o povo o conhece pela de — *côco da praia*. A meu ver esta última denominação tem maior propriedade porque designa uma qualidade importante da palmeira em aprêço, que é justamente a de indicar o seu "*habitat*" predileto onde ela se desenvolve perfeitamente; além disso, talvez nem todos o saibam, o nosso côco da Baía é planta exótica, como tantas outras que já tomaram ares cá-bôclos.



Depois que se transpõe o Faról da Barra, na Baía de S. Salvador, sempre que a vista alcança a costa, notam-se manchas verdes constituídas em grande parte por coqueiros. Da Baía até o Pará, em todos os portos, aparecem a bordo vendedores de côcos verdes: isto quer dizer que nessa grande extensão de litoral há plantações de côco, não tão grandes, infelizmente, como poderiam e deveriam ser.

Os arrabaldes de Recife, como já fiz notar, estavam todos "contaminados" de côcos da praia, no dizer típico do Zé-povo. Registei aí um fato interessante e engraçado: interessante, porque mostra o estado de atraso do nosso povo, e engraçado pelo desfecho que teve. Percorrendo os cocais para poder fazer um juízo mais ou menos seguro de sua importância econômica, ao atravessar uma ponte sôbre um igarapé, dos que cortam o vasto mangal aí existente, encontrei um velho com um varal cheio de fileiras de caranguejos ao ombro, e como era belo tipo regional, característico da sub-raça de que fala Euclides da Cunha, cumprimentando-o, perguntei-lhe:

— Então, muitos caranguejos por estas bandas?

— *É cumo vomicê tá vendo.*

— O senhor permite que eu lhe tire um instantâneo?

— *Cumo? Qu'é que vomicê tá dizendo?*

— Estou dizendo: se o amigo me permite, vou tirar seu retrato com esta máquina. Quero mostrar p'ra minha gente, lá de minha terra, como um velho pernambucano é forte e sabe pescar caranguejos!

— Nhôr, não!

— Mas por que?

— Por aqui, seu moço, já andaro uns *inglileis* com essas máquinas, e depois dessa *arrumação pegô morré gente cumo quê!*

Foram baldados todos os meus esforços de persuasão: o bom do velhote, com um risinho de vitória, disse-me um “até outra vista”, como quem não tinha muita vontade de me tornar a vêr, e saiu num passinho acelerado, resmungando não sei o quê com o varal de caranguejos balançando no ombro.

Parti para o centro da cidade, e numa confeitaria elegante da Rua da Princesa, matei a sede com água de côco gelada.

De madrugada o vapor levantou a âncora e partiu para Cabedelo, porto de mar da Paraíba do Norte, a poucos quilômetros da capital do Estado.

Cabedelo fica à margem direita do Rio Paraíba do Norte, ou, melhor, à margem direita de sua foz. No estuário do Paraíba não se observam os inumeros igarapés e deltas próprios dos rios Parnaíba e Itapicurú: o rio desce num só corpo até as fauces escancaradas do mar que o engole de um só “trago”.

A entrada da barra era estreita e muito difícil. À direita de quem entra, via-se um enorme mangal, e, à esquerda, o velho Forte de Cabedelo e um bonito coral, cobrindo a cidade que se derramava pela praia plana e arenosa. O navio atracou num pontilhão de madeira que servia de cais, onde começavam os trilhos da Estrada de Ferro.

Como sinto um encanto, uma atração irresistível, para as coisas do passado, pois a nossa vida nada mais é que um momento da sucessão de vidas através da célula imortal, meu primeiro desejo foi conhecer o histórico Forte de Cabedelo, velho e carcomido, em cujas paredes grossas e úmidas poderia lêr um capítulo heróico do passado do Brasil colonial. O forte estava no mais completo abandono; digo mal, abandonado não! pois à entrada, junto ao seu enorme portal de madeira,

fui recebido por um sargento do exército, muito convencido das suas funções de comandante.

— Entre. “Um gênio carinhoso e amigo” — o sargento tomou-me a dianteira com a viseira do quépe a indicar no espaço 45.º, deixando à mostra uma trunfa de cabelos negros que quase lhe cobria o olho direito, e pôs-se a falar, indicando-me os diversos compartimentos do forte. Galguei o plano inclinado que leva até à praça onde estavam os canhões. No meio do pátio, que era redondo como o forte, vi um monte de balas de uns 10 centímetros de diâmetro. Pedi uma daquelas preciosas “contas”, para guardá-la como lembrança, mas o sargento — fiel guardião — delicadamente negou. Não insisti. Intimamente, fiquei contente com a disciplina militar do gentil cicerone.

Os canhões eram verdadeiras preciosidades históricas: alguns traziam as armas do Rei da Espanha e Portugal. Depois de examinar atentamente as armas dos Felipes, que tão nitidamente ainda se desenhavam no dorso de um velho canhão sôbre uma carreta em ruínas, dei-lhe uma palmadinha no flanco direito, e, enquanto êle resmungava em sons metálicos, talvez saudades dos tempos idos, mentalmente perguntei-lhe:

— Então, amigo, que fazes aqui há tanto tempo, sempre olhando para o mar, sentinela atenta, como quem espera ainda alguma coisa? Julgas, por ventura, que as náus inimigas aqui aparecerão ameaçadoras, de carantonhas à proa, de velas pardas, procurando transpor a barra? Tu és um retardatário; todos os teus companheiros daquelas eras já não mais existem. Os navios que por ventura escaparam às tuas balas, irmãs destas que estão amontoadas ao teu lado, não evitaram a ação do tempo. Parece um ator que ao terminar o ato ficou aquém do pano, permanecendo em cena depois de tudo acabado. O teu lugar não é aqui, amigo velho, e não

te enfades com a minha franqueza: devias estar catalogado num museu, ou transformado pelos cadinhos da fundição em outros objéto uteis. Assim é tudo. Eu também, meu velho, serei transformado nos vegetais que se comem, no ar que se respira. Como estás, ao invés de mostrares tão somente o que fomos há 300 anos, dás o mais eloquente testemunho do nosso atraso, do nosso relaxamento e incompetência para tudo o que diz respeito ao progresso. Já deverias ter sido substituído. Tu, aqui, despertas risotas, histórico bronze, ao passo que num museu todos te visitaríam com o chapéu na mão, e reverentes se curvaríam ante o teu majestoso vulto. Dei-lhe mais algumas pancadas e lá ficou êle com seus sons plangentes entoando sentida nêcia ao passado, como se fosse a própria voz da saudade.

Corri um olhar à direita e outra à esquerda e vi alguns quartos que deveriam ter sido as habitações da guarnição. A família do sargento estava aí acomodada. Descendo o plano inclinado que levava ao portal da saída, à direita notei uma masmorra lúgube, em que a luz mal podia penetrar pela mínguada janela quadrada de ferros grossos. Nas paredes humildes, inscrições bastas e ininteligíveis, diários de angústia de infelizes que ali foram, talvez, pagar culpas alheias. Embalde procurei ler. O tempo... Bem diz o poeta do mato:

*O tempo gasta e consome,  
Da própria pedra o letreiro:  
Só não gasta nem consome,  
Um amor que é verdadeiro.*

Saí. Como quem da escuridão penetra de repente na luz, fiquei um momento aturdido, parei um pouco, até ajeitar-me ao mundo da atualidade: dentro do forte havia regredido 300 anos.

Sob frondosas mangueiras a rua principal da cidade se estendia ao comprido do cais. Ali é que estavam instalados os hotéis, as casas comerciais mais importantes, o Quartel da Polícia, a feira e os vendedores de quinquilharias, exquisitices da terra: búsiões marítimos, bonecas de pano, miniaturas de jangadas, etc.

Debaixo de uma árvore, ou sentado na calçada, estava um pobre velhinho com sua viola cantando louvores aos "brancos" "Os brancos" eram os passageiros. Creio que não há quem tenha passado por Cabedelo que se não lembre dêste interessante músico da rua.

As outras vias públicas eram irregulares, estreitas, verdadeiras vielas, que davam acesso às casas residenciais, sem o menor cuidado urbanístico. As casas nasceram como os coqueiros — ao Deus dará. Poder-se-ia dizer uma cidade "sui generis" à sombra de um enorme coccol. Lembrava essas povoações africanas que estamos acostumados a ver em litografias ou nos "Tapetes Mágicos" dos cinemas. Embora tudo fosse atrasado, não deixava de ser pitoresco — fonte em que nossos artistas poderiam beber as mais belas inspirações.

Havia uma linha de bonde que saía do porto pela rua principal, passava em frente à igreja, virava à direita deixando à esquerda uma carreira de casas cobertas de telhas e de bom aspecto; sempre sob as palmeiras, corri até chegar a uma formosa praia, que, se não me falha a memória, chamava-se Praia Formosa.

Que beleza! Acompanhando o gracioso semi-círculo da praia, próximo ao lugar onde as ondas do mar vinham docemente morrer na areia límpida, branca, estavam espalhadas pequenas yivendas, que não eram obras de arte, mas sim verdadeiros mimos, oferecendo o mais encantador agasalho ao homem cansado do reboliço das grandes cidades. Numa rêde macia, armada entre dois coqueiros, sem pensar no dia de amanhã,

num “dolce far niente”, tomando a deliciosa água de côco, causaria a gente inveja aos anjos... E além disso, a poucos metros, algumas dezenas de passos, a praia, oferecendo um banho gostoso, e, segundo parece, sem perigo.

Era nesta praia que as jangadas vinham descansar, receber alguns reparos, a fim de, mais tarde, impávidas, com uma ousadia inacreditável, partirem, quais gaivotas, barra afora, para o alto mar, onde só se vê céu e água, e, no dizer do poeta, os dias infinitos se encontram.

Jangadeiro! Jangadeiro resolutos, símbolo de uma raça de gigantes anônimos, é muita temeridade confiar tanto em meia dúzia de páus e uma vela!

À tarde, terminada a pesca, voltavam as jangadas, umas atrás das outras, como formigas saúvas, carregando folhas alvacentas para o formigueiro.

A nota característica de Cabedelo é sem dúvida o seu bonito e verdejante coqueiral. Os coqueiros “botam” todo o ano. Num mesmo pé viam-se côcos de todas as idades: desde o cacho em flôr até o côco maduro.

Sempre que por ali passava ia direito aos meninos que vendiam côcos verdes. Estes pequenos, semi-nús, calças rôtas e camisa em tiras, empunhando pequena foice (podão), ou mesmo, um facão de “papo-largo” — que lembra a adaga mourisca, não perdiam de vista o passageiro.

— Um côco verde, patrão! “Tem é água muita”.  
Córto?

— O meu é “vremeio”, patrão! Me dê sua preferência.

— Então ha côcos de duas qualidades? Pergunto.

— “Apois” então o patrão não sabe? Tem o côco branco e o “vremeio”. E quem tem o “vremeio” não procura o branco — afirma o menino do côco vermelho.

— Bem: córte um vermelho.

O pequeno, antes de ter saído a última sílaba dos meus lábios, rápido como bóte de cobra, fez saltar um dos ólhos do côco e a água espirrou, molhando-me o rosto e o paletó.

— Não é nada — disse, entregando-me o côco; isso não mancha.

O passageiro que não é mais marinheiro de primeira viagem, quando salta em terra, vem munido de um canudinho de papel, daqueles com que se tomam refrescos, e assim bebe a sua água de côco comodamente. Os que não sabem, ou não são prevenidos, têm de beber diretamente do côco, molhando o colarinho e a gravata.

— Agora o meu patrão, experimente o branco que também é bom.

O viajante toma fôlego, dá um suspiro, procura fazer sair o ar (com perdão do máu ensino) que possa existir no estômago, leva as mãos à cinta, como quem consulta se haverá ainda lugar para mais um côco, e, finalmente, a gulôdice vence: antes mesmo que êle ordene a abertura do côco, o menino, que pelos olhos ia lendo o seu pensamento, célere dá um golpe de facão no fruto, e, entregando-o, alegre, exclama — prontol

Não é pois de admirar — o viajante esgotou o segundo côco, e o rapazinho animado perguntou: mais um, patrão?

— O pequeno, você pensa que meu estômago é de borracha?

— Então eu descasco uma dúzia p'ra o patrão levar e ir bebendo na viagem.

— Isso já é outro negócio. Quanto custa a dúzia?

— A 3 tostões cada um, são 3\$600.

— Você sabe lêr?

— *Nhôr*, não. Mas conta de côco eu "tiro". Nisso ninguém mi fais disfeita, não."

Ainda era cêdo para embarcar. Aproveitei o tempo disponível para conhecer melhor o porto. Ao regressar fatigado de tanto andar pela areia, encontrei a criançada, com a fêria feita e o dia ganho, nadando ao lado do pontilhão de embarque. O dia ganho, digo mal; pois agora ganhavam a vida com outra modalidade: como tubarões, mergulhavam para apanhar niqueis atirados à água pelos passageiros. Não perdiam um só! O que mais chamava a atenção era um pequeno pernetá. Era ligeiro como um lambari, o diabo do garôto!

Interessantes êsses fenômenos naturais, a que chamamos lei de compensação — o que se perde de um lado, ganha-se do outro. Ao cêgo se lhe desenvolve o tato; ao surdo a vista que lhe permite “ouvir” pelos movimentos dos lábios do interlocutor o que se lhe diz. O rapazinho, com uma perna só, era o campeão nos mergulhos, e era quem mais moédas apanhava.

Chegamos a Natal, cidade de aspecto muito agradável e alegre.

A primeira coisa que o passageiro do Loide faz, ao chegar a um porto, é procurar um bom hotel para regálo do estomago. Foi o que fizemos. Depois de satisfeitos, demos um passeio pelos principais pontos da cidade e seus arrabaldes. (3) O navio não parou muito tempo e, com pêná, deixamos a linda Capital do Rio Grande do Norte.

Recomeçamos a viagem. Por muitos motivos desejava conhecer Fortaleza. Primeiro para abraçar colegas e coestaduanos lá domiciliados; segundo, para tra-

---

(3) Quem poderia imaginar, naquele momento, que estavamos percorrendo a zona que viria a ser o mais notável aêroporto do mundo, pela sua importância militar — o trampolim donde os aviões saltariam, carregados de tropas, em demanda dos confins asiáticos!



var conhecimento com os “verdes mares bravios” da terra de José de Alencar.

Fortaleza à vista. O navio aproximou-se da costa. Nada de baía — mar aberto e ondas furiosas quebrando no pontilhão de desembarque que avançava um pouco para o mar, quase em ângulo reto com a praia. Um pouco ao norte um enrocamento à guisa de quebramar. As ondas eram tão fortes que, às vezes, iam quebrar no passadiço do pontilhão, afugentando as pessoas que estavam à espera de alguém.

Os catraieiros, com bôtes reforçados, largos e curtos trazem as autoridades da aduana, polícia e saúde.

Dado o sinal de desimpedimento aos passageiros, começava a balbúrdia. Todos estendiam os braços, convidando a desembarcar. Um avista um conhecido:

— “Dotô, dotô, o Mundico tá aqui às ordens.” O mar hoje tá bão!...

E eu vendo o “bicho” rebentar com fúria no pontilhão.

Sem que eu tivesse visto a escada, apresentou-se quase de surpresa — o meu querido colega Grover Pyles, filho de fazendeiro de Santa Bárbara. Abraços e mil perguntas; êle queria saber de amigos e coisas de S. Paulo. E eu, como saltaria em terra sem levar um banho? Aqui, “saltar em terra” tinha toda a propriedade, pois ninguém descia no porto da Capital cearense a não ser aos saltos. O meu colega encorajou-me com estas palavras:

— O meu catraieiro é muito perito. Você não tenha medo. Vamos.

Confesso que tomei o escalér com muito receio de tomar um banho. Além de tudo, havia envergado a melhor fatióta. Quem quisesse ser prudente, não desembarcava em Fortaleza. Caso, porém, fôsse obrigado a fazê-lo, deveria usar maiô, isto é: roupa de banho.

Entrámos no escaler. Para começar, entrámos a dar e a levar trancos.

— Olhe a mão na borda do braço patrão! Grita o catraieiro, — Fique firme no banco! Não tenha mêdo de “papôco”!

— De “papôco” não tenho mêdo; não quero é sair molhado para terra, disse eu aparentando uma calma que estava longe de possuir.

Chegámos ao pontilhão de desembarque. O catraieiro encostou o bóte ao lado da escada, e, dando-me a mão forte e calejada pelo trabalho rude do mar, preveniu-me que, ao pular, devia fazê-lo sem hesitar; uma vez no degráu da escada, subi ligeiro para evitar a onda que vinha rebentar em baixo dela — era o momento do banho! Com presteza e agilidade, saltei do barco e subi os degraus da escada. Uma vez salvo, ronquei valentia... Fiquei alguns momentos de palanque, vendo o apuro de meus companheiros de viagem. Desembarcavam senhoras e crianças aos gritos e em chôro. O mar, cada vez mais bravío, agitava aqueles escaleres cheios de gente, como cascas de amendoim. Momentos havia em que os gritos dos embarcadiços pedindo auxílio aos companheiros e calma às pessoas, se mesclavam às vozes de pavor dos que queriam desembarcar — uma confusão tremenda que aturdiava, qual verdadeiro pandemônio. Que tragédia saltar em Fortaleza! Os elementos naturais parece que porfiam em tornar rija a fibra do cearense... e dos seus amigos também.

Fortaleza é uma cidade interessante e original. A Praça Ferreira fica no alto e dela se descortina a imensidão do mar. Acho que nasceu aqui aquela anedota dos dois compadres, o do interior e do da cidade.

— “Compadre, que açudão *pai-d’agua* é êsse aí? Perguntou o do interior.

— Não é açude, compadre; é o mar disse, sorrindo, o da cidade.

O tabaréu lançou o olhar pela vastidão do horizonte, e, depois de ficar absorto, contemplando a praia diz, ensimesmado:

— Ô marzinho besta! P'ra lá, p'ra cá!...

No elegante bairro residencial — Outeiro — tive a honra de conhecer a família do Desembargador João Firminio, sogro do meu colega Grover Pyles.

Depois do almoço, como não havia tempo a perder, acompanhado pelos novos amigos percorri os principais pontos da cidade. Mostraram-me os palacetes da família Acioly, cujos membros foram carbonizados pelas chamas da revolução.

As chamadas oligarquias do norte, com a vitória do hermismo, estavam destruídas.

O Coronel Rebelo, auxiliado pelos afilhados do Padre Cicero, fez ruir os domínios do velho pagé Acioly. Contaram-me barbaridades. Por princípio, sou contra revolução. Não se muda o caracter de um povo em 48 horas. Todo melhoramento estável só se consegue pela evolução inteligentemente conduzida. Como, porém, na vida, muitas vezes há males que vêm para bem, os vitoriosos, se não são meros ambiciosos audazes, deverão, para favorecer a evolução no sentido da moral e respeito entre os homens, atacar o problema por dois pontos convergentes: a) aproveitamento de todos os indivíduos capazes e sem paixão política, são, que tornem a vida agradável de ser vivida na comunhão de seus semelhantes, de acôrdo com os ensinamentos do Apóstolo Paulo aos Coríntios.

---

(4) "Cap. 13 — v. 1 — Ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou o bronze que tine.

Antes de regressar a bordo, fui em companhia de meus amigos matar a sêde. Pela primeira vez provei o refrêscico de *murici* agradável ao paladar. O fruto, designado pelo mesmo nome da planta — Murici — é amarelado, e empresta essa côr ao refresco. Há quatro espécies de Murici; porém, o que me estava mitigando a sêde devia ser o conhecido pelos botânicos pelo nome de: *Byrsonima sericea* D. C. Dizem que é diurético e essa foi a minha impressão.

Tudo o que de agradável estava vendo e sentindo era empanado pela visão do pontilhão de embarque e

- 
- v. 2 — E ainda que tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e tôda a ciência, e não tivesse caridade, nada seria.
  - v. 3 — E, ainda que distribuisse tôda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda, que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada me aprovaria.
  - v. 4 — A caridade é sofredora, é benigna; a caridade não é invejosa; a caridade não trata com levandade, não se ensoberbece;
  - v. 5 — Não trata com indecência, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspekta mal;
  - v. 6 — Não folga com a injustiça, porém folga com a verdade;
  - v. 7 — Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta;
  - v. 8 — A caridade nunca acaba; porém, ainda que haja profecias, serão aniquiladas; ainda que haja linguas, cessarão; ainda que haja ciência, desaparecerá.
  - v. 13 — Agora, pois, permanecem estas três: a fé, a esperança e a caridade; porém, a maior delas é a caridade."

Não evoquei aqui o santo ensinamento de Jesus — "Amal-vos uns aos outros", porque, para praticá-lo verdadeiramente precisaríamos participar da santidade. O exercício da caridade nos levará àquela perfeição, que em sociologia se chama solidariedade humana. Enquanto o mundo não enveredar por essa trilha, tudo será um caos, onde haverá prantos e ranger de dentes.

daquele mar bravío. Contudo, como não gosto de sofrer dores futuras, resolvi marchar para o cais, para o que desse e viesse.

Sem grande novidade, com a roupa um pouco salpicada pela água do mar, subi para o tombadilho do navio. A bordo faziam-se os preparativos para a partida. Minha atenção foi despertada por um fato interessante — da cozinha jogavam para o mar restos de galinhas e frangos e os tubarões, bem visíveis, virando de lado abriam a bocarra e assim tomavam seu aperitivo enquanto coisa melhor e maior não ia ao mar. Senti certo calafrio.

Tutóia. O navio — o velho “Brasil” — do Loide Brasileiro, parou a certa distância da costa, baixa e coberta de mata, constituída em grande parte pela árvore vulgarmente denominada “Mangue”. (5)

O mar estava calmo e o sol começava a tombar no horizonte. Aproximou-se o escaler das autoridades do porto. Depois de arrecadar a bagagem, tomámos uma lancha que nos conduziu a um naviozinho fluvial — “Gaiola” — na nomenclatura popular. Estávamos seguindo as águas do rio Parnaíba — do magestoso rio que separa o Piauí do Maranhão, em demanda de Tutóia. Este porto, de há muito, constituía o pomo de discórdia entre aquêles estados limítrofes. O rio Parnaíba desemboca no Oceano ramificado em vários canais — igarapés — todos mais ou menos do mesmo tamanho, de sorte que se tornava um pouco difícil distinguir qual fosse, de fato, o corpo principal do rio. Estudos feitos pelo notável engenheiro Dr. Gustavo Dodt, têm

---

(5) Nome por que são conhecidas diversas plantas de várias famílias botânicas, sendo o verdadeiro mangue o que pertence à família das Rizoforáceas — *Rhizophora mangle* L. — e sua variedade — *Rhizophora mangle* — var. *racemosa* L.

como conclusão que o porto pertence ao Maranhão. (6) Porém, o que não deixa dúvida é que, se houvesse mais fraternidade entre os diversos estados da federação brasileira, outro deveria ser o critério. Porque para uns tudo e para outros nada? Ora, o Maranhão tem o porto de São Luís, que supre perfeitamente as necessidades comerciais do Estado, com a vantagem de ficar em um ponto médio da costa; ao passo que o Piauí, cuja configuração geográfica só lhe permite tocar com uma pontinha de seu território no mar, só tem o porto de Amarração que não oferece calado para os navios de 1.500 toneladas. Portanto, se houvesse equidade, Tutóia pertenceria ao Piauí.

A vila de Tutóia está assentada sôbre um terreno extremamente arenoso e baldio. Todavia, os quintais das casas são bem arborizados, de preferência com a palmeira "Côco da praia" ou "Côco da Baía", como é mais conhecido no sul. Os cajueiros também eram abundantes. E que saborosos cajús! Curiosos os frutos dessa árvore — *Anacardium carymbosum* Radr. — a parte comestível é o pedunculo; e a castanha é que é o verdadeiro fruto. Cajú ou acajú, no tupí-guaraní, segundo Teodoro Sampaio, quer dizer — fruto amarelo.

Embarcámos, à tarde, no "Gaiola", e um pouco distantes do cais, pernoitámos parados — nem no Maranhão, nem no Piauí.

Não posso olvidar a impressão que me deixou no espírito a primeira noite dormida (é um modo de dizer) no pequeno navio — "Iguassú", sob o comando do simpático cabôclo João da Cunha.

A primeira tarefa que se nos deparou, a mim e ao meu colega Negrais, foi arrumar as rêdes. (Em For-

---

(6) A monografia em que publicou o estudo dessa histórica pendência entre os referidos Estados nortistas, acaba de ser editada pela Companhia Editora Nacional — Coleção Brasileira, vol. 138: Descrição dos rios Parnaíba e Gurupi.

taleza, aconselhados pelos amigos, comprámos as rêdes cearenses, porque são muito estreitas.) O sulista não sabe ajeitar-se na rêde para dormir: vira de um lado, vira de outro, põe a cabeça onde estavam os pés, abaixa um pouco mais a rêde, suspende-a de novo, e de repente, quando menos o espera, um punho da rêde mal amarrado se destaca, e lá vai o sulista a dar com os costados no chão. Todo mundo ri. Isto dura até que um dos companheiros de viagem, nortista, sempre muito gentil, vai e pede licença para arranjar a rêde e juntando a ação às palavras:

— Moço, a rêde não deve ser nem muito alta, como para quem vai esperar bichos do mato nas batidas, nem tão baixa que encoste ao chão. Vê? Assim. Deite-se agora atravessado: bóte um travesseiro debaixo do pescoço, ou na falta deste um lençol serve, e verá como dá certo.

Eram 11 horas e eu não podia dormir: a família, os amigos, São Paulo, pedaços interessantes da vida, vinham-me à mente, e como uma criança que saboreia um caramelo, um bom-bom azedinho, eu, com os olhos um pouco umedecidos, saboreava o agri-doce da saudade. Levantei um pouco a cabeça da rêde, e vi toda a vila coberta pela luz alvacentas da lua — as dunas de areia branca, o arvoredos, as casinhas aqui e acolá, davam-lhe o aspecto triste de um cemitério.

De madrugada, quando o sono afinal havia vencido a nossa fadiga, um forte estampido de roqueira ou pequeno canhão, nos acordou sobressaltados. Um colega perguntou em voz alta: — que é isso?

— *“Se aquiete, patrão; não é nada, não. É bestagem lá da terra.”*

Quando iamõs conciliando o sono interrompido, um passageiro madrugador (7), qual pássaro a saudar o nascer do sol, estridentemente assobia a valsa da "Viuva Alegre". O Negrais — que era muito impaciente, começou a resmungar. Procurei acalmá-lo. Para encurtar aborrecimentos tratámos de pular da rêde e nos preparámos para o café da manhã.

O "Iguassú" levantou ferros e iniciámos a viagem do Piauí. De Tutóia à cidade de Parnaíba gastámos 12 horas. O panorama que se abre ante os olhos do passageiro do "Gaiola" é bellissimo — os numerosos *igara-pés*, circundando os deltas, parecem caminhos de um grande parque, cujos canteiros — os deltas — estavam cobertos de matas homogêneas de mangue; quebrando a continuidade florestada, via-se ali, o verde-amarelo de uma cultura de arroz; acolá, a alvura brilhante de uma salina, e, para dar vida à paisagem, lindos guarás vermelhos como carmin, percorriam as vasantes à procura de pequenos crustáceos de que se alimentam. À tarde, lá pelas 18 horas, os guarás, em enormes bandos, passavam voando e se internavam nas matas do continente.

Parnaíba é a segunda cidade do Estado do Piauí. Está localizada à margem do Iguaraçú que liga o rio Parnaíba ao porto de Amarração. (8)

(7) O rapaz do assóbio era nem mais, nem menos, que o talentoso jornalista maranhense J. Lima, agora meu velho amigo. Nunca lhe falei desse incidente, se é que assim possa ser chamado. Com certeza, êle não deu pela coisa e terá muita dificuldade em se lembrar do caso.

(8) Parnaíba, segundo Teodoro Sampálo, é corruptela do tupi: *paraná-ahyba*, grande rio impraticável, ou inavegável. É o mesmo que Parnaíba. O baixo e o médio Parnaíba, até Urussuf, não tem cachoeiras, a não ser a das Panelas, entre Terezina e Floriano, que não oferece o menor obstáculo à navegação; por isso, tal nome do ponto de vista dos acidentes naturais, não tem cabimento. Isto vem justificar a versão histórica de que foi o bandeirante Jorge Velho que deu à cidade e ao rio o nome de Parnaíba, em lembrança da Parnaíba à beira do Tietê, justamente num ponto em que este rio não é praticável.



Acho muito difícil o mundo viver em paz e extinguir as rivalidades. A primeira coisa que notei em conversa com os paraibanos foi a acêsa rivalidade existente entre os moradores de Parnaíba e Terezina, Capital do Estado.

— Olhe, seu Doutor, não se esqueça de levar bananas, pois lá pouca coisa encontrará para comer. Puro bairrismo...

Parnaíba, apesar da vaidade dos parnaibanos, era cidade pequena, ruas mal calçadas ou sem calçamento algum. Não tinha esgôto e nem água; esta era transportada por jumentos, do rio às residências. Os jumentos, com cangalhas e dois corotes, um de cada lado, desciam à beira do "Iguaçu", que outra coisa não é senão um braço do rio Parnaíba, e aí esperavam pacientemente que os meninos enchessem os corotes de água.

O bíblico animal — o "jegue", como era vulgarmente chamado, terminada a faina diária, ficava livre pelas ruas da cidade, comendo uma moitinha de capim onde a encontrava. E sem escolher local, ou incomodar-se com os transeuntes, praticava o "crescei e multiplicai-vos" com o maior desembaraço e naturalidade dêste mundo no afã de perpetuar a espécie.

— Mas não há fiscais nesta cidade? Exclamou o Negrais.

— Há, respondo-lhe eu. Isto é: se, há pouco, não havia, vejo que a fiscalização começou com você.

Em Parnaíba estavam instaladas a Alfândega e mais repartições próprias de porto de mar: casas comerciais de primeira ordem, de importação e exportação.

Visitei Amarração, porto de mar incontestado do Piauí, distante 18 kms de Parnaíba. Estava em conclusão o primeiro trecho ferroviário do Estado. Elementos da oposição garantiram-me que era a construção mais

cara do mundo. “Em todo caso, diziam, já se não pode dizer que o Piauí não tem um palmo de estrada de ferro”.

Na “Pedra de Sal” estava localizada grande parte das salinas. Era um lugar digno de ser visto.

O porto de Amarração era muito deficiente; não tinha instalações apropriadas para o fim que deveria preencher, nem o mar profundidade capaz de permitir a entrada de navios como o “Brasil”. Só os pequenos navios do Loide, como o “Iris”, podiam entrar. Na saída do “Igaraçú” ví muita armadilha, em forma de cercado de páu a pique, para apanhar peixe. Os pescadores chamavam-nas “Gambôas”.

Amarração, se não fôr *amarrada*, o mar, auxiliado pelas areias das dunas, terminará tragando-a. As águas iam avançando e destruindo ruas e casas, numa lenta, mas contínua invasão. Pelo lado da terra as dunas de areia movediças cobriam já os arrabaldes da vila. A mais de 100 metros, mar a dentro, viam-se esteios de construção, como marcos da conquista das águas. Se não se tomarem providências enérgicas, à semelhança de Cartago, poder-se-á um dia colocar um letreiro — Aquí foi Amarração.

Quando da minha visita, trabalhava ali uma comissão encarregada de fixar as dunas. O serviço limitava-se ao plantio de gramíneas. Já era alguma coisa. O problema poderia ser resolvido de um modo mais prático, com duas facêtas econômicas: Primeiro — florestar todo o terreno da praia extensa com o “Côco da Praia”; segundo — plantar gramíneas e outros vegetais próprios para fixar dunas. O cocal que se estendia pela praia próxima à vila era uma prova eloquente do que acabo de dizer. Onde estavam os coqueiros, o areão já era terra firme, que não só se prestava ao plantio de gramíneas forrageiras, como até de outras plan-

tas. O solo ali era todo outro. Parecia incrível que se não vissem coisas tão fáceis, que se não soubesse aproveitar as lições que a própria natureza se encarregava de dar e que, bem observadas e postas em prática, poderiam resolver problemas importantíssimos para a economia nacional.

No dia seguinte à nossa chegada a Parnaíba iniciámos a subida do majestoso Parnaíba, pelo seu "Igaracú". Além de ser estreito e tortuoso, próximo de sua bifurcação do rio principal existia um baixio chamado "Maria Pequena", que dificultava a navegação. O navio precisava sair de Parnaíba em determinada hora para aproveitar a maré crescente; caso contrário, mesmo um "Gaiola", como o nosso, arriscava-se a encalhar na areia. (9)

Enfim, entrámos no leito sem ramificação do rio Parnaíba. À medida que o vaporzinho ia subindo, a paisagem mudava, oferecendo novos cenários à vista ansiosa dos viajantes. Começavam a aparecer os primeiros pindobais do "Côco Babaçú" ou "Côco de Macaco" — *Orbignia Martiana* B. R., como é conhecido no

---

(9) Diz a esse respeito o Dr. G. Dodt, na obra citada: "Em vista destas circunstâncias chamei repetidas vezes a atenção do presidente da provincia par este ponto, propondo a abertura de um canal, que, separando-se do rio principal no lugar S. José, na Ilha Grande, deveria entrar no "Igaracú", um pouco acima dos Tucuns". O Dr. Dodt orçou as obras em 40 contos de réis (Cr\$ 40.000,00) no primeiro trimestre de 1869. Passei, nos primeiros dias de junho de 1913, pelo mesmo local e o baixio "Maria Pequena" lá estava do mesmo jeito, como o viu o lustre engenheiro 44 anos antes da minha passagem! Desta, já decorreram 36 anos, e tudo está como a natureza o fez, segundo informações recentes.

(10) *Carnaíba*, corrupção de *caraná-yba*, alteração de *caraná-uba*. *Caraná*, ou *carandá*, escamoso, cascudo, nome da palmeira *Copernicia cerifera*, vulgo — *carnahuba*, *caranahiba*, *caranday* T. Sampáto — "O Tupi na Língua Nacional".

Piauí. Quer-me parecer que babaçú é corruptela de baguaçú — bago grande. No interior de São Paulo, nos limites com Minas Gerais, na zona da E. F. Mogiana, há umas palmeiras chamadas vulgarmente Baguaçú. Tratar-se-á da *Scheelea Lauromulleriana* B. R.? Tanto babaçú como baguaçú talvez sejam híbridos de português e tupí — bago + çú.

Veio a hora do almoço. A mesa, uma mesa grande, ocupava o compartimento da pôpa, que à noite se convertia em dormitório para os homens; as senhoras dormiam fechadas, do meio do navio para a prôa. Ao primeiro tóque de campainha todos tomavam lugar, ficando o Comandante à cabeceira. Foi um avanço medonho — os cerimoniais ficavam em meio do almoço, principalmente quanto aos pratos melhores. Aproveitámos a lição. No jantar, o Negrais e eu, de comum acôrdo, nos servimos em primeiro lugar dos pratos mais apetitosos.

O dia estava correndo agradavelmente. Tudo era novidade — flóra e fauna. Nas barrancas, enormes jacarés estavam dormindo ao sol. Serviam de alvo aos improvisados caçadores — todo mundo queria matar jacarés.

— Comandante! Quando chegaremos a Terezina?

— Não sei. Respondeu-me secamente.

Fiquei desapontado, sem poder ajuizar bem da resposta do Comandante. Pois, como? Disse então, com meu botões — o homem é o Comandante do navio e não sabe o dia da chegada?

Com certeza está mal humorado por qualquer coisa e não gostou que o importunasse com perguntas e cortou pela raiz — “não sei”.

Algumas horas depois sentimos um esbarro. O “Gaiola” havia encalhado numa “corôa” de areia. Fomos todos para a proa para saber do que se tratava.

— Está vendo, Doutor? disse-me o Comandante. Foi por isso que ainda há pouco eu lhe disse que não sabia em que dia chegaríamos. E sorriu.

Começou um serviço exaustivo, que demandava esforços titânicos. Do guincho, que estava fixado na proa, desenrolaram um cabo de aço, cuja ponta foi presa ao tronco de uma palmeira. Marinheiros munidos de pás, com água pela cintura, procuravam abrir caminho na areia, enquanto o guincho enrolava o cabo levando o navio para a frente, aos centímetros. Perdemos umas três ou quatro horas. Quando conseguimos transpor a “coroa” (cuja pronuncia aqui é — crôa) o sol estava desaparecendo. O crepúsculo foi rápido.

Jantámos e fomos preparar as rêdes para o sono reparador. O dia fôra cheio de emoções e não houvera descanso.

Esqueci-me de contar que, em Fortaleza, onde comprámos as rêdes, comprámos também o respectivo mosquiteiro. Era muito engenhoso, e evitava completamente o importuno e perigoso mosquito. Deitei-me, obedecendo aos ensinamentos que foram ministrados. A mosquitada cantava em volta do mosquiteiro, e isto me dava um prazer quase infantil.

— Vocês, dizia eu, como se êles me pudessem entender, desta vez perdem o precioso tempo; cantem à vontade, que o meu rico sangue não sugarão.

Lá pela meia noite acordámos com um grande alarido.

— Pula da rêde, gente! Olha o galho da árvore!

O naviozinho desgovernou-se, e dando uma guinada foi bater no barranco do rio. Mal tivemos tempo de proteger as rêdes e os mosquiteiros. Felizmente tudo terminou mais ou menos bem.

Acordei de madrugada. O dia vinha despontando. Nas copas das árvores da beira do rio o corrupção can-

tava. Canto forte, que se poderia ouvir a muitos metros de distância. (11)

Às margens do rio viam-se árvores carregadas de ninhos de "xexéus" (12). Pareciam coadores de café. Algumas árvores apresentavam-se tão cheias desses ninhos, que pareciam grandes árvores de Natal armadas com um só enfeite. Às vezes, os ninhos chegavam a tocar quase na água. Dizem que o "corrupião", embora menor, toma o ninho do "xexéu" e nêle se instala.

Outro pássaro que chamava a atenção era o "cigana", que andava em bandos não muito numerosos. Lembra o "anú branco", porém é maior. Dizem que os jacarés, imóveis, na barranca do rio, esperam pacientemente, que o incauto "cigana" se aproxime, e então, com um bote rápido e certo, apanham a pobre ave. Parece incrível que um animal rasteiro, de barriga ao solo e pernas curtas consiga caçar um pássaro, que dispõe dos meios de locomoção mais rápidos e perfeitos do mundo. É por isso que o nosso cabôclo, sempre ótimo observador, costuma dizer: — "Mais vale o jeito do que a força". E digo eu, no caso do "cigana" e o jacaré: mais vale a paciência, manha e oportunidade, do que movimentos irrefletidos, confiados em demasia sobre excelsas qualidades naturais.

À tarde, ao lusco-fusco do terceiro dia de viagem fluvial, deu-se um fato interessante. O naviozinho nas suas constantes guinadas foi roçar a galharada da vegetação ribeirinha. Estava eu armando a rêde e seu respectivo mosquiteiro, quando ouvi gritos na proa. Mata! Não mata! a voz estridente do Negrais:

11) Nome comum a duas aves; uma pertencente à família dos Icterídeos — *Xanthornus jamacai* (Gm.) e outra à família dos Píprídeos *Chytromachaeris gutturosus* Desm.

(12) Xexéu é o nome vulgar de uma ave pertencente à família dos Icterídeos — *Cacicus oela* Lin — também é conhecida por Japim.

— Ingresias! Corra aqui! — Mais que depressa me transporte para o local da algazarra. Marinheiros e passageiros rodeavam qualquer coisa que estava no tombadilho.

— Com licença! Com licença! Com licença, minha gente! — Fui dizendo, e consegui chegar ao centro do grupo.

— Cuidado, amigo! E' uma cobra.

— Cuidado, tenham vocês; não vão dar-me com êsses tamboretas na cabeça!

Vi que se tratava de uma cobra não venenosa. Com certa cautela peguei-a com a mão.

— Está louco, moço! Gritavam todos *una voce*.

— Não estou louco, amigos.

— Deixem, que êle sabe o que está fazendo — gritava o Negrais.

Examinando atentamente a cobra vi que se tratava de um exemplar bonito — negro luzidío no dorso e manchas brancas no ventre. Pertencia ao gênero das *Pseudo-boas* — gênero em que estão compreendidas as cobras mais inofensivas para o homem. Elas, mesmo provocadas, machucadas, não agrirem, ou melhor não sabem defender-se. Disse acima "inofensivas para o homem", porque há espécies que são terríveis para as próprias cobras, e até para as venenosas. Entre as principais podem-se citar: a célebre "*Mussurana*" — *Pseudo-boa coeli* — e a "Papa-pinto" — *Pseudoboa coralís*, muito conhecida no Norte. (O leitor perdoará essa pequena digressão pseudocientífica).

A cobra-preta, como era chamada pelos circunstantes, elegantemente se movia em minhas mãos. Para melhor divertir o meu improvisado auditório, fiz menção de colocá-la nas mãos de quem estava mais perto de mim. Foi uma debandada louca. O que quer dizer que ninguém acreditava em minhas explicações.

— *Virgel! Esse homem tem parte com o cão!* (Pacto com o diabo, é o que queriam dizer).

— *Que parte com o cão, qual nada!* Já lhes disse que a cobrinha não morde, a naturcza dela é assim mesmo.

Perdí meu tempo e meu latim. Desde êsse dia, os marinheiros passavam ressabiados, por mim, como quem evitava um bruxo.

Falei-lhes muito sôbre cobras, seus perigos, cren-dices, meio de distinguir as venenosas das não veneno-sas. (Para a generalidade de nossa gente, tôdas as cobras são venenosas; até certo ponto êsse conceito é benéfico, porque, não as conhecendo, convém que tô-das sejam temidas.) Contei-lhes que havia em São Paulo um instituto chamado Butantã, onde grandes mé-dicos preparavam remédio seguro contra a mordedura de cobras venenosas.

Disse-lhes mais: que fôra um grande sábio brasilei-ro — o benemérito Dr. Vital Brasil — o idealizador de tudo.

Após essa quase conferência, cada um foi para a sua rêde, e os marinheiros para os seus afazeres.

No dia 12 de julho de 1913, à tarde, o "Iguaçu" — navio comandado pelo Sr. João Cunha, com quem fize-mos boa camaradagem, transformada em duradoura amizade, atracára depois de oito dias de viagem, no cais da Capital do Estado do Piauí — Terezina. Foi coloca-da a prancha e as pessoas que aguardavam a chegada do vapor, encheram o tombadilho à procura de amigos e conhecidos.



## CAPÍTULO II

*Terezina a cidade de esmeralda — Prosódia nor-  
tista e fenômenos de semantica — O jardinzinho zo-  
ológico de Madame Charropin — Início das relações  
e trabalhos com o govêrno estadual. A jovial câ-  
maradagem do jornalista João de Lima, em Potí —  
O “batismo” junto ao Morro da Arara — Inspeção  
nos maniçobais de Regencração — O preto Claro,  
primeiro assistente — A futura Bothrops iglesiási.  
Retôrno a Terezina — O Negrais e o camaleão —  
Inuaguração dos gabinetes de biologia e química  
com mágicas e discursos — O Ministro extingue o  
Serviço ainda novo.*

**T**EREZINA — Cidade Verde — como a denomi-  
nou Coelho Neto, é a Capital do Piauí. De todas as capi-  
tais que conheço é a menor, e, talvez, a menos favorecida  
pelo progresso. Tem, mais ou menos, umas 500 casas de  
alvenaria e o resto é de páu a pique, ou simplesmente  
de palha de palmeiras babaçú ou “côco de macaco”.  
Há ruas inteiras de casas de palha. Quando pega fogo  
numa casa, o incêndio se propaga com rapidez incrível,  
pela rua toda, pois, além de fogo ser verdadeiramente  
de palha, não havia bombeiros na cidade. Estava nes-  
tas condições a rua “Campos Sales”, que perpetúa, na  
Capital piauiense, o nome glorioso do grande paulista  
que foi Presidente da República.

A cidade ainda era iluminada a lampcão de querosene. Esse fato, justamente à tarde de nossa chegada, nos impressionou muito mal; não estávamos mais acostumados a ver iluminação tão obsoleta. A bem da verdade, devo declarar que as instalações de luz elétrica estavam sendo ultimadas. O que, todavia, não podia entender, e chegava mesmo a incomodar-me, era a maneira pela qual colocavam os postes. Em toda a parte do mundo, os postes de iluminação ficam alinhados à beira dos passeios; somente nas grandes avenidas é que são colocados no meio da via. Pois bem. Em Teresina fincavam-nos no meio das ruas, e ruas muito estreitas. Cada poste tinha um embasamento de alvenaria, tão grande, que, além de prejudicar a estética da cidade, dificultava o trânsito. No momento este não era muito grande, mas os administradores da coisa pública deviam pensar no futuro.

“Hotel 15 de Novembro”. A nossa chegada ao hotel foi engraçada. Nós havíamos telegrafado da cidade de Parnaíba ao gerente do hotel, pedindo que nos reservasse aposentos. Esperávamos, por isso, muito importantes, que nos indicassem os cômodos a nós reservados. Um empregado da casa nos conduziu a uma espaçosa sala de frente, e nos disse que aquele era o nosso aposento. Quarto ladrilhado e limpo, mas sem um móvel sequer. Deixámos as malas a um canto, e esperámos, refletindo: com certeza não tiveram tempo de mobiliar o quarto. Depois de uns 15 minutos, o meu colega Negrais, um tanto nervoso, já se impacientava com a demora. De vez em quando o Sr. Carvalho, proprietário do hotel, passava por nós, e amavelmente dizia: “— As ordens. Não façam cerimônia.” Vendo que meu colega estava pronto para reclamar e para dizer meia dúzia de desafôros, solicitei-lhe que me deixasse resolver o caso.

Fui ao gerente, isto é, ao proprietário e perguntei-lhe se havia recebido nosso telegrama, pedindo-lhe que nos reservasse quarto.

— O quarto é êsse, amigo! É o melhor da casa.

— Sim, estou vendo. Mas, e a mobília?

— Os senhores têm rêde?

— Temos.

— Pois mobília aqui é rêde. Em cama não há quem durma: é calor muito. Onde estão as rêdes?

— Na mala, disse, pondo-as para fora.

— Faz o favor. Vou armá-las. São rêdes cearenses, muito estreitas, ia dizendo e armando-as nos ganchos. Os senhores precisam comprar rêdes piauienses, rêdes “taguiranas”, em que duas pessoas podem dormir juntas.

— O senhor não pode, ao menos, nós arranjar um lavatório para lavar o rosto?

— Vou dar um jeito.

Meia hora depois veio triunfante com o desejado utensílio. Era um daqueles lavabos de ferro, com bacia redonda e espelho oval — espelho que deforma a cara de quem se mira nele — lavabo, conhecido no interior paulista, como “lavatório de turco”.

O “Hotel 15 de Novembro” era um casarão característico do lugar. A construção, embora simples, obedecia a um plano inteligente, que era o de evitar o mais possível o efeito das altas temperaturas. Tinha a forma de U. Na frente e num dos lados, estavam instalados os quartos dos hóspedes; no outro braço estavam as dependências do hotel: banheiros, cozinha e despensa; no fundo do U ficava a sala de refeições, cujas janelas amplas se abriam para o pátio — quintal. Os banheiros de uma pobreza franciscana, eram comuns a todos os hóspedes: não passavam de um quarto ladrilhado,

com um ou dois barrís cheios de água, uma cúia e um cabide para toalha e pijama.

A primeira noite na Capital do Piauí me provou que a rêde era o único leito em que se podia dormir naquelas regiões. O calor era asfíxiante para quem chegava do sul do país. Isto é, é bom notar, em meados de junho — quasi no início do inverno no Brasil.

A rêde não é uma comodidade desconhecida no Sul. O nosso indígena a usava em tôdas as latitudes do continente. Assim, o uso foi-se perpetuando entre os novos povoadores. Em São Paulo, a rêde serve mais para ligeiro descanso, para fazer pequena sésta, ou passar por uma sonéca, como vulgarmente dizemos. Por isso, em São Paulo, a rêde geralmente é colocada na sala de refeições — varanda — como regionalmente a designamos. Nas casas de campo, arrabaldes, residenciais, chácaras, sítios ou fazendas, armam-se as rêdes de preferência nos terraços.

No Norte, estou convencido, a rêde é um objeto imprescindível e muito agradável. Dormir em cama com colchão, representa verdadeiro suplício.

Antes de sair à rua para o primeiro passeio, fui engraxar os sapatos no corredor do hotel, onde estavam localizadas as cadeiras de engraxates.

— Menino, disse eu, veja se me engraxa o sapato em três tempos.

— “Dotô tá vexado?”

— Não estou “vexado”, menino, estou com pressal  
 “Apois, o dotô, tá é mesmo vexado.” (13)

Fiquei quieto. À hora do almoço relatei ao amável dono do hotel a minha conversa com o engraxate, e êle sorrindo me esclareceu:

— Na linguagem popular, entre nós, “vexado” quer dizer — estar apressado.

(13) Fenômeno de semântica?

— Nêste caso o engraxate tinha razão.

— O senhor, — continuou, — encontrará outros vocábulos com significado diferente do usual.

A cidade de Terezina está situada na “Chapada do Corisco”, à margem direita do rio Parnaíba.

As ruas eram bem traçadas, em sentido retangular; infelizmente, quase sem arborização; as praças eram grandes, com algumas árvores de sombra, porém sem jardinamento; a única exceção era o jardim que ficava atrás da Igreja do Carmo. As principais ruas eram: rua Béla, rua Grande e rua Paisandú; as praças mais importantes, pela sua área e localização, tinham os nomes de: “Saraiva”, “Aquidaban” e “Marechal Deodoro”. Nesta última estava o Palácio do Governo, Assembléia e Escola Normal. Ia até à beira do rio, no porto dos naviozinhos.

Quanto a diversões, Terezina era de uma pobreza monacal: só existia o “Teatro 4 de Setembro”, na praça “Aquidaban”, quase sempre fechado. Nêle, às vezes, havia sessões cinematográficas e variedades.

No hotel recebemos muitas visitas e em poucos dias nos relacionamos com os melhores elementos da sociedade. Contudo, estávamos, o Negrais e eu, aflitos, “vexados”, para alugar uma casa em que pudéssemos trabalhar e estudar com tôda calma e sossêgo. Conseguimos uma muito boa na rua “Conceição”, em frente à fábrica de tecidos e próxima à casa do chefe da comissão — Dr. Emílio Charropin.

Contratámos os serviços de um rapazinho de uns 15 anos, muito vivo, chamado Firmino, que ficou encarregado da limpeza da casa, de buscar a comida — almôço e jantar, e lavar a louça.

O Negrais custou um pouco a adatar-se ao novo regime alimentar; eu não; pelo contrário, afeiçoei-me, com prazer, à cozinha piauiense.

Dona Mimi, a bondosa Mme. Charropin, para aplacar as rabugices do Negrais, mandava-nos, quase todas as tardes, uma suculenta e gostosa sôpa, de que só os franceses e alemães têm o segredo.

O quintal da casa em que morava o casal Charropin era grande e arborizado. Predominavam os cajueiros e as anônas, isto é — fruta de conde ou pinha.

Em pouco tempo, D. Mimi povoou o seu Éden de macacos, papagaios e araras. Era um encanto ver aquella bicharada alegre, saltitante e palradora.

Numa das nossas constantes visitas, normalmente à noite, depois do jantar, Mme. Charropin contou-me um caso interessante, “un à propos”, de um papagáio.

— “Esta manhã apareceu-me uma senhora com um papagáio para eu comprar. Fiz-lhe vêr que já tinha muitos. “Mas como êste, — disse a vendedora, — a senhora não tem. Êle é muito falador, — continuava a senhora, — portanto deve comprá-lo”. Disse-lhe terminantemente que não queria comprar o papagáio. Êste empertigou-se todo no poleiro da gaiôla, e, como que me olhando, articulou esta beleza: “BURRO!” Não pude conter uma forte gargalhada. Para terminar: comprei o *insolente* papagáio.”

Eu, se quisesse ir um pouco além da coincidência, teria escrito “burra”, mas, a bem da verdade, consigno o vocábulo no masculino tal e qual saiu da língua do *louro*.

E assim fomos vivendo em Terezina, vida pacata, serena, sem contrariedades. Sem contrariedades, é modo de dizer, pois tínhamos o calor que nos martirizava.

Como é interessante o subconsciente humano!... De tal maneira me acostumei, quando deitado na rêde, a balançá-la, para refrescar-me um pouco, que, dormindo, dava com o pé na parede, para embalar-me, e não acordava.

O calor era tão forte que jamais conseguia fazer o laço da gravata com a camisa enxuta! Em compensação, gozei de perfeita saúde, como havia tempo não gozava. Atribuo este fenômeno a dois fatores: a) desintoxicação do organismo pela constante transpiração; b) uso abundante de frutas. Em Terezina, tínhamos frutas em grande quantidade e por baixo preço. Bananas-maçãs, grandes e saborosas, como não há no sul, a cinco tostões o cacho; pinhas ou frutas de conde, deliciosas, de polpa branca, a dez tostões a dúzia; mangas das mais gostosas variedades, quase de graça — por alguns tostões comprávamos um saco cheio; melões saborosos e grandes, de 3 a 4 quilos, por quatro tostões: (14)

A cidade ainda não tinha rede de esgotos, nem água filtrada. Quanto à água potável, nas casas de família de tratamento, usava-se o sistema de decantação. Num móvel próprio, chamado cantareira, colocavam-se quatro ou cinco grandes potes de barro. Estabelecia-se um serviço rotativo de purificação da água pelo repouso. Depois de alguns dias, começava-se a tirar, com um caneco de cabo comprido, a água do pote n.º 1; quando este não tinha mais água, passava-se a utilizar a água do pote imediato, não se olvidando de encher o que ficava vazio; assim, ao esvaziar-se o último, o primeiro já estava com água limpa e fresca para ser utilizada.

Obtinha-se, desta forma, água relativamente limpa. O povo estava acostumado com esta água, e a considerava muito agradável. Um amigo, médico, inteligente e espirituoso, me dizia que não tolerava água comple-

---

(14) Quantas saudades estas linhas me dão!... Como era boa e fácil a vida até 1914! Com a primeira guerra mundial começou a desgraça da humanidade. Agora, por toda a parte, só vemos e ouvimos prantos e ranger de dentes!

tamente filtrada; para êle não tinha gôsto; água, “só do velho Parnaíba e só de cantareira.”

Aos domingos, até às 21 horas havia concêrto sinfônico no jardim atrás da Igreja do Amparo, pela Banda de Música da Fôrça Policial. Eram reuniões agradáveis, tendo-se oportunidade de encontrar pessoas conhecidas e amigas. As moças, dentre as quais se destacavam lindos tipos morenos, de olhos negros e profundos, davam a nota encantadora à reunião. Às 21 horas, a Banda de Música, terminado o programa, saía em marcha tocando um dobrado militar. Era um verdadeiro toque de recolher: toda a gente se retirava do jardim, como se êle fôsse invadido por um enxame de vespas. Porque? Não sei, nem posso compreender. Numa terra onde não havia divertimentos, creio que a sociedade deveria aproveitar, o mais possível, essas reuniões ao ar livre, salutareas ao corpo e ao espírito.

**PALÁCIO DO GOVÉRNO.** Era Chefe do Executivo estadual o Dr. Miguel de Paiva Rosa, político ligado ao partido chefiado pelo General Pinheiro Machado. O Governador Rosa era advogado culto e homem muito amável. Magro, de estatura acima do comum dos piauienses: devia ter çerca de 1,80 m de altura. Quando falava, piscava os olhos constantemente. Maneiras distintas, afinando, sem afetações, com o alto cargo que desempenhava.

Nós, os membros da Comissão, éramos constantemente alvo de suas gentilezas: Sempre que se realizava uma festa em Palácio, quer social, quer solenidade cívica, recebíamos honroso convite.

Nos dias comuns, os amigos do governador, os seus compadres, às 14 horas, se reuniam no Gabinete de trabalho de Sua Excia. Também para essas tertúlias, tínhamos convites, que partiam de altos funcionários frequentadores do cavaco oficial.



No comêço pensei que se tratasse de conferências para discutir problemas da administração pública. Não. Eram simples palestras de passa-tempo, em que cada um procurava contar a anedóta mais engraçada para desopilar o fígado do Governador, ou então tecer uma intrigazinha política.

Todo o mortal tem sua maniazinha ou um hábito qualquer que o diferencia dos outros. O Dr. Miguel Rosa trazia no bolso do colete um pequeno frasco esverdeado, com rolha de vidro, cheio de uma mistura medicamentosa em que predominava o cheiro de mentól. A todo momento, ou, como dizemos aquí em São Paulo — teretetê — tomava uma pitada, encostando a bôca do vidrinho nas narinas. Até aí, nada de mais: cada um cheira o que bem lhe apetece e lhe agrada, como os nossos saudosos avós tomavam o rapé sutil, que os fazia espirrar gostosamente; o que, porém, me causava espécie, era ver que todos os íntimos, os palacianos, tinham também a mesma “doençazinha”, todos traziam no bolso do colete o seu frascozinho mentolado...

Tudo isso me causava uma impressão esquisita. Tudo era novo para mim: reuniões, passa-tempo em Palácio e a nova modalidade de lisonjear. Aquela camaradagem, embora fôsse democrática, chocava-me um pouco. Em São Paulo tudo era tão diferente: os homens do Govêrno, já não digo o Presidente, os Secretários não eram vistos a pé nas ruas da cidade. Quem quisesse ver ou falar com um dêles devia ir às respectivas Secretarias nos dias de audiências públicas.

Peço perdão pelo paralelo que acabo de fazer entre os costumes políticos do Norte e do Sul. Não tive o intuito de diminuir nenhuma das regiões. Para mim, a vida simples, sem artifícios, patriarcal que ainda se gozava nessas bandas, erá o que podia haver de mais agradável. Vida de terra pequena em que todo o mundo

se conhece e se cumprimenta. Terra, onde tôdas as famílias constituem uma só e grande família. Por isso, o caráter da gente de terra pequena é hipersensível: qualquer reparo que o forasteiro faça a isto ou aquilo, vem logo a reação imediata e quase brutal.

Nêste particular o meu colega Negrais me deu muito trabalho. Não que êle fôsse um incivil; pelo contrário, o que êle não sabia, às vezes, era guardar a devida reserva, e sem mais nem menos dizia alguma inconveniência.

Estabelecemos um "*modus vivendi*": sempre que estivéssemos numa roda, ou fazendo uma visita, êle ficaria ao meu lado; quando eu visse que suas palavras poderiam ser mal interpretadas, dissimuladamente lhe faria sinal. Quando se dava êsse fato, êle me olhava e parava. Mas em casa, ao chegarmos do passeio, me interrompela:

— Por que foi que tu (êle usava a 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, na intimidade) me interrompeste?

— Porque o que estava dizendo poderia ser mal interpretado. E depois dava a explicação.

Então, convencido do meu acêrto, ria-se e abraçava-me fraternalmente.

Na segunda semana de nossa estada em Terezina recebemos amável convite do Prefeito para um passeio — queria mostrar-nos uma velha povoação, que nos lembraria a epopéia dos bandeirantes paulistas.

Fomos todos a cavalo. Não havia, em 1913, outro meio de condução. Em chegando, fomos apresentados a outros conyivas. Coincidência interessante: fomos apresentados ao jovem e inteligente jornalista maranhense (15) — o tal do assobio da valsa da "Viuva Alegre", quando da nossa primeira madrugada em Tutoia, a bordo do "Gaiola".

---

(15) Hoje meu velho amigo João Lima.

Potí (camarão em tupí), vila impermeável ao progresso, que, segundo a tradição, foi fundada pelo notável bandeirante, Jorge Velho. Está situada na foz do rio do mesmo nome, que é afluente do Parnaíba.

Antes do almoço, fomos dar umas voltas pela vila. A sua população, na sua maioria, era constituída por pescadores e agricultores de "vasantes". Aproveitavam para sua agricultura as margens dos rios Potí e Parnaíba. As casas eram de palha. Uma ou outra, em que moravam os maiores da terra, eram de páu-a-pique e barreadas.

Potí Velho, como também era conhecida a vila, fica a poucos quilómetros de Terezina. Com uma canoa a gasolina, seria um passeio rápido e agradável.

Pela primeira vez, à sombra de um enorme tamarindeiro ví fiar fibra de palmeiras Tucun. (16) A fibra do Tucun é uma das mais resistentes que se conhecem: um fio de uns 2 milímetros de diâmetro é impossível de ser rebentado com as mãos limpas. E' muito empregado nos petrechos de pesca. Não sei por quê não é aproveitado na indústria de tecelagem. No vale do rio Parnaíba havia matas extensas de Tucun.

Durante o saboroso repasto, a conversa se generalizou. Muitos assuntos constituíram temas de discussão. Um havia, porém, que preocupava o Prefeito Paz: uma linha de bondes para ligar Terezina a Potí. Queria transformar aquela vila em ruínas, no bairro elegante da Capital. Não haveria dúvida: as famílias mais distintas da cidade construiriam elegantes vivendas para os não menos elegantes e desenfiantes "week-ends". Porque não? Os piauienses não eram infensos ao progresso.

---

(16) O Tucun pertence à família das Palmáceas — *Ecotris setosa* Mart.

Já era tarde. Devíamos retornar à cidade. O sol desaparecia no horizonte, tingindo as águas mansas do rio Potí de um vermelho arroxeadado, e, ao longe, um sabiá da mata soltava o seu canto docemente melancólico.

Na segunda quinzena de Novembro recebi ordens para visitar uma plantação de maniçoba (17) no município de Amarante. Tomei o vaporzinho "João de Castro" e naveguei rio acima até a cidade de Amarante.

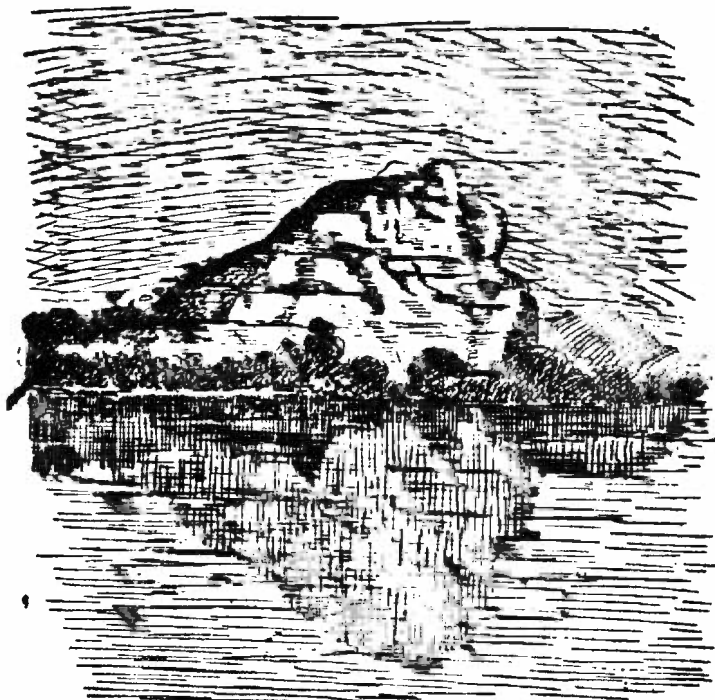
Entre Terezina e Amarante, na margem esquerda do rio Parnaíba, do lado do Maranhão, ergue-se o "Morro da Arara", esquisito, pelo lado que se espelha nas águas do rio. Cortado a prumo, formando perfeito ângulo reto com o rio, despido de mato, mostrava as diversas camadas de arenito de sua constituição geológica.

A passagem pelo "Morro da Arara" dava motivo a uma original e interessante festinha a bordo, que deixava saudades a todos o que por lá passavam. O passageiro que, pela primeira vez, dobrava o "Morro da Arara" tinha que pagar uma "cervejada" na ocasião do jantar. O Comandante, por seu turno, mandava matar um peru, que era gostosamente preparado, como só no Piauí e Maranhão tenho visto e provado. Nêsse dia, todos vinham à mesa envergando a fatiôta domingueira, mas sem ostentação de luxo, que seria descabido na ocasião e lugar. O Comandante, depois de um breve discurso, alusivo ao ato, sob calorosos aplausos dos convivas, conferia ao neófito um diploma, que lhe recordaria aqueles momentos agradáveis de boa camaradagem e o isentaria de futuras obrigações. Nêsse momento a bandeira brasileira se desenrolava sôbre as cabeças dos que estavam sentados em tórno à mesa, e

---

(17) Maniçoba — pertence à família das Euforbiáceas — *Manihot Glaziovii* Null. — de que se extrai borracha.

começava então o almejado ataque ao Perú recheado, em meio à maior cordialidade, como se estivessem todos no seio da família distante.



*Morro das Araras*

O Comandante do vapor “João de Castro”, Sr. Francisco Guimarães, muito metódico, tinha um arquivo onde eram registrados os nomes de todos os diploma-

dos, assim como a data da passagem dos mesmos pelo célebre "Morro da Arara". (18)

Esta festinha fazia lembrar as que se realizavam a bordo dos transatlânticos ao cruzarem a linha equatorial.

A noite, às 19 horas do dia 24-11-1913, desembarquei: estava eu na velha e decadente Amarante. Uma avenida larga, calçada de pedras irregulares dá acesso à cidade. Fui recebido pelas pessoas gradas do local, e tive o prazer de ser apresentado aos senhores: — António José de Neiva, João Gomes da Silva, Raimundo José de Neiva, Satiro de Castro Moreira, Manuel Ferreira da Silva Sobral, Dr. Luiz Gonçalves Ribeiro e o jovem farmacêutico Sobral.

Amarante, em que pese ao poeta Da Costa e Silva, era uma cidade morta. "No tempo da borracha", isto é, quando a goma elástica era vendida por altos preços, Amarante exportava toneladas e mais toneladas de maniçoba. Na ocasião o movimento comercial cifrava-se à exploração do algodão, couros e rapaduras. Notei, contudo, nos fazendeiros e comerciantes do local uma certa confiança no plano governamental que tinha por finalidade o incremento da produção da borracha baseado na cultura sistematizada das plantas produtoras do latex.

Os agricultores da redondeza acudiram ao apêlo do Governo Federal, e, com energia cabocla, plantaram extensos maniçobais. O Ministério da Agricultura pagaria um tanto por pé de maniçoba plantado nas condições indicadas por aquele órgão técnico-administrativo. E a minha missão era justamente a de verificar se as plantações estavam em ordem.

---

(18) Em julho de 1918, viajei novamente no "João de Castro", e tive o prazer de ver meu nome no arquivo de bordo, relativo à passagem do referido acidente arográfico.

Dia 25. Aproveitei a manhã para fazer um passeio pela cidade. Tive o prazer da companhia do farmacêutico Sobral, jovem simpático e inteligente, cujos traços fisionômicos, de um perfil verdadeiramente *borbônico*, recordava-me a todo momento a nobre figura de Afonso XIII, rei de Espanha.

No quintal da Câmara Municipal vi dois pés de maniçoba, de 5-6 anos de idade, com 5 metros de altura e 0,15 centímetros de diâmetro. Produção de latex por ano e por pé: — 950 gramas mais ou menos.

Às 14 horas partí, a cavalo, em demanda dos maniçobais de Regeneração, na amável companhia do Sr. Sobral Junior. Ao atravessarmos o Riacho dos Macacos, às 17,30 horas, capturei uma cobra não venenosa, próximo ao local denominado Brejo Grande. Chegamos às 18,30 horas a Santo Antônio do Bomfim, fazenda pertencente ao companheiro de viagem Sr. Sobral Junior. Aí pernoitámos.

Dia 26. Às primeiras horas da manhã dei início ao trabalho de inspeção das plantações e coleta do material botânico.

O maniçobal apresentava bom aspecto vegetativo: árvores viçosas, uniformes e bem alinhadas. A roça começava no Olho d'Água do Bomfim, lado norte, passando pelo Emparedado, e terminava no lugar chamado Olho d'Água do Corrente, banda sul. A fazenda, portanto, era rica em boas aguadas. Altitude 238,24 metros. A área destinada ao maniçobal era de 731 hectáres. Estariam, em 1914, em condições de receber o prêmio estipulado pelo Governo Federal, 414 hectáres. Foram plantados em Janeiro do corrente ano 206 hectáres, e em 1915 plantar-se-iam os restantes 111 hectáres. Uma cêrca de 4 fios de arame farpado limitava toda a plantação.

Chapada Soledade. Aquí inspecionei o maniçobal do Sr. António José de Neiva. Em Outubro de 1912 foram plantados 46 hectáres; as plantas nasceram em Dezembro. Notei pés de até 4 metros de altura, com 6-7 centímetros de diâmetros. Achei êste maniçobal um pouco mais viçoso do que o do Sr. Sobral Junior. Vê ainda maniçobeiras de 4 e 8 anos de idade. Estas últimas chegavam a sofrer 5 sangrias, ostentando ainda ótimas condições vegetativas. O maniçobal estava protegido em todo seu perímetro por cêrca de madeira feita com varões entrelaçados engenhosamente. As aguedas eram constituídas pelo Olho d'Água do Pinga — fonte perene, que não secava nem mesmo durante as longas estiagens; fonte dos Barreiros de ótica água potável e Olho d'Água dos Cocos, vertentes do riacho dos Cocos.

Nesse primeiro contácto com as árvores produtoras de borracha, serviu-me de guia um empregado da fazenda, preto inteligente, que, por sinal, chamava-se Claro. Num instante o Claro aprendeu a manejar a prensa para preparar o material botânico.

Quase prontos para o regresso à séde de Fazenda Bomfim, nas proximidades de Regeneração, vimos uma cobra venenosa. Tratava-se de uma serpente do género Bothrops.

O primeiro movimento do Claro, e que é comum a todo o homem do campo, foi apanhar, com rapidez, um páu comprido para esmagar a cabeça do eterno inimigo.

— Espere! — disse-lhe eu. — Vou ensinar-lhe como se pega uma cobra venenosa.

Claro, empunhando enorme cajado, qual redivivo troglodita, com os olhos fixos na serpente, acompanhava meus movimentos e os dela. Com um galho de maniçoba, de uns 80 centímetros, que encontrei no chão,



calma e seguramente, imobilizei a cabeça da cobra contra o solo, e depois, com o dedo polegar e o indicador da mão direita segurei-a pelo pescoço. Os dedos do operador, para não correr perigo de ser ferido pela serpente, devem estar o mais próximo possível do entroncamento da cabeça; assim ela não consegue virá-la, para com os dentes inoculadores injetar o veneno.

Quando suspendi a cobra do chão, o Claro deu dois passos à retaguarda, por precaução, e disse:

— Doutô, Vossôria tá é doido!

— Não há perigo, amigo Claro.

— Vossôria dá licença de lhe fazer uma pergunta?

— Por que Vossôria usou um páu tão curto para pegar a cobra? Não valia a pena ser mais comprido?

— Vou explicar-lhe: as cobras, para darem o bote, precisam firmar-se no chão ao menos com dois terços do comprimento do corpo, e com o outro terço, em cuja extremidade está a cabeça, elas o encolhem em curvas de espiral, e assim, num abrir e fechar de olhos, desferem o golpe rápido e mortal. Portanto, com um pau, de aproximadamente uns 3 e  $\frac{1}{2}$  palmos (19) V. poderá, sem perigo, caçar uma cobra três vezes maior, isto é, de dez palmos. Dêse comprimento, só a "Surucucú pico de jaca", da Baía (20). E ainda, para maior segurança, convém apanhar a cobra pela frente. Nesta luta, como em todas as outras, é aconselhável encarar o inimigo pela frente.

Claro ouviu tudo quanto lhe disse, com uma cara de quem não estava acreditando muito: havia um quê de desconfiança em seu olhar humilde e bom.

---

(19) Um palmo mede 22 centímetros.

(20) A surucucú pico de jaca, que ocorre na Baía, é a maior serpente venenosa das Américas. Os herpetólogos conhecem-na por *Lachesis mutus*.

— Bem, V. fará o favor de levar a prensa e os ramos de maníçoba e eu carregarei a “bicha”.

Findo o jantar, na casa grande da fazenda, tratei de preparar o material botânico. Antes, porém, desse trabalho, que demandaria maior tempo, preparei a cobra, retirando-lhe as víceras, e colocando-a num frasco com álcool. (21)

O Claro, que em tudo me ajudava — menos em lidar com a cobra — crivava-me de perguntas, justamente sôbre serpentes de que êle tinha verdadeiro pavor. Como distinguir uma cobra venenosa de uma não peçonhenta? Em quanto tempo morreria um cristão mordido por esta ou qualquer cobra? Enfim, o Claro queria saber tudo a respeito de cobras, mas de cobras venenosas. Já estava acreditando que havia cobras não peçonhentas.

O relógio — um velho relógio de parede, estava batendo 22 horas; eu, como é fácil imaginar, sentia-me verdadeiramente fatigado, e desejava por um ponto final ao trabalho e ir para a rêde.

— Bem, amigo Claro, V. me fez uma infinidade de perguntas, portanto, para terminarmos o trabalho e irmos dormir, eu também quero fazer-lhe uma pergunta:

— Qual é a coisa melhor da vida?

A coisa melhor da vida, (depois de pensar um pouco) a coisa melhor da vida — é viver.

— Claro! Se você me tivesse perguntado, eu não responderia com tanto acêrto.

---

(21) O Dr. Afrânio Amaral, ilustre herpetólogo do Instituto Butantã, descreveu a espécie por mim capturada em Regeneração dando-lhe o nome de *Bothrops iglesiast*, como homenagem à minha humilde pessoa.

Fiquei perplexo com a resposta sábia do negro Claro! (22)

Desejei boa noite meu dedicado auxiliar e fui dormir.

*Dia 27.* De madrugada, depois do quebra jejum, eu e o Claro tocámos para os maniçobais do Sítio da Santa Helena, na Chapada do Castelo.

Área cultivada com maniçoba: 112 hectáres, sendo 10 hectáres de 1 ano; 61 hectáres de 2 anos e 30 hectáres de 8 anos.

As terras da fazenda eram regulares, leves, cor avermelhada e menos frescas do que as do Bomfim. Encontrei alguns pés atacados pela larva dum inseto; as partes perfuradas pela praga gotejam lágrimas do branco latex. Terminei o trabalho. Às 11 horas seguimos para Regeneração. Nas proximidades do povoado havia pequenos maniçobais sem importância. Atravessámos o riacho Mulato, e pouco depois chegámos a Regeneração. À tardinha rumamos para Amaranthe. Durante o percurso, nas margens do Mulato, vimos canaviais que apresentavam bom aspecto.

O sr. Sobral Junior informou-me que estava com vontade de fazer uma plantação de mangabeiras, começando com 10 mil pés. Louvei-lhe a iniciativa. O que o encorajava era o fato de existirem frondosas mangabeiras na Chapada Grande com mais de 6 metros de altura e 12 centímetros de diâmetro.

*Dia 28.* Despedi-me, não sem pesar, do meu dedicado e inteligente ajudante — o amigo Claro.

Para aproveitar a manhã, antes do almoço, atravessei, em companhia dos meus amáveis hospedeiros,

---

(22) O grande filósofo Kaysserling, nas admiráveis páginas de um de seus livros chega a essa conclusão: "o melhor da vida é viver!"

o rio Parnaíba e fui conhecer a cidade maranhense de São Francisco. Esta cidade deixava muito a desejar: ruas não calçadas, esburacadas e arenosas; comércio reduzido, a agricultura diminuta, de indústria nada, pelo menos nada vi que me denunciasse atividades industriais.

Voltámos. Após o almoço fui dar uma prosa-despedida na farmácia do já meu amigo Sobral. E ali fiquei à espera do "gaiola" "João de Castro" que deveria reconduzir-me a Terezina. Não demorou muito, na curva do rio o naviozinho apitou, e todos nos dirigimos ao cáis, onde minha bagagem já estava. Despedida amável, protestos de estima e gratidão, abraços cordiais e atravessei a prancha para acomodar-me no "gaiola", que sem tardança partiu. Era a primeira vez que descia o Parnaíba, e concordei que a viagem rio abaixo é bem mais agradável e rápida. Não é à-tôa que o povo diz, com muito acêrto: "Para baixo todos os santos ajudam."

O Govêrno do Estado, patriôticamente, colaborava com a Comissão da Borracha, como ficou sendo conhecida. Ofereceu, para sua séde, na parte agrícola, a "Chácara Pirajá", a uns dois quilômetros da cidade, rio abaixo; e, para a instalação do campo experimental parte da Chapada do Çorisco, entre a Capital e a vila de Potí.

Na Chácara de Pirajá, deu-se um fato engraçado e ao mesmo tempo constatei uma interessante observação popular sôbre o camalião. (23) Êste lagarto é muito curioso: além de mudar de côr, conforme o ambiente, (qualidade a que os naturalistas chamam de mimetismo e os políticos de vira-casaca) para furtar-se aos

---

(23) Camalião ou camalhão, nome vulgar de vários lagartos do gênero *Anolis*. Alimenta-se de vegetais. Dizem que é um bom petisco; não me deu ganas de prová-lo.

golpes traiçoeiros de seus inimigos eventuais e naturais, e também para passar despercebido às suas possíveis vítimas, defende-se com a cauda, distribuindo, com rapidez incrível, chicotadas a torto e a direito. — Vamos ao *causo*:

Os operários agrícolas da chácara apanharam um lindo exemplar de camalião. No momento tinha côr esverdeada. Todos nós tivemos a atenção despertada pela captura do bicho. Eu, que já sabia, por ouvir dizer, que os camaliões davam fortes chibatadas com a cáuda, fiquei em respeitosa distância. O meu colega Negrais, não, queria vê-lo de perto.

— Negrais, — disse-lhe eu, — você não se aproxime de mais que o lagarto dá chicotadas.

O Negrais nem me ouviu ou não ligando importância à advertência que lhe fiz, foi avançando com as canelas à mostra, pois, por causa do calor, à guisa de *robe de chambre*, vestia um simples avental de laboratório; aproximou-se pertinho do camalião.

— Viu, disse-me vitorioso, o bicho é inofensivo e com o pé quis tocá-lo.

De repente, num abrir e fechar de olhos, ouvimos forte estardalhaço: o Negrais pulava como se estivesse dansando o miudinho e o camalião a fustigar-lhe as pernas magras, com a rapidez de badalo de relógio despertador. Passados os primeiros instantes de surpresa, abrimos as bocas em estridentes gargalhadas.

Fiquei certo, e o Negrais ainda mais, que os sertanejos têm razão quando afirmam que o camalião mete a taca em quem o importuna.

O Negrais e eu, embora não fôsse atribuição nossa, levantámos a planta do terreno da futura estação experimental. No Pirajá, auxiliando o meu saudoso amigo e colega Fonseca Pereira, fiz uma demonstração com

ótimos resultados, de destocamentos por meio de dinamite.

Enquanto a nossa verdadeira missão estava apenas dando os seus primeiros passos, não perdíamos oportunidade para prestar nosso auxílio técnico a quem os solicitasse. Assim estudei a biologia de um micro-lepidóptero, cuja larva ataca a pinha ou ata (anonácea) inutilizando-a por completo. Aconselhei a profilaxia, que se resume nos seguintes cuidados, de fácil emprêgo: a) colher todos os frutos atacados e incinerá-los; b) proteger os frutos sãos, com um saquinho de filó ou papel impermeável e furado.

O Negrais estudava o óleo do babaçú, como matéria prima para o fabrico do sabão. (24) As experiências deram magníficos resultados. Ficou provada a exuberância da matéria prima e a competência técnica do assistente de química.

Os trabalhos do campo de experiência, na sua fase de preparação de terras, corriam aceleradamente. Urgia dar início à plantação sistemática da maniçobeira.

De seu bom resultado, não havia a menor dúvida. A minha inspeção ao maniçobal de Amarante, e os resultados positivos que *in loco* observei, autorizavam o

---

(24) O babaçú ainda não havia travado relações com o mundo civilizado, ou melhor, estava começando a fazê-lo. O cidadão português Sr. Cortez, como o seu homônimo espanhol, estava no Piauí, invadindo o Pindobal, tentando conquistá-lo. A revolução republicana, que lançou por terra o trono de Manoel II, o desventuroso (peço venia), determinou a emigração do fiel súdito de sua magestade desterrada — Sr. Cortez. Como e por que o empreendedor português foi para o Piauí, não sei. O que é, porém, do meu conhecimento, e isto porque pessoalmente o conheci, é a atividade que empregava junto ao Governo do Estado. Este, concedeu-lhe alguns favores, aliás muito justos, que lhe permitiram a instalação da primeira fábrica de óleo de babaçú no Norte do País. A fábrica, se não me engano, foi instalada no ângulo de terra que forma o rio Parnaíba com o seu primeiro braço — chamado: rio Igarapé — perto do lugar — Maria Pequena.

mais franco otimismo, quanto às finalidades da nossa missão.

Os trabalhos de organização, de instalação dos laboratórios estavam concluídos. Tudo e todos a postos: material e homens, prontos para efetivar o sonho patriótico do ilustre engenheiro Raimundo Pereira da Silva. Às 15,15 horas do dia 17 de dezembro de 1913, inaugurávamos os laboratórios da novel "Estação", com a assistência do mundo oficial e dos representantes mais conspícuos da sociedade terezinense.

Vou transcrever — como valioso subsídio histórico — a notícia dada, no dia seguinte, pelo órgão oficial "Diário do Piauí":

**"NA ESTAÇÃO EXPERIMENTAL DA BORRACHA  
INAUGURAÇÃO DOS GABINETES DE BIOLÓGIA E QUÍMICA**

Realizou-se, ontem, a inauguração dos trabalhos da estação experimental da Borracha, à Rua Paisandú.

Pouco antes das três horas, nos vastos salões daquela repartição federal, se achavam muitos convidados. Às 3 e 15 minutos chegava o Exmo. Sr. Miguel de Paiva Rosa, Governador do Estado, acompanhado do Dr. Antonino Freire, eminente chefe do P.R.C. piauiense.

Na secção de biologia, seu ilustre chefe o Sr. Dr. Francisco Iglesias, depois de haver mostrado ao microscópio diversos preparados de parasitas etc. fez a extração do veneno em uma cobra cascavel. Nessa secção vimos numerosos especimens de cobras e outros animais conservados em álcool.

Na secção de química, que obedece à direção do Sr. Dr. Marcel Ledent, fez este ilustre agrônomo, diversas interessantes experiências, mostrando a afinidade química entre diferentes corpos.

Prendeu a atenção do auditório, por alguns momentos, o Dr. Marcel Lident, cujas experiências, com

muita "verve" expostas, arrancaram uma prolongada salva de palmas.

Os Drs. Armando Negrais e Raimundo Paz, talentosos e estudiosos ajudantes desta secção, permaneceram durante todo o tempo que ali estivemos, trabalhando no laboratório químico, ontem também inaugurado.

Aos presentes foram servidas finas bebidas, e à mesa, falou o ilustre Sr. Dr. Emile Charropin, competente e criterioso diretor da estação do campo experimental da borracha. S.S., que, além de incansável chefe daqueles trabalhos, é notável intelectual, fez um belo discurso alusivo ao ato, oferecendo os seus valiosos serviços que seriam sempre em pról do engrandecimento do País.

Seguiu-lhe com a palavra o Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado que fez um expressivo discurso, congratulando-se com o Sr. Dr. Pereira da Silva — superintendente da borracha e com o Sr. Dr. Charropin e seus auxiliares.

A estação do campo experimental da borracha funciona em um elegante prédio à rua Paisandú, achando-se completamente remodelado e mais ou menos adaptado a essa útil e futura repartição. Nas duas salas de frente, funcionam as secções de química e biologia, e, no salão do centro, acha-se o gabinete do Dr. Charropin.

A iluminação da casa é a gás, estando já montado um ótimo gasómetro.

No vasto quintal da casa foi construído um pavilhão onde estão instaladas algumas cocheiras que oferecem tôdas as condições higiênicas.

Eram 4 1/2 quando nos retiramos, e, aqui, registamos o nosso sincero agradecimento pelo honroso convite que tivemos para assistir à inauguração dos trabalhos das secções de química e biologia do campo experimental da borracha.



O químico Ledent era uma boa pessoa, mas um pouco desfrutável. Na ocasião da inauguração dos laboratórios da Estação resolveu exhibir-se *pour epater le bourgeois*. O laboratório de química estava mais ou menos instalado numa sala ampla. O nosso químico, empunhando uns tubos de ensaios, à frente da assistência, inclusivé do Governador do Estado, provocava, por meio de reativos, precipitados vermelhos, amarelos etc., para em seguida reduzi-los, fazendo o líquido voltar à cor primitiva. Caricatura grotesca das bodas em Caná da Galiléia. O Dr. Charropin nos olhava de esguêlha, com um leve e irônico sorriso parisiense. Enfim, os ignorantes dessas coisas saíram pensando que o químico era um mágico e os homens instruídos — que constituíam a maioria — com certeza sorriram também. . . Na vida, nem tudo pode ser seriedade, meditação profunda dos porquês da própria vida; é preciso, também, um pequeno intervalo, onde os “clowns” fóra do palco divirtam um pouco a humanidade — são uteis também.

Não resisto à tentação de transcrever, *verbum ad verbum*, o substancioso discurso que o nosso querido chefe pronunciou na solenidade da inauguração dos laboratórios da “Estação Experimental da Borracha”:

“Sr. Dr. Governador.  
Meus senhores.

Não quero dissimular que entre os deveres da minha função, o que mais me custa desempenhar é sem dúvida a obrigação de tomar a palavra, pois para isso me faltam todos os predicados. Conto, entretanto, com a vossa indulgência, para que me seja desculpada a minha deficiência oratória.

Não podia deixar de agradecer o vosso comparecimento a esta cerimônia que tem para nós tão alta signi-

ficação. A vós, portanto, Senhor Governador, a vós muito dignos representantes das repartições federais, estaduais e municipais, a vós também, senhores negociantes e agricultores, em nome da Estação Experimental, dirijo a sincera expressão da nossa gratidão, pela vossa presença aqui.

Acabo de dizer que esta cerimônia tem para nós alta significação, com efeito, êste dia marca o fim do período provisório da organização da Estação. De hoje em diante, todos os nossos serviços vão funcionar normal e regularmente. Já a nossa Repartição saiu da infância para enfrentar, confiante, as obrigações da idade adulta.

Não podia encontrar ocasião mais favorável para vos fazer uma breve exposição das nossas intenções, e do modo pelo qual pretendemos conseguir os fins a que se destina a Estação Experimental. Todos vós concordais que é necessário encontrar uma solução para a crise atual; na determinação desta solução é que começam as divergências.

Seria mal escolhido o momento para vos fazer uma exposição das causas desta crise, e para desenvolver hipóteses sobre o futuro da borracha. Permitti-me, entretanto, dizer-vos que da leitura de vários e recentes documentos que tive ocasião de consultar, cheguei à conclusão de não haver realmente perigo de super-produção; a indústria da borracha apresenta êste fenómeno, talvez único, de seguir "pari passu" e até de preceder a produção da matéria prima. Eis, pelo menos, os dados oficiais a êsse respeito: de 1910 a 1911 a produção passa de 70.000 a 76.000 toneladas, seja um aumento de 6.000 enquanto o consumo sóbe de 66.000 a 78.000 com um aumento de 7.000 toneladas; de 1911 a 1912, o acréscimo da produção foi de 13.000 toneladas e a do consumo de 15.000, e finalmente, já neste ano,

para uma diferença a mais na produção de 16.000, corresponde uma outra de 16.000 no consumo. Não se deve reear, portanto, a produção excessiva da borracha. O que, entretanto, se torna indispensável é a produção de borracha de boa qualidade e barata.

É nêstes dois pontos, meus senhores, que a Estação Experimental terá ensejo de prestar reais serviços. A respeito de qualidade, as amostras da borracha atualmente exportadas oferecem uma prova frisante dos progressos que devem ser realizados na coagulação e preparação do "latex", afim de substituir esta massa viscosa e mal cheirosa, por uma gôma elástica, nervosa, contendo um mínimo de impurezas, capaz, numa palavra, de competir com as borrachas asiáticas.

As nossas secções de agrônômia e de química estão perfeitamente aparelhadas, e não pouparão esforços para determinar e ensinar aos produtores de borracha, nêste Estado, os processos a seguir para a realização desse desideratum. Enquanto, ao preço da produção, tenho dificuldade em acreditar que a boa organização das plantações e o emprêgo dos processos da agricultura racional e dos métodos reconhecidos como os mais vantajosos para a extração do "latex", constituem um privilégio dos plantadores da borracha do oriente; o que para êles se mostrou conveniente, não pode ser nocivo aos produtores piauiênses; aqui também a Estação Experimental deve ser e será um guia dedicado para quem dela necessitar e quiser consultar. Insisto na expressão — para quem quiser. Já tive ocasião de dizer que, por si só, a Estação nada pôde; é preciso que os agricultores, depois de um exame suficiente dos nossos métodos, fiquem convencidos da necessidade e vantagens do seu emprêgo e não se limitem a um assentimento platônico. Não hesito em dizer que todo o pessoal da Estação está ancioso para prestar serviços à lavoura

piauiêense. Será um favor que nos fareis, fornecendo-nos ocasiões de nos tornarmos uteis. Também já tive oportunidade de dizer isto, e agora, pudestes ver que as minhas palavras não eram uma conversa vã. Os nossos laboratórios estão prontos a receber as vossas terras, todos os vossos produtos, analizá-los e vos comunicar as conclusões a tirar dessas análises, a examinar as pragas, inséto e cogumélos que atacam as vossas colheitas e vos indicar os meios de combatê-los. Tivestes ocasião de constatar que estamos armados para a luta, contamos, pois, com o vosso auxílio para empreendê-la sem demora, para vencer a crise que nos assoberba, trabalhando para a prosperidade e engrandecimento do Piauí e do Brasil.”

Aproximava-se o fim do ano. Na Capital da República houve mudança de ministros: o Dr. Pedro de Toledo saiu para ser Embaixador e entrou para substituí-lo, no Ministério da Agricultura, o Dr. Edwiges de Queirós.

Para o próximo exercício de 1914 não foi dada verba para o Serviço de Proteção à Borracha. Isto quer dizer, em outras palavras — que tôda a dispendiosa organização, que mal déra os primeiros passos, estava extinta. Parece incrível! Para que plantar árvores que levam “tôda a vida para crescer”? “Quem acredita nessas bobagens de cultura sistemática da borracha, como se fôsse a árvore de patacas?” “Quem quiser borracha que vá tirá-la no mato. A Amazônia tem borracha, que não acaba mais...” Quanta inocência!

Os inglêses, no Oriente, já estavam “sangrando” as suas seringueiras, e a borracha por êles produzida começava a dominar o mercado mundial.

Que fizemos para que essa dádiva da natureza não nos fugisse das mãos? Quando os nossos compradores, cansados de receber um produto cheio de impurezas,

resolveram plantar a *hevea* em seus territórios ou colônias, nós fizemos uma lei proibindo a saída de sementes da seringueira. Simplesmente queríamos tapar o sol com a peneira.

Com o fracasso desta medida infantil, que nos restava fazer? Seguir o exemplo dos ingleses: sistematizar a cultura da *hevea*.

Aqui, em nossa querida Pátria, a mão da Providência plantou a seringueira. Aqui é o *habitat* natural da preciosa essência. A opinião unânime dos fabricantes da goma elástica aponta o nosso produto como o melhor do mundo. Há uma designação especial para qualificar a borracha brasileira — PARÁ FINA. Isto vem provar que só Deus faz as coisas perfeitas. Se Ele determinou que as *heveas* deveriam crescer na Amazônia, é porque aí essas plantas encontram as condições ecológicas para a sua vida.

Nos meios científicos, entre os homens de visão esclarecida, a idéia de que deveríamos aproveitar o exemplo inglês, foi tomando corpo. Assim, em 1912, o ilustrado engenheiro piauiense — Dr. Raimundo Pereira da Silva, idealizou um plano que foi transformado em lei.

Não há verba para o exercício de 1914. E' a derrocada de um nobre e grande esforço.

Vamos esperar que apareçam homens dignos do Brasil.

Em Terezina, a notícia do fim da "Comissão da Borracha" causou profundo pesar.

Foi uma dura desilusão para os que viam na cultura sistematizada das árvores da borracha, a única salvação dessa fonte de riqueza pública. E para nós, jovens agrônomos, que deixámos família, amigos e as cidades onde nascemos, porque víamos na agricultura

moderna a salvação da economia brasileira, — foi um tremendo abalo (25).

Cria-se um serviço que vai tratar da solução de um problema importante para a economia do País, e, sem dizer — “água vái” — extingue-se. Em matéria de administração pública, temos sido de uma incoerência que tóca às raias da infantilidade, para não dizer infantilismo. E’ a eterna construção de castelos de cartas, para, com um piparote, fazer tudo voar pelos ares.

E quanto dinheiro perdido nêsse vai-e-vem!...

Há um ditado cabôclo que diz: “Além de quêda, coice”. Foi o que nos aconteceu. O Ministério da Agricultura extinguiu uma repartição com funcionários espalhados por diversos estados do norte, e não tomou a mínima providência para o regresso dos mesmos ao Rio de Janeiro. Nós ficámos completamente abandonados no Piauí. Solicitámos ao Senhor Ministro, por telegrama, que nos mandasse fornecer passagens de regresso. Nem um pío. Como o Ministério da Agricultura continuasse surdo aos nossos justos apêlos, tratamos de arrumar as malas, e, semi-envergonhados por um mal que não havíamos cometido, voltamos para o Sul.

---

(25) SÃO passados 36 anos do fato que estou comentando. Se naquela ocasião fiquei triste, como estará agora o meu coração de patriôta? A segunda guerra mundial pôs em cheque as florestas de seringueiras do Oriente, e mais uma vez ficou provado que o mundo precisa da nossa matéria prima. Se não tivéssemos interrompido os nossos trabalhos há 36 anos, a indústria teria encontrado borracha no Brasil, e nós agora recuperaríamos os mercados perdidos, ou pelo menos, seríamos os fornecedores das Américas. No entanto, que foi que aconteceu? Foi um triste e improficuo vasculhar na velha tápera amazônica. A borracha ainda continúa a ser, entre nós, o produto precário da indústria extrativa.

Seringueira — Família das Euforbiaceas: *Hevea brasiliensis* Muell e Arg.

Há ainda mais 5 espécies de *heveas* produtoras de borracha na Amazônia.

## CAPÍTULO III

*Centro Agrícola David Caldas — O Dr. Agenor Miranda — Encalhe do “gaiola” na foz do Poti — Rio abaixo em canoa com o cearense Pinto — Luzinha sôbre as águas — Cavalgando para Terezina — A besta Briosa empaca no cemitério — De como um agrônomo é promovido a médico. Dados sôbre o óleo de babaçú e considerações sôbre sua importância econômica — Observações folclóricas — Louvor a S. Benedito e festeiros do Divino — Voltando para o Rio... Parada no Ceará — O famoso açúde de Quixadá e seu desaproveitamento — Horto Florestal — Alvitres para atenuar os malefícios da séca.*

EM julho de 1914 voltei para o Piauí. Desta vez, só, e contratado pelo Serviço de Proteção aos Índios, para dirigir a parte agrícola do “Centro Agrícola David Caldas” (26) a 10 leguas, mais ou menos, abaixo de Terezina.

Porque voltei? Pois não fôra tal mal sucedido na primeira vez? Foi por ter gostado da região e seu povo, ou pelo dinamismo atávico de bandeirante?

Não sei bem. Mas sei que voltei alegre, como quem regressa ao seu lar querido.

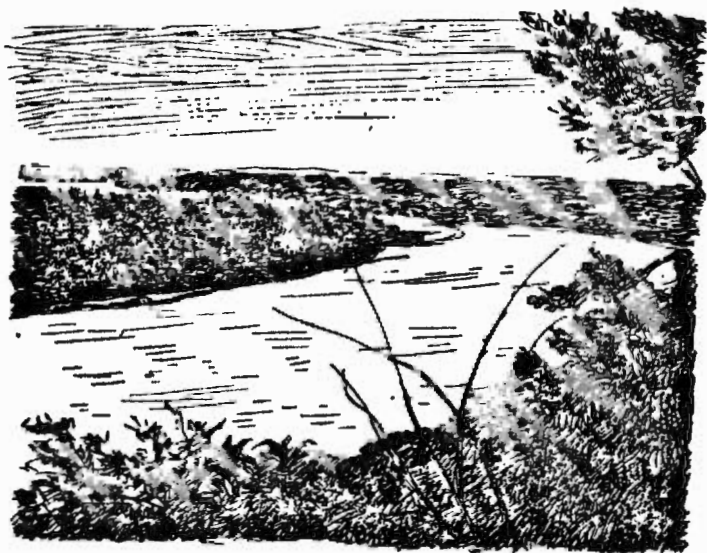
Quando o vaporzinho apitou e eu descortinei Terezina na Chapada do Corisco, senti-me comovido, do-

---

(26) David Caldas — ilustre patriôta e republicano piauiense.

oemente comovido. Enfim iria ver os lugares onde sonhei com um Brasil próspero e apertar as mãos e abraçar a amigos distintos.

Após ter-me apresentado à Delegacia Fiscal, seguí para o meu novo campo de trabalho. Aí encontrei os engenheiros Xavier Pacheco e Pimentel Barbosa (27) encarregados — o primeiro, Chefe, e o segundo, ajudante da instalação do Centro.



*Rio Parnaíba*

(27) Pimentel Barbosa, há pouco tempo, chefiando uma comissão de funcionários do Serviço de Proteção aos Índios no Araguaia, foi trucidado, com seus companheiros, pelos índios chavantes. — Heróicamente soube morrer, sem matar, de acordo com o rígido princípio rondoniano, embora fôsse homem de muita coragem, capaz de se defender com valentia.

O General Rondon é o herói, é o grande brasileiro que deu o grito de revolta contra o sacrifício do pobre índio — do ver-



Numa das minhas viagens entre o “Centro Agrícola David Caldas”, tive a feliz oportunidade de conhecer um dos mais ilustres engenheiros patricios e homem de caráter sem jaça — o Dr. Agenor Augusto de Miranda. Foi o começo de uma amizade verdadeiramente fraternal.

Às 9 horas da manhã o “Barão de Uruguí” — o maior navio do rio Parnaíba, que faz o trajeto de Terezina a Parnaíba, deixava o cais da Capital. Alguns quilômetros abaixo, na desembocadura do Potí, o navio encalhou num banco de areia — “crôa”. Ainda depois do almôço, o navio continuava encalhado e a marinhagem numa lufa-lufa de condenados a trabalho forçado. É bom que se diga: navegávamos rio abaixo, no sentido em que todos os santos ajudam. Resolvi saltar em terra e voltar a pé a Terezina, afim de participar de uma festa para a qual havia sido convidado, mas que, em vista de a partida do vapor estar marcada para aquele dia, tinha resolvido sacrificar.

Há males que vêm para bem: o navio encalhou — pois muito bem, iria divertir-me.

No dia seguinte, pela manhã, encontrei o navio no mesmo lugar.

Ninguém nos apresentou: quando vi, estávamos conversando, o Dr. Agenor de Miranda e eu.

— Aqui onde estamos, dizia o Dr. Agenor, somos vítimas da erosão. Terras arenosas, e as margens dos rios, completamente despidas de vegetação, favorecem a formação dessas corôas.

— No entanto, o remédio está ao alcance das mãos, — acrescentei. É só reflorestar a faixa marginal dos cursos d’água.

---

dadeiro dono da casa, para conquistar-lhe as terras. O Serviço de Proteção aos índios foi criado por esse eminente brasileiro, — com o fim especial de atrair o índio à civilização por meios suaves, compreensivos, e nessa santa tarefa, o catequista civil, deveria se preciso fôsse, morrer, mas matar — nunca!

— Não é tão simples assim. Infelizmente o nosso povo não tem compreensão dessas medidas; além de tudo, as plantações nas vazantes são um incentivo à expansão dos vegetais que se desenvolvem nas barrancas dos rios. Já notou?

— Notei, sim. Para o estado de atraso em que está a agricultura por aqui, plantar na vazante, isto é, na faixa marginal umedecida pelas águas do rio por capilaridade, é um mal necessário. Contudo, seria mais lucrativo e seguro aproveitar as águas do rio como força motriz e elemento de irrigação das culturas. Uma simples roda munida de canecas, das usadas desde prisca eras, solucionaria o problema. A plantação na margem dos rios tem um grande inconveniente: nos anos chuvosos, se chove um pouco de mais, a torrente impetuosa das águas arrasta as culturas, causando grande prejuízo. Ouí, a êste respeito, o seguinte aforismo popular: “quando o rio baixa, dá camisa; mas, quando o rio sobe, tira a camisa ao agricultor.”

Quatorze horas e nada de o vapor sair. Não estava no programa dormir a bordo, pois a viagem normal não deveria exceder de 4 ou 5 horas, e, por isso, eu não trouxera a rêde. Disposto a pernoitar no Centro Agrícola, solicitei ao comandante do navio um escaler e um remo.

— Mas o senhor não tem receio? Olhe que o Senhor chegará no escuro!

— Que tem isso? Sou de beira-rio; não há o que eu não faça numa canôa, e quanto mais num bote dêsse tamanho!

— Então, às suas ordens: o remo está lá e o escaler acolá.

— Muito obrigado, e até amanhã, se Deus quiser.

Nêsse momento os passageiros se acumularam do lado de onde eu ia partir. Um cearense, só por espírito de aventura, pediu-me para ir também. Esperaria o

“gaiola” na passagem pelo Centro Agrícola. Não tive dúvida em aceitar a companhia do cearense, com a condição de que pedisse um remo, pois deveria remar também.

Com um “até amanhã” para todos, partimos: eu ia na pôpa remando e dirigindo, e o meu companheiro na prôa remando somente. Nas águas serenas e plácidas do Parnaíba, a nossa pequena embarcação marchava célere. Na curva do rio topávamos com garças brancas, descuidadas, pescando peixinhos nos baixios das corôas de areia; de repente, era um bando enorme de marrecos, que, de uma lagôa marginal, levantava vôo e seguia pelos ares em formatura de V. O sol sumiu, e a noite desceu sôbre nós, a princípio escura e um pouco depois clara, pela luz resplandecente de miríades de estrelas. O Cruzeiro do Sul aparecia bem baixo.

— A viagem está correndo bem, seu doutor.

— É verdade, seu Pinto (êste era o sobrenome do amigo cearense). O amigo de onde é?

— Eu sou de Sobral. Conhece?

— Ainda não. Só conheço Fortaleza, e assim mesmo de passagem. Mais tarde quero conhecer o Ceará. Seu Pinto, que diabo de luz será aquela?

— Lá em baixo?

— Sim.

— Deve ser de alguma morada à beira do rio.

— Mas eu tenho a impressão que a luz está no meio do rio. Repare bem.

— Apois, é verdade.

— Vou rumar a canôa para ela.

— Cuidado, seu doutor, às vezes...

— Qual nada. Que é que pode ser? O amigo está com medo?

— Medo? Não tenho medo, não! Pode tocar a canôa na “bicha”!

— Você vá remando e eu fico no leme. Aí, devagar, vá parando. Interessante: era uma vela colocada ou presa a um pedaço de talo de burití (28) e seguro por uma poita, (29) bem no meio do rio.

— Que significa isso? Será brincado de criança?

— Sabe o que é? É promessa, ou na intenção da alma de algum pobre que morreu afogado neste lugar.

— Não deixa de ser curioso, seu Pinto, são credences do povo. Contudo, muito respeitáveis, meu amigo.

Às 22 horas, pouco mais ou menos, chegámos sãos e salvos, como se costuma dizer, depois de uma viagem cheia de peripécias.

O naviozinho — “Barão do Uruçuí” — afinal apareceu no dia seguinte, depois do almoço. Os passageiros saltaram em terra, enquanto os marinheiros faziam provisão de lenha para a caldeira. O trabalho durou uma hora. Fui deixar a bordo os meus novos amigos: o Dr. Agenor Augusto de Miranda e o cearense Pinto. (30)

No “Centro Agrícola David Caldas” dei início aos trabalhos agrônômicos, preparando as terras para as futuras plantações. Aproveitei a oportunidade para ensinar a caboclada da região a trabalhar com máquinas agrícolas, principalmente com o arado.

Como as águas do rio continuassem a baixar, — estávamos no fim de agosto — resolvi, na próxima viagem a Terezina, ir por terra, a cavalo. Preparei ãa mula boa de andar e bem resistente, chamada *Briosa*. — Para escapar à soalheira e poder chegar na hora do almoço, em Terezina, deveria partir às 3 horas da ma-

(28) Talo de burití — pedicelo da folha da mais linda palmeira brasileira — *Mauritia vivifera* Mart.

(29) Poita — âncora de pedra para segurar canoas no meio do rio.

(30) Com o Dr. Agenor A. de Miranda, até hoje, mante-nho a mais fraternal das amizades. Há 35 anos que ela é por nós cultivada, sem o mais leve estremeamento, muito pelo contrário: cada vez mais estreita, sincera e dedicada. O Sr. Pinto — simpático cearense de Sobral — vi-o pela última vez em S. Luís do Maranhão, em 1916.

drugada, pois assim, entre as 11 e as 12, chegaria. No dia marcado para a viagem, parti.

Nunca tinha feito êsse trajeto a cavalo, porém não havia perigo de perder-me: era só acompanhar sempre o rio. Tudo corria às mil maravilhas; a mula marchava, eu cantava, sem perder o rio de vista, e a lua, em quarto crescente, ia descambando no horizonte. Nisto, às 5 horas, ela desapareceu de todo e, como o sol ainda não apontava no oriente, escureceu. De repente a minha cavalgadura parou, e, antes que eu pudesse atinar com o que fôsse, deitou-se no chão. Felizmente não me descuidei: tirei depressa os pés dos estribos, abri as pernas e saí para fóra do arreio, segurando as rédeas na mão; dei com o chicóte na anca da mula, e esta, lépida, pôs-se em pé.

— Ué!... Que será que aconteceu, disse de mim para comigo. Tive a impressão de estar sôbre terra fôfa recém-arada. Olhei atentamente, e vi que estava sôbre uma sepultura; ao lado o páu que servira para conduzir a rêde com o defunto. Mais ao longe, cruzeiros. Estava, de fato, num pequeno cemitério, tão comum nessas regiões do Norte, localizado na encruzilhada de dois caminhos.

— Como não sou supersticioso e não tenho medo de almas de outro mundo, montei novamente, certo de que se tratava de mera coincidência.

Às 8,30 entrei no bairro “Melancias”, que estava em festa. Verifiquei que os festejos eram religiosos: tratava-se da “desobriga”. Vou explicar o que quer dizer desobriga no sentido religioso. Como as paróquias são muito grandes e os fiéis moram muito espalhados, de tempo em tempos o padre corre a paróquia em visita espiritual. Na casa melhor do arraial ou vila, arma o altar e celebra missa, faz casamentos e batizados. É muito frequente casar os pais e imediatamente batizar os filhos. É o que os franceses chamam — “regularizar

a situação". Pois bem, quando ia eu passando em frente à casa em que estava armado o altar, a *Briosa* parou de chôfre e deitou outra vez. Dei uma chicotada na mula e, meio encabulado, montei novamente, não sem ouvir umas risotas do pessoal da festa. Pensei: deve ser balda dêsse animal.

Dois ou três dias depois, terminados meus afazeres na Delegacia Fiscal, regressei ao Centro Agrícola. Quando, à noitinha, no caminho, na entrada de um capão de mato, outra vez a *Briosa* deitou-se. Aí fiz o que deveria ter feito logo no comêço. Tirei-lhe o arreio: verifiquei que o alção de ferro estava partido, e com o meu pêso a ponta quebrada feria o pobre animal. Nem sei como não corcoveou. Dobrei os baixeiros, de sorte que o arreio ficou alto e não mais machucou a mula. Tudo correu bem até o fim da viagem. Se eu fizesse essa observação, e se tivesse uma pontinha de medo de assombração, não me faltariam motivos para engendrar uma história sobrenatural. Na vida, às vezes, é bom ser como São Tomé. Não digo — ver para crer — mas, ao menos, verificar bem os fatos.

Sete de Setembro — dia da Independência — dia em que o Príncipe D. Pedro, às margens do Ribeirão Ipiranga, deu o grito de "Independência ou Morte" — grito que libertou para sempre o Brasil do velho Portugal.

No "Centro Agrícola David Caldas", essa data, tão grata para nós brasileiros, foi celebrada; inaugurando-se uma escola primária.

A população do Centro Agrícola era constituída, na sua quase totalidade, por indivíduos mestiços, com predominância dos tipos mongolóides.

O pedreiro Timóteo não podia trabalhar por causa de uma enorme ferida no tendão de Aquiles. Coitado andava com dificuldade.

— Timóteo — disse-lhe, vou curar-te.

— Deus o permita, “seu Dotó”.

Dei-lhe uma série de injeções de bismuto. Foi ficando bom, ficando bom, até sarar. Quando já andava firme, e lépido, interroguei-o, mostrando desejos de ver a cicatriz. Ví, então, em volta do tornozelo, um barbante amarrado.

— Que é isso, Timóteo?

— Não é nada, não, “seu Dotó”.

— Como não é nada? Estou vendo um barbante amarrado no seu tornozelo?!

— É bobagem de gente “inguinorante”. E’ medida de São Benedito. Dizem que é bom.

— Muito obrigado, Timóteo, — gaguejei. Eu que o curei, e São Benedito que recebe a paga. Está bem, está bem...

E lá se foi o Timóteo meio desapontado.

As terras de “David Caldas”, com serem arenosas, como aliás a maioria das que formam no vale do Parnaíba, são férteis, em virtude da abundância de água. A alguns quilómetros da séde — distanciando-se da margem do rio havia uma lagôa piscosa. A vegetação predominante era constituída pela palmeira babaçú.

Um dos trabalhos mais importantes que a Comissão estava realizando, do ponto de vista agrícola, era a barragem do Riacho do Cavalo, afluente do Parnaíba. Dest’arte, a irrigação das culturas estava garantida. No Norte não se pode pensar em agricultura sem irrigação. O velho hábito de plantar nas “vazantes” deve ser abolido, pelos múltiplos inconvenientes que apresenta.

Em 19 de outubro encontrei florido, perto do Riacho do Cavalo, quase na sua foz, um cipó que dá belas flores roxas — desde um roxo claro, até um bem intenso. O cipó é muito ornamental, e por isso, deveria ser aproveitado em jardinagem.

No mesmo dia, num destocamento que estava fazendo no campo destinado às atividades agrícolas, apanhei um escorpião no tronco de uma palmeira babaçú. Três dias depois — a 21 — apanhei no mesmo lugar e nas mesmas condições, mais três escorpiões. Dois fugiram. Sòmente conservei o menor. Às duas horas da tarde (14 horas) coloquei-o no recipiente em que se encontrava um grande — o que fôra apanhado no dia 19. Às 17 horas, 3 horas depois, o escorpião grande estava devorando o pequeno. Começou a comê-lo pela cabeça. Este caso de canibalismo, talvez seja devido ao fato anormal da vida em prisão. E' sabido que os animais em cativeiro apresentam perversão de hábitos. O que me chamou, porém, a atenção, de um modo especial, foi o escorpião ter começado o repasto pela cabeça. Geralmente isto é um índice de que se trata de um hábito normal. Nas cobras, por exemplo, sempre que elas começam comer suas vítimas por outra parte que não seja a cabeça, trata-se de um caso especial de fome — a cobra não encontrou o alimento específico.

É impressionante a quantidade de escorpiões apanhados em "David Caldas" e arredores. Os casos de mordeduras ou, melhor, de ferroadas, são muito frequentes. Felizmente, nos adultos, raramente a ferroada é mortal; nas crianças os casos fatais são frequentes.

Vou procurar descrever um caso de ferroada de escorpião, por mim acompanhado.

Às 7,30 da manhã, uma senhora de 30 anos, branca, foi ferroadada por um escorpião no dedo mínimo de uma das mãos. Sintomas: mãos e pés álgidos; ela parecia hística; 30 minutos depois — forte dôr de cabeça (a vítima chorava); o dedo aguilhôado, na falanginha, ficou inteiramente edemaciado, de côr arroxeadada; dôres no coração — talvez dôres reflexas, pois quer-me parecer, salvo engano, que o tempo decorrido era muito curto



para que aquele órgão sentisse os efeitos da peçonha; não há elevação de temperatura. Uma hora depois, paralisia da língua, sobrevindo profundo sono, que durou uma hora. O corpo como que adormecido — sensação desagradável. O sintoma de paralisia de língua é característico; o sono também não se faz esperar. As dores são agudas.

Às 10 horas ainda a mulher gritava de dores. Sem saber o que fazer para aliviá-la, apliquei um algodão embebido em amoniaco no lugar da picada.

Às 21 horas ainda as dores perduravam e o edema também.

48 horas depois do acidente, a vítima começou a apresentar sinais de evidente melhora. Restabelece-se.

Quando trabalhava no Butantã, o Dr. Vital me dizia:

— Você deve estudar medicina — Você tem bôssa para essa atividade.

— Mas, Dr. Vital, eu tenho horror à clínica.

— Pois não seja clínico. Fique no laboratório.

Acontecia que, em “David Caldas” não havia médico, e assim, de um dia para, outro, vi-me transformado em médico, e médico clínico, para mal dos meus peccados!

Agora um parêntesis. Quando fiz o curso de agronomia na Escola Agrícola “Luís de Queirós” de Piracicaba, tínhamos uma cadeira de higiene rural — regida pelo saudoso médico Dr. Dias Martins, e no último ano, 6 meses de medicina de urgência, isto é socorrer um asfiziado, encanar uma perna ou um braço, aplicar injeções hipodérmicas ou intramusculares etc. Quem organizou o primeiro regulamento da Escola conhecia o nosso Brasil. Mais tarde, as sucessivas refor-

mas suprimiram a cadeira de higiene rural. Os que assim procederam não conheciam a realidade brasileira, não tinham, como eu, mourejado por êsses sertões inóspitos, comendo o pão que o diabo amassou no inferno, tendo sempre diante dos olhos quadros dantescos, por falta de assistência médica. O homem formado é doutor, e, sendo doutor, o sertanejo apêla para êle, nas suas dores e enfermidades.

Comecei, como atrás ficou dito, a "minha clínica" atendendo e curando a ferida do calcanhar do pedreiro Timóteo.. Daí por diante, não pude parar. O caso que acudi com mais êxito foi uma oftalmia gonocócica. Antes tivesse ouvido os conselhos do Dr. Vital Brasil.

• • •

Dia 5, de novembro. O termômetro marcava 36.º e sombra. Pela tardinha sóprava um ventinho que amenizava um pouco o calor.

Dia 7, às 9 horas da manhã, 28.º. As cigarras cantavam no pindobal quasi homogêneo de palmeiras babaçú. Às 15 horas o termômetro foi a 35.º.

Dia 25. Apanhei e conservei em álcool uma cobra não venenosa. Conservei, também, um pequeno beija-flor com asseniato de potássio. E' o terceiro beija-flor que bate e morre na parede branca do oitão de minha casa. Apanhei um camarão à beira do rio Parnaíba. Era preto e tinha a barriga e as patas natatórias um tanto fulvas. Conservei-o em álcool.

Dia 26. O engenheiro Xavier Pacheco, chefe da Comissão, apresentava sintomas evidente de impaludismo: 40.º de febre. Ontem vomitou muito. Chuva... moriçoca... resultado: impaludismo. Estava sendo medicado com quinino. Felizmente a malária é uma infecção que tem remédio específico e eficaz.

· Dia 27. Os xexéus estavam fazendo seus ninhos.

Dia 28. Notei uma nuvem de borboletas em vôo migratório. Elas vinham do outro lado do rio, do Estado do Maranhão. Consegui capturar 5 lindos exemplares. As borboletas eram de um amarelo claro; as extremidades das antenas apresentavam uma côr verde chegado ao verde-Paris. Algumas eram de um amarelo vivo.

Dia 4 de Dezembro. Das 21,30 às 22,30 horas — uma hora portanto, tivemos forte chuva acompanhada de trovões e raios. Foi a última chuva do ano.

Dia 10 de janeiro de 1915. Encontrei na lama, à beira do Parnaíba, um camarão igual ao precedente, e que o rápido abaixamento das águas havia deixado quase no sêco. Notei um fato interessante, se não me engano: o camarão apresentava três pernas cortadas, porém, no tôco de cada uma via-se a formação de novo membro que parecia vir em substituição ao que foi cortado, talvez pelos dentes de uma piranha ou outro peixe qualquer. Aí fica a observação para meditação dos estudiosos.

Dia 11 de janeiro. Cairam pequenas chuvas que não adiantaram absolutamente nada para a agricultura; pelo contrário, são prejudiciais. Explico-me: os agricultores que, na ânsia de lançar sementes ao solo, o fazem depois das referidas chuvas têm o desgosto de ver todo o seu trabalho perdido, pois a maioria das sementes não germinam, e as que chegam a germinar, são estorricadas pelo sol.

Esse pobre povo, que ordinariamente vive a braços com a miséria, tinha, além da crise tremenda que atravessávamos, que lutar com a inclemência do tempo.

E foram estas as minhas últimas observações feitas no “Centro Agrícola David Caldas”.

Fiquei impressionado com a abundância da palmeira babaçú ou de macaco. Em outubro do ano de 1914 findo, escreví longa carta ao ex-Diretor da Escola "Luís de Queirós" — Prof. Dr. Clinton D. Smith, nos Estados Unidos da América do Norte, chamando-lhe a atenção de técnico e capitalista, para o importante problema da exploração do côco babaçú. Entre outras coisas, mandei-lhe os seguintes e ligeiros dados:

"Quase a totalidade dos vales dos rios piauienses e maranhenses está coberta por denso e homogêneo palmeiral, de fácil exploração. As terras florestadas pelo côco babaçú custam pouco; em certos lugares, pode-se comprar uma glêba de uma légua em quadro, por um conto de réis (Rs. 1:000\$000) Uma bagatela! O rio Parnaíba, que separa o Piauí do Maranhão, tem mais de 1.200 quilômetros navegáveis; os rios Itapicurú e Mearim, no Maranhão, são na maior extensão de seus cursos, navegáveis também. São caminhos que andam, na sábia expressão do índio.

Um coqueiro produz dois cachos de côcos por ano; cada cacho tem, em média, 165 côcos.. Cada côco pesa, em média, 186 gr. Assim, cada cacho pesa, em média 30 k. (2 arrobas), ou sejam — 60 quilos de côco que é a produção anual de um coqueiro. Um cacho dá "três pratos" (medida antiga e popular, sendo que o "prato tem dois litros) de castanha; um "prato" produz uma garrafa (600 C.c.) de azeite. Paga-se ao operário que "quebra" uma "quarta" (25 "pratos", ou sejam 50 litros) — 5\$000.

Cálculo aproximado — sem contar o transporte, pois êste dado só poderá ser computado no caso concreto de uma instalação — para exploração de 100.000 pés de côco.

100.000	pés	produzirão	.....	200.000	cachos,
que por sua vez,	darão	.....	600.000	pratos	

de castanha, que produzirão	600.000	garrafas de azeite.
	Uma garrafa de azeite custa \$600	
e que X 600.000 =	360.000	\$000
Reduzidos os 600.000 pratos em		
quartas, temos 24.000 quartas, que multipli-		
cadas por 5\$000, que é o trabalho do operá-		
rio que "quebra", resulta	120.000	\$000
Total liquido	240.000	\$000

Atualmente o coqueiro não demanda cuidados culturais. E' só colhê-lo no pindobal. A sêca não o castigam porque os vales, onde vegetam, são frescos, em virtude da infiltração das águas dos rios e riachos. O que se poderia ou deveria fazer, num aproveitamento inteligente da dádiva da natureza, seria limpar, a foice, o pindobal, eliminando tôda a vegetação que não seja palmeira, e plantar coqueiros nos claros, naturalmente existentes. Assim, com relativa possibilidade econômica, poder-se-ia formar um palmeiral completamente homogêneo. A natureza está solicitando a mão do homem."

Esse, o resumo, da carta-relatório que enviei ao meu querido amigo e ex-diretor — Professor Dr. Clinton D. Smith.

(31) O Dr. Carlos Botelho, inteligente e dinâmico Secretário da Agricultura, no Governo do não menos ilustre homem de Estado — Dr. Jorge Tibiriçá, querendo dar à novel Escola Agrícola "Luís de Queirós", em Piracicaba, organização eficiente, contratou na América do Norte o Prof. Clinton D. Smith, da Universidade de Cornell, na cidade de Itaca. Em 1907 o Dr. Smith chegou a Piracicaba. A ação desse grande técnico, ilustre educador e homem de caráter puro, foi decisiva para o futuro da Escola. Afirimo, sem recelo de uma contestação honesta: se a Escola é o que é, hoje em dia, deve-se à orientação sábia do professor de Cornell. Além de diretor, ele foi um verdadeiro pai da mocidade que teve a ventura de passar pela Escola durante sua administração. Poucas vezes na minha vida, já não muito curta, encontrei um homem tão bom, tão naturalmente bom. Sejam estas minhas palavras, um preito de saudade e gratidão àquele a quem tanto devo. O Dr. Smith costumava dizer: São Paulo — Estado mais importante do Brasil, Piracicaba, cidade mais bela de São Paulo, e a Escola Agrícola, lugar mais lindo de Piracicaba. Era um enamorado da Escola.

Não demorou a resposta: o assunto era muito interessante: iria estudá-lo, e depois me comunicaria alguma coisa. Um mês após êsse florir de esperanças, recebo uma carta da Senhora Smith — triste carta — seu esposo e meu bom amigo, caíra fulminado por um ataque cardíaco numa das ruas de Boston. E assim terminou o meu primeiro tentâmen da exploração em alta escala do babaçú.

Ia-me esquecendo de dizer que em “David Caldas” não tínhamos a menor distração para o espírito. Eu, além das leituras de bons livros, transformei-me em mestre-escola.

De acôrdo com o alto espírito patriótico dos membros de instalação do “Centro”, organizei uma escola noturna. Nela matriculei os trabalhadores analfabetos com seus filhos.

Fiquei conhecendo, por exepriência própria, a abnegação das pessoas que se dedicam ao ensino primário. São uns verdadeiros heróis.

Declaro, com muito prazer, que todos os meus alunos — velhos e moços — demonstravam muito desejo de possibilidade de aprender.

Para mim, a escola noturna transformou-se em ótimo derivativo para o espírito: completava minha tarefa quotidiana, dando-me aquêle gôzo espiritual, que só o percebe quem tem a ventura de praticar o bem. E é por isso que não encontro a verdade no vocábulo ALTRUISMO. Se praticar o bem nos causa prazer, logo, tudo é EGOISMO!

Aos domingos, descansava; ou por outra: aproveitava as tardes para fazer visitas aos vizinhos e observar o “folclore”.

Certa vez, à noite, fui convidado para assistir a uma festa religiosa.

Primeira parte: Ladainha, Padre Nosso e Ave Maria. Na ladainha, como os dizeres são em latim, apare-

ciam as mais absurdas mutilações: algumas chegavam até a ser grosseiras. Eram perdoáveis, porque proferidas com a mais santa sinceridade e unção. Para finalizar a parte puramente religiosa, vinham os cantos em louvor dos santos. Um devoto de São Benedito cantava:

*“São Benedito,  
Santo interessseiro,  
Não obra milagre  
Sem vêr dinhetro”.*

Com certeza São Benedito perdoou o “louvor”, a ingenuidade de seu pobre devoto; o que valia era a intenção e não as palavras.

Segunda parte: baile, danças características, como o “Baião” — uma espécie de chula, e depois bebidas alcoólicas. A predominante era a “tiquira” — cachaça fabricada com mandioca. Muito forte, e de alto teor alcoólico. Essas bebidas, conforme os temperamentos, faziam chorar, rir, transformam o pacato em conquistador e o tímido em valentão. Muitas vezes, as festas — até as religiosas — terminavam em tragédias.

Entre os instrumentos musicais dos originais tercetos, quartetos e quintetos, que deliciavam os assistentes dessas festas matutas, eram comuns a flauta e a rabeca.

*Festeiros do Divino.* Como a população ribeirinha era a mais densa, os tiradores de esmola para as festas do Divino, organizavam-se em bandos precatórios, e com o auxílio de uma canôa desciam os rios e riachos navegáveis, coletando donativos, alegremente. Disse “alegremente” muito de indústria, porque os devotos esmoléres são verdadeiros foliões. Eles põem em prática o velho aforismo: “Utile et dulce”. Se não me engano foi João Ribeiro que afirmou sãbiamente em seu livro “Estética”, que quem trabalha e canta realiza o ideal.

da estética. Pois, se assim é, eu estou de acôrdo — os tabaréus do Norte são uns perfeitos estetas.

Geralmente eram três: o primeiro — que era o presumível chefe — conduz a bandeira e o tambor. O segundo, a flauta, e o terceiro, a rabeca. Às vezes o grupo se constituía somente de dois: um conduzindo a bandeira e o outro o tambor.

Quando vinham descendo o rio, suavemente, só se ouvia o tambor. Os que conheciam êsse som monótono, diziam que êle queria dizer: “*Bote boró p'rá fora*”, *Bote boró p'rá fora*” (Boró na gíria local é dinheiro). Então o tambor esperto ia avisando o povo que aprontasse o dinheiro: bote boró p'rá fora, e os sons do tambor, deslizando pela superfície tranquila das águas do rio, iam alertando os espíritos religiosos da nossa boa gente do sertão.

Ao avistar ũa morada, o grupo parava, e, em frente à casa, tocava e cantava, até cair na sacola a esmolinha para as festas em homenagem ao Divino Espírito Santo, porém com esta ressalva:

*O Divino pede esmola,  
Mas não é por carecé,  
Pede prá experimentá,  
Quem seu devoto qué sé* (32)

ou

*Este Santo pede esmola,  
Não pede por carecé,  
Pede prá experimentá,  
Quem seu devoto qué sé.* (33)

Depois, ao regressar, esperavam a passagem de um “gaiola”, e, com licença do comandante, engatavam o seu

(32) Colhi essa estrofe na Fazenda Grande em Julho de 1919.

(33) Anotei essa segunda estrofe, variante da primeira, em Jatobá, no Vale do Paraim, em agosto de 1919.



“casco” na pôpa de um dos reboques. E lá iam êles rio acima.

Quero fazer uma ligeira referência à pequena embarcação denominada — “casco” — que é conhecida também por “criminoso”. Os nortistas, com graça e fina observação, dizem que no “criminoso” só cabem três pessoas: uma vai remando, a outra tirando água e a última, rezando, para o casco não afundar.

Chegou o término da minha segunda tarefa. Aqui também me esperava uma decepção, uma grande desilusão. Eu que viera como diarista, encarregado da parte agrícola, mas com a promessa de ser nomeado Diretor do “Centro”, no próximo exercício de 1915, logo que ficasse concluída a instalação, fui notificado de que, infelizmente, não haveria verba.

Em outras palavras: fui obrigado a arrumar a trouxa e ir embora. O Ministério, também, desta vez, não me deu passagem para regressar ao Rio de Janeiro.

Sem desanimar, e com saudades, deixei o Piauí. Como é difícil sondar os mistérios da alma humana! São tendências de gerações e gerações que afloram e nos desnor-teiam a nós mesmos, que não passamos de presente envólucro do pretérito.

Resolvi interromper a viagem em Fortaleza a convite do meu colega Grover Pyles.

Março de 1915. Esta data, para a gente nordestina representa um rosário de sofrimentos, uma verdadeira odisséia. A sêca de 15. Êstes flagelos meteorológicos, se por um lado martirizam o povo destas regiões, por outro, retemperam-lhe a fibra de aço. Pena é que seja tão imprevidente, pois, com certas medidas preventivas, grande parte do mal seria evitado.

Os povos nórdicos, que habitam as zonas frias, próximas ao Polo Norte, trabalham como as formigas:

armazenam para o inverno. De ponto de vista econômico, tanto faz que a vida agrícola seja paralizada pelo gelo, como pela sêca.

E' verdade que, em consequência da sêca, o fogo é um complemento trágico: calcina pastos e matas e prejudica a fertilidade das terras.

A sêca no nordeste brasileiro é uma questão secular. Até hoje, quase todo o trabalho feito para minorar um mal tamanho, tem sido em vão.

E é simples a razão: num problema como êste, em que o bater do malho deveria ser a nota constante e predominante, ouve-se o rabiscar da pena: em vez de trabalho — burocracia.

A sêca de 77 foi uma calamidade e marcou época nos anais da sede e fome do Ceará. A maior parte, senão todos os cearenses grisalhos, que conheço nos Estados limítrofes do Ceará, como, por exemplo, o Piauí, quando se lhes pergunta de onde são, respondem: Cearense — sou de 77. Isto significa — sou dos flagelados, que ainda tiveram a felicidade de escapar àquela grande tragédia, em que se morria de fome pelas estradas, onde se encontravam os filhinhos sugando os seios de suas mães já mortas!

Depois de 38 anos, o flagélo se repete! Que fizemos, nêsse longo período de quasi 4 décadas, para evitar, ou, ao menos, atenuar as gigantescas proporções da hecatombe? Nada, ou pouco mais que isso. Uma coisa,

---

(34) Mais tarde, em 1920, no Governo do grande paraibano, Dr. Epitácio Pessoa, realizaram-se grandes obras contra as sêcas no nordeste. Muitos açudes foram construídos. Infelizmente, o problema foi atacado só por um lado. Que vale um grande açude, se suas águas não são aplicadas na irrigação de grandes culturas? Foi o que aconteceu. A firma, ou firmas estrangeiras encarregadas da construção de açudes mediante percentagens X, não se incomodaram com a utilidade das obras que realizavam.

Que valeriam os açudes do Arizona, se as águas por êles coletadas não irrigassem o extenso vale? Deveríamos ter contratado técnicos para a construção dos açudes e técnicos para irrigação.

em verdade, fizemos — foi gastar muito dinheiro. No entanto, muito poderíamos ter feito, pois nada resiste ao trabalho bem orientado, não há problema que não seja resolvido.

Os norte-americanos transformaram grande parte das regiões áridas da Califórnia em sólo produtivo. Sanearam a Ilha de Cuba, dando um golpe de morte à famigerada febre amarela; e, finalmente, ligaram os dois oceanos — o Atlântico e o Pacífico.

Alguem dirá: “Os americanos do Norte têm muito dinheiro, e, porisso, tudo fazem... Se somarmos o que já se gastou com as “sêcas”, veremos que é uma chuva de ouro.

Os últimos dias de 1914, de um céu límpido, diáfano, lindamente azul, começaram a inquietar os moradores da zona sêca. O prenúncio de uma estação sem chuvas estava patente.

Em março de 1915, encontrava-me no Ceará — epicentro — (se me é permitido tal vocábulo nêsse sentido) do fenômeno da grande estiagem.

O tema obrigatório de todas as conversas era a chuva almejada. Todos os olhares, súplicas, se dirigiam ao céu, à procura de uma nuvem. Quando ela aparecia, era um brotar de esperanças, eram préces d'alma, como o rico da parábola bíblica, à espera de um pouco d'água. De repente, ela se desfazia e o céu novamente se mostrava límpidamente azul, horrivelmente azul, e, então, o pobre cearense, crédulo, com o seu “bentinho” pendurado ao pescoço, cerrava os punhos, os olhos fitos na abóbada celeste, blasfemava, estremezia todo num gesto colérico, como se lhe passasse pelos músculos uma corrente elétrica, e arremecava uma imprecação contra Deus e sua obra!

Vinha imediatamente o arrependimento e com os olhos rasos de lágrimas, contrito, pedia perdão, e cifra-

va sua esperança na "passagem do equinócio"... Vã esperança de um povo desolado: a sêca continuava sua marcha progressiva e macabra.

Curioso, quis verificar qual a utilidade, que serviços estava prestando o gigante "Açude do Cedro". Dirigi-me de trem, para a cidade de Quixadá. De Baturité em diante, tudo indicava que a sêca estava em pleno domínio: naquela paisagem de galhos sêcos, sòmente a folhagem verde do juazeiro (35) dizia que ainda ali era possível a vida.

Cansado de ver tantas árvores mortas, consolava-me com a idéia do oasis que deveria encontrar em Quixadá. Um dos maiores açudes do mundo, o Açude do Cedro, certamente estaria, naquele momento angustioso, derramando suas bemfazejas águas sobre vastas áreas de terra cultivada. Dura desilusão! Ao chegar à cidade que se orgulha de tal obra de engenharia hidráulica, encontrei pouca terra aproveitada, pouquíssima, mesmo!!! No entanto, a falta de forragem estava matando até as vacas dos estábulos. E, para cúmulo, um rego d'água corria a transbordar através da cidade... Perguntei ao meu querido colega Grover Pyles que ribeirão era aquele. Não é riacho, respondeu-me; é o rego, ou melhor, é o ladrão do açude!

Nunca ví empregado com tanta propriedade o termo ladrão em relação ao canal que deixa escapar o excesso de líquido dum reservatório — Ladrão! Aquela água era roubada à irrigação de terras, que poderiam produzir abundantemente. Um crime perpetrado pela ignorância daquela gente. Ignorância nefasta.

Muitas fazendas já haviam "fechado a porteira", (abandonadas) e os proprietários, alguns de mil cabeças de gado vacum, eram levados, uns, ao suicídio, outros à loucura. Cênas verdadeiramente dantescas se

---

(35) Juazeiro — árvore da família das Ramináceas — *Zizyphus joazeiro* Mart.

desenrolavam em tórno das cacimbas esgotadas, onde homens e animais tropeçavam e caíam para não mais se levantarem, em busca dumas gotas d'água. Os rios, que digo! O leito sêco dos rios parecia estrada poeirental! As próprias cacimbas, poças, feitos nos leitos dos rios estavam sêcas.

À noite, numa das farmácias da cidade — tradicional ponto de palestras em todos os lugares e em todos os tempos — fui apresentado às pessoas mais representativas do local. O assunto único, o "*leit-motiv*", da conversação era, naturalmente, a terrível sêca e suas funestas consequências.

— Estou plantando capim, de dia e de noite, — dizia um fazendeiro. Luto desesperadamente, e no entanto, o meu gado está morrendo.

— Mas é agora, perguntei-lhe, que o senhor está plantando capim, para o gado que está prestes a morrer de fome?

— Que hei de fazer. É o jeito.

— Bem sei que não é mais o momento propício para recriminações ou consêlhos; mas permita-me que lhe recorde a sabedoria bíblica: "No tempo das vacas gordas é que se deve lembrar do das vacas magras". Se há três meses o senhor tivesse tomado essa resolução, talvez, agora o seu prejuízo fosse muito limitado. Um criador previdente poderia enriquecer-se à custa da imprevidência dos fazendeiros destas regiões.

— Como? Explique isso!

— Fazendo grande quantidade de medas e silos subterrâneos. São operações agrícolas fáclimas. Não demandam despesas de construção: para as médas, um simples páu de uns 4 ou 5 metros, fincado no chão, e

para os silos se faz mistér sòmente abrir valas, (36) onde se coloca a forragem.

— E a água?

— A ensilagem é aquosa, o que quer dizer que mitiga um pouco a sêde. Além disso, deve-se plantar a tão conhecida “opuntia”, popularmente conhecida por “palmatória”. É um vegetal ótimo como forragem e uma verdadeira esponja de água, tal a quantidade de líquido contida em suas polpudas folhas. Os olhares do meu interlocutor e os dos outros componentes da reunião, deixavam transparecer uma certa incredulidade. Para êles tudo o que acabava de dizer não passava de “poesia”. Alí duas mentalidades se defrontavam: uma, a do homem que estudou para dominar os elementos da natureza, ou guiá-los para poder tirar partido favorável dêles; outra, a mentalidade dos homens incultos, à espera sòmente da providência do céu, olvidando os conselhos divinos: “*Ora et labora*”.

Êste fato mostra bem a psicologia do povo das regiões assoladas pela sêca. Esperá-la deveria ser a coisa mais natural dêste mundo, pois há séculos que ela vem martirizando o nortista, e, apesar disso, o “inverno sem chuvas”, apanha-o sempre desprevenido — é, uma surpresa.

Visita ao “Açude do Cedro”. Quem não o conhece, não pode fazer idêcia do que seja a monumental obra d’arte. Montanhas enormes de pedras, ligadas por diques colossais, circunscrevem uma grande área, formando um reservatório d’água, que pode figurar entre os maiores do mundo.

Os paredões são muito bem feitos; luxuosamente trabalhados, chegando mesmo a dar a impressão, em pleno interior do Ceará, de que se está vendo o pas-

---

(36) Atualmente êstes silos são mais conhecidos, por — silos de trincheira.

seio da Avenida Beira-Mar, do Rio de Janeiro. Não lamento que se tenha gasto tanto dinheiro em pleno sertão. O que é triste, para quem vê o sofrimento deste povo, é que tudo isto seja quase imprestável, somente porque falta um serviço bem organizado. O açude poderia transformar muitos quilômetros quadrados de terras incultas, em campo agrícolas grandemente produtivos. E esta região poderia ser o celeiro duma boa parte do Estado do Ceará. Não conheço os outros açudes espalhados pelo Estado. Mas, a julgar pelo do "Cedro", que é o "bicho" mais importante, os outros, que é que farão?

Para resolver o problema do nordeste na fase da falta de chuvas, dois fatores importantes devem ser considerados: a) meios que proporcionem o aproveitamento das águas pluviais e das que constituem os lençóis subterrâneos (37); b) estudos dos vegetais susceptíveis de desenvolvimento regular e econômico na região. São fatores estes que se completam de tal maneira que chegam a se tornar causa e efeito do mesmo fenômeno.

Vou procurar esclarecer um pouco mais o assunto. Quem estudou elementos de física sabe que as águas das chuvas se dividem em três partes, ao tocarem na terra: uma se evapora, a outra se infiltra no sólo e a última, escorre em forma de enxurrada.

A primeira vai fazer um passeio através da atmosfera, para mais tarde se condensar e novamente cair; a segunda, para a economia do homem, é a mais importante, porque vai, de partícula em partícula terrosa, dissolvendo os sais minerais de que se alimentam os vegetais, seguindo em sua marcha geotrópica até formar os

---

(37) Segundo experiências do grande geólogo brasileiro Dr. Eusébio de Oliveira, os poços artesianos na Serra de Baturité deram bons resultados. É mais um fator, e importantíssimo, para minorar os malefícios da seca.

lençóis d'água que vão desabrochar em fontes límpidas e frescas. A terceira é prejudicial: arrasta, na sua carreira desenfreada, a parte mais nobre da terra — o humus, e, não satisfeita, ainda escava o chão e carrega a terra para o rio e dêste para o mar — é a nefasta e ladrã erosão.

Se pensarmos nos milhões de metros cúbicos de terra que o Amazonas, por hora, joga nas profundezas oceânicas, — ficaremos estarecidos! (38)

Para dar-se começo à solução do problema, preciso se torna seguir sempre a linha do menor esforço, pois assim o trabalho dará maior rendimento. Em primeiro lugar, devem ser estudadas plantas que vegetem bem, apesar das condições desfavoráveis do meio. Quais os vegetais que resistem aos longos períodos da sêca? O joazeiro e o cajueiro. Nêste caso, já deveria haver no Ceará (quem diz Ceará, diz também zona em que as condições climatológicas são idênticas) hortos florestais, (39) afim de se cultivarem e distribuírem aos interessados mudas dessas essências, não esquecendo o providencial *cactus*. Se uma floresta de joazeiros, tão sòmente de joazeiros, cobrisse o sólo que agora está

---

(38) Se não houver um meio de evitar a erosão, as águas das chuvas terminarão por desgastar a crosta terrestre. Daquí a milênios, o planeta terra será um enorme globo com uma camada de água envolvendo toda a sua superfície. Não será, a meu vêr a bomba atômica que dará cabo do homem insatisfeito, mas sim, a simples e modesta água de chuva que liquidará a civilização humana.

(39) Por notável coincidência, em 1925, fui incumbido de organizar o Serviço Florestal do Brasil, sendo nomeado seu primeiro Diretor Geral. Em virtude da escassez de verba e a curta duração do Serviço, quase nada pudemos fazer para a solução de tão magno problema. Mais tarde, em 1939, fui novamente convidado para reorganizar o Serviço Florestal que fôra extinto em começo de 1933. A nova organização, mais ampla, permitia que nos preocupássemos com as regiões nordestinas. E tudo fizemos para o reflorestamento do nordeste. A minha permanência, desta vez, ainda foi curta — sòmente 3 anos e meio. Para questões de biologia em que o fator tempo é importantíssimo, o período acima é quase ridículo.



vestido de miserável vegetação arbustiva, outro, muito outro, seria o futuro do Ceará.

Em Quixadá havia um horto florestal fundado pelo notável botânico Dr. Löefgren, quando por lá passou, estudando o problema das secas e meios de evitá-las. Não quero discutir se o referido horto preenche ou não, os fins para que fôra criado. Mas direi que êle deveria ter fomentado a cultura daqueles campos que encontrei incultos, inaproveitados, ensinando a irrigar as plantas com as águas dos açudes.

No Horto Florestal funcionava uma pequena escola para alfabetizar e ao mesmo tempo dar noções agrícolas aos meninos da redondeza. O diretor, para demonstrar o gráu de adiantamento dos alunos, me informou que lhes dava até noções de astronomia. Não concordei com o meu colega. E, com toda franqueza, disse-lhe que, ao invés de contemplar o céu, deveria dar mais atenção aos problemas de cá da terra, do chão. Seria muito melhor que ensinasse a fazer medas, silos de barragem, irrigação com a água do açude; que distribuisse mudas de "cactus", de eucalíptos, e, sobre tudo, ensinasse a cultura do joazeiro — planta própria da região seca. Quanto às medas, devo informar, a bem da verdade que o diretor estava-se preocupando com elas, pois ví um páu fincado no solo, onde fôra amontoado fêno de gramíneas.

— O senhor — perguntei-lhe, fez medas de gramíneas?

— É verdade — respondeu-me; por mera experiência, e mais para mostrar aos alunos como se prepara a meda; mandei segar capim ordinário — o agreste — aquí nos arredores, e fiz uma grande meda. Ela aí ficou tomando sol. Qual não foi, porém, o meu espanto, quando um dia destes ví as vacas nossas puxando capim assim fenado e comê-lo com apetite! Para termi-

nar: apurei na meda de capim agreste mais de Rs... 1:500\$000.

-- Pois então, colega, os fatos estão indicando o seu programa; aconselhe a esta gente que faça medas abundantemente em suas fazendas — para forragem sêca; que preparem silos subterrâneos e plantem *cactus* para obterem forragem aquosa.

— Tenho aqui notas para um trabalho que pretendo publicar sôbre a cultura das cactaceas, informou-me o diretor. Ei-las: — As cactaceas do gênero *Opuntia* produzem, nos climas considerados mais propícios, de vinte a trinta quilos de forragem por planta, em dois anos; no Ceará encontrei o clima tão favorável a essa cultura, que, como se pode verificar, sôbre 100 plantas, 70 produziram 190 quilos de palmas cada uma, dentro de 2 anos, deixando ainda grande quantidade de palmas boas para reprodução. O clima do Ceará, quero dizer, o clima das zonas criadoras do Nordeste, é o mais indicado para esta cultura e não há clima no mundo mais favorável. As nossas experiências o demonstraram. (40)

Porque, então, essas "zonas criadoras", já não estão cobertas de "*opuntia*"?

Percorrendo o Norte do País, notei que há um máu aproveitamento do auxílio que a União dispensava àquela região. A malfadada política penetrava em tudo, inutilizando esforços que poderiam redundar em benefícios seguros para o povo. Aparelhos, máquinas para a perfuração de poços e construção de açudes, encontravam-se completamente abandonados, comidos pela ferrugem.

É muito comum fato como êste: chega uma comissão a favor disto ou contra aquilo, numa vila ou cidade

---

(40) Este trabalho foi publicado mais tarde, em 1917, na "Revista Agrícola" de Fio de Janeiro.

nortista: nos primeiros dias, há grande animação e troca de visitas; os jornais dão longas e esperançosas notícias. Agora, sim! desta vez a coisa vai mesmo! O maquinário sai das caixas e vai para o campo. A instalação é quase sempre mal feita, porque os funcionários, com raras exceções, não têm competência: são afilhados de político da terra, ou daqueles que estão com assento nas casas do Congresso. Há um simulacro de trabalho. De repente, sem o povo saber porque, tudo pára. Começam as conjeturas: falta de verba? Pois o Governo não sabe que patriótica comissão está no campo de ação? É o chefe que precisa dar andamento aos papéis na Delegacia Fiscal? Enfim, com desapontamento de todos, a comissão que desejava trabalhar em benefício do Brasil, arruma as malas e bate em retirada. Lá ficam as máquinas abandonadas, sofrendo a ação da intempérie, como prova eloquente de que mais um esforço foi perdido.

Na agricultura dá-se o mesmo, ou pior; mas é preciso que se diga que a culpa, em grande parte, cabe à burocracia de certo Ministério, que deveria ser puramente prático, e não o é. Instala-se um horto florestal, por exemplo: (41) muitas máquinas e funcionários. Se o diretor não tem muito entusiasmo, deixa-se lá ficar até, que o horto sofra uma reforma, ou seja extinto no ano seguinte por falta de verba, sem nada ter produzido. Quando ao contrário, o diretor se interessa, tem que lutar, sobretudo, com a falta de verba na Delegacia Fiscal, que, às vezes, não tem dinheiro para fazer os devidos pagamentos, ou, quando o tem, aguarda aviso do Rio de Janeiro, que muito custa a chegar. A oportunidade,

---

(41) Interessante coincidência: seis anos depois que formulei este exemplo, em artigo publicado na "Revista do Brasil" de Monteiro Lobato, era eu nomeado Diretor do Serviço Florestal do Brasil, repartição creada no Governo do Presidente dr. Artur Bernardes, sendo Ministro da Agricultura o dr. Miguel Calmon.

em agricultura, como em outras coisas de vida, é duma importância capital. Alguém já definiu assim: "A oportunidade, hoje, é um fruto sazonado, ótimo para ser comido; amanhã, estará podre e não prestará mais". O pior de tudo, em agricultura, é que, perdido o momento próprio a uma atividade agrícola, perde-se o ano inteiro. Se a semente, o adubo ou o inseticida, não chegam a tempo, o fracasso é irremediável. Como resultado final, vem a completa descrença da parte do povo, por tudo quanto cheira a serviço do Governo.

Os funcionários que andam pelo interior do Brasil, quantas vezes têm que ouvir ditos maliciosos dos que estão burlando da ação do Governo Federal.

Nêste particular, quero referir aquí o que se passou a bordo do "Brasil" na minha primeira viagem para o Norte, em 1913. Numa roda de pessoas que conversavam, e da qual eu fazia parte, o Comandante do navio desancava o Ministério da Agricultura.

— Para que servem os hortos florestais? E por que o Governo está gastando tanto dinheiro com isso? Isso não dá resultado nenhum — continuava a dizer, com entusiasmo crescente, o digno Comandante, vendo que todos o escutavam atentamente.

— É verdade, senhor comandante — retruquei-lhe, irônico. V. Excia. tem muita razão. Os hortos florestais não valem nada, e nem mesmo podem valer, pois uma repartição federal, que se deveria interessar pelo progresso de nossa Pátria, que tem homens como V. Excia, que se mostram indignados pelo desperdício do dinheiro público — o Loide Brasileiro, traz a bordo dum seu navio (e aponte, indicando o lugar) umas caixas de mudas de essências florestais que o Horto Botânico do Rio de Janeiro produziu, gastando muito dinheiro, justamente no pior ponto, junto à chaminé, e até agora não receberam uma só gota d'água, a não ser da sal-

gada, pela manhã, quando a maruja faz a baldeação. E por isso que nada dá resultado em nossa terra. O grupo que escutava essa palestra, lançava um olhar às mudas de eucaliptos, e um silêncio, um tanto prolongado, parece que veio dar razão às aninhas palavras. E a conversa terminou.

O problema capital para o Nordeste, como vimos no decorrer deste capítulo, é o combate às sêcas. Dois esforços devem ser conjugados para sua solução definitiva: ciência agrícola e engenharia hidráulica. A agricultura precisa apontar o que necessita da hidráulica, e esta, prontamente, executará o trabalho. Para que o resultado seja satisfatório e positivo, é preciso que haja perfeita entrosagem desses dois elementos. Muita coisa já foi feita, mas sem os resultados almejados. Construíram-se açudes colossais, como o "Açude do Cedro", e muitos hortos florestais foram instalados, visando resolver o problema das sêcas. Lembro-me de dois: o Horto Florestal do Joazeiro, na Baía, e o Horto Florestal de Quixadá, no Ceará, de que falei.

Nos grandes problemas nacionais, como o da seca no Norte do País, devem ser coordenados todos os esforços. É uma questão de harmonia: numa orquestra, cada músico toca um instrumento diferente; no entanto, o conjunto é harmonioso. Porque, em se tratando de assunto técnico, não se procede com o mesmo critério? As forças desconexas, ao invés de produzirem um trabalho proveitoso, estabelecem o caos.

O Ministério da Viação quis resolver o problema das sêcas, sozinho, (é aqui que pega o carro) quando o deveria ter feito em colaboração com o Ministério da Agricultura. O primeiro realizaria as obras hidráulicas — açudes e poços onde o segundo indicasse; isto é, em termos, pois os fatores naturais, como topografia, águas de fontes, rios e riachos e lençóis d'água, são importantíssimos. Sempre, porém, que se puderem aliar esses

fatores aos da terra arável, às condições agrícolas, o resultado será ótimo.

O "Açude do Cedro" encheu-me o coração de tristeza. Grandes obras de arte, grande volume d'água represada, água correndo como um ribeirão por terrenos baldios, sem ser aproveitada naquele inferno da sêca.

— E essas terras, planas, incultas — perguntei aos fazendeiros aflitos, da farmácia — porque não são irrigadas?

— O senhor não conhece o que se passa por aqui. Tudo pertence aos figurões da política dominante, (sempre a política dominante!) que estão à espera que nós façamos alguma coisa para valorizá-las.

— Mas haveria um ótimo remédio: tornar os terrenos irrigáveis (42) e assim, todos seriam obrigados a aproveitar as terras a jusante do açude.

— Quem poderá impôr tal medida? Além disso, pelo menos aqui, em Quixadá, os terrenos molhados com água do açude ficam salitrosos.

— Para essas coisas a ciência agrônômica tem remédio. Na América do Norte dá-se o mesmo em certas regiões dos vales do Arizona. As terras de cultura chegam a ficar com uma camada esbranquiçada de salitre, e, no entanto, todos os anos, os campos se cobrem de verdes culturas.

— Ah! Isso é lá na América do Norte!

— E porque não poderá ser feito o mesmo aqui? O nosso grande mal é não termos confianças em nós mesmos; é julgarmo-nos sempre um País jovem e que não pode andar com as suas próprias pernas. Seja o exem-

---

(42) Nos Estados Unidos da América do Norte, os terrenos irrigáveis pagam uma taxa de irrigação, quer sejam utilizados ou não.

plo frisante dos norte-americanos um incentivo para o nosso trabalho ininterrupto, na porfia do bem estar material e moral.

E assim terminou a nossa conversa. Despedi-me de todos com muita simpatia, e nunca mais os ví. Fazendeiros imprevidentes, ou melhor — sem iniciativa, por falta de conhecimentos adequados.

Infelizmente o papel que os açudes representam não é aquele para que foram construídos. No rigôr da sêca, os habitantes das zonas mais castigadas pelo flagelo da falta d'água emigram para os açudes e se instalam em tôrno dêle; ali, pescam, lavam roupa e fazem tudo. Enfim, aquela água represada, de tal maneira a poluem, que o líquido precioso se transforma em veículo de moléstias infecciosas, que, de mãos dadas com a sêca, vão fazer tombar sem vida aqueles corpos de pauperados.

Em Quixadá, para nós do Sul, há uma curiosidade que nos chama a atenção, por não ocorrer aqui: no meio de uma praça está situado um pequeno edifício com banheiros para o povo, franqueados gratuitamente. Só não anda limpo, quem não quer. Creio que não haverá ninguém nessas condições por aqui. De um modo geral, o brasileiro não dispensa o banho diário. O brasileiro do Norte, porém, ainda é mais "aquático", pois às vezes, quando faz muito calor, toma dois banhos por dia — de manhã e à tarde.

Apanhei uma forte gripe que me reteve alguns dias na cama. Restabelecido, ou melhor, em franca convalescença, rumei para Fortaleza, onde passei uma semana deliciosa no confortável lar do Desembargador Dr. João Firmino. Todas as noites, as reuniões se transformavam em agradáveis tertúlias lítero-musicais. Fazia-se música e recitavam-se poesias. Foi para mim um verdadeiro refrigério d'alma. Tive, assim, a oportunidade

de apreciar e admirar a beleza e inteligência das moças cearenses, que representam com muita galhardia os encantos da mulher nortista.

O Dr. João Firmino e sua virtuosa esposa — Dona Nenê — foram incansáveis em gentilezas, e tudo fizeram para que eu não me sentisse estranho naquele venturoso lar. Ia deixar saudosos a terra ensolarada de José de Alencar.

No primeiro vapor do Loide que passou para o Sul, seguí viagem com destino ao Rio de Janeiro, sem que se desvanecesse da minha mente o espetáculo decepcionante do não aproveitamento adequado do grande, do magestoso "Açúde do Cedro". (43)

---

(43) "Açúde do Cedro" — a barragem principal está no rio Sítio. Para fechar o vale, construíram-se 5 barragens. A altura da barragem principal é de 15,5 m. A capacidade da represa é de 137.500.000 m<sup>3</sup>. Há 14,50 km. de canais e 44 km. de valetas. Custou o açúde, com rede de irrigação (esta parte, quase não aproveitada) Rs. 4.800.000\$000 (4.800.000,00 cruzeiros). Está situado a seis quilômetros da cidade de Quixadá.



## CAPÍTULO IV

*Um ministro que lê e comenta os relatórios — Nomeação para a Estação Experimental de Algodão em Coroatá — Viagem a S. Paulo e visita ao Butantã — Um adeus à família e, mais uma vez, rumo ao Norte. Vaso de guerra inglês inspeciona o navio "Olinda" — Palpites sobre a guerra de 1914 — Bairrismos em ação — Porque Campos Sales não atendeu os retirantes para a Amazônia — Chegada a S. Luiz — "Olhe o tubarão, patrão!" — Atenas ou "apenas" brasileira — "Onde canta o sabiá" e o filólogo Otoniel Mota... A navegabilidade do Rio Itapicuru — Crítica à via férrea em construção — Coroatá sede da Estação Experimental — Insetos daninhos ao algodoeiros e entomófagos — Festa de S. João — Os pulos e os parentescos à fogueira — Bumba meu boi! — A caminho de Terezina.*

DE novo no Rio de Janeiro. Depois de saber notícias de minha família, em São Paulo, e matar as saudades com os amigos do Rio, fui visitar o Ministério da Agricultura, na Práia Vermelha. Era Ministro o notável político brasileiro — Dr. Pandiá Calógeras — o estadista capaz, pelo seu talento invulgar, de ocupar qualquer das pastas ministeriais, inclusive a presidência da República, segundo justo conceito do eminente historiador pátrio, Capistrano de Abreu.

Num dos corredores do magestoso edifício do Ministério, encontrei-me com o Professor Vincente Diretor, na ocasião, do Posto Zootécnico de Pinheiros (hoje Pinheiral). Comprimentamo-nos, e êle, entregando-me um maço de papeis datilografados, visivelmente satisfeito, disse-me:

— Veja, colega, agora temos um Ministro que lê os nossos relatórios. Repare bem, — está todo anotado.

— O Ministério, e nós, os funcionários, estamos de parabens, respondi.

Êste fato me impressionou vivamente. A tarde inteira, não me saíu do pensamento, e, à noite comentei-o com o meu velho e querido amigo Dr. João B. Silveira Mello, na casa de quem estava hospedado. Todos *una voce*: é caso virgem. Foi um fator decisivo na resolução que deveria tomar, pois barco parado não ganha frete.

Duas forças de sentido contrário atuavam no meu espírito: uma — queria que eu voltasse para São Paulo, ao seio de minha família, onde certamente me faltaria trabalho; a outra — indicava-me o norte — cada vez maior na minha simpatia, no desejo de colaborar nos grandes problemas próprios daquela região, porém com ressonâncias verdadeiramente nacionais.

No dia seguinte ao meu encontro com o Professor Vincent, reuní algumas separatas de trabalhos meus e resolvi mandá-las ao Ministério da Agricultura — ao Ministro que lia os relatórios dos seus diretores.

Passando pela Avenida Rio Branco, entrei na redação da "Brasil Agrícola", (44) onde encontrei, à mesa da chefia, o meu bom amigo Dr. João C. Cabral, prestigioso político piauiense.

---

(44) A "Brasil Agrícola" era propriedade do Dr. João Cabral e do meu saudoso colega José Fonseca Ferreira.

— Bom dia, Cabral amigo — fui dizendo e sentando-me.

— Bom dia. Você madruga. Que há?

— Em primeiro lugar quero uma caneta e tinteiro. Vou escrever uma dedicatória nestas separatas.

— A quem?

— Ao Ministro da Agricultura.

— Você vai perder o seu tempo e o seu latim.

— Não faz mal. Ao menos o Ministro ficará sabendo que há, aqui no Rio, um agrônomo, com trabalhos publicados, que está batendo pernas no asfalto.

Contei-lhe a história do relatório do Professor Vincent. O Calógeras era diferente; era um homem de grande valôr e, por isso, sabia reconhecer o esforço alheio, embora pequeno. O meu amigo Cabral, cuja nota primordial de carater era o otimismo, já estava, mais ou menos, de acôrdo com o meu gesto.

— Por falar em relatório — acrescenta o Dr. Cabral — Você leu nos jornais os comentários ao relatório do Ministro?

— Lí e gostei, principalmente daquela frase lapidar: “O Ministério da Agricultura é a práia onde aportam os naufragos das outras profissões”... referindo-se, naturalmente, aos profissionais estranhos à Agricultura.

Terminei as dedicatórias: “Ao Dr. Pandiá Calógeras, homenagem do autor.” Isto feito, tomei o bonde “Práia Vermelha”, e pessoalmente entreguei os meus trabalhos ao Secretário do Ministro, declarando que, à rua São Cristovão, 61, estava às ordens de Sua Excelência. 48 horas depois, recebi um telefonema chamando-me ao Ministério. Fui apresentado ao grande Pandiá Calógeras.

— Lí seus trabalhos. Vou nomeá-lo para a Estação Experimental de Algodão de Coroatá, no Maranhão. Aceita?

— Com muito prazer e honra, Senhor Ministro — respondi meio comovido, não só por estar na presença de ilustre homem, como pela rápida solução do caso. Fico-lhe muito grato.

— O senhor não tem nada que me agradecer, pois tenho a certeza de que o Ministério se beneficiará com a sua colaboração.

Saí radiante. Era tal o meu contentamento, que não esperei o bonde, e fui andando, andando, alegre e distraído, pela praia, até a do Botafogo. Não era para menos: ouvir o que ouvi, dêsse homem ilustre, ingressar no Ministério, na mesma ocasião em que se fazia um grande expurgo no pessoal técnico, era, em verdade, uma grande honra para mim, jovem agrônomo no começo da carreira profissional. (45)

\* \* \*

Antes de embarcar para o Maranhão, fui a São Paulo passar uns dias com minha família. Aproveitava, sempre, as estadas na Paulicéia para visitar meus amigos do Butantã, e aconselhar-me com o mestre querido — Dr. Vital Brasil.

Do Butantã saía com os alforques cheios de medicamentos destinados à distribuição gratuita aos pobres que encontrava pelos sertões do Norte. É uma calamidade a falta de recursos médicos daquela gente infeliz. Quantas vezes, ao passar, a cavalo, nas imediações de u'a morada, uma figura esquelética de mulher, suplicava: "Uma meizinha, dotô! Uma meizinha, dotô!" Ainda com essa súplica nos ouvidos, pedia, ao mestre remédios e instruções para a devida aplicação.

---

(45) Peço a quem lêr estas linhas que me perdoe esta referência pessoal a que fui levado, mais para realçar o caráter desse grande brasileiro, que em vida se chamou Pandiá Calógeras, do que pôr em evidência a minha humilde pessoa.

Ao Dr. João Florêncio entregava a coleção de cobras que havia capturado. Recebia como um presente régio.

Eu não chegava para as encomendas. A hora do almoço se prolongava, pois todos queriam saber as novidades do Norte.

Aprontei-me para seguir viagem. Desta vez, uma nota triste sombreou a despedida. Meu avô, com 86 anos de idade, não mais se levantava do leito, impossibilitado de andar, pelo reumatismo. Contudo, o estado geral parecia bom: voz forte, olhar firme e muita disposição para lêr. Havia-se enjoado do cigarro, êle que fôra um fumador inveterado.

— Bem, Vovô, preciso partir — partir — e inclinei-me para abraçá-lo.

— Dá-me teus braços, meu filho. Quanto tempo demorarás?

— Seis meses, mais ou menos, se Deus quiser, Vovô.

— Então — disse-me serenamente — até à eternidade.

— Não diga isso, Vovô. O Senhor ainda está forte, não me deixe triste.

— Não tenho ilusões. Vá com Deus.

Mal pude esconder as lágrimas. Partí, e nunca mais nos vimos.

No Rio de Janeiro, se não me engano, tomei o vapor "Olinda" do Lóide Brasileiro. Ao meio-dia, mais uma vez, dizia "até a volta" à linda Guanabara. No dia seguinte, ao deixarmos Vitória, perto dos Abrolhos, avistamos um navio de guerra inglês — tratava-se, provavelmente, do "Glasgow." Estávamos em meados de 1915. Houve uma troca de sinais. O nosso navio parou, e do inglês partiu um escalér. Foi arreada a escada e um oficial e mais dois ou três marinheiros, subiram a bordo. Na sala do comando conferenciaram ofi-

ciais brasileiros e ingleses. O que se passou, nós, os passageiros, não soubemos. Acompanhados pelo Comandante do nosso navio, os marujos ingleses retiraram-se, depois da troca de amistosas saudações. Quando o escalér largou, o oficial inglês, de pé, perfilado, com as pontas dos dedos da mão direita ao quepe, uma salva de palmas se fez ouvir: éramos nós, os passageiros, todos a bombordo, aglomerados no tombadilho, a desejar boa fortuna àqueles lobos do mar. E o navio reiniciou a marcha rumo à Baía. E a maior etapa da viagem: dois dias, sem vêr costa. Antes da chegada a Salvador, avista-se, ao longe, como que emergido do mar, o célebre — Monte Pascoal — primeiro ponto da Terra de Santa Cruz, avistado pelo ilustre descobridor lusitano

O assunto principal, durante o trecho de Vitória a Baía, foi a visita do navio de guerra inglês, e consequentemente — a guerra. Muito embora o Brasil não tivesse ainda entrado na guerra, quase todos éramos aliadófilos. Na roda, tomava parte nas digressões, um senhor louro, falando bem o português, mas com um “erre” que mal encobria a sua nacionalidade verdadeira. Quando soubemos a notícia da entrada da Itália na guerra ao lado dos aliados a roda exultou. “Agora sim! A guerra está ganha!” No entanto, êle opinava ao contrário: “Para a Alemanha, era vantajosa a atitude da Itália”. Eu, cá com os meus botões: “Este moço não pode deixar de ser alemão. Fui a êle, sem preâmbulos, e o interpelei. Era, de fato, alemão. Era um senhor educado, com o qual se podia discutir, mesmo discordando de suas idéias.

Um têma forçado, durante as viagens costeiras, é a política entre nortistas e sulistas.

Os paulistas, então, comem fogo; os irmãos do Norte não lhes dão tréguas: “São Paulo é o “enfant gatê” do Govêrno Federal; tudo para a Terra do Café e nada

para o Norte desvalido! Esquecem que a Amazônia canalizou ouro estrangeiro para o Brasil". Enfim — mil e uma coisas, que o paulista procura justificar. O fato de a presidência não sair das mãos do homem do sul, é um espinho na carne do nortista. Em suma: a eterna disputa dos bairros. Isto me lembra aquele episódio, também em viagem, narrado por Garret nas "Viagens na minha terra", à proa d'um pequeno barco, entre campinos e ilhéus. Diz o campino:

— A fôrça é que se fala: um homem do campo que se deita alí à cernelha de um toiro, que uma companhia inteira de varinos lhe não pegava, com perdão dos senhores, pelo rabo!...

Responde o ilhéu:

— "Então, agora como é de fôrça, quero eu saber, e êstes senhores, (Garrett e seus companheiros que os escutavam) que digam, qual é que tem mais fôrça, se é um toiro ou se é o mar!?"

E acrescentou:

"Pois nós, que brigamos com o mar, oito e dez dias a fio, numa tormenta, d'Aveiro a Lisbôa, e êstes que brigam uma tarde com um toiro, qual é que tem mais fôrça?"

Assim estávamos nós; os do Norte a atacar os do Sul — ou melhor — o do Sul, porque eu estava só procurando defender São Paulo, Estado que era mais visado.

Um cearense exaltado exclamava:

— Quando Campos Sales era presidente da República, uma séca impiedosa assolava o nordeste. As lavas de retirantes começavam a mover-se. A Amazônia precisava de braços nos seringais. Os cearenses pediam — vejam bem! Pediam, tão sômente, passagens gratuitas, e o Govêrno negou — concluiu triunfante.

— O amigo está, naturalmente, esquecido do mais importante: Campos Sales negou passagens para o Amazonas, mas ofereceu-as para sua terra — São Paulo, onde um clima bom, salúbre, e trabalho remunerador esperavam os nortistas — respondi-lhe, não menos triunfante.

De um lado, o Norte insalubre, pestilento, como um “Moloc” gigantesco, de fauces escancaradas, à espera das futuras vítimas, (e citei o “Paraoára” de Rodolfo Teófilo); de outro lado, o Sul — Éden, onde o progresso floria.

— Então, — pergunta, perdendo a calma: O cearense não tem o direito de morrer onde bem entende?

— Não tem. Para isso temos Governo. Governar quer dizer: dirigir, reger, conduzir etc. O Chefe do Governo, como um pai, deve conduzir o seu povo ao bom caminho; se alguém quer desviar-se, é de sua obrigação chamá-lo à razão. O gesto do notável estadista Campos Sales veio, mais uma vez, demonstrar que nós não somos bairristas. Achamos São Paulo tão bom, que desejamos que todos os brasileiros participem das dádivas do seu solo generoso e das bênçãos de seu clima salúbre e ameno. A atitude paternal de Campos Sales assemelha-se à do Divino Nazareno, dirigindo-se aos atribulados: “Vinde a mim, ó vós que estais cansados, e Eu vos aliviarei.”

Um cardume de peixes voadores chamou a atenção de todos, e a roda se desfez. Os peixes voavam com tal desembaraço, que alguns caíam no convés do navio. Este fato, até certo ponto, parece que vem contrariar o estabelecido na evolução das espécies. O peixe saiu da água nadando ou voando? O segredos da natureza, as suas incógnitas são numerosas, como as estrélas do firmamento!...



Décimo dia de viagem: São Luís, Capital do Estado do Maranhão, estava à vista.

O navio ancorou ao largo, pois no Maranhão não há porto de atracação. Felizmente, estava terminada a viagem marítima, sem nenhuma nota menos agradável, não levando à conta de coisa desagradável o desembarque em Fortaleza. Enquanto estávamos reunindo a bagagem, (nêsse tempo não havia passaporte!) os catraieiros, com seus barquinhos a vela, aproximavam-se do nosso navio, a gritar:

— Patrão! Olhe a “Moça Bonita”, tá aquí, às ordens; olhe o “Veleiro”, o “Corta Água”, o “Veloz”, patrão!

Escolhi o que estava mais perto, queria saltar em terra firme, quanto antes. Recomendações constantes dos catraieiros:

— Olhe o tubarão, patrão! Aquí, a mão; fique firme — olhe, o tubarão!

As baleeiras não atracavam, ficando alguns metros distantes da rampa. Os passageiros eram carregados nos braços possantes dos catraieiros. Não tive dúvida e nem outro remédio. Lá fui eu carregado, como se fôsse um menino.

Subi a rampa. Praça arborizada, com ficus “educados” pela tesoura do jardineiro, em forma de umbela. À esquerda de quem chega está o Palácio do Governo e, ao fundo da praça, a Catedral; à direita, o Hotel Central, o melhor da cidade, no qual me hospedei.

Depois do jantar, fiz um pequeno passeio até a Praça “João Lisbôa”, centro comercial da cidade. O calor insuportável tirou-me todo o desejo de continuar; voltei ao hotel. Aí me informaram que lá pelas 22 horas a temperatura seria amenizada pelo alísio que sopra do sul. A janela do meu quarto creio que no 2.º andar, dava para a Praça do Palácio, de onde se avistava

o mar. Abrindo-a completamente, deitei-me na rêde inteiramente despido. Não demorou muito, o almejado vento balançava as cortinas do mosquitoeiro. Fiquei contente, mas foi um contentamento só de 50%, pois o lado de meu corpo, batido pela brisa, estava enxuto, e o outro, que não recebia a ação direta do vento, gotejava como vela de filtro. De vez em quando, eu dava meia volta. E assim passei minha primeira noite em São Luís do Maranhão.

No dia seguinte tratei de conhecer a cidade. Tomei um bondinho puxado a burros e fui até a Praça Gonçalves Dias, antigo Largo dos Remédios. Este logradouro público é notável pelo magnífico horizonte que dêle se descortina: parte da cidade, porto e baía.

A praça é toda arborizada com palmeiras imperiais, e no centro há uma coluna de mármore branco, imitando o estipe de palmeira, com a estátua do cantor dos Timbiras no tôpo. Sentei-me num banco. Contemplei embevecido o quadro tão cheio de poesia — poesia que invadiu todo o meu ser. Tive a impressão de que o inspirado vate se sentia feliz no meio das palmeiras. Mas, ainda maior deveria ser a sua dita se as palmeiras fôsem palmeiras “babaçú” entre as quais êle nasceu e cresceu — “as palmeiras onde canta o sabiá”; as palmeiras da sua grande saudade, aquelas que êle desejava vêr, mais uma vez, antes da partida dêste mundo. (46)

---

(46) O meu prezado amigo e notável filólogo, Prof. Otoniel Mota, um dia, para descansar de suas investigações filológicas, recitou mentalmente, mais uma vez, a “Canção do Exílio”:

*“Minha terra, tem palmeiras  
Onde canta o sabiá;  
As aves que aquí gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.”*

“Gonçalves D’as está enganado, disse mais ou menos assim, o sabiá não canta na palmeira; sabiá é pássaro do mato ou de pomares; que é que êle vai fazer nas palmeiras? Não. Sabiá não canta na palmeira.” O engano do meu querido

Na Capital do Maranhão — São Luís — ha, como em Salvador, a cidade alta e a baixa. Esta é constituída somente pelo bairro comercial, isto é, por estabelecimentos atacadistas, mais ligados ao serviço de cabotagem. As ruas, como as de tôda cidade colonial, são estreitas: as que dão acesso à parte baixa são muito íngremes, e até de trânsito difícil para os pedestres. A Capital do Maranhão é banhada pelos rios Bacanga e Anil, cujas margens estão cobertas da palmeira *juçara* — *Euterpe edulis* Mart. conhecida no Pará por *açai*.

São Luís goza de grande fama cultural. Apelidaram-na “Atenas brasileira”. Mas, pelo que pude observar nos meios mais conspícuos da sociedade, há muito pessimismo sôbre homens e coisas maranhenses. Ouvia, constantemente, esta expressão melancólica: “São Luís não é mais a Atenas brasileira, é “apenas brasileira.” Para se fazer idéia exata do espírito negativista de certa esfera social do Maranhão, vou contar o seguinte episódio: — Conversava eu numa roda de amigos, na Praça “João Lisbôa”, quando apareceram os fiscaes da Prefeitura ao encaço de cachorros que perambulavam pelas ruas da cidade. Um dos componentes da roda, cavalheiro respeitável por vários títulos, pertencente a uma das mais distintas famílias maranhenses, alto, elegante, bar-

---

amigo, vem disto: se é que, também, não estou enganado: aqui no Sul — São Paulo, terra em que nasceu e sempre morou, não há palmeirais vastos e homogêneos: em compensação, há florestas frondosas, cheias de árvores de frutas apeteçadas pelos sabiás. No Norte — Maranhão principalmente, em Caxias, à margem do rio Itapicurú, cujo vale é um pindobal quase que homogêneo, se os sabiás maranhenses não cantarem em palmeiras, terão muito trabalho para arranjar outra essência florestal para soltar seu melancólico cântico. No Jardim Botânico do Rio de Janeiro, sede do Serviço Florestal, quando eu exercia as funções de Diretor daquela importante Repartição, observei, perto da minha residência, sabiás nidificando no tronco de palmeiras, no ângulo formado pela estipe e o resto do pecíolo das folhas que já haviam caído. E quantas vezes o macho, de peito vermelho, abanando a cauda, cantava, ao pôr do sol, ou aos primeiros albores da madrugada!

ba andó — Dr. S. V., apontando para um cão que recebera certa laçada no pescoço, disse: — “Estão prendendo, para os matar, os únicos habitantes dignos desta terra.” Todos riram, menos eu. O que ouvia, era mais para chorar, do que para rir. Não concordo com os senhores desalentados, (às vezes êsses estados mórbidos são produtos da politicalha) pois tive a oportunidade de travar conhecimento com uma elite digna de admiração e respeito. E, para justificar estas minhas palavras, basta lembrar os nomes de homens notáveis que a “Atenas brasileira” tem enviado para a Capital da República.

Os navios que sobem o rio Itapicurú, saem do porto de São Luís, geralmente, às 2 horas da madrugada, a fim de aproveitar a maré alta na cachoeira. Logo à saída “o Gaiola tem que se vêr” na passagem do Boqueirão — canaí sempre revólto — cuja navegação é difícil e perigosa, constituindo o espantallo dos viajantes; às vezes, o mar está de tal modo agitado, que chega a arrebentar as amarras que ligam as barcas de reboque ao naviozinho. Êste joga tanto, que os passageiros deitados nas redes, precisam segurar-se fortemente aos punhos delas, para não serem lançados ao assoalho do tombadilho, ou, talvez, ao mar. Não posso compreender como não se têm dado accidentes fatais nesse lugar, pois as embarcações são frágeis e o mar bravio. Ao singrar, à noite, as baías de São Marcos e São José, contempla-se um espetáculo interessante: a quilha do navio corta a água, e esta, ao abrir-se, como a crina de um corcél branco, em disparada, torna-se toda luminosa, devido à presença de miríades de micro-organismos fosforescentes. Depois de singrar essas baías, o navio passa pelo Canal dos Mosquitos e marcha em demanda de Rosário, primeira cidade continental maranhense, que se encontra à margem esquerda do rio. Antes de Rosário, próximo a Cachoeira que o viajante não nota porque a maré a encobre, exis-

te, entre grossas árvores, uma guarita, cuja construção, dizem ser feita pelos franceses quando estes se apossaram da ilha em que fundaram a cidade de São Luís, hoje Capital do Maranhão.

Em Rosário já se está no verdadeiro leito do Itapicurú. Apesar da grande distância da foz, ainda é notável a influência das marés. Até onde estas chegam, notam-se nas margens dos rios as esbeltas palmeiras juçaras, cujos frutos são comestíveis e muito apreciados pelos habitantes da região.

O rio Itapicurú presta-se perfeitamente à navegação. Os navios que cursam o trecho entre São Luís e Caxias, assemelham-se ao tipo dos navios grandes do rio Parnaíba. De Caxias para cima, o rio é navegado por pequenas lanchas a remo e varejão. Sua largura que em média pode ter uns 40 metros, é muito regular; da vila de Itapicurú para baixo, até Rosário, alarga-se mais. Para se ter idéia da grande influência das marés, basta notar que elas se fazem sentir até à vila de Itapicurú — um dia de viagem, rio acima, de Rosário.

Rigorosamente falando, o rio não tem canal, pois êle próprio é um perfeito canal — o prático não tem senão que dirigir o navio pelo meio da corrente e evitar algumas “coroas” de areia ou árvores caídas. As Companhias, tanto do rio Parnaíba, como do rio Itapicurú, não tomam o mínimo interêsse pela boa navegabilidade dos rios. Pouco se lhes dá que o rio esteja limpo, ou sujo — (como se a sua prosperidade não dependesse disso). Parece incrível!

Com um pouco de cuidado e método, com uma turma que se encarregasse de retirar os páus que caem no leito do rio e uma drága para desfazer as “coroas”, o Itapicurú ofereceria uma navegação perfeita. Infelizmente, as Companhias, embora êste descaso lhes custe uma fortuna, não entendem assim, não querem vêr o que salta

aos olhos do homem medianamente inteligente e objetivo. Vejamos como se processa o fenômeno da obstrução do rio: um morador ribeirinho faz uma "vazante" (uma roça à beira do rio, na barranca) e as árvores cortadas que tombam na água, aí ficam, e formam coivaras enormes, onde os navios batem, rompendo o casco ou rebentando as rodas. Se uma enchente providencial não carregasse esses entulhos, aí ficam, causando estragos, cujos reparos consomem verbas muitas vezes superiores às que seriam necessárias à manutenção da limpeza do rio. Os prejuízos não se limitam, tão somente, às avarias dos navios; atingem, de um modo geral, a própria navegabilidade fluvial. Nos remansos formados pelas coivaras, a areia vai-se depositando até constituir uma "coroa" ou, então, forma simplesmente baixios, em que os navios encalham e levam, às vezes, dois ou três dias para safar-se. Ora, como barco parado não ganha frente, está claro que o navio encalhado, além do gasto com a alimentação dos passageiros e tripulação, acrescido do salário destes últimos perde estupidamente um tempo que é dinheiro. A tripulação de um "Gaiola" consta de um comandante, um imediato, três maquinistas e outros tantos foguistas, uns oito marinheiros, um cozinheiro, um despenseiro e o seu pequeno ajudante; este último exerce também as funções de copeiro. Ia-me esquecendo de falar da figura mais importante, depois do Comandante — o prático — a quem se dá o título de "Mestre". O "Mestre" — cabôclo envelhecido nas lides dos barcos que sobem e descem o rio — vai diante do leme, sentado num tamborete, dando indicação com a mão estendida, pendendo ora para a direita, ora para a esquerda, e a cujos movimentos o marujo faz girar a roda do leme, fazendo o "bicho" pender para o lado que o "Mestre" indica. Quando o navio encalha, é ainda ao "Mestre" que compete dirigir o trabalho, que demanda esforço e perícia. Se o encalhe

se dá na subida — “rio acima” — êle ordena marcha a ré, e o navio põe-se a nado. Então, manda uma turma de marinheiros, quase sempre pretos ou curibocas, fortes e musculosos, tripulando um bote, para verificar o ponto mais fundo, pelo qual o vapor poderá passar. Um embarcadoio, munido de uma vara dividida em palmos, (o sistema métrico-decimal ainda não penetrara por essas bandas) vai tomando a medida da profundidade da água, e, em voz alta, anuncia: “três palmos...” “quatro palmos...” O “Mestre”, com os olhos fitos no bote, e os ouvidos atentos ao marujo, acompanha a sondagem do rio em busca de uma passagem. Se, de todo, o rio não dá calado suficiente para o navio, não há outro remédio, senão avançar para o lugar menos raso, e, com toda a fôrça da máquina, tentar transpôr o baixio. Quando a camada de areia a ser rasgada não é muito grossa, o navio consegue abrir caminho e continua a marcha; se, ao contrário, tem muita areia na prôa, encalha. Começa o martírio da tripulação e dos passageiros. Ninguém sabe quanto tempo durará. O “Mestre”, afeito àquele contratempo, saboreia uma xícara de tiquira, com certa fleuma, e dá suas primeiras ordens: manda amarrar o cabo de aço do guincho no tronco de uma árvore, na barranca do rio; caso não haja árvore forte ou o navio esteja longe das margens, manda prender uma âncora na ponta do cabo, e, com o auxílio do bote, os marinheiros deitam ferro além do banco de areia; determina que uma turma de sapadores, dentro d’água, na direção em que o navio deverá forçar a passagem, draguem, quanto possível, o canal. Isto feito, o “Mestre” manda pôr as máquinas a tôda fôrça e o guincho, por sua vez, funciona, deixando escapar vapor por todas as juntas, estridentemente, vai enrolando o cabo no cilindro, e assim, obrigando o navio a avançar, abrindo caminho com a quilha, como se fôsse

um arado sulcando o solo. Depois do cabo todo enrolado, e se ainda o "Gaiola" não acabou de transpôr o obstáculo, o "Mestre" manda dar outra "espiada" — os marinheiros, transpirando por todos os poros, luzidios como fôcas, com o bote deitam o "ferro" outra vez, mais além, e, assun, por diante, até o navio passar de todo o "sêco". As árvores, onde se amarra o cabo, se não são bem enraizadas, são arrancadas, e tombam no rio, transformando-se mais tarde, em novos obstáculos à navegação. Com o constante roçar pela areia, o navio, em pouco tempo, fica com as chapas do fundo estragadas, o que, às vezes, não deixa de ser perigoso.

Todo êste trabalho ocorre no verão, quando o rio está baixo; no inverno, desde que êle "tome água", a navegação é franca: não se dá nem uma "espiada" com os cabos, o guincho repousa enferrujado, a tripulação descansa e se diverte, dirigindo chalaças às lavadeiras semi-núas, à beira do rio, por onde vão passando, e os passageiros, de refle em punho, matando jacarés que estão preguiçosamente estirados na lama. Quando o rio está muito cheio e as águas correm com velocidade, o "Gaiola", "apanha", isto é, não consegue sair do lugar, embora as máquinas estejam funcionando a todo vapor: o navio não pode vencer a correnteza. Mais uma vez, fica confirmada a velha verdade: os extremos se tocam.

Descendo o rio, observa-se um fato curioso: olhando-se para o barranco, vê-se abaixar o nível das águas. É que estas são puxadas para trás, pelas pás das rodas do navio. Se há um pequeno encalhe, a água que foi assim represada, desce, elevando o nível do rio, mais ou menos de um palmo, e faz o barco transpôr o "sêco", quando o encalhe, naturalmente, se dá "de cabeça abaixo": se, porém, o "repiquete" não põe o navio imediatamente a nado, isso quer dizer que se trata de um encalhe sério, que dará muito trabalho e aborrecimentos.



As viagens fluviais são pitorescas e interessantes para os amantes da natureza, mas os tais encalhes — essa nova forma de suplício que os chinêses não imaginaram, e que jamais dão a certeza de término da viagem — são capazes de fazer perder a paciência a um santo. Se se pergunta ao Comandante enquanto se é calouro — qual o dia da chegada, êle responde invariavelmente: “não sei... talvez lá pelo dia tal”. Alta escola de paciência e resignação: saber esperar sem se afligir!

Subindo, o vapor viaja sem parar a noite tôda. No melhor do sono, o navio encalha num banco de areia. Não há perigo, mas o barulho que a maruja faz é tamanho, durante o serviço, que não há cristão que consiga pregar os olhos — mas cristãos do Sul, bem entendido, porque os do Norte já estão acostumados com essa balbúrdia. Como não há bem que sempre dure e nem mal que se não acabe, a gente termina por se amoldar à nova situação, e, apesar de tudo e de todos, o sono termina vencendo.

Ao avistar a localidade ou porto em que o navio vai encostar, para receber passageiros, ou tomar lenha, o “Mestre”, empunhando a manivêla, ordena: “devagar”. O navio lentamente se aproxima da barranca; quando a prôa bate no ponto de desembarque, um marinheiro, só de calças e tronco nú, salta em terra, com um cabo, e depois de amarrá-lo numa árvore grossa ou mourão, para êsse fim ali colocado, grita: ála! ála!” As máquinas param de funcionar, e o Comandante ordena: “pranchal”. É uma táboa de uns 5 metros de comprimento por 0,30 centímetros de largura e 0,03 cms. de grossura — é a ponte que liga o navio à terra. Os passageiros saltam para espalhecer um pouco e comprar algumas frutas, enquanto os marinheiros, com um saco de estopa na cabeça, conduzem feixes de lenha, como formiga carregando

gravetos para o formigueiro. Na ponta da prancha, um carvoeiro, com uma táboa furada e dois pinos, vai contando as lascas de lenha que entram.

À noite, quando os moradores ribeirinhos querem tomar o vapor, fazem uma fogueira à beira do rio, ou então, agitam uma pequena lanterna, afim de que o "Mestre" mande encostar.

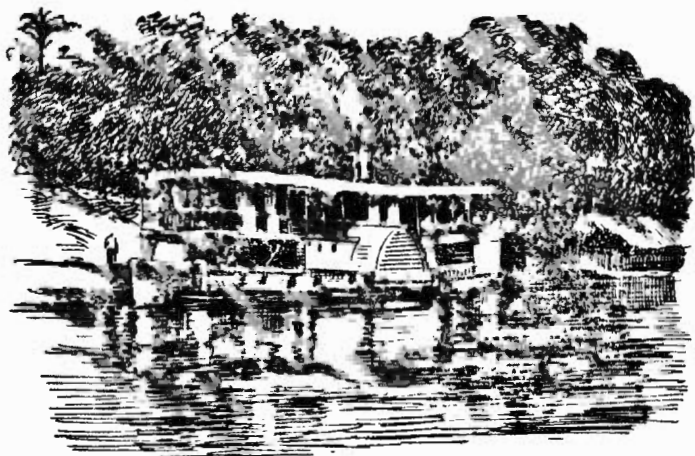
Quando dois navios passam um pelo outro, a marinagem se rejubila, cumprimentando-se em altas vozes; alguns, fazendo uso de um telégrafo e sinais especiais, transmitem mensagens pitorescas, que, embora eu as soubesse traduzir com certeza, não as poderia transcrever aqui... Só se ouvem gargalhadas de parte a parte. E num momento os navios desaparecem na primeira curva do rio. E assim, com poucas alterações, descem-se ou sobem-se os rios, na insopitável ânsia de chegar: "vexada" a gente, por se vêr livre do "Gaiola". (47)

• • •

Depois de uns cinco dias de viagem, cheguei, finalmente, a Coroatá, cidade situada à margem esquerda do rio Itapicurú. Em Coroatá está instalada a séde da "Estação Experimental do Algodão", onde eu iria atuar na Secção de Biologia. A minha incumbência era estudar as pragas do algodoeiro e os meios de combatê-las.

---

(47) Os rios Itapicurú e Mearim, os dois no Maranhão, são muito piscosos. Infelizmente, entre os peixes que mais abundam, figura a terrível piranha, (família dos Caracínidos e gêneros: *Pygocentrus* e *Serrasalmus*) que é o espantallo da população ribeirinha. As mulheres, para poderem lavar roupa, sem perigo, fazem um cercado à beira d'água, de tal maneira, que as vorazes não possam entrar para atacá-las. Contou-me o Comandante Serra, do vapor "Santo Antônio", que, subindo o r.o Mearim, rompeu-se um cabo que prendia um rebóque. O marinheiro que foi amarrar novamente a barca desprendida, fê-lo com tanto azar, que caiu n'água. As piranhas o atacaram com tal violência e rapidez, que não houve tempo para salvá-lo!



“Gatola”

Antes de mais nada, quero dar uma idéia da cidade de Coroatá. Consta de poucas ruas e uma praça propriamente dita, no centro da qual se ergue a igreja principal; as outras praças são devidas aos claros abertos nos terrenos sem edificações; a rua principal corre paralela ao rio e atravessa a praça do porto e a da Matriz; há outra paralela a esta, porém sem a mesma importância; as ruas transversais são curtas, porque a cidade tem a forma de faixa, acompanhando o rio. A séde da “Estação Experimental do Algodão” fica na rua principal, com frente para o rio. O comércio limita-se a algumas lojas de sírios, que compram por preços ínfimos o que os tabaréis trazem de suas roças, e revendem por preços exorbitantes aos moradores da cidade. E’ original o tratamento mútuo que se dispensam êsses dois elementos, aparentemente amigos, mas, na realidade, antagonicos: — compadre. Para todo “chapéu de couro” (perífrase popular que designa o homem do

campo), os negociantes sírios libanêses ou turcos, são compadre, e, para êstes, todo tabaréu também é compadre. Na troca de compadresco, sempre o matuto leva a pior.

A indústria é quase inexistente. Só conheci a engenhoca do Leopoldo. Os produtos principais eram: tiquira — aguardente de mandiôca — e rapadura.

As ruas arenosas, sem calçamento de espécie alguma, dificultavam o trânsito dos pedestres. Aliás, esta deficiência era comum à maioria das cidades e vilas ribeirinhas, quer do Maranhão, quer do Piauí. A iluminação pública era quase irrisória — constava de alguns lampiões de querosene, de longe em longe, fincados nas esquinas das ruas. Acendiam-se às 19 horas e apagavam-se às 21,30 horas. Quem quisesse fazer uma visita mais demorada, ou precisasse sair de casa, tinha que se munir de um lampião portátil. As noites de luar eram noites de festa. “Que pena, esta história da lua ter fases minguantes e crescentes. Deveria ser a substituta efetiva do sol: o astro-rei nos iluminaria constantemente: de dia com os seus raios diretos e à noite refletidos pela lua”. Todos êstes pensamentos acodiam ao cérebro da gente, nas noites tenebrosamente escuras de Coroatá. (48)

As vias de comunicação cifravam-se no rio, que era a principal, e em caminho para animais de montaria e carga. Não ví outros veículos, a não serem as carroças pertencentes à nossa “Estação”.

Por falar em vias de comunicação, preciso dizer que os futuros moradores dessas paragens seriam beneficiados pelas vantagens e comodidades de uma ferrovia. Estava sendo construída a estrada de ferro que ligaria São Luís a Caxias. Desta cidade a Flores, ligan-

(48) Coroatá, croá, caroá, gravatá — são alterações do vocábulo — caraguatá, nome dado a várias plantas da família das Bromeliáceas.

do os rios Parnaíba e Itapicurú, já existia trafegando, há muito tempo, uma ferrovia. Assim teremos as capitais do Maranhão e Piauí ligadas por estrada de ferro.

Um bem nunca é completo, sempre há qualquer coisa que empana a perfeição. Quantas vezes uma linda tora de perobeira tem uma trinca que a desmerece e o diamante, uma jaça que o desvaloriza! A estrada de ferro que ligaria Coroatá a outros centros estava nessas condições. Dizem os críticos que o primeiro plano locou a estrada no "divorcium acquareum" dos vales dos rios Mearim e Itapicurú: a estrada passaria pelo espigão. As obras de arte seriam mínimas, e duas regiões receberiam os benefícios desse poderoso elemento de progresso. Uma firma belga executaria o trabalho pela importância, se não me engano, de 25 mil contos. Mudança completa: segundo plano — a estrada acompanharia o rio Itapicurú, e, em vez de ser entregue a construção a uma firma estrangeira, a obra seria feita por administração, mediante uma percentagem sobre os gastos. A empresa contratante sub-empregou com diversas pessoas amigas da "situação" os trabalhos da construção — cortes, aterros, obras de arte e assentamento de trilhos. Foi um banquete pantagruélico, em que uma legião de lázaros poderia tomar indigestão. Diziam — isso vai por conta das más línguas — que o custo da construção foi 5 vezes mais do que havia sido proposto para o primeiro plano. O que nunca pude compreender, foi o método de trabalho seguido pela empresa construtora. Os serviços estavam sendo executados em diversos pontos distantes um do outro: São Luís, na ilha, Rosário, Coroatá, Codó e Caxias. Em todos estavam prontos trechos da estrada, com suas respectivas estações, porém com enormes soluções de continuidade que impossibilitavam o tráfego de trens de lastro. Creio que o mais elementar bom senso planejaria o seguinte: a estrada deveria ser iniciada em São

Luís, e, á medida que as pontas dos trilhos fossem avançando, todo o material seria transportado pelos trens de lastro: a propria estrada supriria as necessidades de transporte, tão difícil na região. Pois fez-se justamente o contrário: a construção da estrada foi começada em vários pontos distantes em todo seu futuro percurso; para transporte do material, a empresa mandou construir um naviozinho adequado à navegação fluvial — fundo chato. Contudo, não escapava de encalhar nos bancos de areia e levar “toda a vida” para ir de São Luís a Caxias. Além de tudo isso, não foram feitas inquirições e estudos para evitar as enchentes do rio Itapicurú. Os fatos confirmavam esta asserção: — mal o rio transbordava, as águas cobriam os trechos da estrada já prontos. (49).

De tudo o que acabo de dizer, os entendidos que tirem as devidas e acertadas conclusões. São frutos da época, dirão os mais cordatos, aqueles que têm sempre nos lábios uma palavra de benevolência para desculpar os erros do próximo.. Estou de acôrdo. Há outros que acreditam que o Brasil progride à noite, enquanto dormimos — assim, nossas falhas e nossos erros são anulados. Não estou de acôrdo. Creio na capacidade de trabalho e de inteligência do nosso povo, apto para os

---

(49) Em fins de 1921, na qualidade de Superintendente do Serviço de Sementeras do Ministério da Agricultura, fui ao Maranhão para escolher terras onde deveria ser instalado um campo de seleção de sementes, e tive a oportunidade de estrear a estrada em aprego. Partí da estação inicial, em São Luís. Logo adiante, no estreito do Mosquito, fiz baldeação, em canoa, para o outro lado. A ponte que deveria ligar a ilha ao continente, ainda não estava pronta. O trecho até Rosário era plano e coberto de palmeiras *babaçú*. Era uma riqueza inexplorada. O trem andava (não posso empregar o verbo — correr) tão devagar, que a um rapaz mais ou menos ligeiro, seria possível saltar, colher um côco no chão e apanhar o trem, não muito distante. Pernoite em Coroatá, e no outro dia, à tarde, cheguei a Caxias. Apesar disso — viva o progresso! A estrada está incrementando o desenvolvimento da região por onde passa. Coroatá melhorou bastante; já tem hotel, isto é, uma casa de um sírio, em que se paga a comida e a dormida.

maiores cometimentos e das realizações mais elevadas -- característica de um povo civilizado. Vou deixar a estrada de ferro em paz, pois não sou engenheiro fiscal e nada tenho que vêr com o que a emprêsa fez ou deixou de fazer.

Nos primeiros dias de julho de 1915, organizei, em casa próxima da séde da "Estação", o meu laboratório de entomologia, que, ao mesmo tempo, era também a minha residência. Isto feito, iniciei os meus estudos no algodoad. Este constava de diversos talhões bem plantados e cultivados com as variedades das duas espécies -- arbóreo e herbácea. As novidades, para mim, que me chamaram imediatamente a atenção, foram os algodões "mocó" de fibra longa, nativo do Rio Grande do Norte e a de côr cáqui. O algodoeiro "mocó" é arboreo, perêne, isto é, vegeta e produz capulhos durante alguns anos. Sua fibra é muito valorizada, pois o valor comercial da fibra do algodoeiro está na razão direta do comprimento da mesma. Infelizmente, para a nossa cultura algodoeira, o "mocó" é arboreo, e êste fato representa um grande inconveniente do ponto de vista agrícola-econômico. Sendo, como é, o algodoeiro, um vegetal muito atacado por insetos e moléstias criptogâmicas, torna-se difícil o seu combate em algodoad arboreo, ao passo que o algodão herbáceo, anual, facilita, pela sua pequena duração, o completo expurgo das terras, assim como se torna possível uma rotação de culturas, de acôrdo com a técnica agronômica. Não é à-tôa que o nosso caboclo diz: "Quando Deus dá a farinha, o diabo leva o saco."

Mas, em verdade, não é esta minha missão precípua, pois o que me trouxe às plagas maranhenses foi a tarefa especial de estudar as pragas algodoeiras e meios de combatê-las. Portanto, não perderei tempo nem pouparei esforços, para dar conta do recado, e assim, o espero "se a tanto me ajudar o engenho e arte".

As plantações de algodão foram realizadas sob a direção do meu ilustrado colega William W. Coelho de Souza, Chefe da Secção Agronômica da "Estação". Os trabalhos executados por este meu colega, que se transformou no pioneiro da cultura algodoeira nacional, honrariam qualquer estabelecimento técnico-científico dos países mais adiantados em práticas agrícolas.

O algodão dividido em talhões, perfeitamente distintos conforme as espécies e híbridos, facilitou a orientação dos meus estudos. Seria fácil verificar quais as espécies mais sensíveis às diversas pragas e quais as mais resistentes. De início pude metodizar o meu trabalho de pesquisa entomológica.

Um fato estranho me chamou a atenção: algodoeiros belos, de vegetação exuberante, tombavam ao mais leve soprar do vento. Examinei as plantas caídas, e lá no cólo, onde o caule termina e as raízes começam, vi as galerias das minúsculas larvas de pequenos coleópteros, seccionando o pé de algodão. O entomólogo, como o general que vai dirigir uma batalha, precisa conhecer o lado fraco do inimigo. Torna-se, então, necessário, estudar a biologia do inseto, para atacá-lo nos seus pontos vulneráveis. Enquanto eu estudava a vida do inseto, do ovo ao imago ou inseto adulto, enviava ao meu prezado amigo — o sábio entomólogo brasileiro Prof. Costa Lima, o material indispensável ao estudo da classificação do pequeno coleóptero, sem o que não é possível fazer um trabalho completo. E' preciso dar nome aos bois.

O cientista que se dedica à entomologia agrícola é forçado a recorrer aos conhecimentos especializados de outros colegas, no que diz respeito à sistemática, isto é, identificação ou classificação dos insetos. Estes estudos estão de tal maneira desenvolvidos e especializados, que, numa só família, há especialistas que empregam todo o seu tempo no conhecimento de um único gênero.



Outra praga também me chamou a atenção — é constituída por coleópteros, cujos adultos comem as folhas do algodoeiro, deixando-as completamente rendilhadas. (50) Para se fazer justa idéia do malefício destes bichinhos, basta lembrar que as fôlhas são o laboratório em que se prepara a assimilação dos elementos de que se nutre o vegetal; é pela clorofila — parte verde da planta, que se processa o fenômeno clorofiliano, isto é: durante o dia a planta desprende o oxigênio e retém o carbono, e à noite dá-se o contrário: retém o oxigênio e desprende o carbono. Daí, o ter-se aconselhado que se não devem conservar plantas ornamentais em ambiente confinado, de dormitórios; por outro lado, os higienistas apregoam as excelências dos passeios matinaes, por entre prados e montes verdejantes. Isto posto, que é que acontecerá a um vegetal, cujas partes verdes sejam eliminadas? Certamente morrerá. E' o que

---

(50) Em relação a este inseto, cuja biologia foi por mim estudada, pela primeira vez, tenho o prazer de consignar aqui, que, mais tarde, em 1937, o grande entomólogo brasileiro, Prof. Costa Lima, verificou que se tratava de uma nova espécie, ainda não identificada, portanto. Classificando-a, aquele cientista teve a gentileza de dedicar-me a nova espécie, denominando-a: "*Melinophora Iglesiasi*" (Um novo "Eumolpídeo", inimigo do algodoeiro — "Coleóptera — Chrysomelóidea — Pelo Dr. A. da Costa Lima). Considerando esta homenagem muito honrosa para mim e uma grata recompensa às provações por que passei, longe da família, ao realizar o estudo dos insetos nocivos e dos úteis ao algodoeiro, peço vênias, a quem lêr estas linhas, para transcrever a carta que me enviou o Prof. Costa Lima, sobre o inseto em apreço: "Manguinhos, 13 de abril de 1937. Meu Caro Iglésias: ontem à noite, recebi, trazido pelo Reigener, o teu cartão de 9 de março! Muito obrigado. Não te admires da homenagem simples, mas sincera, de ter ligado o teu nome ao inseto que foi por ti estudado, pela primeira vez, no Brasil. Fê-lo, como teu amigo, principalmente para relembrar a fase do teu passado, em que escreveste tão interessantes artigos sobre os insetos. O artigo que lêste, foi transcrito do original publicado no "O Campo". Ainda não te remeti, porque não me deram os respectivos separados. Recebe um saudoso e apertado abraço do velho amigo, (a) Costa Lima." Aqui e para que fique sempre consignado, deixo ao meu bom amigo Costa Lima, os meus agradecimentos e o testemunho da minha grande admiração, pelo seu profundo conhecimento da entomologia brasileira, que lhe dá, sem favor algum, o direito de ser chamado — sábio, na verdadeira acepção da palavra.

está sucedendo aos algodoeiros atacados pelos vorazes besourinhos, a que o meu nome foi ligado, em virtude de uma homenagem que muito me sensibilizou, por ter partido de quem partiu — Dr. Costa Lima.

Como já disse, para se combater o inimigo, é preciso conhecê-lo o ponto vulnerável. Isto feito, elege-se o instrumento de ataque, que pode ser: químico, físico ou biológico. Para uma vitória completa, às vezes, é necessário conjugação de todos êles. Vamos ver a natureza desses instrumentos: a) químicos — tóxicos, que atuam por ingestão, ou contacto; b) físicos — lâmpadas que atraem os insetos, para que se precipitem no reservatório de água, adrede preparado; ventilação desidratante, ar quente, impróprio à vida de inseto etc.; c) biológicos — emprego dos inimigos naturais, constituídos por mamíferos, aves e insetos. Entre todos, os mais úteis, pela sua eficiência, no caso em questão, são encontrados, justamente, no meio dos próprios insetos. Como a natureza é estranha! Ou, melhor, como ela é sábia! Dá ao inimigo a mesma aparência da sua possível vítima, para maior eficácia do ataque. Nesta ordem de fatos, que de maravilhas, que de argúcias, que de soléncias, são praticadas, na luta pela vida! Quem já não observou nas paredes de sua residência, aquela pequena aranha, esparramada, colada à superfície em que se movimenta, a espreitar a môsca descuidada, na sua "toilette" esfregando as patas, ou com sua tromba, sugando os detritos orgânicos? A aranha, de longe, se coloca em atitude de ataque. Se o espaço que medeia entre as duas criaturas é muito grande, a esperta aranha, sorratamente, procura esconder-se no ângulo da porta, ou da janela, na quina da parede, e vai-se aproxi-

---

(51) As aranhas não pertencem à ordem dos insetos, mas sim, à dos araquinídeos, que se caracterizam por possuírem 4 pares de patas.

mando, devagarinho, cauta, até que, rápida como uma flecha, cáí sobre a môsca, segurando-a com as fortes mandíbulas. E o himenóptero, o terrível inimigo das aranhas, estudado pelo célebre entomologista Fabre? Aquí, o feitiço vira contra o feitiçeiro: as aranhas é que são as vítimas. Este vespídio não se alimenta diretamente da aranha que caça. Esta é destinada à alimentação da sua prole. Vamos ver como êle procede. Quando esta enorme vespa azul, de um bonito azul irisado, avista uma aranha que lhe serve, geralmente das grandes, esvoaça sobre o araquinídeo, passando de vez em quando, próximo do mesmo, ora de um lado, ora de outro; a aranha, intimidada, pára, sem ousar defender-se; nisto, a vespa levanta vôo, e, como um dardo, se precipita sobre a presa, ferindo-a com o seu aguilhão venenoso, no centro nervoso da locomoção; a aranha encolhe as pernas e fica imóvel, à mercê do seu algoz. Então, a vespa, não sem muita dificuldade, devído ao tamanho da vítima, a conduz ao esconderijo; põe os ovos sobre a aranha, e esta imóvel, mas com vida, servirá de alimento às futuras larvas do habilidoso vespídio. É preciso confessar que a natureza dificultou muito a perpetuação da espécie dêste himenóptero. (52) Este fato tem servido de argumento contra a evolução das espécies. Dizem os contrários à doutrina de Darwin, ou melhor, perguntam como criava êste vespídio suas larvas, antes de aperfeiçoar-se na prática de ferir a aranha no centro nervoso, imobilizando-a? Como chegou êle a fazer tal descoberta? (53)

(52) *Psammocharidae Pepsis spp.*

(53) A natureza tem dessas coisas: no momento em que o "radar" abre possibilidades para a comunicação interplanetária; quando a força atômica é posta a serviço do homem, êste não pode responder às perguntas acima formuladas; não pode desvendar o mistério da vida de um simples, quase desprezível inseto. O homem, no orgulho da sua sede de saber e vaidade dos conhecimentos adquiridos, lembra a crençice popular sobre a beleza do pavão. Dizem que essa linda e majestosa ave, no

Mistério. Confesso que não posso explicar este fato, à luz dos atuais conhecimentos. Somos forçados a acreditar num poder onisciente, e concluir com o illustre vate luso:

“E para crer num braço autor de tudo,  
Quo recompensa os bons, e que os maus castiga,  
Não só da fé mas da razão me ajudo.”

As observações e estudos dos insetos entomófagos, insetos que se alimentam de outros insetos, esclareceram-me por que certas e determinadas pragas não se transformam em insuperável obstáculo à agricultura. Os insetos, o atacado e o atacante, descrevem uma linha sinuosa, estabelecendo o que se chama em entomologia, equilíbrio natural. Procurei explicar com outras palavras este fenômeno biológico: a larva da mosca do mediterrâneo — *Ceratitis capitata* — é atacada por um pequeno himenóptero. Pois bem: havendo aumento da mosca, aumenta, também, seu pequeno hóspede e o aumento deste chega a um ponto que o desenvolvimento daquela pára e começa a decrescer. Com a diminuição das larvas, conseqüentemente, diminuem os himenópteros, até um momento em que a mosca torna a se multiplicar novamente, e assim por diante. Este aumento e diminuição, ora do atacado, ora do atacante, é que determina o equilíbrio natural, impossibilitando o extermínio da praga. Isto só se consegue por meios artificiais, provocando o crescimento do inseto entomófago. Vou parar aqui com estas considerações, para não fugir à finalidade precípua deste livro.

Depois de uma semana de residência em Coroatá eu já estava relacionado com os melhores elementos, as famílias mais distintas da cidade. As localidades

---

momento em que baixa os olhos e vê seus escamosos pés, sente-se humilhada e fecha a rica plumagem da cauda aberta em leque. Assim, o bípede, “sabe tudo” é incapaz de responder à pergunta insignificante, que um insignificante inseto lhe faz.

pequenas apresentam êste contraste singular: por um lado, muito ciosa do bom nome de suas coisas; por outro, braços abertos para receber o forasteiro. Isto não exclui a rivalidade genérica das vilas ou cidades, que se julgam ou querem ser iguais.

Coroatá — com a devida vênia dos meus novos amigos — é menos desenvolvida do que Codó, cidade também à margem esquerda do rio Itapicurú. As moças de Codó são recebidas com muita reserva, por parte do belo sexo coatense. Comentários como êste, ouvem-se por toda parte: “Fingindo que não sabem andar na areia”... como coisa que as ruas de lá (de lá é Codó) são calçadas com diamantes... pois sim! Vestidos como êsses aqui tem prá estruí. Tomara que esperem até domingo e verão na hora da missa.” E por toda parte é a mesma coisa. Quem não sabe que o paulista arruma os viadutos nas ventas dos cariocas e estes desabam o Pão de Açúcar e o Corcovado no cocoruto do paulista? É emulação benfazeja, ânsia incontida de alcançar a perfeição.

Estávamos no mês de junho, mês consagrado pela tradição às ruidosas homenagens que o povo, na sua simplicidade, tributa a Sant'Antônio, São João e São Pedro. Os “fogos” começavam, como em toda parte da nossa terra, na primeira semana, atingindo ao delírio nas vésperas de São João e terminavam no fim do mês. São Pedro, embora também muito festejado, já envolvia um começo de saudade pelas festas populares que estavam no ocaso. Tive oportunidade de ver o tão decantado “Bumba meu boi”. Aliás, êste costume popular também foi comum no sul, no interior do Estado de São Paulo. Mas no Norte êle se conservava intacto e barulhento. Não descreverei com minúcias o “Bumba meu boi”, porque é assunto já tratado magistralmente por literatos nortistas, que, naturalmente,

não só sentiam prazer nos folguedos como também tomaram parte neles. Limitar-me-ei a um ligeiro bosquejo para dar uma pequena idéia ao leitor que, por acaso, não conheça a brincadeira:

Em um boi, confeccionado de pano e devidamente pintado, colocam um crâneo verdadeiro, com guainpas e tudo; dois rapazes, metidos em calças pintadas da mesma côr do boi, colocam-se no seu interior: um adiante e outro atrás. Está pronto o boi. Agora é tocar para a folia, folia que, às vezes, não é muito agradável nem para os transeuntes, nem para os que integram o boi. Este investe, como se estivesse numa praça de touros, contra todos os que encontra à sua passagem e alcance; os foliões, que o acompanham, receosos, aos lados, atacam-no com bombas barulhentas e buscapés furiosos. Há momentos em que as investidas do boi e os ataques dos circunstantes constituem um espetáculo violento, ao meigo São João e ao paternal São Pedro. Para amenizar a refrega, nos instantes de tréguas, os cantadores entôam louvoures aos santos, e o boi dança. E assim, pinoteando endiabradamente, infatigavelmente, para diante e para trás, para um lado e outro, por vezes quase desarticulando-se: o trem posterior para uma banda e a cabeça para outra, investindo à direita e à esquerda, em furiosos corcóvos, bombardeado por baixo e por cima, rodeado por incendiários buscapés, que só por milagre não o reduzem as cinzas, vai o "Bumba meu boi" pelas ruas e praças de Coroaá, quebrando o silêncio da pacata povoação da beira do caudaloso Itapicurú.

Agora vamos às fogueiras. Estas iluminam os namoros, — o amôr tímido, o amôr encoberto —, dão lugar a manifestação da fé e prestam-se à realização de atos diversos. Quando a fogueira vai ao fim e se transforma em reverberante braseiro, há pessoas que,

movidas pela fé, passam, pés descalços, pisando sobre as brasas sem se queimarem. A princípio julguei que esse fato era possível em virtude da sola do pé ficar endurecida pelo hábito de andar descalço; mas, a bem da verdade, declaro que vi indivíduos tirarem os sapatos e em seguida passarem sobre as brasas crepitantes. Dizem que não sentem dor. Examinei-lhes os pés e não vi sinal de queimaduras. Se há artifício, não pude perceber.

Pular a fogueira foi para mim a parte melhor e mais original das festas joaninas. Nessa ocasião efetuam-se noivados, casamentos, batizados e fazem-se laços de parentescos ou simples motivos de amizade e bem-querer.

Como os distritos paroquiais são muito extensos e as moradas ficam longe umas das outras, o pároco passa muito tempo sem se avistar com todos os paroquianos. Se isso se dá com os pastores de almas, o que não será em relação ao elemento civil, do qual o tabaréu tem uma certa desconfiança? A impressão que o caboclo tem é de que o governo só se aproxima dele para arrecadar. Diante das dificuldades apontadas, os matutos resolvem a coisa de um modo expedito. A fogueira de São João é o seu altar: ali se casam e batizam os filhos. Quando o padre passa na "*desobriga*" regulariza a situação: casa os pais e batiza os filhos novamente.

Vou procurar descrever a cerimônia, tal e qual tive o prazer de presenciar muitas vezes.

Quando as chamas da fogueira estão atenuadas e os troncos de pau transformados em brasa, começa o ritual. Os candidatos a casamento, a compadres, a parentescos diversos, afilhados etc., aproximam-se da fogueira, ficando um em frente ao outro; e, com o máxi-

mo respeito, recitam os seguintes dizeres, ou, melhor, fazem o seguinte juramento:

“Juro por São João, São Pedro, São Paulo, por São Tiago, São Felipe e por todos os santos da Côrte do Céu, que Fulano é meu marido... (e o homem, por sua vez diz: “fulana é minha mulher”). Repetem êste juramento três vezes, mudando de lugar em cruz. Ao terminar, cumprimentam-se, apertando as mãos: “meu marido”, “minha mulher”, ou “meu compadre”; “minha comadre”; “minha prima”; “meu primo”. Há também uma prova de amizade muito gentil, e que de certo modo envolve um princípio igualitário e íntimo: dar a alguém o tratamento de “minha qualidade”. Esta expressão se refere mais à côr do indivíduo. Vem uma cabôcla, e, com muchôcho, pergunta a um pobre mortal: “Voce quer ser “minha qualidade”? Resistir quem há-de? Poucos minutos depois o juramento é praticado à luz cálida da fogueira. Não deixa de ser muito interessante êste costume popular.

A noite de São João ainda nem bem havia entrado pela madrugada, e eu já era primo das moças mais bonitas da terra. Uma dentre elas, moreninha e tímida, cândida e modesta, mal podendo fitar-me com seus lindos olhos negros, sombreados por longos e espessos cílios, disse-me, com voz quase imperceptível:

— Eu quero ser sua avozinha...

— Minha avozinha? — perguntei admirado!

— Sim. E’ isso mesmo.

Juramos sôbre a fogueira de São João, e daquele dia em diante sempre lhe dei tratamento respeitoso e carinhoso ao mesmo tempo — Avozinha!

Há outra modalidade ou variante de juramento:

“São João dormiu, São Pedro acordou — Fulano é meu compadre, que São João mandou.”



Quanta poesia nisto tudo! Quanta flor bonita nesses recônditos sertões da terra brasileira!

De Coroaá comuniquei-me por carta com o meu prezado amigo Dr. Agenor Augusto de Miranda, em Terezina, capital do Piauí. Ele estava projetando uma longa viagem através do Piauí, a cavalo, e convidou-me para ser seu companheiro. A idéia de percorrer o sertão ao lado de um grande engenheiro, companheiro de jornadas sertanejas do ínclito brasileiro — General Candido Mariano da Silva Rondon, sorriu-me de modo especial. Respondi aceitando o convite. Além do mais — seria ótima oportunidade para alargar meus estudos e observações sobre as pragas do algodoeiro; teria ocasião de ver muito algodoeiro arbóreo, crescendo abandonado, ao Deus-dará, atacado por muitos insetos daninhos — conhecidos uns e desconhecidos outros. O desconhecido, ver o que não foi ainda visto, estudar o que se ignora, é a doce voluptia do homem de ciência, é um forte incentivo que o faz marchar para a frente, não medindo sacrifícios, e às vezes até desprezando a própria vida.

Arrumei o que deveria ficar, tomando as necessárias providências para que minha ausência não perturbasse muito os meus trabalhos. A bagagem para a viagem a cavalo, deveria ser a mais reduzida possível: algumas mudas de roupas, cadernos de notas e lapis, um bom revolver e um facão de mato, terçado, como aqui se diz.

O meu amigo Agenor de Miranda, experimentado sertanista, construtor das mais importantes linhas telegráficas através dos sertões pátrios, havia marcado o início da viagem para os primeiros dias do mês de julho, pois o inverno, quando as estações são regulares, começa em meados de setembro, e não seria nada agra-

dável ajuntar aos incômodos próprios das caminhadas em lombo de animais, os inconvenientes das chuvas.

Essa questão de inverno em setembro precisa ser explicada: para os nortistas só há duas estações: verão e inverno; aquele compreende os meses da sêca e êste os meses chuvosos; portanto, o inverno no Norte é a estação das chuvas. Quando o povo diz: "Este ano não tivemos inverno", é porque faltou chuva.

No dia 5 de julho parti para Terezina, onde me aguardava o futuro companheiro de jornada. De Co-roatá até Caxias, com pernoite em Codó, viajei num pequeno tróle impulsionado a varejão, por especial ob-séquio do Dr. Câmara, engenheiro Chefe da ferrovia em construção. O percurso foi feito com relativa rapidez. Nos trechos planos os quatro "cossacos", como são aqui chamados os trabalhadores de estradas de ferro — um em cada ângulo do vagonete, de tal maneira o impeliam, que chegamos a alcançar a velocidade de 50 quilómetros a hora. Eu, sentado na minha bagagem, ia contemplando a natureza. As terras, embora bastante arenosas, são de regular fertilidade, principalmente nas partes mais próximas do rio. A vegetação é abundante, predominando as palmáceas, e entre estas a palmeira babaçú. Nas partes mais altas aparecem os campos com sua flora característica, repleta de palmeiras pequenas e de caule subterrâneo, e ramalhudos e verde-antes pequizeiros. (54) Os frutos desta preciosa essência produzem um óleo nutritivo.

---

(54) Pequizeiro ou Pequi — árvore da família das Carlocaráceas — *Caryocar brasiliensis* Camb.

(55) O subsolo dêste município estava sendo estudado pelo Serviço Geológico do Ministério da Agricultura, sob a direção do sábio geólogo Gonzaga de Campos. O encarregado das pesquisas geo-físicas, engenheiro Loeffgren, filho do notável botânico do mesmo nome, foi vitimado pelo impudismo. Perdeu a engenharia nacional um técnico de valôr. Creio que pode ser considerado a primeira vítima do petróleo no Brasil.

À tardinha cheguei a Codó, hospedando-me na residência do Dr. Câmara. Codó (55), como já disse, fica à margem esquerda do rio Itapicurú. Cidade maior do que Coroatá, seu comércio, na quase totalidade, está entregue a sírios e libaneses. As ruas, sem calçamento, são mais ou menos retangulares, iluminação a lampião de querosene.

No dia seguinte, no mesmo veículo, continuei viagem para Caxias. O aspecto florístico é igual ao observado no dia anterior, pois a estrada, com pequenos desvios, corre sempre nas proximidades do rio.

Cheguei a Caxias, terra de Gonçalves Dias e Coelho Neto! Confesso que era grande a minha curiosidade por conhecer a terra que foi berço d'esses dois expoentes da literatura brasileira. Solicitei, no mesmo dia da chegada, que me indicassem as casas em que haviam nascido tão ilustres brasileiros. A do poeta da "Canção do Exílio", que eu decorara criança, não souberam dizer-me onde ficava, mas a do autor "A Conquista" lá estava, baixinha, de longo beiral, triste, como se tivesse saudades de alguém que à sua porta brincara descuidado sem adivinhar a trajetória brilhante de sua vida. Os meus olhos percorreram a rua inteira, e me diziam: Por estas calçadas passou também Gonçalves Dias, brincou, correu como todas as crianças brincam e correm... talvez nestas mesmas pedras que meus pés neste instante roçam. O som de uma voz convidando-me a entrar na casa de Coelho Neto, interrompeu aquela íntima contemplação do passado, despertou-me do êxtase.

Informado de que ainda existia numa antiga tipografia o prélo que imprimiu as primeiras poesias de Gonçalves Dias, não resisti à tentação de vê-lo. A alma me caiu aos pés: o velho prélo, ou melhor, a velha prensa de madeira que lembrava o primitivo tipo fa-

bricado por Guttenberg, jazia no fundo do quintal, meio submersa pelas águas do Itapicurú! Como era possível aquele crime? Por que motivo aquele objeto precioso não estava recolhido a um museu, para admiração da posteridade? Aquele pouco caso era um atestado negativo de cultura maranhense. Lembrei às pessoas que me acompanhavam a necessidade urgente de salvar a prensa de Gonçalves Dias. Se não lhes interessava, eu solicitaria permissão para enviá-la ao Museu Nacional, no meu regresso.

Caxias é a segunda cidade do Maranhão. As ruas são calçadas com pedras arredondadas; a superfície, em vez de ser convexa, como a generalidade das ruas de outras cidades, é côncava, de sorte que, quando chove, as águas correm pelo meio como se fôsse um riacho. O calçamento data do Segundo Império, que o mandou executar para dar serviço aos flagelados pela sêca — o eterno problema.

A cidade é tipicamente colonial, não só pelo estilo das casas, como também pelo material da construção, todo importado de Portugal. Vê muitas casas com as fachadas revestidas de lindos azulejos portugueses.

Quem diz Caxias, não pode deixar de ter em mente a figura excelsa do soldado ímpar, da glória das glórias da nossa Pátria — soldado e cidadão, que seria invulgar em qualquer parte do mundo onde nascesse — o ínclito brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva.

O calor, em Caxias, é asfíxiante, perfeitamente comparável ao de Terezina. Estávamos nos primeiros dias de julho, mês frio no sul do País; no entanto, aqui, nem à noite a canícula arrefecia.

A cidade está situada à margem direita do rio. À esquerda, fica o bairro chamado Trizidela, cortado por um riacho de água limpa e fresca, onde os habitantes do local tomavam agradável banho.

O tempourgia: não podia demorar-me mais. Na volta da viagem ao sertão piauiense, demorar-me-ia uma ou duas semanas para melhor conhecer a cidade e seus arredores.

Tomei a estrada de ferro que liga os vales dos rios Itapicurú e Parnaíba, isto é — Caxias a Flores; desta pequena cidade maranhense avista-se Terezina, capital do Piauí. A estrada atravessa uma região, em que predominam os campos. A flora era característica: palmeiras pequenas, tucuns, cajueiros e piquí. As terras dos campos só podiam ser aproveitadas para florestamento e pastagens. Naquela época esta última era a sua única serventia. Na Estação Cristino Cruz situada no local chamado Engenho D'Água, as terras eram férteis e notei capões de babaçus, carnaúbas e buritizeiros. A propriedade agrícola do local pertencia ao notável piauiense que dá o nome à Estação. O engenho de açúcar produzia 10.000 sacas por ano e a secção pecuária era representada por mais de 1.000 cabeças de gado vacum.

Atravessei o majestoso Parnaíba numa canôa. Na barranca do rio o Dr. Agenor Augusto de Miranda, ansioso, aguardava a minha chegada.

## CAPÍTULO V

*Preparativos para uma demorada excursão a Sta. Filomena — A difícil arte de ser “bandeirante” — Canceira da primeira semana ctnegética — Cactus sem espinhos — A natureza brasileira dispensa o mestre Burbank — Chegada a Amarante — Dr. Agenor adoece — Hipnotizador “ad - hoc” — Primeiros contactos com os vaqueiros e sua perícia em seguir os rastros — Gado Caracú — O velho Bernardo, de Canavieiras — Jerumenha — Origem dêste nome na opinião dos sábios — “Beneficiamento” dos D. Juans... O inimigo natural das saivas — O primeiro Triatoma — Olho d’Água das Inhumas — Em Bebedouro o correto “botou abaixo” — O burro do estafeta come muitas milhas e pouco milho — Modo imprevisto de entregar correspondência — Fazenda Grande — Grupo espectral de retirantes — Fabrico de farinha — Tapiú — A noção de distância do preto velho — As “avoantes” pousaram nas moradas das pedrinhas — João do Norte e o vôo dessas aves... Chegada a Bom Jesus — Franca hospitalidade dos graúdos — Línguajar sertanejo — Quinhentismos em voga — Custo da vida — Medidas antigas em uso — Marcas de gado e letras características dos municípios — Leis provinciais do Piauí — Como o A. conheceu o Zé Grande... A noite siberiana do pouso Conceição — Serra acima — Dormida no Chapadão — Geologia da zona — Casa do Zé Grande e canto religioso — Vale do Urussuí — Pastagens e forragens — A “garoa” das cigarrinhas — Morro d’água — Nem sempre o sonho*

*é melhor que a realidade — A árvore que chora  
— Santa Filomena — Praga do cafeeiro — Excursão  
ao Riachão — Despedidas das montarias*

**E**STAVA eu novamente na “Chapada do Corisco”, revendo e abraçando amigos por toda a parte. De tal maneira estava familiarizado com a terra piauiense e sua gente, que tive a impressão de quem regressa ao doce e saudoso lar.

Instalei-me na residência do meu companheiro de viagem, na rua São Benedito, atrás da igreja dêsse santo. Preparei-me para a longa jornada. Coloquei tudo de que necessitaria dentro da maca: roupas, sapatos e pequenos utensílios.

A maca é uma pequena mala de couro flexível ou lona impermeável, com as cabeceiras rígidas, que se coloca à garupa, a'ustando-se bem às ancas do animal, sem perigo de pisá-lo.

— Como é, você aguenta a viagem?

— Creio que sim — respondia firmemente:

Mais tarde, na hora do almoço, outra vez a mesma pergunta, como se estivesse o meu amigo pondo em dúvida minha resistência física:

— Então, como é, você aguenta o balanço da viagem?

— E você aguenta? — perguntei-lhe por minha vez, meio mal humorado.

— Eu já viajei, sou sertanista velho da escola do General Rondon.

— Folgo muito em saber tudo isso.

Almoçámos, palestrando cordialmente. Nesse particular desejo dizer, em homenagem ao meu querido amigo, que êle é um verdadeiro “gourmet” e que sua mesa é um exemplo de bom gôsto: come mais pelos

olhos do que pela bôca. Findo o almoço, regado por saborosa limonada, sem charutos, pois não bebíamos alcool, nem fumávamos, fez-me pela terceira vez a tal pergunta:

— Como é, você aguenta mesmo?

— Olhe — disse eu meio encabulado, sem ainda ter percebido seu gênio brincalhão — pela terceira vez você me faz a mesma pergunta; caso duvide da minha resistência, julgando que lhe vou dar trabalho na viagem, desisto dela, e amanhã volto para Coroatá.

— Que é isso? Nada de zangas, vamos dar os últimos retoques. A partida será às 15 horas.

Estavam chegando os amigos para as despedidas. Abraços e votos de boa viagem. Entre os amigos que compareceram à casa do Dr. Agenor, tivemos a honra de abraçar o Governador — Dr. Miguel Rosa. Partimos finalmente: eram 14,30 horas do dia 12 de julho de 1915.

O Dr. Agenor de Miranda era o Engenheiro-Chefe do distrito telegráfico do Piauí; por isso, contávamos passar, sempre que fôsse possível, pela picada da linha telegráfica. Como na primeira etapa a picada estivesse suja, passamos pelo caminho de fora, isto é, atravessando Areias, Remanso e Salobro, e acampamos um pouco adiante desta última localidade, por causa do pasto para os animais. Chegamos às 18 horas. Fizemos 4 léguas ou 16 quilômetros. A légua popular, nestas regiões, regula 4 quilômetros. Eu que já havia realizado viagens de 10 léguas a cavalo, entre “David Caldas” e Terezina, sentia-me perfeitamente bem, como se tivesse feito um passeio. E cá com meus botões: Eu quero mostrar a êsse “Mafrense” a têmpera de “Jorge Velho”. Alusão relativa à Bandeira capitaneada pelos imortais bandeirantes: Mafrense, baiano, e Jor-



ge Velho, paulista, no anseio de encontrar riquezas no Norte do Brasil.

Dia 13. Manhã quente — 27° C. Partimos às 6,45 horas e chegamos às 10,25 à Boca da Mata, onde almoçamos. De Salobro a Boca da Mata calculamos a distância em algarismos redondos 25 quilômetros ou 6 léguas.

Cada um de nós trazia no bolso do paletó um passômetro. O meu marcou 26,726 m.; o do Agenor 23,378ms. Somamos e dividimos por dois e tivemos a média de 25,075ms. Este foi o critério adotado na viagem toda. Daí o termos verificado a constância de 4 quilômetros por légua piauiense.

Boca da Mata — fazenda de gado vacum. Informou-me o vaqueiro que este ano não se notavam carrapatos no gado. No ano passado tinha sido feita a queima das pastagens, e, como o inverno deste é quase nulo, atribuiu-se a êsses dois elementos — fogo e seca — o desapontamento da terrível praga.

Ví na referida fazenda o gado comendo ossos espalhados no campo; eram de animais — disse-me o vaqueiro — vítimas da picada de cobras venenosas. O gado daqui, depois de morto, dá 100 a 150 quilos de carne. A topografia do terreno era muito acidentada e o solo pedregoso.

Almoçamos e partimos às 14,30 horas. Chegamos às 18,10 a Natal. Percorremos 17.392 ms. ou pouco mais de 4 léguas. Dormimos na casa da Estação Telegráfica.

Dia 14, às 7,40 horas, deixamos Natal e às 12,30 “botamos abaixo” — expressão local que designa a parada para o almoço — na Cruz do Paiva. Andamos 25.794 ms. ou 5 léguas.

Desde a Boca da Mata até o lugar onde escrevi estas notas, Cruz do Paiva, os terrenos são pedrego-

sos e acidentados. Constituem terras pobres, cuja vegetação raquítica mal dá para cobri-las. Sob as árvores retorcidas e castigadas anualmente pelo fogo, cresce o capim *amargoso*, que está mais ou menos sêco. No inverno, isto é, na estação das chuvas, o gado, que tem outras forragens, não o come, porém, na estação sêca, como a que estamos atravessando, êle não tem outro remédio senão aproveitá-lo. Este capim, quando verde, é um tanto amargo, e daí o nome de *amargoso* que lhe dão.

O gado que observei na minha passagem pelos campos estava sem carrapatos e tinha a pele limpa e pêlo luzidio, sinal de saúde. Notei alguns espécimes com verdadeiros traços de gado caracú. Em geral o gado era pequeno e gordo, o que demonstrava que houve boa adaptação às condições do meio. Na Cruz do Paiva fotografei (foi a primeira chapa) num pé de cactus do gênero *Opuntia*. Fôra plantado havia três anos, e tinha 3,50 ms. de altura; as folhas ou palmas mediam, em média, 0,50 cms. de comprimento por 0,28 cms. de largura na parte mais larga. Esse cactus tinha a particularidade, muito apreciável, de não apresentar espinhos: os que se notavam, nas folhas novas, estavam atrofiados; nas folhas maduras não se viam espinhos. Não é à-tôa que dizemos que Deus é brasileiro. O que em outros países demanda esforço e persistência de técnicos e sábios, aquí a natureza silenciosamente nos prepara.

Temos cactus sem espinhos no Brasil, em consequência de seleção natural, Mestre Burbank! (56)

---

(56) Burbank foi o mago da horticultura, floricultura e fruticultura da América do Norte. Este notável selecionador conseguiu o cactus sem espinhos e outras maravilhas. Os interessados, dizem que chegavam a encomendar o tipo de fruto que desejavam, o tamanho e sabor das ervilhas e o tamanho e colorido

Era interessante a influência que exercia sobre a vegetação vizinha. Próximo ao pé de cactus havia uma laranjeira em pleno viço, apesar da sêca tremenda; ao passo que as que estavam distantes, folhas emoladas, lutavam contra a estiagem e morriam.

Desta observação pode-se obter um resultado prático. E' o caso de se fazer a seguinte experiência: plantar o cactus e laranjeiras, em regiões sujeitas a prolongados verões, intercaladamente, cultura mista, isto é — entre duas linhas de laranjeiras, uma de cactus. Creio que ainda não se fez tal experiência. Chamo aqui a atenção das estações experimentais-agrícolas.

Partimos às 15,20 horas. Caminho, ou melhor, picadas do fio telegráfico, acidentado e pedregoso; subidas e descidas. Às vezes, eram tão íngremes, que tínhamos necessidade de apeiar das cavalgadas e andar a pé. A viagem estava perdendo o encanto. Chegamos a Água Branca às 19,10. Andamos, é bem o caso, 18.750 m. ou 4 e meia léguas. Eu estava estropiado. Com dificuldade apeei-me do animal. Andar trôpego, dirigi-me ao primeiro banco que avistei no rancho em que pernoitámos.

Mandei o pagem (nome dado ao empregado que acompanha os cavaleiros) que arrumasse, quanto antes, a minha rêde. Tirei somente o paletó e as esporas e deitei-me calçado e com perneiras. O "Mafrense" esboçava um leve sorriso sob o bigode aparado. Não me importei e continuei deitado. Queria lembrar-me de algum vegetal que notara à beira da picada e não o conseguia. Era só subida e descida e pedregulhos de todo o tamanho, atrapalhando a marcha. Sentí um cheiro de linguiça frita, como que me avisando

---

das flores. A genética moderna facilita a solução desses problemas, mas ninguém roubará a Burbank a glória de ter sido um pioneiro excepcional.

de que se aproximava a hora do jantar. Confesso que não tinha apetite, tal era o cansaço.

— O jantar está pronto — oiço a voz do Agenor anunciando; e com ar de troça: — Onde está o “Jorge Velho”, o paulista batuta?

— Podem comer — resmunguei — eu não quero, não estou com fome.

— Então ninguém janta. Faço questão de sua presença — disse-me, aproximando-se da minha rêde. — Mas você não era peão?

— Vá indo, que eu já vou.

Levantei-me meio “grogue” com todas as juntas do corpo em pandarécos, principalmente os joelhos. Comi alguma coisa, ouvindo de vez em quando uma pilhéria do meu companheiro, vaqueano do sertão.

Mal pude dormir. Quando se está cansado em excesso, não se pode conciliar o sono: constantemente as dores despertam a gente. Levantei-me de manhã sem ter repousado completamente: o corpo ressentia-se ainda da áspera jornada. Fui à fonte e tomei um banho reparador. “Fonte” é o ponto do rio ou riacho onde todos se abastecem de água, lavam roupa ou tomam banho.

À noite fez um pouco de frio; às 7 horas o termómetro marcava 22°. Dia 15.

O Agenor foi inspecionar a nossa tropa, ver se as cargas estavam bem divididas e arrumadas para evitar desarranjos na estrada, e eu, mais que depressa, aproveitei o momento propício, encostei minha montaria e zás — galguei a sela.

Lia-me esquecendo de dizer que em Água Branca plantam algodão das duas espécies: arbóreo e herbáceo. O herbáceo disseram-me, é mais produtivo.

Numa tarefa (medida popular igual à área de 25x25m) colhem mais ou menos 6 arrobas de pluma.

Esse ano a sêca matou todos os algodoeiros, não obstante ser planta de clima quente. Planta-se em dezembro. O preço varia de 6 a 8\$000 (6 a 8 cruzeiros); para descarregar uma arroba pagam-se \$500 (50 centavos). A produção de uma *tarefa* — 6 arrobas — é transportada por 2\$000 (dois cruzeiros) ao porto mais próximo do rio Parnaíba, isto é, Amarante.

Partimos de Água Branca às 7 horas. Fizemos uma volta para ver uma fazenda de gado e foi uma decepção: seis ou oito cabeças no curral e dois maldros sentados à porta da casa, com certeza... "maginando". Passamos pelo Açude de Sant'Antônio, obra executada pelo Coronel O. B., que recebeu Rs..... 6:000\$000 (6.000 cruzeiros) do Governo Federal. Era uma obra em ruínas, atestando a falta de patriotismo e o pouco interêsse local pelos melhoramentos de quem a fez. E' comum ouvir queixas contra o esquecimento por parte do Governo da União; no entanto, quando este atende aos apelos do povo angustiado, é um "avançar" criminoso que deturpa os melhores propósitos dêste mundo. Chegámos às 12,20 à Lagôa da Cruz, onde descansámos para almoçar. Andámos 44.550 m. Foi um recorde. Partimos às 15,20 e chegamos às 18,30 à Regeneração.

Dia 16 — O meu bom companheiro amanhoeceu doente. Febre de 39,5.º. Permanecemos em Regeneração à espera das melhoras do doente.

Dia 17 — O Agenor continúa enfermo. Como nesta localidade não há médicos, partimos depois do almoço às 15,50, para Amarante, onde chegamos às 19,05, horas. Andámos 15,040 m.

Dias 18, 19 e 20. Permanecemos em Amarante, por causa do estado de saúde do Dr. Agenor, que ficou sob os cuidados médicos do ilustre clínico Dr. Ribeiro Gonçalves. Diagnóstico: impaludismo,

O dr. Ribeiro Gonçalves começou a sua vida de clínico no interior do Estado de São Paulo. Como o mundo é pequeno! Verificamos, com satisfação, que tínhamos amigos comuns e conhecíamos coisas e fatos que enchiam períodos da nossa vida.

Foi um prazer o nosso convívio em Amarante, e matamos um pouco as saudades.

A nota desagradável e que nos preocupou, antes do diagnóstico, foi a doença do Dr. Agenor.

Felizmente, as melhoras depois do medicamento, se foram acentuando dia a dia.

Sem que eu o esperasse, o Dr. Gonçalves me fez a seguinte proposta:

— Eu tenho um doente — disse-me êle — que está com um comêço de paralisia no braço direito. Sei que você se tem dedicado ao estudo do hipnotismo. Poderia fazer uma experiência no meu cliente?

— Estou às suas ordens — respondi-lhe, entre surpreso e acanhado, e acrescentei:

— Os meus conhecimentos são muito limitados, doutor; lí as obras do Dr. Fajardo e de um autor russo.

— Eu também conheço os trabalhos do Farjado, mas o que me atrapalha é o fato de ser íntimo do meu cliente, e às vezes esta qualidade é negativa no hipnotismo. Eu já o sugestionei a seu respeito. Disse-lhe que o amigo é uma notabilidade na matéria, e que o faria dormir com a maior facilidade.

— Neste caso, amparado pela sua autoridade de médico, como já lhe disse — estou às suas ordens.

Ao canto, deitado na rêde, embora doente, o Agenor sorria.

Fui apresentado ao paciente: homem de 1,80 m. de altura, pouco comum no Piauí, moreno e simpático.

Creio que era fazendeiro nas proximidades de Amaranthe.

— Pois muito bem, Coronel, (57) falei com certa superioridade — o Dr. Ribeiro Gonçalves falou-me do seu caso. É coisa muito simples; o Sr. ficará bom, tenho a certeza. Onde reside?

— Estou hospedado na casa que fica em frente a esta, e, juntando os lábios, em direção do prédio -- “E’ ali”.

— As 16 horas lá estarei, em companhia do Dr. Ribeiro Gonçalves.

Um aperto de mão e um até logo deram fim ao primeiro quadro desta história.

De mim para mim, interpelava-me: Você não vai meter-se em camisa de onze varas? Afinal das contas você não é médico, que é que você tem de se intrometer nessas coisas? Por outro lado, procurava acalmar-me e justificava o meu gesto: o hipnotismo é um fato, e muitos doentes se restabelecem por intermédio dessa força misteriosa: haja vista as curas praticadas pelo Dr. Fajardo; além do mais, sou levado por um sentimento de altruísmo de solidariedade humana: não resisto a êsse poderoso imperativo. É isso mesmo: fugir ao cumprimento do dever é a maior das covardias. E depois, que é que custava? E ainda mais: a iniciativa fôra espontânea, partira unicamente do ilustrado médico Ribeiro Gonçalves. Evolaram-se as últimas dúvidas.

As 16 horas, em companhia do médico fui à casa do Coronel R. Lá estava êle à nossa espera. Na sala de jantar foi colocado um catre — caminha dobradiça de lona — em que o paciente se deitou. Iniciei os

---

(57) Coronel — como é do conhecimento de todos, é o tratamento que se dá aos homens respeitáveis do interior, geralmente políticos, “manda-chuvas” da região.

trabalhos de hipnotização. Resultado positivo: alguns minutos depois o Coronel adormecia. Crici alma nova. Por indicação do médico, proourei dar ao braço doente em começo de paralisia, o estado de catalepsia. Neste estado, cada vez que eu tentava tocar no braço, o enfermo estremecia como se levasse um choque elétrico; se, ao invés, era o Dr. Ribeiro Gonçalves que o fazia, o hipnotizado nada acusava, justamente o contrário do que havia lido no Fajardo. Sugestionei-o, durante o sono hipnótico, de que seu braço estava completamente bom, que novamente havia adquirido todos os movimentos e força anteriores, e que, para prová-lo, no dia seguinte, às 16 horas, far-me-ia uma visita para me comunicar a notícia do seu restabelecimento; como prova prática de cura, levantaria, com o braço estendido, uma das cadeiras do aposento, onde o dr. Agenor e eu estávamos hospedados. Feito isso, vitorioso, acordei-o. O médico comunicou-lhe que tudo corraera bem. Agora era aguardar a cura certa. Demos todos um passeio pela cidade e fomos jantar. À noite, depois de anotar no meu diário de viagem as ocorrências do dia, estirei-me na gostosa tapuirana — rêde larga dos piauienses, e custou-me conciliar o sono, ansioso que chegasse o outro dia, para vêr os resultados da experiência.

Para encurtar o caso: às 16 horas oiço bater à porta, e mando entrar, certo de que era o meu cliente.

— Entre, Coronel R.

— Uél! Como adivinhou que era eu? perguntou ao entrar, com ar admirado. E, sem que me desse tempo de lhe responder qualquer coisa, apanhou a cadeira e suspendeu-a facilmente.

— Muito bem, Coronel! — disse eu.

— Estou bom. Quero agradecer-lhe. Não me esquecerei nunca do senhor,



— Muito obrigado Coronel R.; tomara que o amigo não precise de mim! E quer saber de uma coisa? O senhor é muito bem mandado (neste momento entra alegre o Dr. R. Gonçalves), pois tudo quanto fez aqui, eu, ontem, lhe ordenei que fizesse.

E assim terminou o segundo quadro do interessante episódio.

Iniciamos os preparativos para o prosseguimento da viagem, interrompida pelo impaludismo que atacou o Dr. Agenor de Miranda. Estivemos parados dia 18, 19 e 20.

A cidade da Amarante estáva em franca decadência, assim como a de São Francisco, no outro lado do rio, no Maranhão, como observei em Novembro de 1913. Em regra geral, ao longo do curso do Parnaíba, que separa os Estados do Maranhão e Piauí, há quase sempre uma cidade em frente a outra. Amarante era animada pelo comércio do interior; era o ponto por onde as mercadorias desciam para Terezina ou Parnaíba, porto de mar.

Com o desenvolvimento de Floriano, rio acima, a velha Amarante, começou a definhar, estava morrendo de inanição. Só o desenvolvimento da agricultura poderá obstar a completa decadência da cidade. A cotonicultura aquí dará bons resultados, pois, enquanto nas outras localidades, de Terezina para cá, o algodoeiro foi todo morto pelo sol e sêca, neste município êle apresentava bom aspecto vegetativo. Esta atividade agrícola seria suficiente para dar vida nova à velha cidade de Amarante. — Produzí, senhores amarantinos, pois só a agricultura é fonte e princípio de tôda riqueza e bem estar dos povos!

Dia 21. Depois de medicado o meu companheiro, cujo tratamento continuaria durante a viagem, partimos às 6,50 h. de Amarante, em manhã fresca e agar-

dável. A tropa, descansada, marchava satisfeita. Ainda não falei da nossa tropa, nem de seus componentes. Vamos, portanto, vêr como era constituída: dois animais de montaria — o Agenor galgava um burrinho preto e gordo, com andar macio — passo de cão. Eu montava um burro maior, pêlo de rato, canelas zebra-das, manso e forte. Demos ao burrinho preto, apesar de burro, o nome de "Rocinante", em homenagem ao bu-céfalo que conduziu, ainda conduz e conduzirá *el loco-cuerdo*, através dos séculos sem fim. Três burros de carga; um carregava duas malas inglesas, próprias para viagem a cavalo; numa ia o estojo completo de pra-tos, talheres e caçarolas; na outra os comestíveis indis-pensáveis: os outros dois animais, carregavam o resto dos utensílios e o milho necessário aos animais durante 4 a 5 dias. Finalmente três empregados: um cozinhei-ro e dois arrieiros, ou, como se diz por aquí, "tange-rinos", isto é, aqueles que tangem os animais para que marchem. Isto contado assim, parece que tudo é mui-tos simples e que a tropa se comporta às mil maravi-lhas, que chega de manhã, recebe a carga no lombo, troteia até o ponto do almôço, come milho, descansa e anda até o ponto do pouso; aí, livre da cangalha, procura um escalvado, espoja-se e vai ao côcho comer milho, e depois para o pasto em que passa a noite. Puro e ledô engano. Há dias, que até parece que os animais estão com o diabo no corpo. Encontrá-los no pasto, arreá-los é uma tarefa estafante. Se houvesse pastagens fechadas com cêrcas, limitando a área, natu-ralmente não dariam os aborrecimentos que tornam longas as viagens a cavalo, pelo sertão do Norte, tão fastidiosas, verdadeiras odisséias, que põem à prova até a paciência de um santo. Chega-se ao lugar do pouso, descarregam-se os animais, dá-se-lhes milho e são conduzidos para o pasto, e aí soltos. Soltos é um

modo de dizer e muito relativo: os animais passam a noite peados, locomovendo-se com dificuldade; assim mesmo, há alguns tão sabidos e arteiros, que precisam ser peados de pés e mãos. O burro, principalmente o burro, é muito sabido. Se o burro é sinônimo de pouca inteligência, a êste híbrido não se lhe devia dar tal epíteto. O burro não mete o pé em buraco, não se arrisca a transpôr barrancos perigosos e não se esquece da sua querência, mesmo em noite escura. O cabôclo diz, por isso, que o burro enxerga, à noite, por aqueles sinais redondos que tem acima do machinho. Quando o burro consegue desvencilhar-se da peia, não se deve vacilar: é ir ao seu encalço na direção de sua morada. Verifica-se, então, o que bem se pode atribuir à lei da compensação: a habilidade que tem o cabôclo do Norte em acompanhar pelo rasto o trajecto que um animal faz. Eu, às vezes, por esporte, experimentava rastejar, examinava o caminho por onde o animal deveria ter passado, e nada. De repente, o arriero que ia ao meu lado apontava um lugar qualquer, e dizia:

— Olhe, patrão, o bicho passou por aquí.

— Onde? Você está brincando. Não estou vendo rasto,

— Pois dá com êle e é já; êle tá mancando. (58)

— Como, mancando? Teria machucado algum pé?

— Não é isso, patrão; êle vai é comendo os brotos do agreste — e mostrou-me o capim cortado. Vamos apertar os pés, que nós laça o bicho.

Felizmente os animais estão todos reunidos e em breve poder-se-á partir. Tudo pronto, começa a mar-

---

(58) Mancar: interromper a marcha. Não ir a algum lugar. Ao começo pensei que fosse um italianismo, o que seria estranhável, por estas bandas; mas, depois verifiquei que é um quinhentismo.

cha. A estrada real muitas vezes não passa de um trilho, com galhos de árvores por todos os lados; o pior é quando se atravessa uma caatinga cheia de juremas *Pithecolobium tortum* Mart., uma mimosácea, que de mimosa não tem nada: pelo contrário, os seus galhos flexíveis, cheios de afiados espinhos, como unhas de gato, chegam a rasgar a roupa e pele do pobre viajante. Se é o burro a vítima dos espinhos, pula, corcoveia, corre como um danado, rebentando a cangalha e espalhando a carga pelo caminho.

Ser arrieiro, nestes sertões, é coisa meio parecida com a tortura do condenado a remar no fundo de uma galera a vida tãda.

Às 9 horas passamos pela "Fazenda Araras". Na séde paramos um pouco. A casa grande, coberta de telhas, tem bom aspécto. Às 9,30 chegamos a "Lagoas", onde almoçamos. Fizemos 16.729m ou 4 léguas. Partimos às 14,10 horas. A estrada, ao contrário das que havíamos transitado, era bõa. Encontramos três riachos correndo.

Na Barra do Itauera vi algodão arbóreo muito bonito, em terreno de carnaubal — terreno plano, distante do Rio Parnaíba uns 500 metros. As terras são, quanto à sua composição — sílico-argilosas. Fizemos 24.404 m. ou 6 léguas.

Dia 22. Em Conceição passamos uma noite agradável. Manhã fresca. Tomamos um banho gostoso no Parnaíba. Partimos às 6,45 h. e às 10 "botavamos abaixo" para almoçar na Fazenda Coroatá. Esta devia pertencer ao Município de Floriano, pois dista umas duas léguas desta cidade.

O gado da cidade é bonito, tem o pelo luzidio e não apresenta carrapatos. Até aqui todos os criadores têm sido unânimes em afirmar-me que êste ano "não deu carrapato". E apesar da sêca o gado está man-

teúdo. Perguntei ao fazendeiro se conhecia o gado caracú, e êle respondeu afirmativamente. Fiquei entusiasmado: descrevi as aptidões presentes e futuras da raça laranja, quando em meio à minha arenga zootécnica, notei que o fazendeiro fazia uma careta de quem não estava aprovando o que eu dizia.

— Não resta dúvida, e não cortando o seu bom propósito, o gado caracú é como o senhor diz, mas é feio.

— Feio! Exclamei estupefato. Perdoe-me. E' que o senhor está acostumado a ver êsse gado meio turino, castanho-escuro, chifres brancos e pontas pretas, de sua fazenda, e, com a vista assim habituada, acha feio o caracú, que, para mim, é uma beleza. O senhor me desculpe, mas isto me faz lembrar de uma anedota, um caso que dizem ter acontecido lá pelas bandas de Minas Gerais:

“Havia em Minas uma pequena vila em que todos os habitantes eram papudos, (59) inclusive o vigário. Um belo dia, a referida cidade foi visitada por um estrangeiro — um caixeiro-viajante ou “cometa”, representante de uma casa comercial do Rio de Janeiro. Rapaz português, metido a elegante, e, naturalmente, sem papo. Correu a praça com as suas malas — monstruários, durante a semana toda. Ao domingo, como todos os principais da cidade, foi à igreja para assistir

---

(59) O Dr. Carlos Chagas, do celebre Instituto de Manginhos, descobriu no sangue de habitantes do interior de Minas, seu Estado-natal, um protozoário a que deu o nome glorioso de Oswaldo Cruz, *Trypanosoma Cruzi*. Este protozoário é transmitido por um inseto que o povo denomina “Barbeiro” porque suga de preferência o rosto de suas vítimas; trata-se de um hemíptero que mora nas frinças das paredes de barro de casebres mal conservados: *Triatoma megista*. — Todos os doentes, como demonstrou aquele sábio, apresentam a glândula tiróide hipertrofiada, isto é, têm papo — ou bócio muito desenvolvido. Esta terrível tripanosomíase “passou a ser conhecida nos meios científicos do mundo como — “Mal de Chagas”.

à missa. Não demorou muito tempo, e notou que estava sendo objeto de risotas furtivas. Instintivamente levou a mão ao laço da gravata para verificar se estava em ordem; procurou discretamente examinar outros pontos da sua indumentária, e tudo estava como manda o figurino. Tranquilizou-se. Quem, porém, não estava contente era o padre que havia percebido a falta de caridade de sua ovelhas. Na ocasião do sermão, do alto púlpito, advertiu os seus fiéis paroquianos, mais ou menos nestes termos: "Meus filhos, Deus que tudo vê, neste momento contempla o ato máu que estais praticando; e Ele, embora misericordioso, pode castigar-vos: não me admirarei se daqui por diante começarem a nascer crianças sem papol..."

O fazendeiro soltou uma gostosa gargalhada:

— Quer dizer que meu gado é papudo?

— Não é bem isso: o amigo está acostumado a ver determinado tipo de raça, e acha o caraçú boi feio... do que peço licença para discordar.

Às 15 horas deixamos "Coroatá" e chegamos às 17 a Floriano. Esta última etapa foi transitada fora da linha telegráfica. Duas essências florestais chamaram-me a atenção pela sua resistência à sêca: o joazeiro e o faveiro.

Andamos 10.320 m. ou 2 1/2 léguas.

Dia 23. Reservamos êste dia para descansar e fazer algumas visitas. Fui apresentado às pessoas gradas da próspera cidade e ao seu prefeito.

Floriano fica à margem do rio Parnaíba. Deu origem a esta cidade, a terceira do Piauí, a colonia agrícola Floriano Peixoto, aí localizada pelo Dr. Ricar-

do de Carvalho, membro da Comissão de Propaganda da Colonização dos Estados do Norte. (60)

Floriano transformou-se em centro comercial importante do médio Parnaíba: é o intermediário do scr-tão — zona compreendida entre os rios Gurguéia e Uruçuí, e Terezina (capital do Estado) e Parnaíba porto de mar.

Dia 24. Saimos de Floriano às 15,45, em tarde fresca. Chegamos ao pouso — lugar denominado “Páu-de-Leite”, às 17,50 horas.

Os terrenos, ao sair da cidade, são acidentados; morros e pouca elevação, porém de aspecto bizarro e pitoresco; fazem lembrar os panoramas suiços. Depois vêm as colinas e chapadas cobertas de capim panasco, finíssimo, já sêco, e contudo o gado o come com prazer — prazer traduzido pela avidez com que o corta e deglute. No comêço o solo é silicoso e depois, nas chapadas, um tanto argiloso. A vegetação, exceto os faveiros e cajueiros, está na sua maioria sêca, menos, todavia, do que a da “Boca-da-Mata”. As carnaúbas são teias e raquílicas.

Ví em “Páu-de-Leite”, pela primeira vez, uma bonita criação de cabras, que, apesar da sêca reinante, estavam gordas. Eu olhava a vegetação ordinária e as cabras nédias, e ficava perplexo, admirado e querendo bem, a êsse animal que vive fartamente na miséria.

---

(60) O Dr. Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho nasceu no Maranhão. — Seu Estado natal mandou-o estudar agronomia na Europa, França, na Escola Agrícola de Grignon, em 1863. Especializou-se também em indústria açucareira na Bélgica, na Escola Agrícola de Gembloux. Foi Diretor de diversos e importantes institutos zootécnicos em Minas Gerais e São Paulo. Foi diretor, em seu início, da Escola Agrícola “Luis de Que roz”, de Piracicaba, e professor de zootecnia. Nesta disciplina teve a honra de ser seu aluno em 1907. — De xo aquí estas palavras como preito de saudosa memória ao Dr. Ricardinho, como nós alunos carinhosamente o chamávamos.

À 18 horas o termómetro marcava 33.<sup>o</sup> C.; passava numa viração fresca e sentimos sensação agradável. Não é à-tôa que a física ensina que a sensação térmica é muito relativa.

Andamos 13.290 m. ou 3 léguas e pouco.

— Dia 25. Noite fresca e manhã agradável. Viração do nascente; às 6 horas o termómetro marcava 23,6.<sup>o</sup> C., o barómetro — 756,5 mm. Partimos às 7 horas. Fomos subindo um pouco para o chapadão de agreste, sêco, pastagem de má qualidade. O capim agreste caracterizava uma região entre caatinga e a mata. Chegamos a Canavieiras às 9,45 horas, fazendo o percurso de 16.665 m. ou 4 léguas. Canavieiras dista da vila da Manga, à margem do Parnaíba, 16 quilómetros, rumo Norte. Aquí em Canavieiras, morada que pertenceira aos jesuitas, travei conhecimento com um velho matuto — o Sr. Bernardo Francisco de Souza — nascido a 20 de agosto de 1832. É coisa rara um tabaréu do interior do nordeste brasileiro saber a sua idade, e muito mais do seu nascimento. Fiquei, por isso, admirado da precisão com que o “seu” Bernardo me disse o dia, mês e ano do seu natalício.

O sertanejo tem sinais para marcar a “era” do gado”, mas deixa a da sua prole completamente esquecida ou ligada a fatos mais ou menos vagos, imprecisos. Assim que se lhe pergunta a idade, êle coça a cabeça, como que a provocar o despertar da memória, e meio acanhado gagueja: “Eu não sei quantos anos tenho, nhor não; o meu pai disse que eu sou da era das Santas Missões, quando Frei João andou por aquí batizando e crismando o povo”. Outros dizem: “Eu sou da era do “papa-fogo”. O “papa-fogo” é o acendedor de cigarros muito conhecido, no sul do País, por isqueiro. Compõe-se, na sua modalidade mais simples, de uma ponta de chifre com algodão queimado dentro, “isca”,



a que se atcia fogo por meio de uma pedra atritada por um pedaço de ferro — “fuzil”. Logo que apareceram as primeiras caixas de fósforos, os “papa-fogo” foram postos de lado. A queda do “papa-fogo” marcou uma época (61)

O velho Bernardes é quasi analfabeto: mal assina o nome, e é eleitor.

— Eu, disse-me êle, voto desde o tempo das eleições gerais, mas não posso compreender êsse negócio: não sei o que significa eleição. Perguntei-lhe se sabia qual a forma do nosso Govêrno; respondeu-me que só se lembra de ter ouvido falar em D. Pedro II; quanto a D. Pedro I, não sabia quem tinha sido. Contou-me que na era em que veio ao mundo, segundo ouvira de seus pais, mesmo no rigôr da sêca, os riachos tinham sempre água, não “cortavam” no verão. O riacho Itaueiras que passa a 20 quilómetros, no tempo das “choias” fornecia peixes grandes às “baixas”, terrenos marginaes e alagadiços, de tal forma, que em Canavieiras se pescavam surubins — peixes de couro que se parecem com o pintado dos rios do Sul. As “baixas” agora, na estação das chuvas, retêm água por pequeno espaço de tempo.

Antigamente as culturas principais eram cana de açúcar e arroz; hoje, não mais se fazem tais culturas, e isto por falta de água; os agricultores limitavam-se ao plantio de mandioca e milho. O arroz só é plantado em pequena escala, e assim mesmo em lugares molhados, em cabeceiras de córregos ou em “vazantes”, à beira do rio. Deduz-se de tudo isso que as águas estão diminuindo nestas paragens. (62)

---

(61) Razão tem o povo quando diz que a história se repete: com o aparecimento da gasolina, o isqueiro ressuscitou, qual nova Fenix, mais elegante, de prata e ouro, desbancando o fósforo obsoleto, até dos salões aristocráticos e refinados.

(62) “Aliás, os Drs. Artur Neiva e Belisário Penna, notáveis higienistas patricios, fizeram idéntica observação e chegaram

Eu não quero discutir se a derribada das matas determina as sêcas ou não. Este tem sido um tema muito discutido: uns pró e outros contra. O que, porém, é uma verdade elementar, fora de qualquer dúvida, é a influência decisiva que as plantas exercem na distribuição das águas das chuvas. Em terreno desnudo de vegetação, principalmente quando acidentado, a água se escoia sem infiltrar-se no solo; o contrário acontece se a água da chuva encontrar obstáculo da mata aliado à porosidade do solo. É óbvio que, sendo maior a retenção da água, mais volumoso será o lençol desta no subsolo, e conseqüentemente abundantes e duradouras serão as nascentes. A sêca nas regiões nordestinas é um fenômeno de causas complexas, em que a derribada das matas se integra para aumentar a calamidade.

O velho Bernardo é um pouco surdo e tem a vista cansada. Sofreu três ataques de impaludismo, sendo o primeiro quando ainda menino. Se não fossem as malvadas sezões, êle teria gozado uma saúde invejável. Em todo caso está forte e com ótima aparência. É casado em segunda núpcias.

Na casa do amável sertanejo ví uma oena invulgar: um gato brincando com um papagaio prosa e um esperto periquito. Não foi preciso, pensei, um cataclisma, como imaginou Júlio Verne, para que animais instintivamente inimigos vivessem em perfeita paz e camaradagem. Enquanto os homens se tornam selvagens, os animais civilizam-se.

---

à mesma conclusão. Na ocasião, eu ignorava o relatório dos dois sábios brasileiros, pois só foi publicado em 1916, nas "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz". Eis a interessante observação: "Não há dúvida que a água diminue sempre no Brasil central; o morador das margens dos grandes rios não percebe o fenômeno, mas o depoimento dos habitantes das proximidades dos pequenos cursos e de coleção d'água pouco volumosa é unânime em confirmar este fato". "Viagem científica pelo Norte da Bafa, Sudoeste de Pernambuco, Sul de Piauí e de Norte e Sul de Goiás." Pag. 76 — Drs. Artur Neiva e Belisário Penna.

Depois do almoço continuamos a viagem. Às 17.15 h. chegamos a Várzea, onde dormimos. Andamos . . . 16.622 m. ou sejam 4 léguas. Às 18 h. o termómetro marcava 32.º,5 C.

Dia 26. Partimos às 4,30 h. de Várzea e chegamos às 8,10, a Jerumenha. Fizemos 25.009 m. ou 6 léguas.

A vegetação tem conservado o mesmo aspecto. Na chapada da "Fazenda Taboca" vi muitos piquizeiros. Este precioso vegetal cresce de preferência nas chapadas ou campos. É padrão de tais terras.

Jerumenha é uma velha cidade, se não decadente, pelo menos estacionária. Tem a mesma feição das cidades do interior do Piauí: uma praça quadrada, igreja ao centro, e ruas mais ou menos retangulares, que, partindo dos quatro ângulos da praça perdem-se ou confundem-se, a 100 ou 200 metros, com os caminhos que dão acesso ao povoado.

As casas melhores, das famílias mais importantes, geralmente estão localizadas na praça da Matriz, assim como, numa das esquinas, fica o Empório principal de propriedade quase sempre do chefe político, do mandachuva da cidade. Nos quintais as árvores que predominam são frondosas mangueiras e cajueiros; é comum, também, a fruta-pão. É uma planta exótica, trazida para cá, como a maioria das árvores frutíferas cultivadas, pelos operosos colonizadores portugueses.

Jerumenha está situada à margem direita do rio Gurguéia, algumas léguas da sua foz. O Gurguéia é o maior afluente da margem direita do Parnaíba. Os habitantes da cidade tomam banho no rio: os homens em qualquer lugar e as senhoras em banheiros construídos à beira da água. Estes banheiros são pequenos ranchos de palha de palmeira fechado por todos os lados, parte projeta-se na barranca e parte avança para

o rio. Assim, as pessoas que não querem ser vistas, tomam banho despreocupadas, ocultas aos olhares curiosos.

Na cidade tive oportunidade de conhecer um homem que sofreu certa operação, que, quando aplicada aos bezerros e leitões, chamam-na "benefício" mas, para o caso presente, foi em verdade um malefício.

Entre os povos latinos e seus descendentes, a questão de honra lava-se com sangue. Os anais da nossa criminologia estão repletos dessas tragédias.

No norte do país, pelo menos nos estados que eu conheço, a vingança da honra ultrajada toca às ráias do paroxismo. Nas histórias que tratam da vida amorosa de "D. Juan" poder-se-ia adicionar êste P. S. terrível:

A indivíduo que macula a honra de uma família, como tem acontecido aqui no sertão, é "encorado" ou castrado: no primeiro caso a culpado é envolvido, de pés e mãos amarrados, num couro molhado, de boi, que é fortemente costurado: à medida que o couro vai secando, encolhe e asfixia o infeliz: no segundo caso, se o desgraçado não morre, tem o resto da vida para lamentar seu infortúnio.

Pelo chefe da estação telegráfica fui apresentado ao "beneficiado". Achei-o folgazão, e aparentemente satisfeito da vida. Lembrei-me do "Mal Secreto" de Raimundo Corrêa. Não pude deixar de comentar na roda em que eu estava:

— Mas, que diabol o homem dá-me a impressão que vive no melhor dos mundos!

— Isso é assim mesmo — diz um da roda — logo depois do fato o sujeito quer matar, jura vingar-se também, mas termina esfriando e se amolda à nova situação ou é por ela mesma acomodado.

— Custa-me a crêr no que estou vendo— disse eu.

— Pois olhe, acrescenta outro, o homem vive bem no seu lar. E verdade que, quem o conheceu e o vê agora, notará que êle engordou e afinou os pêlos da barba.

— Eu acho que é melhor morrer.

— Qual morrer, qual nada — diz um criador — pergunta êle, p'ra vê se êle quer. Uma estridente gargalhada pôs terno à conversa.

É exquisito como a desgraça alheia ao invés de causar tristeza às vezes desperta o riso. Toda tragédia tem ressaibos de comédia.

Já que falei em Jerumenha vou dar algumas notas interessantes sôbre esta pequena vila piauiense. O que ela tem de mais importante, depois da igreja, que é obra dos jesuitas, e da nova feira — mercado, é sem dúvida o seu próprio nome — Jerumenha. Esta grafia é usada pelos seus habitantes e por todos os piauienses, se não me engano, e não Jurumenha, com *u* na primeira sílaba, como registra o notável tupinólogo Dr. Teodoro Sampáio no seu precioso livro — “Tupí na geografia”, nas páginas 169 e 170:

“O nome Jurumenha, por exemplo, que entre nós, designando uma vila obscura do Piauí, pode induzir em erro, pela sua estrutura tupí no interpretador que se não recordar de que é êsse nome de procedência lusitana, e lembra um povoado alemtejano sôbre a margem do Guadiana”.

Von Martius interpretou-a como tupí, decompondo-a em *Jerumú-meeg* e traduzindo — *dar abóboras*.

A propósito, ainda, da etimologia do nome Jerumenha, tive o prazer de receber do Dr. Astrolábio Passos, Diretor Geral da Universidade de Manáos, a seguinte comunicação:

“O Dr. Carl Fried. von Martius, em “Matersammlung brasilianischer Sprache”, escreve: Jerumenha (Piauhy, Villa) *Jerumú* — abóbora, *meeq*, dar”. Vê-se que aquele ilustrado sábio estava convicto de que a palavra Jerumenha deriva da língua Tupy quando é ela de origem portuguesa ou romana e nada tem de indígena. Sabe-se que em 1740 o arraial onde se estabeleceu, pouco tempo depois da descoberta do território do Piauí, Francisco Dias de Avila, vindo da Baía, acompanhado de índios domesticados, à procura ou à conquista de índios selvagens, foi elevado à categoria de freguesia com a denominação de Santo António da Guigusia. A carta régia de 19 de Junho de 1761, elevou esta freguesia a vila, mas a instalação só teve lugar a 22 de Junho de 1762 no Governo de João Pereira Caldas, português, que assistiu ao ato e deu à nova vila o nome de Jerumenha. O governador Caldas fê-lo naturalmente em homenagem a seu país.

Jerumenha é uma vila e praça d'armas do Alentejo, concelho do Alandroal, comarca do Redondo, distrito de Évora, em Portugal, à margem direita do Guadiana, sobre o outeiro, que a separa da Espanha.

Aí está um dos modos de explicar a etimologia da palavra.

Uma lenda bastante curiosa dá-lhe, porém, outra significação. Há em Jerumenha, de Portugal, um antigo castelo de edificação romana, notável pelas suas 17 torres.

Conta-se que, ao tempo da dominação gôda, querendo um rico e nobre senhor espoliar sua irmã Megnia ou Ménha da grande herança paterna, segundo uns, viver com ela vida incestuosa, segundo outros; e, encontrando resistência, prendeu-a numa das torres do castelo, no intuito de fazê-la render-se pelo sofrimento físico e moral. Nada demoveu a virtuosa donzela, que

respondia sempre às solicitações do irmão, com o seguinte heróico protesto: "Jura Menha que não". Ainda hoje, conta-se, uma das 17 torres do castelo conhecida com a denominação de Torre de Mênha.

De Jura Menha é que vem a palavra Juramenha, vila do Alemtejo.

Assim, não é Jerumenha, como quer Martius — a terra que dá abóboras: Jurumú, meeg, o que seria prosaico e injusto. Pode, entretanto, ser a terra das *muralhas* ou da *jurisdição* de Júlio, o que é nobre."

Não vacilo em aceitar a primeira versão da carta do Dr. Astrolábio Passos, aliás de acôrdo com o que diz o Dr. Teodoro Sampaio no trecho por mim citado. Era muito comum, entre os conquistadores e povoadores das novas terras da América, batizar vilas e cidades com idênticos nomes das terras de origem. Os exemplos pululam de ponta a ponta do Continente Americano. Compreendo também que, ao Dr. Astrolábio Passos, piauiense e ilustre filho de Jerumenha, lhe repugne admitir para sua querida e saudosa terra natal, um nome que não tenha uma origem nobre. (63)

O rio Gurguéia, apesar da sêca, tinha bastante água; isto é, um palmo, mais ou menos, em toda largura: passava-se de váu com água pela barriga da perna.

Deixamos Jerumenha às 15,30 h. Quando se sai desta vila entra-se no vale do Gurguéia, que é limitado por uma cordilheira de pequena elevação, a um quilômetro da margem direita do rio, conservando essa distância, e às vezes distanciando-se um pouco. Da referida cordilheira, ou sucessão de morros, nascem alguns

---

(63) O Dr. Astrolábio Passos fez sua carreira médica no Amazonas. Em Manaus foi um dos fundadores da Universidade, que deu ao país notáveis técnicos. Em 1919, Máio, teve a honra de conhecê-lo em Belém do Pará, onde estava estudando e adquirindo material para instalar, como instalou, o "Instituto Pasteur de Manaus", de que foi o primeiro Diretor. Homem bom e patriota, incansável no afã de servir o Brasil.

riachos que vão desembocar no Gurguéia. De Jerumenha ao Riacho dos Cocos, onde pernoitamos, encontramos os seguintes riachos que ainda conservavam um filete de água: Riachos do Bezerro, Falcão, Tigre e Cocos. (64)

Chegamos às 18,30 horas. Andamos 16.293 ms. ou sejam 4 léguas.

Em Riacho dos Cocos fizemos algumas observações termométricas:

Às 20,5	hs.	.....	24°	C.
Às 23,0	hs.	.....	27°	C.
Dia 27 :-				
Às 2,0	hs.	.. (acordei por acaso)	24°	C.
Às 6,0	hs.	.....	23°	C.

Com a temperatura de 23.º tive a sensação de frio: tudo é relativo neste mundo. As seriemas cantam (6 hs.). Estou ouvindo muitas neste momento. Geralmente este pernalta anda aos pares.

O vale do Gurguéia, até aqui, é coberto de uma floresta muito rala, havendo clareiras de um hectare a mais. O capim que predomina é o panasco: mostra-se mais cerrado nos lugares arenosos e mais falho onde a argila predomina. Quer num, quer noutro lugar o capim não é viçoso. Vê grande quantidade de faveiros e anonáceas. A vegetação de um modo geral é raquítica.

Levantamos o acampamento e nos pusemos em marcha. Às 8,30 hs. atravessamos o Gurguéia perto da Barra do Lance. Chegamos às 8,45 hs. ao Barracão. Paramos 0,45 ms. Esta morada fica, portanto, à margem esquerda do Gurguéia. Aquí plantaram algodão em Novembro de

(64) É digno de nota a preferência que se dá aqui à palavra *riacho* e seus derivados, para designar pequenos cursos de água: *riacho*, *riachinho* e *riachão*. No Sul, em São Paulo, por exemplo, os vocábulos *córrego* e *ribeirão*, quando é maior o volume d'água, são os preferidos.



1914, o qual não sofreu muito por falta de inverno, isto é, de chuva. Uma velha de fuso em punho está fiando o algodão há pouco tempo colhido.

Encontrei nesta localidade uma leguminosa que faz lembrar a *manduvira*. A flor é amarelo-avermelhada. É conhecida aqui pelo nome de *andú*. Não será uma corruptela de *guandú*?

Fiz um esbôço da flor e da vagem. Quando saímos do Riacho do Côco, passamos por um pequeno ondulado pedregoso (arenito). O capim que predomina ainda é o panasco. Na margem esquerda do Gurguéia, onde já estávamos, percorremos extenso baixão, densamente coberto de carnaúbas, até o "Olho-d'água" da fome"; vegeta, também, aí, a palmeira burití, para mim, a mais bela palmácea brasileira. Ao lado do burití, é comum encontrar-se a palmeira buritirana. (65) Atravessamos o riacho Carnaíba, em que há ainda poços de água. Daí por diante a terra, que é argilosa ou argilo-silicosa, apresenta topografia levemente ondulada, com predominância do capim agreste. As ondulações deste terreno são formadas pelas divisões das águas dos riachinhos que desaguam no Gurguéia.

Até o presente, de acôrdo com o que venho observando, o agreste desenvolve-se, atingindo a altura de um metro, em terras argilo-silicosa e o panasco é mais propício das terras silicosas.

Essências florestais próprias da região:

Folha larga.

Faveiro

Catinga de porco: — há duas famílias conhecidas vulgarmente com êsse nome: Celastráceas e Euforbiá-

---

(65) Buritirana é uma palmeira de pequeno porte; as folhas têm a forma de leque como a do burití. Daí o indígena chamá-la buritirana, isto é: falso burití. A desinência — rana — quer dizer falso, parecido. Será a mesma palmeira amazônica *Mauritia aculeata* H. B. K.?

ceas. A primeira pertence a *Meytnus gonocladus* M. e a segunda a *Cronton adenocalyx* Baill.

Cajueiro: — Famil. Anacardiáceas — *Anacardium corymbosum* Rodr.

Piquí ou Pequí. Nos estados do Piauí e Maranhão ouvi sempre a forma piquí. Fam. Cariocaráceas — *Caryocar brasiliensis* Camb.

Páu-d arco ou ipê. Fam. Bignoniáceas, gênero *Tecoma*. Neste gênero há muitas espécies. No Piauí ví sempre o ipê amarelo.

Em quase todas as moradas por onde passei ví criação de galinha d'Angola ou capote, como é aquí designada. Ví, também, alguns exemplares albinos, completamente brancos. São muito bonitos.

Há por aquí criação de cabras, mas não em alta escala como deveria ser em virtude das ótimas condições do meio. Dentre todas as variações de tipo racial há uma que me chamou a atenção pela constância da côr e beleza das formas: côr castanho; cara, barriga, escudo, parte inferior da cauda e extremidades dos membros pretos; chifres direitos e regulares. Parece um tipo bem definido. Com facilidade se poderá fixar de vez essa raça, que os criadores já distinguem com denominação especial — *canindé*. Apesar do cruzamento desordenado, à ventura, os caracteres raciais persistem.

Partimos do Barracão às 9,30 horas e chegamos ao Retiro do Coqueiro às 10,30.

O vaqueiro informou-me que êste ano não tem aprecido a praga dos carrapatos. Nos anos de pouco inverno, como é óbvio, os carrapatos não resistem às sêcas: é um mal a menos.

Andamos 19.525 m. ou, mais ou menos, 5 léguas. Paramos para almoçar. Depois do almoço continuei a palestra com o vaqueiro. Tive a primeira informação sôbre um mal que mata o gado. Na região do mimoso

é conhecido por — *mal triste*; na do agreste, onde eu tomei estas notas, chama-se — *tóque*. (66)

Às 14 horas pusemo-nos em marcha, em demanda do Riacho-da-porta. Atravessamos chapadões cobertos de agrestes. Em alguns lugares ví o *capim de raiz*. O agreste, quando frutifica, torna-se muito incômodo para os cavaleiros. As sementes têm umas pontas afiadas que varam as calças e ferem a pele. A semente assim incômoda é chamada pelos vaqueiros *pico de agreste*. A calça de couro evita êste inconveniente. Além das essências florestais atrás citadas, ví mais: uma pequena palmeira de uns 2,50 m. de altura por uns 10 cm. de diâmetro, cujo nome vulgar é patí — *Cocos botryophora* Mart. e o conhecido jabotá ou jataí — *Hymenaea courbaril* Lin., carregado de frutos.

Notei formigueiros de saúvas por toda parte. Pobre de quem tentar fazer alguma cultura aqui!

Apanhei o primeiro *Triatoma* (*megista* ou *sordida*?), o célebre *barbeiro* de Minas Gerais. Aquí é conhecido por *chupão* ou *bicudo*. Como prova da presença dêste perigoso hematófago ví um menino, na casa em que dormimos, com fâcias de indivíduo atacado pelo "Mal de Chagas". Não ví papudos, a não ser antes de chegada a Regeneração, perto de Amarante, onde fui informado de que havia chupões. E' fácil imaginar o estado em que ficaram os meus nervos. Examinei cuidadosamente a rede; não ví indícios do nojento hemíptero. Respirei um tanto aliviado.

Dia 28. Às 7,30 hs. deixamos, sem saudades, o pouso Riacho-da-porta. Às 11 hs. chegamos a Aparecida, terra do meu eminente amigo Dr. João C. da Rocha Cabral, grande entusiasta do desenvolvimento agrícola-

---

(66) Até S. Filomena fui fazendo observações interessantes sobre esta moléstia. Mais adiante, portanto, voltarei a me referir à mesma, com mais pormenores.

nacional. O Dr. João Cabral é um enamorado da terra piauiense. Toda a sua influência política êle a consagra ao incremento agro-pecuário de seu estado natal. Amando sua terra, parte do todo brasileiro, amava com todas as veras da alma o nosso querido Brasil. Patriota que acredita na grandeza futura do País. Sendo, como é, um notável jurista, empresta seu talento e sua pena ao serviço do campo, da agricultura. Com o meu distinto colega José Fonseca Ferreira fundou a utilíssima e bem feita revista agrícola — “BRASIL AGRÍCOLA”. Pelo título vê-se qual o programa da revista: ela é do Brasil inteiro. (67)

Aparecida causou-me uma profunda desolação. Não sei por quê existe êste povoado, e se êle desaparecesse seria um grande bem. Não conseguí ver a razão econômica desta cidade. Tive a impressão de que estava em franca decadência. Encontrei o *Triatoma megista* em grande quantidade. A população tem um aspecto doentio; atualmente não há papudos. Informaram-me que há pouco morreu uma velha papuda. Dizem as pessoas com quem tenho falado que os chupões atacam as galinhas no chôco, de tal maneira, que estas morrem exauridas, sem um pingo de sangue. O *Triatoma* é conhecido aquí pelo nome de bicho de parede.

Dormimos no prédio em que está instalada a estação telegráfica. O fato de ser um prédio com paredes

---

(67) A revista, tão útil e bem feita, não mais existe. Nem as coisas boas duram entre nós. Esta instabilidade, crelo, deve ser um defeito da raça latina. Iniciamos uma empresa com a fúria do fogo de palha; como êste, clareia, mas dura pouco. A solução de continuidade é o nosso grande mal. A constância é o milagre que transforma até o que é medíocre em portento, em obra profícua. Êsses dois pioneiros já tombaram na arena do trabalho. O Dr. João Cabral, que alcançou a casa dos 80 anos, faleceu em 1945, como professor da Universidade do Brasil; o meu colega Fonseca Ferreira, o nosso querido e saudoso Ianco, faleceu como alto funcionário do Ministério da Agricultura, em 1940.

rebocadas e caídas animou-me a pernoitar nêle. Contudo, de manhã, quando pulei da rêde, examinei-a bem, e infelizmente ví uma larva do perigoso inseto no punho da rede. Tirei o pijama, examinei cuidadosamente o corpo e não encontrei sinal de picada. Raciocinei para me confortar; nem todo chupão está infetado, e é infetante; em todo o caso, seja o que Deus quiser.

Os cientistas do Instituto de Manguinhos deveriam conhecer êste biotério de triatomas. Sempre que era possível quando desconfiava da presença do chupão, eu armava minha rede no terreiro entre duas árvores. É verdade que o inseto também pode estar oculto numa árvore; mas, seu *habitat* predileto são as rachaduras das paredes de barro, perto dos "fornecedores" de sangue.

Dia 29. Partimos de Aparecida às 15,20 hs. Ao deixarmos Aparecida, no arrabalde da cidade, atravessamos uma várzea, vale do Efolado, coberto de belos buriús. Às 16 hs. começamos a subir a serra, escarpada, desnuda, de pedras vermelhas, e 15 minutos depois tínhamos galgado o chapadão. O capim que predomina é o agreste. A mata é idêntica à que se observa antes da chegada a Aparecida. As palmeiras patis são abundantes.

Chegamos a Inhumas às 16 hs. Percorremos 21.354 ms ou um pouco mais de 5 léguas. Aquí encontrei também o repelente redúvio hematófago. Inhumas é a sede de uma fazenda de gado e ponto de parada de viajantes. O que há de notável é o ôlho d'água.

Dia 30. Fazenda das Inhumas. Às 6 hs. fizemos as seguintes observações:

Temperatura — 18.º: Barómetro — 750.

Sentimos muito frio. Não sei se foi por isso que achamos a água de ôlho d'água tépida e gostosa.

De madrugada, quando o dia clareou, fomos tomar banho no ôlho d'água. Em verdade são vários olhos

d'água, num raio de 10 ms., a borbulhar, trazendo à superfície líquida uma areia branca e fina. A água, que é abundante, forma um brejo grande, habitado por diversas espécies de aves aquáticas, notadamente a *inhuma*. (68)

Entramos nos olhos d'água, no fervedouro; era tal a força com que saía a água misturada de areia, que mal podíamos submergir o corpo até os ombros. Que banho delicioso! Quanta maravilha ali perdida naquele sertão! O vaqueiro da fazenda Sr. Francisco Alves Moreira contou-me que passou por aqui um homem com o corpo cheio de feridas, e que apenas com dois banhos sarou. Notei que o povo faz uma certa distinção entre os verbos *sarar* e *curar*. *Sarar* é empregado para designar a cura de uma ferida ou chaga: "a sua ferida sarou"; *curar*, refere-se ao restabelecimento da saúde: "o curandeiro cura quebrantos".

Não me parece, voltando ao olho d'água, que a água seja sulfurosa, porque não percebi o menor cheiro de enxofre. Quero acreditar que se trata de uma fonte de água rádio-ativa. Não resta dúvida: é linfa preciosa e digna de estudos. O lugar é lindo, muito pitoresco: um espesso buritizal, entremeado de buritiranas, cobre o terreno alagado, refletindo as verdejantes comas nas clareitas, aqui e ali, da emaranhada vegetação aquática.

Depois do banho tive a oportunidade de ver e ouvir o enorme pássaro, que dá seu nome ao local. Esta curiosidade ia-me custando caro. Ao deixarmos o pouso, às 6,50 horas, já na estrada que corta o buritizal, ouvi o canto, ou melhor, o ronco da inhuma ou

---

(68) Ave da família dos Anhimídeos — *Anhima cornuta* Lin. Tem uma voz estranha: ao longe parece um touro urrando. Quem a sua voz ouve, grossa, de baixo profundo, não conhecendo o animal, dificilmente acreditará que a voz é de uma ave.

anhuma e sem preocupar-me com o caminho que a minha montaria percorria, eu procurava descobrir a ave; de repente, a um palmo do meu peito, vejo ameaçador um enorme galho de árvore que atravessava a estrada: a única coisa que pude fazer para livrar-me do acidente imediato, foi deitar-me de costas sôbre a anca do animal, e assim evitei ser cuspidado da sela, sem contudo deixar de sofrer algumas equimoses e arranhaduras.

Quem viaja por estas paragens não pode descuidar-se, precisa estar sempre atento, com os olhos no caminho, porque êstes, embora às vezes tomem o pomposo nome de *estrada real*, não passam de insignificantes trilhos entupidos de mato.

Chegamos a Bebedouro, à margem direita do Gurguéia às 10,30 hs. Atravessamos o rio na altura da Lagoa da Chapada.

Em Bebedouro há cultura de algodão de sementes inteiras, arbóreo; mas, êste ano, devido à sêca, as maçãs não abriram. Os moradores da casa onde almoçamos usam indumentos de algodão fiado e tecido por êles mesmos. Há muito *Triatoma*. Ví velha papuda. De Inhumas até aquí o terreno vem descendo. Andamos 19.056 m. ou sejam quase 5 léguas.

Ao chegarmos a Bebedouro, estava "botando a baixo" na mesma casa onde íamos almoçar, um estafeta do correio, ou simplesmente o correio. Homem e montaria formâm um conjunto interessantíssimo: êle, de estatura mediana, magro, louro-queimado, hirsuto, desdentado e um pouco estrábico, calças e paletó de algodão listado e chapéu de couro, na cabeça; o animal, burro ruano, magro, lombo ferido pela cangalha, olhos lacrimajantes e, para cúmulo da sua desventura, zambro.

Antes do almôço mandei que o empregado dêsse milho aos nossos animais. Com o ruído que fez o milho ao cair no côcho, o burro do correio (salvo seja)

deu o desespero, aquele barulho prometedor lembrou-lhe dias de fartura, começou a mascar o bridão, soltava gemidos guturais, como que a resmungar, batia com impaciência os cascos no chão, virava de um lado para outro, estava em ponto de romper o cabresto, para atirar-se doido, ávido, à mangedoura onde os nossos felizardos animais comiam e se mordiam mutuamente para evitar que um comesse mais que o outro.

O estafeta, vendo que eu havia notado o desassossêgo do pobre burro, posto em brios, levantou-se e foi a uma sacola em que trazia um pouco de milho. Eu estava deitado em minha rede, descansando, e como a posição em que me encontrava não me permitisse vê-lo, aguicei os ouvidos e assim acompanhei os seus movimentos. Percebi que tomou uma cuia, deu-lhe umas pancadinhas para limpá-la de alguma sujeira e, colocando-a no chão, deitou-lhe o milho da sacola, dizendo: — “Te aquieta bicho, come diabo, agora tu vai comê prá te desgraçá...” E o *trek-trek* dos grãos de milho que caíam na cuia, deu-me a impressão que não passavam de um punhado. Não pude conter-me: levantei-me e fui dar uma espiada na cuia em que o ruano sófrego introduzia o focinho. A miséria da ração e aquele típico “tu vai comê prá te desgraçá”, provocaram-me uma gostosa e incoercível gargalhada.

— Amigo — disse, — dirigindo-me ao estafeta — com sua licença, vou mandar o meu pagem botar um pouco mais de milho para seu burro ir se distraíndo enquanto nós almoçamos.

— Não precisa; vossoria não se incomode, não. Esse bicho fais isso só de esperto; êle tem comido é muito.

— Eu sei; contudo, não faz mal que êle hoje abuse um pouco. Nós vamos pernoitar aqui perto, na Fazenda Grande, e lá fazemos nova provisão; ao passo que o



amigo tem muito que andar e não pode desfaltar suas reservas.

— É verdade, tenho muito chão na minha frente. Vou batê em Parnaguá.

— Em Parnaguá?! e com êsse animal só?

— Vossoria não faça pouco, não; quando êsse bicho se apulma na estrada, não tem quem acompanhe êle, não: não tem subida, não tem descida, vai levantando uma nuvem de poeira; é por isso que eu não derrubo muito milho nêle, não.

— Então, o senhor leva correspondência de Parnaguá? e os lugares intermediários, como fazendas e moradas, não recebem correspondência?

— Nas malas lacradas vai a correspondência direta; na maca eu levo as cartas que devo entregar no caminho.

— Quer dizer que o senhor é obrigado a dar muitas voltas?

— Não, senhor; as cartas prá os moradores eu boto na encruzilhada do caminho, com um ramo de árvore em cima. Quem passar pelo caminho vê a carta no chão, lê o endereço, e se vai p'ras bandas do dono da carta, entrega ela direitinho.

— Mas as cartas não se perdem?

— Não, senhor; o povo do interior é muito prestativo.

O Dr. Agenor, que terminara de escrever seu diário, chamou-me para almoçar. Convidei o simpático estafeta. Para êle, o nosso almôço deveria ser um banquete: duas malas de couro cobertas com uma toalha branca, constituíam uma mesa; pratos de alumínio e talheres de metal; manteigueira e um prato de biscoitos de polvilho, que íamos lambiscando enquanto aguardávamos o almôço pròpriamente dito. O cardápio era, mais ou menos, êste:

Frito de frango (virado de frango) ou frito de carne de porco, ovos quentes com verduras, arroz e finalmente café.

Quando não tínhamos os fritos, recorriamos à carne assada ao espeto, carne de sal, que, diga-se de passagem, é muito gostosa. Isto em pleno sertão do Piauí, durante dias e dias de uma viagem a cavalo, cheia de imprevistos, contratempos, que só tenacidade e método podem superar.

Partimos de Bebedouro, depois de nos despedirmos do estafeta, às 14,45 hs.

No lugar denominado Saco-dos-bois, ví um formigueiro de saúvas, no qual as formigas conduziam para fora o conteúdo das panelas: detritos vegetais cobertos de fungos de que se alimentam. Creio que se trata de casos idênticos ao que observei nas terras do Instituto do Butantã. (69)

Às 15,15 hs. passamos pela Gameleira. Antes de alcançar o pouso, atravessamos o leito sêco, "cortado", do Riacho do Castelo, afluente do Gurguéia. O vale é coberto por espesso pindobal de babaçú. Dêste ponto começam os terrenos, os melhores terrenos que ví no percurso feito: aparecem algumas caatingas. Às 17,40 hs. chegamos à Fazenda Grande, onde íamos pernoitar. Andámos 17.580 ms. ou um pouco mais de 4 léguas.

O Riacho do Castelo corta as terras da Fazenda Grande. Foi o primeiro curso de água completamente sêco que encontramos durante a viagem. Estávamos no início da grande sêca de 1915.

Às 18 horas fizemos as seguintes observações:

Temperatura — 38.º; Barómetro — 745.

---

(69) No fim dêste capítulo transcrevo a nota que publiquei, em 27/4 de 1915, no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro.

A Fazenda Grande fica próxima da margem do Gurguéia, talvez a uns 5 quilômetros. Neste ponto o rio tem as margens alagadiças, apresentando o terreno, em certos lugares, depressões, que as menores enchentes transformam em lagoas — refrigério para o gado na estação seca. Como tudo na vida tem o seu lado bom e o mau, as águas das lagoas à margem do rio fazem crescer as gramíneas apetitosas e ao mesmo tempo cardumes de piranhas vorazes. Quanta vez, o pobre gado acossado pela fome e sede entra nas lagoas e aí é devorado pelos terríveis caracínideos! Eles também têm fome!

Para evitar os possíveis “chupões” e as “muriçocas” (mosquito pernilongo do sul) coloquei o mosquitoeiro na rede, deitei-me e adormeci ao som da cantilena da mosquitada lograda. Que prazer!

Dia 31. Às 6 horas fizemos as seguintes observações:

Temperatura — 18.º3; Barómetro — 749.

Enquanto que ontem sentimos frio, quasi à mesma temperatura, hoje estamos gozando as delícias de uma manhã fresca. Ontem, nas Inhumas, estávamos num buritizal e hoje nos encontramos na chapada à beira da caatinga.

Partimos às 6,50 hs. Às 8,30, depois de percorridas 2 léguas, passamos ao lado de uma grande lagoa, chamada Lagoa da Barra. Os terrenos que a circundam são aproveitados para fins agrícolas no período da seca. O gado que pasta nos arredores tem bom aspecto. Vi um belo touro, araca, e outro que se assemelhava muito com os da raça Schwitz: só lhe faltava ter no fio do lombo a risca mais escura e as bordas das orelhas claras; não lhe faltava nem o clássico topete, que embeleza aquela raça suíça. É possível que seja fruto da desordenada mestiçagem que impera nos nossos campos.

Próximo à lagoa ví outro formigueiro de saúvas atacado pela moléstia que observei nos arredores do Buntantã.

Chamou-me a atenção um grupo humano que estava arranchado em tórno da lagoa. Pensei a princípio que se tratasse de ciganos, sem refletir no absurdo da suposição. Informaram-me que eram "retirantes". Saiba o leitor que quer dizer "retirante"?

Retirante é a personificação da tragédia: é o indivíduo que viu as suas plantações reduzidas a pó pelo sol inclemente; que assistiu à morte de seu gado, por inanição, depois de andar, foice em punho, à procura do último ramo verde de joazeiro, depois de cavar exaustamente a última cacimba no leito sêco de riacho; é aquele que já esgotou todos os recursos para disputar à morte seus entes queridos, depauperados, intoxicados pelos sucedâneos impróprios à alimentação; é o infeliz sertanejo que abandonou, talvez para sempre, o seu lar paterno, onde nasceram seus pais, onde êle próprio viu pela primeira vêz a luz do dia, onde lhe nasceram os filhos bem amados; é aquele que, tendo perdido tudo, sai como pária à procura de um refrigerio em que possa salvar a família; é o viandante da desgraça, que vai deixando, como rasto tétrico de sua passagem, cruces toscas de árvores, mortas também pela sêca, assinalando o chão onde tombaram enfim as pobres vítimas dos elementos, sem a carícia, nos últimos instantes de vida, de enganosa, mas doce miragem dos desertos.

Está feita a apresentação: êsse é o retirante! Leitor amigo, não tenha dúvida, aperte a mão forrada de calos dêste caboclo brasileiro digno de melhor sorte.

Diminuí, até parar, a marcha da minha montaria, e observei: os homens tarrafeavam na lagoa, as mulheres acendiam o lume e as crianças choravam de fome — não era difícil adivinhá-lo. Contemplei-os, por alguns

momentos, com o coração compungido pela dôr: aquela visão quase macabra, fantasmagórica, mais parecia uma composição melancólica do solitário de Toledo — El Greco — idealizando os sofrimentos do inferno.

Quando a fome — má conselheira — e a impunidade do sertão justificariam e facilitariam um assalto às nossas cargas, humildemente limitaram-se a pedir uma esmola pelo amor de Deus! Naturalmente os nossos alforjes se abriram.

Paramos para almoçar em Tranqueiras, às 10 hs. Percorremos 16.473 ms. ou pouco mais de 4 léguas. Às 12 hs. fizemos as seguintes observações:

Temperatura + 32,°5; Barómetro — 749,5

Aquí não há capim agreste. Ví outra gramínea, vulgarmente denominada grama ou caatinga. O gado está bonito, gordo, pêlo liso e luzido. Não há carrapatos e nem moléstias. A última chuva caiu em Abril, segundo o que me informou o vaqueiro João Viriato de Souza.

Quando o Gurguéia enche inopinadamente, prende o gado nas ilhotas formadas pelas águas; então, a visita do vaqueiro a todos os recantos da fazenda inundada torna-se impraticável por falta de meios adequados, decorrente de imprevidência comum no homem do sertão.

A côr do gado que predomina aquí é a do caracú: “boi liso”, denominação regional: o gado que tem a côr parecida com a do Schwitz é conhecido por: “boi raposo de cabelo grosso”.

Partimos às 14,40 hs.; às 16,05 passamos ao lado da Lagoa Grande; às 16,20 hs. cruzamos a Vargem das Flores, a duas léguas das Tranqueiras; às 16,45 ladeamos a Lagoa da Barra dos Porcos; às 18 passamos por Extrema; às 1,20 por Cascavel e às 19,15 chegamos a Santa Rosa. Percorremos 25.906 ms. ou sejam: 6 ½ léguas. Pernoitamos na casa do Adão,

Dia 1.º de Agosto. Sentimos muito frio durante a madrugada: às 6 horas registamos as seguintes temperatura e pressão barométrica:

Temperatura — 17.º: Barómetro — 751

Quando estávamos na fastidiosa luta de reunir e preparar os animais para o reinício da viagem, passaram pelo nosso pouso os retirantes que havíamos visto arranchados na margem da Lagoa da Barra. Cumprimentaram-nos ainda agradecidos, e, de acôrdo com o hábito sertanejo, indagaram nossos nomes e para onde íamos; nós, por nossa vez, fizemos o mesmo. Assim ficamos conhecendo uma família inteira:

Manoel Victorino da Silva, sua esposa e sete filhos, sendo cinco meninos e duas meninas. Vinham de Jaiçós e se destinavam a Brejo Novo.

Manoel Victorino! Este nome traz à memória a pessoa ilustre do vice-presidente da República no governo do grande paulista Dr. Prudente de Moraes. A homenagem ao político baiano encerra, não há duvida, um sonho de paralelismo, votos de um futuro brilhante para o filho: deveria crescer, tornar-se homem capaz de vencer todos os obstáculos que lhe quisessem embargar os passos, aprenderia a ciência, as letras, as artes, seria um grande brasileiro.

Tudo isso eu ia pensando enquanto os caquéticos e esqueléticos retirantes, a dois de fundo, irregularmente, marchavam todos, homens e mulheres a pé, velhos e crianças a cavalo — estas, dentro de enormes jacás de taboca — marchavam levantando espessa nuvem de pó, que cobria os que iam na retaguarda. Pobre gente! No pouso, segundo informações de Manoel Victorino da Silva, deixaram algumas crianças enterradas.

Nunca mais este quadro dantesco me saiu da mente; jamais pude arrancar da memória a lembrança desta triste manhã, desta caravana de morte,

Partimos às 6,35 h.; às 7 horas passávamos pelo lugarejo chamado Barra do Correia, onde paramos uma hora e meia. Neste local constatei a presença do triatoma. Há papudos e pessoas raquíticas.

Nos baixões de São Lourenço, que distam 7 léguas da Barra do Correia, há capim agreste, milho, feijão bravo, camaratuba e jitirana que constituem boa pastagem para o gado. (70) Durante as sêcas mais ou menos prolongadas os baixões servem de refrigério para os animais da redondeza.

Há pequeno canal perto. No momento estão plantando arroz, que esperam colher em dezembro. A uns cem metros dêste lugar, Barra do Correia, ví um formigueiro de saúvas rejeitando suas culturas, isto é: deitando para fora do formigueiro o conteúdo das "painelas". São 19 horas e as formigas não param: trabalham com o afã na limpeza do formigueiro sem dúvida alguma afetado por elemento nocivo ás formigas.

A região que atravessamos é de caatinga: os cáctus aparecem em suas múltiplas espécies botânicas. Entre essas cactáceas ví a *Opuntia brasiliensis* e o xiquexique — *Pilocereus Gounellei* Web. — que é aproveitado como alimento nos períodos calamitosos das sêcas prolongadas.

Nas bacias que ficam próximo às margens do Gurguéia ví bonitos carnaubais. Na estação das chuvas — o inverno nortista — as águas atingem até 3 metros acima do solo. Esta observação é muito fácil de ser feita, pois nos estipes das carnaubeiras vê-se nitidamente o sinal deixado pelas águas barrentas.

Continuando a marcha fomos atravessando varjões cobertos de mata alta em certos lugares, e noutros, com-

---

(70) Capim milhã: *Paspalum intermedium*.

As plantas acima citadas constituem bom alimento para o gado.

pletamente limpos, inundáveis pelas cheias do Gurguéia. É um vale fértil, limitado por uma cadeia de montanhas que corre a uns três quilómetros. Encontramos várias lagoas e lugares baixos próprios para plantações no verão. Há pequenas culturas de algodão, geralmente algodão arbóreo. Entre a promiscuidade bovina, ví alguns exemplares de caracú típico. O gado está gordo. Nas matas da região ví muita arueira e creolin.

Chegamos a Rosário às 11,30 hs. Andamos 20.221 ms. ou 5 léguas. Às 12 horas fizemos as seguintes observações:

Temperatura 32.º C: Barómetro — 747

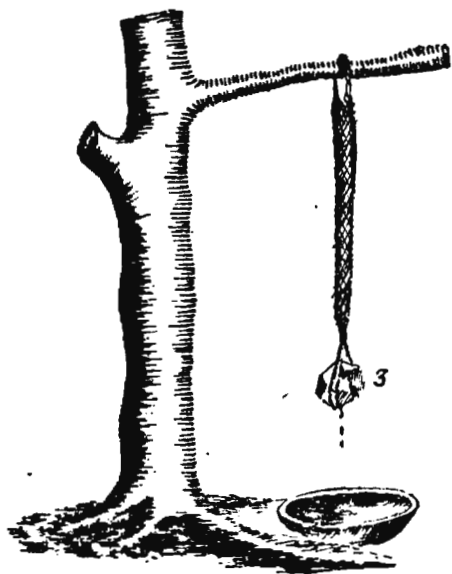
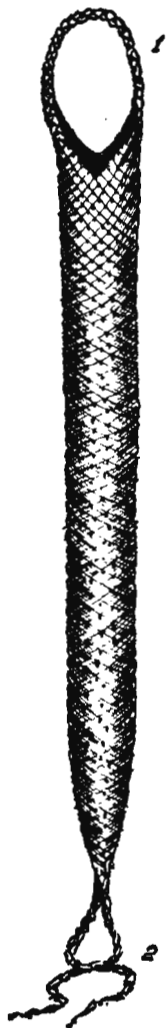
Partimos às 14,45.

Vamos pernoitar no lugar chamado Umburana, se tudo correr de acôrdo com os nossos desejos, se as cargas dos burros não perderem o equilíbrio indispensável à boa marcha da tropa.

Chegamos a Umburana às 18,15 ainda com dia claro, depois de uma travessia agradável por entre capões de mato e vargado fértil, próprio à agricultura. Chegamos é um modo de dizer, pois só representa a verdade em parte; chegamos nós: os que íamos a cavalo, a tropa, porém, ainda estava no caminho. Para nos livrarmos da caceteação de acompanhar de perto os burros de carga, tocávamos na frente, acompanhados pelo pagem a cavalo, o qual trazia nos alforjes café, açúcar e biscoitos. Ao chegarmos ao lugar do almoço ou pouso, armávamos imediatamente as redes que trazíamos nas macas, enquanto o pagem preparava o café e dava início aos trabalhos culinários propriamente ditos. Então podíamos calmamente escrever em nossos diários as observações que havíamos feito pelo caminho e esperar a chegada da tropa.

— A tropa está demorando, Altino.





— Ela não demora, não: o “chocaió” tá batendo bem alí na baixada pra cá daquele mato.

Eu procurei escutar, aumentando com a palma da mão o pavilhão auricular, e nada ouvi do chocalho da tropa.

— Não estou ouvindo, Altino; você não estará enganado?

— Vige! seu dotô; Vossoria não tá escutando? A bicha vem batendo alí mesmo, tá subindo o tabuleiro.

Eu, para encurtar a conversa, dei a entender que estava ouvindo o chocalho; no entanto, só depois de  $\frac{3}{4}$  de hora é que, de fato, ouvi os primeiros e indecisos sons do cincerro da “madrinha” da tropa.

Eu acabava de fazer uma observação muitas vezes confirmada: o sertanejo, em geral, tem um ouvido apuradíssimo, percebe os mais variados e longínquos sons — herança do avô ameríndio.

Andamos, na segunda etapa do dia, até Umburana, 20.482 ms. ou 5 léguas.

A três léguas d'êste local, para o nascente, há os brejos das cabeceiras do riacho Sant'Anna, que constituem terras boas para a agricultura. Há cultura de algodão. Ví uma pele de sucurí, sucurujuí, como é conhecida aquí esta cobra, de cinco metros de comprimento, morta nas margens do rio Gurguéia.

Dia 2. Às 6 horas da manhã fizemos as seguintes observações meteorológicas em Umburana:

Temperatura — 17.º: Barómetro — 752

Partimos às 6,30. Às 8,15 chegamos ao sítio chamado “Princípio”. O que há de notável aquí, é uma engenhoca de cana para o fabrico de aguardente. A safra anual é de 2.500 frascos. Ví um boi araçá-jejê. À 9,15 deixamos “Princípio”, mais ou menos decepcionados por não termos encontrado garapa fresca para matarmos a sêca e a saudade.

Chegamos às 10,30 a Macambira, depois de um percurso de 20.225 ms. ou 5 léguas. Aqui encontramos um homem, um “freguês”, bem ativo, atestado vivo de que nada resiste ao trabalho. O dono da morada, onde “botamos a baixo” para almoçar, é um caboclo trabalhador e prestimoso. Casa de adobes e coberta de palha, apresenta bom aspecto: tudo simples, mas tudo muito limpo e bem arrumado. Na dependência em que nos arranchamos, embora de páu-a-pique, também notei o mesmo cuidado e asseio. Grandes depósitos feitos de talo de burití, guardam o resultado das colheitas.

— Diga-me uma coisa, amigo — como é que o senhor tem tanta fartura?

— Eu não tenho preguiça de trabalhar: planto, trato das plantações e colho sempre o que dá para comer e vender um pouco.

— Que é que o senhor planta de preferência?

— Eu planto de tudo um pouco; mas, o meu forte é a mandioca, para o fabrico da farinha e tapioca.

— Como o senhor prepara a farinha?

— Isso é muito simples. Aqui ao lado está o ralo para ralar a mandioca, lá o tapití e acolá o forno. Quando estou atrapalhado com outras coisas, eu chamo alguns vizinhos para a “desmancha”. Para pagamento do serviço eu dou a terça.

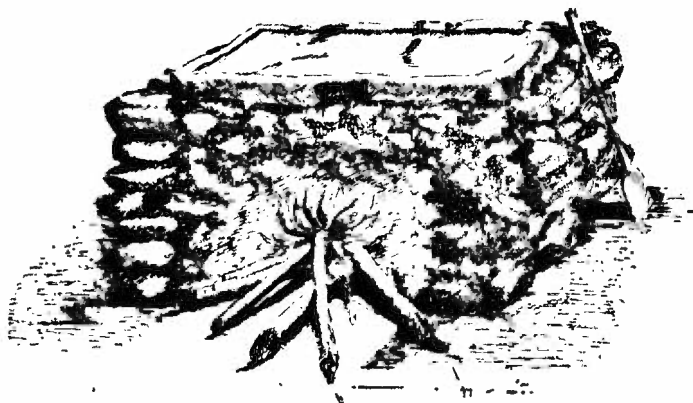
Dois são os processos para o fabrico da farinha da mandioca nestas regiões:

a) farinha comum: rala-se a mandioca, depois de descascada, num simples ralo ou num ralo cilíndrico — caititú — acionado por uma bolandeira; a massa assim obtida é colocada num tapití (71), ou numa prensa,

---

(71) Tapití, ou tipití, é um cilindro feito de taquara. O tecido, inteligentemente executado, dá elasticidade ao cilindro, de tal maneira, que, ao ser comprimido pelas extremidades, êle se encolhe e aumenta de diâmetro; neste estado, então, recebe a massa; depois é pendurado por uma das pontas num galho de

onde se espreme: o líquido que escorre manipuera — veicula amido e grande parte do veneno da mandioca — ácido cianídrico; colocado êsse líquido em recipientes apropriados, que podem ser simples gamela de madeira, o amido ou tapioca se deposita; decantado o líquido e aquecido ao fogo ou ao sol para volatilizar o ácido cianídrico restante, transforma-se no molho chamado tucupí; a massa, finalmente, bem enxuta vai ao forno e está pronta a farinha. Quanto ao amido a simples ação solar basta para torná-lo inócuo à saúde.



b) farinha puba: a mandiôca depois de descascada é posta na água, em paneiros, até amolecer e fermentar; a massa assim obtida é prensada e torrada como no processo da farinha simples. A farinha puba é também conhecida por farinha d'água, principalmente no Maranhão. Ela é amarelada e granulosa. Os grã-

---

árvore, e na outra extremidade pendura-se um peso. O tapiti, forçado a voltar ao diâmetro primitivo, aperta a massa e faz escorrer a manipuera que é aparada numa vasilha colocada em baixo do tapiti.

nulos, às vezes um tanto duros, representam sério perigo para os dentes mal calcificados. Não sei se os dentistas do norte gostam desta farinha, uma coisa, porém, parece certa — ela lhes deve fornecer muitos clientes.

As poucas horas que passei na morada Macambira, deram-me uma impressão muito agradável e testemunharam, mais uma vez, que o trabalho pode minorar os efeitos da inclemência da estação seca. Notando ausência de mulher na casa, perguntei ao nosso hospedeiro se ainda era solteiro.

— Sou casado, mas, infelizmente, minha mulher não anda boa.

— Que é que ela tem? Trago comigo um bom sortimento de remédios: é bem possível que ao menos um possa servir.

— Ela está na casa dos pais; aqui não tenho quem possa cuidar dela.

Dizendo isto, o sertanejo brioso, fingindo que ia tomar alguma providência, retirou-se comovido. Um compadre dêle que ouvia a conversa, informou:

— Deu o doido nela.

— Como?

— Não está regulando da cabeça. E' de cortar o coração da gente. Estou prá ver uma "mulé" mais trabalhadeira: era o braço direito do compadre.

Nem mesmo êste infortúnio foi capaz de quebrar a energia do caboclo. No trabalho encontrava o justo lenitivo à sua dôr e elemento material para sustento de toda a família.

Partimos de Macambira às 15 horas; passamos por Lage às 15,45 e por Barra do Sítio às 16,45.

Havia vários dias que eu vinha observando um fato curioso: um ninho de pássaros ao lado de um ninho de vespas, constantemente juntos na mesma árvore. Quando eu via um, procurava com os olhos e infalivelmente

encontrava o outro. Verifiquei tratar-se de um caso interessante da luta pela vida: os pássaros procuravam ter à mão ou melhor, ao bico, o alimento para seus filhotes; quase à porta de seu ninho, com a maior facilidade e o mínimo esforço, apanhavam as vespinhas suas incultas vizinhas.

O ninho do pássaros é grande, em forma de coador de café, construído com gravetos; o ninho da vespa é branco e bem feito: tem a forma de um pequeno surrão — nome por que é conhecido vulgarmente. (72)

O vale do Gurguéia na extensão percorrida hoje é muito estreito; a mata está sêca; não obstante isso, o gado é bonito e gordo, porque, não sendo tolo, procura refrigerios nas margens frescas e verdes do Nilo piauiense. Frondosa floresta cobre a faixa de terra umedecida e adubada pelas águas barrentas do rio. Entre outras, notei as seguintes essências florestais: jatobá, catinga-de-porco, páu-d'arco ou ipê, arueira, cagaiteira, cajueiro, tinguí, cundurú, vaqueta, goiaba, capitão-do-campo, araçá, piquí, tamboril, violeta, piquiá ou páu-ferro e creolin. Esta última é uma árvore frondosa, própria dos lugares baixos; quando cresce com bastante espaço, toma naturalmente forma arredondada e dá uma sombra agradabilíssima. O tamboril, por ser madeira mole e fácil de ser trabalhada, é aproveitada para o fabrico de canoas. Não acho que a escolha seja criteriosa: se de um lado a madeira mole facilita o trabalho dos carapinas, do outro, o fuste leve dá uma canoa "loca", embarcação sem estabilidade e muito perigosa para os ocupantes. E' desta madeira que se fazem os

---

(72) Enviamos ao Museu do Ipiranga um exemplar de cada um.

“cascos” ou “criminosos” de que falei quando tratei dos “bandeireiros do Divino”.

Atingimos o pouso, Pedrinhas, às 1,50 hs. Andamos 21.995 ms. ou 5 léguas boas. É interessante a nomenclatura da medida de comprimento, entre o povo do sertão: uma légua pequena regula, mais ou menos,  $\frac{3}{4}$  de légua; uma légua boa vai de  $1\frac{1}{2}$  a 2 léguas. Tudo isto depende, também, de quando e como foi feito o trajeto. Perguntando eu a um preto velho qual a distância da fazenda onde trabalhava, à cidade, respondeu:

— Depende, seu dotô.

— Como assim?

— Eu le espilico: Quando eu vô no cavalo tordio-negro do patrão, tem uma légua; quando eu vô no quartáu (73) do meu compadre, tem duas léguas; e, quando eu vô no meu jegue, tem três léguas, seu dotô.

O preto velho não deixava de ter razão. Por aí vemos que, antes, muito antes do sábio Einstein, o povo já sabia que no mundo tudo é relativo.

Pedrinha foi um contraste de Macambira. À chegada gritamos o clássico — Ó de casa!

— Ó de fóra — respondeu-nos uma voz feminina.

Apareceu à porta uma senhora idosa, alta, magra, cabelos ondulados de mestiça repartidos ao meio, com olhar cansado e bondoso.

— Vancês apeiem; a casa está às ordens.

— Muito obrigado — dissemos já amarrando os animais numa árvore. Depois pedimo-lhe licença para que

---

(73) Cavalo castrado.

o nosso pagem e cozinheiro preparasse, na cozinha da casa, o nosso jantar. Como já disse, o meu companheiro de viagem e chefe da expedição — Dr. Agenor — não se descuidava das menores coisas para o nosso conforto, e entre estas, como é natural, figurava a nossa alimentação, a organização quotidiana das refeições. No cardápio de Pedrinhas, constava: arroz, ovos estrelados na manteiga, carne de sol assada ao espeto, beijú de tapióca, doce de leite, café e broinhas. Que tal?

Quando o cozinheiro serviu a carne, segredou-me ao ouvido:

— A dona está pedindo um tiquinho de carne: posso dar?

— Pode.

Depois do jantar, sentados nas rêdes, entabolavamos conversa com a velha.

— Então, estava gostosa a carne?

— Eu gosto muito de carne de sol.

— Mas, para a sua idade é melhor comer legumes, isto é: gerimum, aipim (74), jiló, alface e couve.

— Verdura que vancê diz é foia?

— E' isso mesmo.

— Eu não gosto de foia: eu fui criada com carne. Agora, com esta sêca, está faltando tudo. Até a criação miuça está difícil.

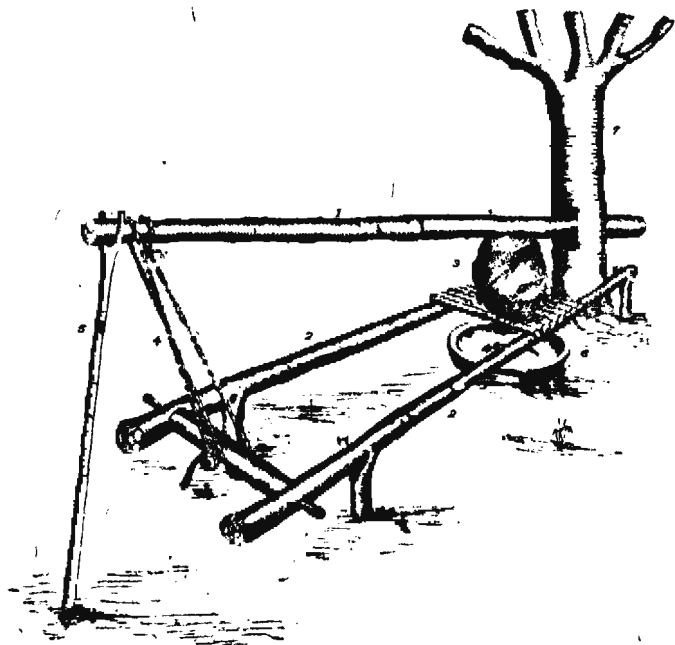
---

(74) Aipim, mandioca doce ou macaxeira: *Manihot palmata* Muell. O nortista distingue muito bem as duas mandiocas: quando diz simplesmente mandioca, refere-se à mandioca.



— Se eu morasse aqui todos os dias comeria carne boa.

— Cumo?



— E' só mandar um dos seus filhos armár uma arapuca ou urupuca, como dizem aqui, que apanhará quantas "voantes" (75) quiser. Nós lá no sul apreciamos muito a carne da "voante". Quem me dera poder

---

brava ou venenosa, destinada ao fabrico da farinha e tapioca. *Manihot utilissima* Phol. A mandioca diretamente comestível, mandioca doce, é sempre o aipim.

(2) Na linguagem popular o vocábulo pomba tem acepção moral, obscena; por isso, em vez de dizer: pomba voante,

comer um prato de “voantes” com angú e um molhozinho por cima.

A velha sorriu com certo desdém e complacência pelas bobagens que a seu entender eu estava dizendo. Percebi claramente que estava perdendo meu tempo. Para ela, carne só de grandes animais.

Antes de conciliar o sono veio-me à mente a brilhante página do livro “Terra do Sol”, onde João do Norte (Gustavo Barroso) descreve o vôo migratório, em bandos, dêste belo columbídio fugindo das sêcas, nordestinas. Êstes “retirantes” têm grande vantagem sobre o rei da criação, que, apesar de sua realeza, em tais circunstâncias é obrigado a marchar passa a passo com o auxílio do seu precário meio de transporte — as pernas. As aves são mais felizes: voam espaço em fora, rapidamente fugindo à fome e sêde a 60 quilómetros a hora.

A Natureza (com maiúscula) não andou errada aqui? Pois se o homem ocupa o mais alto gráu na escala zoológica, se é o remate da cúspide da criação, como se explica que um animalzinho, que nem mamífero é, disponha de meios tão perfeitos de locomoção? Em todo caso, se pensarmos na maravilha que representam braços e mãos ao homem, que correspondem às asas dos pássaros, teremos de concluir — sem o raciocínio da anedota — que a Natureza foi sábia, fez tudo muito bem.

Dia 3. De madrugada, ao romper da aurora, pulsei da rêde: estava curioso por ver a partida das “voantes” (vá lá) e verificar se ficavam os ovos das mesmas espalhados pelo chão, em baixo das árvores em que elas dormiam. De fato: encontrei muitos ovos

---

pomba verdadeira, pomba amargosa, dão ao adjetivo qualificativo a função substantiva, que traz implícita a idéia específica, isto é: *voante, verdadeira, amargosa* etc...

abandonados aqui, ali, por toda parte. As pombinhas já haviam levantado vôo. Para onde? Para as regiões dos riachos perenes.

Partimos das Pedrinhas às 5,30 hs. Pouco antes de iniciarmos a marcha, fizemos as seguintes observações meteorológicas: Temperatura — 17.<sup>o</sup>: Barómetro— 750.

De madrugada sentimos muito frio. E' interessante: por pequena que seja a queda da temperatura, sente-se muito frio nestas regiões. Raramente há orvalho. Por isso, eu, sempre que me era possível, em vez de dormir em ranchos ou casebres infectos, armava minha rêde entre duas árvores e aí dormia agradavelmente ao céu aberto.

Às 10,30 h., mais ou menos, atravessamos novamente o Gurguéia para o lado esquerdo. Aqui, nestas alturas, o seu volume d'água é bastante considerável; contudo, a cavalo, deu váu de margem a margem: tivemos de encolher um pouco as pernas para não molhar as botinas.

Ao deixar a beira do rio, começamos a subir a, encosta da montanha que na margem esquerda limita o vale do rio; no fim da subida, de chôfre, numa mutação rápida da topografia do terreno, entra-se no planalto, avistam-se os primeiros quintais das casas e, enquanto o diabo esfrega um olho, entra-se no largo da igreja — alma e coração do povoado, isto é, da cidade de Bom Jesus do Gurguéia.

Apeamos; o sol estava quase no zênite: os nossos relógios marcavam 11 hs.; havíamos percorrido, segundo os nossos passómetros, 31.950 m. ou 7 7/8 léguas.

Bom Jesus regula com Jerumenha, talvez seja um pouco maior, guardando, porém, praças e ruas a mesma disposição urbanística; na praça principal está localizada a feira — mercado — da qual partem três ou quatro ruas de 300 a 400 metros de comprimento; na prin-

cipal estão instaladas as residências das famílias gradas, e, nas esquinas, os estabelecimentos comerciais dos manda-chuva da terra; a população é constituída de gente bôa e acolhedora.

Fomos apresentados ao prefeito Sr. Arsênio Marcos de Souza Santos e ao delegado de polícia Sr. Odilon Parente. (1)

Lembro-me de um fato engraçado que o Sr. Odilon me contou, e que, até certo ponto, prova o processo paulatino da diferenciação do idioma português falado no Brasil. Na qualidade de delegado de polícia mandou prender um sertanejo que numa briga espancara um companheiro.

— Mas porque você bateu no homem?

— Eu le conto, seu capitão: não é de hoje que o cabra vinha inticando comigo. Depois, ontem, na festa do compadre João, êle passou por mim e me disse umas pileras — eu não respondi; amode que êle pensou que eu tava com medo: eu não queria consumição p'rá minha cabeça, seu capitão. Êle foi chegando, foi chegando, foi chegando e foi falando: só faltou me chamá de santo, e eu nem arrois; de repente êle me chamou de individe, então não arrisistí: descí a taça no cabra. O seu capitão tá vendo como um pai de fãmia se desgraça?

Com muito custo o delegado de polícia conseguiu conter o riso. E quando o Sr. Odilon Parente me re-

---

(76) Caprichos do destino: o sr. Odilon Parente, delegado de polícia, chefe político e fazendeiro em Bom Jesus, fez fortuna e agora é fazendeiro no Estado do Rio de Janeiro e tem na Capital da República importante escritório comercial. Há poucos dias, depois de 30 anos do nosso primeiro encontro, no sertão do Piauí, nos avistamos e nos abraçamos novamente.

produziu o caso, demos, os dois, gostosa gargalhada.  
(77)

Ele aguentou todos os desaforos, sem retrucar (nem arroz: não abriu a boca), mas quando o homem o chamou de *individe* (indivíduo) êle perdeu a cabeça e meteu o páu no adversário. É verdade que entre nós também os vocábulos indivíduo e sujeito, conforme o tom ou maneira por que são pronunciados, têm sentido pejorativo e representam insulto.

Em vez de pilhéria o caboclo nortista diz — *pilera*: há uma tendência para transformar o grupo *lh* em um simples *l*; na supressão do *i* da última sílaba, quer me parecer que há uma reminiscência quinhentista.

*Assim canta o lusitano vates  
"Mas já a luz se mostrava duvidosa  
Porque a lampada quando se escondia  
Debaxo do horizonte e luminosa  
Levava aos antípodas o dia."*

(Canto oitavo — estrofe 44)

*"Que o grão Senhor e Fadas, que destino,  
Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
Famas, máres, que nunca, determinarão  
De dar a êstes barões no mar profundo."*

(Canto sexto — estrofe 33)

Em Bom-Jesus foi que ouvi falar, pela primeira vez,  
em salitre e em cangaceiros.

---

(77) Vocábulos empregados pelo sertanejo: *le* — *lhe*: seu — senhor; *cabra* — pessoa de baixa esfera, capanga de alguém; *inticanb* — implicando; *pilera* — pilhéria; *amode* — parece; *consumação* — aborrecimento; *chamar de santo* — mais baixo insulto; *arros* — nada; *individe* — indivíduo como acepção injuriosa; *famia* — família; *taca* — instrumento de agressão, contundente.

O cangaceiro — Pedro Bium — chefe de um bando de malfeitores, foi morto no município de Bom-Jesus; o salitre, nitrato de sódio, é encontrado a 8 léguas daqui na Serra Vereda da Glória e Serra da Boa-Vista, na propriedade do Sr. Dirceu F. Lustosa, no Gilbués (78). Nestas localidades o salitre é quasi puro. Na Serra do Sumitumba, terras do Estado, o salitre sai muito misturado com terra. Informaram-me também que na Serra do Sumitumba há olhos d'água parene, fato êste de grande importância nestas regiões assoladas pela sêca. Geralmente nas serras, nos "sacos" ou "boqueirões" em que se encontra o salitre, aflora, aquí e ali, o sal de cozinha — clorureto de sódio (79).

Monteiro Lobato disse que a mandioca era entrave máximo ao progresso do país. O caboclo encontra nesta planta providencial um meio facilimo de subsistência: para comer, ou, melhor, para viver, pouco esforço lhe era necessário. É isso mesmo. A necessidade é a grande propulsora do progresso humano; onde não há necessidade, não há progresso; logo, como nosso matuto de pouco necessita, pouco progride.

A natureza nortista é de tal maneira dadivosa, que, até certo ponto, chega a entibiar a energia produtora do sertanejo.

O rio, o riacho e a lagôa dão-lhe o peixe; o pindoal, a palmeira babaçú, dá-lhe a palha para construir sua habitação; óleo para o lume e para a cozinha; nas serras tira o sal para o tempero da comida e conserva da carne, e delas também extrai o salitre com

---

(78) Há poucos meses foram descobertas minas de diamantes em Gilbués. Segundo as informações que acabo de colher no Rio de Janeiro, no mês de Outubro próximo passado, a abundância de diamantes encontrados em Gilbués foi tal que determinou uma queda sensível no preço: o quilate de diamante estava sendo vendido a Cr\$ 600,00.

(79) Mais adiante, em outro capítulo, voltarei a tratar deste assunto.

que prepara a pólvora para sua defesa, e apanha a caça de que se alimenta. Isto é quase tudo: o resto é quase nada para completar as utilidades do matuto.

É verdade que, de vez em quando, o diabo torce o nariz e prega uma partida desagradável ao descuidado tabaréu: varre as nuvens do horizonte e atíça os raios solares, e, então, uma sêca terrível mata de fome e sêde aqueles que confiaram e não porfiaram.

Em Bom-Jesus resolvemos fazer uma parada para curar os animais de carga, consertar as cangalhas e descansar a tropa. Esta providência em viagens longas é muito conveniente, porque é melhor perder um dia para arrumar bem as coisas e animais, do que ir à matroca, cai uma coisa aqui, rebenta uma cangalha ali, dispara um burro acolá, pela estrada inteira, num verdadeiro e contínuo desassossego: só quem viajou a cavalo pelo sertão sabe o inferno que isto representa.

As 12 horas fizemos as seguintes observações meteorológicas:

Termómetro — 28°,3: Barómetro — 743,5

Generos de primeira necessidade e respectivo preço, transformados em cruzeiros:

Açúcar .....	1	quilo .....	Cr. \$ 1,40
Farinha de mandioca .....	1	prato (3 litros).	" 0,50
Feijão .....	1	" .....	" 0,50
Arroz .....	1	" .....	" 0,50
Café .....	1	quilo .....	" 1,60
Carne .....	1	" .....	" 0,40
Carne sêca (carne de sol) ..	1	" .....	" 1,00
Milho .....	1	prato (3 litros).	" 0,50
Azeite de côco babaçú .....	1	garrafa .....	" 0,50
Rapadura .....	(1 tijolo)	600 gramas .....	" 0,20
Fumo .....	1	vara (1,20 ms)	" 2,40
Sal .....	1	prato (3 litros).	" 1,60
Sabão .....	1	quilo .....	" 0,80

Em o Norte o sistema métrico decimal ainda não é adotado em toda sua plenitude, principalmente no sertão. As medidas de comprimento e capacidade usadas pelo povo são as seguintes

- a) medida de comprimento: 1 polegada = 0,022 milímetros; um palmo = 0,22 centímetros; ( o pé não é usado); uma vara = 1,20 metros; uma braça = 2,20 metros; uma légua = 4.000 m.
- b) medida de superfície: uma tarefa = 25 braças X 25;
- c) medida de capacidade: um caneco = um litro; um prato = 3 litros; uma cúia = 4 litros; um alqueire pequeno = 50 litros e um alqueire grande = 72 litros.

Estas medidas prestam-se muito a dúvidas e espartezas. O prejudicado, na maioria dos casos é o tabaréu que vende o produto de seu labor a certos negociantes inescrupulosos; quase sempre as medidas do vendedor não combinam com as do comprador...

Uma vaca leiteira laranja (o gado laranja é o caracú do sul) dá 3 litros de leite por dia. Dizem que o gado laranja é mais leiteiro que o mestiço (gado mestiço corresponde ao tipo ibérico). Uma cabra, criada nos alcantilados dos montes, sem cuidados especiais, dá 1/2 litro de leite por dia.

O gado que se parece com o Schwitz, é aqui chamado azul, e é de pouco pêso. Entre Pedrinhas e Bom-Jesus, vi muita caatinga, completamente sêca, copaíba — *Copaifera officinalis* L. — canela de velho — *Hinnia elegans*? — e grandes plantações de maniçoba.

Nos chapadões que dão para São João do Piauí há muita maniçoba nativa, aliás, a maniçoba é planta própria dos chapadões.



Vazantes. Como já disse, o rio Gurguéia é barrento, e por isso, quando transborda, fertiliza as terras baixas das margens, favorecendo a agricultura de vazante, isto é: plantações à beira do rio, na faixa de terra molhada pelas suas águas.

Foi em Bom-Jesus que ouvi, pela primeira vez, o adágio agrícola: Quem planta na vazante ganha camisa, se o rio não enche; se enche — ganha camisa e ceoulas.

Mais uma vez tornei a vêr o ninho do pássaro perto da vespa surrão; examinando os gravetos de que é construído o ninho, verifiquei que é de raízes do arbusto maria-mole, planta do brejo.

À noite, depois de anotar no meu diário de viagem o que me chamara a atenção durante o dia, estirei o corpo fatigado na rede, na gostosa tapuírana, e procurei conciliar o sono. Pela janela aberta entrava um ventinho refrescante e os sons melancólicos de uma ladainha: na igreja do largo celebravam-se as homenagens anuais ao padroeiro local — Senhor Bom-Jesus.

Dia 4. Depois do café, acompanhados pelas autoridades da cidade, fizemos um passeio pelo centro urbano e arrabaldes. Fomos apresentados ao vigário — Padre Francisco Ernesto de Vasconcelos. É um homem interessante, cujo aspecto destoa do comum dos habitantes do sertão. De estatura mais alta do que baixa, forte, branco, corado, fisionomia enérgica: dir-se-ia mais talhado para guerrilheiro do que para pastor de almas.

Soubemos aqui que na Lagôa do Sal, no município de Remanso, 5 léguas ao sul de Cascável, descobriram há cerca de 2 anos muitos ossos de um enorme animal desconhecido, sobressaíndo-lhe as grandes costelas.











O Sr. Odilon Parente tem sido muito amável e eficiente. As suas informações sôbre as principais atividades do município são muito instrutivas. Por isso não lhe tenho dado folga e a todo o instante o crivo de perguntas. Dêle colhi informações seguras e interessantes sôbre os trabalhos nas fazendas de criar.

O Estado do Piauí é essencialmente criador, está em plena época do pastoreiro. E isto se explica e se justifica da seguinte maneira: num vasto território de pequena densidade demográfica, desde que as condições naturais sejam favoráveis, como é o caso do Piauí, o homem não pode deixar de ser pastor. Uma fazenda com 1.500 — 2.000 cabeças de gado necessita, quanto muito, de três ou quatro homens: um vaqueiro (o encarregado) e dois ou três ajudantes.

O progresso humano percorre a curva de nível da lei do mínimo esforço: primeiro — o pastor; segundo — o agricultor; terceiro — o industrial. Estas três etapas não representam degraus seletivos na escala do progresso, até certo ponto. Se cada nação, no concerto internacional, ou cada estado na atividade interna de um país, fizer com perfeição aquilo que puder, será, não resta dúvida, um ótimo elemento de prosperidade. No desenrolar do tempo, em verdade, estas três etapas assinalaram diferentes épocas do progresso humano: o homem primitivo alimentava-se de carne e de vegetais que a natureza lhe fornecia; mas, entre o trabalho de ir ao encalço do animal, a incerteza de encontrar a raiz ou fruto próprios à sua alimentação e a possibilidade de criar uns e cultivar outros perto de sua choça, não teve dúvida tornou-se primeiro criador, e depois agricultor; e, finalmente, a soma dêstes dois elementos o transformou em industrial. Vemos, portanto, que uma coisa não exclue a outra: todas elas constituem a civilização.

MARCAS NAS ORELHAS DO GADO VACUM PARA DETERMINAR A IDADE. A ORELHA DAS MARCAS DA IDADE CHAMA-SE ORELHA DA DIFERENÇA. ESTAS MARCAS SÃO PRATICADAS NA ORELHA ESQUERDA.

MARCA USADA NO MUNICÍPIO DE BOM JESUS DA GURGUEIA NAS FAZENDAS DA FAMÍLIA MARTINS.

	1 moessa	— ano terminado em 1
	2 moessas	— ano terminado em 2
	3 moessas	— ano terminado em 3
	4 moessas	— ano terminado em 4
	Canzil	— ano terminado em 5
	Intelra	— ano terminado em 6
	Coice de porta	— ano terminado em 7
	Forquilha	— ano terminado em 8
	Levada	— ano terminado em 9
	Troncho	— ano terminado em 0

Uma vez de posse destes conhecimentos procurou o homem tirar o melhor partido dos mesmos: em grandes extensões territoriais de escassa população praticar-se-á a pecuária; em terras férteis e bem povoadas far-se-á agricultura; e onde houver possibilidades econômicas para o aproveitamento das matérias primas fornecidas pelas duas últimas, criar-se-á a indústria.

O Estado do Piauí, como já disse e é sobejamente conhecido, tem pequena população espalhada numa enorme superfície territorial; por isso, o mais econômico é explorar os seus campos. Desde a descoberta dos campos do capim mimoso pelo bandeirante baiano — Mafrense, o Piauí ficou sendo um estado criador, e essa, ainda agora, é sua máxima preocupação.

Recebo do Sr. Odilon Parente as primeiras informações sobre as marcas do gado. Antes de o gado ser "ferrado", isto é, antes de lhe ser marcada na anca com ferro em brasa a marca da fazenda, recebe nas orelhas os sinais de propriedade e idade: na orelha direita, o sinal do proprietário e na esquerda, chamada orelha da diferença, os sinais relativos à idade. Os sinais de idade são dez: 1 mossa por baixo, 2 mossas por baixo, 1 mossa por cima, 2 mossas por cima, canzil, orelha inteira, coice de porta, forquilha, levada e troncho.

Vou exemplificar: se o bezerro nasceu em 1941, tem uma mossa por baixo; se nasceu em 1945, tem canzil e se nasceu em 1946, não tem sinal algum: é orelha inteira.

Isto quer dizer que, cada ano, de acôrdo com o número de dezena — 1 a 10 — tem um sinal específico, sempre dentro da década em que se está, pois não entra no cálculo do vaqueiro ter entre o seu gado um Matusalém com mais de 10 anos de idade.

Os sinais de idade variam de fazenda a fazenda e de município a município, o que julgo ser um grande

mal. É pena que se não faça um convênio entre os criadores para estabelecer normas gerais de marcação de gado. Só lucro teriam com a sistematização das marcas de idade.

Estas, a que me estou referindo aqui, são da fazenda do Sr. Odilon Parente, isto é: marcas usadas pela família Martins em Bom Jesus.

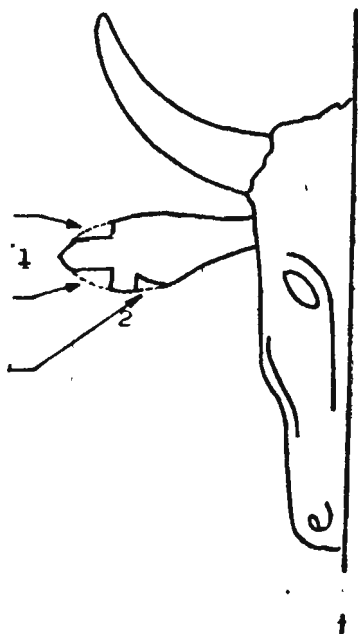
O bezerro depois de desmamado é "beneficiado" (metáfora que o vaqueiro emprega para designar a operação de castração do animal) e depois "ferrado"; no lado esquerdo recebe a marca do município e no direito a do proprietário. Cada município do Estado tem uma marca (ferro) especial.

Transcrevo, com prazer, a legislação antiga que tive a sorte de encontrar:

**MARCAS:** — "Em todas as comarcas da Província haverá um livro em que serão registradas gratis pelos secretários dellas todas as marcas com que as pessoas que criam gados, ferram, com declaração das ribeiras, moradas e nomes dos criadores. Res. n.º 430, de 5 de Agosto de 1857".

"1). Os gados vacuum, cavallar e muar de cada freguesia da Província, serão marcados na anca ou perna esquerda com marca especial de ferro que as diferencie. Res. n.º 571, de 30 de Agosto de 1874".

"Serão indicadas pelo presidente da Província, por letras do alfabeto, diversas a cada uma das camaras municipais, onde serão registradas pelo respectivo secretario na primeira página do livro que deve existir em cada camara para registro das marcas dos criadores de gado. Res. cit. art. 2".



Marca de gado vacum usada no município de Bom Jesus do Gurguéia. Fazendas da Família Marteno. Orelha direita: sinal do dono.

1 — Bico de candieiro.

2 — Dente descoberto.

“Em virtude da portaria de 5 de Maio de 1873 expedida para execução desta lei, foram indicadas as seguintes letras para servirem de marca dos gados de cada uma das freguezias abaixo mencionadas:

Amparo: — A. Dores: — União: — C. Campo  
 Maior: — D. Barras: — E. Batalha: — F. Piracuruca: — G. Peripiri: — Pedro II: —  
 H. Burity-dos-Lopes: — I. Parnahyba: — J.  
 Valença K. Picos: — L. Jaicós: — M. Oeiras:

— N. São Raymundo Nonato: — O. São João do Piahy: — P. Amarante: — Q. Regeneração  
 . Manga: — R. Jerumenha: — S. Bom-Jesus: — T. Parnaguá: — U. Corrente: — V. Sta. Philomena: — . Marvão: — X. Príncipe Imperial: — Y. Independência: — Z.

Fazendeiros: Art.º 1.º, 2.º 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º.  
 Res. n.º 24 de 7 de Julho de 1835” .

*Obrigações dos fazendeiros: Leis Provinciais do Piahy.*

Dia 5. Permanecemos em Bom-Jesus descansando e à espera de que os arrieiros dessem a última demão nos concertos das cangalhas e arreios dos animais. Eu aproveitei o tempo para colher as informações acima sobre marcas de gado.

Um sério embaraço estava embargando a nossa viagem: os nossos arrieiros não conheciam o caminho e não havia na cidade um guia que nos pudesse acompanhar. Que fazer? Felizmente, na vida, como nos romances, sempre aparece um personagem providencial nos momentos de apuros. E assim aconteceu.

Descobrimos, não me lembro como, um indivíduo que residia na rota da nossa viagem. Disse-nos que morava no lugar chamado Saco-do-Boi, e que, até lá, poderia servir-nos de guia; mas, assim mesmo, só depois de vender as suas mercadorias.

— Que é que o senhor está vendendo? perguntei-lhe.

— Estas cabaças — e apontou, mostrando-as.

— Quanto quer por elas?

— Quatro mil réis.

— Tome aquí cinco, e vamos embora. Onde está seu cavallo?

— O meu cavallo são estas duas pracatas.

Veja bem, leitor amigo e benévolo, como diria Garrett, êste homem andou a pé muitas léguas para vender umas cabaças pelo preço irrisório de Cr. \$ 4,00. Mesmo considerado no espaço e no tempo, não podemos deixar de lamentar que um homem despenda tamanho esforço para consecução de tão minguado proveito.

O nosso guia eventual chama-se José; tipo do "cabra" resolvido: alto, espadaúdo, moreno, cabelos negros e caracolados, nariz chato de narinas expostas, rosto mongolóide, olhos vivos e agradável expressão fisionômica, denotando pessoa de bons sentimentos. Era o Zé Grande — o popular Zé Grande do Saco-do-Boi.

Dia 5. Tudo pronto para a marcha através de caatingas e chapadões.

Empregamos a manhã nas visitas de agradecimentos e de despedidas às autoridades e aos novos amigos que aqui fizemos em 48 hs. Almoçamos. Às 14,40 hs. demos o nosso "até a volta" aos simpáticos moradores de Bom-Jesus. Partimos.

Os morros de Bom-Jesus seguem para O.; em frente, para E., não há montanhas.

Logo à saída da cidade, subimos e descemos uma série de colinas. No comêço o solo é pedregoso, cheio de seixos rolados, onde predomina o capim agreste. Encontrámos aí um grupo de gado laranjo (caracú). Ví duas vacas novas com os seus respectivos bezerros já garrotes: são belos tipos de caracús, com todos os seus característicos. Um dos bezerros, que eram mochos, tinha na testa um triângulo branco, que lhe dava certa graça. Dificilmente em São Paulo, terra em que se procede à seleção desta preciosa raça nacional, encontrar-se-ão soltos nos campos, ao Deus dará, exemplares tão lindos como êstes: sem carrapatos, sem berne, pêlo fino e luzidio como se fossem animais tratados em estábulos.



As 15,10 hs. atravessamos o riacho Côcos.

O vocábulo "côcos" é aplicado geralmente aos correios que atravessam pindobais.

As 15,50 hs. passamos por um riacho sêco chamado Pinga-Pinga onde não havia uma pinga de água! Às 16 hs. ladeamos a morada Passo-das-Éguas; às 16,30, atravessamos Currais, entre serras; o Baixão de Currais corre para N., é fresco e coberto de verde pastagem; predomina a palmeira patí.

Depois veio a caatinga em que notei muita canela-de-velho e rama-de-bezerro; aqui o solo é sílico-argiloso: na superfície notei uma areia avermelhada, resultado da erosão das montanhas que ladeiam o referido solo, pois elas são constituídas de arenito vermelho.

As 18 hs. atingimos a ponta da serra, à esquerda: começamos a viajar rumo NE. Às 19,20 iniciamos a descida para a Lagôa Sucuriú; o riacho Pirajá passa pela Lagôa. Chegamos às 20,15 a Conceição, à margem do Pirajá, lugar escolhido para a nossa dormida. A viagem não rendeu: foi vagarosa. Andamos 24.522 ms. ou 6 léguas e um pouco.

Conceição, para quem atravessa êstes sertões quentes e sêcos, onde nem de madrugada o orvalho umedece o chão e as plantas, é uma verdadeira Sibéria. Não sei porque (dou a palavra aos senhores meteorologistas) aqui, durante a noite, a temperatura cai vertiginosamente, formando grande contraste com o calor asfíxiante das horas de sol.

Armamos as nossas redes em frente à morada de um caboclo, ao lado do riacho Pirajá, afluente da margem esquerda do Gurguéia. Enquanto o cozinheiro estava preparando o jantar, fomos à "fonte" — num lugar acessível do Pirajá — tomar o costumeiro banho. Foi um banho agradável, refrescante, que nos tirou a poeira da estrada e mais de metade do cansaço.

Depois do jantar, eu, que já estava de pijama, tratei de me acomodar na rede. Nesta viagem fiquei sabendo que deitado a digestão é mais fácil, processa-se normalmente, suavemente. No entanto, entre o nosso povo há uma antiga abusão que proíbe que a gente se deite imediatamente após as refeições, principalmente se se comeu um virado de feijão. E o povo conta muitos "causos" de indivíduos que pagaram com a vida o desrespeito a êsse preceito secular (80).

Como ia dizendo, deitei-me na rede. Não demorou muito, comecei a sentir um friozinho nas costas: foi num crescendo moderado, até que, não o aturando mais, me levantei e forrei as redes com peles de lontra, que havia adquirido em Bom-Jesus. Os minutos iam passando e a temperatura caíndo. Levantei-me novamente e fui tirar um cobertor da mala; agora deitei-me. Nada de poder dormir: o frio cada vez mais intenso. Levantei-me, um tanto mal humorado, e vesti, sôbre o pijama, o roupão de banho, felizmente enxuto. Deitei-me finalmente, e ao cobrir-me com o resto disponível da minha larga tapuirana, ví em baixo das tipóias dos arrieiros um fogueinho oportuno e providencial.

Dia 6. Acordei com os primeiros albos matutinos. Fui ao termómetro de máximas e mínimas: lá estava o bastonete de aço marcando 10.º51 Dez gráus e cinco décimos nestas bandas é uma temperatura de fazer bater o queixo, amigo leitor. O sertão piauiense tem dessas coisas. Corri os olhos pelo diário do Agenor, meu bom companheiro de viagem, e lí estas linhas:

"Passamos uma noite entre capotes, colchas, camisas de lã, coxonilho! Parecia que estávamos no Polol!"

---

(80) Os conhecimentos hodiernos de fisiologia vieram provar que é justamente deitado, em repouso, que a digestão se processa bem, pois assim se modera o trabalho do coração.

O meu saudoso e ilustrado professor de zootecnia, da Escola Agrícola "Luiz de Queiroz", Dr. Ernesto Ferreira de Carvalho, registrara, em 1893, a mínima de 10,º, no Piauí. (81)

À medida que se avança para o sul do Estado, a temperatura baixa, pois se vai ganhando altitude. As cabeceiras dos rios Parnaíba e Gurguéia ficam na Serra da Tabatinga a 480 metros: o ponto culminante é de 880 metros.

As margens do Pirajá — riacho de águas cristalinas, medindo uns 3 metros de largura — estão cobertas de espessa mata de buritis altos e frondosos, carregados de grandes cachos de frutos amarelo-avermelhados. O solo é sílico-argiloso, de aspecto alvaco. Não muito distante, ví uma engenhoca velha numa tapera, dando tudo idéia de que existira outrora ali uma fazenda ou sítio.

Estes sinais de decadência encham-me o coração de profunda tristeza! Tapera! ninho esfrangalhado entre galhos sêcos; lugar de sonhos róseos, onde floriram as mais alvissareiras esperanças; tapera! berço de ilusões amargamente desfeitos ou palco abandonado em que se desenrolaram cenas tétricas, lutas titânicas contra os elementos naturais; tapera! restos mortais do esforço humano — fim de iniciativa de progresso.

Notei as seguintes essências florestais: aroeira, páu-d'arco ou ipê e copaíba. Os matutos tiram óleo da copaíba para o comércio. Há árvores que produzem até 4 litros.

O processo de extração é simples: à altura do peito de um homem, fura-se o tronco da copaíba com um trado de uma polegada de diâmetro, até encontrar o

---

(81) "A mínima absoluta foi de 7,º, 5 registrada na localidade baiana de Periperi, município de Santa Rita do Rio Preto, Baía. / Do dia 5 ao dia 29 a mínima absoluta oscilou entre 7,º, 5 e 12,º". Obs. cit. Drs. Artur Neiva e Belisário Pena.

óleo. Quando é colhido cuidadosamente, o óleo sai limpo, transparente, côr de âmbar claro.

O óleo de copaíba tem larga aplicação na medicina.

Os primeiros povoadores das terras de Santa Cruz conheceram e tiraram partido de suas propriedades terapêuticas. Eis como Soares de Souza se referia à copaíba:

“De tão santa árvore como a do bálsamo merece ser companheira e vizinha a que chamam copaíba que é árvore grande, — cuja madeira não é muito dura, e tem a côr pardaça; e faz-se d’ela taboado; a qual não dá fruto que se coma, mas um óleo santíssimo em virtudes, o qual é da côr e clareza do azeite sem sal; e antes de se saber de sua virtude servia de noite nas candeias. Para se tirar êste óleo das árvores lhes dão um talho, com um machado acima do pé, até que lhe chegam à veia, e como lhe chegam corre êste óleo em fio, e lança tanta quantidade cada árvore que há algumas que dão duas botijas cheias, que tem cada uma quatro canadas. Êste óleo tem muito bom cheiro, e é excelente para curar feridas frescas, e as que levam pontos da primeira cura soldam se as queimam com êle, e as estocadas ou feridas que não levam pontos se curam com ele, sem outras mézinhas; com o qual se cria a carne até encourar, e não deixa criar nenhuma corrupção nem matéria. Para frialdades, dores de barriga e pontadas de frio é êste óleo santíssimo; e algumas pessoas querem afirmar que até do vidro mingua; e quem se unta com êste óleo há-se de guardar do ar, porque é prejudicial.” (82)

Notavel esta constante preocupação, que vem dos primórdios da civilização; não há aplicação do remédio

---

(82) Gabrille Soares de Souza. “Tratado Descritivo do Brasil”, em 1587 Capitulo LVIII, pag. 183.

sem o respectivo resguardo: "quem se untar com êste óleo, há-se de guardar do ar", do ar que vivifica, do ar que por si só, é o melhor remédio do mundo. Como eram e como ainda são os nossos sertanejos!

Quando eu era menino, no Bairro dos Godoi, perto de Piracicaba, minha terra natal, Estado de São Paulo, ví caboclos que não punham o pé descalço no chão depois de haver tomado uma tijelinha de café.

Sem resguardo, sem dieta, a nossa gente não admite cura de qualquer enfermidade. Em verdade, há certos casos que parecem mais mamparra do que outra coisa.

Partimos às 6,50 hs. Rumamos em direção NE, deixando montes à esquerda; depois, acompanhando sempre o Pirajá, entre morros, torcemos para E. As 7,30 atravessamos o riacho.

As 8,30 hs. saímos do vale do Pirajá e entramos no vale do Pará, que corre de N. para S. Um pouco abaixo os dois córregos se encontram.

Estamos agora no vale do Pará, cujo leito vamos acompanhando. Durante a marcha vou fazendo as minhas observações. Vejo árvores frutíferas, tais como: bananeiras, laranjeiras, mangueiras, pitombeiras, cajueiros e goiabeiras. Estas últimas chegam a formar capões homogêneos à espera de quem queira apanhar e industrializar seus frutos.

Ví também culturas de algodoeiro arbóreo, mandioca e maniçobeira, para extração do latex.

O gado gordo e luzidio tem à vontade capim de raiz, panasco e ramas de jitiranas (83). O peso líquido de um boi é mais ou menos de 150 quilos.

---

(83) Designação popular por que são conhecidas duas plantas da família das Convovuláceas: *Ipomeo cocctinea* L. e *Merremia pentaphylla* Hallin.

O vale do Pará é fértil, e entre os grandes vegetais, predominam os buritís, buritiranas, babaçú, patí pindaíba, faveiro, canela-de-velho, copaíba, condurú e jatobás.

Numa das moradas por onde passamos ví duas mulheres papudas. Examinando as paredes do casebre residencial encontrei o terrível triatoma. O papo é a prova dos nove: quem vir um papudo, procure o chupão, que o encontrará nas gretas de barro das paredes ou entre a palha da cobertura da choupana. Em certo ponto do nosso caminho encontrei um rancho com centenas de triatomas no meio da palha da cobertura. Fiquei de tal maneira impressionado, que aconselhei ao morador que, quanto antes, queimasse sua casa e fizesse outra. Fiz-lhe ver o perigo em que estavam todos os moradores daquela casa. Não sei se me acreditou; contudo a semente foi por mim lançada: um dia talvez encontre meios propícios para germinar e crescer.

O solo é argilo-silicoso, nas baixadas, próximo aos brejos formados pelo riacho. Os morros que limitam o vale são pedregosos.

Vamos caminhando à vista do Pará, subindo paulatinamente. Os meus olhos, olhos de agrônomo, naturalmente pousam sobre o que interessa, de perto, o homem do campo: perscrutam num barranco as camadas geológicas, a faixa de solo arável aplicável à agricultura; na vestimenta florística a fertilidade da terra; e nos animais, que os prados e bosques alimentam, um índice de possibilidades econômicas. Naturalmente, todas estas preocupações têm um escopo único: proporcionar prosperidade e bem estar ao homem.

No vale é comum uma leguminosa nativa, e que é empregada na culinária doméstica: trata-se de uma espécie de fava chamada Mucunã, trepadeira, com flores roxas; a vagem mede 0,22 cm. de comprimento por 0,05 cm. de largura. Desenhei um cabo de vagem e uma

fava. Segundo as informações que colhi *in loco*, a raiz atinge a grandes dimensões e é comestível.

Da fava preparam uma farinha. Para evitar-lhe o veneno é necessário passá-la por nove águas. O número não deixa de ser cabalístico, mas a providência é acertada, pois é muito comum o ácido cianídrico nas leguminosas. Como êste perigoso ácido é volátil, a fervura em água da farinha, ou a simples exposição ao sol, a desembaraça do tóxico.

Acabo de passar por um rebanho de gado entre o qual ví uma bela vaca caracú, digna dos campos do Cel. Prudente Correia, de São Paulo. Nesta zona predomina o caracú.

A flora continúa rica e variada. Cactáceas: Mandacarú, palminha, palma sem espinhos, canudo ou rabo-de-raposa (mandacaruzinho).

Árvores de grande porte: aroeira, angico, tamboril, páu-d'arco ou ipê, catinga-de porco, candeia, angelim do branco, encatuaba, imburana, cedro, amargoso, paratudo, maçaranduva, jatobá, angico branco, páu-de-rato ou catingueira, juca, páu-brasil, violeta, cangeranas, goiaba e pindaiba — estas últimas no brejo.

Vegetais medicinais: copaiba, pai-jaú, canela-de-cheiro, marmeleiro preto, João brandim, cipó-de-cruz, moita-de-rosa, caroba, sabonete ou embaúva, canganha e cajazeira.

Forragens (ramas): juazeiro, camaratuba, banha-de-galinha ou camaratuba de sangue.

Encontrei formigas saúvas carregando flores de amargoso e sementes de jurema.

A montante das cachoeiras do Pará, os morros que formam o vale afastam-se um pouco, formando uma chapada de caatinga onde aparecem muitas de taboquinhas; mais acima, a uma légua, as montanhas juntam-se fechando o vale.

Chegamos a Vereda Grande às 11 hs. com muita vontade de “botar a baixo” e confortar o estômago.

Andamos 18,499 metros ou 4½ léguas. Dia fresco, agradável. Preparativos para o almoço. Como eu era o “médico” da expedição, quase sempre, quer na hora do almoço, quer na hora do jantar, era obrigado a distribuir remédios e conselhos higiênicos aos “meus improvisados clientes”. Para isso trazia remédios aplicáveis às moléstias mais comuns no sertão. De vez em quando eu me via em situações difíceis; contudo, procurava descalçar a bota do melhor modo possível, até mesmo com um sincero: “não sei”.

Estava eu atarefado em armar a rede entre duas árvores, quando me aparece a dona da casa, e sem mais preâmbulos pronuncia a frase tão minha conhecida:

— “Seu dotô, vossoria tem uma mézinha pra minha filha que está doente?”

— Mas, minha senhora, se nem ao menos vi a sua filha, e nem mesmo sei de que doença se trata. . .

— Com sua licença, eu vou chamar a minha filha.

— Pois não, estou às ordens; tomara que eu tenha um remédio que dê certo.

Passados alguns minutos, volta a dona da casa — mulata alta, magra, cabelos ondulados e levemente grisalhos, aparentando uns 48 anos de idade — e atrás dela, acompanhando-a de rastro, uma menina paralítica de ambas as pernas. Fiquei perplexo e penalizado.

— Não há remédio para essa doença — e, vendo o desaponto que lhe causavam minhas palavras, corrigi: pode ser que haja, mas é muito difícil. Um médico de verdade pode ser que “dê volta” na moléstia da menina. Eu não sou médico, trago comigo remédios que todo mundo sabe aplicar.

— Fiquei tão contente quando vossoria apeou no nosso rancho. Eu disse pra minha filha: agora sim o dotô dá mézinha pra você.



— Há quanto tempo ela está assim? — perguntei-lhe, para dizer alguma coisa.

— Com 9 anos e meio de idade; ela tava se “pondo moça” (84).

— Quando eu voltar para o Sul, consultarei o mestre dos médicos, e então, se Deus me mandar por estas bandas outra vez, darei um jeito. Tenha esperança.

E com um leve sorriso, que mais parecia um gemido surdo, articulou, resignada, um:

— Nhor, sim.

Como o almôço já estava pronto, pedi-lhe licença, e atendi à voz do meu amigo Agenor, que de longe gritava:

— Iglésias, vamos almoçar.

Em meio aos preparativos para continuar a viagem às 14 h. fizemos as costumeiras observações meteorológicas:

Temperatura — 38.º: Barômetro — 736. Apesar dos 33.º centígrados, o dia corria fresco!

Partimos às 14,30 h. Eu senti-me aliviado ao afastar-me do lugar de meu fracasso médico e ao mesmo tempo triste por não ter podido minorar uma dôr. Nos ouvidos soava-me, ainda, a voz melancólica da pobre matuta no momento da despedida:

— Boa viagem; até outra vista, se Deus quiser.

— Muito obrigado; fique com Deus — respondi-lhe, na certeza de que nunca mais teria oportunidade de vê-la.

O sábio botânico francês — Augusto de Saint-Hilaire, em suas travessias pelo sertão brasileiro, disse que sentia profunda tristeza ao se despedir do mais simples

---

(84) Estado próprio da menina e moça.

sertanejo quando se lembrava que nunca mais o tornaria a ver. Foi justamente o que sentí com relação à minha hospedeira: “fique com Deus”.

Os nossos animais de montaria — “Babiéca” e “Rocinante”, descansados e bem nutridos, trotavam satisfeitos, sem se preocupar com as touceiras de capim verde à beira do caminho. Às 14,45 h. deixamos as cabeceiras do riacho Pará.

O vale dêste riacho é o mais fértil dos que até o ponto desta viagem tenho visto. As montanhas que limitam seu término, têm as mais variegadas e bizarras formas: ví uma que dava idéia de um grande navio e outra que parecia uma fortaleza antiga, desmantelada, com seus bastiões e seteiras.

No fim do vale tínhamos uma verdadeira muralha a escalar. Não é à-tôa que o nosso caboclo diz: “O rabo é o mais difícil de esfolar”. E é mesmo. Às 16,35 h. chegamos ao sopé do chapadão que separa o vale Pará da baixada do Saco-do boi.

A subida não é muito longa, pois a diferença de nível é de 130 metros; o que, porém, a transforma num suplício é o caminho tortuoso e escarpado, com pirâmbeiras de lado a lado; a subida é tão íngreme que foi necessário tirar a carga das cangalhas: os animais subiram escoteiros e os arrieiros com as cargas nos ombros. Nós, os cavaleiros, apeamos e, puxando nossas montarias pelas rédeas, aquí escorregando em seixos rolados, alí caíndo de joelhos, subimos a pé. Enfim alcançamos os últimos degráus e respiramos a plenos pulmões o ar fresco do chapadão, que se estendia aos nossos pés, como uma gigantesca mesa de bilhar.

É interessante a formação geológica desta região: imensos chapadões (85) interrompidos por boqueirões escavados pelas águas das nascentes do lençol subterrâneo. Esta é a causa primária do desgaste do chapadão; a outra, a presente e futura, a que não cessará de atuar — elemento por excelência erodente — é a que é constituída pelas precipitações aquosas. Os chapadões são extensos, e guardam entre si o mesmo nível, como parte que são do mesmo todo. Comumente, em cada boqueirão, à beira do respectivo riacho, à sombra da mata ciliar, que ao longo dêle se forma, os sertanejos constroem suas moradas — ponto de pouso, ou descanso dos viajantes que por aí passam. Na sua superfície plana, de boqueirão a boqueirão, os chapadões têm de 4 a 6 léguas de largura; o terreno é sêco, sem água, coberto por uma vegetação ecológicamente definida e constante: pequenas palmeiras, cajús rasteiros (*Anacardium humile*), maniçobas, de que os matutos extraem o latex, e outras árvores raquílicas, enfezadas, retorcidas — vestígios da luta contra o meio adverso. Nestas árvores, nas maiores, acima do nível chamuscado pelo fogo, notei muitos ninhos de cupim.

---

(85) No Bol. n.º 15 de 1937, do Dep. Nac. da Prod. Mineral, os engenheiros Glycon de Paiva e José Miranda, fazem a seguinte citação do trabalho "Entre a Amazonia e o Sertão" (Boll. do Museu Nacional, set. 1931) do Prof. Raymundo Lopes "Entre a Amazonia e o Nordeste propriamente dito, estende-se um vasto chapadão tabular de camadas horizontais. Applicamos a essa região o nome de "Meio Norte", já usado pela gente do Extremo Norte, para designar em geral as regiões septentrionais aquem da Amazonia. O Nordeste é a mesma zona embora degradada, onde o antigo chapadão foi corroido até a ossatura cristalina. Dahi a caatinga e clima desértico em plena zona sub-equatorial. Enquanto isto o chapadão centro-septentrional apresenta o clima do typo sudanez de De Martonne e a vegetação com savanas e florestas, galerias normaes nessas latitudes. Annexar o Maranhão e o Piauí ao Nordeste é ante-científico; os territórios destes dois Estados têm mais afinidades com Goyaz e Matto Grosso, tornando imprescindível consideral-os grandes cocais quasi homogeneos, desde o Piauí até a Rondonia como zona botânica diversa da Amazonia, das caatingas e dos campos cerrados que a envolvem."

À primeira vista pode parecer que êsses térmitas agem inteligentemente, premeditadamente, na construção de suas habitações coletivas, colocando-as fora do alcance das labaredas; no entanto, assim não é; o que se dá é isto: os ninhos construídos a pouca altura são destruídos pelo fogo, enquanto os outros, mais altos, escapam à ação do elemento ígneo.

A natureza é um livro aberto, em cujas páginas o observador atento encontra sempre ensinamentos preciosos para seu espírito ávido de saber.

Como estava contando, alcançamos o tope da íngreme ladeira sãos e salvos; eram 20 h. em nossos relógios: tudo escuro em torno de nós. As cargas foram novamente arrumadas nas cangalhas, e, sem perda de tempo, marchamos em demanda do pouso. O pouso aqui dependia de duas condições: a) lugar com árvores que pudessem sustentar as rêdes; b) ponto que ficasse no meio do chapadão, ou melhor, o mais próximo possível da descida da serra, afim de ser atingido, não muito tarde, o local de almôço no dia seguinte.

Chegamos, enfim, fatigados e com fome. Andamos 16 539 metros ou um pouco mais de 4 léguas. O leitor perguntará: — “Quatro léguas só? é de quatro quilômetro cada uma? só isso?” Sim, só isso, benévolo leitor, que estás lendo talvez sentado comodamente numa poltrona, só isso, e sabe Deus com que dificuldades e trabalhos!

Depois de armadas as rêdes e de havermos distribuídos as rações aos animais, fomos jantar um frango frito (virado de frango) que fôra na hora do almôço preparado, pensando-se nas deficiências naturais dos chapadões. Com muita parcimônia, com a máxima economia de água, foi feito um cafezinho.

As cabaças que o Zé Grande, nosso guia, nos vendeu, estavam cheias de água; contudo, mandava a pru-

dência que não abusássemos, pois o menor desperdício do precioso líquido nos poderia fazer falta. E assim procedemos.

Noite fresca e portanto agradável: às 2,25 o termómetro marcava 19.<sup>o</sup>. Dormimos bem.

Dia 7. Às 6 h. continuava a mesma temperatura — 19.<sup>o</sup> e a pressão barométrica era de 721.

O chapadão onde dormimos é o grande divisor de águas — o divortium acquarum — entre o Gurguéia e o rio Uruçuí, e estende-se nítidamente na direção N — S.

Partimos às 6,40 h. O chapadão sempre com o mesmo aspecto: plano, vegetação minguta e cupins "empuleirados". Às 3,30 h. chegamos à beira da encosta. Diz o adágio popular que na descida todos os santos ajudam, mas, neste caso especial, sou levado a crêr que o tihoso fez uma das suas: a rampa é tão inclinada e irregular, que foi preciso, como na subida, tirar a carga dos animais. Ainda mais: os animais desciam um a um, auxiliados por três homens: um na frente segurando o cabresto para obrigá-lo a virar ora à esquerda, ora à direita, e dois atrás segurando, com fôrça, uma corda amarrada à cauda, para evitar que os animais focinhassem pela pirambeira a baixo. Espetáculo engraçado, divertido, se não fôsse penoso e até grotesco.

Terminada a descida atingimos a Vereda da Lagoa do Boi, cuja orientação segue a linha NE — SO. Continuamos a viagem sob um sol causticante, e para mal dos nossos pecados, ao passarmos pelas proximidades de capões de mato éramos atacados por enxames de mutucas sedentas de nosso sangue. Os animais, coitados, ficavam com a cabeça e pescoço pretos das importunas tabanídeas. Nós, em todo caso, não cruzávamos os braços: com um ramo de arbusto espantávamos as que esvoaçavam ao nosso redor e fustigávamos as que atacavam os animais.

O Zé Grande, que estava nos seus domínios, numa encruzilhada do caminho, disse respeitosamente:

— Agora, daqui por diante, não há mais errada: é tocar toda vida até nossa casa (86). Eu, com licença de vossoria, vou dar um recado ao meu compadre Teodoro que mora bem ali.

— Está bem: mas lá em sua casa há quem nos receba?

— Apois (87), minha mãe, minha mulé e meus fios.

— Você ainda tem mãe?

— Com o favor de Nossa Senhora e São Bom Jesus.

— Até logo, então.

— Eu não demoro.

— Três quartos de hora depois, ao meio dia em ponto, estávamos apeando na residência do nosso guia, em Barra Nova.

— O' de casa!

— O' de fora — respondeu lá de dentro uma voz feminina; e, aparecendo um vulto de mulher na porta, acrescentou — Vancês desapareiem.

— Com sua licença.

— Vancês, se mal não pergunto, de onde vêm vindo e como se chamam? (88)

(86) O sertanejo medianamente educado, sempre que em conversa com pessoa de acatamento, se refere aos seus haveres, emprega o possessivo na segunda pessoa do plural — nosso.

(87) O *Apois* dos nortistas não será uma corruptela do *Ora pois* usado em Portugal? De *virgem!* como interjeição, eles fizeram *vige!* não me parece uma coisa do outro mundo, que de *Ora pois*, de modificação em modificação, chegassem ao atual e popular *Apois*. "Ora pois, o nosso Camões, criador da epopéia." "Almeida Garrett, "Viagens na minha Terra", Vol. I — Pag. 88.

(88) No interior do Piauí ou Maranhão a pergunta infalível de todo matuto ao iniciar conversa com um desconhecido, é esta: "Se mal não pergunto", ou então simplificando, mesmo que o encontro seja fortuito e ligeiro: "Se mal pergunto, vancê como se chama?"

— Nós — respondi-lhe eu — vimos de Bom-Jesus da Gurguéia; quanto aos nossos nomes, o Zé Grande, que foi nosso guia até aqui, lhe dirá.

Respondi-lhe assim, mais para excitar-lhe a curiosidade, pois nem de leve suspeitava que seu marido (era a esposa do Zé Grande) era nosso guia. Quando o marido chegou, visivelmente satisfeito por se ter transformado em nosso hospedador, a cabocla comunicou-lhe a chegada dos "inguileis". (89) Disse-lhe mais que nós a salvamos, mas não quisemos saudá-la. Dessa passagem deduzi que, para o sertanejo, dizer donde se vem é salvar e declinar o nome é saudar. E' verdade que foi só aqui que eu notei essa sutileza e equívoco, pois saudar e salvar são palavras sinônimas. Contudo deixo aqui registrada a observação.

Mais tarde apareceu a velha: vinha da festa em homenagem ao São Bom-Jesus, em que passara a noite; apesar disso, e da caminhada que fez de uma légua e meia para regressar, não denotava fadiga. A chegada da velhinha foi interessante: assim que o seu filho, pai de latagões casadouros, a avistou, correu ao seu encontro, ajoelhou-se e beijou-lhe a mão: "Sua bênção, minha mãe". E, em seguida, os netos, um de cada vez, fizeram a mesma reverência ao beijar-lhe a mão. Fiquei comovido e edificado diante de tão singela e respeitosa demonstração de amor filial entre pessoas simples, modestas e semi-analfabetas. Isto vem provar que os sentimentos nobres nada têm que vêr com a condição social e intelectual dos indivíduos: o peito mais rude pode ser o sacrário onde se guardam as gemas raras da sensibilidade humana.

---

(89) O forasteiro, nestas regiões, ou é *inguileis* (corruptela de *inglês*) ou "*gringo*", e nós não escapamos a essa classificação.

Há um costume simpático, muito generalizado entre as famílias sertanejas, relativo ao tratamento respeitoso devido aos velhos, embora estranhos, pelos meninos ou meninas e adolescentes. Êstes, em presença dos mais velhos, não fazem os cumprimentos usuais, mas sim, estendem a mão e pedem a bênção: “benção, meu tio”. E foi assim que os filhos de Zé Grande me trataram, todos, um a um: “Bênção, meu tio”.

Depois do almôço, ou, melhor, depois da sésta, entabolei conversa com a velhinha — centro convergente de todas as atenções e respeito dos componentes da numerosa família, verdadeiro matriarcado.

— Então, minha senhora, esteve boa a festa?

— Do São Bom-Jesus?

— Sim.

— Vigel! A festa aínda ficou lá, não acabou não; eu é que precisava voltar quanto antes para casa. Não cuidava que meu filho já estivesse de volta de Bom-Jesus.

— Mas do que foi a festa? Rezaram a noite inteira?

— Não, sinhô; não foi reza só, não. Eu le conto: primeiro rezamos a ladainha, Creio em Deus Padre, Salve Rainha, Padre Nosso e Ave Maria; tudo entoado que dava gosto ouvir; depois veio o de cumê: foi um de cumê pra estruir: (90) tinha de um tudol! E para finalizar a festa, até o dia clarear os moços tocaram... e alguns velhos também. Como lhe disse: a festa aínda ficou lá.

— Muito bem; não resta dúvida que a festa foi boa — e para que ficasse à vontade — a senhora não faça cerimônia, vá descansar um pouco.

A bacia do rio Uruçuí, onde estávamos, é o limite geográfico entre os cursos de água que secam nas gran-

(90) Abundância tal, que se poderia atirar fora sem que fizesse falta.



des estiagens e os riachos e rios de águas perenes. As serras é devido êste fato importantíssimo, que modifica completamente as condições mesológicas do sul do Piauí. O fenômeno tem duas fases, que podem ser assim explicadas: a) — as correntes aéreas conduzindo nuvens prenes de partículas aquosas, encontrando o obstáculo natural das serras, nelas precipita seu conteúdo, assim transformado em chuvas copiosas; b) — as águas das chuvas, captadas pelas extensas superfícies planas dos chapadões, infiltram-se com facilidade em virtude da composição arenítica dos mesmos, e aí ficam em depósito alimentando as vertentes dos córregos, que, unidos mais adiante, constituem os rios caudalosos. (91)

Pelo que acabo de expôr, creio não ser descabido experimentar a arbertura de poços artesianos nas baixadas compreendidas entre os chapadões, com o fim especial de praticar processos agrícolas seguros e lucrativos.

Dia 8. Eram 5 horas da madrugada quando pulamos das redes. Enquanto os arrieiros foram campear os animais no peador, o nosso pagem preparava o café. Com surpresa da nossa parte fomos obsequiados pela velhinha com um apetitoso requeijão e gostosos quão

---

(91) "Suspeitamos que a razão essencial da permanência de uma província botânica tão bem definida, prende-se ao fato do fundamento geológico desta região ser um mesmo território sedimentário, não metamórfico, horizontal, de fraco "run-off", rico de rochas reservatórios, guardando em seu seio tremenda massa d'água doce, peridicamente refelta por seis meses de chuvas. O sub-solo passa a ser uma espécie de lago de compensação, garantindo, automaticamente, a perenidade dos cursos d'água regionais e ininterrupta vitalidade às plantas. Nesta ordem de idéias é curioso notar que um autor tenha imaginado construir no Nordeste as condições naturais reinantes no Meio Norte".

Euzébio de Oliveira — "Barragens submersíveis no Nordeste". Conferência realizada na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em Maio de 1945". Citado pelos geólogos:

Glycon de Paiva e José Miranda, *Geologia e Recursos Minerais do Meio Norte*. Dep. Nacional da Produção Mineral do Ministério da Agricultura — Boletim n.º 15 — 1937.

brancos beijús de tapióca. Eu disse "com surpresa da nossa parte", porque a pobreza da gente do sertão é tamanha que a inibe — contra o seu feitio natural — de ser gentil, prestadia.

Não foram os nossos belos olhos a causa do gesto amável da matriarca, mas, sim, a habilidade casual, com que soubemos tocar em seu ponto sensível — a religiosidade.

À noitinha, depois do jantar, a dona da casa impressionada pelo meu todo alto, barbudo, com um avental branco de laboratório, que eu envergava à guisa de guarda-pó, vislumbrou em mim um tipo eclesiástico, e perguntou ao meu companheiro de viagem:

— O seu amigo barbudo não é padre?

— A senhora adivinhou — respondeu, pilheriando, o Dr. Agenor.

Foi a conta: todos se aproximaram da minha rede e me pediram que "puxasse" o terço.

Fiquei atônito, sem saber o que era aquilo tudo. O Dr. Agenor, a pretexto de me dar o diário, passou-me um bilhete que esclareceu a questão.

Imediatamente, compenetrado do meu papel, disse que já era tarde para rezarmos o terço; contudo, poderíamos cantar uma reza usada no Sul, na minha terra natal. Comecei:

— Eu canto primeiro só, depois que todos tenham aprendido, eu canto uma parte e vocês respondem com a outra. Vamos ver se acertamos; atenção.

*"Ai meu Deus, que vou pra o céu,  
Os anjos vão me levando;  
De tudo estou me esquecendo,  
Só de Deus estou me lembrando."*

Finda a cantoria, todos, respeitosos, se levantaram e me tomaram a bênção. A velhinha eu não consenti

êsse gesto de respeito; mais que de pressa levantei-me e fui ao seu encontro, abracei-a e lhe desejei boa noite e um sono reparador.

Não é preciso ter grande dose de perspicuidade para vislumbrar a causa da excepcional gentileza da nossa hospedeira: a velhinha, além de tratar bem o hóspede, obsequiava o padre. Daí o substancial quebra-jejum com que fomos mimoseados. Antes, porém, da partida retifiquei a brincadeira do meu companheiro de viagem, e tudo terminou em boas risadas.

— Pois olhe — diz a velhinha, abraçando-me — vancê tem muito jeito pra padre; digo-lhe mais uma coisa: vancê vai, mas a sua reza fica.

— Rezem e lembrem-se de mim, e até a volta, querendo Deus.

O Zé Grande ensinou-nos o caminho até o próximo ponto de almoço. Com as explicações por êle fornecidas, íamos desenhando na folha de um caderno o trajeto a percorrer; depois fizemos a leitura e o Zé Grande, radiante, como se tudo fôsse obra dele aprovou — “não tem o que tirá nem pô”.

Antes de montar a cavalo anotamos as observações meteorológicas: — temperatura — 21.º: pressão barométrica — 738.

Eram 6 horas da manhã. Partimos saudosos daquela boa gente que ficava, talvez, para sempre.

Os animais descansados e bem amilhados trotavam com vontade, e nós, os cavaleiros, refeitos, também, das

fadigas da viagem, fazíamos observações e trocávamos idéias em voz alta. Bandos enormes de papagaios, dois a dois, periquitos e jandáias, passavam pelos ares em demanda do que não plantaram para encher os papos vazios. No leito do caminho grupos numerosos de rolinhas “sangue-de-boi” ciscavam à procura de alimento; acostumadas a não serem importunadas pelos homens, eram tão mansas que somente alçavam vôo a poucos passos de nossos animais; e mesmo assim pousavam nos arbustos mais próximos ao lado do caminho, à espera de nossa passagem para recomeçar a luta pela vida.

A natureza apresenta aqui um cenário bonito: morros, encostas abruptas da serra, que se abre para o rumo N., e uma vegetação verde ao longo do riacho que atravessa o vale.

Às 9,10 h. chegamos perto de um dos morros à direita; meia hora depois deixamos a morraria, e às 10 h. atravessamos o córrego, que segue em direção a N. O. e que se lança num brejo da Vereda Vermelha à direita; dêste mesmo lado, dois grandes contrafortes da serra, esparramam suas bases quase junto ao ribeirão citado, o qual viemos margeando desde a nossa saída da morada do Zé Grande.

O sol já estava alto, seus raios ardentes queimavam mesmo através da roupa, e na areia da estrada a evaporação tremeluzia como a superfície de um forno na sua temperatura máxima. Para amenizar um bocado os efeitos escaldantes da canícula, encontrávamos de quando em quando capões de mata que nos sorriam com sua sombra acolhedora: sorriso que durava pouco, porque, emboscadas, traiçoeiras, ali estavam as mutucas — terríveis hematófagos — que nos assaltavam sem dó nem piedade; era um tal de bater com os chicotes, com galhos de árvores, de espanta aqui e ali até sairmos de novo no descampado; éramos, também, importunados

por umas mosquinhas menores que a conhecida mosca de frutos (*Drosophila*); estas não nos davam tréguas; ora entravam em nossos olhos, ora penetravam em nossos ouvidos causando-nos não pequeno tormento.

O estômago estava dando os primeiros sinais de fome, quando nos aproximámos da morada Malva, onde resolvemos "botar abaixo" para almoçar: eram 10 horas e 30 minutos. Do terreiro da casa avistam-se as baixas entre os dois contrafortes à direita: do lado esquerdo tudo é plano.

Andamos 13.937 metros, um pouco mais de 3 léguas. Não foi muito.

Ao meio dia registramos 31.<sup>o</sup> de temperatura e pressão barométrica 738.

Após o almoço e devidamente instruídos quanto ao caminho que deveríamos seguir, partimos na direção O. Eram 14,10 h. Logo abaixo, duas léguas da serra, entrada para Barra do Malva. O período da tarde foi, mais ou menos, parecido com o precedente: morros à esquerda e à direita um grande contraforte nas imediações da Fazenda do Meio, do Sr. Clemente Castro (92). Chegamos à residência dêsse senhor às 16,50 e aí nos arranchamos. Consultados os passômetros verificamos que havíamos percorrido 12.193 m. ou 3 léguas. A jornada, como se pode ver, rendeu pouco; o sol ainda estava alto, contudo resolvemos parar, pois o local oferecia boa pousada.

Como é natural, sempre que chegávamos a qualquer sítio, éramos alvo da curiosidade dos moradores da redondeza. Todos queriam saber como nos chamávamos, donde vínhamos e aonde íamos.

— Vancê, se mal pergunto, como se chama?

---

(92) Clemente Castro na pronúncia sertaneja são "Quelemente Crasto". Na mudança do "r" do último vocábulo verifica-se uma herança glótica do ancestral luzitano:

"Gabriel, que assim se chamava o rapaz, ou antes, *Graviel*, segundo a mais eufônica pronúncia saloia..." A. Herculano — *Lendas e Narrativas*.

— Eu me chamo F. de tal — dizia meu nome, e para vingar-me perguntava também o seu nome.

— E o senhor, como se chama? qual é sua graça?

Estava entabolada a conversação: e toca a puxar pelas línguas dos matutos para conhecer-lhes as necessidades e os costumes. Notando que o hálito de um dos meus interlocutores cheirava a cachaça, perguntei-lhe se era muito apreciador da “branquinha”. Respondeu-me meio encabulado:

— Eu porvo a cachaça, mas se bebo uma porcentagem fico tonto.

O tabaréu empregou a expressão, “uma porcentagem”, na acepção de muito.

— Este menino que está ao seu lado é seu filho?

— Nhor, não; é fio do compadre Malaquia; o menino não anda bão, não: depois que ele deu pra comê viço, nunca mais teve saúde.

— Que quer dizer “comer viço”?

— Apois, vancê não sabe, não? Comê viço, é quando a criatura come terra como quem come torresmo: é tal e quá.

Vamos, amável leitor, fazer um parentese em nossa narrativa, e vêr se conseguimos destrinçar o caso.

Há certas moléstias que pervertem o apetite natural dos enfermos, dando lugar às mais estranhas aberrações. A opilação, o amarelão, ou melhor a anquilostomiase, causada pela *Ankylostomum duodenale*, verme que se localiza no duodeno de suas vítimas, transforma o doente em inveterado geofago: o indivíduo adquire o vício de comer terra. O povo, que é sintético no exprimir seus pensamentos, foi designando tal apetite pervertido do modo mais curto possível — vício. E em virtude de uma tendência atônica — que mais tarde exporei circunstanciadamente — suprimiu o “i” da última sílaba, pronunciando “viço”, que ficou exteriorizando a

idéia da anomalia, praticada com o ato de comer terra; daí a expressão que ouvi e que estou comentando — “comê viço”, para indicar o infeliz atacado pelo ancilostoma. Ficou bem claro?

Do meu alforge-farmácia tirei um vermífugo para o pequeno doente. Expliquei bem como deveria aplicá-lo. Ao mesmo tempo dei alguns conselhos profiláticos afim de evitar a penetração no organismo humano do verme causador da opilação. Falci de um modo geral da limpeza, da higiene, em seus elementos mais simples — água, sabão e escova, há muitos anos preconizados pelo sábio descobridor do bacilo que lhe herdou o nome glorioso, Koch. Água, sabão e escova, tão simples tudo e de tão fácil obtenção: a água, graças a Deus, corre abundante, o sabão toda dona de casa sabe fazer e a escova pode ser substituída pela bucha (93) — planta “sem vergonha” que em qualquer lugar dá.

Entre as medidas que deveriam ser postas em prática imediatamente ressaltai as seguintes: abrir, a uns 20 metros da casa, uma fossa, e não mais “desistir” em derredor da morada; usar sapatos, ou então, lavar os pés e pernas ao menos duas vezes por dia: no almoço e à noite antes de deitar-se, e nunca comer sem primeiro lavar as mãos. A alternativa de usar sapatos ou lavar os pés e pernas como aconselhei, não é rigorosamente aceitável, pois os sapatos constituem proteção mais eficiente. Mas, como querer que gente que não tem roupa para cobrir as próprias vergonhas possa adquirir sapatos para os pés? Crianças de 8 anos e mais de idade, de ambos os sexos, andam completamente nús; moças casaduras vestem unicamente saias, exibindo com toda candura o tronco nú. Por aí podem-se ver as

---

(93) *Luffa cylindrica* Lin., planta trepadeira, e que pode ser cultivada à beira de cercas, prestando-se para fazer carramanchões e latadas.

dificuldades que o higienista improvisado teve de vencer. Quem atravessa êstes sertões onde tudo falta e, por isso mesmo, as moléstias abundam, precisa estar imbuido do espírito evangélico: semear sempre o bem sob todas as formas, pois uma ou outra semente encontrará terra propícia em que germine, cresça e frutifique.

Os matutos são mais espertos do que parecem; não é à-tôa que entre êles os dizeres do velho rifão — fazer-se de burro para comer milho, não é letra morta.

Há aquí, em Malva, numa das famílias desta morada, um caso especial relativo à validade do casamento religioso. Enquanto a bolsa não é atingida, as duas modalidades de casamentos são iguais: tanto faz casar no civil como no religioso, e, sendo possível, é melhor casar-se só neste último. Havendo, porém, heranças e herdeiros, a coisa fia mais fino: o tabaréu sabe que, no casamento religioso, em morrendo um dos conjuges, o outro não terá direito a participar da herança. Era justamente uma questão destas que estava perturbando a placidez da vida de um dos moradores dêste lugar. Morreu o marido, e a pobre viuva ficou sem nada, pois os parentes alegaram o fato de ter contraído núpcias unicamente na igreja. Não sei como terminou êste litígio, porque pouco tempo demoramos aí. Aproveitei, contudo, a ocasião para dar conselhos amistosos, afim de que a pobre viuva não ficasse desamparada.

E' pena que os padres, quando andam em desobriga (94), não esclarecem seus paroquianos sobre as leis do país em obediência ao preceito bíblico que manda dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar. Muito pelo contrário, guerreiam o casamento civil,

---

(94) Desobriga, emprega-se também em sentido pilhérico, referindo-se às mulheres passeadeiras, que vão de casa em casa mexericar.



chamando-o de concubinato legal e outras coisas mais feias ainda. (95)

Dia 9. Dormimos bem: noite fresca e agradável. Observações meteorológicas às 6 horas: temperatura 16.º e barômetro 744. Partimos às 6,45 h. rumo ao rio Uruçuí, caudaloso afluente do Parnaíba. O rio Uruçuí é perene, dando váu abaixo do Olho-d'água, somente nos anos de grandes secas.

As 7,50 h. começamos a ladeá-lo, a uns 500 metros de sua margem direita, no sentido de rio-acima; às 8,15 chegámos à sua beira e bebemos de suas águas límpidas. No ponto em que tocamos o rio tem uns 20 metros de largura e a velocidade da água é de 5-6 quilômetros a hora. Corre na direção N-NE. As barrancas são altas, e o rio, obstruído de galhos de árvores tombados, prestar-se-ia à pequena navegação. Onde quasi não há vias de comunicação, creio que se não deveriam desprezar os caminhos que andam.

As 10 h. passamos pela barra do Malva, já nosso conhecido. Estava sêca! Este fato não vem pôr abaixo o que afirmei sobre a perenidade dos riachos e rios do vale do Uruçuí para o sul. E' preciso não olvidar que estávamos em Agosto de 1915 — ano célebre nas calamitosas sêcas do norte do país.

Não obstante serem os chapadões imensos reservatórios de água doce, precisam das águas pluviais para seu reabastecimento, sem o que elles se esgotarão: tudo tem um limite. Isto lembra-me uma esplêndida tirada de um vigário, nos cafundós do nordeste, quando exor-

---

(95) "A guerra ao casamento civil, leva o povo a repudiar o registro civil de qualquer natureza, exceção feita das localidades pernambucanas, onde, todos os registros, com exceção do de óbito, são efetuados com regularidade que nos surpreendeu."

*Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás pelos Drs. Arthur Neiva e Belisário Penna. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Pag. 169.*

tava seus paroquianos a não abusar da bondade divina: — “A bondade de Deus é infinita... mas tem um limite!”

Pois é verdade, a barra do Malva estava sêca.

Chegamos ao lugar chamado Tucuns às 11,45 h. Aí paramos para almoçar. Andamos 24.777 metros ou 6 léguas. Ao meio dia fizemos as nossas costumeiras observações meteorológicas: temperatura — 32.º e pressão barométrica — 749.

A topografia aqui é acidentada: defronte da casa onde paramos para almoçar há morros bem altos; a morraria acompanha a margem direita do rio Uruçuí.

Partimos às 14 h. atravessamos uma região de caminhos difíceis em virtude da topografia do terreno. A marcha foi vagarosa.

O sol estava no ocaso, a temperatura declinava e as montarias, na ânsia de chegar, desenvolviam a marcha. Às 18 h. estávamos apeando em Morros — morada em que íamos pernoitar. Noite relativamente fresca.

Dia 10. Às 6 h. fizemos as seguintes observações: — temperatura — 19.º; pressão barométrica — 740. (96)

Partimos às 6,30 h. Depois de uma viagem monótona alcançamos Formosa, local onde o caminho atravessa o rio.

A travessia foi trabalhosa, pois tivemos que descarregar os animais para que êles passassem a nado; com auxílio de uma pequena canôa conduzimos a carga para o outro lado do Uruçuí. Eram 12 horas: temperatura 34.º — pressão barométrica 736.

Após o almoço repousamos um pouco em nossas rédes: descanso bem merecido, próximo à margem esquerda do rio, em Uruçuí. De Formosa, depois de termos passado o rio Uruçuí, encontramos aspectos na-

---

(96) .A maioria das árvores está verdejante.

turais mais interessantes: de légua em légua atravessávamos riachos de água limpa e fresca. O vale do Uruçuí e seus afluentes estão cobertos de matas onde predominam as seguintes essências: cachimbeiro, mestiço, angelim, canjarana, buritís, buritiranas e a palmeira bacaba, que são muito abundantes. Os baixões estão cobertos de agrestes, abundando também as piaçavas, os cajueiros e maniçobas rasteiras. Percorremos 23.294 metros em 3.55 h de marcha efetiva.

A temperatura foi caindo, caindo e o frio apertando, apertando. A umas tantas da noite tivemos que nos agasalhar nas rédes, pois o frio nos perturbava o sono. O sertão piauiense tem surpresas dessas, como vimos em Conceição, no vale do Pirajá.

Dia 11. Às 6 horas da manhã o termômetro marcava 12,3.º e o barômetro 738. No lapso de tempo de 18 horas a temperatura caiu de 34.º a 12,3.º! Por aí é fácil adivinhar o frio que sentimos durante a noite em Uruçuí. (97)

Partimos às 7 horas, deixando o rio Uruçuí para trás. (98)

O gado, nesta região, está com ótima aparência: gordo e com pêlo luzidio. Há também criação de cabras.

Todos os produtos agro-pecuários do vale do rio Uruçuí têm seu escoadouro comercial na cidade do mesmo nome, a alguns quilômetros abaixo de sua foz no Parnaíba.

(97) Este local, com certeza, deve seu nome à conhecida abelha silvestre, que produz um mel gostoso, cientificamente chamado *Melipona nigra* Lep. (Pequeno Dic. Brasileiro da Língua Port.) Theodoro Sampaio diz: "Uruçú c. *uru-uçú*, o mesmo que *urú-guaçu*, a galinha, o galo; corr. *yru-uçú*, o cesto grande ou cofo grande corr. *eir-uçú*, abelha grande de cor avermelhada e que não morde (*Trigona subterranea* Friese)" O tupy na Geog. Nacional.

(98) Uruçuí, corr. *uruçú-y*, rio das abelhas *uruçús*, rio do cofo grande. Theodoro Sampaio, *O Tupy na Geografia Nacional*.

Antes de sairmos do vale dêste interessante rio, vou transcrever um trecho, que sôbre o mesmo encontro no canbenho de notas do meu companheiro de viagem e ilustrado chefe do Distrito Telegráfico do Piauí — Dr. Agenor Augusto de Miranda: — “O rio Uruçuí é pouco conhecido dos geógrafos brasileiros; entretanto, é um curso d’água de mais de 240 quilômetros de extensão. Sua bacia hidrográfica deve ter de 12 a 15 mil quilômetros quadrados. E’ profundo e mesmo a 30 quilômetros de suas cabeceiras ainda não é vadeável. Seu vale é composto de baixões profundos, todos de vegetação farta, de boas madeiras de construções. Seus terrenos férteis prestam-se para cultura dos nossos cereais e da utilíssima mandioca. As forrageiras também abundam, sendo de notar a presença do capim-gordura (*Melinis minutiflora*) em todas as terras vizinhas de suas cabeceiras. As águas abundam e são claras todo o ano, motivo pelo qual, situado entre o Gurguéia e o Alto Parnaíba, de águas vermelhas, apresenta-se com a côr negra nos trechos muito fundos e daí o nome que lhe dão de Uruçuí-preto.”

O vale do rio Uruçuí apresenta ótimas condições de salubridade para a criação de gado, pois a higiene pode ser exercida com a maior facilidade: tudo se congrega para oferecer um perfeito *habitat* para os animais. O vale é limitado por duas cadeias de montanhas que o fecham completamente, dando ingresso tão somente em poucos e determinados lugares.

Os pequenos afluentes do Uruçuí correm em leitos arenosos ou pedregosos, contornando colinas, ondulações suaves de terreno, que constituem os baixões cobertos de forragem e de uma vegetação arbórea e rala.

As águas do rio, como já disse, assim como de seus afluentes são límpidas e frescas: elas sobem em borbotões dos olhos-d’água ou saem das entranhas dos morros em forma de corrente caudalosa. Como essas águas

provém de lençóis profundos, oferecem o mais alto grau de pureza, demonstrada pela oscilação quase nula de seu volume, quer se trate de estação invernos, quer seja um período de sêca rigorosa como o que estavamos vivendo: a sua limpidez jamais é alterada.

Os afluentes do Uruçuí têm todos suas nascentes nas serras que limitam o próprio vale; ainda mais: de légua em légua, às vezes menos, encontra-se um riacho, o que muito facilita a divisão das terras em malhadas distintas — condições precípua para uma boa fazenda de criação.

Sendo o Uruçuí, como é, um rio de águas perenes, uma floresta ciliar acompanha seu curso. Notei as mesmas essências florestais assinaladas no vale do Curguéia. Entre estas sobressaíam as sucupiras, os amargos, e nas baixas as juremas, os calumbís com seus espinhos agressivos. Aparecem os *patis-de-emas*. Entre as madeiras de lei, destacam-se cedros até com um metro de diâmetro. Nas colinas o agreste sêco predominava; nos vargedos esta gramínea agreste, como seu nome indica, forrava o chão, verde, tenra, formando os providenciais refrigerios, verdadeiro *refugium afflictorum* para o gado flagelado pela longa, intermina estiagem. E assim fomos aproximando do ponto de almoço e descanso. Os nossos relógios marcavam 11,15 hs. e os passômetros registravam 20.028 metros percorridos, quando apeamos na Vereda do Meio. As 12 horas a temperatura era de 33.º. Almoçamos e fizemos uma boa sesta até às 14 horas.

Matamos um quati que estava trepado numa sucupira. Geralmente os quatis andam em bandos, êste, porém, estava só; com certeza desgarrou-se de seus companheiros (99). Seria quati mundéu?

(99) Mamífero pertencente à família dos Proclonídeos — *Nasua narica*. Quati-mundéu nome que se dá aos quatis velhos, que vivem separados do bando.

Há uma crendice popular entre os caçadores relativa à esperteza d'êste animal. Quando o caçador dá um tiro num dos componentes do bando, todos, como que obedecendo a voz de um comando único, seguram o longo focinho com ambas as mãos, e jogam-se da árvore abaixo, procurando cair de lombo no chão: cair, pôr-se de quatro e sair em desabalada carreira é obra de um abrir e fechar de olhos.

A êsse respeito os nossos caboclos contam a seguinte anedota: Um italiano recém-chegado de sua pátria, resolveu fazer uma caçada nas matas da fazenda onde era colono, em companhia de um caipira inclinado a tudo quanto fosse andar pelo mato. Soltaram os cachorros; nem bem haviam corrido uns 200 metros, ouviram uma barulhada louca, latidos de cachorro ao encaço de algum bicho do mato. Correram até o local, e deram com a matilha assanhada em torno de uma árvore alta: lá em cima, na copa, estava um bando de quatís. O italiano, afoito, com a dois canos já na pontaria procurava visar um dêles. Antes que o companheiro pudesse advertí-lo, o tiro ecoou retumbante na mata soturna. Com espanto de italiano o bando inteiro veio ao chão: para êle todos estavam mortos, não perdera nem um bago de chumbo da carga. Mais que depressa saiu correndo à procura de uma carroça para conduzir a caça. Quando voltou, e examinou o chão, desapontado, só encontrou o infeliz que recebera o tiro: os outros todos "azularam".

Ao lado, o Jeca ria da peça que os quatís haviam pregado ao caçador estrangeiro.

— Oi qui, nhô Bépe, êsse bicho é sabido: quando êle escuita o tiro, segura o fucinho e despenca da árvore; a questã é não batê com o fucinho narguma coisa; não batendo, êle finca o pé no chão e azula; só deixa o rasto e a catinga.

Não sei se esta anedota se apoia nos hábitos dêste animal, pois nunca me foi dado fazer tal observação. O quati que hoje matei, e que me trouxe à lembrança esta anedota que ouvira quando menino no interior de S. Paulo, não se atirou ao solo, apesar de haver eu errado o primeiro tiro.

No trajeto feito esta manhã, passei por muitas "casas" de cupins. Algumas eram mais altas do que um homem: nunca ví tamanhas. Os formigueiros da saúva também eram enormes e abundantes; alguns tomavam a estrada obrigando os viajantes a contorná-los, mesmo porque os animais podem enterrar os pés nalguma "panela" não muito funda e quebrar as pernas. Cupim e saúva, dois terríveis inimigos da agricultura, que aqui se multiplicam à vontade sem serem incomodados!

A flora é a mesma já observada, predominando entre as gramíneas forrageiras o agreste.

Eram 14 horas e 45 minutos quando deixamos Vereda do Meio. O período da tarde correu sem nada de novo que merecesse registro. Depois de 4 horas e 5 minutos de viagem chegamos ao pouso, morada Altos. Andamos 22.093 metros. Nesta região de riachos de águas perenes, nossa preocupação era chegar com dia claro ao pouso para dar tempo de tomar um banho refrescante que nos livrasse da poeira e da grande parte do cansaço.

O nosso pagem, que a cavalo nos acompanhava de perto, trazia na maca, além das rêdes, os nossos pijamas, chinelos, toalhas de banho e sabão. Assim, depois das saudações de praxe e de havermos descansado uns 15 minutos, indagávamos:

— Onde é que fica a fonte?

— Alí mesmo, nhor, sim — e com o beijo inferior apontava o local do riacho — a fonte — onde poderíamos tomar o almejado banho. Foi o que fizemos.

Nos Altos tivemos uma noite fria, que nos proporcionou um sono reparador. Às 6 horas o termômetro marcava 14.º. Com esta temperatura, como já assina-lei várias vezes no correr desta narração, sente-se muito frio. Além das diferenças térmicas, dormíamos em rede-leito muito vulnerável às brisas frias, e debaixo das árvores, para evitar o perigo dos chupões que infestam quase todas as habitações destas paragens.

Dia 12.

— Seu dotô — diz o arrieiro Altino, dirigindo-se ao Dr. Agenor — amóde que deu o doido nos animais: a peste do burrinho preto rebentou a peia e não hai quem dê com o bicho.

— Procurem o burro, pois não podemos desfalcar a nossa tropa.

Afinal, após um trabalhão, foram reunidos todos os animais, e nos preparamos para iniciar a jornada.

Partimos às 8 horas. Penetramos, na altura do lugarejo Cruz, na vasta região das terras devolutas, isto é, pertencentes ao Estado. Nas terras do Govêrno todo mundo cria gado sem pagar aluguel, a não ser a terça parte dos bezerros que nascem cada ano, que o fisco não perdoa... sendo partidário do govêrno, às vezes perdoa. O diabo é estar serrando de baixo.

Às 11,30 hs. chegamos a Jacú. Andamos 10.105 metros. A temperatura, ao meio dia, era de 32.º.

Das Cruzes até aquí os baixões apresentam os mesmos característicos: maniçoba de veado, piaçabá e como gramínea forrageira o agreste. Separam os baixões riachos de águas limpas. As margens dêstes estão cobertas de espessa vegetação composta de buritís, buritiranas, pindaibas e outras árvores frondosas. Há baixões que se prestam à cultura do arroz.

Até aquí predomina o capim agreste: infelizmente não posso dar a composição química desta forragem,



pois me não consta que haja análise da mesma. Mas, levando em conta o que ví e ouvi, não será otimismo concluir que o capim agreste é uma excelente alimentação forrageira.

O Norte estava atravessando uma sêca como há muitos anos não era observada; no entanto, o “gado do agreste” — como é chamado o gado que pasta no agreste — solto, criado ao Deus-dará, estava gordo, luzidio e bonito. Para se fazer uma idéia mais exata desta gramínea, quanto ao seu valor nutritivo, basta lembrar que nas regiões de capim agreste, por mais intensa que seja a sêca, o gado jamais morre de fome. O capim agreste é, devido à sua qualidade de resistência e outras, considerado pelos criadores como “bem de raiz” — com trocadilho e tudo. Este capim, que cobre grandes extensões do vale do Uruçuí, faz lembrar o jaraquá. Como êste, o agreste resiste perfeitamente ao fogo, que até certo ponto, ao invés de ser nocivo, torna-se necessário.

Quando iniciei meu curso de agrônomo, na Escola Agrícola Luiz de Queiroz, em Piracicaba, nós, os estudantes, tínhamos um inimigo poderoso ao qual não poderíamos dar tréguas: tratava-se da rotina. Êste monstro tinha muitas cabeças, e todas deveriam ser decepadas; entre outras figuravam em primeira plana a enxada e o fogo: a enxada era a expressão mais simples da mecânica agrícola que representava, portanto, o atraso, a ineficiência, custo elevado, imperfeição etc. etc.; o fogo era destruidor da fertilidade do solo, incinerando num momento o humus precioso que a natureza levou séculos a preparar. Não resta dúvida que tudo isto está certo; mas, — “o eterno mas” que em quase todas as coisas da vida tem cabimento — a prática veio provar que não podemos abrir mão destes elementos de um modo absoluto. Se antes eram agen-

tes primordiais, agora passarão a ser secundários, aproveitáveis somente em circunstâncias especiais, e bem dirigidos, como é o caso dos venenos que integram remédios à saúde.

A enxada, ou qualquer outro instrumento manual, é ferramenta própria aos remates dos trabalhos executados pelas máquinas aperfeiçoadas da agricultura moderna; o fogo, este, sim, é um elemento perigoso, que deve ser evitado nas fainas do campo ou empregado com tal precaução e cuidado, que se consiga dê-lo o efeito desejado, reduzindo-se ao mínimo possível os danos que possa causar.

Nas extensas zonas pastoris do Estado do Piauí, o fogo é uma necessidade imprescindível, é um mal necessário.

Compete, porém, ao homem agir inteligentemente, da seguinte maneira:

a) separar, por meio de aceiros, os campos de agrestes, por exemplo, das matas produtoras de ramos próprios à alimentação de gado, porque a vegetação arbórea sofre mais com o fogo e se recompõe com mais dificuldades.

d) dividir, por sua vez, os campos de gramíneas em diversos machados, e queimá-los em épocas diversas afim de que o gado disponha sempre de capim em boas condições, isto é, pastagens verdes e tenras.

Em resumo: deve haver o maior critério possível presidindo ao trabalho da queima. Ele não se cifra a riscar um fósforo e meter aqui e ali, e em qualquer tempo. O que pode ser um bem, se aplicado em ocasião oportuna, é um mal quando aplicado inoportunamente.

O grande mal dos sertanejos é a inconsciência com que cometem êsses erros, naturalmente devido à educação rudimentar que possuem. Quando o homem do

sertão risca um fósforo e o abandona aceso numa touceira de capim seco, só tem em mira, às vezes, ver as "línguas de fogo lambê o agreste véio e a preá ou o veado entrá, que entrá danado pra se livrá do quente."

Este procedimento, principalmente nas zonas do agreste, chega a ser bárbaro, e constitue até um perigo direto para o homem.

As queimadas do agreste têm dado lugar a cenas trágicas. No boqueirão da "Baixa do Boi", próximo à residência do nosso guia Zé Grande, um pobre sertanejo, depois de aprontar a sua roça ateou-lhe fogo. Como o aceiro não fosse muito largo, talvez por causa da pressa em terminar o serviço, olvidado do rifão que manda ir devagar para chegar depressa, o fogo alastrou-se pelo agreste e fechou a entrada do boqueirão, envolvendo o matuto de tal sorte, que, desesperado, não podendo escalar as escarpas abruptas da serra, meteu-se numa toca cavada no arenito. A que terrível guarita o desgraçado, na sua aflição, fôra buscar refúgio! Findo o fogo, os seus companheiros encontraram-no carbonizado!

Este mal, com um pouco de boa vontade da parte dos homens que estão na chefia dos municípios, seria grandemente remediado: em primeiro lugar, nas escolas, os pequenos deveriam aprender a amar a natureza; e, em segundo, as leis rigorosas poriam no bom caminho aqueles que não quisessem corrigir-se.

O terreno apresenta-se aquí ondulado, formando meias laranjas cobertas de vegetação peculiar aos campos: cajueiros, pequizeiros, sambaibas (100), mangabeiras, cariobas de flores roxo-azuladas e grande número de leguminosas.

---

(100) A sambaiba, também conhecida em outros estados do norte por Caimbé, pertence à família das Dillenáceas — *Curatella americana* Lin.

A sambaiba é uma árvore curiosa, toda retorcida, de folhas largas e compridas, verdadeiras folhas de lixa. Os matutos empregam-nas para polir artefatos de chifre e de osso. Eu dava-me ao luxo de polir as unhas com elas. Não tenho a menor dúvida de que poderiam ser empregadas, com vantagens, pelas manicuras; isto daria uma utilidade prática e lucrativa a essa árvore abundante nas chapadas e caatingas do norte brasileiro. As folhas seriam acondicionadas em molhos atados com fibras de palmeiras e enviadas para todas as cidades do país. A delicadeza da folha da sambaiba deixa em segundo plano a mais perfeita lixa produzida pela indústria atual, destinada ao polimento de unhas. E cá para nós, leitor amigo, não seria uma nota ultra elegante servir-se de um capricho da natureza para satisfazer a outro capricho, que é o de corrigir a própria natureza?

Quanta coisa boa se perde em nossa terra, nesse mundão de Deus!

Deixamos Jacú às 15 horas. A viagem foi morosa, porque de vez em quando parávamos para fazer observações agrônômicas, e outras, para fotografar animais; assim, antes de alcançarmos o pouso, escureceu, máu grado o desejo ardente de que estava possuído de ver ainda com a luz do dia o célebre Morro-d'água.

Nas últimas horas da jornada, a fadiga sobreveiu e a prosa acabou: todos quietos nas suas montadas, procuravam mudar de posição para descansar ora a perna esquerda, ora a direita, cujos joelhos estavam doloridos; só se ouvia o trotar dos animais e, de quando em quando, a voz dos arrieiros que animavam a tropa. Assim íamos nós antes da chegada ao Morro-d'água, lugar destinado ao pouso daquela noite. É verdade, já anoitecera. Nisto, senti nas costas das mãos qualquer coisa como se fossem umas gotículas de

garôa. Olhei para o alto, e descortinei um céu cravejado de estrelas, sem uma nuvem sequer.

— Foi engano — disse de mim para comigo.

De repente, outra vez os pingos nas minhas mãos, que iam segurando as rédeas. Olhei novamente para o céu e nada: tudo limpo e lindamente estrelado. Aí não me contive, e interpelei o meu companheiro:

— Agenor, você não está sentindo um chuvisco?

— Não; que chuvisco, qual nada. Você deve estar com fome e vontade de chegar.

— Pois olhe, meu caro, macaco me lamba se qualquer coisa não me está borrifando as mãos e agora o rosto.

— Só se alguma nuvem imperceptível está brincando com você.

— E; tudo pode acontecer a um cristão que anda por êstes mundarêus; em todo caso estou intrigado com a coisa; peço-lhe que preste atenção.

Continuamos a' marcha: os animais, "vexados" por se verem livres da carga, alargavam o trote.

Mais uma vez a tal garôa.

Sentiu, Agenor? Neste instante caíram uns nas minhas mãos.

— É verdade: eu também senti; você tem razão.

— Que diabo será isso?

— Com certeza é alguma nuvem pequena, um cúmulo preto que se confunde com o fundo escuro de um pedaço do céu sem estrelas. Não pode ser outra coisa.

Alguns minutos após, estávamos chegando ao pouso, tendo percorrido 18.743 metros em 3,35 horas de marcha efetiva.

Morro-d'água ou Ronca, como é também conhecido pelos sertanejos, êste interessante acidente natural,

é um lugar lindíssimo digno de uma descrição pormenorizada. Fiél à ordem cronológica a que obedece nossa narrativa de viagem, direi, por enquanto, que era noite quando chegamos, e que só pude ver o capão de mato, em cuja orla íamos armar nossas rêdes e ouvir o murmúrio das águas do riacho.

Enquanto o pagem, que acumulava as funções de cozinheiro, fazia os preparativos para o jantar, o Agenor e eu nos aprontamos para o banho.

— A fonte fica aqui pertinho, seu dotô — informou o arrieiro Altino, vaqueano na região. É bom levá as arma, porque por aqui hai muita sucujú. Eu vou na frente com a véla móde clariá!

— Acho bom você ir limpando o caminho com o terçado — ajuntei como medida de precaução. E assim, a um de fundo, em caminho da roça, fomos ao riacho.

Que lindo espetáculo! o ribeirão, que corre por entre pedras e debaixo de árvores frondosas, no ponto em que atingimos sua margem, abria-se em forma de enorme bacia, de uns 8 metros de diâmetro, cavada em em arenito; mesmo à luz da véla de carnaúba podíamos vê a transparência cristalina da água. Coloquei o roupão a um lado, e atirei-me nágua. Que delícia! tive a impressão gostosa de um luxo requintado que só aos privilegiados da sorte é dado gozar. Foi um banho demorado, preguiçoso, refrigerante em que os músculos retezados pela posição forçada da sela, receberam uma massagem natural e repousante; era tão agradável, que me esquecí do possível perigo da traiçoeira sucujú: o deleite empana o sentimento do medo.

Quando me retirava do luxuoso banheiro, toalha envolvendo a cintura e tronco desnudo, ao passar sob

as últimas árvores do capão do mato que margeiam o riacho, senti fina garôa nos ombros. Intrigado com os misteriosos pinguinhos de água, que desde a chegada nas proximidades do Morro d'água vinham provocando minha curiosidade interroguei o arrieiro Altino que, empunhando uma véla de carnaúba, iluminava o trilho por onde passávamos:

— Altino, que diacho de chuvisco é êsse? O céu está limpo, e no entanto estou sentindo uns pingos nos ombros; que é isso?

— Não é nada, seu dotô: é esta árvore chamada almiscar (101) que, quando vai morrer, chora.

— Você está brincando, Altino.

— Quem sou eu, seu dotô, prá brincá cum vos-suria? Almiscar começa a chorá, não demora muitos dias tá secando.

— Está bem, está bem, Altino, amanhã de dia vamos vêr porque esta chorona se debulha em pranto, Se ela chora, alguma coisa deve doer-lhe: só manhoso chora à-tôa.

— Depois, seu dotô, nois aquí no interiô acostuma dizê: a dô é que ensina a gemê.

— É isso mesmo, a dor ensina a gemer: a gente aprende na primeira lição. Esta minha piada provocou uma gargalhada geral, já à chegada do acampamento. Envergámos os pijamas e fomos ao jantar, que a fome era muita.

Jantamos. Após a refeição fui puxar a língua dos arrieiros para coletar informações que me pudessem ser úteis. De todos êles, o mais mateiro, o mais inteligente era o Altino, por isso, quase sempre, era êle quem me respondia às indagações.

---

(101) Árvore alta e frondosa, que pertence à família das Estiracáceas *Styrax glabratum* Schott.

— Então, diz que você é mestre pra rastejar? — perguntei-lhe.

— Não é tanto assim, seu dotô — disse com fingida modéstia, que provocou um protesto unânime de seus companheiros.

— Vige! só falta descobri rasto nágua. Hoje de tarde êle descobriu o rasto de uma pintada na areia do caminho.

— Há onças por aquí?

— Munta; as bichas só não come os cristãos é prumode que tem bezerro muinto pras danada comê.

— Credol! Isso quer dizer que não devemos facilitar, não é assim? — acrescentei não sem um certo receio.

E naturalmente a conversa descambou para os “causos” de onças, as façanhas dêste valente felino, quer como “praga” que dizima a criação, quer como real perigo que representa para o próprio homem diretamente. Um dos arrieiros contou o seguinte e impressionante fato.

— Osturdia, perto da serra do Gurguéia, bem junto da roça do meu compadre Anacleto, um vizinho ia indo pra roça mais o fio, depois do almoço. O pai tava andando na frente e o menino atrais com uma cuia grande na cabeça mode o sol.

De repente foi um papôco (102), baruiro de unha riscando cabaça e gritos do pequeno que foi cair nos pés do pai dêle. O homem virou-se e deu cum a pintada armando o pulo pra riba dêle. A onça não se importô mais cum o pequeno e pulô no amigo do meu compadre que não teve tempo nem pra dizê arroiz; a bicha meteu os dentes na guéla e derribô o povre do

---

(102) Papôco: ruído de qualquer coisa que estala, que estoura, e por extensão todo e qualquer barulho meio fora do comum.



homem. Com os gritos do menino, o meu compadre e mais um companheiro correram no lugar e deram com o homem no chão e a onça acabando de matá; fazia que nem um gato cum rato: ela largava a garganta do infeliz, e ficava espiando, êle mexia com as perna prá morré, a danada bocava outra veiz a garganta dêle e sacudia; tava tão entretida que não viu o meu compadre chegá. Meu compadre não teve conversa: chegô com jeito pertinho da onça e desceu o machado na cabeça da bicha. Também foi só uma pancada. O homem tava morto e o menino só faltava morré de medo logo adiante.

Adepois meu compadre tirou o côro da pintada. Bem no apá tava uma bala véia de metá. Era onça pirsiguida; ela levô um tiro, foi se arrastádo pra serra e se escondeu numa toca inté ficar bôa; mais tarde a fome apertô, ela não teve dúvida, desceu a serra, e pulô no primeiro infeliz que encontrô. A sorte do menino foi êle tá com a cuia na cabeça: as unhas dela escorregaram sem ofendê o pequeno; quem pagô, foi o pai, coitado.

— Isto quer dizer que precisamos andar com os olhos abertos e não facilitar: uma pintada pode andar por aí com fome, pronta a nos transformar num saboroso pitéu.

Agora vamos tratar de dormir, minha gente. Boas noites. E todos procuraram suas redes. O Agenor, sertanista velho, afeito às coisas do mato, pouco se impressionou com o “causo da onça” e já estava dormindo.

Estirei-me na minha tapuirana, ajeitei o pequeno traveseiro debaixo do pesçoço e dobrei a franja da rêde sôbre o rosto para proteger-me de algum inseto importuno. O silêncio, que envolveu o acampamento, era quebrado de quando em quando pelo grito estri-

dente de uma “rasga-mortalha” (103), pelo assobio cadenciado do caboré (104) chamando a companheira à cita combinada e por muitas e diversas vozes tristes e soturnas, próprias das trevas da noite e de lugares êrmos.

O sono reparador traduzia-se pelo forte resfolegar dos componentes da caravana: todos dormiam.

Escutei, ao longe, uns estalidos de gravetos secos como que a se partirem sob a pressão das patas de um animal qualquer. Agucei os ouvidos, suspendí a respiração para distinguir melhor: não tive dúvidas: um felino se aproximava, pois era cada vez mais nítido o rosnar da féra. Com as sobras da rede cobrí-me completamente, e fiquei imóvel. O rumor dos passos da pintada — pois na certa seria onça pintada — indicava a aproximação do animal. Chegou perto de minha rede, deu uma volta em tórno do meu vulto envolvido pelo grosso tecido. Evidentemente procurava o lugar onde estava minha cabeça para desferir o pulo. Um mundo de coisas passaram-me por essa parte importante de meu corpo na iminência de ser abocanhado, triturado pelos afiados caninos do terrível jaguar. Se ao menos eu tivesse à mão uma cuia providencial, como a do menino do “causo”, com que pudesse escudar o crânio ameaçado! Mas nada: estava eu envolto em simples pano de uma rede frágil, quase vítima imbele a ser engulida pela onça. Esta, sem perda de tempo, descobriu afinal a posição em que eu estava e saltou sôbre meu torax. Dei um grito e pulei da rede.

---

(103) Nome popular que designa uma coruja, que, durante o vôo noturno, faz ouvir seu grito estridente, onomatopáico, lembrando o rasgar de um pano de algodão.

(104) O caboré pertence à família dos Bubonídeos — *Glaucidium brasilianum* Gm. — pequeno mocho muito comum em o Norte.

— Que é isso? Que é isso, Iglésias? Era a voz do Agenor que me chamava à realidade das coisas: eu havia despertado de um pesadelo horrível.

— Com os diabos! sonhei que estava sendo atacado por uma pintada. Que suplício!

— Foi o que você ganhou em ouvir a prosa do arrieiro.

— O que também ajudou foi a minha posição na rede: dormi estirado ao comprido, de sorte que, a rede, com o meu próprio pêso, me comprimiu o peito, daí o pesadelo, que, “inteligentemente”, aproveitou o enredo do “causo” trágico da onça que matou o pai do menino da cuia.

Os primeiros albores da madrugada começaram a dar umas indecisas pinceladas brancas na fímbria do horizonte. A uns duzentos metros, ao alto da lombada, soltou seu canto matutino um nambú-guaçú (105).

Quantas recordações o canto dessa ave me despertou, que de lembranças do pasado fez brotar ante os olhos da alma, cenas da minha adolescência, da minha inocidade, reavivadas pela saudade, desfilaram pelo meu cérebro: eu, no Morro do Enxofre, perto de Piracicaba, com minha pica-páu debaixo do braço, agachado sob a proteção de árvores frondosas, fazia trinar o pio do chororó, imediatamente atendido pela ludibriada ave; ou então, nas matas da Cruz do Tibúrcio, também nas imediações de minha cidade, piando nambú-guaçú, moradores nas grotas daquela mata virgem.

---

(105) *Nambú*, *inambú*, *nhambú* ou *inhambú*, corruptela, segundo Teodoro Sampalo, de “*y-nhã-bú*, o que corre surdindo, ou sai a correr donde estava oculto”. (Tupí na Geog. Nacional).

Conheço em São Paulo as seguintes espécies: *Nambú-xintã*, *nambú chororó* e *nambú-guaçú*, cujos cantos são bem distintos e inconfundíveis aos ouvidos dos caçadores. Os *nambús* pertencem à família dos Tinamídeos. O *nambú-guaçú* é o *Crypturellus obsoletus* Temm.

Sentei-me na rede e continuei a observar o despontar do dia. Nisto, — ó coisa curiosa! — uma elegante árvore, de uns trinta metros de altura, frondosa, a uns quarenta metros, entre mim e a luz da alvorada, deixava cair, qual chuva enorme, uma garôa finíssima. Contemplei o fenómeno por alguns minutos, e, certo de estar diante de um fato interessante, pulei da rede e chamei o arrieiro:

— Altino, venha ver uma coisa. Repare bem naquela árvore acolá, não é a almiscar que esta chorando para morrer?

— Nhor, sim. É cuma eu contei pra vossuria: daquí uns tempos a árvore murcha e morre.

— Vamos vêr de perto. Vá buscar um terçado e acompanhe-me.

Chegamos debaixo da árvore: a garôa continuava fina, perfeitamente visível.

Olhei para a copa e ví alguns insetos esvoaçando: foi a centelha que iluminou a marcha da observação.

— Altino, você é capaz de subir nesta árvore?

— Ela é meio grossa, mas com uma peia talvez eu dê um jeito.

O arrieiro com o terçado à cinta, a peia nos tornozelos, meteu o peito na almiscar e foi subindo, subindo, com relativa facilidade; quando se aproximou dos primeiros galhos noitei um verdadeiro enxame de insetos voando de um lado para outro.

— Altino! — gritei — vá de vagar, e corte um galho com o terçado.

O sertanejo foi-se ajeitando, tirou o corpo para um lado, e, de um só golpe, decepou um galho; uma nuvem de insetos se levantou e o galho veio ao chão. Corri para apanhá-lo: além dos bichinhos que voaram com a pancada, muitos outros estavam agarrados na

casca. Estava descoberto o encanto do almiscar: o inseto que ví esvoaçar de longe e os que estavam pegados aos galhos da árvore eram pequenas cigarras. Este inseto introduz sua tromba na casca da árvore e suga sua seiva; enquanto vai sugando, solta pelo anus uma gotícula de água cristalina, que é a seiva da planta sem as substâncias que ficaram no interior do inséto.

Podem comparar-se a pequeninas velas de filtro: por uma extremidade entra o líquido, no caso a seiva, e por outra sai já purificado, ou seja, sem as substâncias nutritivas. Se a cigarrinha não é molestada, a gotícula sai com uma regularidade cronométrica; de segundo em segundo!

Estas observações foram feitas na madrugada do dia 13 de agosto. A cigarrinha em questão deveria ser a *Aethalium reticulatum*.

Deixemos em paz a cigarrinha gulosamente sugando a seiva do almiscar, e lancemos um olhar em derredor de nosso acampamento para contemplar a linda paisagem.

Morro d'água ou Ronca, como é também conhecido pelos sertanejos, é um acidente topográfico digno de menção. Nestes baixões, à margem esquerda do rio Uruçuí, ergue-se, qual remanescente da luta entre as águas e os chapadões de arenito que caracterizam esta região, um morro que, embora muito menor, faz lembrar o Pão de Açúcar, com a respectiva Urca ao lado. O Morro d'água e o que lhe fica ao lado estão revestidos de vegetação — manto natural que os protege contra os efeitos das erosões. Na base do Morro a mata apresenta aspecto luxuriante, e acompanha o riacho até sua desembocadura no Uruçuí.

Porquê êsse morro se chama Morro d'água? Porque nas fraldas brota algum filete de água? Mais do que isso, muito mais ainda. Na base, do lado do nordeste,

abre-se a bôca de um tunel que mede uns 8 metros de altura por 4 de largura e termina em arco de ponta de ogiva; dêsse tunel, que tem as paredes a prumo e lisas, com se fossem feitas pela mão do homem, sai um riacho de 70 centímetros de profundidade, tomando-lhe toda a largura. Água cristalina, deliciosamente límpida, deixando vêr as mais pequeninas pedras no fundo do leito. Ao sair do túnel, corre por um plano inclinado, pedregoso, formando cachoeiras, para, logo adiante, sob a sombra de copadas árvores, cair numa haccia ampla — o nosso banheiro de ontem à noite — cavada em rochas levemente esverdeadas talvez pela clorofila dos vegetais circundantes, e por isso a água aí toma uma coloração de esmeralda, que mais realça a beleza do quadro.

Já estávamos vestidos e prontos para encetar a jornada; mas, ao contemplarmos aquela maravilha, não resistimos à tentação: despimo-nos e mergulhamos no riacho. Com o baque de nossos corpos, assustamos alguns morcegos que, de cabeça para baixo, dormiam pendurados na abóbada do túnel. Depois fomos examinando tudo: caminhamos por dentro d'água até uns 20 metros penetrando no âmago do morro — manancial; aí o túnel faz uma curva de quase noventa gráus para a esquerda e a abóbada inclina-se para baixo até encostar na água, dando a impressão de que o líquido surge de um sifão. Neste ponto o túnel é tão escuro que foi preciso munir-nos de velas para poder terminar nossas observações.

Creio que por êste riacho encantador ninguém consegue passar sem experimentar as delícias do banho que êle oferece.

Geralmente os matutos têm medo de entrar nesta grotta, pois receiam encontrar a "Mai-d'água", entidade fantástica que êles muito temem. Interessante: sempre

o sobre-natural envolvendo as maravilhas da natureza acima da compreensão vulgar.

A constituição geológica do Morro d'água é de arenito vermelho, que se evidencia nas paredes e boca do túnel. Aí, na face lisa do arenito mole, o viandante que passa grava seu nome e a data de sua pousada nesse pedaço de paraíso perdido ou quase ignorado: o meu nome lá ficou também, e os nomes e datas dos que passaram há mais de meio século; fiquei desenhado, perguntando-me a mim mesmo: quando a data da minha passagem será um fato histórico, pertencerá ao passado longínquo? (106)

A abundância de água nesta zona, no ano de 1915, notável pela sêca que tudo esturricou, é um atestado eloquente a favor da suposição de que aqui as águas não estão diminuindo, e ao mesmo tempo é uma prova do armazenamento de águas no sub-solo dos chapadões.

Em promiscuidade com o agreste encontrei moitas de capim jaraguá — *Andropogon rufus* —, que me causaram real surpresa. O vale do riacho Ronca é fértil, prestando-se à exploração da agro-pecuária.

Montamos a cavalo e partimos para o nosso *desideratum*, com dôr no coração por deixar tanta beleza útil. Na curva do caminho parei minha montaria e, mais uma vez, lancei um olhar de despedida a essa maravilha, lamentando, do fundo da alma, encontrar-se ela tão distante dos centros civilizados, tão longe de um aproveitamento digno e útil para o homem.

Um riacho caudaloso saindo completo, com todo seu volume de água, do sopé de um morro, que dádiva generosa da natureza!

(106) Pobre de mim, mocidade estouvada que julga o tempo correr só para os outros: mais de 34 anos são decorridos desde o dia em que gravei meu nome no arenito do Morro-d'água! Quem por lá passar agora ficará com "inveja" talvez da minha data, que no entanto me causa tanta pena...

Às 6 horas da manhã, em Morro d'água, fizemos as seguintes observações: temperatura 15°: pressão barométrica 732 e altitude sobre o nível do mar 330,8 metros. A noite, não obstante o pesadelo que me perturbou um pouco o sono, foi fria e agradável.

Passamos a viajar para NO. A paisagem não mudou: as mesmas palmeiras, cactus, agreste e leguminosas.

Após 4,40 h. de marcha chegamos a Sete Lagôas; andamos 24.535 metros ou um pouco mais de 6 léguas. Almoçamos, e às 16 h., um pouco refeitos da fadiga; reiniciamos a marcha. O termómetro marcava 32° à sombra.

Fomos deixando a baixada e nos dirigimos para a serra do Uruçuí e começamos a travessia do Chapadão.

O solo muda de aspecto: plano como todo chapadão, arenoso e pouco fértil. A vegetação raquítica demonstra a intensidade da luta titânica que é obrigada a sustentar contra o meio adverso para subsistir; aparecem vegetais próprios dessas regiões, como, por exemplo, as *Canelas-de-ema*, *Veloziáceas* que dão a nota característica da vestimenta vegetal das chapadas de arenito. (107)

Até este ponto da nossa viagem, não tínhamos levado nem um pingo de chuva, a não ser a "garôa" emanada pelas cigarrinhas; nem o relento nos incomodara nas noites dormidas sob o arvoredos; mas estava escrito que não passaríamos sem chumbo, digo sem água.

Os animais extenuados pelo calor, embora fustigados, diminuíam a marcha; no céu, nuvens negras, cúmu-

---

(107) *Canela-de-ema*, nome por que são conhecidas diversas plantas pertencentes à família das *Veloziáceas*, compreendendo os gêneros *Barbacenia* e *Vellozia*.



los de máu tempo, encobriam o sol; o vento, em pre-núncio de borrasca, agitava as árvores, levantava nuvens de pó constituído de areia fina e alvacenta, parecendo querer arrastar-nos com montaria e tudo; de repente uma faísca elétrica cruzou o espaço em zigue-zague e um estrondo medonho ribombou pelo chapadão em tora: os animais assustaram-se, e nós encurtamo-lhes as rédeas e nos firmamos sôbre as selas; a chuva não se fez esperar: jorrou a cântaros, e de tal maneira espessa e forte, que os animais mal podiam andar; as faíscas elétricas continuavam a cair por todos os lados. Creio que não deixamos de passar por certo perigo, pois de vez em quando, nos lugares despidos de vegetação, nós, a cavalo, éramos os pontos culminantes, e o diabo da lei física do poder das pontas não me saía da cabeça. Felizmente tudo terminou bem, e, ensopados da cabeça aos pés, continuamos a marcha. O caminho atravessa o chapadão em linha reta. A coisa mais desagradável que há para quem viaja a cavalo, são os estirões retos: fitam-se os olhos numa árvore lá ao longe, e tem-se a impressão de nunca chegar.

Antes do crepúsculo chegamos à casa de um vaqueiro, na Chapada da Bacaba. Aí passamos a noite. Andamos sòmente 7.772 metros em duas horas de marcha.

Dia 14. Às 6 horas fizemos as costumeiras observações meteorológicas: temperatura 18° — pressão barométrica 718. A altitude do local, Serra do Uruçuí, é de 508,4 metros.

Partimos imediatamente. A serra vai perdendo altura, principia o declive para o vale do majestoso Parnaíba. Às 13 horas chegamos às cabeceiras do Riachão, afluente do Parnaíba, depois de havermos percorrido 18.267 metros de caminho. O termómetro marcava 32° e o barômetro 718, na altitude de 373, 4

metros. A vegetação aqui melhora muito e o gado tem bôa aparência. Além do agreste, sob leguminosas forrageiras (ramas de gado) ví moitas de capim jarguá.

Apeamos para almoçar: já não era sem tempo e sem fome; êste era o nosso último almoço, pois a viagem estava a terminar. Se tudo corresse bem, deveríamos pernoitar em Santa Filomena.

Eram 14,30 horas quando deixamos as cabeceiras do Riachão, rumo ao fim da longa jornada através de caatingas, baixadas e chapadões. O caminho que íamos percorrendo, de quando em quando, apresentava trechos difíceis de serem transpostos: ora a estrada se transformava em um trilho estreito serpenteando por entre as pontas e escarpas de arenito; ora eram os boqueirões, que, quais valados enormes, nos transformavam em ginetes ousados numa corrida de obstáculos, principalmente a ladeira de Tapino, caminho de S. Filomena.

O solo, embora nele predominasse a sílica, apresentava melhor vestimenta florística. Não é de se admirar, pois nos aproximávamos cada vez mais da margem do Parnaíba, cortando as vertentes dos seus afluentes — a água é o elemento primarcial na fertilidade da terra.

Às 19,20 horas chegamos à velha vila de Santa Filomena, à margem direita do rio Parnaíba. Em 4,50 horas de marcha fizemos 25.556 m. de caminho. Felizmente, eram os últimos. De Terezina, capital do Piauí, a Santa Filomena percorremos 701.880 metros a cavalo — *distingo*: eu cavalgando o "Rucio" e o meu amigo Agenor montado no "Rocinante."

Fomos ligeiramente apresentados, pelo adiantado da hora, às autoridades locais, e sem outras delongas nos preparamos para o jantar. Logo após terminada

a refeição, fomos para as redes. Dormi sono profundo, de uma assentada, a noite toda: privilégio do inocente ou de um corpo moído pelos solavancos da montaria durante 8 horas.

Dia 15.

Pulamos das redes, e, antes de tomar café, fizemos a barba com as nossas "Gillettes", e fomos tomar banho no riacho Tapúio que atravessa a cidade. Depois do quebra-jejum registramos as observações meteorológicas. Temperatura, às 8 horas, 24,6 e pressão barométrica 742. Altitude do local sobre o nível do mar 227,8 metros.

Santa Filomena está situada à margem direita do Parnaíba, a 197 quilômetros de suas cabeceiras na Serra da Tabatinga, (108) latitude 9°2'0" e longitude do Rio de Janeiro 2°4'0".

O Dr. Luiz Guilherme Dodt, engenheiro em comissão do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, no último trimestre de 1869 passou por Santa Filomena com o fim especial de estudar as possibilidades da instalação aí de uma colonia agrícola, e assim a descreve:

"Santa Filomena, situada na margem do Parnaíba, foi erigida em freguesia pela resolução da Assembléa Provincial n.º 413 de 8 de Janeiro de 1856 e em vila pela dita n.º 586 de 25 de Agosto de 1865, porém ainda não pode ser posta em execução esta última resolução, porque não há numero suficiente de pessoas qualificadas para os cargos de vereadores e jurados. Ela consiste somente das casas habitadas pelo coronel Lustosa e sua família, pelo vigário e pelo professor de primeiras letras e finalmente de uma capela

---

(108) "O Rio Parnaíba, hoje se sabe, nasce a 709 ms. de altitude, na encosta norte dessa serra." (Serra da Tabatinga). *Estudos Piauienses*, Brasillana, vol. 116 — pág. 114 — Agenor Augusto de Miranda

pequena e de meia dúzia de palhoças. Todo o lugar não tem importância alguma e só poderá obtê-la quando as terras nas cabeceiras do Parnaíba forem mais povoadas; e para isso só pode contribuir a extensão da navegação a vapor até lá." (109)

46 anos depois da visita do engenheiro Dodt eu apeava na vila Santa Filomena.

A navegação a vapor, em consequência dos trabalhos do notável engenheiro acima citado, há tempos está beneficiando a vila e vai mesmo, um pouco mais acima, até Vitória, vila que fica do lado do Maranhão. Contudo não observei grande progresso em Santa Filomena, hoje séde de município. A vila apresenta, pouco mais ou menos, êste aspecto: uma praça espaçosa, vendo-se ao fundo, com a frente para o rio, a igreja; um dos lados da praça limita-se com a barranca do rio, servindo ao mesmo tempo de cáis onde os "gaiolas" atracam para deixar e receber passageiros e cargas; à direita de quem dá as costas para o rio, erguem-se as principais residências da vila: são casas cobertas de telhas e confortáveis e nelas moram as autoridades e pessoas gradas da localidade; uma rua comprida corta a praça a uns 100 metros do rio; nas esquinas das mesmas com a praça estão instalados os principais empórios; quase sempre estas casas comerciais são de propriedade dos maiores da vila: as duas mais importantes pertenciam, uma ao coronel Lustosa e outra, ao coronel Sobreira. A grande maioria das casas são de páu-a-pique, barreadas, e cobertas de palha de palmeira catolé (110), ou simplesmente de palha.

---

(109) *Descrição dos rios Parnaíba e Gurupy*. Dr. Gustavo Luiz Guilherme Dodt. Tip. M. F. V. Pires, São Luiz do Maranhão, 1872, reeditada pela Comp. Editora Nacional, Brasileira, vol. 138.

(110) *Catolé*, nome vulgar de palmeira pertencente aos gêneros *Cocos*, *Scheelea* e *Attalea*.

Vive aqui uma população pacata, tendo como principal ocupação a pecuária. Há também agricultores, estes, porém, não passam de pequenos roceiros que cultivam a cana para o fabrico de rapadura, açúcar mascavo e aguardente; produzem cereais para o mercado da vila; cultivam o algodão para sua indústria caseira; e plantam mandioca para o preparo da farinha e tapioca que vendem rio abaixo.

Santa Filomena é cortada, como já disse, pelo riacho Tapúio; este pequeno córrego subdivide-se em vários braços que vão irrigar os quintais e pomares das casas da vila. A topografia do terreno presta-se, com um mínimo de trabalho, à irrigação.

Assim durante todo o ano há frutas: as laranjeiras, comparáveis às mais belas árvores baianas, não interrompem a produção. Vi, também, irrigados pelas águas limpas do Tapúio, viçosos pés de café. Nestes notei uma praga que estava atacando suas folhas, não comprometendo, todavia, a produção. Tratava-se da pequenina larva do microlepidóptero *Leucoptera coffeella* Guer. (111) que, metidos entre o parênquima da folha, terminam minando-a toda: no ponto em que a lagartazinha inicia o ataque mal se vê o dano, porém, à medida que ela come a folha, aumenta de tamanho e, conseqüentemente, amplia o campo de seu maléficio; a metamorfose completa dêste inseto, do ovo ao imago, varia entre 20 a 50 dias conforme a temperatura. (112)

Depois do almoço, às 14 horas, fomos fazer o reconhecimento do vale do Riachão, que nasce nas vertentes da Serra do Uruçuí, perto de Santa Filomena, e lança-se no Parnaíba a 31 quilômetros desta vila.

Em primeiro lugar dirigimo-nos às cabecéiras do

---

111) Trata-se de praga que ora infesta os cafezais paulistas com o nome de "Bicho Mineiro" atualmente com a designação científica de *Perileucoptera coffeella* (Guerin — Meneville).

(112) Os cafezais de São Paulo já foram, há tempo, atacados em alta escala por este microlepidóptero.

riacho cujo vale queríamos conhecer. Como já afirmei, o Riacho nasce na Serra do Uruçuí; os filetes de água, encontrando terreno plano, formam brejos rodeados de vegetação característica. Os buritis dominam a paisagem; depois vêm as pindaibas, as buritiranas e maria-mole — leguminosa arbustiva, esgalhada de flores amarelas muito decorativas. As terras frescas e férteis do brejo são aproveitadas para a cultura do arroz, cana e milho. As águas do ribeiro, vencido o tremedal, poucos quilómetros abaixo, avolumam-se, e, em terreno mais ou menos acidentado, correm ligeiras em leito pedregoso. Os pequenos afluentes do Riachão formam, por sua vez, brejos de terra úbere; além disso, iniciaram o desgaste que deu origem aos boqueirões, que constituem áreas enormes próprias à agro-pecuária. Convém não esquecer que, nas regiões dos chapadões de arenito, as fontes que dão nascimento às águas formadoras dos riachos são também a causa primária da erosão cavadora dos boqueirões. Assim é fácil imaginar-se o panorama do vale que estou procurando descrever: o Riachão, em direção N. O., com seus respectivos boqueirões, brejos e mata ciliar acompanhando seu curso; os seus afluentes, principalmente os da margem direita, com seus enormes boqueirões, brejos e mata cobrindo suas margens; toda esta rede hidráulica serpenteando por entre colinas e morros, remanescentes do desgaste geral da serra do Uruçuí na bacia do Parnaíba.

Flora do Riachão: as lombadas, colinas e morros estão cobertos por uma vegetação meio rala própria do carrasco, com predominância da pequena palmeira chamada catolé, cujos frutos, cachos de coco, chegam a encostar no chão; o capim agreste enche todos os claros; nas varedas vê um capim, muito procurado pelo gado, e que se parece com o capim jaraguá; entre as árvores maiores notam-se a mangabeira de latex aproveitável e

frutos saborosos, a sambaíba com suas folhas de lixa e o tinguí — *Magonia pubescens* St. Hil. —; esta árvore dá uns frutos redondos, escuros, do tamanho de uma laranja, e as sementes, segundo as informações do guia, são um sucedâneo do sabão; é abundante a cactácea “cabeça-de-frade”, pertencente ao gênero *Echinocactus*; êste cactus, como o nome popular indica, tem a forma redonda, esférica, medindo de uns 10 a 15 centímetros; às vezes mal aflora sôbre o solo, de tal maneira fica encoberto que constitue iminente perigo às pessoas que andam descalças ou com simples alpercatas. Nas matas ciliares que acompanham os cursos dos riachos e nas que ficam próximas às margens do Parnaíba, há árvores de alto porte, tais como: copaíba, sucupira, páu-roxo, amargoso, páu-brasil, jatobá, cedro etc. É' ésta, em largos traços, fácies florística do vale do Riachão.

As trevas da noite desceram sôbre nós: estava finda a labuta do dia. Aranchamo-nos na casa de um vaqueiro. A noite fresca proporcionou-nos um sono agradável e reparador.

No dia seguinte, na volta, passamos por uma gruta capaz de alojar umas 100 pessoas; é morada predileta de morcegos hematófagos que depauperam os animais da vizinhança. Expús ao vaqueiro que nos acompanhava o perigo que êsses vampiros representam na criação de gado, não só por aniquilar os animais até matá-los pelas constantes sangrias, principalmente em se tratando de bezerros, como pelo perigo da transmissão de moléstias, entre estas a perigosíssima hidrofobia. No caso presente seria muito fácil exterminar os morcegos; era só fazer uma fogueira dentro da gruta.

Não ví carrapatos nem bernes no gado, o que quer dizer que a zona é magnífica para fazendas de criação.

Entre a foz do Riacho e Santa Filomena, o caminho corta um chapadão que deve ser um braço da serra do

Uruçuí, pois o solo e a vegetação são os mesmos. A 3 léguas da vila passamos pelo riacho Lageado, onde almoçamos. A tarde chegamos novamente a Santa Filomena, pondo término a nossa viagem a cavalo.

No jantar dêsse dia — 16 de agosto de 1915, como era natural, comentamos as peripécias e fadigas da longa viagem.

— Então, meu caro amigo Dr. Agenor Augusto de Miranda — perguntei-lhe eu — aguentei ou não aguentei a viagem a cavalo?

— Não resta dúvida — respondeu-me o meu bom companheiro — você portou-se à altura das tradições piratinianas: Jorge Velho, Pais Leme, Borba Gato, lá do outro lado, devem estar satisfeitos da galhardia com que você soube seguir-lhes os rastos.

— Não gracieje; você tem que dar a mão à palmatória e confessar que me portei como um sertanejo.

— Depois desta esfrega você pode considerar-se, sem quebra de modéstia, um verdadeiro sertanista.

Fiquei contente, sentí uma alegria estranha, como se no peito me fôsse colocada a medalha de honra do mérito, como se naquele momento fôsse armado cavaleiro andante da santa cruzada de um Brasil melhor.

Quando se faz uma longa viagem a cavalo, como a que acabo de relatar, os primeiros dias, para quem não está habituado a êsse modo de transporte, são muito penosos. Tudo dói. Ao apeiar da montaria o cavaleiro quasi não pode andar. A noite é curta para um descanso completo. De manhã, ao saltar da rede, as juntas e músculos ainda estão doloridos. E' um sacrifício galgar a sela e reiniciar a viagem. Após uma semana de marcha o novato vai melhorando até suportar perfeitamente o novo veículo: as juntas tornam-se flexíveis, os músculos enrijecem-se e aumentam de volume — está treinado. Isso não quer dizer que o indivíduo não se



canse depois de 8 ou 10 horas de trotar no lombo de um cavalo; ao contrário, a fadiga não é pequena, mas, estando treinado, consegue refazer-se totalmente no pernoite.

Quem atravessa os sertões do norte, determina os lugares de almoço e pousada pelos riachos ou simples cacimbas que encontrar pelo caminho. As aguadas ficam, às vezes, muito distantes umas das outras, e chegam a causar sérios aborrecimentos. À noite, então, quando todos, homens e animais, desejam chegar ao pouso, são frequentes as ilusões de ótica e auditivas; ora parece ouvir-se o latido de um cachorro denunciando uma morada, porém, prestando-se atenção, verifica-se que é o couro do lóro roçando a sela; ora tem-se a impressão nítida de ouvir o canto de um galo, mas, infelizmente não é tal, é um barulho qualquer das cangalhas abrindo espaços por entre as vergôntes dos arbustos à beira do caminho; ora são os estalidos da deiscência das vagens das leguminosas a nos dar idéia de um ruído produzido por moradores próximos; ora, enfim, é um foguinho que ficou num tóco de pau depois da queimada, parecendo o candieiro de uma morada. Esta ilusão afeta também os animais: enveredam para o lado do foguinho e caro custa trazê-los de novo à estrada para continuar a marcha. Contudo, para o naturalista, não há meio mais eficiente para viajar estudando, como o de andar a cavalo. Assim como também para a saúde é um tônico de primeira ordem: no fim da viagem eu estava bem disposto e com mais 4 quilos de peso.

Dia 17. Antes do almoço demos umas voltas pela vila em companhia do promotor público Sr. Otaviano Lustosa e dos comerciantes Srs. Dourado e Sobreira. Ao passarmos em frente de uma casa diferente das outras só por ter grades nas janelas, o promotor público informou: — aqui está a cadeia. Olhei, e não ví soldado al-

gum de sentinela; as portas estavam abertas e o silêncio reinante dava a impressão de casa desabitada. Mais se me aguçou a curiosidade, e manifestei desejo de conhecer o interior do prédio.

— Não vale a pena — disse o promotor — causar-lhe-á decepção; além do mais não há presos.

— Bravo! — exclamei — felicito-o, pois até que enfim vejo uma cadeia sem presos. Bendita terra é esta e felicíssimos são os habitantes que nela moram. Não ter necessidade de aplicar as penalidades da lei ao seu semelhante.

— Mas...

— Não, senhor, não fique contrafeito, Dr. Promotor, é caso de parabens; porque afinal das contas o homem não tem o direito de julgar o homem e muito menos de puni-lo.

— Mas escute, eu explico...

— Não é preciso explicar nada: o fato por si só fala eloquentemente do equilíbrio mental dêste povo.

— Perdão, deixe-me terminar minha informação: temos presos, há sentenciados cumprindo sentenças condenatórias; mas o que não temos é verba para alimentá-los, por isso somos forçados a condescender.

— Como?

— Durante o dia permitimos que os presos procurem na vila seu ganha pão; os que têm ofício, como os pedreiros e carapinas, trabalham em construções ou reparos de casas, os demais fazem serviços caseiros; todos, embora sem fiscalização, têm-se portado corretamente: às 18 horas recolhem-se ao xadrez.

— Ainda — sem poder disfarçar um sorriso por todos acompanhado — ponderei; Santa Filomena está de parabens; pondo de lado a falta de verba, o que o senhor acaba de expôr revela a boa índole desta pobre

gente que por uma fatalidade qualquer se transformára em delinquente.

As pessoas gradas da localidade, na sua grande maioria, têm como ascendentes ilustres o Marquês de Parnaguá e os barões de Parain e Santa Filomena, isto é, quase todos pertencem à tradicional Família Lustosa. Esta numerosa família estende-se pelo sul do Piauí, de Santa Filomena e Parnaguá, e vai para o outro lado de Parnaíba povoando Vitória e circunvizinhanças.

Depois do almoço fomos visitar a localidade maranhense de Vitória, um pouco acima de Santa Filomena: de uma vila avista-se a outra. Na barranca do rio aguardavam-nos membros da família Lustosa, que foram incansáveis em nos prodigalizar toda sorte de gentilezas.

Dentre os lugares pitorescos que percorremos, lembro-me da bela cachoeira do riacho Rapadura, que passa ao lado da vila; o salto tem uns 8 metros de altura e oferece um banho delicioso aos moradores da redondeza.

Passamos assim um dia muito agradável, não só pelas coisas novas que vimos, como pelas boas relações pessoais que fizemos.

Dia 18. Bem cedo pulamos das redes. Já havíamos adquirido a balsa com a qual desceríamos o Parnaíba. A balsa é uma jangada feita com "talos" de burití, e por sua vez o talo de burití é o longo pecíolo da folha da palmeira que lhe dá o nome — *Mauritia venifera*. O talo tem até 8 centímetros de diâmetro por 4 a 5 metros de comprimento. Para fazer-se uma balsa, preparam-se feixes de 40-50 talos amarrados com embira; com estes feixes faz-se um estrado de 50 centímetros de espessura por 6 metros de comprimento e quatro de largura, mais ou menos; os feixes de talo que consti-

tuem o estrado são conjugados por travessas de madeira resistente; o estrado assim preparado é o embasamento flutuante da balsa; depois, com cáibros sólidos e ripas prepara-se a "casa", que é coberta com couro de boi ou palha de palmeira; nas duas pontas, prôa e pôpa, fixam-se as "vogas" — remos de cabo comprido — que em verdade têm mais as funções de leme que de remo; na pôpa, com um pouco de barro e algumas pedras, arruma-se o fogão; e finalmente, debaixo da coberta, de um cáibro a outro, estendem-se as rêdes. Está pronta a balsa.

Quando, além de passageiros, a balsa tem de conduzir carga, fazem-se, do próprio talo do burití, caixões apropriados para tal. Fazem-se balsas com capacidade para 5.000 litros de arroz ou farinha de mandioca.

Às 11 horas almoçamos. Tudo estava preparado para o início da viagem fluvial. Antes da partida — perdoem-me a pieguice — não resisti à tentação: dei um pulo até o peador para me despedir das pacientes montarias que me conduziram através de chapadões e caatingas na viagem que findára.

Lá estavam todos: de um lado, a burrada de carga, e perto de um côcho com sobras de sal, um em frente ao outro, os dois animais de sela, "Rucio" e "Rocinante", coçando-se mutuamente o pescoço, como se, entre afagos, estivessem trocando idéias; de repente paravam e ficavam em atitude pensativa, assuntando, talvez, sôbre as vicissitudes da vida; talvez, quem sabe? estivessem filosofando como os seus célebres xarás — aqueles que conduziram a dupla imortal na missão ideológica de "tuertos que enderezar, sinrazones que emendar, y abusos que mejorar, y deudas que satisfacer." Como aqueles seus históricos homônimos, naturalmente estariam dialogando sôbre as peripécias da viagem. E, por associação de idéias, a atitude das nossas pacientes

cavalgaduras trouxe-me à lembrança o soneto cervantino:

- B. *¿Como estais, Rocinante tan delgado?*  
 R. *Porque nunca se come y se trabaja.*  
 B. *¿Pues qué es de la cebada y de la paja?*  
 R. *No me deja mi amo ni um bocado.*  
 B. *Andad, señor, que estais muy mal criado.*  
*Pues vuestra lengua de asno al amo ultraja.*  
 R. *Asno se es de la cuna à la mortaja.*
- ¿Quereis lo ver? Miradlo enamorado.*  
 B. *¿Es necesidad amar? R. No es gran prudencia.*  
 B. *Metafísico estais. R. Es que no cómo.*  
 B. *Quejaos del escudero. R. No es bastante.*  
*¿Como me he de quejar en mi dolencia,*  
*Si el amo y escudero, ó mayordomo,*  
*Son tan rocines como Rocinante? (113)*

Tudo isso — a bondade de Rucio e a ranzinze do Rocinante — veio-me à mente no instante de me despedir de minha bondosa montaria, que, sem me pregar o menor susto, me conduziu ao lombo num trajeto de quase 800 quilómetros. Nunca mais a vi. Que fim teria levado o bondoso animal?

Dia claro e alegre: o sol lá no alto indicava que eram, mais ou menos, duas horas da tarde. Na barranca do rio abraçamos os nossos amáveis hospedadores e agradecemos as gentilezas recebidas. Saltamos na balsa; na voga da frente estava o mestre e na de trás o contra-mestre; um menino desamarrou a corda de co-roatá que prendia a balsa; as vogas entraram em ação, e alguns segundos após, ela, serena, entrava no fio d'água. Mãos e chapéus agitaram-se no adeus da despedida: — até a volta — dissemos nós; até outra vista — responderam êles.

---

(113) *Don Quirote de la Mancha* — Miguel de Servantes Saavedra — 4.<sup>a</sup> edição, Barcelona — XV pag. do Prologo.

## “FORMIGAS SAÚVAS”

*Escreve-nos o Sr. Iglésias (114)*

Um dos maiores flagelos da agricultura em certas zonas é, sem dúvida, a formiga saúva (*Atta sexdens*).

E' preciso notar, embora de passagem, que todas as formigas pertencentes ao gênero *Atta* são prejudiciais à agricultura.

Muitos têm sido os meios empregados para dar combate à terrível praga. Inventaram-se formicidas diversos, entre os quais alguns deram bons resultados, notadamente os de base de sulfureto de carbono.

Mas como o preço dêsses ingredientes não estivessem ao alcance de todos os bolsos, ou porque o inimigo fôsse terrível mesmo, procurou-se conhecer os seus inimigos naturais.

Assim foi que o Dr. Borges Junior descobriu a cuiabana (*Prenolepis fulva* Mayr) que ataca a saúva. Sobre a utilidade desta formiga o Dr. Von Ihering, illustre director do Museu Paulista, fez várias experiências, verificando que as cuiabanas não atacam a saúva adulta, mas sim seus ovos e ninfas.

Mais tarde encontramos pela primeira vez uma formiga de porte grande, quase como o da saúva, que ataca o içá, fêmea alada da saúva, no momento que procura perfurar o solo para aí estabelecer o futuro formigueiro.

---

(114) Nota publicada no Jornal do Comércio de 27—4—1915, do Rio de Janeiro.

E' uma formiga muito útil porque corta o mal pela raiz.

Todas as fêmeas aladas de qualquer formiga, naturalmente de espécie e gênero diversos, são atacadas pela nossa formiga *Ectatoma opaciventris* Reog., que nós denominamos — Formiga caçadora. (115)

Prosseguindo no estudo da biologia da saúva, notamos um fato que muito nos impressionou: passando próximo a um grande formigueiro de saúva, de uns 15 metros de diâmetro, vimos muitas obreiras carregando do interior do formigueiro para fora as suas provisões e, ao mesmo tempo, formigas mortas.

Muitas formigas já doentes saíam do formigueiro cambaleando e iam, finalmente, tombar mortas no monte de folhas trituradas nas imediações dos "olheiros".

No primeiro momento julgamos que se tratava de uma fermentação, devido às águas das chuvas, nas provisões. Mas, como o tempo se conservasse sempre sêco, passados alguns dias, tratamos de examinar o fato com mais cuidado.

Nessa ocasião tivemos a oportunidade de ler um interessante trabalho sôbre um cocobacilo que causa a morte aos gafanhotos de Yucatan, México, descoberto pelo Dr. d'Herelle.

O *Coccobacillus acridiorum*, como o denominou seu descobridor, foi levado para a República Argentina, dando um resultado maravilhoso na extinção dos gafanhotos dali.

Pensamos que em o nosso caso, isto é, em relação às formigas mortas, se tratasse talvez de um fato semelhante. Fizemos várias pesquisas nesse sentido no laboratório, mas nada encontramos que nos orientasse.

Tomamos a substância rejeitada pelas formigas dos seus formigueiros, e, misturada com água, para servir

---

(115) "As formigas e a Agricultura, trabalho que publicamos na importante revista agrícola *O Fazendeiro*, de S. Paulo".

de veículo, a deitamos em formigueiros são. Depois de 8 dias vimos as obreiras dêste, com grande atividade, rejeitando, também, as suas provisões. Mais tarde mandamos cavar os referidos formigueiros e um dêles já estava extinto!

As saúvas cortam as folhas das árvores e as conduzem para as panelas dos seus formigueiros. Lá elas trituram-nas, fazendo depois um meio de cultura para um fungo de que se alimentam. As formigas, como vemos, não comem as folhas das árvores: estas sòmente fazem as vezes de um solo onde as formigas plantam e cultivam o cogumelo.

Conhecemos cogumelos que são venenosos e que às vezes causam a morte de animais superiores.

Não se tratará de um cogumelo venenoso que se confunde com o cogumelo cultivado pela formiga, e esta, por engano, se alimenta dêle, perecendo?

Foi a pergunta que nos fez o nosso mestre Dr. Vital Brasil, sábio diretor do Instituto Serumterápico do Butantã.

Quando íamos encaminhar as nossas pesquisas nesse sentido, eis que fomos convidados para uma comissão ao Norte. Desde então, vítima das reformas do Ministério da Agricultura, não pudemos continuar com os nossos estudos, encetados no Butantã, onde trabalhamos cerca de 4 anos.

Como se trata de um assunto que muito interessa o desenvolvimento da nossa pátria, damos à luz êstes fatos afim de despertar a atenção dos estudiosos e investigadores.

Se se encontrar a causa que determina a morte das saúvas por nós observada, estamos certos que o problema da extinção da terrível praga será um fato consumado, fazendo, ao mesmo tempo, a ciência uma brilhante conquista."



## CAPÍTULO VI

*Descendo o Parnaíba, "de bubuia" — Poesia da balsa — Cachoeiras perigosas — Uruçuí — O A. adoece Nova York fornece uma canoa mais rápida — Bate-bate até Floriano — Dr. Eurípedes Aguiar — Para Terezina no "gaiola" Manuel Tomaz" — Em Terezina e novo acesso palúdico — Para Coroatá — No solar do Dr. Cronwell de Carvalho — Banquete — "Luar do Sertão" — O poeta da Samaritana... Chegada a Coroatá e recepção carinhosa — Mais uma dose de entomologia — A engenhoca do Leopoldo — Catalão metamorfoseado em sertanejo — Índios "Canelas" — Cirurgião e clínico, à força — Assistência aos retirantes cearenses. Estudo do vício da diamba (maconha) — Club de diambistas — Folclore e parte experimental.*

E fomos rodando "de bubuia", preguiçosamente estirados em nossas "tapuiranas", à mercê das águas, observando as belezas marginais do rio.

As "vogas", como já disse, têm a função precípua de dirigir a balsa, guiando-a pelo canal de maior correnteza; somente nas curvas elas justificam o nome que se lhes dá, pois, tanto o mestre como o contra-mestre precisam remar com fôrça a fim de evitar que a fôrça centrífuga dê com a balsa no barranco.

De Santa Filomena a Uruçuí — Alto Parnaíba — o rio é muito encachoeirado: nem bem se acaba de passar uma corredeira, já se ouve o ronco da outra.

— Cuidadol — preveniu o mestre — vamos entrar na Molha-fundo. Aguenta firme, contra-mestre; olha a pedra; rema prá fóra.

— Aquí tô firme — responde o contra-mestre — por mim a “bicha” pode pulá; sô vaquero de muntá em marruá.

Entramos na cachoeira Molha-fundo: canal estreito, pedras ameaçadoras de lado a lado. Os rebojos violentos, justificando o nome da corredeira, faziam as águas invadir a jangada. Felizmente nós estávamos deitados nas redes e as malas sôbre pequenos jiráus. A descida é rápida; apenas decorridos alguns minutos a Molha-Fundo desaparecia na curva do rio.

— Daquí um pôco mais patrão — disse o mestre — vamos conversá com a Apertada-Hora.

— Que é isso, mestre?

— E' uma cachoeira danada, ruim de se passá; quando o rio tá baixo é de amargá um cristão. Vossurria não tá ouvindo o ronco dela, não?

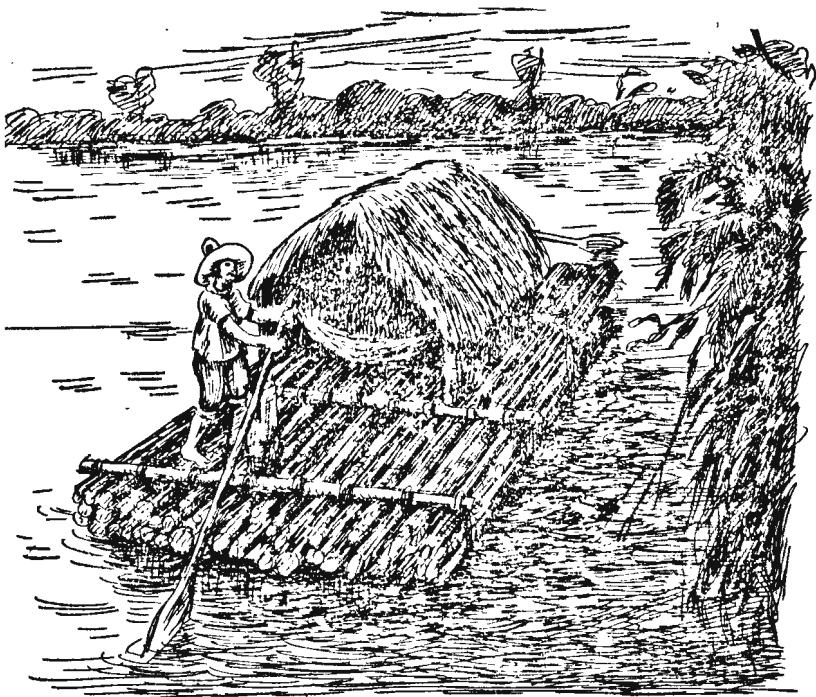
— Estou, sim. Sou de beira rio — respondi com certo ar traquejado — aprendí a nadar em cachoeiras, meu amigo.

Mal havia pronunciado as últimas sílabas dêste rápido diálogo, a balsa meteu o bico na corredeira.

Depois de passado o perigo, achei que o nome de Apertada-Hora, foi dado a esta corredeira com muita propriedade. De um modo geral o sertanejo nortista nomeia com muita inteligência os acidentes naturais. Molha-Fundo, Apertada-Hora, como são perfeitos êsses toponimicos, como exprimem bem a luta do homem com a natureza!

À noitinha fomos encontrando estirões calmos, espelhando matos e montanhas, principalmente do lado

do Maranhão; a brisa agradável, que afugentava os maruins, foi aumentando de velocidade até se transformar num vento que diminuiu sensivelmente a marcha da balsa. Eram os chamados "gerais", inimigos das embarcações que descem o rio à mercê da correnteza das águas. Quando os ventos gerais sopram em sentido contrário á marcha da balsa, o mais acertado é amarrá-la à beira do rio até o vento amainar, porque muitas vezes acontece ficar desgovernada, apesar do esforço dos homens das vogas.



*Balsa*

Num remanso mais calmo prendemos a balsa nos galhos de um jatobá, e aí passamos a noite.

Dia 19. De madrugada, sem o menor ruído, “prá não incomodá os patrão”, o mestre mandou soltar as amarras, e começamos a descida. Às 8 horas, mais ou menos, passamos pela barra do Riachão, afluente da margem direita, cujo vale havíamos percorrido nos dias 15 e 16.

Quem não tiver pressa de chegar, e fôr amante da natureza, não poderá desejar veículo mais agradável para viajar do que uma balsa. Cedinho, antes do sol esquentar, enquanto a água do rio ainda se conserva tépida, a gente tira o pijama e mergulha na água, e vai nadando perto da balsa; não há perigo algum: o Parnaíba não tem piranhas que possam pôr em risco a vida dos banhistas; após o banho vem o café com mistura, pois o cozinheiro não perde tempo; as horas vão passando, a paisagem muda constantemente, e assim, contemplando isto e aquilo, tomando nota do que mais impressiona, almoçando e jantando, o dia se finda agradávelmente.

Da Costa e Silva, vate piauiense, assim descreve a balsa que desce “de bubuia”:

#### “A BALSA”

*“Esfolha-se a manhã, em rosas de ouro,  
Sôbre o rio caudal de águas ligeiras,  
A rolar em cachões, nas cachoeiras,  
Onde espuma rugindo como um touro..*

*Os barcos, a sonhar no ancoradouro,  
Velas ao sol como asas e bandeiras,  
Agitam-se ás canções das lavadeiras  
Que, pela riba, vão cantando em côro.*

*E, rio abaixo, sobre as águas claras,  
À superfície movel da corrente  
Desce uma tosca embarcação de varas.*

*É a balsa — a leve habitação flutuante,  
Simple e bôa, que transporte a gente  
Da minha terra, no sertão distante...*

À tarde paramos próximo da embocadura do Vale do Paraíso do lado maranhense para fazer provisão. A tripulação da balsa — mestre, contra-mestre e cozinheiro — internou-se pelas imediações em busca do que precisava comprar: pouco tempo depois regressou trazendo ovos, rapaduras, beijús de tapióca etc... O mestre informou-nos que o dono da morada estava muito doente, e pedia uma mézinha. Lá fui, na sagrada missão de curar os males de meus semelhantes, ver o que tinha o pobre homem. Pareceu-me tratar-se de impaludismo. Deixei-lhe um bom punhado de cápsulas de formiato de quinino, e lhe indiquei como deveriam ser tomadas.

— Impaludismo — saí matutando — nesta altura, em meio a uma sêca medonha, sem águas estagnadas, portanto, propícias ao desenvolvimento da larva do anofelino, não posso compreender; com certeza, — raciocinei — trata-se de forma larval e que agora, por qualquer circunstância, “espocou” novamente e derribou o coitado do caboclo. Confiante na ação específica da quinina, voltei para bordo. Examinei todos os cantos da nossa embarcação e não descobri moriçocas suspeitas. Sômente os maruins nos atacavam desesperadamente, impossibilitando nossa permanência aí por mais tempo. Pouco tempo depois escureceu; resolvemos amarrar a balsa para o pernoite, e assim o fizemos.

Forte estremeção balançou minha rede e acordei do sono profundo e gostoso. Não era nada de extraordinário: tratava-se apenas das primeiras manobras dos

balseiros para pôr a nossa casinha flutuante ao largo. E reiniciamos a marcha, calma, serena, silenciosa, rio abaixo. Através dos cordões do punho da rede, ví as águas plácidas do Parnaíba já espelhando frondas de elegantes palmeiras babaçús. Os incipientes alvares da madrugada empalideciam as cintilações das últimas estrelas do ocidente. O dia vinha vindo e a passarada o saudava com frenética alegria, soltando estrídulos ruidosos, tinados, gorjeios de incomparáveis modulações canoras. Pude distinguir perfeitamente o canto onomatopáico dos xé-xéus e as notas altaneiras do lindo corrupião. Que harmonia nas vozes da Natureza! Os hinos que os elementos vivos entoavam ao sol nascente pareciam preces em ação de graça ao Criador de todas as coisas.

Mentalmente me transportei para um palco grandioso, onde os mais afamados cantores do mundo estivessem cantando ao mesmo tempo árias de óperas diversas. A suposta algazarra me fez levar momentaneamente as mãos aos ouvidos. No entanto, como era diferente o concerto dos cantores alados, cada qual cantando a sua cantiga tão diversa uma da outra e tão harmoniosos entre si! Eufórico, tive vontade de cantar, assobiar, mas calei-me, e como que em extase suspenso, sofregando a respiração, continuei ouvindo a sinfonia matutina.

— Cafézinho, doutô?

— Ué, já está pronto?

— Agorinha mesmo. O beijú também tá quentinho. E' só ponhá manteiga que êle bebe todinha.

O beijú é feito de tapioca. Tem, mais ou menos, uns 15 centímetros de diâmetro por meio de espessura, e dobrado como panqueca. Beijú, manteiga e café constituem quebra-jejum apetitoso.

As pedras davam o que fazer aos nossos balseiros: quando escapávamos de umas, outras apareciam amea-

çadoras. Era um trabalho estafante, às vezes, conservar a balsa no canal. Assim, nos trechos remansados, sem pedras, aproveitávamos o tempo para nossas observações e o mestre e contra-mestre tomavam um fôlego.

Nas margens quer do lado direito — Piauí, quer do lado esquerdo — Maranhão, a flora se apresenta luxuriante. Frondosos jatobás de folhas claras e bipartidas, altaneiras copaibas de folhas pequenas, verde-escuro e lustrosas. As roças aqui, à beira rio, não são muito comuns: os sertanejos preferem plantar nos arredores das cabeceiras dos riachos — nos brejos, como vulgarmente dizem. De quando em quando passamos pindobais de babaçú, aliás, a palmeira mais frequentes no vale do Parnaíba e seus afluentes.

À tarde, ví passarem bandos de periquitos, jandáias e papagaios. Estes voam à grande altura, e, embora fazendo parte do conjunto, voam acasalados e em constante crocitar. O papagaio, que em casa fala, canta e assobia imitando os seres humanos, *in natura* grita desagradavelmente, do que só o vocábulo crocitar pode bem dar idéia.

Começou a escurecer, e com a sombra da noite é perigoso viajar no alto Parnaíba.

Por isso amarramos a balsa em lugar calmo e apropriado a fim de passarmos a noite. Creio que fizemos uns 40 km de percurso. Foi uma boa jornada.

Dia 20. Tudo mais ou menos como no dia anterior. Encontrámos muita pedra, rebojos fortes. Passamos pela cachoeira dos Caititús. Numa pequena praia do lado do Piauí, na foz do riacho Lago, ví um casal de capivaras com três filhotes já bem espertinhos. Pensei que se atirassem na água ou se internassem na mata, mas, não: ficaram tranquilos, sem a menor preocupação pela aproximação do *bicho-homem*. Isso tem uma certa explicação: em geral as pessoas que descem o rio em balsas conduzindo o resultado das suas colheitas, não

dispõem de armas de fogo com que possam vitimar animais; além disso, a capivara é facilmente apanhada em armadilhas à beira das roças. Eis porquê, não sendo elas incomodadas pelos passageiros fluviais, também não se incomodam à sua vista. E depois chamamo-los de irracionais...

À tardinha, passamos pela cachoeira do Tatú, obstáculo sério à navegação. Nas desembocaduras dos afluentes das duas margens ví muita Maria-mole (*Cassia alata*), com suas belas flores amarelas. Notei, também, muitos cedros, mirindibas, jatobás e copaíbas.

Começava a soprar um vento impertinente, que perturbava a boa marcha da balsa, e capaz de arremessá-las sôbre alguma pedra das muitas que tornavam perigosa a navegação nestes trechos do Parnaíba. Não achamos de bom alvitre parar, porque ainda era dia claro, e os minúsculos maruins — verdadeiros *enfants terribles* — nos martirizariam. Mais um pouco de paciência, cuidado e movimentos rápidos e firmes do mestre e seu ajudante nos livraram das pontas ameaçadoras das pedras. Ao escurecer amarraram a balsa num galho sêco de velha árvore caída à beira do rio. Se não me engano, estávamos na barra do Babilônia no Maranhão. Tratamos de jantar, pois, apesar dos solavancos dos rebojos e cachociras, o nosso cozinheiro não perdeu tempo: a “bóia” estava pronta.

As nossas refeições, como já disse, obedeciam sempre a uma certa etiqueta: a mesa era constituída por duas canastras de couro, cobertas por toalha alva e bem passada; pratos com seus respectivos talheres, guardanapos, manteigueira e quartinha (moringa) de água fresca e límpida; duas velas de carnaúba, com pires como castiçais iluminando o ambiente, completavam o cerimonial. Essa disposição, excusado é declará-lo, devia-se ao espírito de ordem do meu querido Agenor.



Ele é que determinava essa pompa... pompa em verdade, se se comparasse com os hábitos primitivos do meio.

Depois do jantar, comentamos as peripécias do dia: rio encachoeirado, curvas de raios pequenos em que tivemos que nos defender com muito custo dos efeitos da força centrífuga que nos queria fazer dar com os costados nos barrancos.

Os comentários eram feitos, cada um de nós deitado já em sua rede. Aos poucos os interlocutores iam-se calando até que o sono reparador silenciasse a todos. Eu, não sei por quê, perdi o sono, e comecei a prestar atenção às vozes das trevas, para distrair-me da voz da saudade, que naquele lugar e naquela hora seria acabrnhadora. Pondo-se de lado qualquer estado psíquico menos favorável, não se pode deixar de sentir o efeito desagradável, horripilante, da orquestração da noite: úivos de cachorro-do-mato (116), gritos estridentes de mortalhas, múltiplo coaxar de sapos de vários gêneros e espécies, trinar de grilos, zumbidos, gritos, estalidos em todos os tons sempre e cada vez mais desagradáveis. Felizmente adormeci.

Dia 21. Nem bem o dia estava clareando, às 5,30 horas talvez, percebi que a nossa embarcação estava sendo conduzida pelas águas revoltas.

Os acidentes fluviais são batizados pelo povo com nomes bizarros. Como vimos, as cachoeiras têm nomes que lembram a frequência de animais, ou, então, traduzem situações difíceis por que passaram os navegantes ao transpô-las.

Hoje passamos pela cachoeira chamada — *Se-me-apanha*. Talvez alguém que se livrou dela por não ter sido apanhado distraído. Daí o nome *Se-me-Apanha*...

---

(116) Cachorro-do-mato. Carnívoro da família dos Canídeos: *Cerdocyon thous* ou *Icticyon venaticus*.

Depois do almôço passamos a barra de Santa Rosa, no Piauí. Ainda nesta jornada transpusemos a cachoeira do Jacú. Noite fechada amarramos a balsa alguns quilómetros acima da foz do Limpeza, no Maranhão.

Dia 22. Às 7 horas passamos pela barra do Limpeza. Tudo correu normalmente: desviamos-nos de uma pedra aqui, de outra ali, e assim fomos rio abaixo, até a barra do Sobradinho, no Piauí, onde pernoitamos.

Dia 23. O que há de interessante, curioso mesmo, neste trecho é o Remanso Grande. O rio parece que resolveu cirandar, e toca a voltear sem fim. Animais mortos, tocos de madeira, e até balsas ficam girando longas horas e mesmo dias no círculo do famoso redemoinho sem poder sair. A nossa balsa, ou melhor, os nossos balseiros, portaram-se galhardamente. Passaram frechados "sem dar confiança". A jusante do Remanso Grande amarramos a balsa e pernoitamos.

Dia 24. Antes de transpor a barra de Santo Estevão, no Maranhão, passamos pela ilha do mesmo nome. O canal navegável fica entre a ilha e a margem piauiense. Dormimos próximo à cachoeira do Urubú, depois de um dia bem aproveitado.

Dia 25. Neste trecho encontramos duas ilhas: a do Andrade e a do Espinho. Pernoitamos nas imediações desta última.

Dia 26. Às 12 horas, mais ou menos, alcançamos a barra do Uruçuí, nosso velho conhecido, cujo vale fértil percorremos em grande parte. O rio Uruçuí é o maior afluente piauiense do alto Parnaíba. Aí este último rio aumenta de volume e de largura; esta chega a atingir mais de 100 metros.

Amarramos a balsa, e enquanto os balseiros descansavam um pouco, nós, o Agenor e eu, fizemos uma pequena incursão pelo Uruçuí, para conhecer bem a sua foz. Satisfeita a curiosidade, reiniciamos a marcha. A

noite nos apanhou antes da confluência do Balsa com o Parnaíba.

Dia 27. O rio Balsa é quase tão largo como o Parnaíba. As suas águas são límpidas, diferindo muito das do Parnaíba, que sempre se apresentam avermelhadas. Os dois rios se juntam em ângulo agudo, e suas águas correm, sem se misturarem, lado a lado, distintamente, num longo estirão de alguns quilômetros de comprimento.

Pouco depois do café quebra jejum chegamos à pequena cidade chamada Uruçuí. Amarramos a balsa. No cais, ou melhor, na barranca do rio, alguns conhecidos do Agenor e funcionários do telégrafo nacional aguardavam nossa chegada. Uruçuí é o marco que assinala o limite do médio e alto Parnaíba. Nesta cidade encontraríamos a primeira estação telegráfica que nos colocaria em contacto com o mundo civilizado.

Uruçuí está localizada numa chapada arenosa levemente inclinada para o rio. As ruas são retangulares, dividindo o perímetro urbano em quadriláteros mais ou menos do mesmo tamanho: umas são paralelas à margem do Parnaíba e as outras descem na perpendicular até a beira d'água. As principais dentre estas constituem portos de embarque e desembarque. Creio não exagerar, dizendo que a cidade consta de 5 a 6 ruas num sentido e outras tantas no outro. Na praça, na única praça existente, e que mais parecia um terreno baldio, erguia-se desolada, solitária, pequena capela, atestado do pouco fervor religioso do povo. Ví, no meio da praça, um bando de quero-queros (117) — ave espantadiça e barulhenta. À aproximação de qualquer coisa suspeita, o interessante pernalta levanta vôo aos gritos: “quero-quero, “quero-quero”, quero-quero”. Daí

(117) Quero-quero, ave da ordem dos pernaltas e da família dos Caradrídeos — *Belonopterus cayennensis* Gm.

o seu nome popular. Como alertador nem o ganso leve vantagem. Durante o dia, à noite, a qualquer hora, dá seu infalível sinal de alarme.

Contaram-me que uns “cabras,” metidos a valentões, e que por isso mesmo andavam sempre às voltas com a polícia, resolveram tirar partido prático do quero-quero. Mataram meia dúzia dêles, e comeram-lhe os miolos, afim de ficarem espertos, vigilantes, como as aves, quer acordados, quer dormindo, atentos ao mais leve perigo. Resultado: todos ficam “espiritados” (118) isto é, enlouqueceram. Foi a vingança do quero-quero. Diz o ditado que quem conta um conto aumenta um ponto. No que acabei de contar não aumentei “um nadinha”. Relatei-o tal qual me foi referido.

Dentre as pessoas gradas do local, que tivemos o prazer de conhecer, figuram o Sr. Rogério de Carvalho, fazendeiro, negociante e chefe político do partido majoritário, e o Sr. António Cardoso. Este, ex-aluno da Escola Militar da Práia Vermelha, homem inteligente, de conversa agradável, também dedicado ao comércio.

Curiosa coincidência: quase todos os chefes políticos dêstes sertões são ao mesmo tempo os proprietários das casas comerciais em que a população faz suas provisões...

Almoçamos na casa do Sr. Cardoso, que nos tratou a vela de libra.

Após a succulenta refeição, reclinados em confortáveis redes tapuiranas, ouvimos a prosa agradável do nosso anfitrião, relembrando homens e coisas do sul, entremeados de espirituosas anedotas.

(118) Espritu ou spritu por espírito é puro quinhentismo. Nos “Luziadas” encontramos o referido vocábulo com a grafia e pronuncia ainda usada pelos sertanejos, como, pro exemplo na estrofe 55 — canto 6.º:

“Todos por mi fareis o que há devido,  
Mas se a verdade o spritu me advinha,  
Rios, montes, fortuna ou inveja  
Não farão que eu convosco lá não seja.”

Na varanda, onde estávamos fazendo o quilo, ví um fato invulgar da exploração do próximo, desde que se admita como tal o vivente que estiver mais ao lado. Um periquito sendo explorado por um chico-preto (119). Os dois estavam pousados no corrimão do ba-laustrado da varanda. O chico-preto aos poucos ia-se encostando ao periquito; abaixava a cabeça e piava, como quem diz: faça-me o cafuné. O periquito, então, solícito, com o biquinho coçava a cabeça do chico-preto até que êste adormecesse. Depois, ligeiro, sem ser pre-sentido, pulava por cima de seu companheiro e ia a outro extremo do corrimão. Passados alguns instantes, o pândego do chico-preto dava pela falta do cafuné, abria os olhos, procurava o periquito, e-zás! corria para o pé de seu verde companheiro, e toca a chiar, chiar, até que o paciente periquito tornava a coçar-lhe a ca-beça. Esta cena repetiu-se muitas vezes, enquanto alí estivemos. Com franqueza, às vezes, eu tinha vontade de dar um tranco no impertinente chico-preto, que não deixava em sossêgo o bondoso periquitinho.

Uruçuí, na época da nossa passagem, poucos indí-cios de progresso demonstrava. As ruas eram um Deus-nos-acuda: sem calçamento, completamente abandona-das e arenosas, de sorte que chegavam quase a embar-gar-nos os passos. Quem já andou em caminhos ou ruas com um palmo de areia solta, certamente compreenderá a aflição por que passamos. As casas, com raríssimas exceções, apresentavam aspecto pobre. Sòmente a do chefe político, Sr. Rogério de Carvalho, era um bom prédio de alvenaria, tendo contíguo o empório comer-cial bem sortido, como se diz em linguagem de balcão. Outras eram de adobe cobertas de telha ou palha, que ofereciam certo conforto; a grande maioria, porém, era

---

(119) Chico preto ou graúna é um pássaro da família dos Icterídeos, como os nossos velhos conhecidos Chumpim e Vira-bosta.

constituída de pobres casebres de páu-a-pique e de choupanas construídas inteiramente de palha da palmeira babaçú.

Não ví vestígios de serviço de iluminação urbana. Essa tarefa, naturalmente, (aquí êsse advérbio vem a talho de foíce) ficava por conta e risco da lua. Nas residências utilizavam comumente velas de carnaúba, lamparinas e lampiões de querozenc. Estavam muito em voga uns lampiões usados nas estradas de ferro: portáteis, vidro grande e bojudo, protegido por fios de arame.

Não vislumbrei sinal de indústria alguma. O comércio era a única fonte de riqueza do local. O porto de Uruçuí dava escoamento aos produtos da agro-pecuária da região. Entre estes os mais importantes, do ponto de vista do comércio exterior, eram os couros de boi, cabras e lagartos.

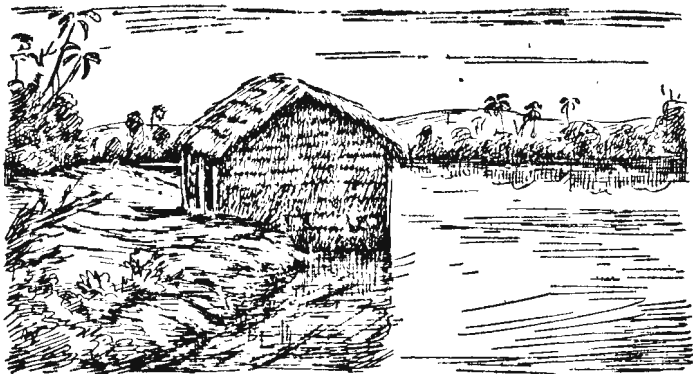
Quanto aos bois, havia desinteligência ou melhor es-perteza, entre os dois estados, separados pelo caudaloso Parnaíba: o Maranhão como menos pastoril adotava taxas de exportação mais módicas do que as cobradas pelo Piauí. Daí a evasão das rendas dêste último, que atravessavam o rio a nado, reduzindo a quase nada o rendimento das coletorias piauienses...

À tarde fizemos uma pequena visita à povoação maranhense do outro lado do rio, chamada Benedito Leite, mais conhecida por Barra da Balsa pelo povo da redondeza. Triste e diminuto povoado, deu-me impressão pouco agradável.

Depois de um dia agitado, entremeado de longas e penosas caminhadas pela areia solta das duas urbes fronteiriças, fomos dormir.

Dia 28. Antes de amanhecer nos levantamos e nos dirigimos à nossa embarcação. A balsa estava amarrada perto do banheiro da casa do amigo Cardoso. Devo aqui esclarecimento ao leitor amável que por acaso es-

teja correndo os olhos nestas linhas. Como as casas de Uruçuí não tinham banheiros, cada morador possuía um banheiro no rio, o mais próximo possível de sua residência.



*Banheiro*

Em que consistia um banheiro no rio?

Simplesmente nisto: um rancho de palha de babaçú no barranco, projetando-se na água de tal maneira que possibilitava à mais pudica das donzelas tomar banho sem que fosse vista mesmo pelo mais indiscreto olhar de quem passasse pelo rio ou por terra.

O mestre mamungo rosa — era este o nome do nosso bom timoneiro — deu ordens ao seu ajudante para soltar a balsa. As estrelas ainda brilhavam no céu. Achei melhor estirar-me mais um pouco na rede. Sentia não ter descansado totalmente: os músculos das pernas, os do lombo, na altura dos rins, estavam doloridos. Não poderia ser por menos, — dizia para os meus botões, — andei o dia inteiro naquela areia maldita. Não havia cristão que aguentasse, principalmente depois da longa viagem quase imóvel a rodar de “bubua”.

— Café, Iglésias! gritou a voz amiga do Agenor — chega de tanto dormir.

— Não estou dormindo, Agenor. Estou meio mole. Acho que andamos muito ontem. Aquele sol de rechar pelote e aquele areão desgraçado me deixaram bambo. Mas eu curo isso já. Enquanto dizia estas palavras, ia tirando o pijame, cheguei perto do leme do Raimundo, olhei para as águas do rio — elas ainda continuavam nitidamente separadas — e, sem mais preâmbulo, dei um mergulho e algumas braçadas. Ofegante subí na balsa. Mal havia enxugado o corpo, comecei a tremer dos pés à cabeça. Frio naquelas alturas! E que frio! Coberta alguma conseguia aquecer-me. Com muito custo foi passando, passando até que se transformou em febre ardente. Sentí forte dôr no lado esquerdo: não sabia precisar se era no baço ou na ponta do pulmão.

— Agenor, acho que estou com pneumonia.

— Qual pneumonia, qual nada! — respondeu-me. Com certeza você deu mau jeito. Vou passar umas pinçeladas de iodo, e logo você estará curado.

Dito e feito. Mas não adiantou. Perdi o apetite e continuei ardendo em febre. E a balsa de “bubuaia”. Felizmente marchávamos para o civilizado. Talvez dê-se tempo de chegar até Floriano — terceira cidade do Estado, onde clinicava o Dr. Eurípedes Aguiar, médico estudioso e competente.

O fato de estarmos no auge de tremenda sêca, e de não ter notado a presença de nenhum anofelino, me fez pôr de lado a possibilidade de infecção palúdica. Além disso, a dôr que me parecia localizada no pulmão, levou-me a crer que estava sendo vítima de pneumonia. Em todo caso, pelo sim, pelo não, deveria ter tomado quinina, que integrava nosso pequeno ambulatório. Mas não tomei e fui piorando. Passei o dia todo sem ingerir alimento, a não ser água fria. Anoiteceu.



Não me recordo em que lugar, só me ficou vaga impressão de que meus companheiros envidavam todos os esforços a fim de não interromper a viagem, apesar da escuridão e do vento a soprar em sentido contrário.

Dia 29. Do que se passou durante êste dia, não me lembro bem. Tudo confuso: dôr, mal estar, sêde e certo abandono e indiferença pelo que me rodeava. Sei que á tarde atracamos do lado maranhense, no porto de um lugarejo chamado (não riam) Nova York. O meu bom amigo Agenor, achou melhor interromper a viagem que estávamos fazendo na balsa e alugar uma canoa com 4 remadores. Não houve dificuldade em arranjar a canoa; o que, porém, deu trabalho foi contratar os remadores. Afinal apresentaram-se três rapazes. Naturalmente, a notícia de que no porto havia uma balsa com um engenheiro doente, despertou a curiosidade daquela pobre gente, que alí vivia sem o menor divertimento, ou qualquer coisa anormal que lhe chamasse a atenção. Assim, em poucos minutos a barranca do rio ficou cheia de espectadores, e os mais afoitos não tiveram dúvida — invadiram a balsa. O Agenor que deveria estar nervoso com aquela situação, vendo seu companheiro e amigo em perigo de vida, estrilou e, *ex-abrupto*, botou o pessoal para fora da balsa, aos gritos de “quem não ajuda não estorva”. Felizmente tudo se passou sem outros aborrecimentos.

A canoa já estava pronta: os três rapazes empunhavam os remos. Nisto, ao levantar-me da rede, ouvi o Raimundo exclamar — o patrão não se “apuluma”, e ainda conseguiu amparar-me. Afinal, conduziram-me para a cama e deitei-me sôbre a rede dobrada em decúbito dorsal. Ao meu lado, e ao alcance do meu braço o Agenor colocou uma quartinha (moringa) de água fresca. Êste pormenor escandalizava os caboclos. — “Vige! bebê água fria cum febrão dêsse.”

A canoa, impulsionada pelas remadas dos canoeiros, iniciou a marcha rio abaixo. A lua saíu, e em alguns instantes éramos envolvidos pelo luar mais belo que jamais me fôra dado contemplar. E os canoeiros remando. Eu não os podia ver da posição em que estava, mas ouvia o ritmo das remadas traduzido nas paucadas dos cabos dos remos na borda da canoa: prépré, pré... prépré, pré... prépré, pré... a noite toda. Não sei se dormi. Não me lembro. Bebi, isso sim, bebi muita água.

Dia 30. Amanheceu. Segundo os planos do Agenor deveríamos interromper a marcha, para o almôço, na próxima localidade piauiense chamada Manga. (120) Ao meio dia, sob um sol causticante, amarramos a canoa no porto. O Agenor auxiliou-me a subir o barranco, em plano inclinado; quando chegamos ao tope, notei que estava perdendo os sentidos; mal tive tempo de pedir a um homem que estava deitado numa rede que m'a cedesse. Ele, percebendo a situação, rápido, pulou e ainda ajudou a deitar-me. A crise passou, mas a febre continuava, e a garganta cada vez mais sêca. Depois de longa espera, uma hora talvez, o almôço ficou pronto. Para mim, o amigo Agenor mandou preparar uma canja. Comi pouco, e assim mesmo forçando a inapetência, só para não decepcionar o bom amigo.

Sem perda de tempo, tudo foi arrumado e reiniciamos a viagem. Novamente soaram-me aos ouvidos os prépré, pré... prépré, pré... prépré, pré... dos remos da embarcação.

À noitinha, graças a Deus, chegámos a Floriano. Amparado pelo Agenor e pelo inspetor Eugênio, fui conduzido à residência dêste último. Ia-me esquecendo de contar que em Uruçuí, onde nos aguardava, integrou

---

(120) Manga deve ser muito velha, pois o Dr. Dodt em 1869 já a mencionou, quando não fala em Uruçuí, Benedito Leite e Nova-York. Naturalmente não existiam.

nosso grupo, o velho inspetor do Distrito Telegráfico do Piauí — Sr. Eugênio, ou como era mais conhecido — Inspetor Eugênio.

Meia hora depois da nossa chegada, compareceu, solícito e amável, o Dr. Eurípedes de Aguir. (121)

— Que é isso, amigo? — perguntou-me o médico, colocando-me o termómetro na axilla.

— O doutor dirá — respondi-lhe como pude e como pude fui descrevendo o que sentia. As dores que no comêço estavam localizadas ao lado esquerdo, já haviam tomado o direito.

— Baço e fígado doendo assim... Amanhã, caso a febre decline, farei a primeira injeção de quinino.

— Então é impaludismo?

— Não resta a menor dúvida.

Neste momento fiquei com raiva de mim mesmo. Impaludismo, e eu quasi a succumbir com quinino na mala! E pela violência do ataque (mais tarde o médico o confirmou) era a *terçã maligna!*

Passei muito mal a noite inteira, não encontrava cômodo na rede, nem a cama. Noite longa, quente e fastidiosa.

Dia 31. Antes do café recebi a visita do médico.

— Doutor — disse-lhe — ali na mala tenho injeções de formiato de quinino Delacroix.

— Ótimo medicamento. Infelizmente a febre não declinou, e os especialistas desaconselham o emprêgo de injeção de quinino em tal momento. (122)

— Tenha a bondade, doutor, eu não aguento mais. Acho melhor que o senhor me dê a injeção, pois, caso contrário, eu mesmo o farei.

(121) Fizemos boa camaradagem, que se transformou em sólida e íntima, até o presente momento em que escrevo estas linhas. Já lá vão, 34 anos! O Dr. Eurípedes de Aguiar fez brilhante carreira política: foi governador do Estado e mais tarde senador.

(122) Em verdade, era assim que os mestres de então pontificavam.

— Bem, então vamos ferver a seringa.

Após três injeções, a febre começou a baixar. Da quinta em diante, sentí um pouco de apetite, isto é, conseguí tomar chá com beijú de tapióca. Finda a caixa — 12 injeções — já me locomovia bem e as dores haviam passado. Estava pronto para outra, como graçeando me dizia o Dr. Eurípedes, no momento em que nos despedímos.

Dia 12 de setembro.

Embarcamos no “gaiola”, isto é, navio fluvial, “Manuel Tomás” com destino a Terezina, capital do Piauí.

O “Manuel Tomás” era um naviozinho bonito e bem construído. Tipo diferente dos “gaiolas” comuns: em vez de rodas aos lados, tinha só uma, na pôpa, como os navios do Mississipi. Era seu comandante o Sr. Belini, moço alegre, comunicativo, que sabia transformar, ao cabo de algumas horas, todos os passageiros em seus verdadeiros camaradas.

Satisfeito, em plena e franca convalescença, na prôa, perto do leme do navio, contemplava a natureza. Nas praias de areia, preguiçosos jacarés dormitavam aos raios do sol ardente. Era frequente o encontro de canoeiros a pescar ou atravessando o rio de um lado para outro. As cachoeiras bravas haviam ficado de Uruçuí para cima. Aquí, no médio Parnaíba, o rio deslizava mansamente. Foi por isso, com certeza que o poeta piauiense Da Costa e Silva o comparou a um velho monge de barbas brancas.

Nisto, ouvi uma voz que me chamava; olhei e ví, sorridentes, 2 dos 3 rapazes da canoa que me conduziu de Nova-York a Floriano.

— Que é que vocês estão fazendo? — perguntei, acenando-lhes para que se aproximassem.

— Nós, seu dotô?

— Sim.

— Nós vamos até Terezina prá conhecer (que é que o leitor amável pensa que êsses caboclos queriam conhecer?) a tal da Luis Inlétrica. Diz que alumeia dentro de um vidrinho pindurado num páu e não apaga com o vento: pode até batê temporá que ela nem mode coisa.

— É' verdade. Procurei explicar-lhes o que era eletrecidade, mas, no fim, achei melhor que êles fossem conhecê-la pessoalmente em Terezina.

Dia 15.

Chegamos a Terezina. Dentre as pessoas gradas que nos foram receber, destacava-se — com muita honra para nós — a figura simpática do Governador do Estado, Dr. Miguel Rosa. Visivelmente comovido, informou-nos de que o General Pinheiro Machado havia sido assassinado no dia 8 do corrente no Rio de Janeiro. O Dr. Miguel Rosa era partidário entusiasta do grande político sul-riograndense.

Quando me aprontava para regressar à minha séde, em Coroatá, Maranhão, decorridos 8 ou 10 dias, tive forte recaída, violenta recaída. Nas primeiras horas a febre era tão alta que comecei a delirar. Num dos instantes lúcidos, achei prudente, *por-si-acaso*, dar meu enderêço ao dedicado amigo Agenor. E assim o fiz: rua Jaguaribe, 42 — São Paulo. (123)

A segunda arremetida da terrível *terçã maligna* foi jugulada. Depois de um tratamento rigoroso e prolongado, nunca mais ela voltou — *vade retro Satanaz!*

Ansioso por me ver novamente na arena dos meus trabalhos de entomolôgia, despedi-me agradecido do Agenor, e tomei o trem em Flores, cidade maranhense em frente de Terezina, e seguí para Caxias, de onde, em navio do rio Itapicurú, devia ir até Coroatá. A mi-

---

(123) Essa casa, à rua Jaguaribe, ainda existe, porém, com número mudado.

núscula estrada de ferro ligava o vale do Parnaíba ao do Itapicurú. (124).

Em Caieiras, estação intermediária, berço da illustre família Cruz Martins, pesei-me: a balança marcou 64 quilos. Não gostei. Para um homem de 1,80 metro da altura era muito pouco. Contudo não desanimei.

Eis-me de novo na terra de Gonçalves Dias e Coelho Neto — Caxias.

Fui hospedar-me na casa do Dr. Cromwell de Carvalho — promotor público da comarca, e meu colega Franklin Viégas — inspetor agrícola federal. Eu disse casa, deveria ter dito “república”, pois todos eram solteiros, e se não me engano, outros rapazes moravam nela.

Celebrando o meu regresso feliz, feliz por ter escapado das garras do impaiucismo, no domingo imediato à minha chegada, ofereceram-me um banquete. E que banquetel! Só rapazes. Entre estes figurava o inspirado poeta caxiense, Vespasiano Ramos, objeto de simpatia e admiração daquela plêiade de moços intelectuais. O poeta poderia ter uns trinta e pouco anos, alto, magro, meio curvado para a frente, tez macilenta, modos tímidos de quem não desejava ser notado. Embalde pedimos que recitasse algumas das suas inspiradas produções. — Não; mais tarde — era a resposta.

Ao terminar o banquete, que fôra irrigado com velhos e capitosos vinhos, todo mundo estava satisfeito da vida. Sonetos apaixonados foram recitados por seus autores. Alí quase todos eram poetas, “dedilhavam a lira”, como diziam em alegres gargalhadas. Até eu, ainda cambaleante, fraco, por causa do ataque palúdico, dei os ares de minha graça, cantando algumas estrofes do “Luar do Sertão”, do Catulo da Paixão Cearense. Com surpresa e vaidade soube que a canção sertaneja

---

(124) Hoje em dia é um simples trecho da S. Lufs a Terezina.

era por todos desconhecida. Enquanto o diabo esfrega um ôlho, organizamos o orfeão: eu no solo e a assistência no côro:

*"Não há, ó gente, ó não,  
Luar como este do sertão."*

E o poeta Vespasiano começou a botar as mangui-nhas para fora: ria, brincava de virar o copo de vinho, estava aos poucos se integrando naquela folia.

— Poeta, recita! — alguém gritou. E todos *una voce*: a Samaritana!

Levantou-se. Como por milagre reinou imediato e profundo silêncio. O poeta tremia, e pálido, ainda mais pálido, com olhar vago, ensimesmando-se, balbuciou — Sa-ma-ri-ta-na, para em seguida, transfigurado, com voz potente, que mais lhe saía da alma do que das cordas vocais, dizer os catorze versos que me fizeram passar um arrepio pela espinha dorsal:

*"Piedosa e gentil Samaritana,  
Venho de longe, trêmulo, bater  
À vossa humilde e plácida cabana,  
Pedindo alívio para o meu viver..."*

*Sou peregrino pela sede insana  
Do amor que anima e que nos faz sofrer...  
Tenho sede demais, Samaritana,  
Tenho sede demais, quero beber..."*

*Fugis assim, ao mísero que implora  
O saciar da sede que o consome,  
O saciar da sede que o devora?..."*

*Pecais, assim Samaritana... vêde:  
"Filhos, dai de comer a quem tem fome,  
Filhos, dai de beber a quem tem sedel..." (125).*

(125) Disseram-me, à pureza, que este soneto lembrava uma história parecida com a do célebre soneto de Felix Arvers: "Mon âme a son secret..."

Na terra de Coelho Neto permaneci alguns dias à espera do "gaiola", que me deveria conduzir a Coarátá. Foram dias inesquecíveis, pois, além de gozar a companhia de colegas e amigos amáveis, me ofereceram agradáveis contrastes com os que acabara de passar pelos sertões do Alto Parnaíba.

De manhã, depois do café, fomos tomar banho no riacho Ponte, de águas limpas e frescas, na Trizidela (126), à margem esquerda do Itapicurú. A pouca distância, uns 15 minutos a pé, sob sombria alameda de bambús, o riacho caía em bela cascata, formando agradável banheiro. Tomávamos dois banhos por dia: um de manhã e outro à tarde. Neste último, então, ficávamos morando debaixo da água, que nem capivara acuada. A questão primacial aí não era lavar o corpo, mas, sim, refrescá-lo: o banho era mais refrigerio do que asseio.

A ponte sobre o Itapicurú, que liga Caxias a Trizidela, tem sua história. De um lado da casinha do guarda, funcionário encarregado de cobrar a passagem pela ponte, tomei as seguintes notas:

COMPANHIA PROSPERIDADE CAXIENSE

RAIMUNDO PEREIRA DAMACENO

PRIMEIRO CONTRIBUINTE

Em 9 de setembro de 1884

RAIMUNDO HENRIQUE DE ARAUJO

(126) Trizidela. No Maranhão, pelo menos no vale do Itapicurú, que palmilhei muitas vezes, é o nome que o povo dá



## TABELA DE PREÇO DAS PASSAGENS:

	<i>r é i s</i>
Uma pessoa paga .. . . . . . . . . . .	40
Um cavalo paga .. . . . . . . . . . .	120
Uma trouxa paga .. . . . . . . . . . .	40

A trouxa, indo na garupa do cavalo, não paga, só paga passagem quando é transportada na cabeça, portanto, trouxa e pedestre — 80 réis. Qual terá sido o critério que determinou essa medida exquísita? *Chi lo sá...*

Um nosso amigo, Sr. Bitencourt, teve a nimia gentileza de ofertar-me a chave do ataúde da mãe do grande poeta Gonçalves Dias.

Ao regressar a São Paulo, em meados de 1916, doe a preciosa relíquia ao Museu Paulista.

Afinal, o navio apitou no porto, e, embora pesaroso, aprontei as malas e disse um “até logo” aos distintos amigos que fraternalmente me acolheram. Disse “até logo” sòmente, porque não me agrada o solene adeus: dá-me idéia soturna de separação eterna e assim aconteceu muitas vezes. (127).

O naviozinho partiu e à tarde chegamos a Codó; no dia seguinte, creio que depois do almoço, alcançamos o porto de Coroatá, séde da Estação Experimental de Algodão.

Tive a impressão de chegar a casa; no entanto, o meu lar, meu doce lar, estava tão longe.

Apresentei-me na repartição, onde todos alegremente me abraçaram. Estava na direção da Estação, o

---

As povoações que ficam em frente às cidades e separadas destas por um rio ou riacho. Procurei saber a origem desse costume, e ninguém soube informar-me devidamente.

(127) O poeta Vespasiano Ramos seguiu, em retôrno, a capital do Amazonas, Manaus, onde pouco tempo depois entregou a alma ao Criador.

chefe da Secção Agronômica, meu querido amigo e colega de turma — William Wilson Coelho de Souza.

O colega William, desde o início do curso na Escola Agrícola “Luís de Queiroz” de Piracicaba, dizia que desejava especializar-se em contonicultura. Isso irritava, não sei porque, os colegas, que achavam desafôro “um freguês” que nunca vira agronomia, ao iniciar o curso, falasse em especialidade. — “Pedante, pretensioso”, e desandavam-lhe trote impiedoso.

Coroatá estava em reboição: as minhas primas de fogueira de São Jorge receberam-me com alegria, a que eu cavalheirescamente soube corresponder. Todos queriam saber por onde havia andado, que havia feito, porque estava tão magro, cadavérico, arriscavam as mais sem cerimônia. E eu ia narrando as peripécias da viagem, exagerando um pouco para que à narrativa não faltasse a nota heróica. — “Não resta dúvida — afirmavam — estamos diante de um bandeirante autêntico”. Interessante, embora a cena fôsse um pouco *bufa*, sentia-me lisonjeado. . . Não era para menos, pois se se castiga rindo, como diz o prolóquio latino, porque também não se poderá galardoar entre sorrisos?

No dia seguinte fui, em companhia do William, visitar as culturas algodoeiras da Estação, e reiniciei as observações entomológicas. Tinha diante de mim grande tarefa. O algodoad estava sendo atacado por diversas e daninhas pragas. Intimamente, como entomólogo, sentia certo recôndito prazer, pela devastação que estava contemplando. O cientista orgulha-se ao investigar o gráu de nocividade do agente patológico. E’ por isso que os médicos acham bonita uma ferida horrenda. Um caso bonito, por exemplo, é qualquer coisa que vai levando o pobre cristão para o túmulo. E, por falar em médico e doenças, mal sabia eu que enorme prebenda me aguardava.

— Você sabe, Iglesias — disse-me o William — o govêrno maranhense, querendo fazer uma barretada ao do Ceará, assolado pela sêca, ofereceu-se para receber 100 famílias cearenses, míseros retirantes, que estão abandonando a terra natal para não morrer de fome e sêde.

— Procedimento digno, cheio de benemerência, atestado eloquente da solidariedade humana.

— Bem, tudo isso está muito certo, porém, o que é de estarrecer a gente, é que o Govêrno despejou essas famílias aqui em Coroatá, onde não há recursos de espécie alguma: não há alojamentos adequados, não há comida suficiente, não há medicamentos, nem médicos. Na Estação temos uma farmácia para os funcionários, e você, meu caro, terá que desempenhar as funções de médico.

— Eu, virar médico?! Você não está regulando da cabeça, William.

— Você tem, neste particular, um bom *handicap* relativamente aos seus colegas, pois já trabalhou no Butantã.

— Mas, meu Deus, trabalhei no Butantã, é verdade, mas não sou médico; exerci lá o cargo de administrador.

— Deixe de modéstia: você tem jeito para a coisa.

— Que dúvida! “quem não tem cachorro caça com gato”, diz o rifão popular; mas, o pior dessa história é que eu tenho que ser o gato. Seja tudo pelo amor de Deus.

No dia seguinte fui ver os retirantes: triste espetáculo, capaz de provocar piedade até aos corações daqueles que fazem da caridade uma profissão. E’ um fenômeno paradoxal êsse: os profissionais da caridade de tanto praticá-la, ou por outra, de tanto contemplar

o sofrimento alheio terminam indiferentes — profissionais.

Por causa do máu alojamento, da comida deficiente e preparada sem os mais elementares cuidados higiênicos, desenvolveu-se entre os coitados mortífera desintéria. As crianças pagavam o maior tributo.

Mandei construir ranchos de palha e queimar os que constituíam focos de infecção. Ao mesmo tempo preparei remédios aconselháveis para o caso. Felizmente havia na farmácia da Estação um Chernoviz, que me prestou valioso concurso. Que livro precioso o Chernoviz! Era a minha bíblia. Deixei os insetos do algodão de lado, e queimei as pestanas no compêndio que ensinava a curar o próximo. Agora os médicos e curandeiros têm à mão injeção e comprimidos para tudo quanto é doença. Eu, naquela ocasião — pobre de mim! — tinha que rebuscar o formulário, estudar as doses máximas e mínimas. Pelo sim, pelo não, só receitava doses mínimas, as que o Chernoviz dizia não serem prejudiciais ao organismo humano. Minha consciência estava sempre vigilante: se meus remédios não fizessem bem, mal não fariam. Em suas sepulturas rasas não se poderia colocar a célebre quadrinha-epitáfio atribuída a Bocache.

Não poupei esforços nem sacrifícios: trabalhava às vezes até alta madrugada para salvar da morte aqueles infelizes cearenses, que o Governo do Maranhão, sem o menor preparo prévio, sem a mais leve providência que o caso requeria, atirou alí ao Deus-dará. E se não houvesse a pequena farmácia da Estação Experimental do Algodão, repartição federal? E se essa estação não fosse integrada por técnicos abenegados, com algumas luzes para tal emergência? Morreriam muitos retirantes, e os moradores do local seriam sacrificados também.

Depois que a borrasca passou, deu-se um fato interessante. Fui procurado por uns clientes (com licença da classe médica) que me vinham apresentar suas despedidas e externar seus agradecimentos.

— Seu dotô, não arrepare, não, eu quero lhe dá êste menino móde vossassuria acabá de criá. E' seu pra toda vida.

— Mas, amigo — fui dizendo enquanto observava os olhos úmidos do caboclo — eu sou um rapaz solteiro, minha família mora muito longe daqui. Si eu ficar com o menino, o senhor talvez nunca mais o veja.

— Não faz má: pulo menos êle não saberá mais o que é fóme, o que é sêde e não tê um trapo pra cobrir o corpo.

Fiquei estatelado, pensando no que responderia. Olhei para o pequeno; acariciei-lhe o rostinho. Que criança linda! Poderia ter uns quatro anos. Nunca ví olhos negros mais belos.

Aconselhei aos pais aflitos que se não desfizessem do filhinho. Deus os ajudaria a vencer os obstáculos da vida. Disse mais: o cearense era uma gente intrépida, capaz de todas as bravuras. Repetí-lhe mais uma vez que eu era solteiro, e que, casando-me, poderia minha esposa não querer bem o menino. Portanto, não podia assumir tamanha responsabilidade.

— Amigo — terminei — de hora em hora Deus melhora. Devemos confiar Naquele que tudo pode.

Sorrii agradecido; e, encorajado pelas palavras afetuosas e sinceras que acabava de ouvir, partiu resolutamente na órbita de seu destino.

Com certeza, leitor amigo, você estará fazendo um juízo temerário e pouco abonador do caráter do rude sertanejo, que acabava de me oferecer o filhinho. Espere um pouco; vamos raciocinar. O amor, êsse amor

que os pais tributam aos filhos, assim como toda e qualquer modalidade de amor, obedece a uma fôrça recôncita que se chama instinto de conservação, que atua no individuo para perpetuação da espécie. Isto posto, o sertanejo, embora dilacerando o coração, se desfaz do filho para que êle não pereça; sem se dar conta, é levado pelo impulso natural da perpetuação da espécie. Quanta vez, a mãe perde a vida para salvar a do filho. E, morrendo, essa mãe não se aparta do filho para sempre? Como vemos, tudo se cifra em perpetuar a espécie, que é a maneira implícita de continuarmos a viver através de sucessivas gerações. Logo, o sertanejo cearense estava certo.

A par de minha "aplicação" médica (nestes sertões, quando querem dizer que alguém sabe curar, dizem: rulano aplica bem), não perdia tempo no estudo das pragas do algodeiro, ou, melhor, dos insetos uteis e dos nocivos da preciosa malvacea. Explico-me: assim como há insetos pragas, felizmente há também praga dos insetos. A questão toda é saber tirar partido dessa tremenda luta pela vida.

Na primeira parte do dia, das sete às onze horas, eu ia ao algodoal a fim de fazer observações *in loco* e colher material. Reservava a tarde para os estudos de laboratorio, e para os acesnos organolepticos, quer dos insetos nas diversas fases da metamorfose, quer dos estragos praticados pelos mesmos nos vegetais.

No dia 5 de novembro remeti ao Museu Paulista material entomológico por mim colhido do Alto Parnaíba: Tubo A com borboletinhas (*Leucoptera cafeella*) que encontrei atacando as folhas dos careeiros de Santa Filomena; tudo B com joaninhas (coccinelidas) que estavam comendo os pulgões (aphídeos) de um anjelim (128); tudo C cigarrinhas (129) que faziam as ár-

(128) Designação popular das árvores da família das leguminosas.

(129) *Aethalion reticulatum*.

vores chorar, lá no Morro d'água, nas cabeceiras dum afluente do Uruçuí.

À tarde fui tomar um fôlego, ou melhor, uma caneca de garapa — caldo de cana, como dizem os cariocas — na engenhoca do amigo Leopoldo, caboclo amável e bom de prosa. Conversa vai, conversa vem, o seu Leopoldo me disse que uma vaca leiteira de sua estimação estava com o úbere cheio de verrugas, e pediu-me para eu dar um jeito.

No meu diário encontro esta nota:

“Uma novilha, do Sr. Leopoldo, apareceu com verrugas no úbere. Medicamentos que aconselhei:

Cortar até fazer um pouco de sangue e queimar com tintura de iodo; ou queimar com nitrato de prata, passando antes, uma solução do chloridrato do cocaina, a fim de evitar as dores no animal. (130)

O seu Leopoldo convidou-me para tomar um café com mistura. Não me fiz de rogado. Quando estávamos no início do lanche, chegou um caboclo, tipo do sertanejo: moreno, queimado pelo sol, cabelos e barbas descuidadas; calças arregaçada, uma perna mais curta do que a outra alpercatas e chapéu de couro, levando na cinta comprido terçado. Vinha “móde uma mezinha”. O seu Leopoldo era meu colega: também “aplicava”. Convidado, que foi, aceitou, e antes de sentar-se à mesa, como é da etiqueta do sertão, o recém-chegado, tirou o facão da cinta e respeitosa e o colocou num canto da sala. O sertanejo nortista não se senta armado à mesa de refeição.

No sertão os próprios caboclos se apresentam. Mais uma vez a cena se repetiu.

— Se mal lhe pergunto, vancê como se chama? — indagou-me o cliente do seu Leopoldo, de acôrdo com a praxe da terra.

(130) Provavelmente a terapêutica veterinária já evoluiu muito, por isso é bom que o provável leitor não se olvide de que decorreu longo período de 34 anos.

— Eu me chamo Francisco de Assis Iglésias — disse, destacando as sílabas do Iglesias para que fosse bem compreensível. E o senhor, como se chama, se mal não lhe pergunto?

— Eu me chamo João . . . . .

— Como? Não pude entender bem seu nome.

O nosso homem pronunciou melhor o sobrenome, e notei que era catalão. (Infelizmente não tomei nota do nome em questão e o esqueci completamente). Mas seu nome parece estrangeiro, parece catalão. Como o senhor explica isso?

— Eu vim das estranhas com meu pai; podia ter uns 10 anos; papai morreu, e eu fiquei por aqui.

— O senhor fala o catalão?

— A língua de meu pai?

— Sim.

Nunca ví um caso tão autêntico de assimilação e ao mesmo tempo chocante, por que êsse indivíduo não contribuiu com a mínima parcela civilizadora do meio em que se integrou, a não ser com as hematias da raça branca de que era portador inconciente. Séculos de civilização derreteram-se aos raios do sol do sertão. Não é à-tôa que o povo diz: uma andorinha só não faz verão.

Acabado o lanche e provido da “mézinha”, lá se foi o catalão, ou em verdade o sertanejo maranhense em demanda de sua morada. En fiquei matutando: a ação do meio é uma fôrça irresistível, não resta dúvida.

Passei o mês de novembro todo em grande e proveitosa atividade entomológica. Reatei as observações e trabalhos iniciados em junho; mandei material fitológico ao Instituto Agrônômico de Campinas; material zoológico ao Museu Paulista e insetos ao Prof. Dr. Costa Lima, no Rio de Janeiro, para a devida identificação ou classificação, no caso de novos gêneros ou espécies.



Continuei os estudos das biologias da Broca do algodoeiro — *Gasterocercodes gossypii* Pierce — que ataca as raízes e colo do algodoeiro; do chrisamelídio — pequeno besouro — que ataca as folhas do algodoeiro (131); do curuquerê — *Alabama argilacea* — assim como o meio de combatê-los.

Na excursão que acabei de realizar no Estado do Piauí, não ví a broca das raízes, talvez porque a cultura do algodoeiro se limita ao herbáceo nas vazantes do rio Parnaíba. Em verdade, poucas culturas ví, pois o Piauí é mais criador do que agrícola. Só no sul do Estado é que vi algumas tigueras de algodão, com uns pés aqui e outros acolá, não obstante sobra-rem terras apropriadas à cottonicultura.

Na própria natureza o homem encontra auxiliares preciosos na luta que tem que manter contra os insetos daninhos.

Pássaros: dentre êsses mimosos seres há muitos que se alimentam de insetos, mesmo os granívoros (que às vezes são prejudiciais); quando nidificam apanham insetos, bichinhos, com que alimentam seus filhotes.

No algodoeiro ví bandos de sanhaços (no Maranhão e Piauí são conhecidos por *pipiras*), apanhando lagartas do curuquerê.

Foi a primeira vez que ví sanhaço (132) apanhando e comendo insetos. Aliás, não deve causar estranheza esta ocorrência, pois todo pássaro frugívoro gosta muito de bichinhos.

---

(131) Trata-se, como disse anteriormente, de um inseto novo, desconhecido pela ciência, e estudado por mim, pela primeira vez. O meu bondoso amigo Prof. Costa Lima, foi quem fez a diagnose, e por nímia gentileza, ligou meu modesto nome a êsse pequeno coleóptero — *Melinophora Iglesiasi*.

(132) Nome dado a várias espécies de pássaros da família dos Tanagrídeos. Pelo que pude observar trata-se de uma espécie, se não igual, muito parecida com o nosso comum sanhaço de São Paulo, *Thraupis sayoca* L.

Ví, mais, um pássaro de peito vermelho (tangará?), que também comia lagartas do Alabama. Além desses, cujos hábitos me eram desconhecidos, notei bandos de bem-te-vís, sirirís, e outros integrantes da família dos *Tiranídeos*.

Os himenópteros tomaram parte no banquete. Encontrei duas espécies de formiga atacando a lagarta do curuquerê. Havia grande quantidade dessas formigas. Creio que se tratava das duas espécies carnívoras: — *Ectatoma edentatum* Rog e a *Ectatoma strigosum* Em. O gênero *Ectatoma* presta grande serviço à agricultura. Em 1911, no Instituto do Butantã, descobri a *Ectatoma opaciventris* atacando a içá — fêmea alada da saúva — no momento em que começa a perfurar o solo para estabelecer o ninho. (133)

Ainda na família dos himenópteros observei dois maribondos, utilíssimos, pois são grandes destruidores do curuquerê em estado de ninfa ou crisálida. São êles as seguintes espécies: — *Nectarinia lechegnana* e a *Synocoa surinamensis*. Esta última é tão inteligente, que descobre as crisálidas mesmo quando elas se envolvem nas folhas do algodoeiro. Geralmente, as lagartas no momento em que se vão transformar em crisálidas, procuram as pontas das folhas e dobram-nas, escondendo-se no envólucro assim formado. O esperto maribondo com suas fortes mandíbulas rasga a folha e arranca de seu esconderijo a indefesa crisálida. E vá a gente acreditar que há animais irracionais: são todos mais ou menos racionais, isso sim. (134).

(133) *Formigas caçadoras* é a epígrafe do trabalho que publiquei, em 1911, na importante revista agrícola, infelizmente extinta, — "O Fazendeiro".

(134) Não desejo nem devo prolongar essas anotações entomológicas, porque o resultado das minhas observações sobre a matéria constitui a tese *Insetos*, que apresentei ao Primeiro Congresso Algodoeiro do Rio de Janeiro, nocivos e úteis ao algodoeiro, organizado sob os auspícios da benemérita Sociedade Nacional da

Com as chuvas de novembro apareceram lagartas por todos os lados, sôbre todas, ou quase todas as árvores, lagartas as mais diversas. Além das *Alabama argilácea*, curtuquerê, outras nossas desconhecidas, ví uma lagarta muito voraz dizimando os arrozais; aliás esta lagarta ataca outras gramíneas cultivadas, inclusive o milho.

O que achei mais estranho neste banquete vegetariano foi ver enorme lagarta, comendo folhas de fumo... com nicotina e tudo. Digo com nicotina, porque as folhas, muitas dentre as atacadas, já estavam ao ponto de serem apanhadas para regalo dos fumantes portanto, não podiam deixar de conter o terrível alcalóide — a nicotina, que é justamente empregada na extinção de insetos e outros animais.

Encontrei também uma lagarta atacando as folhas da pimenteira malagueta (*Capsicum frutescens*); esta lagarta com certeza é oriúnda da Baía..., porque a malagueta é de se lhe tirar o chapéu de ardida. Ela, para se crisalidar, enterra-se no solo. Conseguí os imagos das lagartas do tabaco (fumo) e a da pimenteira.

Nem o "João Gomes", beldroega (135), como é conhecida no sul essa planta, escapou à voracidade das lagartas. Esta minha concorrente, para se transformar em crisálida, enterra-se uns 10 centímetros no solo. Vou esclarecer por que lhe dão êsse nome — é uma planta comestível. Na casa onde eu tomava as refeições, D. Anica, respeitável velhinha e professora aposentada,

---

Agricultura. Foi publicado na revista "*Brasil Agrícola*", e editado em folheto. Mais tarde, esgotada a primeira edição, em 1921, a revista carioca *Vida Doméstica* editou a segunda edição.

(135) "João Gomes" ou beldroega, planta da família das *Partulacáceas*, pequena, quase rasteira, de caule carnoso e succulento. As folhas, opostas, têm a forma oval, e são comestíveis. A flor pequena amarela, e o fruto, uma cápsula cônica em que ficam alojadas as sementes.

gentilmente, preparava-me um saboroso prato em que o "João Gomes" entrava como principal ingrediente. O prato era uma espécie de sopa engrossada com fubá e ovos cozidos; creio que na própria sopa quente. A este prato succulento e a um copo de suco de bacaba (136) todos os dias, feito da polpa do fruto dessa bela palmeira, deví meu rápido fortalecimento.

No dia 3 de dezembro observei mais um inimigo da palmeira babaçú: tratava-se de enorme larva parasita do broto terminal da palmeira. A larva que encontrei media 7,5 centímetros de comprimento. As suas mandíbulas era tão fortes, que chegavam a quebrar a grafite do lapis quando eu mexia com ela. Disseram-me que os tabaréus comem-nas quer fritas, quer crúas, e que lambem os beiços, pedindo por mais.

Em 12-12 encontrei muitos côcos babaçús "brocados". Desenhei a larva a fim de acompanhar o ciclo biológico do inseto, que deveria ser um coleóptero.

O côco "brocado" não tinha o menor vestígio externo, aparentemente parecia perfeito. No entanto, se fôsse aberto, encontra-se-ia em seu interior um caruncho enorme comendo as castanhas, ou, melhor, as sementes do côco.

A larva, completamente ápode, colocada sôbre uma tábua aí ficava, recurvada, sem poder deslocar-se.

Quem conhece o côco babaçú, perguntar-me-á: Como é possível à larva penetrar através da casca duríssima? Responder-lhe-ei: Com certeza a fêmea do besouro deposita os ovos, quando o côco ainda é tenro.

A metamorfose completa do inseto realiza-se dentro do côco. Depois que o imago deixa a casca da ninfa, com auxilio das fortes mandíbulas, perfura o côco e põe-se em contacto com o mundo externo.

---

(136) A bacaba é uma palmeira que difere de todas as nossas palmáceas: a sua fronde abre-se em leque. Há duas espécies: — *Oenocarpus distichus* e *Oenocarpus bacaba* Mart.

A broca do côco constitui um petisco muito apreciado pela gente moradora na zona da palmeira babaçú. Ao ser fritada desprende azeite igual ao que sai do próprio côco. Comem-na adicionando-lhe farinha de mandioca.

No dia 15 do mês acima apanhei, à noite, no largo da Santa Luzia uma cobra venenosa: pareceu-me que era uma *Elaps corallinus* (137). Cobra coral à noite é coisa rara. Vou explicar por quê. Dentre as nove famílias em que se divide a ordem dos ofídios estão, em primeira linha, entre nós, do ponto de vista de cobras peçonhentas, as famílias das Colubrídeas e das Viperídeas. Os Viperídeos americanos são representadas pelas cascavéis, jararacas e surucucús (138), cobras venenosas na sua totalidade, e noturnas, tanto que têm as pupilas em fendas verticais como as dos gatos; as colubrídeas são representadas por grande número de espécies de cobras não venenosas, diurnas, ligeiras, de escamas lisas, luzidias e pupilas redondas como, por exemplo, todas as corais. Por isso causou-me pasmo encontrar uma coral à noite. Fato verdadeiramente anômalo.

Falei acima que as colubrídeas não são venenosas, e em verdade assim é, mas, (o eterno mas!) há há uma exceção, representada pelas corais venenosas do gênero *Elaps* (*Micrurus*). Acreditava-se, antes dos estudos do sábio brasileiro Prof. Dr. Vital Brasil, que todas as colubrídeas não eram venenosas. Daí o lamen-

---

(137) *Elaps corallinus* — cobra coral venenosa, atualmente o gênero *Elaps* é *Micrurus*.

(138) Cascavél — *Crotalus terrificus* — Na América do Sul, embora numerosa em certos lugares só se conhece essa espécie. Na América do Norte há 11 espécies de cascavéis. Até nisso os americanos do norte nos levam vantagem... Jararacas • surucucús — pertencem aos gêneros *Bothrops* e *Lachesis*.

tável acidente de que foi vítima um naturalista austríaco quando excursionava pelos sertões do Mato-Grosso. Viu uma linda coral, apanhou-a com as mãos sem a menor cautela e a cobra cravou-lhe os dentes peçonhentos. Algumas horas depois, morria o notável naturalista.

Há uma coral não venenosa que imita extraordinariamente a coloração da venenosa. E' o fenômeno do mimetismo: um animal inofensivo tomando a forma e côr de um perigoso para se livrar de possíveis inimigos.

Diante do que acabei de expôr, quando encontrarmos uma coral, precisamos tomar todo cuidado possível.

Em 11 de junho, antes, portanto, de minha excursão pelo Piauí, em companhia do grande engenheiro Dr. Agenor Augusto de Miranda — ia-me esquecendo de contar — capturei uma cascavél no algodoal da Estação Experimental.

Chamei todos os operários e aproveitei a oportunidade para ensinar-lhes como se faça uma cobra e se coloca a mesma na caixa apropriada, sem o menor perigo para o operador.

A respeito dessa cascavél deu-se engraçada ocorrência. Eu a colocara sob a campânula do microscópio numa das mesas do meu laboratório, quando tive o prazer de receber inesperada visita de quatro amérindios da tribo dos *Canelas*, que habita o interior norte do Maranhão. Estavam de passagem para a capital do Estado — São Luís, onde iam pedir ferramentas e outros utensílios ao "papai grande", isto é, ao Governador. Na estrada molhada um dêles escorregou e caiu. Estava sentindo fortes dores, ao lado esquerdo, nas costelas. Então, por indicação de não sei quem, procuraram-me para que medicasse o acidentado. Examinei-o

e verifiquei que havia quebrado uma costela. Coitado! Pincelei com iodo a parte que mais lhe doia e enfaixei-lhe o tronco a fim de imobilizar o mais possível a fratura. Notei que êle ficou agradecido, através do que me disse o chefe, pois somente êste sabia falar um pouco o português. Fôra batizado com o nome de Francisco Xavier, quase meu xará.

O nome indígena, que infelizmente não guardei de memória e me esqueci de anotar, correspondia ao vernáculo — sangue. Dizia-me êle que era um nome próprio de chefe. Nisto, quando estávamos no melhor da prosa, êle encostou-se distraidamente na mesa em que estava a cascavél debaixo da campânula. Deu um pulo de acrobata e foi parar na soleira da porta da rua.



— Dotô, que é isso, tu não tem medo não? Bicho perigoso. Bicho morde e mata gente.

Não tem perigo — levantando a campânula, e ao mesmo tempo, com o auxílio de uma régua, apertei a cabeça da cobra e a apanhei pelo pescoço.

— Tu tá loco, dotô?! Tu morrei!

— Não tenha medo. Eu estou acostumado a lidar com cobras. Venha cá, venha ver a bicha de perto.

A cascavél estava com as fauces escancaradas pela pressão que os meus dedos lhe faziam na garganta; com as mandíbulas de movimentos laterais independentes, procurava alcançar-me com as presas afiadas. Os “canelas” ao pé da porta pediam-me prendesse a *boicininga* (cobra de chocalho). Levei-a para outra sala, ou melhor, para o meu quarto, que ficava contíguo ao laboratório. Então, mais tranquilos, pudemos recommençar a palestra. Perguntou-me se eu não tinha umas roupinhas que lhe pudesse dar, pois gostava, assim como seus companheiros, de andar vestidos que nem gente da cidade. Dei-lhe camisas, ceroulas (eu passava naquela época pela transição da ceroula de pernas compridas com cadarço para as cuécas de pernas curtas) e um terno de brim branco. E ainda por cima dêsses indumentos, passei-lhe uns “cobres” para auxiliá-lo nas despesas de viagem. Ficou contentíssimo.

Ao despedirem-se de mim, o chefe, loquaz, convidou-me para visitar sua malóca, dizendo-me textualmente.

— Dotô, eu quero que tu vai malóca. Não pensa tu vê mulé núa. Dia tu vai bota sáia mulé.

Rí gostosamente diante de tanta ingenuidade, não despida de uma pontinha de malícia. Lá se foram os ameríndios “canelas” e nunca mais os ví.

Dezembro foi um mês chuvoso. As aplicações de inseticidas no algodoal foram prejudicadas em suas finalidades: — polvilhava-se pela manhã e à tarde a chuva torrencial lavava tudo.

O rio Itapicurú todos os dias aumentava de volume. O inverno (estação chuvosa) corria bem, de modo geral.



O Itapicurú é meio malcriado. Quando toma água em demasia, transborda, inundando roças e povoados de ambas as margens. Coroatá tem sido vítima de seu impetuoso caudal nos invernos abundantes. Na última enchente as casas da rua paralela ao rio tiveram água ao nível das janelas, e algumas ofereceram sério perigo aos ocupantes. Dentre estas estava a cadeia pública, coberta de telhas curvas ou portuguesas; as paredes eram de páu-a-pique, barreadas e arrematadas com reboco caído.

Alta madrugada, o juiz de direito acordou com fortes pancadas à porta de sua residência. Levantou-se e foi ver o de que se tratava. Eram, nada mais, nada menos, que os presos da cidade, sentenciados uns e à espera de julgamento outros, que humildemente iam pedir providências ao meritíssimo juiz, pois o prédio da cadeia estava ameaçando ruir e, se assim acontecesse, eles morreriam tais quais caititús no mundéu.

Este fato assim me foi relatado e sem tirar nem pôr o passo para diante. Que era verossímil, não me restava a menor dúvida.

Muita vez, à tarde, batendo pernas pelas ruas, parava eu em frente à cadeia e dava uns dois dedos de prosa com os detentos. De uma feita, não me pude conter em face da fragilidade da prisão, que lembrava o velho círculo de giz a encurrular o perú, disse-lhes:

Amigos, que é que segura vocês aí dentro?

— Nada — responderam.

— Estou vendo, nada segura vocês nesse quarto. Com um ponta-pé vocês podem abrir um buraco que dará passagem a vocês de dois em dois.

— E' isso mesmo, patrão. Fugí daqui prá í aonde? Andá escondido, passando necessidade... prá quê? Aqui, nós tem de cumê, e, não sendo reinoso,

seu dotô deixa saí de dia prá mode “cabra” trabaiá e ganhá um pouco.

— Está certo; vocês pensam bem; mas, lá no sul, lá pelas minhas bandas, prêsos numa cadeia como essa, não dormiriam nela nunca. Sairiam voando que nem bando de *pipiras*.

Acharam engraçada a minha piada, e ficaram rindo, enquanto que eu ia preparar-me para o jantar, matutando: — que matéria boa para ser bem plasmada!

O ano de 1916 começava do mesmo jeito como terminara o de 1915. Natal só o percebí por causa de um presépiozinho; e o dia de Ano Novo, só por que a repartição não funcionou. Mesmo assim, fui distrair-me no algodoad, vendo a luta da bicharada, luta às vezes de vida ou morte.

Em Coroatá não havia médico, como informei no correr destas recordações, por isso, fui muitas vêzes, bem a contra gôsto, forçado a prestar serviços clinicos à população local e aos adventícios. Disse, a contra gôsto, porque, não sendo essa minha profissão, não tinha conhecimentos suficientes que me habilitassem a prestar auxílio à humanidade sofredora, com desafôgo de consciência. E' verdade que eu jamais ultrapassava a dose mínima indicada pelo benemérito Chernoviz. Contudo dei sempre conta do meu recado, como Deus era servido. A fama de esculápio competente espalhou-se pela redondeza. Não é à-tôa que o povo diz: — “Em terra de cego quem tem um ôlho é rei”.

Um belo dia (belo é modo de dizer) apresentou-se-me o primeiro caso cirúrgico na pessoa de um garoto de 6 anos, mais ou menos. O pequeno estava com abcesso na palma da mão, no músculo do polegar. Antes mesmo que lhe tocasse na parte doente, o menino começou a chorar. Com muito custo coloquei um algo-

ldão hidrófilo embebido de cocaina. E depois, zás: lancetei-lhe o tumor. O garoto berrou, e, berrando, me xingava com as palavras mais feias dêste mundo. Fiquei com pena dos médicos.

O segundo caso foi um aprendiz de alfaiate, garoto de côr, olhos vivos e jeitinho inteligente. Ao deitar-se num banco para dormir, contou-me êle, espetou no peito uma agulha. Olhei no ponto indicado e ví sòmente o fio da linha. Pensei, satisfeito, isso é só puxar a linha que a agulha sairá. Puxei. Nada. Parecia, ao contrário, que o diabo da agulha aprofundava-se mais no peito do pequeno. Refletí melhor e concluí que era necessário fazer um pequeno corte para apanhar a cabeça da agulha. Anestesiei o local, e com um bisturí bem afiado fiz um pequeno corte. Saíu sangue. O menino olhou para o algodão vermelho e ia perdendo os sentidos. Fi-lo deitar-se e recomendei-lhe que olhasse para o tétó; que não tivesse mêdo, pois nada lhe aconteceria de mal. Estirei a linha lentamente, e nisto, com a brécal rebentou. E agora? Fiquei nervoso, mas não dei demonstração. Com algodão hidrófilo, limpei o minúsculo corte. A carne branca contrastava com a pele preta do pequeno paciente. Olhei atentamente na ferida e ví um ponto escuro; segurei-o com auxílio de uma pinça e cuidadosamente fui puxando: a agulha saíu inteirinha. Respirei.

O garoto, qual cordeirinho manso, olhou-me agradecido e partiu. Não sei qual de nós dois estaria mais contente.

Domingo. Tudo calmo. De vez em quando ouviam-se vozes de alegres mocinhas e de rapazes que passavam pelas ruas a namoriscar. Sitiantes, agrega-

dos, de chapéu de couro e gibão, montados em magros quartáus passavam rumo de suas moradas. Eu, após almoço saboroso em que não faltara a succulenta sopa de "João Gomes", repousava numa cadeira de balanço austríaca, em frente à casa de D. Anica — a bondosa velhinha a que já me referi. Longe estava de pensar em qualquer coisa desagradável. Mas, estava escrito, que aquele domingo seria trabalhoso. Sem que eu reparasse donde viera, estacou ao pé de mim, um mulécote ofegante:

— Seu dotô! o F. engasgou com ôsso de frango e a mulé dêle mandô pedí prá seu dotô í lá correndo.

Fiquei perplexo e ao mesmo tempo indignado com tamanho imprevisto.

— Diga que não posso ir; nunca tirei ôsso da garganta de ninguém; — respondi mal humorado; decorri de alguns instantes, meio arrependido da atitude anti-pática que havia tomado, chamei o rapaz que se retirava e prometi que iria imediatamente.

A minha atitude, pensando bem, tinha um ressáibo de revolta, pois, na véspera, sábado, souberam festejar o casamento de um parente e nem ao menos, por gentileza, me convidaram. Na ocasião do "enterro dos ossos" (139), entalam um dêles na guéla, então se lembram do filho adotivo do Hipócrates. Eis o monólogo que mentalmente recitava, quando me dirigia ao meu laboratório para estudar o caso. Abri o Chernoviz, e li as indicações para o caso, mais ou menos assim: para se retirar um corpo estranho da garganta havia dois processos: a) com auxílio de uma pinça comprida procura-se prender o corpo estranho, e em seguida se extrái; b) se o corpo estranho está localizado pro-

(139) Entêrro dos ossos (de perús, leitões e frangos) é o almoço domingueiro em que são saboreadas as iguarias remanescentes do festim nupcial realizado na véspera.

fundamente, que não possa ser apanhado pela pinça, embora comprida, então torna-se necessário a intervenção cirúrgica etc., etc. Não continuei a leitura, porque a segunda hipótese estava de antemão prejudicada; tudo poderia acontecer, menos eu cortar a garganta do homem, isto é, do engenheiro, membro de importante família maranhense. Seu irmão, notável tribuno, ocupou altos cargos políticos, quer federais, quer estaduais.

Afinal, coloquei no bolso um estojo de veterinária (o meu ilustre cliente certamente me perdoará a revelação), único recurso técnico de que podia lançar mão, e seguí, aflito, quase tremendo, em demanda da casa onde estava o moço acidentado, sem saber o que iria fazer. À medida que me aproximava da casa, aumentava minha aflição. Ao chegar, dei com a esposa do engenheiro à porta, com o rosto banhado pelas lágrimas que rolavam:

— Pronto, meu bem! — gritou ela para dentro do corredor — você está salvo, o doutor está aqui!

Guardei estas exclamações, *verbo ad verbum*, porque elas me ficaram gravadas no mais íntimo da alma. “Você está salvo, o doutor está aqui!” Ao ouvir-lhe a expressão de confiança que depositava nos meus poucos conhecimentos — e eu bem sabia o quanto eram poucos — sentí desejos de sumir. Felizmente pude dominar-me, e entrei.

A casa, uma das melhores de Coroatá, estava repleta de gente. Muitas senhoras mal podiam conter o pranto. Fui abrindo caminho até chegar na área interna, clara, limpa e ladrilhada.

— Que é isso, amigo? — perguntei-lhe.

— Estou morto, doutor; corte-me a garganta, se não, eu morro, não aguento mais.

O moço estava sentado numa cadeira, camisa aber-

ta ao peito e em volta do pescoço uma fita da qual pendia um santo; o rosto, desfigurado e pálido, denotava grande sofrimento.

Mandei que abrisse a bôca. Olhei, olhei e não ví o osso. Tirei do estojo a pinça mais comprida e cautelosamente procurei sondar o maldito osso. Quando estava nesta operação, notei que o engenheiro fez leve contração de engulho. Parei. Uma idéia, das que podem ser classificadas de luminosas, fuzilou no cérebro como centelha divina:

— Diga-me, amigo, você engasgou no comêço ou no fim do almôço?

Quase no fim — respondeu-me com dificuldade.

Toméi, resoluto, a pinça, levei a mão esquerda à testa do paciente para firmar-lhe a cabeça, e, mais ou menos pilheriando, disse-lhe:

— Um homem é um homem, um gato é um bicho.

— E ato contínuo meti-lhe a pinça na garganta, provoquei-lhe o vômito: escancarou a bôca e... zás: lá se foi o almôço pelos ladrilhos. O guloso tinha a "mitra" do Perú atravessada na guéla: saiu como um bólido. Ouviu-se pelo páteo um graças a Deus uníssonos. Estava livre o homem. Então, em meus ouvidos cantavam qual hino de vitória aquelas palavras de aflicção e confiança: "Você está salvo, o doutor está aqui".

Antes de qualquer agradecimento, perguntaram-me pela diéta. (O povo tem um tropismo muito acentuado pela diéta). Aí dei a nota: — mandei adicionar gargarejos. Prescreví a seguinte diéta: passar a noite só com um copo de leite fervido, (eu disse pasteurizado) tomado aos goles. No dia seguinte canja de galinha sem mitra... E assim terminou minha última intervenção cirúrgica em Coroatá.

Antes de finalizar estas anotações médico-cirúrgicas, que poderiam ser encimadas pela epígrafe — "De

como um agrônomo se transforma em médico,” declaro, a bem da verdade, que só uma vez fugi ao sagrado cumprimento do dever. Fui chamado para assistir a uma parturiente.

— Tenha paciência, meu bom amigo — disse ao marido aflito — não sou parteiro e além disso sou rapaz solteiro; portanto, nem de um jeito nem de outro, tenho noções da matéria. Olhe, o meu colega William é casado, e sei que tem o hábito de acompanhar os partos de sua digna esposa.

— Eu aceito a sugestão, porém, o senhor terá a bondade de ficar de prontidão para o que possa ser útil.

— Pode ir sossegado.

Assim que o William foi assumir a responsabilidade de dar ao Brasil mais um habitante, eu covardemente montei a cavalo e toquei para o algodoal. Voltei à noitinha e, um tanto ressabiado, procurei o novel parteiro.

— Que tal, William, tudo bem?

— Parto normal, ótimo, graças a Deus.

— Graças a Deus, ajuntei — tirando algumas toneladas de peso da minha inexorável consciência, que me apontava a fraqueza da fuga, ao que eu contrito respondia com Metastasio:

*“Son reo, non mi difendo  
Puniscimi, se vuoi!”*

Com êste caso, em que não tomei parte, encerrei as atividades médicas no vale do Itapicurú.

De quando em vez, o Ministério da Agricultura me pregava uma peça. Não sei por quê não o mandei plantar batatas. Lendo o “Diário Oficial”, que chegava com grande atraso — um mês e mais, vi que o meu car-

go havia sido extinto em 31-12 do ano próximo findo. Felizmente, logo em outros números, li minha nomeação para outro cargo de função idêntica. Até aí tudo muito bem, mas a parte antipática, lesiva aos meus interesses pecuniários, era que o tempo decorrido entre a exoneração e nomeação, quase um mês, foi perdido, não recebi os vencimentos correspondentes. Trabalhar nesses cafundós, de dia e de noite, arriscando a vida até, e não receber o suor do meu rosto, causou-me grande tristeza. Pensei, tranquilizando o espírito: O que não tem remédio, remediado está. E mais tem Deus para me dar do que o Diabo para levar. (Arre! os anexins estão saindo aos borbotões: nem Sancho Pança poderia comigo).

Apesar dêsse contratempo não esmorecí, continuei trabalhando com afinco para reunir todas as observações entomológicas numa tese que deveria apresentar ao *Primeiro Congresso Algodoeiro*, que se reuniria em junho do corrente ano no Rio de Janeiro.

Continuei o estudo que iniciara no Centro Agrícola "David Caldas", no Piauí, sobre o vício da *diamba*. Em Coroatá acompanhei a cultura da *Cannabis sativa* — matéria prima do terrível vício social; assistí a reuniões onde, em segrêdo, se fumava o cachimbo dos sonhos eróticos e da morte.

Disse, "em segrêdo", porque o govêrno do Estado proibia o uso da *diamba*.

Estudei a cultura da *Cannabis sativa*, aliás, facilíma de ser praticada por quem conhece agronomia. E' planta rústica, sem inimigos naturais, adaptável aos meios mais diversos.

Visitei os clubes dos diambistas ou casas em que se reuniam os viciados para, juntos, saborearem a embriaguez produzida pela fumaça das folhas da planta fatídica. Colhi dados, que reputo interessantes, no concernente à parte folclórica do vício.



Todos êsses elementos foram mais tarde reunidos por mim num trabalho destinado a publicação.

O meu trabalho, longe da minha expectativa, foi muito bem recebido nos meios científicos do país.

O Prof. Dr. Pernambuco Filho, em seu livro — “Vícios sociais e elegantes”, transcreveu o meu trabalho. O notável psiquiatra Prof. Juliano Moreira, autoridade mundialmente respeitada, apontado como um dos mais eminentes sábios brasileiros, mostrou grande interesse pelo meu trabalho. Ofereci-lhe, honrado, a última separata que ainda possuía. Quando eu era diretor-geral do Serviço Florestal do Brasil, a pedido do ilustrado diretor do Hospício Nacional, repeti a cultura da *Cannabis sativa* no Horto Florestal da Gávea, séde da repartição. Ainda por solicitação do notável baiano, coloquei à disposição de um jovem doutorando em medicina os elementos de que dispunha a fim de que êle elaborasse a tese que iria defender.

Sentí-me pago do meu esforço, mas, o que me entristecia era constatar a realização da profecia que fizera quanto ao incremento do perigoso vício. De tal maneira está espalhado o vício de fumar a diamba ou maconha, que o Govêrno brasileiro teve necessidade de fazer leis coercitivas destinadas à proteção da sociedade.

Diante disso, e por se tratar de pesquisas em sua maioria realizadas em Coroatá, acho cabível transcrevê-las aquí. A parte experimental talvez fuja um tanto ou quanto da linha mestra destas despreziosas anotações, por sua natureza científica, mas, suprimi-la, seria mutilar o trabalho, o que não me parece conveniente.

No comêço da segunda semana de Março de 1916, recebi um telegrama do diretor-geral da Diretoria Geral de Contabilidade, do Ministério da Agricultura, Dr. Mário Barbosa Carneiro, determinando-me que seguis-

se para Terezina, capital do Piauí, a fim de vender em hasta pública móveis, máquinas e utensílios da recentemente extinta Inspetoria Agrícola daquele Estado.

Sucedera, no Ministério da Agricultura, ao grande estadista Pandiá Calógeras o político pernambucano Dr. José Bezerra. E, como era de praxe cada ministro fazer uma reforma, por isso ou por aquilo, o novo ocupante do palácio da Práia Vermelha não escapou à regra. Reformou o Ministério, acabando com as inspetorias agrícolas nos Estados. Teria, possivelmente, suas razões para assim agir. Não vou discutí-las.

O “gaiola” que me deveria conduzir até Caxias, amarrou no porto à noitinha. Eu, que já havia feito minhas despedidas, rumei para bordo. A barranca estava molhada e lamacenta, pois chovera durante o dia. A muito custo conseguí embarcar sem dar com os costados na lama. As peripécias do embarque neutralizaram, ou, melhor, atrapalharam as adeuses sentidos da partida. O vaporzinho apitou grosso que nem um transatlântico, as rodas dos lados deram os primeiros arrancos e as luzes dos tristes lampiões de querozene de Coroatá aos poucos foram desaparecendo.

Deitei-me na minha espaçosa tapuirana (140) e fui pensando no prazer de abraçar meus bons amigos de Caxias e na alegria de rever os meus queridos amigos de Terezina, principalmente, o Dr. Agenor Augusto de Miranda, a quem me prendia amizade fraterna, consolidada na longa jornada, cheia de passagens boas e más, através do sertão do Piauí.

---

(140) Tapuirana ou tapuerana: — tecido próprio para rede. No Piauí, eu sempre ouvi a pronúncia — tapuerana. Em linguagem popular tapuerana é sinónimo de rede: o componente dá o nome ao objeto.

## SOBRE O VÍCIO DA DIAMBA (141)

Sob o nome de diamba, liamba, maconha e mocanha, a *Cannabis sativa* L., também conhecida pelo nome de cânhamo, é cultivada em certas regiões do norte do Brasil e suas folhas são fumadas em cachimbos especiais, em que a fumaça, antes de ser aspirada, é levada em uma camada de água. O vício, que é de origem africana, tem seus adeptos principalmente nos sertões e já mereceu a atenção de médicos nortistas.

Neste trabalho, a parte experimental representa apenas o primeiro ensáio que efetuámos nêsse sentido.

### CARACTERES E OBSERVAÇÕES SÔBRE A CULTURA DA *CANNABIS SATIVA*

“O cânhamo, diz LANESSAN, é uma planta anual, dióica, erecta, ordinariamente pouco ramificada, ou tendo sòmente ramificações carregadas de flores.

As folhas são alternas, estipuladas, longamente peçioladas com o limbo profundamente partido em 3, 5 ou 9 lobos denticulados. As flores masculinas são dispostas em grupos axilares laxos, pendentes, ramificados e destituídos de folhas em sua base. Cada flor é constituída de cálice, com cinco sépalas e de androceu com

---

(141) SOBRE O VÍCIO DA DIAMBA, por Francisco de Assis Iglésias, publicado nos An. Paul. Med. Cir. IX (12): 274. 1918, ao tempo em que o Autor pertencia ao quadro técnico do Instituto Butantã.

cinco estames livres e inseridos sôbre as sépalas. As femininas são dispostas em grupos axilares perpendiculares foliosos em sua base. Cada flor é sustida por curto pedúnculo, e desenvolve-se na axila de uma bráctea longa, verde, terminada por afilada ponta. A organogenia nos mostra que esta bráctea nada mais é que uma folha atrofiada com estípulas abortadas. Cada flor feminina se compõe de perianto em forma de calice constituído de duas sépalas concrecidas, recobertas de pequenas glândulas, fuscas e tendo no centro um estilete que suporta o ovário, a princípio bi-locular e mais tarde uni-locular pelo abortamento de uma das lojas. Ovário súpero, arredondado, encimado por dois pistilos recobertos de pêlos glandulíferos. A loja do ovário que se desenvolve contém apenas um óvulo anátropo. O fruto é um aquenio envolvido pela bráctea, arredondado, destituído de albumina, contendo um espesso embrião recurvado e oleaginoso.

Sob o nome de *Cannabis sativa* L., estão reunidas duas plantas que LAMARK considerou especificamente distintas: — Cânhamo comum — o Cânhamo da Índia — a que deu o nome de *Cannabis indica*. O — cânhamo comum — é originário da Ásia central e ocidental, de onde se estendeu por todas as regiões temperadas e quentes até a Índia. A diferença entre esta, que vegeta na Índia, e a que cresce na França não é bastante considerável para justificar a separação de LAMARK, e, se é verdade que aquela da Índia é mais ativa, igualmente está demonstrado que a intensidade de sua ação varia de acôrdo com o altitude da região que habita. Extrái-se, por exemplo, na Índia, daquela que cresce a uma altitude de 1.800 a 2.400 metros, uma resina chamada — *Charas* —, que se não obtém daquela que vegeta nas planícies.

As sumidades floridas do — Cânhamo da Índia são muito empregadas neste país, onde êle forma a base do — *hachisch*. Os princípios constantes do cânhamo, mais importantes, são a resina e um óleo volátil, que são narcóticos e estimulantes do sistema nervoso.

O cânhamo é ainda importante pelo óleo que as suas sementes contém e pelas suas fibras, longas e flexíveis, empregadas desde a mais remota antiguidade na indústria têxtil.”

A observação que LANESSAN faz a respeito da altitude, como tendo influência na maior ou menor atividade tóxica ou narcótica do cânhamo *Cannabis sativa* L., parece destituída de fundamento, considerando o que observamos no Brasil. Nos Estados setentrionais brasileiros, principalmente Maranhão e Piauí observamos que as culturas são feitas nas baixadas. Em Coroa-tá, cidade maranhense que fica à margem esquerda do rio Itapicurú, fizemos nossas primeiras observações; lá visitamos uma cultura de *Cannabis sativa*, que ficava a uns cem metros da margem do rio, tão baixa que pode ser inundada pelas enchentes do rio Itapicurú. Igualmente, as culturas feitas em Codó, estão situadas em terrenos baixos e inundáveis pelas águas do rio acima citado. Entretanto, a atividade do cânhamo alí cultivado, como o nome de diamba, é considerável, determinando a loucura daqueles que têm o hábito de o fumar.

Em outras localidades onde verificamos a cultura da *Cannabis sativa*, tais como os vales do Mearim e Balsas, ela é, como aquelas citadas, feita em terrenos baixos e às margens dos referidos rios. E foi alí que encontramos, como mais adiante descrevemos, os clubes de diambistas.

O — Cânhamo — que pertence à família natural das Moráceas, é assim conhecido na Europa onde o cul-

tivam, como sabemos, para obter fibras, as quais são muito resistentes e atingem até 2 centímetros de comprimento. Na terapêutica empregam-se as sementes desta planta — *Semen Cannabis* e seu óleo é também usado na indústria.

Em o norte do Brasil, segundo o Dr. RODRIGUES DÓRIA, é ela conhecida geralmente por — Moconha — ou — Maconha —, fumo de Angola, — Liamba — e Diamba —, designação esta pela qual se conhece a *Cannabis sativa*, nos Estados do Maranhão e Piauí, onde fizemos as nossas observações, conforme acentuei anteriormente.

*Composição química:* — O cânhamo indiano (segundo COLLIN) encerra uma resina chamada *cannabis*, um óleo essencial e muitos alcalóides, tais como a colina, a trigonelina e a muscarina.

#### A CANNABIS SATIVA NO VELHO MUNDO

Diz CAMINHOÁ: — “Sob o ponto de vista da literatura botânica dizem os especialistas, dos quais alguns a denominam planta da felicidade, que o cânhamo faz as delícias dos árabes, persas, indianos, etc., por causa do estado de êstase em que ficam: depois disto adormecem, e têm sonhos eróticos e agradáveis.

A palavra *haschisch*, dizem alguns originar-se do árabe, e significa a erva por excelência, da qual separaram o *dawanse* na Pérsia, na Arábia e outros países do Oriente; suas folhas, quando não estão sêcas, servem para fumar-se à semelhança do ópio, e então produzem o narcotismo.

A lenda do velho da montanha, ou do príncipe do Líbano, da Idade Média, que realizava tudo quanto desejava, baseia-se ainda na ação do *haschisch*, de que

êle se servia para chegar aos seus fins, inclusive para fazer hecatombes dos seus desafeiçoados e inimigos, sem o menor risco, nem mesmo a menor suspeita, e tendo por instrumento, muitas vezes, indivíduos altamente colocados!"

"Para tal conseguir, fez êle construir palácio e paraísos deliciosos, onde permitia aos iniciados gozarem lascivamente de tudo quanto a mais ardente imaginação podia desejar, contanto que jurassem obedecer-lhe cêgamente; depois do juramento, logo que estavam adormecidos profundamente, eram conduzidos aos suntuosos aposentos, onde mulheres de beleza rara aguardavam seu despertar, para inebriá-los no sensualismo, cercados de tudo quanto era capaz de enlevar; ao acordarem ficavam surpresos, porém reconheciam a realidade de sua felicidade, que se prolongava até que chegava a ocasião de cumprirem sua obrigação, isto é, de obedecerem ao velho, ou de matarem alguém para poderem voltar de novo à felicidade material.

Dizem ser esta a origem da palavra assassino, modificação de *haschischimo*; êste nome foi dado de então em diante àqueles ismaelitas, que, meio embriagados, exaltados pela ação do *haschisch*, matavam a outrem."

"Contam ainda alguns literatos, que a bebida, que em casa de Meneláo fôra por Telemaco recebida de Helena para esquecer seus males, fôra também o *haschisch*.

Crê-se que o famoso remédio das mulheres de Diospolis, de que faziam elas mistérios, bem como o nepenthes de que fala Homéro, e que Helena recebera de Polymnestim é ainda a *Cannabis sativa*.

Desta planta curiosa, fazem diversos preparados mais ou menos narcóticos, e alguns tóxicos; por exem-

plo: — o *maïoon*, o *dawanase*, na Arábia, o *rupon-chari*, no Cairo, e a *diamba* no interior da Africa Ocidental (entretanto êste nome dizem ser o que dão propriamente ao cânhamo no Congo, perto do rio Zairo); os nomes *makonie* e *Makiah* são citados com alguns dos supra-mencionados pelo sábio Prof. HOOKER, como pertencendo à mesma planta na África; dando-se a particularidade de se parecerem muito com a palavra grega *mekou*, que significa a papoula, planta bem conhecida, e que é também hipnótica”.

Segudo CRIÉ, o cânhamo chamou a atenção de Dioscorides e Herodoto, que a mencionaram como planta têxtil.

#### MODO DE FUMAR A DIAMBA

O modo clássico de fumar a diamba é no cachimbo; mas isso não impede que um indivíduo ou outro a fume em forma de cigarro.

O cigarro: — Conhecemos, em David Caldas, um pobre homem chamado Raimundo, que fumava diamba em cigarros.

Era já um caso perdido: estava com o organismo depauperado, e com as faculdades mentais completamente alteradas. Era uma loucura mansa, que fazia rir, sem molestar ninguém.

Vivia Raimundo de esmolas, prestando, às vezes, certos serviços, como, por exemplo, partir lenha. Não servia para recados: esquecia-se do que se lhe ordenava, lembrando-se, no entanto, de fatos remotos, anteriores ao seu vício e portanto à sua demência.

Saía para dar cumprimento a uma ordem recebida, devendo voltar logo. Raimundo desaparecia: só depois de 2, 3 ou 15 dias é que voltava!

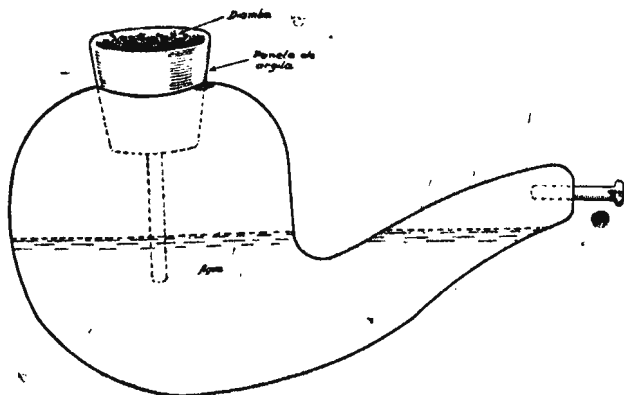


A sua principal mania era ser filho de um chefe político piauiense, e fingir que sabia ler. Tomava um jornal, de qualquer maneira, com as letras invertidas, e começava a leitura: e proferia uma série de disparates.

Queixava-se de grandes dores nas pernas, até a altura dos joelhos. Para curar-se, colocava folhas cáusticas na região gastrocnêmias onde abriam chagas enormes.

Muitas vezes dissemos-lhe que não fizesse isso. Ao que êle nos respondia, que era o único meio por quê se lhe aplacava a dor.

Vimos muitas vezes. êsse pobre homem fumando cigarros de diamba. Não notamos que se alterasse a sua loucura depois de terminado o cigarro: — era uma loucura lentamente progressiva.



O cachimbo: — O modo predileto é fumar a diamba no cachimbo, como os africanos o faziam. O cachimbo não é igual ao empregado pelos fumantes do tabaco.

Há uma cabaceira que produz uma pequena cabaca, da capacidade mais ou menos de um litro, cuja for-

ma se presta muito para transformá-la num cachimbo. Eis um dos cachimbos usados: tem um corpo quase esférico, havendo um estrangulamento para o lado em que se fixa o pedúnculo que corresponde ao canudo do cachimbo.

No polo da parte esférica abre-se um buraco do diâmetro de alguns centímetros onde se adapta uma panelinha de barro em forma de cone truncado com a base para cima, por onde se introduz a diamba; no fundo há um buraco. Na extremidade, onde há o sinal do pedúnculo, abre-se um pequeno orifício. A cabaça é cheia de água até encontrar o cano e chupa-se pelo orifício. A fumaça atravessa a água e vai à bôca do fumante.

O Dr. ALFREDO BRANDÃO, no seu livro "Viçosa de Alagôas", descreve assim o cachimbo usado em Alagôas:

"O instrumento usado para se fumar a maconha é um cachimbo de argila com um longo canudo de bambú ou taquarí, que atravessa uma pequena cabaça cheia de água, onde o jato de fumo se resfria, antes de penetrar na bôca do fumador".

#### CLUBS DE DIAMBISTAS

Os fumantes reúnem-se, de preferência, na casa do mais velho, ou do que, por qualquer circunstância, exerça influência sôbre eles, formando uma espécie de clube, onde, geralmente, aos sábados, celebram as suas sessões.

Colocam-se em tórno de uma mesa e começam a sugar as primeiras baforadas de fumaça da *Cannabis sativa*.

Depois de alguns minutos, os efeitos começam a fazer-se sentir.

O indivíduo apresenta os olhos vermelhos. Os músculos da face se contraem, dando ao rosto expressão de alegria ou dôr; a embriaguez não tarda e com ela o cortejo dos seus vassallos: o delírio aparece, a princípio agradável, dando bem estar, trazendo à mente coisas aprazíveis, vai aumentando, até a loucura furiosa que toma diversas modalidades segundo o temperamento de cada indivíduo.

Uns ficam em estado de coma, em completa prostração; os outros dão para cantar, correr, gritar; outros ficam furiosos, querem agredir, tornam-se perigosos.

Os fumadores, depois de curtirem a embriaguez, voltam ao estado normal. Isto no comêço do vício. Quando o indivíduo é um diambista habitual, mesmo depois da embriaguez, tem aspecto e modos de idiota: é um homem à margem.

O alcoolista, geralmente, não quer ser tido como tal; mas não faz muita questão de beber alcool em plena sociedade; mas o diambista, não; esconde o seu vício, vai fumar às escondidas, não quer que se saiba, nega-o sempre que é interpelado, a não ser que seja um diambista inveterado, que o idiotismo esteja apontando, implacavelmente para o seu miserável vulto: êste é fumador de diamba.

Vamos assistir a uma sessão num clube de diambistas, no vale do Mearim, próximo a Pedreiras, no Estado do Maranhão: os fumadores estão, uns em volta de uma mesa, outros deitados em suas rêdes.

As primeiras fumaçadas os olhos se injetam de sangue: os primeiros sintomas de perturbação mental se manifestam. Alguns ditos chistosos, umas gargalhadas, indicam que o pessoal começa a embriagar-se, e versos toscos, com termos africanos, saem por entre baforadas de diamba:

*"Ó diamba, sarabambal  
Quando eu fumo a diamba,  
Fico com a cabeça tonta,  
E com as minhas pernas zamba.*

*Fica zamba, mano? (pergunta um)  
Dizól Dizól (respondem todos em côro)*

*Diamba matô Jacinto,  
Por ser um bão fumadô;  
Sentença de mão cortada,  
P'ra quem Jacinto matô.*

*— Matô, mano, matô?  
Dizô, dizól*

*E dizô turututú  
Bicho feio é caittú.  
Fui na mata de Recursos*

*E saí no Quiçandú.  
Muié brigô cum marido  
Móde um pôco de bijú.*

*— Brigô, mano, brigô?  
Dizól Dizól*

*Dizô, cabra ou' cabrito  
Na casa da tia Chica.  
Tem carne, não tem farinha,  
Quando não é tia Chica  
Então é a tia Rosa.  
Quanto mais véia mais seboza,  
Quanto mais nova mais cherosa.*

*— Cherosa, mano, cherosa?  
Dizô, dizól*

*Dizô*, deve ser um termo africano que traduz a  
idéia de aprovação — sim.

E' interessante notar como, apesar de tantos anos que nos separam da escravatura, ainda acompanham o vício da diamba termos vindos com ela das costas africanas.

O nosso matuto emprega o termo sem lhe conhecer a significação. Perguntamos a um assistente dessa sessão, o que queria dizer "dizô", e êle nos respondeu textualmente: "dizô", é sutaque de gente doida..."

Os versos, recitados sem acompanhamento de instrumento musical, são ditos pelos mais fortes, mais resistentes à ação embriagadora da diamba; quanto aos mais fracos, depois de uma cachimbada cáem no chão em estado de coma: "êles si disgraçam logo", segundo a gíria.

#### EFEITOS DA DIAMBA

O nosso amigo, o ilustre médico maranhense Dr. Achilles Lisbôa, num substancial discurso pronunciado por ocasião da instalação da Sociedade Maranhense de Agricultura, em 24-2-1918, faz um pequeno, mas muito interessante esbôço do vício da diamba.

"E' interessante que cada embriagado tenha alucinações sensitivas ou sensoriais especiais, que lhe con- dizem com a mentalidade própria; se é um músico, predominam as alucinações auditivas; se é um pintor são as alucinações visuais; se um poeta, é a visão fantástica de todas as quimeras que lhe povoam a alma de artista; há casos de fenômenos delirantes de violência extrema, com impulsões criminosas, e de delírio persecutório, com idéias melancólicas, conduzindo ao sucídio. Terminada a fase do delírio, lembra-se o paciente de tudo quanto durante ela se passou, e a embriaguez é, às vezes, seguida de um sono calmo, abundante em sonhos deliciosos. Assim se exprime, no seu depoimento, o Dr. AUBERT, médico francês, que experimentou em

si próprio os efeitos da diamba: “Pendant ce temps, les idées les plus bizarres et les plus diverses me passaient par le tête avec une étonnante rapidité. Je ressentais un bien-être parfait, aucune sensation douloureuse; le passé, le présent, l’avenir n’existaient plus; il n’y avait pour moi que l’instant actuel qui m’échappait encore; c’était le “dolce far niente” le plus complet, et toujours la conscience de moi, pour en comprendre la jouissance. Puis tout se calme; l’envie de dormir me prit. Toute la nuit ne fut qu’un agréable rêve. A mon réveil, j’avais un souvenir exact de tout ce qui s’était passé la veille; ma tête n’était point lourde, je n’avais pas la bouche pâteuse comme à suite de l’opium ou du vin.”

Mais adiante, — confirmando as nossas informações, — continua o Dr. Achilles:

“O abuso da diamba, porém, como se dá entre os nossos homens de trabalho que analiso, deprime consideravelmente as funções nervosas, ao ponto de levar a um verdadeiro estado de estupidez, no qual se dissolve para assim dizer a personalidade moral. O indivíduo perde o brio, a dignidade, o sentimento do dever, e, incapaz para todo o trabalho, não busca senão (é o caso de Raimundo) obedecer à tirania do seu vício exercendo.

Mas, largando as vagas generalidades, a observação mais curiosa, que vos posso referir, para o conhecimento do perigo desta causa degradativa do nosso trabalhador agrícola, é a do caso de um francês que administrou no Codó (cidade que fica à margem esquerda do rio Itapicurú, entre Caxias e Coroatá) a fazenda do Dr. Torquato Mendes Viana, venerando progenitor do nosso ilustre juriconsulto Dr. GODOFREDO VIANA, a cuja benevolência deví os documentos da interessantíssima informação. Foi êle contratado logo após a

guerra de 1870, mediante escritura visada pelo cônsul francês. Por dois ou três anos, desempenhou êsse mister com muito zêlo, competência e absoluta honestidade.

Os escravos tinham-lhe um grande afeto, pelo modo brando porque os tratava, seguindo, é certo, nesse particular, as instruções do proprietário da fazenda. Era um espírito eminentemente organizador, metódico e equilibrado, como se depreende do modo porque agiu ao assumir a direção daquele estabelecimento. Tendo, entretanto, conhecido a diamba, de que os pretos africanos faziam uso às ocultas, começou a fumá-la, de princípio em cabaça e depois em cigarros. A mudança de sua conduta foi logo sensível. As cartas que dirigia da fazenda ao Dr. Mendes Viana, e que eram sempre muito minuciosas, a respeito do movimento da mesma, começaram a causar estranheza, pela desconexidade que lhes notava.

Com a leitura de tais disparates, resolveu então o Dr. Mendes Viana visitar a Fazenda. Imagine-se que, ao entrar no vasto páteo que lhe ficava, em frente, dá com o francês inteiramente nú, perfilado, mandando avançar colunas imaginárias, em tom de comando”.

Numa das cartas, que possuímos, encontra-se uma nota a lapis, em que o administrador faz alusão a um uniforme de sargento que lhe pertence. Essas cartas, foram-nos entregues pelo Dr. Achilles Lisbôa; elas deverão fazer parte de uma monografia, a mais completa possível, que, em colaboração com aquele ilustre homem de ciência, vamos publicar. (142).

---

(142) Infelizmente, as cartas acima referidas, perderam-se na redação dos Anais de Medicina e Cirurgia, de sorte que, ficamos sem o concurso dessa valiosa documentação. O signatário das mesmas parece que foi veterano das guerras de 1870, porque, às vezes, faz alusão a êsse episódio histórico que arrebatou, da França, a Alsácia e a Lorena. Acompanhavam o texto desenhos e espadás e outras coisas quase indecifráveis como certos quadros surrealistas da atualidade.

Terminava assim a história do veterano de 1870:

“Agravando-se-lhe o delírio, decidiu o Dr. Mendes Viana, fazê-lo partir para a capital, na esperança de que êle melhoraria em São Luís. Mas, escoando-se os meses sem que a loucura desaparecesse, entendeu-se Dr. Mendes Viana com o cônsul da França, fazendo-lhe entrega do enfermo. Foi êste embarcado num navio francês que por aquí passou. Tempos depois, recebeu o Dr. Mendes Viana uma carta sua datada já da França. Estava bom, inteiramente bom, e aludia, com acentuada mágnua, às loucuras que por aquí praticára. Acrescentava que os duros trabalhos a que a bordo o tinham submetido lhe restituíram a razão.

Alguns anos decorridos, o Sr. Inácio José de Souza, encontrando-se com o Dr. Mendes Viana, participou-lhe que estivera em Caiena com um comerciante francês, muito bem estabelecido e grandemente acreditado, que, com muitos elogios se lhe referia a êle, Dr. Mendes Viana, de quem se confessava amicíssimo, tendo estado à testa de uma fazenda sua em Codó.”

A continuação do vício traz como resultado final — a morte.

Vimos os diambistas, nos seus delírios poéticos, declamar que “a diamba matô Jacinto por ser bão fumadô.”

Não obstante isso, êsses miseráveis não têm mais fôrça para se libertar de um vício, que, por algumas horas de prazer, como são todos os vícios, lhes rouba anos de vida.

Assim como um crime atrái outro crime, um vício se une a outro vício: afinidade infernal — *Similia similibus facile congregantur*. E’ muito comum as meretrizes se rodearem de um sem número de vícios que ajudam a dar cabo da sua desregrada vida.



Como se o éter, a cocaina, a morfina, o ópio não bastassem para flangelá-las, já descobriram a diamba — a planta da loucura.

Extrema miséria: a diamba está passando das tas-cas e choupanas da gente rude para as câmaras das prostitutas!

Logo, muito logo, os moços elegantes se embriaga-rão com a diamba: e como, desgraçadamente, êles têm irmãs, o vício terrível passará a fazer parte da moda, como já o é, a mania do éter, da morfina, da cocaina etc.

A história está-se repetindo: as Helenas modernas, não deixarão de ofertar aos seus Telémacos espartilha-dos o inebriante *haschisch*, a planta da felicidade, que nós chamamos — planta da loucura.

Certos indivíduos empregam a diamba como medi-camento, em forma de chá. A diamba que se vende é acondicionada em pequenos molhos de 50 gramas.

O cânhamo é conhecido nos Estados do Piauí e Maranhão, pelo nome de Diamba, que acompanhou in-tato a planta naturalmente introduzida naqueles esta-dos pelos negros do Congo.

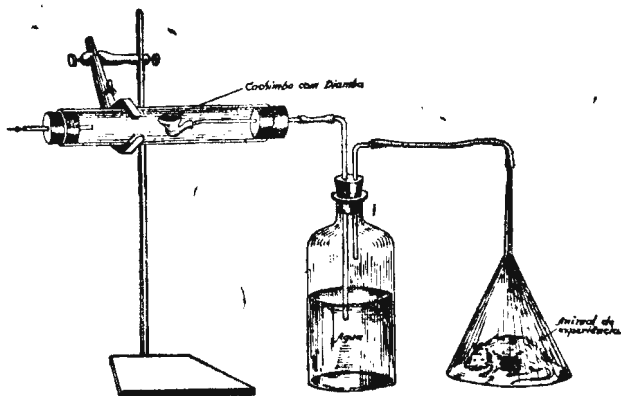
Certos termos usados nas estrofes recitadas por oca-sião da embriaguez, como acima vimos, são africanos.

### ALGUMAS EXPERIENCIAS

No intuito de estudarmos a ação tóxica da diamba nos animais de laboratório, imaginamos um aparelho em que a administração se aproximasse das condições em que a observam os inveterados fumadores.

A figura II representa o aparelho por meio do qual os animais de laboratório sofrem a ação da fumaça da diamba.

Afim de fazer passar o ar que vai ativar a combustão da diamba, levando a fumaça à sua bôca, introduz-se pelo cano "A" uma corrente de ar; o cachimbo, o que está no tubo de vidro arrolhado pelos tampões *b* e *b'*, está cheio de diamba com uma brazinha em cima e desprende, imediatamente, a fumaça, que se introduz no recipiente *d* pelo tubo *e*; a fumaça aí atravessa a camada de água contida no recipiente referido, e foge pelo tubo *g*, introduzindo-se na campânula *h*, onde está o animal em experiência.



1.<sup>a</sup> *Experiência* — *Pombo n.º 1* — Colocado diante do funil (campânula *H*), dõnde se desprendia a fumara da oriunda da combustão, observamos, depois de alguns instantes, fenomenos de excitação, caracterizados pela agitação desordenada da cabeça, movimentos de deglutição, batimento de asas etc. Estes fenomenos duraram alguns instantes, ao cabo dos quais o animal cáe e no fim de 3 minutos, fica anestesiado, com a respiração muito acelerada. Retirado da frente do aparelho

inhalador, o animal pouco a pouco vai-se restabelecendo, podendo a princípio andar, mas não podendo voar.

Depois de 15 minutos aparecem vômitos, que se prolongam: findos êstes, o animal se restabelece.

2.<sup>a</sup> *Experiência* — *Pombo n.º 2* — O animal é colocado em uma campânula afunilada (h), onde o ar pode circular de mistura com o fumo. Os mesmos fenomenos foram observados, com mais rapidez.

3.<sup>a</sup> *Experiência* — *Cobáia n.º 1* — Com cêrca de 400 gramas. Colocada diante do aparelho inhalador, durante 5 minutos apresentou sintomas semelhantes aos observados no pombo: período de excitação e período de sonolência e paralisia, com restabelecimento em 15 minutos, permanecendo num estado de torpor que foi observado durante algumas horas.

4.<sup>a</sup> *Experiência* — *Cobáia n.º 2* — Com pêso idêntico ao da primeira; foi colocada debaixo da campânula. Os mesmos sintomas foram observados, notando-se no período do restabelecimento, exagêro muito pronunciado de fenomenos reflexos.

5.<sup>a</sup> *Experiência* — *Cachorro* — Um cachorro de 1.700 gramas recebeu o produto de combustão do conteúdo de dois cachimbos, cêrca de 4 gramas de vegetal, durando a inalação uns 10 minutos. Observamos o período de excitação e a mesma sonolência e paralisia que fôra notada nos animais anteriores.

O animal permaneceu sonolento e paralizado em decúbito lateral por 8 minutos. Ao cabo dêsse tempo, levantou primeiro a cabeça, e depois de alguns minutos conseguiu colocar-se sôbre as patas anteriores, tendo, entretanto, os membros posteriores em estado de paralisia: depois de mais alguns minutos em que foi observado o movimento desordenado da cabeça, como si o animal estivesse sob a ação do álcool, conseguiu pôr-se sôbre as quatro patas.

Chamado ou enxotado, movia-se com dificuldade, muito lentamente, descrevendo zigue-zagues, como se observa nos bêbedos.

Dentro de duas horas o animal estava restabelecido completamente.

6.<sup>a</sup> *Experiência* — O líquido de lavagem foi injetado na veia de diversos coelhos em doses variáveis, desde 1cc. até 5 cc., não sendo observado sintoma algum de envenenamento. Em injeção sub-cutânea na cobáia, também não determinou fenômeno algum apreciável.

Esta parte experimental foi feita em colaboração com o nosso mestre Dr. VITAL BRASIL.

O Dr. JESUINO MACIEL fez um seu empregado e um estudante de medicina fumarem diamba. O primeiro sentiu leve tontura, ao passo que o segundo caiu em sono profundo, tendo tido durante o mesmo sonhos eróticos. O estudante era de constituição mais fraca do que o empregado.

Esta observação foi comunicada pelo Dr. MACIEL à Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo em 1-6-1915.

## CONCLUSÕES

1.<sup>o</sup>) — No norte do Brasil cultiva-se a *Cannabis sativa*, conhecida em diversas regiões, por diamba, liamba, maconha e moconha, com o fim de ser fumada por indivíduo viciados, que procuram neste vício um estado de embriaguez especial.

2.<sup>o</sup>) — Êste vício, extremamente nocivo, determina graves perturbações da saúde, que se traduzem ordinariamente por alucinações, podendo terminar por alterações mentais que levam às vezes ao crime ou ao suicídio.

3.º) — Essa espécie vegetal, com seu uso nefasto, foi introduzida no país pelos africanos.

4.º) — A sua ação tóxica verifica-se por experiências em animais de laboratório, quando a erva é administrada de modo idêntico àquele pelo qual o homem viciado o pratica.

5.º) — A água através da qual passa o fumo da diamba, não obstante a cor escura adquirida pela lavagem do fumo, não revelou toxicidade quer quando injetada sub-cutâneamente quer por via venosa.

6.º) — Medidas enérgicas de profilaxia devem ser adotadas pelos poderes competentes a fim de evitar as graves consequências da extensão desse perigoso vício.  
(143)

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — BRANDÃO, A. — Tabagismo (Tese de doutoramento), Baía, 12 de Abril de 1902.
- 2 — BRANDÃO, A. — “VIÇOSA DE AI AGÔAS”, Recife, 1914, pag. 183.
- 3 — COLLIN — Toxicologie végétale, pag. 144.
- 4 — CAMINHOÁ — Elementos de Botânica Geral e Médica.
- 5 — DÓRIA, RODRIGUES — Memória apresentada ao segundo Cong. Científico Pan-Americano, em Washington.
- 6 — LANESSAN — Hist. Nat. Médicale — V. I, pag. 1032.
- 7 — LISBÔA, A. — Discurso pronunciado por ocasião da instalação da Sociedade de Agricultura Maranhense em 24-2-1918.
- 8 — MACIEL, JESUINO — Comunicação à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1-6-1915.

---

(143) Este trabalho foi publicado, como já informal, em 1917, portanto há 32 anos eu chamava a atenção dos poderes competentes a fim de que esse vício degradante fôsse colbido.

## CAPÍTULO VII

*Novamente em Terezina — Leilão das máquinas da extinta Inspetoria — O Padre Lopes — Revolução política — “O que não farei” do candidato Dr. Eurípedes — Lutas jornalísticas — Pródromos da revolução — Três colunas em marcha — Dchandada dos aulicos — O A. é chamado ao Rio — Mau quarto de hora no Ministério — Congresso de Pecuária de S. Paulo — O “Toque” — Projeto de regresso ao Norte.*

TEREZINA recebeu-me, como sempre, festivamente e de braços abertos. O contraste entre o triste Coroatá e a virente capital do Piauí proporcionou-me horas de prazer e bem-estar. Fui hospedar-me no Pirajá, chácara em que havia funcionado a Secção de Agronomia do extinto Serviço Experimental da Borracha; era seu novo inquilino o Dr. Agenor Augusto de Miranda.

No dia seguinte visitei a séde da Inspetoria Agrícola, da infeliz Inspetoria que acabava de fechar as portas à incipiente agricultura piauiense. Aproveitei o dia para orientar-me no concernente à liquidação de tudo quanto integrava a Inspetoria. Nessa tarefa, completamente desconhecida para mim, muito me ajudou o amigo Agenor, engenheiro veterano da Diretoria do Telégrafo Nacional.

Mandei publicar, nos jornais da terra, editais convocando os senhores agricultores interessados na aquisição de máquinas e ferramentas agrícolas, a fim de participarem do leilão em que seriam vendidos, a quem mais oferecesse, todos os objetos da Inspetoria Agrícola. Aos agricultores que tivessem em seu poder, a título de empréstimo, máquina da Inspetoria, lhes seria concedida a vantagem de adquirí-las pelo preço constante do inventário.

Neste particular deu-se um fato até certo ponto engraçado entre mim, representante do Governo Federal, e o Rev. Padre Lopes, ilustre prelado e político piauiense. O Padre Lopes, que às virtudes sacerdotais reunia as de adiantado agricultor, tinha em sua fazenda algumas máquinas emprestadas pela Inspetoria. Desejava, de acôrdo com o edital, comprá-las, mas alegou-me, candidamente, que as máquinas já estavam um tanto desgastadas, e que por isso eu deveria fazer um abatimento no preço de inventário.

— Mas Reverendo, quando as máquinas lhe foram emprestadas, não eram novas? não estavam perfeitas?

— Sim, senhor, eram novas — respondeu-me sinceramente, sem subterfúgio.

— Pois então, como posso eu reduzir o preço de máquinas que se desgastaram ao serviço do próprio interessado em adquirí-las? Por mim, oferece-las-ia, gratuitamente, como prêmio aos dedicados agricultores iguais ao Rev. Padre Lopes.

— O senhor tem razão. Fico com as máquinas.

Quando lhe entreguei o recibo relativo à importância das mesmas, abraçou-me com visível simpatia, e, sorrindo, disse-me:

— Olhe, moço, se algum dia eu fôr presidente da República, você será meu ministro da Fazenda.

— Agradeço-lhe, penhorado, pelo sentido amável do conceito.

Tornamo-nos bons amigos. Aliás, nossa amizade começou quando êle me encontrou, no Centro Agrícola "David Caldas", em 1914, na rabiça de um arado, ensinando os caboclos da redondeza a lavrar terra. — terra do seu amado Piauí.

O leilão ia correndo normalmente, quando surgiu uma dificuldade com que eu não contava. Recebí um telegrama sêco, imperativo, do Ministro da Agricultura, mandando-me que, incontinenti, me recolhesse à minha séde. Fiquei estupefato! Mostrei-o ao Agenor, cujo bom-senso sempre admirei.

— Que é que você me diz a isso? Que devo fazer?

— Não se aflija; naturalmente você está sendo vítima de intrigas políticas.

— Mas, como? se nunca me metí nessa coisa?

— Em todo caso, calma.

— É o que não me falta; mesmo porque, quem não deve não teme. Como, porém, vou deixar tudo que estava fazendo assim no ar? O leilão vai levar o diabo, e o prejuízo será completo. Ao menos me autorizasse a distribuir gratuitamente aos agricultores todas as máquinas e demais objetos da Inspetoria Agrícola.

— Antes de mais nada, você vai responder ao telegrama do Ministro.

— Pois, sim, vou redigí-lo.

Eu, que já andava meio enjoado das peças que o Ministério me vinha pregando, redigí um telegrama meio duro. Submetí-o à censura do Agenor. Êste, criteriosamente, aparou-lhe umas tantas arestas. Infelizmente perdi a cópia; mas, ficou-me gravada na memó-



ria a essência dêle. Mais ou menos, o telegrama ao Sr. Ministro dizia:

“Em resposta honroso telegrama de V. Excia. cumpre-me levar conhecimento de V. Excia. que leilão máquinas extinta Inspetoria Agrícola está em meio. Interromper trabalhos momento redundará prejuizo cofres públicos. Portanto consulto V. Excia. devo abandonar tudo ou não. Respeitosas saudações.

a) *Francisco de Assis Iglésias*”

Esperei 4 ou 5 dias, e nada de resposta do Ministro. O Agenor, então, aconselhou-me a prosseguir na tarefa de que estava incumbido. Disse-me êle que, quando o Ministro não responde, o funcionário deve continuar no desempenho de sua missão.

Continuei os trabalhos até o fim: vendí tudo que pertencia à Inspetoria e fechei-lhe as portas. Triste incumbência foi a minha. Para honra dos agricultores piauienses devo declarar que todas as máquinas agrícolas foram vendidas em leilão por maior preço que o do inventário. Quanto às que se encontravam em mãos de sitiantes ou fazendeiros nenhuma foi devolvida: todos, pressurosos e com a melhor boa vontade, entraram com as respectivas importâncias. Êste fato vem provar eloquentemente que outra deveria ter sido a reforma do Ministro da Agricultura: espalhar máquinas agrícolas a baixos preços, por todos os cantos do Piauí. Para isso, em vez de extinguir a Inspetoria, dar-lhe, a par de uma feição mais prática, maior amplitude.

Terminado o leilão, vamos vêr por quê o Ministro me enviou aquele intempestivo telegrama.

## REVOLUÇÃO NO PIAUÍ

A política do Piauí estava fervendo: por toda parte só se falava nas eleições para governador do Estado, e o que dava uma nota fora do comum era o fato da desinteligência de dois velhos correligionários e figuras primaciais do partido: Drs. Miguel Rosa e Antonio Freire. Cada um queria impôr o seu candidato e como não chegassem ao acôrdo que determinaria o candidato único, os velhos amigos romperam. Dois eram, portanto, os candidatos: o desembargador Dr. Antonio Costa, candidato governista e o Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, candidato da opposição. Os dois eram homens dignos. (144) Os candidatos no aniversário natalício do Senhor Presidente da República, Dr. Vencesláu Braz, aproveitaram o ensejo e passaram telegramas felicitando o Chefe da Nação. Aos dois o Senhor Presidente da República, amavelmente respondeu, fazendo-lhes votos de felicidade. Os senhores candidatos, para efeitos políticos, deram publicidade em seus respectivos jornais ao telegrama honroso visando, naturalmente, impressionar o eleitorado. Mas, deu-se o que se verifica em mecânica aplicada: Duas fôrças iguais, em sentido contrário, se anulam. O barulho todo era produzido pelos correligionários. A imprensa, de lado a lado, trazia os candidatos e adeptos pela rua da amargura, arrastando-os pelos cabelos em prosa e verso. O nariz do Dr. Abdias Neves, homem de talento invulgar, pagou o pato. Apareceu um pseudo Rostand que cantou, em versos de todos os metros, o apêndice nazal do Cyrano da Chapada do Corisco. Outros escribas, para atormentar o Dr. Eurípedes de Aguiar, desandavam a xingar o Visconde do

---

(144) O Dr. Eurípedes de Aguiar ainda está militando na política piauiense.

Parnaíba, antepassado do candidato, que, segundo as más línguas, foi um presidente da Província do Piauí, meio ríspido e autoritário. Francamente, causava pena vêr malbaratar talento dessa maneira.

O Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, além de médico ilustrado de grande reputação profissional, era um ironista implacável. Falando ou escrevendo, manejava o estilete pontiagudo da ironia com a mesma facilidade com que se utilizava do escalpelo para dissecar a carne do próximo. Não perdoava seus adversários políticos; às vezes, palestrando, nem os seus correligionários escapavam: praticava nestes para ter o golpe mais seguro naqueles.

A plataforma política do candidato da opposição foi uma bomba: plataforma às avessas. Todos os candidatos ao executivo federal ou estadual costumavam ler, num banquete oferecido pelos partidários, o programa de govêrno, as promessas dirigidas ao povo, com referência às coisas que tinham intenção de realizar, se fossem eleitos, em beneficio do próprio povo.

Quase sempre essas promessas não se cumpriam: ficavam no tinteiro, ou, melhor, saiam do tinteiro para o papel, mas não se efetivavam.

Pois foi assim: o Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar apresentou uma plataforma às avessas: *O que eu não farei*. E desandou um rosário de coisas feias e de fatos condenáveis, que, pelo jeito, os governantes presentes e passados haviam praticado contra o interesse do Estado, e que êle não praticaria. Nada disse do bem que tinha em mira fazer, mas, sim, enumerou *tintim-por tintim* o mal que não faria. Os amigos bateram-lhe palmas à originalidade e os inimigos (não fossem inimigos) desancaram-no pelo escárnio, que, no dizer dêles, era lançado no rosto dos piauienses dignos

das tradições honrosas da terra de David Caldas. Eis, na íntegra, a plataforma do candidato da opposição:

## “PROGRAMA AS AVESSAS

### *O que eu não farei*

Como candidato a governador do Estado na próxima eleição e em obediência à praxe, apresentarei, quando me parecer conveniente, o meu programa político aos amigos que levantaram a minha candidatura e ao eleitorado piauiense.

Ao sr. Miguel Rosa, que tão ansioso se mostra pelo aparecimento da plataforma política do candidato oposicionista e insistentemente me pergunta o que farei como governador, suponho não dever a mínima satisfação. Apesar disto, tomei a resolução de vir, sem demora, ao encontro da curiosidade de S. Excia. dando-lhe uma resposta às avessas, dizendo-lhe, não o que pretendo fazer, mas o que não farei, se os sufrágios dos meus concidadãos me levarem à suprema direção do Estado.

Essa resposta de detrás para diante é endereçada exclusivamente ao Sr. Miguel Rosa e, quando outra utilidade não tenha, servirá, estou certo, para fazer subir, momentaneamente, ao menos, uma onda de sangue às faces macilentas do biltre que, há quatro anos, escarnece do povo piauiense.

Aí vai em linguagem clara, em termos concisos, o que eu não farei, se for governador:

1.º — Não trairei aos meus compromissos, não pagarei o bem com o mal, nem venderei os meus amigos.

2.º — Não desrespeitarei os tribunais, não desacatarei os juizes, não mandarei espingardeá-los, nem, tampouco, procurarei por qualquer forma, desviá-los da trilha do dever e da justiça.

3. — Não farei nomeações de juizes contra expressa disposição de lei, prejudicando aos que tiverem direitos adquiridos, para satisfazer afeições ou ódios particulares ou políticos.

4.º — Não impedirei com sofisma a execução fiél das sentenças dos tribunais, mesmo que elas prejudiquem os meus interesses ou os interesses dos meus amigos.

5.º — Não perturbarei a autonomia dos municípios, mandando depôr concelhos legalmente constituídos ou negando garantias às autoridades municipais.

6.º — Não lançarei mão da fôrça pública, dos cofres do Estado, do fisco ou de qualquer outros meios de coação ou suborno para influenciar sôbre os pleitos eleitorais.

7.º — Não restabelecerei a pena de morte, mandando a fôrça policial fuzilar bárbara e friamente aos Pedros Biuns.

8.º — Sob o pretexto de reprimir desordens, não mandarei a fôrça pública cometer assassinato em massa, trucidar bandos de ciganos e confiscar-lhes sumàriamente os bens, deixando dezenas de viúvas e orfãos ao desamparo, na mais completa miséria.

9.º — Não mandarei empastelar e incendiar os jornais oposicionistas.

10.º — Não meterei padres no xadrez do quartel de polícia, nem ordenarei o espaldeiramente de sacristião.

11.º — Não torturarei presos, no cárcere, nem obrigarei indivíduos, detidos para averiguações policiais, a confessarem crimes que não cometeram à fôrça de pan-

cadás, fome, sede, anjinhos, verrumas, ferro em brasa e outros suplícios inquisitoriais.

12.º — Não consentirei que continuem a vestir a farda de soldados de polícia, criminosos pronunciados ou sentenciados.

13.º — Não permitirei que soldados de polícia exerçam funções de criados ou trabalhem nas roças dos meus protegidos.

14.º — Não concederei nem sancionarei privilégios escandalosos manifestamente lesivos aos interesses do Estado e do povo.

15.º — Não permitirei que o fisco espolie os contribuintes com impostos excessivos, inconstitucionais ou injustos.

16.º — Não me afastarei dos meus hábitos de trabalhos e economia e, sim, não me entregarei à ociosidade nem farei despesas excessivas, em manifesta desproporção com os meus recursos.

17.º — Não irei, nem mandarei os meus parentes passearem no Rio de Janeiro, à custa dos cofres públicos.

18.º — Não farei agiotagem com os ordenados do funcionalismo e com o soldo das praças de polícia.

19.º — Não terei o procedimento cínico de receber, em dia, os meus ordenados e mandar pagar, também, em dia, os meus parentes e protegidos, deixando a grande maioria do funcionalismo em atraso e forçada a vender seus magros vencimentos, por preço vil para não morrer de fome.

20.º — Não cometerei o crime de moeda falsa, emitindo e fazendo circular como dinheiro apólices ilegais.

21.º — Não praticarei a deshumanidade de arrancar o pão da boca dos loucos e dos enfermos indigentes, desviando, para fins inconfessáveis, as quotas de lote-

rias destinadas ao Asilo de Alienados e ao Hospital de Caridade.

22.º — Não perpetrarei o crime monstruoso de meter cínicamente no meu bolso as esmolas que a União, os Estados ou particulares mandarem para socorrer as vítimas das sêcas.

23.º — Não serei um continuador do Sr. Miguel Rosa, nada farei do que êle tem feito, não adotarei, portanto, um só dos seus originaes processos administrativos e políticos, com os quaes S. Excia conquistou a incomensurável e tristíssima celebridade de que goza no País inteiro!

(a) *Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar.*”

O povo foi às urnas. Dizem que o candidato do governo teve 7.000 votos e o da opposição cêrca de 1.000. Porém, queixava-se esta de “fraude inomináveis”. Os protestos surgiram por toda a parte. E os ânimos foram-se exaltando cada vez mais. A palavra revolução começou a ser sussurrada de ouvido a ouvido, depois pronunciada com mais desembaraço e finalmente pelas ruas e praças clamava-se a plenos pulmões — “só revolução dará um jeito nisso”.

Ouviam-se pelos arraiais da opposição frases como estas: — “Se o Governo Federal não nos der apôdio, o papoco é certo”. “Desta vez o páu come de verdade, não tem conversa, não”.

Não tomei parte na luta política em questão, por vários motivos:

a) por não ter o menor pendor pelas disputas políticas, pois meu espírito sempre se voltou para o estudo das ciências naturais, que, longe de separar os homens, mais os une;

b) como funcionário federal, no cumprimento de meu dever, não me seria lícito, mesmo que o quisesse,

imiscuir-me em assuntos políticos longe de meu colégio eleitoral;

c) finalmente, porque nas duas facções antagônicas, eu já tinha a honra de contar com bons amigos: de um lado, o candidato governista desembargador Antonio Costa é o Dr. Miguel Rosa, cujo mandato estava a terminar; de outro, o Dr. Eurípedes de Aguiar, candidato oposicionista, um competente e dedicado médico que me arrancou das garras da terçã maligna em Floriano.

Pelo exposto, fácil seria compreender minha atitude apolítica. Mas assim não aconteceu, daí o telegrama do Ministro da Agricultura mandando que me recolhesse à séde de minha repartição.

A minha imparcialidade não modificou meus hábitos: à noite, após o jantar, como sempre, visitava o Governador.

Interessante: à medida que as coisas iam ficando pretas para a situação, os amigos e os compadres do Governador iam rareando nos salões do Palácio. Eu, que não tinha nenhuma inclinação para a política, como já disse, diante dos fatos que presenciava, sentia aumentar a minha aversão por essa coisa que só almeja o poder ou estar junto aos poderosos.

A oposição, que estava no firme propósito de mudar a política do Estado, desenvolvia grande atividade. Contava com o velho Jornal da Oposição, "Correio de Terezina", de propriedade do Sr. Joaquim Gomes Ferreira. Para ajudá-lo na campanha, foi fundado mais um que recebeu o significativo nome de "Habeas-Corpus". O nome dêste jornal revelava propósitos e armas de combate da oposição, como mais tarde veremos. Fora do Piauí, na Capital da República, contava com o apóio irrestrito do notável jornalista Felix Pacheco, proprietário do "Jornal do Comércio" — uma verdadeira potên-



cia. O Sr. Felix Pacheco era deputado federal eleito pelo partido majoritário, que tinha como chefe o Dr. Miguel Rosa. Achando, naturalmente, que não lhe ficaria bem combater o partido com as armas que o mesmo lhe havia conferido, num jesto de elegância política, renunciou à cadeira de deputado e, desassombradamente, rompeu com o govêrno do Piauí.

No interior do Estado, foram organizadas três colunas de guerrilheiros, que deveriam marchar sôbre a capital; nesta, a ação de uma quarta, que no caso seria a quinta coluna, preparava o terreno solapando a possível resistência. A bandeira da revolução fôra desfraldada. A par da attitude intrépida dos revolucionários, notava-se a frouxidão da polícia estadual, que visivelmente demonstrava não querer brigar. Só um homem mostrava-se digno de seus adversários — era o governador Miguel Rosa. Em desespêro de causa, mandou fortificar o Palácio — velho casarão — com o fim deliberado de resistir, nem que fosse com um punhado de soldados fiéis.

A coluna do sul teve por séde Floriano, cidade onde o Dr. Eurípedes de Aguiar exercia as funções de prefeito e médico, desfrutando por isso de grande prestígio pessoal. A coluna do norte formou-se em Parnaíba, segunda cidade do Estado; foi sua alma-mater a poderosa família Veras, inimiga irreconciliável do situacionismo.

Conheci pessoalmente o Coronel Franklin Veras. Era um velho bonito: estatura acima de mediana, tez branco-vermelha, olhos azuis, cabelos e bigodes completamente brancos como um capulho de algodão — tipo perfeito do dolicocefalo. O mais interessante é que o Cel. Veras não tinha o sotaque próprio do nortista da região: falava aos arrancos, quase que destacando as

sílabas dos vocábulos, enérgicamente, qual militar prusiano a comandar sua tropa.

Palestramos muitas vezes na esquina de sua casa comercial, como no tempo em que Humberto de Campos, sobrinho do Cel. Veras, exercia as funções de caixeirinho (145). Aí tive, também, o prazer de conhecer um dos filhos do Cel. Franklin — o Dr. Nestor Veras, formado em direito. Tal pai, tal filho: um germânico perfeito, destoando do tipo comum do nortista. Até no modo de falar puxou pelo pai! O Dr. Nestor Veras foi o organizador e comandante da Coluna do Norte. (146) A coluna do centro comandada pelo deputado

---

(145) Conta Humberto de Campos em suas Memórias, primeira parte, pags. 256-257, que à tarde se reuniam à esquina do estabelecimento comercial velhos políticos para comentar os acontecimentos nacionais, e constantemente era chamado pelo tio para trazer água afim de mitigar a sede dos contendores. Ele como se passava a cena, contada pelo ilustre literato:

— “Seu” Humberto? — gritava meu tio — traga daí um canéco d’água! Eu abandonava a leitura toda, fechava precipitadamente a gaveta, ia ao fundo da loja, mergulhava no pote de barro o frio canéco de folha, e levava-o, segurando-o pela asa, ao meu tio, na calçada. Minutos depois, outro grito:

“Seu” Humberto? Ó menino? Olhe aqui um canéco d’água para “seu” Sebastião Seixas!

A cena repetia-se. Leitura abandonada. Gaveta fechada. As pressas. Canéco mergulhado no pote. E eu, à porta, com êle, molhando a garganta seca dos partidários de Gilcério.

Ao fim de algum tempo, comecei a usar de uma represa-lia, a única possível na emergência, e compatível com minha idade. Quando meu tio gritava:

— “Seu” Humberto? Traga daí um canéco d’água!

Eu corria ao interior da loja, e voltava com a água. Mas, em caminho, vingava-me: cuspi dentro.

Animado com a discussão, o palestrador nem olhava a espuma que ia à superfície do líquido. Bebia, jogava o resto na rua, e devolvia-me o canéco sem olhar-me e sem, sequer, uma palavra de agradecimento. Davam-me trabalho. Mas bebiam cuspo.”

Felizmente, no tempo em que eu palestrava na esquina da loja do tio de Humberto de Campos, este já andava longe de Paranaíba.

(146) Se o Dr. Nestor Veras não tivesse feito brilhante carreira na magistratura (atualmente é desembargador no Estado do Maranhão), diria que havia errado na escolha da profissão, pois tudo nele denotavam um homem para a carreira militar.

estadual Constâncio Carvalho foi organizada em Jai-cós, de onde partiu sôbre a capital.

Que se fazia em Terezina, enquanto os revolucionários se preparavam febrilmente? Nada, ou quase nada. Alguns soldados, sob a direção do Sr. Charles Jourdan, reservista do exército francês, abriam trincheiras em frente do Palácio do Govêrno. Certo dia, ecoou pela cidade a notícia, logo confirmada, que os revolucionários marchavam sôbre a Capital. "Nestor Veras vem de marcha batida à frente de seu batalhão"; "o Cel. Carlindo Nunes vem descendo o rio em barcas repletas de "cabras" de chapéu de couro que não contam com a desgraça"; "o Constâncio, com o seu pessoal disposto ao que der e vier, vem de cabeça baixa." Era o que se ouvia por toda parte. A polícia em vez de se organizar, e ir ao encontro do inimigo em lugares estratégicos, modorrava na cidade. Quall não queria brigar, "não queria consumição pra sua cabeça, não", isto é, não queria saber de prebendas.

O governador percebendo a atitude dúbia da polícia, tratou, por sua vez, de reunir os seus "cabras", que foram alojados na igreja do Amparo, situada, como o Palácio do Govêrno, na Praça Marechal Deodoro. Para que os santos não fossem profanados e não se vissem constrangidos a ser testemunhas de atos nada religiosos, foram, cautelosamente, retirados pelo vigário. Esse pressentimento do Sr. Governador foi confirmado pelo procedimento da polícia, pois, na hora em que a situação chegava ao seu climax, os oficiais arrancaram o bocal das cornetas, para que não fosse possível o toque de reunir, e grande parte dos integrantes da fôrça pública fugiu para a próxima cidade do Livramento, livrando-se assim dos inconvenientes da revolução, (com perdão do trocadilho).

A população, alarmada, atravessava o rio e ia refugiar-se em Flores. Pequena parte da população, talvez um terço, pois a vizinha cidade não comportava mais.

Enquanto essas coisas se passavam na terra piauiense, Felix Pacheco, no Rio de Janeiro, não descansava, não perdia tempo, procurava uma solução dentro da lei, envidava todos os esforços para que não fosse derramado o sangue generoso de seus coestaduanos. Graças a Deus, foi encontrada uma solução apropriada e legal.

No dia 24 de junho o Egrégio Supremo Tribunal Federal concedeu, a requerimento do Sr. Felix Pacheco, uma ordem de "habeas-corpus" para que os deputados da oposição pudessem reunir-se no congresso. O Dr. Miguel Rosa vendo a partida completamente perdida, só, em Palácio, completamente abandonado pelos seus correligionários, resolveu deixá-lo: saiu galhardamente intrépido, empunhando um rifle 44, levando pela frente esposa e filhas em direção ao quartel da 35.<sup>a</sup> Companhia do Exército Nacional, onde ficou honrosamente exilado. O governo ficou acéfalo; enquanto isso, os deputados da oposição reconheceram o seu candidato ao governo do Estado — Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar.

Nota pitoresca: no Palácio abandonado ficou a ordenança, cabo Florêncio; como não se conformasse em ficar sem função, dirigiu-se à casa do Dr. Lucrécio Avelino, onde estava hospedado o Dr. Eurípedes de Aguiar, e apresentou-se:

— "Pronto, seu governador, a ordenança cabo Florêncio está às suas ordens."

E desde aquele momento, em verdade, o novo governador começou a dirigir os destinos do Piauí. Sem irreverência, foi o cabo Florêncio que se incumbiu, como agente do caso caprichoso, de transmitir as altas

funções de governador reconhecido pelo congresso estadual. A não ser assim, o Piauí teria estado acéfalo desde o dia 24 de junho a 1.º de julho em que, solenemente, em Palácio, o Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar empunhou as rédeas do governo. E em verdade assim foi, pois, o episódio acima narrado — absolutamente verídico — não passou de uma nota alegre, peculiar a todos os dramas. O novo governador manteve o cabo Florêncio no posto de ordenança, aliás, bem merecido. Se êle soubesse francês e conhecesse história, teria exclamado: — *Le roi est mort, vive le roi!*

As colunas chegaram coesas e disciplinadas. Alojaram-se na cidade, a do Norte, no Teatro 4 de Setembro; a do Sul e a do Centro no quartel de polícia, onde confraternizaram. Não houve o menor distúrbio, as famílias não sofreram a mais leve desatenção, os adversários políticos não passaram por constrangimento de espécie alguma, como se tudo não fôra mais do que uma desinteligência em família. Por isso, deixo aqui minhas homenagens aos revolucionários piauienses de 1916, pelo cavalherismo de seu comportamento, pela fidalguia com que trataram os adversários vencidos. E assim, terminou a revolução piauiense de 1916.

Devo acrescentar ainda que o movimento revolucionário não perturbou a marcha do meu trabalho. Vendí em leilão todos os utensílios da extinta Inspeção Agrícola. Quando estava ultimando o relatório para enviá-lo ao Ministério da Agricultura, recebi outro telegrama do Sr. Ministro, que me deixou também atônito, mas desta vez, pela afabilidade dos termos:

“Iglésias.

Terezina — Piauí.

Venha preparado para servir em outro Estado.

a) *Jové Bezerra*

Ministro da Agricultura”.

Seguí para Coroatá, séde da minha repartição. Encontrei na direção da Estação Experimental do Algodão, o Engenheiro Agrônomo Marques.

Mostrei o telegrama do Sr. Ministro chamando-me ao Rio. Concordou, naturalmente; mas, como o Sr. Ministro se havia entendido diretamente comigo, não me deu a requisição para o passe. Ponderei-lhe, respetosamente, que não me cabia culpa no caso, pois não estava em mim proibir que o Sr. Ministro me dêsse ordens diretas. Não pude demovê-lo de seu firme propósito. Apresentei-lhe minhas despedidas e disse-lhe que seguiria no próximo vapor.

A passagem de Coroatá a S. Luiz custou-me 80\$000. Desta telegrafei ao Sr. Ministro solicitando-lhe, com a devida vênia, suas dignas providências a fim de ser-me remetida, com tôda urgência, uma requisição de passe no Lóide Brasileiro. No dia seguinte a respectiva agência estava autorizada a conceder-me a passagem. Seguí no vapor "Ceará".

A viagem seguia serena e calma; de repente, na altura de Natal, recebemos a notícia que havia sido torpedeado um navio inglês, não muito longe do nosso rumo.

À noite navegamos com luzes apagadas. Resmunguei com os meus botões: decididamente estou sem sorte. Quem sabe lá se sou o Jonas desta embarcação? Exausto pela emoção de tanta coisa nova para mim, adormeci profundamente. Amanheceu um dia lindo; com a fuga das trevas, desapareceram também os máus agoiros. Daí por diante a viagem correu esplendidamente. Os únicos *submarinos* que avistamos foi um grupo de baleias a esguichar agua pelos ares. Afinal, avistei o Pão de Açúcar, o Corcovado e outros acidentes orográficos meus conhecidos: estava no Rio de Janeiro.

No Ministério da Agricultura, ouvi as opiniões mais desencontradas sôbre o Ministro. Numa coisa, porém, todos estavam de acôrdo — o homem era ríspido no trato. Procurei o Chefe do Gabinete, Dr. Gracho Cardoso, e me apresentei.

— O Sr. Ministro quer falar com você — foi logo me dizendo. Você parece que não queria vir mais do Piauí!

— Não é bem assim, doutor — gaguejei eu; precisava terminar o serviço que estava fazendo.

— Bem, vamos ao Gabinete.

Lá, naquele vasto gabinete do Palácio da Praia Vermelha, estava o Ministro José Bezerra sentado no tope de enorme mesa. Nas cadeiras, nos cantos do salão, sentadas, as partes aguardavam a sua vez. O Dr. Gracho mandou que me sentasse e foi falar ao Ministro. Êste de longe fitou-me os olhos indagadores. Estremeci, e murmurei então por dentro: E' hoje, "seu Chico: você está frito"

Nisto levantou-se a pessoa com quem falava, e êle, num gesto rápido, acenou-me que me aproximasse, preterindo todo mundo.

— Então, "seu" revolucionário — foi dizendo à queima roupa — sente-se e vamos conversar. Que V. andou fazendo no Piauí?

— Em primeiro lugar, Sr. Ministro, tenho a honra de informar a V. Excia. que não me imiscuí na revolução piauiense. Limitei-me a vender em leilão os utensílios da extinta Inspetoria Agrícola.

— Eu sei, eu sei.

E, sem que eu nem por sonho o esperasse, perguntou-me de chofre:

— Você já tomou café?

— Ainda não, Sr. Ministro — respondi sem atinar o que aquela pergunta significava.

— Pois bem, então V. vai tomar um cafézinho comigo.

Chamou um contínuo e mandou trazer café para dois. Mas, então o homem que me estava tratando daquela maneira, era o ferrabrás que trazia os mais graduados diretores com a pulga atrás da orelha?

Poucos minutos depois o café chegou. A gentileza do Ministro Bezerra, gentileza paternal, deixou-me mais ou menos à vontade.

— Eu vou mandar V. a Pernambuco, à Estação de Escada. É minha terra e por isso quero mandar gente boa para lá.

— Muito obrigado, Sr. Ministro. V. Excia. está sendo muito generoso comigo.

— Bem, você descanse uns dias, depois me apareça.

Contei-lhe a história da exclusão do meu nome da folha depagamento, e manifestei-lhe o desejo de visitar minha família em S. Paulo. Para compensar o prejuízo mandou dar-me uma ajuda de custo, que recebi em três tempos. Eu estava encantado com o Ministro Bezerra.

O Dr. Miguel Calmon, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, sabendo que eu seguiria viagem para S. Paulo, convidou-me para fazer parte da comissão que representaria a Sociedade no primeiro congresso de pecuária organizado pela Sociedade Paulista de Agricultura. Estou relatando êste fato, não por vaidade, mas porque êle constituiu um marco interessante na minha vida profissional. Integravam a comissão três membros; o Dr. Ildefonso Simões Lopes, deputado pelo Rio Grande do Sul; o Dr. Eduardo Cotrim, ilustre zootecnista fluminense, e o rabiscador destas linhas. Nessa comissão teve início a amizade que me ligou a êsses dois notáveis brasileiros, principal-



mente ao Dr. Simões Lopes, que foi para mim um verdadeiro pai.

Não resisto à tentação de transcrever aqui a notícia que a revista "Brasil Agrícola" publicou em o número de Setembro de 1916. Quando nada seja, terá o valor de um documento comprovando os esforços do modesto funcionário público, que, mesmo sem receber parte de seus vencimentos, e fora das vistas dos superiores hierárquicos, sabia cumprir o seu dever.

### "O CONGRESSO DE PECUÁRIA EM S. PAULO

Como estava anunciado, realizou-se na capital do grande Estado do Sul o Congresso de Pecuária, promovido pela Sociedade Paulista de Agricultura, despertando muito interesse nos que nele tomaram parte. Além de muitos criadores, compareceram todas as autoridades, inclusive o Exmo. Sr. Presidente do Estado, zootecnistas e a delegação da Sociedade Nacional de Agricultura, composta dos Srs. Drs. Eduardo Cotrim, Simões Lopes e Francisco Iglésias.

O Dr. Eduardo Cotrim foi aclamado Presidente dos trabalhos do Congresso, que se inauguraram no dia 18 de Setembro.

O nosso ilustre colaborador Sr. Dr. Francisco Iglésias, que teve também a fineza de nos representar naquele certamen, teve ocasião de fazer importantes comunicações sobre a pecuária do Piauí. Entre elas devemos citar os estudos sobre a "Origem do Gado Caracú", a "Moléstia do Toque", a "Destruição das moscas nas esterqueiras".

Trabalhos todos originais e muito bem estudados sob o ponto de vista prático e científico, mereceram as mais elogiosas referências, não só dos congressistas, como da imprensa diária de São Paulo.

A falta absoluta de espaço, infelizmente, priva-nos de aqui transcrever alguns dêles, mas prometemos fazê-lo no próximo número do "Brasil Agrícola".

("Brasil Agrícola", pag. 273 — Setembro de 1916. Rio de Janeiro).

Vou transcrever uma das comunicações que fiz ao Congresso de Pecuária, por ser a que mais se coaduna com a natureza destas notas e observações, referentes ao norte do país.

#### "O TOQUE".

E' comum no vale do Uruçuí e Gurguéia o gado ficar "tocado". Os vaqueiros não sabem a causa do mal. Sabem tão somente que o gado "tocado", deve ser transladado para outra malhada.



no barrete

Quando o gado "toca" na malhada "A", por exemplo, deve ser transferido para a malhada "B". Em aí chegando, êle em pouco tempo melhora e sara completa-

mente; mas, se por ventura permanece por muito tempo na malhada "B", êle de novo "toca", tornando-se necessária sua mudança para outra qualquer malhada, que, às vezes, pode mesmo ser a primitiva malhada "A", para que se restabeleça. Diante dêstes fatos, que me foram relatados, sempre sem contradições, pelos vaqueiros, pareceu-me fraca a hipótese de que se tratasse de uma moléstia parasitária, porque nem todas as moléstias parasitárias até agora conhecidas, são curáveis com a simples mudança de pastos, onde o clima é o mesmo, onde o meio é o mesmíssimo.

Para crer que se tratasse de uma erva venenosa que estivesse intoxicando o gado, não compreenderia que o gado na malhada "B" recuperasse a saúde, para mostrá-la alterada mais tarde, sofrendo a mesma moléstia que antes.

Procurei conhecer a etimologia, a origem do nome "toque", dado pelo sertanejo ao gado assim doente. Nós sabemos que o nosso sertanejo tem muito de ameríndio, quer em seu sangue, quer nos hábitos de compreender as coisas. Como êste, êle procura designar sempre um objeto segundo uma observação direta, embora seja às vezes errônea, procura enfim, e o consegue, dar o nome com certa propriedade.

O gado que come sal nas encostas dos morros, tanto lambe, que chega a fazer grandes tocas, buracos, e é sempre no gado que come o sal *in natura* nas tocas, que aparece o "toque". Daí, naturalmente, o nome da moléstia. Enveredei, portanto, as minhas pesquisas nêsse sentido.

**Sintomas:** — O gado *vacum*, quando fica "tocado", em primeiro lugar mostra-se triste, pele eriçada, especialmente no pescoço, e emagrece de mais em mais; os dentes amolecem e a morte sobrevem caso não seja *incontinenti* transferido de pasto ou malhada.

*Causa que determina o "toque"*: — O gado aqui é criado ao "Deus-dará": não se lhe dispensa o menor cuidado; da parte do vaqueiro o gado não recebe o mínimo trato; o gado vê o seu vaqueiro somente quando vai receber o sinal do proprietário na orelha direita e na esquerda o da era de seu nascimento; mais tarde, quando é ferrado, marcado a ferro em brasa na anca; e finalmente no momento de ser entregue ao consumo.

O número de vezes que o vaqueiro tem contacto com seu gado é muito limitado, para felicidade do pobre animal, pois seria melhor que não houvesse nenhum, tal o modo primitivo e brutal com que é tratado.

O sal, que é um alimento indispensável ao organismo dos herbívoros, não é ministrado pelo vaqueiro aos bois e vacas sob sua guarda e proteção. Os animais levados pelo instinto natural descobriram que nas serras que limitam os vales dos rios e seus afluentes, misturado com a terra, há sal, e eles começam a lamber, a lamber tanto, que formam tocas tamanhas, capazes de abrigarem duas rezes ao mesmo tempo. Acontece, às vezes, que a terra desmorona e soterra os pobres animais.

De fato, nas serras há muito sal, mas está misturado com areia e argila. O gado come tanta argila e areia para poder ingerir um pouco de sal, que suas fezes têm a coloração vermelha do óxido de ferro que tingem as rochas de arenito onde se encontra o sal. Quem vir de perto as fezes desses animais tem a impressão de que foram modeladas com argila por um escultor.

Autopsiando-se uma rês vitimada pelo "toque" encontra-se o "livro" repleto de argila endurecida.

Depois do exposto, não há a menor dúvida de que o "toque" é causado pela terra salgada que o gado ingere em grande quantidade. Vou explicar agora por

quê êle fica bom em sendo transladado de uma malhada para outra.

Quando o gado está "tocado" na malhada "A" e é levado para a malhada "B", como êle não conhece af os lugares onde pode encontrar terra salgada, vê-se forçado a fazer uma diêta, e, se a moléstia não estava adiantada, recupera a saúde, pois deixou de comer a argila e areia que o estavam vitimando; mas, acontece que mais tarde, depois que se familiariza com a malhada "B", descobre onde fica o barreiro, e começa de novo a geofagia fatal. O animal definha e morre, caso não seja retirado para outra pastagem. As vacas prenhes "tocadas" abortam.

*Meios para combater o mal:* — Como vimos, o "toque" não é um mal que se cure com remédios: só a profilaxia pode ser aplicada com resultados seguros.

*Meios profiláticos:* — Logo que se note que o gado está lambendo terra, devem-se cercar os lugares procurados por êle, e colocar nas proximidades côchos, nos quais ao menos duas vezes por mês o vaqueiro deve servir uma ração de sal. Se o gado tiver um bom sal para lambar, certamente não irá, com dificuldade, lambar a terra salitrada.

E' uma economia contraproducente, a que o criador faz não dando sal ao gado: é mais economico gastar alguns mil réis na compra de sal, do que deixar que a criação morra. A porcentagem de reses mortas pelo "toque" não é pequena.

O sal, considerado tão sòmente como "remédio" de "toque", é uma necessidade que se impõe; e além disso, como vamos ver, é um elemento indispensável à economia animal.

Depois das grandes queimadas dos baixões de "agrestes" o gado, juntamente com os brotos tenros do

capim nascente, ingere não pequena quantidade de cinzas, que encerram elevada dose de potassa, o que pode determinar a incompleta utilização de fósforo e de sal. Ainda mais: se não entrar o sal suficientemente na ração, os ácidos formados no estômago, devido à sua lenta formação, retardam a dissolução dos sais minerais; a potassa (cinza) em excesso, não entrando sal na ração, forma com o cloreto de sódio do sangue o cloreto de potássio, pondo em liberdade o sódio, que é eliminado pelos rins. Naturalmente, essa reação química à custa da reserva sanguínea, prejudica a economia animal, pondo a rês em precárias condições de vida.

“Não se deve, diz o mestre Dr. Athanassoff, fazer também economia de sal, pois, além de estimular o apetite do animal, êle favorece o processo da assimilação dos sais minerais pelo organismo.

Portanto, praticamente a distribuição do sal ao gado tem importância: ativando o funcionamento do aparelho digestivo, excitando o apetite, e aumentando a sede nas vacas leiteiras, êle age assim indiretamente sobre as variações quantitativas do leite”.

O “toque”, que é o espantinho do ingênuo e ignorante vaqueiro, é uma moléstia, como vimos, que pode ser debelada com a maior facilidade pelo criador inteligente, ou um pouco cuidadoso.

O “toque”, tenho a certeza do que afirmo, jamais poderá servir de tropêço a uma criação racional moldada nos processos modernos da pecuária atual. O problema se limita, exclusivamente, em dar um pouco de sal ao gado, e quem não tem, ao menos este cuidado, não é digno de se chamar criador dêsse animal tão útil ao homem”.

E aquí termina, paciente leitor, a comunicação sobre o “toque”, que, longe de ser uma perversão de

apetite, como no caso da anquilostomíase humana, é o resultado da ingestão de terra salgada, que o animal faz em busca do cloreto de sódio de que seu organismo necessita.

Em São Paulo aproveitei o tempo para pôr a saúde em dia. Pouco saía de casa, do meu doce lar, junto de minha santa Mãe, amados irmãos e queridos sobrinhos. Vovô já havia partido para a eternidade. Se algumas vezes eu saía, era para ir ao Butantã ver e abraçar os bons amigos, e ao Congresso de pecuária. Jamais o tempo correu, para mim, tão depressa. É uma verdade psíquica corriqueira, a de que o tempo pára se somos infelizes e corre se somos ditosos. Mas, ele corre ainda mais, quando sabemos de antemão qual o limite temporário de nossa ventura.

No Butantã, além da entrega que fazia do material zoológico por mim colhido durante as viagens por vales e chapadões nortistas, recebia ensinamentos do sábio mestre Dr. Vital Brasil, ensinamentos que me facilitariam a solução de problemas próprios daquelas regiões.

Os relatos das peripécias médicas em que me vi envolvido, provocavam gostosas gargalhadas de todos, principalmente do Dr. Vital. Serenados os risos, vinham as instruções, como deveria resolver os casos mais comuns de medicina de pronto socorro. Depois os medicamentos, os preciosos sôros, vacinas e mais remédios produzidos pelo já então célebre Instituto do Butantã. Recordo-me que, dentre êsses, levei uns tubos de sôro sêco de cavalo, cicatrizante de alto valôr. O sôro sêco de cavalo ou burro (na produção de sôro, cavalo é sinónimo de burro) era preconizado para distinguir as úlceras fagedênicas das causadas pela leishmanioses (úlceras de Baurú): as primeiras cicatrizam com o emprêgo

do sôro sêco; as últimas, não. Estas considerações trazem-me à memória um caso interessante. Quando passei por São Luís do Maranhão, encontrei o meu bom amigo Dr. Achilles Lisbôa — médico ilustre e caridoso, à testa de um hospital para indigentes. Dei-lhe alguns tubos de sôro sêco, e pedi que me escrevesse para Terezina, dando-me o resultado para o meu govêrno. Pouco tempo depois recebia eu uma carta sua. Relativamente ao efeito do sôro sêco, disse em frase lapidar: “Como o sôro é de cavalo, a cura foi a galope”. Fiquei contente, e pensei na caboclada que eu ia sarar.

Por falar em “sasar”, lembro-me da distinção que os nortistas fazem no emprêgo dos verbos sarar e curar: sarar, se referem às feridas e curar se aludem a outra moléstia qualquer.

Em meados de setembro encerrou-se o Congresso de Pecuária e tratei de aprontar as malas. Aproximava-se o dia da partida. Mamã não podia olhar-me, sem ter os olhos lacrimejantes. Eu, o único filho homem, ia partir novamente para o norte.

— Desta vez, — prometí-lhe, — a demora será curta: no máximo seis meses. Voltarei, querendo Deus, e nunca mais nos separaremos.

Interessante: se eu quisesse, ser-me-ia relativamente fácil arranjar colocação em São Paulo; mas, uma força imponderável me lançava ao norte do Brasil, apesar do amor, da minha extrema dedicação à família.

Ainda pesaroso por ter deixado São Paulo, família e amigos, aprestava-me para abandonar o Rio de Janeiro, rumo ao norte do país.

A minha nomeação para a Estação de Escada, em Pernambuco, fôra publicada pelo “Diário Oficial”. Fui ao Ministério receber as necessárias instruções, e ao



despedir-me do Ministro José Bezerra — que foi gentilíssimo comigo — declarei-lhe que iria até São Luís do Maranhão para tratar de meus interesses junto à Delegacia Fiscal.

A bordo do vapor “Pará”, do Loide Brasileiro, seguí viagem. A costa do Brasil é um lago azul. Raramente há tempestades que possam pôr os navios em perigo. Muito embora não me dê bem com o salso elemento, devo confessar que jamais passei por apuros nas constantes viagens que fiz do Rio ao Norte. Deus seja louvado!

No trajeto da Baía a Macció, de manhã cedo, ao levantar-me, ví o navio molhado, mas não indaguei coisa alguma por julgar que se tratasse da matutina baldeação.

— Então, rezou muito esta noite? — Perguntou-me gentil passageira.

Eu? porque, minha senhora?

— Ora, não se faça de valente. Vamos, diga a verdade: quantas súplicas ao Senhor dos Navegantes?

— Sinceramente, nada ví nem ouvi, porque dormi profundamente.

Pois olhe, o senhor é um felizardo. Apanhamos um temporal medonho.

Aí é que eu mentalmente orei ao Senhor em agradecimento pelo sono profundo e camarada que me livrou de passar algumas horas aborrecidas.

Saltei em Macció, contentíssimo, e fui saborear um prato de sururús gostosos.

Advertido constantemente pelos catraieiros, — “patrão, olhe o tubarão”, desembarquei novamente na capital maranhense — a velha São Luís do Sr. de la Rivièrè.

Deu-se, nessa ocasião, um fato que veio modificar meu programa de vida. Fui convidado para dirigir os trabalhos de grande empresa agrícola, em organização no Piauí, em que tomava parte proeminente meu prezado amigo e ilustrado engenheiro Dr. Agenor Augusto de Miranda. A empresa havia obtido enorme concessão territorial no Piauí, no Alto Parnaíba, para explorar a indústria pastoral. Os planos eram magníficos: capitais brasileiros e norte americanos seriam empregados em alta escala. Até que enfim o velho Piauí acordaria de seu sono secular. Em verdade as condições ecológicas vinham a talho de foice para tal empreendimento. Na travessia, a cavalo, que acabara de fazer em companhia do Dr. Agenor de Miranda, verifiquei a imensa riqueza potencial daquelas regiões.

Eu estava na encruzilhada do caminho: para qual dos lados enveredaria? Continuaría como funcionário público, sofrendo amargas decepções ou integrar-me-ia no grupo dos homens de iniciativas particulares? Confesso que hesitei um pouco, mas, a quase nenhuma inclinação para o funcionalismo público, definiu a situação. Aceitei o convite para fazer parte da empresa e deixei o Ministério da Agricultura. De tudo dei ciência a minha querida Mãe. A única coisa com que não concordou foi a empresa ter sede nos sertões piauienses. — Já que eu não queria ser funcionário, porque não voltava para São Paulo, onde poderia tomar conta de uma boa fazenda e assim morar com a família? — escrevia-me em resumo minha bondosa Mãe. Mas, estava escrito: a força de que falei impelia a falua do meu destino para os rincões piauienses.

Em 30 de novembro, a bordo de um “gaiola”, eu atravessava, outra vez, as baías de São Marcos e São José, em demanda da foz do Itapicurú.

A perspectiva de abraçar os bons amigos de Co-roatá, Codó, Caxias e finalmente Terezina, de certo modo fazia-me relegar para segundo plano a preocupação com o ato grave que estava decidindo o meu futuro.

A subida do Itapicurú foi agradável. Estávamos em comêço de dezembro, portanto em pleno inverno (estação das chuvas), quando o volume das águas do rio, sem excessiva velocidade, permitia franca navegabilidade. Lá pelo dia 10, às 12 horas, mais ou menos, aportava eu na Chapada do Corisco.

## CAPÍTULO VIII

*Companhia Pastoral e Agrícola — Na chácara do Pirajá — Cultura do algaroeiro — Entre cobras — A “papa-pinto” também come cobras — Caçueiro do Governador — Partida para Uruçuí — Naufrágio do “gaiola” — Peripécias cómicas — Trocando de montaria — Meu guia Zé Cartucheira — Folclore sertanejo — Outra vez em Nova York — “Flor do tempo” — Semana santa do lado do Maranhão — Ainda Folclore — De Uruçuí a Fazenda Grande — A mula branca — Presidário modêlo*

**C**OMPANHIA PASTORIL, AGRÍCOLA E INDUSTRIAL PIAUIENSE, assim se chamava a empresa a que eu ia dedicar o meu entusiasmo de moço e conhecimentos profissionais.

Fazia parte da concessão a chácara Pirajá, minha velha conhecida desde o tempo da Estação Experimental da Borracha. E êste aprazível recanto da capital foi o palco da minha nova atividade.

Não perdi tempo, nem era lícito perdê-lo, pois o contrato com o Governo Estadual determinava prazo para início dos trabalhos da Companhia; a inobservância dessa cláusula contratual determinaria a caducidade do diploma.

De acôrdo com o programa preestabelecido, dei comêço, na chácara Pirajá, a um posto zootécnico mo-

dêlo, embora de proporções modestas, para agasalhar e selecionar o gado que deveria constituir o plantel destinado a formar a base da indústria pastoril da empresa; iniciei o preparo do solo destinado às pastagens artificiais e outras culturas. Todos os dias recebia visitas de pessoas interessadas ou simples curiosos que desejavam assuntar o que estava fazendo. Eu aproveitava a ocasião para lhes ministrar lições de coisas. Entre as iniciativas que tomci, figurava uma bem plantada horta. Fiz questão de demonstrar a possibilidade da cultura hortícola longe dos barrancos dos rios, onde nem sempre os resultados são seguros.

Pronto o primeiro galpão do Posto, alojámos um grupo de reses com as características da raça caracú.

Consegui apartar um bezerro que lembrava o gado selecionado no Posto Zootécnico de Nova Odessa, em São Paulo. O caracú piauiense recebeu o pomposo nome — “Alfa”: primeiro da grande manada que iria melhorar a pecuária do Estado. O “Alfa” era tratado a vela de libra. E isto porque, naquele tempo, há mais de trinta anos, a pecuária nacional era orientada pelo sábio Dr. Luís Pereira Barreto, que, da alta tribuna paulista, afirmava ao Brasil inteiro ser o caracú um gado sem rival. Não resta dúvida que esta raça tem qualidades excelentes. Pena é que tenha sido um tanto abandonada. Falta-nos a persistência do anglo-saxão; como bons latinos, não escapamos aos entusiasmos do fogo de palha.

O solo já estava preparado para receber a semente do algodão: fôra arado, gradeado e alisado com a plaina, numa perfeita demonstração de cultura mecanizada.

As sementes de algodão foram-me cedidas pelo meu colega William Wilson Coelho de Souza, que as selecionou na Estação de Coroatá. Sementes de primeira qualidade, produtoras de fibras longas.

Eu morava na própria chácara do Pirajá, e a minha única distração era o trabalho. A par das ocupações agrícolas não perdia as oportunidades, que o acaso me oferecia, de fazer observações biológicas, quer no reino animal, quer no vegetal.

Ia-me esquecendo de dizer que estávamos nos primeiros dias de 1917. Em 6 de janeiro de 1917, publiquei no "Correio de Terezina" o primeiro artigo de uma longa série sob a epígrafe: — "*Entre as cobras*". Quando dei início a essa série de artigos, era meu intuito tão somente vulgarizar a obra de Vital Brasil, em benefício dos habitantes da terra que me recebera de braços abertos. À medida, porém, que escrevia os artigos *Entre as cobras*, eu, de fato, às vezes, andava entre as cobras e fazia observações diretas descobrindo novas coisas. Assim é que os ia enxertando das novidades regionais.

Um belo dia apanhei uma cobra não venosa chamada vulgarmente *papa-pinto* e cientificamente *Drymarchon corais*. Ela pregou-me uma boa, mas, ao mesmo tempo, deu-me grande prazer: coloquei uma cobra de outra espécie na caixa em que ela estava presa. No dia seguinte abrí a caixa para colocar outra, e qual não foi o meu espanto ao notar falta da que eu colocara na véspera. Olhei atentamente e verifiquei que fugira para o estômago da *papa-pinto*!

A *papa-pinto*, no ataque às outras cobras, procede da mesma maneira que a muçurana. E' de uma voracidade digna de sua rival.

ASPECTO: — Cobra esbelta, se nos permitem a expressão, elegante nos seus movimentos, como a muçurana — *Pseudoboa cloelia* —; cauda comprida e fina. O dorso é de uma côr castanho-escura, quase preta; a cauda e o ventre são amarelados.

Temos tido em cativeiro exemplares até de dois metros e cinco centímetros de comprimento.

Em fevereiro do corrente ano, mandamos um espécime, vivo, ao Instituto do Butantã, o qual chegou em perfeito estado de saúde, para desgraça das cobras que lhe iriam servir de repasto.

A *papa-pinto*, apesar de não ser venenosa, quando irritada, agita a cauda e morde. A mordedura não tem consequência alguma: não passa de uma pequena solução de continuidade da pele de quem a recebe. É portanto, uma cobra que não oferece perigo para o homem.

Todas as pessoas devem respeitar essa cobra, ao menos por sentimento de gratidão pelo serviço que ela presta ao homem, exterminando as cobras venenosas, que, de vez em quando, roubam vidas preciosas.

Não podemos descrever a dôr, a contrariedade que sentimos, uma tarde, quando passava em frente ao Pirajá um roceiro, enxada ao ombro, arrastando numa inconsciência bárbara, uma bela *papa-pinto* mortal! Não nos pudemos conter e chamamos a atenção do homem para o mal que havia praticado.

Ví jararacas (*Bothrops*) comendo calangos — pequenos lagartos — contrariamente ao que até então afirmara o Butantã: que as cobras venenosas — Família das crotalídeas — alimentava-se exclusivamente de pequenos mamíferos, isto é, de animais de sangue quente.

Uma noite, depois do jantar, estávamos a conversar na varanda, o Agenor e eu, quando ouvimos na direção da horta um chiado parecido com o do sapo ao ser deglutido pela cobra: chiéc, chiéc, chiéc. Apanhei uma lanterna elétrica e, acompanhado do Agenor, fui ver do que se tratava.

— Tome cuidado — dizia-me o Agenor, pode ser uma cobra venenosa; você mesmo me ensinou que as cobras venenosas são noturnas. Logo...

— Mas também que as cobras venenosas não comem sapos. Logo...

Enquanto íamos dialogando, eu examinava os canteiros com a lanterna. Nisto o foco de luz clareou uma cença que faria arrepiar a pele de quem não estivesse afeito a contemplar a luta pela vida: enorme rã, aqui mais conhecida por *gia* engulia uma menor, que agitava as pernas e chiava. Tive a impressão de que tanto a vítima como a devoradora, pertenciam à família dos *Leptodactilídeos* — as conhecidas rãs que o *gourmet* granfino saboreia nos restaurantes.

Para mim e para meu amigo foi um espetáculo inédito: nunca dantes o havia visto ou sequer lido a respeito em qualquer monografia especializada. Por isso achei interessante consigná-lo aqui, muito embora não seja assunto pitoresco do agrado da maioria dos possíveis leitores destas “mal traçadas linhas”.

Creio — para mudar um pouco de assunto — que ainda não me referi aos frondosos imbuzeiros e ramalhudos cajueiros. Se não fiz, cabe-me merecidamente a pecha de mal agradecido, pois não tem conta as imbuzadas gostosas que comí e os cajús e cajuadas que saboreei. Dentre os cajueiros um se destacava pelo sabor especial dos seus frutos: era o “cajueiro do governador”. Naturalmente êsse nome pomposo lhe foi aplicado por produzir cajús mais doces do que os outros pés, os quais eram destinados ao paladar requintado do Sr. Governador.

Dizem que de manhã o suco do cajú faz bem à saúde. Eu, embora bem disposto e robusto — graças a Deus — ao despertar-me pulava da rede e, em pijama, ia ao “cajueiro do governador”. Que delícia!



Cabe neste ponto uma pequena explicação, sem menosprezar os conhecimentos de botânica do leitor amável. O que comumente chamamos de fruto, no cajú, é o pedúnculo, carnoso, suculento; o fruto propriamente dito é a parte que encerra a castanha, em forma de barrete frígido. Aliás, na linguagem de nossos ameríndios, cajú quer dizer pedúnculo suculento. — Mas, por quê, perguntar-me-ão, o pedúnculo do cajú é suculento? Eis a resposta: — o cajueiro certamente não pensou na gulodice do homem quando elaborou um pedúnculo tumefato, cheio de um líquido açucarado para suporte do pequenino fruto; agiu em função do meio, isto é, procurou garantir, apesar da sêca, a vida da semente destinada à perpetuação da espécie.

O mesmo fenomeno ecológico, *mutatis mutandis*, pode ser notado no imbuzeiro ou umbuzeiro. Esta essência acumula apreciável quantidade de água em certas raízes a fim de sobreviver às estiagens prolongadas. Mas o homem, sempre o homem, que conhece essa artimanha da natureza, apertado pela sêde, arranca as raízes, espreme-as e bebe o líquido assim obtido.

Do imbú ou umbú os nortistas preparam gostosa iguaria. A nossa bôa e dedicada cozinheira — a preta Raimunda ou Mundica, como ela gostava que a chamássemos, assim preparava a imbuzada: cozinhava o imbú e o passava na urupema, adicionando-lhe leite e açúcar.

Do suco do cajú fabricavam em Terezina, em pequena escala, uma bebida deliciosa, sem álcool, de bela côr amarelo-âmbar. Não sei como era preparada, só sei que seu fabrico demandava cuidados especiais para que se não estragasse. Se não me falha a memória, chamavam-na — *Cajuina*. (147)

---

(147) Em 1939, no Ministério da Agricultura, encontrei-me com um velho amigo piauiense que estava interessado em propagar essa bebida. Disse-me que a mesma era rica em vitamina C. Mais uma riqueza a ser explorada no país.

A Companhia possuía uma fazenda de gado vacum à margem direita do Gurguéia, chamada Fazenda Grande, adquirida de particulares. Era necessário organizá-la de acôrdo com o plano traçado pela Diretoria. Isto resolvido, tratei de arrumar as malas e preparar a partida para o sertão.

Em fins de março ou comêço de abril, não me lembro bem, tomei o vaporzinho "Manuel Thomás", já conhecido, rumo a Floriano, onde deveria embarcar num dos "gaiolinhas" que faziam o trajeto de Floriano a Santa Filomena. Eu deveria saltar em Uruçuí, porto intermediário, seguindo daí, a cavalo, para a Fazenda Grande, entre Aparecida e São Bom Jesus da Gurguéia.

A viagem começou bem. O Parnaíba estava cheio; contudo a velocidade das águas não diminuía a marcha do naviozinho. A bordo logo fiz camaradagem com os passageiros, entre êles: — o Dr. José, juiz de direito de Amarante; o Dr. Sá, promotor público de Oeiras, antiga capital do Piauí, e um tenente da Polícia do Estado, de cujo nome infelizmente não me recorde; o comandante do navio — Sr. Belino Góes, o Belino, como todos cordialmente o chamávamos.

A tarde, lá pelas 17 horas, na proa perto do leme, conversávamos todos, rindo a bom rir das piadas do Belino. Nisto ouvimos um estrondo, o navio estremeceu e parou. O Belino, não obstante estar meio "alegre", desceu a escada em três pulos. O navio virou a proa rio abaixo e começou a rodar. O comandante sobe a escada e, aproximando-se do nosso grupo, diz nervoso: rebentou o pistão do motor; não há conserto possível aquí. Sem perda de tempo ordenou ao marinheiro que estava ao lado do guincho que lançasse a âncora. Providência inútil: o navio, arrastado pela correnteza, rebentou o cabo de aço como se fôra um barbante. Nesse momento o pânico foi geral. Embalde eu

aconselhava calma. Os gritos dos passageiros, pedindo socorro, atraíram às margens do rio os moradores ribeirinhos. Rápido estabeleceu-se um serviço de socorro: as canoinhas saíam dos barrancos e abordavam o "Manuel Thomás". Pareciam bandos de bem-te-vís, siriris e tesouras perseguindo um gavião. O juiz de Amarante foi um dos primeiros a embarcar numa canoa salva-vidas. O "gaiola" continuava sua marcha abaixo "de bubuia", e os passageiros iam ficando na barranca, quer do lado do Piauí, quer do lado do Maranhão. Um dos últimos que se ia retirando numa canoa foi o tenente. — Que é isso, lhe disse, até o senhor?

— Eu não estou com medo — respondeu-me — a questão é que o promotor me convidou.

— Pois não aceite o convite, e fique firme aqui para tudo que possa acontecer. Um tenente piauiense acostumado a viajar em balsas do burití, receia descer o rio numa balsa tão grande como esta? Pois, o navio sem govêrno e sem fôrça é uma balsa a rodar "de bubuia".

O tenente parou, deu meia volta-volter e arreou a mochila — sem trocadilho — no camarote.

A bordo era diminuto o número de passageiros. A tripulação não arredou pé. Tomei calmamente a seguinte resolução: caso o navio sossobrasse (aliás já estava de pijama, que é como se anda a bordo dos "gaiolas"), atiraria o banco de cedro da mesa das refeições ao rio, apanharia uma cearensezinha de uns 4 anos, única criança que vinha a bordo, e saltaria na água; depois disto feito, nadaria até alcançar o banco, e, uma vez a criança e eu sôbre essa boia improvisada, com relativa facilidade chegaria a uma das margens. Certo da execução do plano delineado, pus o coração à larga.

— O jantar tá na mesa — anunciou o copeiro.

— Vamos comer, minha gente — disse levantando-me. Saco vazio não se põe em pé.

Em tórno da mesa sentamo-nos uns seis passageiros, inclusive a pequena cearense e seu tutor, ou, melhor, seu pai adotivo, pois, segundo nos relatou, a menina lhe fôra dada por seus próprios pais, infelizes vítimas da sêca.

— Tenente — disse-lhe em tom galhofeiro para alegrar o ambiente — vamos comer menos comida de sal e avançar na sôbre-mesa dos fujões.

— Bôa idéia, — responderam todos. — Acabemos com o queijo e a goiaba.

E assim foi feito. Terminado o jantar, fomos ver a situação. Tudo na mesma. O rio, de águas vermelhas, cada vez mais cheio, e o barco rodando, rodando. Rodar é o verbo apropriado, porque, além da marcha de rio abaixo, o “gaiola” girava em tórno de seu eixo. As vezes aproximava-se da barranca; se por um lado antevíamos possibilidades de amarrá-lo num tronco de árvore, por outro corríamos o risco de um choque em qualquer obstáculo, que o fizesse submergir. A coisa estava ficando meio preta, pois o crepúsculo vinha vindo. Se a noite nos apanhasse naquela emergência, o caso seria difícil de resolver satisfatoriamente.

Pensava eu em tudo isso, quando o navio quase ia encostando no barranco. Disse ao mestre, prático de rio, que não perdesse a ocasião favorável a uma tentativa de amarrá-lo.

O marinheiro pulou ligeiro, passou duas voltas de cabo numa grossa palmeira babaçú, e o “Manuel Thomás”, impetuoso em sua descida, arrancou a palmeira como se fosse um pé de couve. O marinheiro, mais ou menos desapontado, ficou no barranco, e nós, muito desapontados, continuamos a marcha. A cachoeira das Panelas não deveria estar muito distante. Isto, porém,

não me inquietava, porque o rio estava muito cheio e as pedras da cachoeira, bastante submersas não ofereceriam perigo.

Nova oportunidade de salvamento se apresentou. Numa curva do rio, o vapor, impulsionado pela força centrífuga, rumou de prôa para a barranca; esta, felizmente, tinha um degráu em que as águas crescentes formavam um baixio; o navio embicou, encalhando suavemente, e parou! Enquanto todos batiam palmas de contentes, eu ví que a própria correnteza poderia, virando a popa para o largo, desencalhar o navio. Então, sem cerimônia, como se fosse o comandante, gritei para um marinheiro que amarrasse o "bicho". Dito e feito, ou, melhor pensado e realizado: o "gaiola" foi virando devagarinho até ficar com a proa contra a correnteza. Mas, perdida a velocidade, ficou seguro, não pode mais seguir sua viagem sinistra. — *Deo gratias*. Não demorou muito, escureceu.

A bordo a alegria era geral. Então, nos lembramos dos nossos companheiros "prudentes," que ficaram espalhados, pelos barrancos do rio. Cada um trazia à baila um episódio, que agora achávamos engraçado. Gostasas gargalhadas rematavam os comentários. Em verdade riamos-nos da nossa boa sorte, da certeza de segurança que nos dava o navio ali preso como um cavalo pelo cabresto.

Cerca das 20 horas, ouvimos o ronco de um navio que subia: era o velho conhecido "João de Castro". Os marinheiros do nosso fizeram sinais luminosos, e o vaporzinho cautelosamente se aproximou e lançou âncora. Houve rápido entendimento entre os dois comandantes, e ficou decidido que os passageiros — os quase naufragos — passariam para o providencial "João de Castro". Lá fomos nós com os nossos "perens," isto é:

nossa bagagem. Tratei de armar a rede para descansar das peripécias da tarde.

No dia seguinte fomos catando os fujões, ora à margem piauiense, ora ao lado maranhense. Cada um que subia a bordo era recebido com demonstrações de prazer, que mais pareciam trotes. O navio ia apitando, de quinze em quinze minutos, a fim de chamar a atenção das ovelhas foragidas. O último ato foi divertido, sem a menor dúvida. Depois a viagem correu normalmente. Passamos por Amarante, onde reví velhos amigos, e finalmente chegamos a Floriano. Saltei firme, com vontade de rever esta próspera cidade que me lembrava a terçã maligna. Queria tirar a forra: atravessar ruas e praças vendendo saúde. E vá a gente querer interpretar a alma humana. E' melhor consignar os fatos e nada mais.

O vapor que me deveria conduzir a Uruçuí era o "15 de Novembro". Estava no estaleiro sofrendo reparos. Os "gaiolas" que fazem o trecho de Floriano a Santa Filomena, são bem menores do que os que trafegam daquela cidade a Parnaíba. Mesmo assim, as cachoeiras danificam-nos. Rara é a viagem em que os heróicos vaporzinhos não tenham uma avaria.

Quem viaja, principalmente quem viaja por estas bandas, precisa munir-se de farta dose de paciência, é necessário ter espírito esportivo. Receber as coisas como elas se apresentam, procurando tirar o melhor partido da situação. Foi o que fiz.

Resolvi fazer o trajeto de Floriano a Uruçuí a cavalo. A região piauiense já era minha conhecida, por isso, projetei a viagem pelo território maranhense. Mas não tinha montaria e me faltava o guia. Em três tempos solucionei o problema. Deixei a bagagem na agência de navegação para ser despachada quando o "15" subisse e comprei dois cavalos. O que me era destina-

do custou Cr\$ 150,00 e o do guia, pagem como chamam aqui, Cr\$ 100,00. Os arreios não me recordeo quanto custaram-me, mas, pelo valor dos animais, não será difícil calcular seu preço. O pagem, contratei-o a um cruzeiro por dia e comida, naturalmente. No momento em que ultimava os preparativos para atravessar o rio, apareceu um "cabra" de chapéu de couro quebrado na testa, e me perguntou:

— E' verdade que Vossuria tá precisando de um paje?

— Precisava; agora já contratei um — e aponte para um velhote ao lado entretido em arrumar os arreios.

— Eu conheço essas bandas cuma quê. Esse véio aí não dá conta do serviço, não.

— Que é que hei de fazer? Por que é que você não veio antes?

— Cum perdão do máu ensino, o homem até parece que tá ético. Tá que é só osso.

Olhei bem para o coitado do velhote e concluí que o "cabra" tinha razão.

— Quanto você quer ganhar — perguntei-lhe.

— O mesmo que Vossuria tá pagando pro homem.

— Certo: desde êste instante você é meu pagem.

Chamei o velhote, dei-lhe uma desculpa qualquer acompanhada de Cr\$ 10,000, e o dispensei do meu serviço. Agradeceu-me e saiu contente. Pudera, não: embolsar importância equivalente a dez dias de trabalho sem nada fazer, era bom negócio.

— Você como se chama? indaguei do novíssimo pagem.

— José — criado de Vossuria.

Bem, José, aí estão os dois cavalos: o mais alto, tordilho vermelho, é o meu e o mais baixo, alazão, é o seu. Vamos atravessar o rio quanto antes.

Saltamos em Barão de Grajaú, mais ou menos, às 14 horas. Esta cidade maranhense fica defronte de Florianópolis.

Antes de iniciar a viagem, fui visitar o Dr. Júlio Lustosa, juiz de direito da cidade, e descendente do Marquês de Paranaguá. O Dr. Lustosa era a distinção em pessoa. Mútua simpatia nos ligava; portanto, não é de admirar a satisfação com que nos abraçamos. Para encurtar a espera do café, trocamos idéias sobre as coisas do norte, principalmente do Piauí. A família Lustosa adora a terra piauiense.

— Dr. Júlio, a prosa está muito boa, mas eu preciso tocar; quero ver se pouso hoje a umas 4 léguas daqui. Preciso, antes, comprar um chapéu de carnaúba. Onde poderei encontrá-lo?

— Na cadeia; os presos fazem chapéus de palha de carnaúba muito bem feitos. O seu pagem sabe onde fica a cadeia.

— José, vá comprar-me um chapéu de carnaúba. Quanto custa?

— Quatro tostões, "seu" dotô.

Enquanto o José foi comprar o chapéu, o Dr. Lustosa me perguntou:

— O senhor sabe quem é seu pagem?

— Não; é a primeira vez que o vejo; nunca o vi mais gordo — gracejei.

— Pois, olhe, cuidado: chama-se José Cartucheira e fez parte do grupo chefiado pelo Bandido Pedro Bium, morto há pouco tempo pela polícia perto de São Bom Jesus do Gurguéia.

Pensei um pouco, e fiquei com pena de interromper a viagem.

— Seja o que Deus quiser. Em todo o caso, um homem prevenido vale por dois, diz o ditado popular.



Fico-lhe muito grato pelo aviso. Não despregarei os olhos do “cabra”.

O pagem chegou com o chapéu. Despedí-me do Dr. Júlio Lustosa, montei no tordilho e partí, ou melhor, partimos, eu e o Zé Cartucheira. Atravessamos a cidade em poucos minutos. Mal deixamos atrás as últimas casas de palha do arrabalde, entramos na mata entremeada de palmeiras. A estrada real, como todas as estradas reais destas paragens, mais se parecia com um simples trilho, nem sempre desimpedido ao trânsito dos cavaleiros. Embalado pelo trote macio do cavalo, passo de cão, como nós em São Paulo denominamos tal andar, comecei a matutar sôbre a iniciativa da viagem encetada. Em verdade, eu não tinha necessidade de viajar por terra. Se o “gaiola” estava no consêrto, eu poderia ter esperado confortavelmente em Floriano num *dolce far niente*, ao invés de me aventurar a caminhar por lugares desconhecidos, em pleno sertão, tendo por guia um Zé Cartucheira, ex-integrante do bando de Pedro Bium. Voltar seria covardia; portanto, não havia mais remédio, e o que não tem remédio remediado está. Tudo isso e mais alguma coisa passou-me em tropel pela mente aos primeiros minutos da jornada, através do floresta maranhense. Para aliviar-me, joguei o fardo das minhas preocupações às costas da minha boa estrela, e confiante fui assobiando uma toada sertaneja, isto é, uma toada caipira, pois, inconscientemente, saí-me dos lábios ou da alma velha moda de viola dos arredores de Piracicaba.

— Zél

— Pronto, “seu” dotô!

— Tome esta malinha. E entreguei-lhe uma valise que eu trazia a tiracolo. Não porque me incomodasse, mas sim, para que não lhe despertasse a cobiça. Assim, toda minha bagagem ficou sob a guarda direta do “ca-

bra" que me servia de guia. Certamente o grande vate florentino teve mais sorte do que eu em matéria de guia. Também eu estava longe de querer conhecer o Supremo, o Purgatório e o Paraíso, — o Paraíso, talvez...

O Zé Cartucheira mostrava-se dócil, e até um tanto humilde. Notei imeditamente que era um mestiço inteligente e conhecedor das coisas da região. Dava-me informação de tudo.. Comecei a simpatizar com o antigo bandoleiro, cujas maneiras bonacheironas me despertaram um pouco de confiança nele; contudo, conservava-me atento, de pé atrás.

— Então, Zé, onde iremos dormir hoje?

— Se os animais continuarem nessa marcha, nós botamos abaxo numa fazenda de criar daqui umas três léguas boas.

Quando o "cabra" disse "treis léguas boas", olhei para a posição do sol a uns 45 graus e tratei de tocar o matungo, pois, para o sertanejo, uma légua boa equivale a quase duas; portanto, tínhamos pela frente no mínimo 5 léguas. Não podíamos perder tempo. Parámos alguns instantes no primeiro riacho que atravessámos para matar a sede das montarias. Depois, tocámos sem parar. À tarde, nos momentos em que o sol desaparece nos confins do horizonte, a temperatura abaixa um pouco, e isto anima os cavalos e os cavaleiros também. São os prenúncios do fim da jornada, esperança alentadora de um descanso reparador.

Os nossos animais trotavam, batendo ritmadamente os cascos no solo endurecido do caminho, e o Zé, o meu pagem, cantarolava. Prestei atenção nos versos, e com agradável surpresa ouvi:

*“Batatinha quando nasce  
Bota rama pelo chão,  
Mariquinha quando delta.  
Bota a mão no coração.”*

Essa nota folclórica fez-me recuar no tempo e no espaço: transportei-me pelo pensamento à minha cidade natal, no fim da rua dos Pescadores, mais tarde batizada com o nome ilustre de Prudente de Moraes; acionei para a esquerda a manivela do tempo e me vi com seis anos de idade, à sombra dos *flamboyants* em frente à fábrica de tecidos à margem direita do rio Piracicaba; as operárias, finda a tarefa do dia, com flocos de algodão nos cabelos, saíam, qual bando de baitacas, a cantarolar, entre outros versos populares, este:

*“Batatinha quando nasce  
Bota folha pelo chão,  
Mariquinha quando delta  
Bota a mão no coração.”*

A mesma estrofe, com pequenina variante, recitada em regiões separadas por milhares de quilômetros uma da outra. As regiões podem ser diferentes, mas a alma brasileira é a mesma em todo o Brasil.

Comparando-se as duas estrofes, vemos que a versão nortista tem mais propriedade:

*“Batatinha quando nasce  
bota rama pelo chão;”*

enquanto que a sulista diz:

*“Batatinha quando nasce  
Bota folha pelo chão.”*

Não resta dúvida: o vocábulo *rama* é mais expressivo do que o termo *folha*, em se tratando de uma planta como a da batatinha.

E o meu guia continuava em sua cantiga saudosa. Agora saudava a lua que pretendia substituir o sol:

*“Lá vem a lua saindo  
Pintando fulô na rama:  
Bem assim pinta a sodade  
No coração de quem ama.”*

Quis pedir ao Zé que continuasse com sua cantoria, quando berros de bezerros, chamaram-me à realidade. Éstavamos entrando na sede da fazenda, onde iríamos pernoitar.

— Ó de casa! — gritou o Zé.

— Ó de fora — respondeu alguém no interior da casa.

— Com sua licença, podemos botá abaxo?

— Depois, podem desapiá.

O pagem armou minha rede numas arvores que ficavam entre a casa e o curral, soltou os animais no peador e foi preparar o jantar. Este constou de carne de sol ao espeto, ovos, arroz e bananas maçãs. Um sono profundo rematou a jornada.

No dia seguinte, às 7 horas, deixamos a fazenda. Dentro do curral, os famintos bezerros, que passaram a noite toda presos, separados de suas respectivas mães, davam fortes cabeçadas nos murchos úberes destas, a fim de sugar-lhes o restinho de leite que a ganância humana não conseguira ordenhar. Frequentemente atravessamos pequenos riachos; o vale do Parnaíba aqui é bem irrigado. O Zé não presta muita atenção aos rastros de animais na areia da estrada. Sabe rastejar, mas não liga muita importância às pegadas de animais silvestres, o que demonstra ser habitante mais do centro

urbano do que do sertão bravo. Ia eu nestas observações da personalidade de meu guia, quando vejo que esbarra o alazão e aponta para o caminho: — Vigel seu dotô uma cobra alí perto daquele favero — disse mostrando-me uma *papa-pinto*, cobra ofiofaga, minha conhecida.

— Não apeie, não. É uma cobra inofensiva, e ainda mais: presta ótimo serviço à gente que trabalha nas roças, pois come as outras cobras.

— Cumigo cobra não tem conversa, não: botei o zóio na bicha, páu come duma veis.

Deixamos a *papa-pinto* em paz, com alguma relutância do pagem, e continuámos a viagem. Naturalmente, o assunto passou a ser “causos” de cobras. Procurei dar-lhe umas noções relativas à distinção entre cobras venenosas e não venenosas. Informei-o, também, de que na valise trazia remédio contra mordedura de qualquer cobra. Estando comigo, podia estar sossegado: cobra não tirava farinha para o nosso lado. Curioso por conhecer as credices populares sôbre cobras, perguntei-lhe como curavam suas mordeduras.

— Cum certeza Vossuria não aquerdita nas bobagens do povo do sertão. Aquí tem curandeiro que cura o cristão de longe. Ele fica na direção do ofendido, reza e faz o sinal da cruiz, e o doente fica bom no sufragante. Se quebra a dieta, recái e não tem salvação. Quando não tem benzedô, perparam uma mézinha assim: azeite com fumo no lugá da mordedura, e raspa de talo de pindoba nágua pro doente bebê.

Cobra é um bicho danado seu dotô. Dizem que o dente dela serve pra fazê mal. Quando querem matá um inimigo, carregam a espingarda com presas de cascavel.

O Zé Cartucheira estava evidentemente em seu elemento, por isso dei-lhe um pouco de corda:

— E se o inimigo tiver o corpo fechado, por via de reza forte?

— Prá quebrá a mandinga é só carregá a espingarda com bala de ouro, de cera ou então de ponta de chifre. O cabra nem escuta o papôco. Eu tô cansado de vê isso.

O meu guia queria dizer que estava cansado de ver essa quebra de mandinga. Boa recomendação... Não fosse êle remanescente do bando de Pedro Bium.

Duvido que êles usassem balas de ouro, visto disporem à vontade de cera de pontas de chifre para suas tétricas empreitadas. Felizmente nos aproximávamos do pouso: o sol tramontava, lançando seus últimos raios nas frondes das altas palmeiras, e nós dávamos visíveis mostras de cansaço. Pudera, não: dez horas a cavalo, sob um sol abrasador, não era para menos. Afinal chegamos. O Zé, ao saltar de seu alazão, em forte resfolegar meio assobiado, proferiu uma interjeição peculiar a quem chega fatigado de viagem:

— Arrel lipa... siá Filipal

Achei engraçada tal exclamação, para mim, até então, completamente desconhecida. Não é à-tôa que os nortistas dizem: o homem deve ser ou bem lido ou bem corrido.

Enquanto o pagem tomava as providências relativas à ração dos animais e ao nosso jantar, eu entabolava palestra com os donos da casa. Notei um movimento desusado como se estivessem em preparativos de caçada. Mas, já estava escuro. Que é que iriam caçar?

— Vão caçar tatús? — perguntei. — (pois o tatú é mais fácil de ser apanhado durante a noite).

— Não, senhor. Vamos ver se damos cabo de uma onça pintada que está comendo os animais da fazenda. Ainda ôntem a bicha sangró um potro bem pertinho daqui.

— Tomem cuidado; e não se esqueçam de que a onça vem na fumaça.

— Duvido e faço pouco que ela venha na fumaça do 44. Em todo caso, não vou facilitá; apois não tem êsse que enfrente uma pintada sem um pouco de sobrosso. (148)

Eu fui dormir e o dono da propriedade acompanhado de seus empregados partiu à procura de felino terrível que estava dizimando seu gado. No céu, a lua nova, com sua pálida e fraca luminosidade, dava ligeira velatura na paisagem indecisa.

No despontar do dia, antes do quebra-jejum, fui à fonte tomar banho. A fonte, como já disse, é o local no rio ou riacho em que se apanha água, se lava roupa ou se toma banho.

Antes de partir procurei saber se haviam morto a onça. Nada. Parece que ela desconfiou e não deu os ares de sua graça. Depois de tudo pronto, dei início à marcha rumo a Nova York, onde pretendia pernoitar. Esta localidade tinha para mim qualquer coisa de interessante. Foi justamente a seu porto que em Agosto de 1915 eu chegara a bordo de uma balsa atacado pela *terçã maligna*, e aí meu bom amigo Agenor de Miranda alugou uma canoa para apressar a viagem. Agora, vendendo saúde, queria conhecê-la de ponta a ponta. A viagem ia correndo normalmente. A fauna e a flora eram objetos de observação de minha parte, o que muito me encurtava o caminho. De vez em quando consultava o meu guia sôbre os nomes vulgares quer de uma, quer de outra. À tarde o tempo começou a mudar: densas nuvens negras, cúmulos de mau tempo, anunciavam tempestade. Ao passarmos por umas moradas, à

---

(148) Sobrosso: recelo, medo; vocábulo antiquado que ainda persiste na fala popular do norte do Brasil.

beira da estrada, humildes casas de palha, os moradores nos acenaram, convidando-nos a entrar.

— A tempestade está muito em cima: não demora a chuva bate — disse amavelmente uma cabocla idosa, que parecia dona da morada.

— Não chove, não. Já fiz minha mandinga; já mexi os pauzinhos. As nuvens vão despejar noutra lugar.

— Vigel! Não diga isso, não.

Nisto, ofuscante relâmpago serpenteou entre as nuvens negras e bojudas. Apesar dêsse eloquente, eu, insensato, continuei a marcha. Nem bem havia passado quinze minutos, desandou um pé d'água que mais parecia uma formidável tromba.

Eu trazia na garupa do cavalo enorme ponche de tecido impermeável. Dei-o incontinenti ao pagem para que se cobrisse, cobrindo também a maca em que estava minha roupa. Avistei uma casa e dirigi a cavalo para ela. Em frente à mesma, ramalhudo imbuzcuro oferecia precário abrigo. O tordilho enveredou por baixo da copa da árvore, cujos galhos me feriram as mãos. Não pude segurar o cavalo; êle queria, e conseguiu, a todo custo, abrigar-se daquela chuva torrencial. Da posição onde estava, muito incômoda, conseguí falar com o dono da morada: um velho de barbas brancas e olhar inteligente.

— Nova York está longe daqui?

— Nhor, não. Vamincê qucr posar hoje lá?

— É êste, pelo menos, meu desejo.

— Apois, então não perca tempo. Se Vamincê mancar um pouco a viagem, o São Pedro não dá mais passagem.

— Quer dizer que São Pedro está descontente comigo, pois além dêsse aguaceiro, ainda não me deixará passar? Por que?



— São Pedro é o nome do riacho que Vamincê tem que passar para chegar em Nova York. Com êste mar de água êle deve estar cheio e perigoso.

É já estava molhado da cabeça aos pés; o pajem sob o ponche protegia minha roupa da chuva; raciocinei um pouco e ví-me entre as pontas de um dilema: ficar alí naquele casebre, mal agasalhado ou enfrentar o temporal e pousar na vila, na qual certamente encontraria boa hospedagem. Não tive dúvida: despedi-me agradecido do bom velho, corri as esporas no cavalo e rapidamente ganhei o caminho. O Zé, sem murmurar um só monossílabo, acompanhava-me a pequena distância. Não demorou muito, ouvi o ronco do riacho. A chuva estava amainando um bocado. Cheguei à margem da torrente. As águas vermelhas desciam com velocidade louca, aos borbotões, arrastando galhos de árvores. Poderia ter, no momento, dez metros de largura. Inspeccionei o campo de ação: a entrada do riacho era fácil, mas a saída, na outra margem, oferecia certa dificuldade por causa da ribanceira, mais ou menos íngreme.

O Zé Cartucheira olhou, olhou e não disse nada. Sua atitude, entretanto, era de quem não estava gostando da brincadeira.

— Como é, passamos ou não passamos? — disse-lhe eu, à espera de que o mata-mouros alvitrasse qualquer coisa.

— O riacho tá pirigoso, seu dotô: êle não dá passagem, não.

Diante do receio do “cabra”, resolví jogar a cartada embora levasse o diabo.

— Sáia da frente! Você vai ver como se vadeia essa enxurrada.

Ato contínuo, metí o cavalo na correnteza, com as seguintes precauções: tirei os pés dos estribos, para,

Terminada a refeição conversamos sôbre diversos assuntos, principalmente os relativos às peripécias da viagem.

— Amanhã pretendo partir muito cedo, “seu” Ferreira. Por isso, desejaria que o senhor me ensinasse desde já o caminho.

— A saída do povoado é difícil. Tem muitas erradas; os trilhos são tantos que até parecem teias de aranha. Mas o senhor não se aflija, mandarei um dos meus meninos acompanhá-lo além das erradas.

— De antemão agradeço-lhe a sua gentileza.

— Então vamos tratar de dormir, pois o senhor deve estar cansado.

— Efetivamente. Peço licença para retirar-me e desejar boas noites a todos.

No dia seguinte às 7 horas, pouco mais ou menos, abracei o “seu” Ferreira, e, guiado por um seu filho, deixei a vila de Nova York. De fato, se não fosse o menino, não sei como acertaria o caminho. Os carreiros se bifurcavam como os galhos de árvore frondosa.

Quando o pequeno nos colocou fora do labirinto, muito convencido do seu papel, apontou-me o rumo a seguir e disse:

— Não tem mais errada: pode tocar de cabeça acima toda vida.

— Até outra vista, e muito obrigado. Lembranças a seus pais.

No comêço o terreno é plano; e coberto de mata rala de angicos, jatobás e palmeiras nas beiras dos córregos. As dez horas passámos por um grupo de moradas chamado Buritizinho. Como era ainda cedo para o almôço, seguimos para diante. Subimos pelo lombo pedregoso de suave colina. Na chapada, sob verdejantes cajueiros, descortinei modesta vivenda.

— Ó de casa — gritou o pagem.

— Ó de fora — respondeu uma voz feminina — podem chegar.

Apeamos e o Zé foi tomar as providências costumeiras. Eu, como sempre, dava início às relações diplomáticas. Perguntavam meu nome, e eu por minha vez também perguntava o nome de quantos me rodeavam.

— Como se chama esta morada?

— “Flôr do Tempo” — respondeu-me graciosa morena de olhos verdes.

— Que nome lindo ! — exclamei com sinceridade.

A morena sorriu e corou, abaixando levemente os longos e sedosos cílios. Flôr do tempo... é flôr que nasce por aí, ao Deus dará, sem que olhos humanos contemplem sua beleza peregrina. Flôr do tempo... milagre da natureza, que esbanja pròdigamente seu aroma delicioso em ambiente calcinado pelos raios solares, ao lado de vegetais rasteiros e insignificantes. Flôr do tempo... é flôr que os anjos, brincando de jardinagem, semearam e o capricho da fecundidade fez nascer em outeiro desolado. Flôr do tempo... é um lírio do campo que suplica ao viandante que o leve, antes que as rudes patas da alimaria o esmaguem. Flôr do tempo... é uma flôr e nada mais.

Aquela humilde morada, pela magia de seu poético nome transformou-se aos meus olhos — olhos da alma, num palácio encantado. “Flôr do Tempo”... (149)

— Patrão, o almoço está pronto.

Era Zé Cartucheiro que me interrompia o sonho.

---

(149) Há muitos anos, no Horto Florestal da Gávea, Rio, quando eu era Diretor Geral do Serviço Florestal do Brasil, contei esta passagem a um amigo. Ele achou muito bonito o nome. Ao terminar a construção de sua linda residência para os lados da Tijuca, convidou-me para um coquetel. Na fachada da casa, numa placa de bronze, quase comovido, eu li: — FLÔR DO TEMPO.

Aqui nesta morada tomei conhecimento de um costume original, ou, pelo menos, uma prática desusada no sul do país: enterram os entes queridos no terreiro da casa e plantam uma árvore sôbre a sepultura.

Os dois frondosos cajueiros, à sombra dos quais calmamente eu estava saboreando meu almoço, envolviam com suas raízes as sepulturas dos avós da morena de olhos verdes. E tudo alí se passava normalmente como se os mortos não houvessem morrido. E em verdade êles estavam presentes no verde luzidio das folhas, nas flores e nos frutos, frutos que possibilitavam o prodígio da consubstanciação.

Fiz camaradagem com todos. Aqueles bons sertanejos, que eu conhecia apenas há 2 horas, davam-me a impressão de que eram velhos amigos.

Pesaroso, mandei ensilhar o cavalo. E só me deixaram partir, quando prometi que voltaria para assistir às festas da Semana Santa que se aproximava.

— Até outra vista, se Deus quiser.

— Deus que o acompanhe. Até a volta, disseram todos.

O tordilho, fustigado por uma varinha que eu trazia à guisa de chicote, rompeu a marcha garbosamente.

À noitinha chegámos a um lugar chamado Cágados. Aí dormimos. No dia seguinte, pela manhã, como de costume, levantámos acampamento. A viagem correu sem novidade digna de nota, a não serem algumas piadas do meu guia, que estava melhor do que a encomenda... Após o almoço, enquanto eu descansava na rede, o Zé munido de enorme punhal, que mais parecia um estoque, esgravatava o pé. Perguntei-lhe o que estava fazendo.

— Tô tirando um danado de *tunga* que me entrô no canto da unha do dedão.

— Depois não se esqueça de botar um pouco de tintura de iodo no lugar — recomendei-lhe.

Tunga é o bicho-de-pé. Confesso que foi a primeira vez que o ouvi, como denominação popular do bicho-de-pé. Tal vocábulo, na sistemática zoológica, designa o nome genérico da molestadora pulguinha — *Tunga penetrans* (L.)

Quando se referem a um indivíduo valentão, dizem com ênfase: — “Fulano é bicho tunga”. Ao contrário, quando querem designar um sujeito pusilânime, medroso, covarde, dizem com desprezo: — “Pai d’água de galinha.”

Perguntei ao Zé se êle tinha parentes caboclos bravo (150), mais que depressa respondeu.

— Ó chent! (151) meus parentes passados são tudo cabras maciços pegados a casco de cavalo.

— Eu logo ví; você tem feição de caboclo bravo, do verdadeiro brasileiro. Deve orgulhar-se disso. Bem, mudando de conversa, vá buscar os animais no peador, que está ficando muito tarde. Vamos ver se chegamos ainda com dia claro.

O início da segunda estapa, nas viagens a cavalo, é sempre muito desagradável: estômago cheio, moleza de corpo mal descansado são dois fatores aborrecidos para o cavaleiro. Depois de uma hora de marcha, mais ou menos, tudo melhora.

Para que o leitor amável não se fatigue, direi somente que à tarde passamos por uma lagôa de bom tamanho, já sombreada pelas copas das árvores que a rodeavam, e onde a saparia, saudando a noite que se aproximava, coaxava em dezenas de vozes diferentes, desencontradas, desde o trombone das rãs ao baixo profundo dos unta-

(150) Caboclo bravo é o ameríndio.

(151) Ó chent! Interjeição, corruptela da ó gente! Os portugueses e galegos até agora pronunciavam — ó chent!

nhas. Sem querer diminuir certos musicistas modernos, quero crêr que os inventores do Jazz-band inspiraram-se à beira duma lagôa, ou coisa que o valha.

Antes de escurecer chegamos a Benedito Leite, vila maranhense, situada em frente a Uruçuí, como já informei. Numa canoa, em que o Zé colocou as selas, atravessamos o Parnaíba. Os cavalos, como é de praxe, atravessaram nadando e seguros pelo cabresto. "Atravessamos o Parnaíba" é uma expressão geográfica, pois, em verdade, os dois caudais, Parnaíba e Balsas, no lugar da travessia, descem perfeitamente diferenciados.

Hospedei-me, de novo, na casa do gentil amigo — Sr. António Cardoso. A primeira coisa que lhe perguntei foi se o "15 de Novembro" havia chegado.

— Nem sombra do "gaiola" — respondeu-me; o amigo terá que comer muito frito de leitão, aquí, em nossa casa, antes que êle apareça. Ah! por falar em comer, desta vez o senhor terá que experimentar um macaco enopado. O senhor comerá sem saber, depois de ter saboreado, dir-lhe-ei a verdade.

— Não faça isso, "seu" Cardoso, se o sr. o fizer, cortaremos as relações.

— Não há perigo, pode ficar tranquilo, o senhor não comerá macaco, porém, posso garantir-lhe que perderá ótimo petisco.

— Deus me livre! só se eu ficar faminto que nem o conde Ugolino. O bicho parece gente. Não é de balde que o preto velho — António Costa, empregado de meu saudoso amigo Dr. Silveira Mello, de Piracicaba, dizia, invertendo a teoria de Darwim: "Macaco já foi gente". Não, meu caro Cardoso, você pode tomar indigestão de macaco; quanto a mim, deixe-me na ignorância de tal pitêu.

Assim, em amável convívio com o Cardoso e sua bondosa família, fiquei à espera do "15 de Novembro", que deveria trazer minha bagagem.

Domingo de Ramos! Sim, iniciava-se a Semana Santa da maneira mais comum possível. Não ví nada que indicasse a efeméride tão querida do mundo cristão. Não sei se é o hábito das desobrigas, que leva as festas religiosas a domicílio, ou se é o indiferentismo religioso da gente destas regiões, a causa da quase nenhuma frequência de fiéis, em ocasiões como estas, nas vilas e cidades. Qualquer que seja a causa, porém, não deixa de ser triste. Domingos de Ramos sem alacridade pelas ruas e praças, sem criaturas alegres a empunhar, amarrados com fitas multicores, as tradicionais palmas bentas, aqui onde as florestas são pindobais que se perdem de vista, é um sintoma sociológico alarmante.

Alguns conhecidos, sabendo que me encontrava em Uruçuí, convidaram-me para passar os dias santos numa fazenda maranhense não muito distante. Aceitei o convite. Combinamos que a viagem seria à noite, a fim de evitar os rigores do sol. Até a fazenda era um pulinho, era ali mesmo; sairíamos ao pôr do sol, e, iluminados pela lua, faríamos uma viagem que seria um lindo passeio. Tudo pronto, ao tempo preestabelecido, partimos.

Foi marcha batida, com animais descansados, e assim mesmo só chegamos às 3 horas da madrugada, quando a lua ia sumindo no horizonte. Pertinho... ali mesmo. E vá a gente acreditar em informações de sertanejos quanto às distâncias por êstes sertões.

A fazenda que nos hospedava era simples, como todas as fazendas de criar, quer do Maranhão, quer do Piauí. As instalações constam de uma casa de adobe coberta de palha, onde mora o vaqueiro e se hospeda o proprietário, quando visita a propriedade; algumas ca-

sas de palha em que residem os agregados e um curral para o gado, com pequeno compartimento ao lado, a fim de prender os bezerros durante a noite.

Passei uns dias muito agradáveis e aproveitei o tempo para tomar notas folclóricas, que reputo interessantes. Na madrugada do Sábado de Alelúia fui despertado por forte fusilaria: eram os vaqueiros e agregados que, com seus rifles e lazarinas, saudavam a Ressurreição de Cristo. Pulei da rêde, fui ao terreiro, e, com o meu revolver, também tomei parte da alvorada festiva. Nisto, vejo um bicho-preguiça movendo-se molemente sôbre os galhos de uma árvore e tive a infeliz idéia de "fazer alelúia" no pobre animal. Foi tiro e queda. Até hoje, quando me lembro dêsse cruél episódio, sinto profundo remorso.

Vou transcrever algumas estrofes que anotei durante os folguedos:

*"Eu não sou casa caída  
Nem parede derribada  
E não sirvo de remédio  
Prá quem tem cabeça inchada".*

*"Batateira quando nasce  
Bota rama prá Baía;  
Onde tem rapaz solteiro  
Casado não tem valia". (152)*

*"A galinha e a mulher,  
Ninguém deixa passear;  
Galinha raposa come  
E mulher dá o que falar".*

*"Eu plantei, semiel,  
Semente de amor na mata  
Plantei um pé de ciúme  
Suspeita é que me mata".*

---

(152) Variante da "Batatinha quando nasce..."



*“Quase, quase não quiseste,  
Quase, quase estou querido;  
Se não fosse o quase, quase,  
Quase que eu caso contigo”.*

*“A mulher e a galinha  
São dois bichos interesseiro,  
A galinha come o milho  
E a mulher come o dinheiro”.*

*“Menina, diga a teu pai,  
Que não coma de colher,  
Que êle tá prá ser meu sogro  
E você minha mulher”.*

*“Cupido, deus dos amantes,  
Amantes sem ser querido;  
Ê muito má prometida  
Gente feio infuluido”.*

Achei muito interessante uma cantiga chamada —  
“Viu”. Guardei a letra e a música:

*“Benzinho, você não sabe,  
Que de nós andam falando?  
O enredo anda pro meio  
E o ciume anda rolando.*

(estribilho)

*Viu? Eu tô chorando  
Viu? Eu vô chorá  
Viu? A vida é essa  
Nosso amô vai se acabar,*

*Viu?*

*Quatro coisas neste mundo,  
O homem deve sabê:  
Trabaiá, bebê cachaça,  
Furtá moça e sabê lê.*

*Viu?*

.....  
.....

Gostei também de uma outra chamada “xerém”, dançam e cantam ao mesmo tempo. A letra parece-me ambígua, maliciosa, mas assim mesmo, não resisti à tentação de transcrevê-la, dizendo, como Eduardo III: *Honni soit qui mal y pense*:

*“Minha nêga, minha nêga  
Minha nêga,  
Se eu pedi você dá,  
Minha nêga,  
A boquinha prá beijá,  
Minha nêga,  
Lá no fundo do quintá,  
Minha nêga,  
No pé de maracujá,  
Minha nêga,  
Quando quero, quero já,  
Minha nêga”. (153)*

E assim, cantando e dançando o “xerém”, levantam nuvens de pó do chão sutil, que em algumas horas cobre de castanho-claro as cabeleiras negras das jovens e belas sertanejas. Durante as três últimas noites da Semana Santa, o céu se conservou límpido e a lua bri-

---

(153) Aqui ouvi também a estrofe referente à batatinha:  
Batatinha quando nasce,  
Bota a rama pelo chão,  
Naturalmente o Zé que trafega por estas bandas teve a oportunidade de ouvi-la.

"Quase, quase não quiseste,  
 Quase, quase estou querido;  
 Se não fosse o quase, quase,  
 Quase que eu caso contigo".

"A mulher e a galinha  
 São dois bichos interessetro,  
 A galinha come o milho  
 E a mulher come o dinheiro".

"Menina, diga a teu pai,  
 Que não coma de colher,  
 Que ele tá prá ser meu sogro!  
 E você minha mulher".

"Cupido, deus dos amantes,  
 Amantes sem ser querido;  
 É muito má prometida  
 Gente feio infuluido".

Achei muito interessante uma cantiga chamada —  
 "Viu". Guardei a letra e a música:

"Benzinho, você não sabe,  
 Que de nós andam falando?  
 O enredo anda pro meio  
 E o ciúme anda rolando.

(estribilho)

Viu? Eu tô chorando  
 Viu? Eu vô chorá  
 Viu? A vida é essa  
 Nosso amô vai se acabar,

Viu?

*Quatro coisas neste mundo,  
O homem deve sabê:  
Trabaiá, bebê cachaça,  
Furtá moça e sabê lê.*

*Viu?*

.....  
.....

Gostei também de uma outra chamada “xerém”, dançam e cantam ao mesmo tempo. A letra parece-me ambígua, maliciosa, mas assim mesmo, não resisti à tentação de transcrevê-la, dizendo, como Eduardo III: *Honni soit qui mal y pense*:

*“Minha nêga, minha nêga  
Minha nêga,  
Se eu pedi você dá,  
Minha nêga,  
A boquinha prá beijá,  
Minha nêga,  
Lá no fundo do quintá,  
Minha nêga,  
No pé de maracujá,  
Minha nêga,  
Quando quero, quero já,  
Minha nêga”. (153)*

E assim, cantando e dançando o “xerém”, levantam nuvens de pó do chão sutil, que em algumas horas cobre de castanho-claro as cabeleiras negras das jovens e belas sertanejas. Durante as três últimas noites da Semana Santa, o céu se conservou límpido e a lua bri-

---

(153) Aqui ouvi também a estrofe referente à batatinha:  
Batatinha quando nasce,  
Bota a rama pelo chão,  
Naturalmente o Zé que trafega por estas bandas teve a oportunidade de ouvi-la.

lhava com tal intensidade, que no terreiro foi dispensada a luz artificial.

Um rapaz da fazenda, se não me engano o filho mais velho do vaqueiro, estava filtrando licôr de pequí, repleto de formigas mortas.

— Quem vai beber isso, filho de Deus?! — perguntei-lhe admirado.

— Quem, seu dotô? Esses cabras tudo; aquí só não bebe o sino porque veve de bôca prá baixo.

Bôa piada; contudo, fiquei com pena dos que iriam “saborear” aquele licôr de pequí, ou melhor, licôr de formigas. E cá comigo, comentei: — antes disso do que a picada de uma cascável, porque esta cega sua vítima e o licôr pela grande dose de ácido fórmico que deverá conter, após a camoéca, aumentará a vista da cobraclada... Ainda bem.

Não houve o menor distúrbio, nem a mais leve falta de respeito empanou o contentamento geral. A festa terminou na paz do Senhor.

Segunda-feira, já descansados, regressámos a Urucuí. Felizmente o “15 de Novembro” havia passado. Minha bagagem fôra guardada na casa do amigo Cardoso.

Quando estava preparando a viagem para a Fazenda Grande, local do meu destino, surgiu um obstáculo: o Zé Cartucheira não conhecia o caminho. Que fazer? Dispensá-lo e contratar outro guia? Eu hesitava. De repente, o Cardoso, que para tudo dava jeito, alvitrou o seguinte:

— Tenho uma burra (154) branca, velha mas forte, que conhece o caminho daqui a Aparecida (mais ou menos, na metade do caminho para a Fazenda Grande), de trás prá diante, de cor e salteado; é só soltá-la na frente e acompanhar a bicha. Ainda mais: ela é boa de carga.

---

(154) *Burra* é o híbrido que no sul chamamos *mula*.

— Ótimo, Cardoso; amanhã o Zé passará suas atribuições à burra branca.

Deixei Uruçuí e os meus bons amigos às oito horas da manhã de quarta-feira. A burra branca, conduzindo minha bagagem, caminhava na frente garbosa e ligeira. Às onze horas chegamos a uma das moradas de Morro Redondo, onde paramos para almoçar. À noite fomos dormir no lugar chamado Tamboril.

Quinta-feira, manhã agradável. Eu já havia tomado o quebra jejum, e nada do pajem aparecer com os animais do peador. Julguei que a burra branca nos houvesse pregado uma peça, isto é, que tivesse resolvido regressar à sua querência, a Uruçuí. Mas não; alguns minutos depois de minhas apreensões, apontou o Zé tocando a tropa e a burra branca na frente.

— Que demora foi éssa? — indaguei ao pagem.

— O cavalinho alazão fugiu do peadô e não havia meios de achá; táva vendo que o diabo tinha virado gongo.

— Gongo?

— Nhor, sim; é como quem lá diz: imbuá ou entonce carranguajé.

Fiquei sabendo, pelas informações do Zé, que gongo, imbuá e caranguajé são sinônimos de *piolho de cobra*. (155)

Afinal, partimos, embora um pouco atrasados por causa da fuga do alazão, montaria do Zé.

Cerca de meio-dia chegámos à São Francisco, sede de fazenda à beira da estrada, e à direita do riacho do mesmo nome. Aí almoçamos. Às 14 horas reiniciamos a marcha. Subimos uns 200 metros e galgamos o chapadão compreendido entre os vales dos riachos São Francisco e Cascavél: é uma planície aproximadamente

---

(155) Nome vulgar dos Diplópodos (centopéias).

de 6 léguas. Era o quanto tínhamos de andar para alcançar o pouso.

O caminho é uma reta mais longa do que uma noite de insônia, sob a linha telegráfica. Nas viagens a cavalo, pelo sertão, não há nada que desacorçoe mais o arrojado viajante do que uma reta longa, dessas que o povo hiperbolicamente chama de sem-fim. E' um verdadeiro suplício. Eu, porém, procurava distrair-me observando ora o solo, ora a fauna, ora a flora por onde passava. A noite nos apanhou no término da reta telegráfica. Quando começamos a descer a ladeira do vale do Cascavél, a estrada desviava-se da linha, a fim de contornar grutas difíceis de transpor. Nesse trecho a burra branca demonstrou sua eficiência. O caminho, coberto de mata, recortado por diversos desvios, era de fato complicado. Mas a burra (que injustiça dar-lhe êste nome!), na frente, imperturbável, virava, descia, tornava a virar, descendo sempre. Eu ia ao seu encalço, servindo-me de ponto de referência a garupa branca do prestimoso animal. E assim chegamos todos, sãos e salvos, ao pouso Cascavel.

No dia seguinte, perfeitamente em forma, ordenei a partida: a burra branca à frente e nós à retaguarda, iniciamos a jornada.

Paramos para almoçar num lugar com dois nomes: Prata ou Genipapo.

O vale do riacho Cascavel, quanto à sua fertilidade, deu-me boa impressão. Ví muitas roças e matas que atestavam o valor das terras.

À hora regimental, ganhamos de novo a estrada. À medida que nos iamso aproximando da Aparecida, onde deveríamos pernoitar, a paisagem tomava aspéctos desagradáveis; a topografia não podia ser mais tétrica; à direita levantavam-se aleijões de arenito corroidos pelas constantes erosões; tal cenário deu-me momentos de

mal estar, de angústia, que me roubou até o meu costumeiro otimismo e amor à natureza. Livra! que lugar horrível!

À tarde, ao lusco-fusco, chegamos a Aparecida, triste cidade, nossa conhecida de 1915. Amavelmente recebido pelas pessoas gradas da cidade, fui hospedar-me na casa do agente telegráfico, casa de alvenaria e coberta de telhas. Após o jantar, como me sentisse fatigado, pedi licença aos meus hospedeiros e estirei-me na rêde, não sem verificar primeiro se estava a salvo dos perigosos e nojentos “chupanças” transmissores da Moléstia de Chagas.

Na manhã seguinte, bem cedo, mandei dar ração dobrada de milho à nossa prestimosa “madrinha” — a simpática burra branca, e mandei que fosse entregue aos cuidados da pessoa que a deveria recambiar ao seu proprietário — o amigo Cardoso. E assim foi feito.

Ao “seu” Rocha, chefe político local e dono do maior empório comercial da cidade, sempre muito atencioso para comigo, pedi-lhe que me arranjasse um pedreiro, pois, a primeira coisa que eu queria construir na fazenda, era uma confortável residência.

— Aquí é muito difícil conseguir-se um homem pedreiro; o único que temos, está cumprindo pena na cadeia.

— Se é assim, “seu” Rocha, ter um e não ter nenhum é a mesma coisa. Não é à-tôa que lá no sul nós dizemos: quem tem dois tem um, quem tem um, não tem nenhum.

— Está certo; mas, o senhor querendo, eu posso dar um jeito.

— Qual o jeito?

— Eu lhe arranjo êsse mesmo que está preso: é um homem muito comportado, obediente e incapaz de faltar com a palavra,



— Aceito, sem todavia, assumir responsabilidade alguma, isto é: não respondo pela possível fuga do sentenciado.

— Não tem perigo, pode levar o homem sossegado, que leva um ótimo mestre e acatador das ordens que o senhor lhe der.

— Então tenha a bondade de mandar chamar o pedreiro para ajustarmos o salário. Tudo ficou arrumado: dei-lhe algum dinheiro para as pequenas despesas e êle prometeu que no dia imediato seguiria com a ferramenta.

No correr destas impressões ou recordações do Norte do país, tive ocasião, várias vezes, de me referir à relativa liberdade de que gozam os sentenciados nas urbes sertanejas. Agora estava diante de um outro caso típico, por sinal, bem curioso e digno de estudos pelos sociólogos ou criminologistas. Um sentenciado, sem a mínima formalidade legal, a não ser uma palavra, iria trabalhar em lugar distante de sua residência forçada; faria sozinho, como o mais livre dos homens, uma viagem a cavalo que duraria todo o dia. De duas, uma: ou essa gente é de uma submissão que toca às ráias do hipnotizado, ou a prisão não passa de uma cousa simbólica.

Despedi-me dos amigos e agradeci ao “seu” Rocha os obséquios que me dispensou. Nesta jornada eu seria o guia, pois o trajeto de Aparecida a Fazenda Grande era meu conhecido, muito embora houvesse passado por êle uma única vez. Em todo caso, quem tem boca vai a Roma. Partimos às 8 horas e às 11 estávamos chegando a Inhuma.

Enquanto o pãgem foi preparar o almôço, eu aproveitei o tempo para tomar um banho tépido nos olhos d’água, os conhecidos “Olhos d’Água da Inhuma”.

Às 14 horas partimos rumo à Fazenda Grande, nova propriedade da Companhia, e lá chegamos às 20,45 horas. Fui recebido pelo vaqueiro da fazenda, o qual, ciente da minha partida de Uruçuí, aguardava-me a todo momento. A sede da fazenda, casa do vaqueiro, serviu-me de pousada na noite de 30-31 de julho de 1915, quando por ali passei em companhia do Dr. Agenor Augusto de Miranda, na viagem que fizemos de Terezina a Santa Filomena.

## CAPÍTULO IX

*Aspectos florísticos — Ajuste entre o dono da fazenda e o vaqueiro — Espertezas dêste — Vaquejada — Origem mourisca do aboio — Os engenheiros norte americanos — Morissocas do vale do Gurguéia — Um acluque de erisipela — Zé Cartucheira dá amostra do pano e as de "Vila Diogo" — Caçada ao "tatú bola" — Construção da Casa Grande — Um Santiago que não era Santiago — Caçada de cobras venenosas — Os dois luzitanos — Dura provação do Teteira — Cura de caboclo "espritado" — Impaludismo — Festa na Fazenda Grande — Folclore — O cangambá: animal ofiófago.*

A fazenda de criar a que eu ia dar organização adequada, de acôrdo com os ensinamentos modernos, chama-se FAZENDA GRANDE e fica situada à margem direita do rio Gurguéia. A séde é cortada pelas estradas que vêm de Uruçuí e Floriano, e que aquí se unem num tronco só em direção a Bom Jesus da Gurguéia. O solo é sílico-argiloso em grande parte, pouco fértil, a não ser nas várzeas, onde apresenta consideráveis extensões próprias à agricultura, um tanto prejudicadas pelos alagadiços, que, em todo caso, podem ser drenados. A cobertura vegetal é constituída, nas partes baixas, ribeirinhas, de gramineas diversas, entre as quais o capim de angola e vegetação arbórea em que abundam as "marias-moles" (*Cassia alata*) e

juremas espinhosas; subindo um pouco, encontram-se as palmeiras babaçús, algodão-bravo, jatobás; nas partes altas distinguem-se dois aspectos florísticos: a flora da caatinga e a dos campos; na primeira predominam as leguminosas, que fornecem "ramas" ao gado, notando-se também, principalmente nos lugares pedregrosos, moitas de conhecidas bromeliáceas — macambira e caroá, e na segunda sobressai a manta de capim agreste pontilhada de palmeiras acaules, como a catolé, vindo depois as árvores de grande porte, tais como: cajueiro, páus-d'árco (ipê), roxo e amarelo, caraibas, angicos, favas-dantas, coração de negro, faveiros e creolí, cujas folhas luzidias lembram as da pitangueira; nos grotões úmidos aparecem madeiras de lei: cedro, sucupira, amargoso (156), violeta, claraiba etc. Esta última cientificamente conhecida por *Cardia glabrata*, é empregada no fabrico de cabeçalho de carro. O amargoso tem um fuste "linheiro", que se presta à carpintaria; o lenho é amarelo e de sabor amargo, daí seu nome vulgar; sua madeira, sem ser mole, é dúctil às ferramentas dos carpinteiros.

A fazenda tinha umas mil cabeças de gado. Creio, se não me falha a memória, que o gado foi comprado a 35\$000 *per capita* situado, isto é, com as terras da fazenda e tudo o mais. Naturalmente o meu amável leitor sorrirá diante desta informação, mas faça a roda do tempo voltar atrás trinta e dois anos e coloque-se lá no sertão do Piauí, certamente não achará absurdo o que acabo de dizer. Sim, naquele tempo, comprava-se uma rês situada por 35\$000. E' interessante notar-se que em negócio de gado naquele tempo e no Piauí, as terras eram um fator secundário; o primordial era repre-

---

(156) Amargoso, árvore da família das leguminosas, divisão das Papilionáceas — *Tipuana fusca* Ducke.

sentado pelo gado. As regalias do vaqueiro, na Fazenda, eram estas:

a) de quatro bezerros um, independente do dízimo que correrá por conta da Fazenda;

b) uma matalotagem por quinze bezerros nascidos durante a era, contando-se nesse número os bezerros mortos por motivos independentes da vontade do administrador (vaqueiro). (157) Os couros das matalotagens pertencerão exclusivamente à Fazenda e serão aplicados em obras;

c) o direito de dispôr de toda a carne dos caprinos adultos sacrificados para a venda das peles que pertencerem exclusivamente à Fazenda;

d) dez por cento dos lucros brutos realizados pela Fazenda durante a era, proveniente da existência dos animais de qualquer espécie nascidos na Fazenda, menos os que tocarem ao administrador na partilha. Essa porcentagem será sempre paga em dinheiro e não será nunca inferior a 100\$000."

O contrato acima transcrito, não há a menor dúvida, fazia do administrador (vaqueiro) sócio da Fazenda; aliás, representava a norma adotada nas demais fazendas piauienses. Portanto, o Piauí, na exploração de sua pecuária, havia atingido um alto grau econômico-social: quase que não existiam as figuras de empregado e empregador. Socialismo cem por cento!

Nas fazendas de criar praticavam-se muitas esper-tezas. Por exemplo: o vaqueiro — não os honestos — quando deseja fazer uma matalotagem além do trato, mata um garrote sem deixar vestígios externos, introduzindo-lhe um espeto por uma das aberturas naturais; depois faz correr a notícia de que o pobre bicho foi

---

(157) Esta letra, até certo ponto, favorecia o pouco cuidado do administrador. Naturalmente ele não iria declarar que algum bezerro havia morrido por sua desídia.

vítima de um acidente qualquer, e como o couro não apresenta nenhum sinal de ferimento, fica tudo justificado. Outra velhacaria: — o couro de caprinos não era vendido tendo por base a unidade quilo, como o do gado vacum, mas, sim, constituindo cada couro a unidade comercial — uma pele. Que fazia, então, o vaqueiro? De cada animal tirava dois couros. Para facilitar a compreensão, figurarei o caprino posto sôbre o solo em decúbito ventral com os membros inferiores também encostados ao chão, estirados no sentido perpendicular ao corpo; nessa posição, escarrapachado, o vaqueiro faz um corte longitudinal a começar pelas pernas e tira a parte do couro correspondente ao dorso; depois, com facilidade, tira o resto, que é a parte relativa ao ventre; assim o espertalhão, de uma só cabra ou bode, tira dois couros. E êle se sente indultado e ufano mesmo, porque é para enganar “ingleis”... Os couros destinavam-se, em sua totalidade, à exportação.

Mais maroteiras:

Cada fazenda tem sua marca, “ferro”, com que identifica seu gado; isso é essencial, porque as fazendas não são cercadas e o gado se mistura fàcilmente. Nas “vaquejadas”, às vezes, aparecem rêses não “ferradas”, não identificadas por negligência ou outro motivo da parte do vaqueiro por elas responsáveis. Então, quem fez a “vaquejada”, um vizinho talvez, caso não seja muito escrupuloso, “ferra” o adventício que passa tãcitamente a fazer parte de seu rebanho. De vez em quando a maroteira é descoberta e a coisa termina mal.

Contaram até que havia indivíduos — verdadeiros salteadores — que andavam pelas malhadas alheias à procura de algum descuido, isto é, de alguma rês não “ferrada”, para apossarem-se dela indèbitamente,

Com a perícia e a destreza própria dos vaqueiros, derribam o animal, amarram-no, e com o "ferro" em braza, previamente aquecido, marcam-no; mais tarde, quando o sinal estiver bem cicatrizado, vão "honestamente" arrebanhá-lo, com a devida licença do proprietário da fazenda.

No segundo ou terceiro dia da minha chegada, resolvi fazer um reconhecimento geral da fazenda. O gado gordo, sem carrapatos e sem bernes, apresentava um aspecto agradável. Percorri matas, caatingas, pastos e aguadas. Nesta visita constatei um fato interessante e que era novo para mim: o gado, naturalmente, junta-se em lotes distintos, cada um em sua malhada, sua querência; assim é que, o vaqueiro prestimoso conhece os bois e suas respectivas malhadas; só excepcionalmente a rês de uma malhada passa para outra. Feito o reconhecimento, combinei com o administrador uma "vaquejada" para a próxima semana, pois já estávamos no fim do inverno ou estação chuvosa.

Foram convocados todos os vaqueiros da fazenda. O administrador indicou a cada um a malhada que deveria percorrer a fim de que todo o gado fosse reunido no rodeador. Os vaqueiros, no dia seguinte, vestidos de couro, montados em cavalos magros, levando como farnel uns punhados de farinha de mandioca e uma rapadura, desapareceram nas penumbras da madrugada quais cavaleiros andantes das lendas medievais.

A tarde, sol alto ainda, comecei a ouvir gritos ao longe: eram os vaqueiros que se aproximavam tangendo os bois. Ouví, então, uma voz mais distinta e percebi que não eram gritos do arrenego por causa de um boi renitente, percebi que eram notas longas, plangentes, com modulações estranhas; prestei atenção, coloquei ambas as mãos em concha nos pavilhões auri-

culares para poder ouvir melhor, e a voz continuava cantando, sim cantando, porque era um canto a melodia que eu escutava. Era um canto simples, triste, saudoso, entrecortado por gorgeios ritmados, um canto cheio de nostalgia e unção, era o "aboio" do destemido vaqueiro nordestino.

Quando saí deste enlevo, notei que o gado vinha perto, levantando uma nuvem de pó no descalfado; os vaqueiros em semi-círculo, procuravam dirigir os animais para o curral. De repente, não sei se foi por acaso ou provocado, um novilho, em louca disparada, fugiu para o campo; ato contínuo, como se fôra movimento sinérgico, o vaqueiro rompeu com seu cavalo como um bólido, ao encalço do fujão. O cavalo alcançou o novilho, correram alguns segundos emparelhados; nisto o vaqueiro deitou-se sobre a sela, num gesto rápido apanhou a cauda do boi, deu um golpe violento no sentido da carreira e o bicho virou de pernas para o ar; o vaqueiro saltou no mesmo instante, e, num abrir e fechar de olhos, o novilho estava peado.

Outro boi desgarrou e enveredou pela caatinga; sem perder um minuto, o vaqueiro que estava mais perto jogou seu punga nas pegadas do bicho; êste, na ânsia de fugir, meteu-se pela mata a dentro; o vaqueiro, qual uma flecha, deitou-se ao lado esquerdo do cavalo, bem colado, a ponto de constituir um todo com o corpo do animal, sem medir o perigo, penetrou também na caatinga fechada, dando-me a impressão de um suicídio. Passado um quarto de hora, apareceu êle, o vaqueiro, sorridente, comunicando que o boi estava preso.

— Então, rapaz, você não ficou com medo de quebrar a cabeça? — perguntei-lhe.

— Nhor, não, seu dotô. Onde passa o boi, passa o cavalo e cavalero também.

— Em todo caso é bom não facilitar.



— Já tem acontecido, seu dotô, de vaquero quebrá costela, abrí a cabeça e inté morrê. Que é que o vaquero vai fazê? é o jeito.

E com êsse “é o jeito”, de um conformismo estóico, foi o vaqueiro ultimar sua tarefa.

O que mais surpreende no vaqueiro é que a aparente apatia sonolenta, diante de um caso como os acima citados, transforma-se como que por encanto: surge a figura audaz e intrépida, ativa e até elegante do lidador de feras bravias. Em seguida a todos êsses incidentes, próprios das vaquejadas, começou o trabalho de encurralar os bezerros que deveriam ser marcados nas orelhas relativamente à era do nascimento, os que iriam receber o ferro em brasa na anca, para identificar a propriedade e finalmente os que seriam castrados. E esta última operação os vaqueiros, cândidamente, dão o nome tranquilizador de “benefício”. Se isso é beneficiar, o diabo leve tal benefício. Notei que os vaqueiros lidavam brutalmente com os pobres animais. O ofício, ao invés de lhes provocar afeição pelo rebanho sob sua guarda, deu-me impressão contrária. Assim como cortavam o primeiro galho de árvore que lhes interrompia o passo, tiravam um naco da orelha ou quebravam indiferentes a cauda da rês, que se não submetia à sua vontade. Eram dois rústicos que se encontravam: o vaqueiro bronzeado pelo sol das caatingas e o boi nascido e crescido ao Deus dará. Nessa luta de interesses contrários, quem saia perdendo sempre era o infeliz animal, isto é, o desventurado boi.

Mandei apartar quatro vacas sadias para o fornecimento de leite necessário ao gasto da casa. E assim terminaram os trabalhos daquele dia tão cheio de fatos interessantes para mim.

À noite, após o jantar, deitei-me na rede sob o mosquitoireiro. Comecei a recapitular as coisas do dia, e o "aboio" do vaqueiro, no princípio muito confuso e daí a pouco bem nítido, ressoava em meus ouvidos. Era uma melodia que me lembrava outras melodias; quais, porém? Até que enfim achei: era a melodia mourisca filtrada através da alma granadina a ecoar, um tanto transfigurada pelo meio, nas caatingas e chapadões da terra piauiense. Quando o vaqueiro nordestino "aboia", é o almuadem que das almádenas das mesquitas convoca o povo à oração, é o andaluz romântico, gorgendo seus cânticos de amôr. Estarei certo? quem sabe; estarei errado? pode ser; em todo caso aí fica o assunto para os estudiosos da demopsicologia que o desejem investigar.

Não resisto a tentação de transcrever aqui, mais um lindo soneto do inspirado poeta piauiense Da Costa e Silva:

#### "O ABOIO"

"O sol desfaz-se em ouro nas quebradas,  
Surge a lua de prata, além da serra,  
Nos saudosos sertões da minha terra,  
Pelo tempo feliz das vaquejadas.

À hora azul do crepúsculo, as boiadas  
Vêm chegando aos magotes para a ferra,  
Em correrias, num tropel de guerra,  
Nuvens de pó forniando nas estradas...

Mas uma rês desgarra de repente;  
No cavalo fogoso e mais ligeiro  
Perseguem-na a correr, inutilmente...

Ouve-se o aboio no sertão inteiro...  
Volta a rês ao curral, pausadamente,  
Vencida ao som do canto do vaqueiro."

Nos primeiros dias de maio, chegou, vindo de Aparecida, o pedreiro Amâncio — o sentenciado — que me fôra indicado pelo prefeito da cidade. Veio sozinho, montado num cavalinho magro, sem escolta, sem nada, a não ser a vigilância de sua palavra empenhada.

O pedreiro Amâncio era uma figurinha insignificante, e até certo ponto simpática: mestiço, em que predominava o ameríndio, baixo, magro, dentes estragados, olhar humilde, dócil e obediente. Não dava a impressão de ser delinquente. Talvez por isso, nunca tive a curiosidade de saber o que havia praticado de mal. Para mim, êle era simplesmente, unicamente — o mestre Amâncio.



*Casa da Fazenda Grande*

No dia seguinte à sua chegada, fomos escolher o local em que deveríamos construir a nova casa da fazenda. Atravessámos o riacho que cortava os fundos do quintal da casa velha, e nos limites da caatinga com o campo, em terreno de topografia regular, levemente inclinado para a frente, na direção do rio Gurguéia, ris-

cámos os fundamentos da casa grande. A notícia de que estávamos construindo uma casa correu célere, e, sem demora, começaram a aparecer os operários que vinham oferecer seus serviços. Aos artífices eu pagava 2\$000 por dia e aos simples operários 1\$000, com comida.

Abertos os fundamentos, começamos as construções; os alicerces foram feitos de pedra, as paredes de adobe e a cobertura de palha da palmeira babaçú. Auxiliavam o Amâncio nos trabalhos de construção o pedreiro Dionísio e os serventes José Délia e José Calango. Empregámos na cobertura do prédio mil e seiscentas folhas de palmeira babaçú. Os trabalhos de carpintaria foram executados pelo ótimo carapina João Alves — mestre João.

Quando estávamos dando início aos trabalhos de carpintaria, apareceu na obra um caboclo dizendo-se carapina à procura de trabalho, e sem rodeios perguntou-me:

— Se mal lhe pergunto, Vamincê é o dono da fazenda?

— Sou, sim, senhor. Que é que deseja?

— Eu sô carapina e venho aquí atraís de um ganho.

— O senhor chegou mesmo a talho de foíce, pois estou precisando de carapinas.

— Quanto vamincê paga?

— Pago 2\$000 por dia com comida. Serve?

— Tá combinado.

— Como se chama? — O caboclo pensou um pouco e meio desconfiado respondeu:

— Eu me chamo Santiágo (acentuou o i).

— Como? O senhor naturalmente quer dizer Santiágo, não é assim?

— Prá falá bem a verdade, eu não sou nem San-

tiago nem Santiago, o meu nome certo mesmo é Norberto.

— Mas, então, que embrulhada é essa?

— Eu lhe espilico, patrão: eu sô lá das bandas dos Gerais, e nós tem muito arreceio dos cabras das caatingas, que são fazedores de idéia. Entonce eu pensei: chegando nas caatingas, eu digo que sou Santiago; apois os cabras, fazendo idéia no Santiago, não fazem em mim, porque eu sou Norberto.

Não pude conter o riso que desatou em gostosa gargalhada, gargalhada que todos acompanharam, inclusive o esperto e desconfiado carapina.

Fazer idéia ou idéa, como Norberto pronunciava, caro e paciente leitor, é fazer feitiçaria, e de feitiçaria até muita gente boa tem medo. . .

Correndo parelha com a construção da casa, a dos currais ia vento em pôpa. Mandei fazer currais simples, mas obedecendo todos aos preceitos higiênicos. Os vaqueiros, com raras exceções, são muito relaxados, de sorte que, na estação das chuvas, os currais se transformam em lamaçais que martirizam o gado. As vacas leiteiras chegam a enjeitar o bezerro pensando no atoleiro que as espera de madrugada no curral, onde vão dar o seu leite em troca da restituição do filho que ficou à noite preso.

Para evitar êsse inconveniente, mandei rasgar valetas de escoamento a fim de manter sempre o curral limpo e sêco. O vaqueiro da fazenda, apontando o curral velho, dizia-me:

— Quando chovia muito, tinha dia que as vacas mancavam e a gente ficava sem leite.

As vacas mancavam, isto é, faltavam, não compareciam no curral em busca de seus filhos, apesar dos berros que êstes soltavam a todos os ventos. O su-

plício do lamaçal embotava o sentimento de amor materno.

No que os vaqueiros piauienses são insuperáveis, é na habilidade com que seguem os rastos dos animais e até de gente. São observadores exímios: o menor sinal é uma indicação segura. Às vezes causavam-me admiração. Certo dia, eu estava dando a última demão à casa nova, quando passou uma boiada com destino a Floriano. O vaqueiro-chefe veio cumprimentar-me e ao mesmo tempo pedir licença para procurar algumas rêses que se haviam tresmalhado. E enquanto tomávamos o café para o qual o havia convidado, perguntei-lhe:

— Como pode o amigo rastejar as suas rêses nesta fazenda de criar, em que o chão está crivado de rastos de gado? — Ele sorriu com ar superior e, certo de seu conhecimento, respondeu-me:

— É muito fácil, seu dotô. O gado da fazenda anda sossegado pelas malhadas e não gasta os cascos; as rêses que vêm em marcha forçada pelas estradas açoitadas pelos tangerinos, passando em lagedos, no fim de pouco tempo tá com a ponta do casco comida. Por aí eu já posso separá o meu gado do gado da fazenda: o rasto de casco com as pontas roídas é do meu gado.

— E nos terrenos pedregosos, cheios de coroatás, como desta caatinga que se estende por detrás da casa, como é que o senhor consegue acompanhar o rasto de seus bois?

— É muito fácil, seu dotô. O gado da fazenda anda sossegado, de barriga cheia, só procura touceira de capim verde e corta o capim bem por iguá; o gado de boiada vem que vem danado de fome; êle come o capim que encontra, e não tem paciência prá cortá, vai arrancando, arrancando. Por aí eu posso separá o gado que passô por aí comendo. Não há dificuldade nenhuma.

— Não resta a menor dúvida — disse-lhe eu, satisfeito com a lição do vaqueiro — neste mundo é como lá diz o ditado: cada macaco em seu galho.

— Antonces, com sua licença, seu dotô, vou ras-tejar o meu gado, e até outra vista, querendo Deus.

— Até outro vista, se Deus quiser, amigo. Diante do brilhareto do vaqueiro que conduzia a boiada para Floriano, os da fazenda não quiseram ficar atrás, e passaram a narrar suas habilidades.

Quando estávamos no comêço da construção da casa-grande, passaram pela fazenda, e foram meus hóspedes durante dois ou três dias, dois engenheiros norte-americanos, que, segundo pude depreender, estavam fazendo o levantamento daquelas regiões por trianguladas. Creio que estavam a serviço de alguma companhia norte-americana interessada no sub-solo piauiense.

Eu havia improvisado um nível para tirar uma derivante do riacho, a fim de irrigar pequena gleba destinada à instalação da futura horta. O nível era um simples triângulo equilátero, de dois metros de lado, munido de um prumo. Os engenheiros norte-americanos olharam-no com visível interesse como se estivessem fazendo preciosa descoberta, e um murmurou para o outro em inglês, que eu pude compreender:

— É um nível romanol

Sem malícia, e para que meus ilustres hóspedes não fossem vítimas de um equívoco etimológico, expliquei-lhes como e por que eu havia feito aquele nível. Fizemos boa camaradagem.

Um deles era exímio atirador e trazia penduradas na corrente do relógio algumas medalhas ganhas em campeonatos de tiro ao alvo. Demos alguns tiros com revolver, e a bem da verdade, pondo a modéstia de lado, não fiz má figura.

No dia da partida fizeram questão de tirar o meu retrato. Eu usava respeitável barba à Alexandre III

da Rússia. É bem possível que minha estampa figure, com barba e tudo, nas páginas dos relatórios dos intrépidos engenheiros.

Com fortes apertos de mão despediram-se de mim e partiram. Não guardei seus nomes. Creio que fiz mal. Cada vez que usava o nível vinham-me à mente os engenheiros norte-americanos.

O riacho de que estava eu tirando um rego d'água para molhar a horta proporcionava-me, todas as manhãs, um banho agradável. Dava-se, porém, um fato interessante: no ardor do sol, durante o dia, o riacho "cortava", isto é, secava, e à noite corria novamente. Assim, a água armazenada nos "caldeirões" de arenito de seu leito se renovava, e eu podia de madrugada tomar banho em água limpa e fresca.

Certa manhã, ao tomar o meu banho costumeiro, notei na perna esquerda, na altura da canela, umas estrias vermelhas, que me impressionaram. No dia seguinte a perna estava inchada e vermelha. Mal podia andar. Passei o dia febril e com abundante diurese. Não tive dúvida: estava com erisipela. Que fazer? Lembrei-me de que no Butantã, o meu ilustre mestre Vital Brasil, havia tratado do meu sobrinho Chiquinho (158) atacado de erisipela da seguinte maneira: uma limonada purgativa e depois polvilho canforado na perna, várias vezes durante o dia (159).

Tomei o purgante e na falta de polvilho canforado, tive a sorte de encontrar na casa do vaqueiro da fazenda uma garrafa de álcool alcanforado — cachaça com alcanfôr dos nossos caboclos. À noite, antes de me deitar, mandava o António — António Martins, meu fiél e dedicado companheiro de sertão, — preparar água bem quente e com ela molhava uma toalha que

---

(158) Francisco Carlos Iglésias de Lima, engenheiro agrônomo.

(159) Naquele tempo não havia vacina anti-estreptocócica,



envolvia na perna; de quando em quando, despejava água quente na toalha para manter o calor; depois de 15 a 20 minutos, tirava a toalha e o Antônio aplicava o álcool alcanforado. O tratamento durou quasi um mês. A cura, felizmente, foi completa. Satisfeito com o resultado, aproveitei a oportunidade para ensinar ao pessoal do lugar como se combate um ataque de erisipela. Deus, na sua misericórdia infinita, serviu-se de minha humilde pessoa para derramar suas bênçãos sobre aquella pobre gente, que alí vivia à mingua de recursos médicos.

Em meados de junho a casa ficou pronta e me transladei para ela. Dava-me a impressão de um bangalô: quartos espaçosos e limpos, paredes bem acabadas, onde seria impossível alojar-se o repugnante e perigoso "chupança", e, finalmente, lindo terraço voltado para sudoeste, de onde, à tarde, eu contemplava o pôr do sol atrás da serra do Gurguéia. A casa, como já disse, ficava no limite da caatinga com o campo; êste estendia-se na frente e ia, em declive manso, morrer à margem direita do rio. Apesar disso, o ambiente era tétrico, com a agravante de eu não ter com quem trocar idéias. A minha máxima preocupação, à noite, era deitar-me e dormir imediatamente. Contudo as madrugadas eram alegres, cheias de vozes que entoavam hinos à vida. Em pé, no terraço, assistia ao despertar da bicharada. As seriemas corriam aos pares, soltando gritos estrídulos; bandos de marrecos e periquitos cortavam os ares em busca de alimentos; na caatinga, os jacús faziam ouvir suas vozes voando de moita em moita; grupos de espertos e alegres saguís faziam acrobacias nos galhos das árvores; ao longe, no meio do agreste, as emas, com seus pescoços de girafa, davam os ares de sua graça.

Quase me esquecia de dizer que o mestre Amâncio, disciplinado e correto, deu conta de seu recado. Terminada a obra, êle recebeu o resto de seus salários e regressou, tranquilamente, para Aparecida. Outro que também partiu, mas de maneira diferente, foi o José Cartucheira. Lembram-se dêle? o meu guia de Grajaú a Benedito Leite, no Maranhão.

O José Cartucheira conseguiu, durante o tempo em que esteve a meu serviço, captar minha confiança, e resolví mandá-lo a Floriano, fazer umas compras, Isto na primeira semana de Julho. Foi com três cavalos e um jumento, e dei-lhe 100\$0000 para as despesas. O José vendeu os animais e caiu na orgia. Consegui reaver os três cavalos; quanto aos 100\$000, "jégue" e Zé Cartucheira, nunca mais os ví.

Naturalmente o leitor paciente estranhará que eu mandasse um comboio de 4 animais para conduzirem a carga adquirida só com 100\$000. O fato tem que ser considerado no tempo e no espaço, isto é, recuar 32 anos, no interior do Piauí. Naquele tempo e naquelas redondezas eu comprava uma quarta de farinha de mandioca (igual a um alqueire de 50 litros do sul) por 2\$000 apenas; portanto, com 4\$000, 100 quilos de farinha, mais que suficiente para constituir carga pesada para um animal de cangalha. Um facão Collins custava 6\$800 e uma enxada marca Jacaré, 3\$800, segundo a conta que me apresentou, em 3 de junho, a casa comercial de Rogério Carvalho & Cia., em Uruçuí.

As velas de carnaúba eram muito baratas: em Aparecida comprei 14 por \$700. A cachaça era relativamente cara: uma garrafa custava 1\$000. Três varas (cada vara é igual a 1,10 m.) de fumo de corda custavam 4\$500. Um porco grande, 25\$000; 100 rapaduras, 4\$000; 5 garrafas de azeite 2\$500 e assim por diante.

Para quebrar a monotonia das noites na Fazenda

Grande, aceitei o convite que me fizeram os vaqueiros, para uma caçada ao tatú-bola (160), no alto do campo. Aceitei o convite, e, numa noite de luar, partimos para o campo com os cachorros especializados em tal caçada. Antes, porém, da partida, aconselhei que todos deveríamos ir com perneiras, pois as cobras venenosas são noturnas e não convinha facilitar. O seguro morreu de velho e o desconfiado ainda anda por aí, concluí conselheiramente... Todos concordaram. Partimos. O luar era tão claro que me permitia distinguir as árvores distantes, determinando-lhes as espécies, como, por exemplo, os cajueiros, mangabeirás e outras. De repente pregamos e levamos um susto: — quasi a nossos pés pulou enorme ema que saiu em desabalada corrida. Não demorou muito, os cachorros deram no rasto dos tatús. Nisto, um tatú-bola saiu correndo na frente dos cachorros, e nós atrás. Quando êle percebeu que seria alcançado pelos seus perseguidores, dobrou-se sobre si mesmo, de tal maneira, que se transformou numa bola perfeita e invulnerável aos dentes dos cachorros. Um dos vaqueiros, que ia à frente, o apanhou com as mãos. O tatú-bola, como o leitor amável acaba de vêr, é um animalzinho fácil de ser caçado, desde que êle não consiga alcançar o buraco, onde se abrigue de seus importunos inimigos. Caso consiga entrar no buraco, então torna-se necessário cavar com enxadão ou fazer fogo na entrada do esconderijo. Esta última forma me repugnou e não permití que a praticassem. Em tudo deve haver uma nota de elegante humanidade. Até nas guerras — essa coisa execrável — há leis que mais ou menos as humanizam.

Outra caçada a que eu me dedicava com prazer e que causava horror aos vaqueiros e agregados da

---

(160) Tatú-bola, mamífero, pertencente à família dos Dasipodídeos, cujo nome científico é: — *Tolypeutes conurus*.

fazenda, era a das cobras venenosas. Apanhei muitas jararacas e cascavéis destinadas às coleções do Instituto do Butantã. Um dia, o acaso — colaborador precioso — proporcionou-me esplêndida descoberta, que me possibilitou escrever um capítulo novo na profilaxia do ofidismo. Relatarei esta observação no fim deste capítulo.

Estava eu ultimando a organização da Fazenda Grande, dando-lhe feição moderna sem fugir muito das condições do meio, quando recebi um telegrama do Dr. Agenor de Miranda, solicitando-me que fôsse até Uruçuí esperar dois técnicos portugueses, especialistas nas pesquisas de salitre.

Sem perda de tempo, acompanhado pelo vaqueiro da fazenda, segui para o porto do rio Parnaíba. No dia seguinte à minha chegada a Uruçuí, os portugueses desembarcaram do “gaiola” “15 de Novembro”. O comandante do vaporzinho fez as apresentações. Descarregada a bagagem, todos nos dirigimos à casa do velho amigo Cardoso.

Os portugueses eram simpáticos: um, o Teixeira, era alto, magro, louro, olhos azuis, tez vermelha e sar-denta, denotando ter uns 50 anos de idade; maneiras distintas e um tanto modestas; o outro, o Ferreira, 40 anos presumíveis, baixo, gordo, moreno, traços mouriscos, maneiras abertas, alegre e duma franqueza muito portuguesa, que às vezes rebentava em expressões pouco *perifrásticas*.

*Foi para mim uma delícia o encontro com os portugueses. Até alta hora da noite o Ferreira nos entreteve com as mil e uma coisas que nos contou sobre a África e a capital da colonia portuguesa — Loanda. Como precisassemos viajar de manhã bem cedo, interrompemos a tertúlia agradável e fomos dormir.*

De madrugada pulei da rede para tomar todas as providências necessárias. Após o café com beijú, partimos. Jornada tranquila e sem novidades. Fizemos pouso no lugar chamado São Francisco. Eu, treinado em longas viagens a cavalo, levantei-me completamente descansado; mas os dois lusitanos estavam derreados, principalmente o Teixeira, coitado! Este, para conseguir galgar a sela, foi-lhe preciso encostar o cavalo no barranco da estrada.

Iniciamos a jornada devagarinho, e assim subimos a encosta até alcançarmos o chapadão. Não tínhamos feito uma hora de caminho, quando o Teixeira, com voz sumida, mal pondeu dizer:

— Amparem-me, que vou cair.

Incontinenti, eu e o Ferreira pulamos dos cavalos e acudimos o Teixeira, que, embora amparado por nós, com dificuldade deixou a sela. Estava pálido, e via que ia perder os sentidos. Deixei-o no capim com a cabeça bem baixa e da bolsa que não me largava tirei um frasco de éter e dei-lhe para inspirar. Alguns minutos depois melhorou, e o fizemos sentar à sombra de copado piquizeiro. E para levantar-lhe o moral abatido, o Ferreira saiu-se com esta:

— Ó Teixeira, tu até me lembraste o São Jorge de Lisbôa, que para descer do cavalo era preciso desatarrachá-lo.

Todos soltámos gostosa gargalhada, menos o Teixeira *que sorriu ainda meio amarelo*. Depois deste incidente, mais cômico do que trágico, continuámos a viagem e fomos dormir no local denominado Prata, conhecido também por Jenipapo. No dia seguinte almoçámos em Aparecida e dormimos em Inhumas. Neste pouso deu-se um fato interessante, que convém ser relatado. Lá pelas duas horas da madrugada, fui despertado pelo vozear de dois indivíduos, que, a julgar pela conversa, acabavam de chegar:

— Vamos armá as redes, e descansá um tiquinho.

— Não vamos durmí muito, não. Aparecida tá longe e nós precisa voltá no continente móde levá a mézinha pro compadre.

— Tô prá vê febre mais danada do que essa: dá que até parece que vai matá o homem, depois pára, e vorta outra veis. No fim o seu compadre fica espritado.

— É verdade, deu o doido na cabeça dêle.

Eu, que estava acompanhando o diálogo dos caboclos, comecei a pensar no quadro clínico esboçado pelos barulhentos viajantes. Como o vale do rio Gurguéia é paludoso, concluí que se tratava de infecção palúdica, pois o Dr. Vital Brasil já me havia chamado a atenção para êsses casos, e, certo de que na paupérrima Aparecida os pobres homens não encontrariam remédios adequados, resolví entrar na conversa:

— Os amigos vão a Aparecida só por causa do remédio?

— Só, nhor, sim — responderam os dois num tom meio espantado.

— Então podem dormir sossegados, pois eu tenho aquí remédio muito bom para curar febres.

— Se mal não lhe pergunto, vancê quem é?

— Eu sou o dono da Fazenda Grande.

— A casa do meu compadre fica mesmo no rumo da Fazenda.

— Estamos entendidos; vamos dormir mais um pouco, e depois do café iremos curar o seu compadre.

Ao clarear do dia, fui, em companhia dos dois portugueses, tomar banho no "Olho d'água da Inhuma". Água tépida e gostosa. Já me referi a êsse mancião precioso. Os lusos ficaram encantados. Não me demorei muito, porque lá no pouso os caboclos estavam à minha espera. Em verdade, os encontrei com os cavalos arreados.

— Bom dia, amigos.

— Foi vamincê que falou que podia curar o meu compadre?

— Fui. Vamos tomar café e tocar para a casa do enfermo.

Em três tempos arrumamos tudo e partimos. A certa altura da estrada, mais ou menos na metade do caminho para a Fazenda Grande, um dos caboclos disse-me que tínhamos que fazer uma pequena volta à direita. Pedi aos portugueses que continuassem a marcha em companhia do vaqueiro e eu fui à casa do homem “espiritado”, isto é, com as faculdades mentais alteradas.

A morada do caboclo parecia ser residência de gente trabalhadora. O doente, homem moço, mestiço, baixo e forte, com algum sangue africano, tinha fisionomia franca e sincera. Apertei-lhe a mão, e senti a calosidade honrada do homem que ganha o pão cotidiano com o suor de seu rosto, e perguntei-lhe:

— Como vai?

— Não tô muito bom, não.

— Vou dar-lhe um remédio e o senhor ficará bom em poucos dias.

Todos, esposa e filhos, ouviram-me atenciosamente.

Eu andava sempre com a minha valise de remédios, como êsses médicos do interior que aparecem nos filmes americanos. Abrí sem tardeza a minha inseparável maleta, tirei a seringa e pedi à dona da casa que a fervesse. Pelo sim, pelo não, fui ver como era feito o serviço. Dei-lhe no braço uma injeção de formiato de quinino Delacroix — o melhor sal empregado na época. Recebeu o tratamento com docilidade. Entreguei à sua esposa um punhado de cápsulas do mesmo medicamento, recomendando-lhe que durante dez dias lhe desse uma cápsula diária; dêste período em diante,

poderia dar-lhe três cápsulas por semana. Notei que todos ficaram contentes.

— Quanto custa sua mézinha?

— Não custa nada: é um presente que lhe faço, pedindo a Deus que restitua a saúde ao seu marido para que êle possa acabar de criar êsses meninos. O Brasil precisa de muita gente trabalhadora.

Quando eu ia pondo o pé no estribo, a dona da casa veio correndo e me ofereceu uma enorme cuia, de 4-5 litros de capacidade, cheia de arroz com casca. Lembrei-me da anedota do caboclo preguiçoso que ia sendo enterrado vivo, porque não queria trabalhar. Alguém, condoido, ofereceu-lhe uns litros de arroz para poupar-lhe a vida. Êle entreabriu o caixão e perguntou: Ê com casca?

— Ê com casca — respondeu-lhe a alma caridosa.

— Então toquem o entêro...

Sorri por essa associação de idéias e pelo gesto amável a que na minha forçada clínica não estava acostumado. Foi a primeira retribuição que se quis dar ao meu trabalho de médico improvisado. Naturalmente não aceitei, alegando que não tinha em que conduzir o arroz. Disse até logo e partí contente e feliz. Mais tarde soube que meu cliente ficou completamente curado. Deus seja louvado! Toquei o meu tordilho na estrada e em pouco tempo alcancei meus companheiros de jornada. Chegamos à Fazenda Grande às 14 horas, loucos de fome.

A vida, na Fazenda Grande, em companhia dos meus hóspedes, tornou-se agradável. O Ferreira, como já disse, era alegre, cheio de verve, e por dá cá aquela palha vinha êle com anedotas portuguesas de Loanda capazes de fazer rir ao mais infeliz dos mortais. Os portugueses foram portadores de uma carta do meu amigo Agenor, dando-me instruções quanto à tarefa de que estavam vestidos e também relativamente aos



trabalhos que eu deveria iniciar na foz do Riachão com o Parnaíba.

Antes de partir resolví inaugurar festivamente a nova casa-séde da Fazenda Grande. Seria ótima oportunidade para eu tomar notas folclóricas e quebrar a monotonia daquele sertão "pai d'égua". (161)

Chamei os vaqueiros e disse-lhes que convidassem o povo da redondeza para a festa que eu daria no próximo sábado.

Matámos um boi, leitões e muitos frangos. No terreiro, entre a casa e o curral, fizemos enorme fogueira.

À tarde do dia marcado, os convivas começaram a chegar. Gente de todo jeito e feitio. Quanto à indumentária, nos homens, predominava a roupa de couro de vaqueiro, pois a zona era inteiramente pastoril. Ainda com a luz do dia mandei servir o jantar. Todos comeram com muito apetite; mas, (havia um "mas"), não tínhamos bebidas alcoólicas. Aliás, foi com essa condição que eu dei a festa: na festa da Fazenda Grande não há cachaça. No jantar não mandei servir feijão, porque entre a gente destes sertões há desprezo por esse prato; no entanto o arroz é um manjar muito apreciado. O caboclo mortista, tendo arroz com carne, não pede mais nada.

Os convidados organizaram um grupo musical assim constituído: pífano, pandeiro, rabeca e violão. A rabeca, tósca, era feita com a parté mole dos talos de buritís. Assim mesmo tocava... O "chorinho", para usar a expressão carioca, foi a nota alegre da festa. Dentre os tocadores havia poetas repentistas, e eu fui alvo de louvores bem rimados. Infelizmente, destes, não tomei notas.

---

(161) Páí d'égua é uma expressão para exprimir a idéia de grandiosidade.

As danças prediletas são: o xerém e o baio. O xerém lembra um pouco o ritmo da polca e o baio assemelha-se ao antigo miudinho do sul do país. Os pares fazem piruetas, no meio da roda formada pelos dançadores, soltam-se dos braços um do outro, requebram, fingem que vão enlaçar-se de novo, e, ao se aproximarem um do outro, tiram graciosamente o corpo, o que provoca risos nos circunstantes. O baio tem ritmo vivo, parecido com o da arcáica chula, obrigando os dançadores a movimentos rápidos dos pés, e a sapateados difíceis e elegantes. Quando a dama escapava ao amplexo do cavalheiro, êste cantarolava:

*"Ai meu Deus eu caço,  
mas não acho  
Zéfa na volta do braço".*

Aproximei-me da roda dos cantadores. Ou cantam estrofes apaixonadas, ou fuzilam versos desafiando aos parceiros:

*"Sou filho do dê-me dê-me  
Neto do dê-me dê cá:  
Entrecasca de braúna,  
Miôlo de jatobá.  
Quem tem dois não me dá um,  
Quem tem um não qué me dá:  
Faço quem não tem dinheiro  
Comprá fiado e me dá."*

Outro respondeu:

*"Eu não só mandioca púba  
Nem ovo de duas gemas,  
Não sou quem você pensa,  
Que não me deu a sua égua".*

Geralmente, quando o cantador sertanejo quer fazer graça, não rima os versos e sai-se com êsse despropósito. Além do mais, neste caso, o vocábulo

“égua” escandaliza os ouvintes. Tanto que o sertanejo (como já o declarei em outra parte) falando com seu superior ou pessoa que lhe mereça consideração, antes de pronunciar a palavra “égua”, formula antecipadamente a desculpa: “com perdão do máu ensino”. Creio que é por isso que os vaqueiros têm enorme sinonímia para designar a fêmea do cavalo. Por exemplo: Besta, Biscaia, Giriba e Biroba.

O pífano, acompanhado pelo violão, chorava uma toadinha dolente, quando ouvi esta apaixonada estrofe:

*“A lagoa seca a água  
Mas porém não seca a lama,  
Quem não pode amar de perto,  
De longe também se ama.”*

Notei nestes versos qualquer coisa que me trouxe à memória uma estrofe que ouvira cantar, na minha infância, na Rua do Porto, em Piracicaba:

*“Perguntei ao sol se viu  
Meu amor lá no deserto;  
Também se ama de longe  
Quem não pode amar de perto”.  
“A estrela do céu corre  
Do nascente para o norte,  
Assim corre a fortuna  
Prá quem Deus dá boa sorte.”*

Esta última também tem uma variante que ouvi em Piracicaba, quando menino:

*“As estrelas quando correm  
Do nascente para o norte,  
Assim corre a fortuna  
Prá quem Deus deu boa sorte.”... ..*

São idênticas, com a simples diferença de que a versão nordestina me parece mais correta. A menos que

meu ouvido de criança não tivesse apanhado bem todos os versos.

O cantador não parava:

*“O violão toca, toca,  
A rabeca chia, chia;  
Quando eu converso com a mãe  
O sentido tá na fta.”*

*“A casa eu retelho  
O menino eu calento,  
A muié eu meto táca  
E o cavalo eu meto a marcha.”*

Pouco gentil o trovador. Esses que cantam muita valentia a respeito do belo sexo, são os que andam na linha em casa.

*“Arrenego do diabo  
E desconjuro do demônio  
Quando eu espero o Bibiano  
Me chega Zé Antônio.”*

*Da Baía me mandaram  
Uma receita danada  
Prá burro carga leve,  
Prá jumento carga pesada,  
E zêlo prá muié dama, (162)  
E peia prá muié casada,  
Prá dançadô pé no chão,  
Prá muié prenha imbigada  
Prá cego cerca de arame,  
Prá digestão feijoada,  
Prá quem tem fome canina,  
Casamento é bom bocado.”*

*"Quatro coisas no mundo  
Que me trazem confusões  
É uma casa goterenta,  
E um menino chorão,  
E uma muié esmanselada,  
E um cavalo chotão."*

Entre os convidados figurava o José Cabeça Chata, agregado da fazenda e operário na construção do curral. Não sei se era cearense ou filho de cearense. O que é verdade, é que assim o chamavam e êle não se molestava. Pelo contrário, fazia questão de ser o José Cabeça Chata. Era baixo, magro, moreno com cabelos cacheados. Muito prosa, muito saído, embora respeitador. Incitei-o a que cantasse alguma coisa. Êle aproximou-se dos tocadores e foi abrindo a bôca:

*"Ó que fáctas tão fermosas,  
Ó que linda parecência,  
Quero falar cá senhora,  
A senhora dá licença?"*

Uma cabocla ao seu lado, talvez sua conhecida, não fiquei sabendo, respondeu:

*"A licença já tá dada  
Prá dizê o que quizê  
Quando Deus fez o home,  
Foi prá falá cá muié."*

— Muito bem José, — exclamei, animando-o.

→ Sô pobre, mas sô da rodada dos homes, seu dotô.

— A moça respondeu direitinho, José.

— Nhor, sim: moça que já deu o tiro na macaca é sempre espevitada e vem na festa prá, cuma lá diz, assuntá um cristão arresolvido carregá o trem.

— Que história é essa de dar o tiro na macaca?

— É moça véia que não casô. É cuma lá diz: Quem quizê sê grande, nasce frondoso.

— Muito bem, Cabeça Chata. Agora, dê um pulo na cozinha e diga que eu mandei servir a ceia. Já é meia-noite, e o povo deve estar com fome.

A ceia constou de carne, arroz, farinha, doces e café. Todos comeram à vontade. O café é uma bebida de luxo para o sertanejo.

Não demorou muito, ainda mastigando o último bocado, recomeçaram a dança e as cantigas, e o Cabeça Chata cantou:

*“No seto da Virgem-Mãe  
Existe a divina graça;  
Nasceu e saiu por ela  
Como o sol pela vidraça.”*

Não podemos deixar de concordar que há muita beleza nesta estrofe, onde a interpretação do divino, foi tratada com agudeza de espírito. Diz a Bíblia que Maria concebeu sem pecado, e o sertanejo o consubstancia assim: como o sol passa pela vidraça, sem maculá-la, ao contrário, dando-lhe brilho e refulgência cristalina.

Um maranhense do Alto Pindoré, cantou:

*“O sabiá na gaiola  
Canta mas não entôa  
Como na mata aprendeu,  
Triste de quem vive longe  
Da terra onde nasceu.”*

*“O anel que tu me deste  
Eu perdi, já tá perdido;  
Sonhei que tava abraçado  
Com a forma do teu vestido.”*

Esta última estrofe é muito parecida com a que ouvi inúmeras vezes no interior de São Paulo:

*“Essa noite tive um sonho,  
Mas ó! que sonho atrevido,  
sonhei que estava abraçado  
Com a forma do teu vestido.”*

São Gonçalo, segundo tradição popular em o Norte e no Sul, é padroeiro da dança — é “Santo dançador.” E por isso não admirei de ouvir o seguinte “louvor” ao santo folgazão:

*“Meu senhor São Gonçalo,  
Feito de páu de marfim,  
Me, dá forças nos quartos (163)  
Como o porco no fucim.”*

*“Meu senhor São Gonçalo,  
Aqui tem duas birobas: (éguas)  
Uma prenha, outra parida  
E outra já falam dela.”*

*“Meu senhor São Gonçalo,  
Aqui tem duas birobas: (éguas)  
Uma Chica Caboré  
E outra Chica Carioba”.*

Outra estrofe irreverente, embora não dedicada a São Gonçalo:

*“Em riba daquela serra,  
Tem treis moça prá casá  
Uma prenha, outra parida  
E outra dando de mamá.”.*

---

(163) “Força nos quartos” tem acepção maliciosa,

"Esta noite eu andei  
Como uma cobra cipós  
Prá ver se alcançava  
A ponta do teu lençó."

"Cravo branco na cabeça  
É fulô de se cheirá  
Quem tem amor não ciuma  
Quem não tem qué ciumā."

"A fulô da sucupira  
É roxa que nem pavão;  
Se tu não casá comigo  
Morre sempre de paixão."

"Quem quizé moça bonita  
Arme um laço na vereda,  
Que índá ontem peguei uma  
De cabelo lavareda."

"Menina de saía branca,  
Sapateie no tijolo,  
Que a barra do teu vestido  
É prata, parece ôro."

"Menina teu pai é pobre  
Tua Mãi carrega lenha, (soa lem)  
Menina casa comigo  
Que sou mulato de bem."

"Menina quando tu fô,  
Me escreva lá do caminho  
Se tú não achá papele,  
Nas asas dum passarinho."

"Da bôca faz o tempêro,  
Da língua pena aparada,  
Dos dentes letra miúda,  
Dos óios carta fechada."



"Passei rios de nado,  
Riachos de mergulho,  
Só prá pena de tê vê,  
Bôca de cravo maduro."

"Menina bôca de prata,  
Cintura de maravia;  
Tu me ensinô querê bem,  
Foi coisa que eu não sabia."

"Galo preto já cantô,  
Para o dia amanhecer;  
Eu também já vou m'embora,  
Vô pená, vô padecer."

"Ai! que coquero tão alto,  
De altura êle abaxô  
Quem quizê pegue na rama,  
Que eu já peguei na fulô."

"Faz três dias que não como,  
Faz quatro que eu não almoço  
Por falta de teus carinhos,  
Quero comê mas não posso."

"Joguei meu anel na pedra,  
Retiniu mais de uma hora;  
Se teu amô não fô firme,  
O meu passa e vai se embora."

Dois "cabras" iniciaram o seguinte desafio:

"Cabra comigo não incha  
Nem carrega patuá;  
Pancada de vaca véta  
Não derriba marruá."

"Quando vim da minha terra,  
Truve (164) faca e facão,  
Prá cortá chifre de boi,  
Topete de valentão."

"Quando vim da minha terra,  
Truve faca e cuté,  
Prá cumê pirão de home,  
Sarapaté de muié."

"A ligera é muito bôa,<sup>1</sup> (165)  
Prá quem sabe apreciá;  
Tanto faz dá na cabeça,  
Como na cabeça dá."

"Minha cabeça é chintga,  
Quanto mais puxe ela dá;  
O carnero da Lucinda,  
Bem no colo da iá-iá."

"Quem tem carnero, tem lá,  
Tem côro prá se deitá;  
Você morre mas não come,  
Da massa que eu penerá."

"Ei manol Derruba teu páu prá lá  
No jôgo da jurití,  
No cunto do sabiá."

- Quero que você me diga,  
O que é mufumbambá?
- Mufumbambá é uma vêia,  
Quando vai se confessá.
- Quero que você me diga,  
O que é lengolengá?
- Lengolengá é um menino,  
Quando vai se batizá.

(164) Trouver = trazer. Verbo antiquado.

(165) "Ligera" = Canto de desafio.

- Quero que você me diga,  
Quantos dentes tem pred?<sup>2</sup>
- Dois em riba, dois em baxo,  
Fora os quatro do quexá.
  
- Quero que você me diga,  
Quantas pintas tem gambá?
- Uma na ponta da venta,  
Outra na volta da pá.
  
- Quero que você me diga,  
O que não deixa de pingá?
- É um óio d'água pretinente (impertinente)  
Que tem nas onda do má.

"Em cima daquela serra,  
Tem um pé de marmelada;  
Tu inda fala comigo,  
Cara de besta melada?"

"Em riba daquela serra,  
Tem um pé de abobreira;  
Tu inda fala comigo,  
Cara de besta favera? (cara branca)

O desafio terminou em gostosas gargalhadas e palmas dos ouvintes. Às vezes, um desafio de verdade, entre dois cantadores, termina em tragédia. A moça que no dizer do Cabeça Chata havia dado o tiro na macaca, saiu-se com mais esta:

"Você diz que sou sua,  
Esse sim nunca lhe dei  
O mundo dá muita volta,  
Eu não sei de quem serei."

- Não quero consumição prá cabeça, não; acrescentou um rapaz gaiato que estava perto, e cantou:

*"Minha mãi me deu uma surra,  
 Pol'uma moda que eu tinha (166)  
 Comendo com o rei na mesa,  
 Piscando o ôto prá rainha."*

*"Verde foi meu nascimento,  
 E de verde eu me criei;  
 De luto eu me cobri  
 Prá dá gosto neste mundo,  
 Pro vento me consumi."*

Eu, a certa altura da festa, alta madrugada, estava fatigado, e com muito prazer estiraria o corpo na rede; mas, o receio de desgostar a caboclada me fazia ficar firme no terreiro, no que era acompanhado pelos simpáticos lusitanos, meus hóspedes.

A enorme caieira, que iluminara o terreiro "a giorno", estava reduzida a um montão de brasas e cinzas, como um símbolo da nossa própria vida. A barra do dia vinha vindo: a festa, como todo divertimento na roça, foi até o dia amanhecer. Todos, embora denotando cansaço, estavam contentes. Foram tratados a vela de libra. Para guardar uma lembrança da reunião, pedi que não se retirassem, pois desejava tirar uma fotografia. Fui buscar a máquina, e, ao regressar, mãis da metade dos convivas havia desaparecido. Perguntei o que aquilo significava, e o "cabeça chata", sorridente, me informou:

— Entraram no breido, é cumo lá diz: fugiram. Eles tavam pensando que essa história de tirá retrato é prá recrutá soldado prá guerra das estranja.

Fiz vêr a todos que eu era amigo sincero do sertanejo, e que meu intuito era somente o de ficar com uma lembrança deles, e nada mais.

---

(166) Parece-me uma reminiscência lusitana: "Ó míseros Christãos pola ventura". Os Lusíadas. Canto VII, pag. 277, est. 9, v. 66.

Então, confiantes, com os músicos tocando um xerém, postaram-se ante a máquina fotográfica, que foi acionada pelo António Martins. E assim terminou a primeira festa que eu promovi no recôndito do sertão piauiense.

- Teve de um tudo, compadre.
- Foi de cumê prá estruí.
- Na verdade, foi comida muita .
- Cachaça mesmo, nem um tiquinho.
- Não tendo bebida ninguém bebe, não.
- É o jeito.

Diálogo de um grupo que se retirava satisfeito para suas moradas, sôbre a falta do álcool na noitada festiva. No comêço os sertanejos extranharam um pouco tal medida, mas, no fim, quando verificaram que todos se divertiram sem o mais leve aborrecimento, aprovaram-na sinceramente.

Ao partir o último convidado, eu fui, exausto, dormir até a hora do almôço.

## O CANGAMBÁ

Voltando às observações biológicas, não devo esquecer uma que reputo de grande importância. Estava eu atarefado com a construção da casa e dos currais, quando o vaqueiro da fazenda, com certo acanhamento, me pediu licença para oferecer-me um bichinho muito curioso, que de certo me seria desconhecido, mesmo porque era o primeiro a ser domesticado. Tratava-se do *cangambá*, ou *maritataca*, bichinho que soltava, quando perseguido, uma inhaca insuportável. Foram mais ou menos essas as palavras preambulares do vaqueiro. Manifestei desejos de conhecê-lo. Disse-me, então, que só à noitinha, na hora do jantar, é que êle

saía do buraco que havia cavado perto da porta da casa. Efetivamente, nesse mesmo dia, quase ao lusco-fusco, êle deu os ares de sua graça. Achei-o um encanto, um mimo de animalzinho, e agradeçi, penhorado, o lindo presente. O vaqueiro, que estava transbordando de satisfação pela nota que acabara de dar, vira-se para sua esposa e diz triunfante:

— Eu não te disse, minha muié, que o dotô ia gostá do presente? Apois êle vive pegando cobra com a mão, cuma é que não haverá de gostá dêste bichinho. Seu dotô — voltando-se para mim, vossoria pode ponhá êle no colo que êle não solta a catinga, não: tá mansinho cuma quê.

De fato, apanhei o cangambá, e o coloquei no colo sem que me desapontasse. Desde êsse instante nos transformamos em grandes amigos. Todas as noites eu o chamava para dar-lhe guloseimas, e êle me atendia como um cachorrinho. Num belo dia de junho apanhei uma cobra venenosa do gênero *Bothrops*, das que o povo chama vulgamente de *jararucus*. Fui para casa um pouco antes do jantar a fim de matar convenientemente a cobra e conservá-la em álcool, pois era o meu intuito remetê-la ao Butantã. Em tórno de mim formou-se um pequeno grupo de curiosos para vêr como eu lidava com a serpente perigosa. Com um barbantê passei-lhe um laço em tórno do pescoço, e ainda viva pendurei-a num barroto da casa. Tomei um pouco de algodão embebido em sumo de fumo e com auxílio de uma pinça apliquei-o na bôca escancarada da jararaca. Pouco minutos teve de vida. Aproveitei a oportunidade para dar aos circunstantes, uma lição da cousa: as cobras são muito sensíveis à nicotina.

No momento em que a cobra dava seus últimos estremeções, saía da toca o cangambá. Fuzilou-me uma idéia pelo cérebro; lembrei-me da recomendação

do Dr. Vital Brasil: "Procure conhecer os inimigos naturais das cobras." Quem sabe? Vou experimentar, disse com os meus botões.

— Arreda, povo! vou pregar um susto no cangambá. Vamos vêr o que êle faz em presença da jararaca. Dizendo isto, apanhei a cobra pelo barbante e a levei ao focinho do animalzinho. Êste, longe de assustar-se, cheirou a cobra e quis agarrá-la. Puxei o barbante, suspendí o ofídio, e o cangambá ficou assanhado, procurando a cobra por todos os lados.

— Será que êle sabe que está lidando com um bicho perigoso, perguntei aos assistentes. Vamos fazer uma pequena experiência: arrastei a cobra pelo chão, uns 20 metros, e fui colocá-la atrás de uma pilha de pedras. Depois coloquei o cangambá no rastro deixado pela jararaca. Assim que êle farejou a cobra, saiu fungando que nem cachorro paqueiro e em três tempos, sem hesitação, a encontrou; atirou-se sôbre ela, mas eu evitei que a comesse, e isto, por dois motivos: primeiro, a cobra era um espécime que se me afigurava valioso para os estudos do Butantã; segundo, estando já a cobra morta, e caso fôsse comida pelo cangambá, êste poderia não passar de um necrófilo sem importância na profilaxia do ofidismo, minha primordial preocupação no caso. A experiência, portanto, seria incompleta. Resolvi esperar por uma oportunidade propícia.

No dia 30 de junho capturei viva outra *Bothrops* pertencente à mesma espécie que a precedente. Conservei-a numa caixa até o dia 17 de julho, a fim de que recuperasse o veneno perdido na ocasião da captura, ao ser apanhada pelo laço. Nesse dia coloquei o cangambá à porta da caixa (tipo das caixas usadas pelo Butantã para transporte de cobras) onde estava a *Bothrops*. Êle farejou-a e precipitadamente penetrou na caixa pela porta que estava entreaberta. Apanhei a

caixa com cautela e, emborcando-a, pús em liberdade, no chão, cobra e cangambá, para testemunhar a luta. Esta estava travada: a serpente enroscada no corpo do seu agressor desferia-lhe golpes por toda parte, e o cangambá parecia não incomodar-se com as mordeduras da cobra. Sòmente na ocasião em que foi atingido no focinho, soltou uns gritinhos, uns *gris-gris*, que lembravam os das ratazanas. Quando a cobra lhe cravava os dentes, o que fazia às vezes tão profundamente a ponto de ficarem presos, o cangambá procurava desembaraçar-se dela, e respondia com uma dentada. Notei que a máxima preocupação do cangambá, durante a luta, era apanhar com as patas dianteiras a cabeça da cobra. Num dado momento, após ter sido mordido cerca de 10 vezes pela *Bothrops*, o cangambá apanhou-lhe a cabeça, segurando-a fortemente entre as suas duas patinhas e, por aí, começou a devorá-la. Em poucos momentos tinha ingerido todo o ofídio.

Depois da luta, que foi também presenciada por várias pessoas da Fazenda Grande, coloquei o cangambá no meu quarto para observar os efeitos das mordeduras da cobra. Um animal de igual pêso, como por exemplo o coelho, morreria em 15 minutos, talvez menos, conforme a parte do corpo atingida. Por precaução eu tinha sòbre a mesa sôro anti-botrópico e seringa fervida. Caso o animalzinho apresentasse sintomas de envenenamento, procuraria salvá-lo. Mas, nada disso aconteceu, muito pelo contrário, o bichinho, satisfeito, de estômago cheio, começou a brincar com um pé de botina que estava em baixo da minha rede. Eu, emocionado, olhava ora para o cangambá, ora para os ponteiros do meu relógio: aquele brincava despreocupadamente, e êste ia determinando: 15, 30, 45 e finalmente 60 minutos, uma hora! Estava salvo o cangambá e a



ciência contava com mais um auxiliar na profilaxia do ofidismo.

Uma semana após esse interessante episódio, apanhei uma cascavél — *Crotalus terrificus* — e coloquei-a em frente do cangambá. Repetiu-se a cena: o cangambá foi mordido várias vezes pela cascavél, mas terminou devorando-a do mesmo modo como o fez com a jararaca. Também desta vez não apresentou o mais leve sintoma de envenenamento. Daí por diante, todas as cobras que eu conseguia caçar, caso não interessassem à coleção destinada ao Butantã, eram devoradas com avidez pelo cangambá. Às vezes, quando a cobra era muito grande, ele comia até ficar satisfeito, e depois enterrava o resto para saboreá-lo mais tarde. Era cauteloso e previdente.

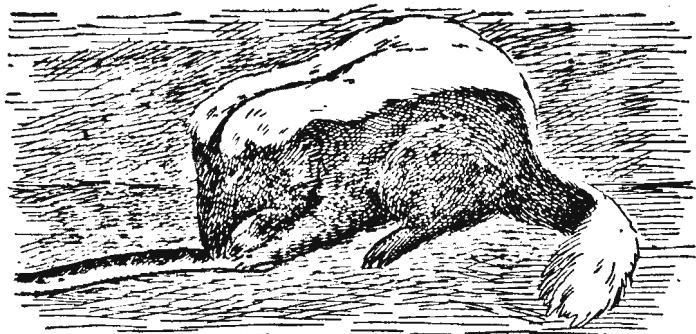
O fato de o cangambá comer cobras era completamente desconhecido. O Instituto do Butantã, célebre no mundo inteiro pelos seus notáveis estudos herpetológicos, não tinha a menor notícia sobre o mesmo. Nos sertões por onde andei todos ignoravam a faculdade ofiófaga do cangambá. A única e plausível explicação para o caso, é esta: as cobras venenosas são noturnas e o cangambá também. Igualmente são dois animais perigosos: um pelo seu veneno e o outro pelo cheiro nauseabundo que desprende. Portanto, todo mundo foge desses animais, razão pela qual, até agora não tinha sido dado a ninguém presenciar a luta dos dois. Foi preciso que um naturalista habituado ao trato com as cobras tivesse em mãos um cangambá mais ou menos domesticado para que essa importante revelação fosse feita à ciência.

Na sua monografia "A defesa contra o ofidismo", entre os meios indiretos da profilaxia anti-ofídica, na parte em que trata dos inimigos naturais das serpentes venenosas, o Dr. Vital Brasil cita entre os mamíferos o

porco, os mangustos, o ouriço europeu e o arganaz. O porco, com quanto resistente ao veneno, "criado e tratado pelos cuidados do homem, tendo alimento fácil, perde desde logo as qualidades combativas, ficando completamente indiferente quando posto em presença de uma cobra venenosa, mesmo quando seja por esta picado" e ainda que a sua voracidade tenha sido previamente estimulada por um jejum de 24 horas. Os outros mamíferos ofiófagos não pertencem à fauna do Brasil, e não parece fácil, nem aconselhável a sua aclimação neste país. O nosso ouriço cacheiro ou coandú (*Coendu villosus*), que é roedor, nutre-se habitualmente de frutos e é bastante afastado do ouriço europeu (*Erinaceus europaeus*) pertencente à ordem dos Insectivoros.

So o nosso ouriço não come cobras, o mesmo não se dá com o pequeno mamífero que descobrí no vale do rio Gurguéia — o cangambá, maritataca, jaritataca ou jaguacambí. Todos êsses nomes foram dados pelos indígenas. Diz o Dr. Teodoro Sampaio em seu notável livro "O Tupí na Geografia Nacional": "Cangambá, corr. *acangambá*, o cabeça ôca e desmiolada, o doudo." pag. 209. "Jaguacambé, corr. *jaguaaçã-bé*, o Cachorro de cabeça chata", pag. 233, mas atribui o nome ao guaxinim, isto é, a outro animal. Finalmente: "*Jaraticaca*, corr. *jaratic-aga*, o indivíduo que arroja fétido. E' um animal que, perseguido, arroja de si um líquido fétido insuportável. É o mesmo cangambá do Norte", pag. 238. Pelo que ensina Teodoro Sampaio, conclue-se que o nome mais apropriado é o de jaraticaca ou jaritacaca ou ainda jaritaca, como ouvi pronunciar pelos matutos. Cientificamente o cangambá em estudo é o *Conepatus chilensis*, e pertence à família dos Mustelideos e sub-fa-

mília dos Melineos. A distribuição geográfica d'êste interessante animal estende-se por todo o nosso país, principalmente nas zonas de campos, e outras regiões da América Meridional. Outra espécie do mesmo gênero, *Conepatus suffocans*, é limitada aos campos do sul do Brasil e países vizinhos, onde recebe impròpriamente o nome de *Zorrillo*. Os carnívoros d'êste gênero são notáveis pela presença de duas glândulas situadas no anus, com as quais se defendem de seus inimigos, jorrando um líquido nauseabundo, a que já me referi. Não há animal que suporte um jato d'êsse líquido: os cachorros perdem o faro, e as onças fogem espavoridas.



*Canguambá*

Entre os sertanejos atribui-se-lhe ação terapêutica: afirmam que cura a asma. Contou-me, a êsse respeito um matuto, não sei porque meio contrafeito, que sentia grande alívio para sua asma quando cheirava a "inhaca de cangambá". Eu quis ter uma impressão pessoal, e verifiquei que, em verdade, era insuportável: deu-me um mal estar semelhante ao do enjôo de mar, chegando

quase a provocar-me vômitos. No mais, é um lindo animal, menor do que um coelho, medindo o corpo uns 40 centímetros e a cauda, uns 30; esta, guardadas as devidas proporções, assemelha-se à do tamanduá e o focinho lembra o do coati; do alto da cabeça sai para o lombo uma faixa branca da largura deste, a qual termina quase no sacro; na região lombar, a faixa branca bifurca-se. A cauda é quase toda coberta de pêlos brancos e compridos; as orelhas, arredondadas e pequenas, são também brancas. O resto do corpo é de um negro lúcido. O pêlo é longo e grosso.

Quando o cangambá pressente algum perigo põe-se na defensiva: vira o trem posterior para o lado do inimigo, apoia-se nas patas traseiras, levanta a cauda ao mesmo tempo que iriça os pêlos brancos do lombo. Nessa posição está pronto para soltar o esguicho terrível, que é sua arma de defesa.

Fato interessante era o que se dava com o cangambá em estudo: nunca jorrou o líquido fétido, embora sofresse impertinências das crianças da vizinhança. De quando em quando lhe mandava dar um banho com sabão, e não obstante o incômodo que lhe causava a água, pois gritava durante o banho, jamais fez uso dos seus recursos de defesa. O que mais me admirava era ver os cachorros da fazenda, camaradamente, comendo no mesmo prato com o cangambá.

O cangambá fôra apanhado ainda filhote. Cresceu num meio amigo, onde era bem tratado. Portanto, não precisou utilizar-se de sua arma defensiva. Domestizou-se facilmente, a ponto de tomar banho como qualquer luluzinho.

O homem do campo tem nesse animalzinho providencial um amigo benfazejo, por isso deve protegê-lo

de todos os modos. Matar um cangambá representa para o trabalhador da gleba um verdadeiro suicídio.

Escreví uma carta relatando essa observação ao Dr. Vital Brasil. E o meu sábio mestre, para assegurar-me a prioridade da descoberta, fez publicar uma nota preliminar na Imprensa de São Paulo. (167)

---

(167) "Sobre um mamífero onívor do Brasil". (*Conepatus chilensis* ou cangambá) Nota preliminar por Francisco Iglésias. Separado dos "Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia". Vol. VIII — nº 9 — Setembro de 1917.

## CAPÍTULO X

*Despedida da Fazenda Grande — O quebracabeça das sete crianças — Dialeto sertanejo — “Bicho de pulo macio” e “quando o sol fizer roda” — Adivinhação do cachorro “Paraná” — Louvor ao Bom Jesus (Folclore) — Tratamento da jovem parálitica — Pernoite no Chapadão — Sábado a seco — Martírio da sede e o precioso líquido.*

O mês de julho estava a findar, e urgia terminar os preparativos da viagem que eu deveria empreender em companhia dos técnicos (quase coloquei aspas nesse *técnico*) portugueses, que foram incumbidos, pela alta direção da Companhia, da pesquisa de salitre nos chapadões piauienses. O plano de ação era o seguinte: eu deveria guiar os lusitanos até a zona onde o salitre aflora, deixá-los aí em suas pesquisas e estudos, e seguir para a barra do Riachão no Parnaíba, afim de estabelecer nesse lugar um centro de atividade da Companhia.

Nos últimos dias de julho, de manhã bem cedo, deixámos a Fazenda Grande, não, quanto à minha parte, sem um pouco de saudade. Como é contraditória a alma humana! Ao deixar aquela triste paragem sertaneja, cuja solidão, às vezes, me desalentava, sentí uma pontinha de saudade.

Os primeiros momentos da marcha não correram muito tranquilos: os animais, descansados e bem amilhados, estranhavam até a própria sombra. Bastava que uma vergôntea de jurema ou calumbí rélasse na barriga de um dos burros do combôio, para que êle saísse em disparada louca, espalhando a carga pelo caminho. Só quem viajou por aqueles sertões sabe o quanto aborrecem tais contratempos, e a fadiga que dão. Felizmente a perícia dos meus comboieiros dera jeito a tudo, e a marcha, aos poucos, foi-se normalizando. Às 11 horas chegámos a uma das moradas das "Tranqueiras", onde "botamos abaixo" para almoçar. No terreiro ví alguns meninos brincando despreocupadamente, tão entretidos estavam, que nem ao menos deram pela nossa presença.

— Menino — disse eu, dirigindo-me ao mais grandinho — quem mora nesta casa?

Sem me responder, correu para dentro, e em seguida voltou acompanhado de uma senhora moreno-clara, de regular estatura, antes gorda que magra, aparentando uns trinta anos de idade, fisionomia franca e simpática; em resumo — uma bonita mulher.

— Bom dia, minha senhora.

— Bom dia para todos.

— Somos, como a senhora vê, viajantes, e desejamos sua licença para mandar preparar aquí o nosso almoço.

— Apeiem e fiquem à vontade. Pena é que o fogo da cozinha já apagou; se não fôsse isso, o almoço seria um instante.

— Não faz mal. Nós temos bom cozinheiro, e êle, rapidamente, "dará volta" no almoço: enquanto o diabo esfrega um ôlho, a comida estará pronta.

— Vigel! — exclamou ela risonha. E dirigindo-se a mim, perguntou-me: — Vossoria não é o doutô da Fazenda Grande?

— Sou, sim, senhora, um criado às suas ordens.

— O senhor não arrepare, não, mas é só de quem se fala nestas redondezas.

— O povo do sertão é bondoso e muito hospitaleiro, por isso acolhe os patricios que vêm de outras terras, ou, melhor, de outros Estados, com alegria.

— Por falar em alegria, a notícia da festa da Fazenda Grande bateu até aqui. Eu sentí muito não poder ir.

— Por que não foi? Mandeí convidar todos os vizinhos. Creia-me que eu teria muito prazer em vê-la em nossa casa.

— Ir como? — e apontou para a criança que estava no terreiro. Como é que una pobre mãe vai festa com êsses terens?

— Mas todos são seus filhos? — perguntei-lhe com certa malícia.

— Nhor, não ! nem tanto assim, seu dotô. Meus são quatro.

— E os outros?

— Os outros são do meu marido. Prá falá bem a verdade, quatro são meus e quatro são de meu marido.

Eu contei o grupo de garotos, e verifiquei que estavam alí sòmente sete, entre meninos e meninas, e então disse:

— Está faltando um.

— Nhor, não, estão todos aí.

Contei novamente, cuidadosamente, e sem dúvida lá só estavam sete crianças. E, meio intrigado, afirmei:

— Aquí está faltando um: só conto sete.

— Depois, — retruca ela, com ar misterioso — não tá faltando nenhum, estão tudinhos: quatro meus e quatro do meu marido. Vamos vê como o seu dotô desata essa história.



Eu comecei a matutar e ela sorria vitoriosamente, dizendo de quando em quando:

— Não falta nenhum: quatro são meus quatro são do meu marido.

No entanto o grupo era constituído de sete garotos. Qual o "x" do problema? E eu ensimesmado procurava a solução. (Peço ao leitor paciente que interrompa a leitura e procure resolver o teste). Não havia dúvida, a cabocla jogara um teste para eu resolver. Depois de alguns minutos, não sem esforço, resolví a questão:

— A senhora casou-se em segunda núpcias com um viúvo: cada um teve três filhos no primeiro casamento e depois, tiveram mais um que é comum dos dois. Assim, em verdade, neste grupo de sete crianças quatro são filhos da senhora e quatro são filhos do seu marido. Está certíssimo.

Uma gostosa risada da minha amável hospedeira veio confirmar a solução do problema.

— E' isso mesmo, seu dotô: tão fácil e tem gente que não accerta.

Com mais uns dois dedos de prosa o tempo passou sem eu perceber, e, quando menos eu esperava, o António estava arrumando a mesa para o almoço. A dona da casa deu um adjutório. Mandei distribuir rapadura para a criançada e nós fomos almoçar.

— A senhora quer-me dar o prazer de almoçar em nossa companhia?

— Ká-ká (não), muito agardecido, eu, mais os bichinhos (crianças) já almoçamos. Pobre pula da rede nem bem o dia começa a clareá, e quando chega dez horas o estômago tá que tá roncando móde cumê.

— Então, com sua licença.

Chamei os amigos portugueses, que se distraíam vendo as peraltices dos garotos, e todos, como se obe-

decessemos a uma ordem de comando, nos sentamos em tórno da mesinha tósca, que a gentileza da dona da casa cobrira com uma toalha de algodãozinho alvo cheirando a limpeza. O almôço estava gostoso, principalmente a carne de sol assada no espêto. Enquanto comíamos, eu ia conversando com a dona, para saborear também sua prosa pitoresca, que tinha muita côr local.

— Então, a senhora tem parentes que são agregados da Fazenda Grande?

— Tenho, nhor, sim. Vossoria não ouviu contá dum rapaz que navega sozinho pulas estradas?

— Conheço-o pessoalmente. Não é um moço alto, magro, moreno e que deu prá não cortar o cabelo?

— Ké-kein (sim), é êsse mesmo, sem tirá nem pô. Aquilo é arte de Cravilosa, seu dotô.

— Cravilosa, que é isso?

— Pois, vossoria não sabe?

— Nunca ouví pronunciar tal palavra.

— Cravilosa, com perdão do máu ensino, é mãe do tinhoso.

— Está aí outra coisa que eu não sabia — que o diabo tinha mãe.

O Ferreira gaguejou um aparte que eu não transcrevo, e que, felizmente, a bôa senhora não entendeu. Diga-se de passagem: os amigos lusos andavam meio acabrunhados porque eram entendidos com dificuldade pelos sertanejos. — “Seus companheiros falam muito arvezado”, diziam-me frequentemente.

Continuando o diálogo, perguntei:

— Que é que o rapaz é seu?

— Êle é meu primo, fio da tia Mundica. Dizem de lá que êle deu prá vê marmota (168), e que até anda meio espiritado. Ê de cortá o coração. Êsse ra-

---

(168) Marmota, na acepção de fantasma de visagem, assombração, espantalho.

paz, desna( desde) criança aprendeu a lê, é, sem pabolage nenhuma, um bicho de pulo macio na escrita, escreve que dá gosto se vê.

Fiquei, por alguns momentos, pensando na bela e expressiva comparação: bicho de pulo macio na escrita. Isto queria dizer, que o moço escrevia com desembaraço e letra bonita: era elegante ao escrever, era mesmo bicho de pulo macio na escrita. O leitor amável já reparou como, por exemplo, o gato pula macio? Não parece que tem as patas calçadas de veludo? Não acha, portanto, que foi feliz a figura de retórica da cabocla que comparava uma habilidade humana ao pulo macio de um bicho? Não fica muito distante da expressão citadina: tratar com luvas de pelica. Que acha o leitor?

Terminado o almôço, mandei servir o café, que todos saborearam com prazer — verdadeira raridade nesses sertões. A dona da casa obsequiou-nos com saboroso requieijão. Depois de tudo isso, pedi-lhe permissão para interromper a conversa e mandar armar meu fiango — pequena rede de tucum — a fim de repousar um pouco; ela aquiesceu amavelmente, e foi tratar dos afazeres domésticos. Mandei armar, também, as redes dos amigos portugueses. A criançada sumiu, e nós tirámos reparadoura “pestanda”.

Às 14 horas, prontos para a partida, agradecí à gentil e desembaraçada cabocla, em nome de todos, a bondosa hospitalidade.

— Até outra vista, siá dona — disse-lhe.

— Até outra vista, querendo Deus.

— Muitas lembranças para o seu marido.

— Serão dadas.

— A que horas chegaremos a Santa Rosa?

— Se vossorias não mancarem a viagem, quando o só tivé fazendo roda prá se pô, estão chegando na casa de seu Adão.

Partimos. O dia estava quente e o sol, em céu límpido, prometia uma tarde de intensa canícula. Eu já estava treinado, mas os pobres portugueses, principalmente o Teixeira, davam demonstrações de fadiga. Contudo a jornada terminou bem; e de fato, quando o sol estava fazendo roda para se pôr, isto é: quando o sol, qual disco vermelho, visivelmente desaparecia na linha do ocidente, avistámos, ao longe, as moradas de Santa Rosa, onde deveríamos pernoitar.

Como já percorri essa região em 1915, só tratarei de coisas e fatos novos que forem aparecendo.

De manhã, em Barra do Corrêia, um fazendeiro da zona, que ia a São Bom Jesus da Gurguéia, pediu-me licença para ser nosso companheiro de viagem. Como se tratasse de pessoa conceituada no local, não tive dúvidas em deferir-lhe o pedido. Em menos de uma hora de marcha, ficámos camaradas.

Após umas 3,30 horas, mais ou menos, de viagem, chegámos a Rosário. Arranchamo-nos num sítio em que havia uma engenhoca. Fabricavam cachaça e rapadura. Aí almoçamos. Já estirado na rêde, que havia mandado armar no galpão da frente, procurava um pretexto qualquer para encetar conversação com o dono do sítio, quando passou, entre a minha rêde e a da do meu improvisado companheiro, um vira-latas magriçela.

— É seu, êsse cachorro?

— É, nhor, sim.

— Como se chama?

— Paraná.

Nisto, o meu companheiro da Barra do Corrêia (assim o designo porque infelizmente não lhe guardei o nome) entrou na conversa e disse:

- Ponha d'a-dá e bote no mato (169).
- Como é isso?
- É uma adivinhação muito fácil.
- Pode ser muito fácil, mas eu não sei o que o senhor quer dizer.

- Apois, o cachorro não se chama Paraná? Ponha mais d'a-dá e bote no mato: Paraná + da = para nada... bote o bicho no mato.

- Muito bem, amigo, dou a mão à palmatória, o senhor teve espírito. Esta vai para o meu caderno.

- Pelo que vejo — disse o Ferreira — esta gente cá tem jeito prá charadas. E olhe lá!

Enquanto comentávamos, entre risadas, o trocadi-lho do sertanejo, o cachorro comia calmamente os restos do nosso alnôço, talvez muito feliz por não servir para nada. Porque, neste mundo velho, servir para alguma coisa, às vezes, é um verdadeiro suplício.

Para não deixar o meu companheiro de viagem cantar sozinho no terreiro, arquitetei um teste que de súbito me ocorreu, como resultado de minhas observações no capítulo do ofidismo, e perguntei-lhe:

- Qual é a diferença que há entre um cachorro e uma cobra?

- Ó chent! Tudinho.

- Quero me referir a ua mesma atitude ou procedimento com sentido contrário na cobra e cachorro.

O caboclo "garrou majiná", matutou um tempão, e não deu pela coisa.

- Não dô volta, não, seu dotô.

- Quando a cobra está irritada, que é que faz? Sacode a cauda. Quando o cachorro está contente, que é que faz? Sacode a cauda. Eis aí a diferença.

---

(169) Botar no mato quer dizer: pôr a perder, jogar fora por imprestável qualquer coisa.

— Não resta dúvida — redarguiu o meu companheiro. E' bem por isso que a cascavel faz retinir o chocalho. E as cobras que não tem chocalho, batem a ponta do rabo nas folhas secas. Parece que elas avisam o cristão antes de dar o bote.

Nós todos concordamos. Os amigos portugueses felicitaram-me pelo teste, que veio a calhar.

A viagem correu daí até Bom Jesus sem novidade digna de registo. Sòmente na chegada a Bom Jesus, já noite escura, atrapalhamo-nos numa encruzilhada e nos desviamos da rota certa. Tivemos de regressar de novo à beira do rio Gurguéia para encetarmos a subida, pois a povoação fica na chapada da serra. Finalmente alcançamos as primeiras casas da rua "Do-fale-baixo," que dá acesso à vila. Na esquina da mesma com o largo da igreja residia o senhor Odilon Parente, em cuja casa tive a honra de me hospedar.

Passamos alguns dias em Bom Jesus, não só para consertar as cangalhas que foram arrebetadas pelos ardorosos muares, como também para indagações que pudessem orientar os técnicos portugueses na pesquisa do salitre.

Na igreja da localidade os fiéis estavam festejando São Bom Jesus. Assim, todas as noites, os cânticos de louvor ao Santo padroeiro da cidade, quebravam o silêncio melancólico daquela paragens soturna. À saída da igreja, o povo beijava os pés do Santo, cantando:

*"Adeus, Bom Jesus,  
Adeus, meu amô,  
Até para o ano  
Si eu vivo fô"*

*"Adeus, Bom Jesus,  
Adeus, São José,  
Até para o ano  
Si eu vivo fô"*

A medida que os fiéis iam saindo as vozes diminuam, diminuam, até se extingüirem completamente com os últimos vultos que desapareciam como fantasmas nas ruas êrmas do povoado.

No dia 1.º de Agosto, bem cedinho, reiniciamos a viagem. A jornada foi esplêndida. Tudo correu bem: as cargas perfeitamente equilibradas mantiveram as cangalhas ajustadas no lombo dos burros e isso permitiu que o combôio marchasse normalmente. Mais um exemplo de que as grandes coisas dependem das pequenas.

À tarde chegamos ao lugar do pouso. Conceição, no vale do Pirajá, vale das baixas temperaturas — a Sibéria dos sertões piauienses, se o leitor amável me permite a hipérbole.

Prevení os amigos lusos que se preparassem, isto é, que formassem as redes e tirassem as cobertas das malas, pois iríamos ter uma noite fria. Eles sorriram desconfiados, pensando que lhes quisesse pregar uma peça. Depois do jantar, escureceu. A temperatura foi caíndo. Os comboieiros trataram de fazer um foguinho entre suas rêdes; forrei a minha com uns couros de lontra adquiridos em Bom Jesus, e coloquei um cobertor de lâ nos pés como reserva. Os portugueses riam dos meus preparativos, mas o riso, como a alegria de pobre, durou pouco. Às 20 horas, pouco mais ou menos. ví que um dêles se levantava à procura de qualquer coisa, e essa coisa era um cobertor.

— Então “seu” Ferreira, que é que eu lhe disse?

— É verdade — respondeu-me êle — o friozinho está a incomodar a gente. Deve ser o contraste: de dia um sol de rachar pelotes, como lá diz o Sr. Doutor; à noite, por pouco que cáia a temperatura, sente-se frio.

— Acho bom que o “seu” Teixeira arrume o seu cobertor também. Aquí, não sei por que, a temperatura baixa muito. Há dois anos pernoitei neste mesmo lugar e o termómetro de máximas e mínimas registou 10,5.º C. E daqui por diante as noites serão frias.

Quem viaja o dia inteiro a cavalo, à noite não tem vontade de manter longa conversa; por isso, depois de uns “boas-noites e durma bem”, tratamos de conciliar o sono. De manhã cedo, com o barulho do António que preparava o café, acordei e pulei da réde. Os comboeiros estavam acorados em redor do fogo. Os portugueses, ainda nas redes, estavam embrulhados das cabeças aos pés. Fui apanhar o termómetro que passara à noite pendurado no galho de um arbusto: marcava o mínimo 10.º! Essa temperatura, em qualquer parte do mundo, não é lá muito agradável se não se está agasalhado convenientemente. No sertão piauiense é de fazer bater o queixo. No meu diário de viagem registei: “Dia 2 de agosto de 1917, Conceição, temperatura mínima 10.º C.”

Partimos, sem saudade, do siberiano pouso. Às 11,30 horas chegámos à casa em que deveríamos “botar abaixo” para almoçar. Era a mesma, a mesmíssima casinha, onde eu e o Agenor paráramos para fazer o nosso almoço, havia justamente dois anos.

Os moradores, também, eram os mesmos.

— Ó de casa! — gritei, ainda a cavalo.

— Ó de fora — respondeu-me uma voz no interior da morada.

— Com sua licença nós queremos almoçar e descansar.

— Toda; pode apear.

Saltei do cavalo e fui cumprimentar a dona da casa.

— A senhora se lembra de mim?



— Lembro, nhor, sim. Tá fazendo dois anos que vossoria passou por aquí.

— É isso mesmo. A senhora tem bôa memória.

Quando almocei aquí, a pobre senhora pediu-me um remédio que curasse sua filha. Mas eu, vendo a moça, que era parálitica, disse-lhe que não tinha remédio para tal enfermidade. Ela, coitada, ficou triste, (lembra-se o leitor paciente da narrativa que fiz desta casa?) mas não se mostrou aborrecida com a minha franqueza. E aquela atitude dócil, resignada, tocou-me o coração.

Um caso que se passara em minha terra, Piracicaba, trouxe à lembrança o pedido de remédio da mãe sertaneja. Ei-lo: em 1916, indo eu visitar minha família em São Paulo, minha mãe contou-me que fôra passear em Piracicaba, e que lá vira uma velha amiga nossa, que havia mais de 15 anos era parálitica, andando perfeitamente. Alguém deu-lhe a beber uma garrafa de água benta, e ela recuperou os movimentos. Eu não podia duvidar da informação de minha Mãe. Acreditei; mas, o "x" do problema impacientava-me. Numa das constantes visitas ao Butantã, onde ia fazer provisão de medicamentos para os meus pobres sertanejos, matar as saudades e colher novos ensinamentos, perguntei ao sábio mestre Dr. Vital Brasil:

— Pode alguém, que esteve paralítico durante 15 anos, recuperar os movimentos?

— Pode. Sendo a paralisia de fundo histérico, o doente sara por simples sugestão.

Contei-lhe o que minha Mãe testemunhara em Piracicaba, e êle achou plausível. Eu, por minha vez, lembrei-me da pequena parálitica do sertão piauiense, e fiquei pesaroso pela minha ignorância. Se soubesse que uma simples sugestão poder-lhe-ia restituir os movimentos, teria posto em prática meus conhecimentos

sobre hipnotismo. Pois, bem, por uma dessas coincidências que a mão do acaso ou a divina providência às vezes prepara, decorridos dois anos voltava eu, para almoçar, na mesma choupana em que decepcionara a mãe que pedira remédio para sua filha. Interessante, tudo se repetiu, inclusive o pedido da senhora:

— Seu dotô, vossoria tem uma mézinha prá curá minha filha?

— Tenho. Desta vez, eu vou curar sua menina! — respondi em tom enfático.

A senhora ficou como que meio tonta com a afirmativa categórica por mim enunciada. Olhou-me sem poder proferir palavra. Quebrei o silêncio com a seguinte recomendação:

— A senhora dará um banho na menina, e, com um vestido limpo, a deitará na rêde.

Enquanto a dona da casa, um tanto atônita, executava minhas determinações, nós, meus companheiros e eu, soboreávamos o almôço. Findo êste, dei as ordens necessárias a fim de que fizéssemos bôa provisão de água, pois aquela noite deveríamos dormir em pleno chapadão sem um pingô do precioso líquido. A água deveria ser conduzida em enormes cabaças, algumas com mais de dez litros de capacidade.

— Bem, minha senhora, vamos ao quarto onde está a menina.

— Nhor, sim. Tá aquí; é só passá esta porta.

A pequena estava deitada na rêde. Com facilidade a hipnotizei. A mãe, ao meu lado, observava tudo atentamente. Embora tivesse as pernas moles, paráliticas, conseguia mover os dedos dos pés, com exceção dos dois pequenos do pé esquerdo. Comecei por aí o exercício. Ordenei-lhe que encolhesse êsses dedos. Notei que se esforçava sem conseguí-lo; então, eu pegava nos dedos e ajudava. Assim, sempre em estado hipnótico,

ela foi encolhendo e espichando os dedos. Após êsse primeiro resultado animador, ordenei-lhe que encolhesse as pernas. Ela procurava obedecer, mas não o conseguia; então pedi à senhora que lhe segurasse os tornozelos e a ajudasse a fazer os movimentos enquanto eu mandava. Finalmente, depois de um esforço titânico, a moça conseguiu encolher e estirar um pouco as pernas, as mesmas pernas que há onze anos não lhe obedeciam à vontade. Terminado o trabalho, que durou cêrca de uma hora, acordei-a. Antes, porém, de acordá-la, sugestionei-a que todos os dias, às 2 horas da tarde, sua mãe a faria dormir, em meu nome, e repetiria o exercício até ela ficar completamente curada.

Fora, os companheiros de viagem estavam prontos para a marcha. Despedi-me da dona da casa e partimos.

Durante a marcha ia pensando: Será que essa aleijadilha fica bôa? Em todo caso, fiz o que podia. A semente está lançada. Tomara que encontre solo fértil!

Chegámos um pouco atrasados ao sopé da serra do Pará, em cujo chapadão deveríamos pernoitar. A subida era tão íngreme, que se tornava necessário tirar a carga dos animais: os burros de carga subiam descarregados e os comboieiros com a carga daqueles às costas. Até os cavaleiros deveriam subir a pé, puxando cada um sua montaria. Estávamos tirando as cangalhas dos animais, quando chegou um cavaleiro a galope, e dirigiu-me a palavra:

— Seu dotô, a moça mandô pedi o nome de vossoria.

— Muito bem. Espere um pouco que vou ver lapis e papel.

Como a minha letra não é lá essas coisas, desenhei o meu nome com toda a clareza, satisfeito por ter notado que a moça ficou sugestionada. Era meio caminho

andado. Ao entregar o papel com o nome ao “positivo”, recomendei-lhe que dissesse à moça que o lêsse três vezes antes da mãe fazê-la dormir em meu nome. Partiu visivelmente satisfeito, e eu fiquei contente e esperançoso. Lembrei-me — mas já era tarde, pois o cavaleiro sumira na curva do caminho — da conveniência de mandar à parálitica uma garrafa d’água “prodigiosa”... Que pena!

A noite nos apanhou no meio da subida da serra. Foi uma verdadeira odisséia. Finalmente alcançámos o chapadão. O combôio foi organizado de novo e continuámos a marcha, porque o chapadão tinha umas léguas de extensão e precisávamos pousar, não muito distante da descida. Tudo conspirava contra nós nessa etapa da jornada: além da subida cheia de peripécias, encontrámos o chapadão calcinado pelo fogo. Exaustos pela fadiga, não encontrávamos um lugar adequado para o pouso. Felizmente, às 21 horas — já não era sem tempo! — encontrámos um grupo de árvores, recém-chamuscadas, que se prestavam à instalação de nossas redes, em falta de outras melhores.

O jantar, em virtude da hora avançada, foi parco: carne assada no espeto, farinha, rapadura e bananas.

Comí fundados reccios que, no dia seguinte, ficássemos sem água, recomendei ao cozinheiro que não fizesse café. Eis que, quando menos o esperava, me aparecem os amigos lusos com uma chaleira fumegando. Haviam preparado um chá “para fazer-me uma agradável surpresa”, apesar dos meus constantes avisos de que tínhamos pouca água. Não aceitei o chá, pois mal pude esconder o aborrecimento que aquela insensatez me causará. Contudo, estirei-me na “tapuirana” e dormi: vareei a noite num sono profundo e reparador.

Dia 4. Manhã fresca e céu claro. Às 6 horas todos estávamos em pé. O António preparava o café e os comboieiros campeavam os animais no peador.

Para desfazer possível aborrecimento da véspera, dirigí-me aos companheiros de viagem, em tom galhofeiro:

— “Vêde, ilustres barões assinalados que da Ocidental práia Lusitana, viestes a êste sertão dar com os costados, como um sertanista previdente lava a cara”. Isto dizendo, limpei os olhos com a ponta da toalha umidada, dei por terminado o meu asseio. Notei que o meu exemplo não fôra imitado.

Os comboieiros não apareciam com os animais. Meu Deus, que teria acontecido? Depois de uma hora vieram, mas faltava um cavalo de carga. Deixá-lo no chapadão seria condená-lo a morrer de sede. Mandei que dessem nova busca, que rastejassem o bicho até encontrá-lo. Foi um trabalhão dos diabos. Afinal, às 8 horas, sol alto, partimos. Às 11 horas chegámos à beira do chapadão. Começou a tragédia da descida, que não vou descrever, porque já o fiz na primeira viagem, em 1915.

Ao meio-dia estávamos em baixo, no começo da Vereda da Lagôa do Boi, sem um pingo d’água e com sede. Eu, prevendo o que ia acontecer, nem o quebra-jejum havia tomado de manhã, mas, mesmo assim, começava a sentir as torturas da sede.

— Sr. doutor — disse-me o Ferreira — temos aí umas ferramentas e poderíamos cavar o solo, que parece úmido, em busca d’água. Que lhe parece?

— Bem avisei os senhores, e os amigos fizeram ouvidos de mercador. Agora é tocar para frente. A morada do José Grande, meu ex-guia na viagem passada, não fica muito longe daqui. Para frente, amigos!

Rompí a marcha. O meu tordilho briososo saíu batendo o casco no solo, como se tudo tivesse corrido às mil maravilhas. Os portugueses, atrás, soltavam imprecações proibidas a homens e mulheres de quaisquer idade. Sentia-me vingado, mas só até certo ponto, porque eu também estava sofrendo a falta cometida por eles. Dava-me ânimo a esperança de chegar em breve à casa do José Grande. Os lusos continuavam a lamentar-se e a blasfemar. Depois de uma hora de marcha, encontrámos uma encruzilhada — era a última errada. Enveredei pelo caminho que me pareceu ser o certo, e para não ouvir mais as imprecações dos companheiros, corri a espora no tordilho e sumí na primeira curva. Lancei um olhar pela paisagem: tudo sêco e desolador; à direita, as escarpas abruptas do chapadão expunham aos raios ardentes do sol suas figuras caprichosas de arenito vermelho. Consultei o relógio: 14 horas, portanto, duas horas de caminho na Vereda da Lagôa do Boi, e nada de casa, nem ao menos uma cacimba em que pudéssemos saciar a sêde. E estávamos percorrendo a Vereda da Lagôa do Boi! Lagôa, onde é que ficava essa lagôa? E a gente a morrer de sêde. Felizmente o tordilho continuava em sua marcha ligeira, embora derramando suor. Com certeza estava sendo açoiado pela sêde. Não sei o que se possa comparar à tortura da sêde. Lembrei-me da parábola bíblica que fala de um rico impiedoso que estava sofrendo, nas chamas do inferno, o tormento da sêde, e, desesperado, supplicava ao Pai Abrahão, que tivesse misericórdia dêle, e mandasse a Lázaro que molhasse na água a ponta do dedo para refrescar-lhe, a êle rico, a língua ressecada. Fiquei com pena do pobre rico. Eu estava também com a língua sêca. As glândulas salivares não conseguiam manter a mucosa bucal umidecida. Passei em revista todos os refrescos gostosos que tomei na vida,

desde o longinquo capilé ao chop de espuma branca a transbordar do copo. O mais interessante era que, acima de todos éles, eu via a água cristalina e fresca: água de cascatas, de córregos, de fontes em borbotões, água, água, sòmente água. Olhei novamente para o relógio: os ponteiros marcavam 3 horas da tarde. Eu procurava, em vão, na flora da Vereda indícios de riachos ou alagadiços. Nada de matas ciliares — vegetação exuberante que acompanha as correntes de água — nada de pin-daibas, ou das formosas palmeiras buritís, que crescem nos brejos — nada! E a casa do José Grande? Naturalmente me havia enganado na encruzilhada. Sem perder o ânimo, mas um pouco desalentado, ia pensando nessas coisas. Era um sábado, recordo-me bem: êsse dia nunca mais me saíu da memória.

De repente oiço o canto de um pássaro, ou melhor, o assobio do chico-preto (170), ave encontrada comumente nos brejos. Olhei para cima, e vejo um bando que passava. Nisto, sem ter tempo de emocionar-me, vejo a fronde de um burití com suas folhas em leque. Não pode ser, dizia de mim para mim, devo estar delirando, não se tratará de uma miragem? Notei que o cavalo apressou o andar; o caminho, levemente inclinado, era marginado por barrancos vermelhos. Procurei com os olhos a copa do burití e lá estava ela, não muito distante, a uns 30 metros. Assim que o cavalo entrou numa pequena curva, à direita, ví a palmeira refletida na água; não quis acreditar, julgava-me vítima de uma ilusão, provocada pela sêde. Não, não era desvario, eu estava diante de um riacho de águas cristalinas. Quis parar o cavalo para apear, mas não pude: o tordilho entesou o queixo e entrou no córrego. Pulei. Apanhei no chão uma folha sêca de burití, coloquei-a à beira da

---

(170) Chico-preto, ave da família dos *Icterídeos*: *Cassidix oryzivora* Gm.

corrente, num lugar onde a água corria límpida entre pedrinhas e areia, e, ajoelhado, botei a bôca na água, e bebi, animalescamente, como o meu cavalo. Bebi, bebi, sentindo a frescura da água no nariz. Parei um pouco, resfoleguei e abaixei de novo a bôca na corrente deliciosa. E

*"S'io avessi, lettor, piu' lungo spazio  
Da scrivere, io pur contaré in parte  
Lo dolce ber che mai m'avria sazio." (171)*

Sentei-me, depois de amarrar a montaria, à sombra do barranco, à esquerda. Comecei a transpirar abundantemente, e só então, foi que me lembrei dos meus companheiros de viagem. Era 16 horas. Subi no barranco para ampliar o horizonte. Não ví sinal do combôio. Para as bandas do burití divisei um telhado; aproximei-me um pouco e verifiquei que se tratava de uma engenhoca. Não quis, porém, distanciar-me do riacho, pois, aguardava, a todo momento, a chegada dos companheiros. Depois de uma hora de espera, o que já me causava apreensão, ví apontarem na estrada os dois portugueses. Para animá-los gritei-lhes: "Depressa, amigos, aqui temos água fresca!" Não fizeram o menor gesto. Vinham exaustos. Eu os contemplava à medida que se aproximavam. É inacreditável como um dia de sêde sob sol ardente desfigura o indivíduo. Os portugueses pareciam dois fantasmas: O Teixeira dava a impressão de mandí frito, com os seus olhos de azul-claro; o Ferreira, moreno fornido, tinha as olheiras tão negras que pareciam óculos pretos. Saltaram dos cavalos e foram ao riacho como dois animais, como eu fui e como o tordilho foi.



— E os rapazes?

— Ficaram atrás — disse-me o Ferreira co o queixo escorrendo água e o peito da camisa molhado — e queira Deus que tenham fôrças para cá chegarem.

— Chegarão, na certa. Os sertanejos são homens duros, acostumados a êstes “mimos” do sertão.

Quinze minutos depois o combôio apontou na curva do caminho. Faltava o Sabino.

— António, que é de o Sabino?

— O Sabino, seu dotô, ficô na estrada. Êle não quis montá na caugáia e não aguentô mais andá a pé.

— Beba água depressa, monte no meu cavalo e vá buscar o rapaz. Leve uma cabaça com água e a malinha dos remédios. Êle ficou longe daqui?

— Nhor, não. Eu trago êle no continente.

Antes de escurecer o António — António Martins — trazia, reanimado, o Sabino na garupa do cavalo. Deus seja louvado, tudo terminou bem.

A uns duzentos metros do riacho demos com a casa da Fazenda. Agora, que tínhamos saciado a sêde, como por encanto, tudo aparecia à mão: engenhoca com garapa e a casa-grande para nos abrigar com relativo conforto. Parecia um conto de fadas.

Fomos muito bem recebidos pelo proprietário, e aí paramos três dias para descanso e recuperação das fôrças perdidas.

Dessa fazenda, completamente refeitos, rumámos para Santa Filomena. O resto da viagem correu normalmente, sem nenhum acontecimento digno de menção, a não ser o fato de um “positivo”, que me trazia um telegrama do Agenor, dar comigo em pleno sertão.

— Como foi que V. me descobriu? — perguntei-lhe.

— Depois, sáiba vossoria que desna três dias eu tava no rasto do seu dotô.

É interessante a repercussão que tem, no sertão, a passagem do forasteiro. Num raio de mais de trinta léguas sabe-se que há gente estranha na região.

Lá pelo dia 18 chegámos a Santa Filomena. Fomos, como era de esperar, muito bem acolhidos pelas pessoas gradas da cidade, minhas conhecidas de 1915.

Em Santa Filomena separei-me dos portugueses. Eles, como já ficou dito, traziam a incumbência de pesquisar e estudar as possibilidades econômicas do salitre piauiense. Furneci-lhes, auxiliados pelos conhecedores do assunto residentes na cidade, o roteiro que os levaria aos boqueirões onde os caboclos, havia muito tempo, vinham tirando salitre para o seu gasto. Eu tinha outra tarefa: deveria fundar, na barra do Riachão, a dez léguas de Santa Filomena, rio abaixo, um centro agro-pecuário.

Com saudades, despedi-me dos teimosos, mas bons portugueses. Eles prometeram-me, que, antes de partirem definitivamente, me dariam um abraço na barra do Riachão.

Iniciei os preparativos para o empreendimento. Comprei uma balsa de talos de buritís para a condução de ferramentas agrícolas (até um arado eu levava) e a nossa bagagem. Os cavalos foram por terra.

No dia 26 de agosto — dia, lembro-me bem, do aniversário da morte de meu saudoso Pai — a balsa estava amarrada à beira do Parnaíba, no cáis da cidade de Santa Filomena, impossibilitada de sair, porque não conseguí contratar um mestre balseiro. Todos estavam comprometidos: tinham que descer a farinha do major tal ou os couros (salvo seja) do coronel qual. Sentados na rampa coberta de grama da beira do rio, os maiores da localidade contemplavam meu embarço. O homem do sertão gosta de pôr em apuros aquele que procede de lugares adiantados — o cidadão civilizado. Por isso,

apesar da mútua simpatia, eu notava uns ares de satisfação na fisionomia de todos.

— Adie a viagem, seu dotô — diziam-me em côro. Hoje já tá meio tarde, quem sabe se amanhã o senhor arranja um bom mestre.

— Acho que vou hoje mesmo. A balsa está carregada, e seria desagradável adiar a viagem, uma viagem que é um pulo.

— A viagem é curta, mas as cachoeiras são muitas, e tem cada uma de respeito: Molha-fundo, Apertada-hora e outras mais.

— Não tem nada, amigos, quem não morre não vê Deus.

Enquanto estávamos dialogando, eu em pé na balsa e os meus interlocutores sentados na barranca do rio, o Abílio, um vaqueiro que eu contratara na véspera, informou-me que mestre êle não garantia, mas no posto de contra-mestre daria conta do recado. Fiquei animado. Tirei o paletó e assumi o lugar de mestre.

— Eliseu, — gritei para outro empregado, também contratado há pouco — solte a balsa!

E voltando-me para a assistência estatelada pela minha ousadia — até outra vista, amigos; lá na barra do Riachão estarei às ordens.

Com alguns golpes dos lemes da prôa e pôpa a balsa ganhou o fio da água e iniciou a marcha serena, de bubuia, rio abaixo. A tripulação era composta do mestre (o rabiscador destas linhas), o contra-mestre Abílio, o cozinheiro António e o moço de bordo, o Eliseu.

A balsa ia carregada: mantimentos, um porquinho baé (parecido com o porquinho tatú de São Paulo) e um terno de galinhas leghorn, que eu troxera do Rio de Janeiro, e ferramentas agrícolas.

Belo início de viagem. Tudo corria bem. Quando olhei para trás, não vi mais Santa Filomena. Não demorou muito tempo começamos a ouvir o ronco da primeira cachoeira. Eu, francamente, encarava a situação com otimismo. Nascido e criado à beira do rio Piracicaba, em São Paulo, sabendo lidar com canoas de todo o jeito, e ajuntando a essa prática os conhecimentos de física adquiridos no curso de agronomia, sentia-me apto a vencer as dificuldades que se apresentassem. Além, disso, era meu critério, no sertão, diante de uma dificuldade a vencer, ponderar os prós e os contras, e, uma vez resolvido a enfrentá-la, aceitar, com firmeza, a última consequência. No caso, que é que poderia acontecer de pior? Ir de encontro às pedras das cachoeiras e naufragar. Se tal sucedesse, como a balsa era construída de feixes de taços de buriú insubmersível, cada um de nós agarrar-se-ia a um deles até alcançar a barraanca do rio. Pensando nessas coisas, é que mandei o Eliseu soltar a balsa.

O rio Parnaíba, como já disse em outro capítulo, é muito encachoeirado no seu curso superior. As corredeiras sucedem-se umas às outras com poucos quilômetros de distância. Apesar dêsse inconveniente, a nossa balsa ia rodando de bubuia, como se estivessem em seus lemes velhos e experimentados balseiros. Num dado momento o nosso galinho branco impertigou-se todo, como o seu co-irmão da *Pathé-Journal*, e soltou, alto, alegre, o canto da vitória. Sim, para nós, era o canto da vitória. Tudo corria bem a bordo, quanto avistamos a primeira cachoeira. Em pé, na frente da balsa, eu procurava observar de que lado estava o canal, considerando a curvatura do leito do rio e os rebojos formados pelas pedras. A primeira corredeira foi vencida com relativa facilidade. Perdemos o medo das corredeiras, *perdemos* é um modo de falar, pois a tal da

Aperta-hora não nos saía da cabeça. Passamos, antes de escurecer, por uma brava que nos fez sambar a valer. As ondas chegaram a passar sôbre nossos pés. As galinhas e o porquinho baé, a julgar pelos protestos, não gostaram muito da brincadeira.

— Abílio — disse ao contra-mestre — não será esta a Apertada-hora?

— Não tenho certeza, patrão. Amóde que é a tal de Molha-fundo.

Seja lá o que fôr; o importante, para nós, é que já passamos.

Notei que todos estavam contentes: o sertanejo gosta de brincar com o perigo. Para essa gente “arriscar a pele” de vez em quando é uma alternativa que rompe a monotonia de sua existência e lhe dá a auréola de intrepidez. Para falar com franqueza, todos nós temos êsse fraco ou êsse forte, como o leitor amável achar melhor. Ao meu modo de entender a psicologia humana, e, em *lato sensu*, o homem, vale pelos obstáculos que vence na vida. Assim sendo, todos nos nos sentíamos orgulhosos pela aventura, que, por ser em água corrente, ia correndo bem.

Quando escureceu, achei que deveríamos parar num lugar, onde houvesse morada, para o nosso pernoite. Não demorou muito avistei uma luz do lado do Maranhão. Gritei, como de costume:

— Ó de casa!

— Ó de fora! — responderam.

— Vamos descendo numa balsa e queremos portar aí.

— Então, remem com fôrça, porque o Pedra-furada (172) desemboca pertinço do porto e a correnteza dêle não deixará a balsa encostar com facilidade.

Remámos com vontade, e em poucos momentos atra-

---

(172) Riacho, afluente da margem esquerda do Parnaíba.

cámos. O dono da morada, gentilmente, veio ao nosso encontro com uma lanterna que iluminou o barranco do rio. Apresentamo-nos: declinei o meu nome e êle o seu...

— Martiniano, criado às ordens de vossa mercê.

— “Muito obrigado, e da mesma forma, “seu” Martiniano. Antes de mais nada, peço-lhe licença para usar sua cozinha, pois, até agora, estamos sem jantar.

— A casa é nossa. Não faça cerimônia.

Enquanto o Antônio preparava o “de cumê”, entabolei franca e agradável conversação com o velho Martiniano. Sim, velho Martiniano, porque deveria andar nela casa dos 60 anos. Era um tipo interessantíssimo. Estatura mediana, nem gordo nem magro, tez morena, de um moreno-chocolate; bigodes e cabelos brancos como capulhos de algodão; nenhuma ruga, dentes bons, nariz bem feito e lábios finos; espírito vivaz e maneiras respeitosas. Falava com bastante correção e dava-me o tratamento cerimonioso de vossa mercê. Tal tratamento, há muito em desuso no Brasil, causou-me estranheza, visto como fôra a primeira vez que o registrara nos sertões do norte brasileiro por onde andei.

Conversamos muito durante o jantar, e fiquei sabendo que o velho Martiniano era habilidoso: com talos de buriti construía grandes caixas, depósitos, para guardar arroz, farinha de mandioca, feijão, tapioca etc. Prometeu-me que, de manhã bem cedinho, mostraria os utensílios por êle fabricados.

Da minha parte, relatei-lhe qual era meu programa de trabalho e o que pretendia fazer na barra do Riachão.

Num momento propício fiz ponto final na conversa e lembrei que era hora de dormir. Se eu fôsse acompanhar o “seu” Martiniano, amanheceríamos conversando.

No dia seguinte acordei de madrugada e já o velho estava de pé no terreiro. Depois do café e misturas, fui vêr os artefatos do meu hospedeiro. Fiquei òtamente impressionado com tudo. Os caixões de talos de buritís estavam bem feitos e a casa, modesta casa de sertanejo, denotava ordem e limpeza.

— “Seu” Martiniano, são 7 horas e eu preciso partir. Desejo almoçar ainda hoje, se Deus quiser, na barra do Riachão.

— Sinto não poder, agora, acompanhar vossa mercê até lá, mas assim que me desocupe aparecerei.

— Será com muito prazer da minha parte, pois, como já lhe disse, vou precisar de seus serviços. Até a vista, então.

— Até a vista, e boa viagem.

— Por falar em boa viagem, a que hora, mais ou menos, passaremos pela cachoeira da Apertada-hora?

— Cachoeira da Apertada-hora? Vossa mercê passou por ela òntem à tarde.

— Não é à-tôa que o ditado popular diz que o diabo não é tão feio como o pintam.

— Lá isso é verdade, mas eu não quero histórias com êle, não.

Trocamos estas últimas palavras com a balsa em movimento. Começou novamente a descida do encachoeirado Parnaíba. E fui peñsando: não se devem sofrer dores futuras. Quantas vezes a solução de um problema de nossa vida se nos afigura difícil, e, depois de nos haver amargurado, tem um desenlace natural, se evapora como o orvalho matutino, sem causar-nos o menor arranhão na alma! Desde aí tomei como lema de minha vida, não sofrer dores futuras, não atormentar-me pelo que pode suceder, estando, porém, sempre pronto a enfrentar as dificuldades, quer de ordem moral, quer de ordem material, de espírito alerta e ânimo

resoluto. Lí em espanhol, não me recordo onde, nem me lembra o nome do autor, êste profundo conceito:

*“Si tus males tienen remedio, por que afligirte?  
Si tus males no tienen remedio, por que afligirte?”*

E assim, por associação de idéias, fui matutando rio abaixo até a próxima cachoeira, cujas pedras e ondas ameaçadoras me chamaram à objetividade da vida.

Depois de quase cinco horas de viagem, a balsa entrou num bonito estirão do rio, calmo e silencioso; as águas plácidas, qual enorme espelho, refletiam as margens montanhosas e cobertas de mata.

— Acolá, na curva do rio, é que é a barra do Riachão — informou o Abílio.

— Então, estamos chegando?

— Nhor, sim.

— Muito bem! Já não era sem tempo! — exclamei satisfeito. Agora, “seu” contra-mestre, vamos aproximando a balsa ao barranco, e assim que avistarmos as águas do Riachão, amarraremos a “bicha”.

Todos, em pé, procuravam descortinar, com olhares curiosos, o cenário onde iríamos exercer nossas atividades.



## CAPÍTULO XI

*Fundação da Vila Engenheiro Dodt — Quem foi este sábio — Falar sertanejo e expressões Camoncanas — O velho Martiniano — Casa de talos de buriti — A merindiba — José Monte Alegre — Regime de trabalho — A turma de “solteiras” do Onça Preta — Lógica de madeireiro — Galinhas de raça — Acauã — Folclorismo — Caçada na espera — Sistema métrico — Arroz de Santa Luzia e festa sem cachaça — Boas notícias da jovem paralítica e projeto de canonização do A. — Visita do venerando Dr. Joaquim Nogueira — Natal tristonho — Raça do “Barão” — “Colosso” bate “Leão” mas não respeita as regalias do touro Apis. — Noções de higiêne — Escola “2 de Julho” — O sucesso da vitrola — Roda d’água — Doenças e remédios do lugar — Papagáiv sem educação — “Simpatias” — Algodão, mandicca e pecuária — Moça picada por cuscavél — As “vantagens” do boi mocho — Partida de “Eng.º Dodt” — Morte da acauã — Chegada à capital do país — O A. desliga-se da Companhia.*

EM 1915, quando percorremos, o Dr. Agenor de Miranda e eu, o Alto Parnaíba, tendo em mãos a “Descrição dos rios Parnaíba e Gurupí, “trabalho publicado em 1.º de maio de 1873, da autoria do Dr.

Gustavo Luiz Guilherme Dodt (173), ficamos impressionados com o grande saber e descortino técnico revelados pelo notável engenheiro, e resolvemos — caso viéssemos a concretizar os planos em elaboração — ligar o seu nome ilustre ao nosso empreendimento. Em cumprimento do que fôra preestabelecido, demos pois, ao futuro estabelecimento agro-pecuário da barra do Riachão o nome de “Vila Eng.º Dodt”. (174)

---

(173) A Companhia Editora Nacional de S. Paulo, reeditou, na *Brasiliana*, série 5ª, vol. 138, o notável relatório. Essa edição foi prefaciada pelo Dr. Gustavo Barroso. Eis alguns trechos do que diz de seu avô materno o brilhante autor de “Terra de Sol” : — “Gustavo Luiz Guilherme Dodt foi um dos jovens engenheiros alemães que o barão de Capanema contratou no Velho Mundo para os serviços do antigo Ministério da Agricultura e para construção de linhas telegráficas. Dedicando sua vida ao Brasil, Gustavo Luiz Guilherme Dodt naturalizou-se e nunca mais voltou à Alemanha. Era um homem ativíssimo e de grande ilustração. Além de engenheiro, doutor em filosofia pela célebre Universidade de Iena. Nasceu em 14 de março de 1831 na cidade de Dannenberg, no antigo Reino do Hannover, filho legítimo de Henrique Frederico Dodt e sua mulher, Guilhermina Joana von Lanzrehr, de antiga e nobre estirpe de Walsrode. A 6 de julho de 1859, casou-se com Eliza Cristina von Moehlebrock, originária de Dantzig, na Pomerânia. Do consórcio nasceram duas filhas: Ana Guilhermina Dodt e Ema Matilde Dodt. A primeira, diplomada com distinção pela Escola Normal de Hamburgo, em 1880, casou em Fortaleza, em 1884, com Antônio Felino Barroso, e ali faleceu em 1889. Era minha mãe. O Dr. Dodt morreu em 1903 como engenheiro aposentado da Repartição Geral dos Telégrafos, na cidade de Blumenau, onde jaz sepultado “do modo mais modesto possível”, conforme pediu no seu testamento. A maior parte de sua vida passara-a no interior de sua nova pátria. Vivera algum tempo em Juiz de Fora, em Natal, em São Luiz do Maranhão e em Fortaleza. Peregrinara longamente, explorando rios e terras, construindo linhas telegráficas por quase todo o Norte, demorando-se nos sertões do Ceará, do Piauí, do Maranhão. Foi ao Tocantins e Araguáia”

.....  
 “O Dr. Gustavo Dodt foi um dos melhores folcloristas do Brasil. Um dos primeiros a notar analogias e similitudes de nossas manifestações demológicas com as de outros povos. Escrevia a propósito cartas interessantíssimas a Couto de Magalhães, comentando trechos de “O Selvagem”. Sílvio Romero não se esquecia de citá-lo no prefácio dos “Contos Populares” e recorrer às suas informações”.

(174) No mapa do Estado do Piauí já figura a Vila Engenheiro Dodt, pelo que muito me desvanço.

Chegamos, finalmente: o meu velho "Remontoir" marcava 12 horas do dia 27 de agosto de 1917.

Galgamos a barranca do rio, e com os terçados que trazíamos, em pouco tempo, limpamos uma área aproximadamente de 400 m<sup>2</sup>, em que nos abarracamos. *Abarracamos* é um modo de falar, pois, em verdade, nos instalamos sob frondosos jatobás e altaneiras copaíbas. Em seguida, o António, auxiliado pelo Eliseu, improvisou uma trempe para o preparo da "boia". Enquanto cuidavam do alimôço, fui fazer um ligeiro reconhecimento dos arredores, a fim de descobrir um lugar, no Riachão, em que eu pudesse tomar banho.



— Vossoria — disse o Abílio, dirigindo-me a palavra — tome cuidado, por aí tem muita sucurujú. Essa bicha é muito traiçoeira: quando menos a gente espera, ela dá o bote.

Agradecí o oportuno conselho do Abílio, e, de revolver em punho, continuei a inspeção. A uns 50 me-

tros da sua foz, no Parnaíba, o riacho, de águas frescas e cristalinas, oferecia local aprazível e adequado para banheiro. Desconfiado, na expectativa de encontrar, a, todo momento, o perigoso ofídio dissimulado entre os troncos e galhos de árvores, examinei tudo atentamente. E nada. Nem mesmo o corriqueiro calango notei. Diante disso, não tive dúvida: coloquei sobre uma pedra chata a toalha, o sabão e o amigo revolver, e pulei na água. Mal tinha iniciado o banho, apareceram enormes mutucas que me causaram bastante aborrecimento. Para livrar-me de seus agudos ferrões, precisei conservar-me dentro da água, só com o nariz fora, que nem capivara acuada. Não há felicidade completa, resmungava eu, e acrescentava: em todo caso, antes mutucas do que sucurujús. Saí do riacho e envolvido na toalha fui vestir-me no acampamento.

O almôço estava pronto: arroz, carne e ovos. Eram duas horas da tarde quando começamos a refeição, com uma fome de todos os diabos. Passamos o resto do dia arumando os nossos "terens", enchiquirendo o porquinho baé e agazalhando o terno de galinhas leghorn. À noite, após o lanche, que os meus companheiros chamaram pomposamente ceia, fomos dormir. Solidão completa. O silêncio era, de quando em quando, interrompido pelas vozes desagradáveis e soturnas dos animais noturnos. Dormi. À meia-noite acordei com o canto do galo. Esse fato trouxe-me à memória o interessante estudo do sábio Prof. Roberto Hottinger intitulado: "O canto do galo à meia-noite". Concluíra o ilustre catedrático da Escola Politécnica de São Paulo, que o galo com o hábito de cantar às 3-4 hs. da madrugada na Europa, transportado para a América do Sul, cantava, por atavismo, às 24 horas, que correspondem mais ou menos àquele momento europeu. Essas recordações e mais o barulho de diversos bichos do mato,

entre êles, cotias e pacas, que se banquetavam com os frutos de mirindiba pertinho da minha cama-de-vento, não me deixavam adormecer de novo. Resolvi pôr um ponto final nessa situação. Avisei os companheiros, que também estavam acordados, passei a mão no revolver e apontei em direção do ruído: o "papoco" ressoou pela mata e a bicharada estrepitosamente debandou. O silêncio foi restabelecido, e nós dormimos até o dia clarear.

Dia 28 de agosto. Acordei preocupado com a escassez de tempo e o mundo de providências que deveria tomar para dar início aos trabalhos. Setembro estava próximo, e, além de outras coisas, precisava providenciar, quanto antes, a construção de uma casinha em que nos pudessemos abrigar, pois as chuvas começam, às vezes, em meados do mês, no Alto Parnaíba.

Acompanhado pelo Abílio fui escolher o ponto para localizar a morada. Do nosso acampamento, quase à beira do rio, fomos avançando em linha perpendicular a êste, subindo sempre suave encosta, até atingirmos uma pequena esplanada. À medida que íamos subindo, a mata ciliar, frondosa, das margens do Parnaíba, dava lugar à flora de campo. Do alto da colina, ou melhor, da culminância da pequena elevação em que nos encontrávamos, descortinei pitoresca paisagem. Achei bonito o local, e resolvi situar ali a séde do futuro estabelecimento agro-pecuário. No dia seguinte, 29, recebi a primeira visita, que até certo ponto me causou estranheza, pois não presumia, nem de leve, que a minha chegada à barra do Riachão, já fôsse do conhecimento dos moradores da redondeza. Contudo, fiquei satisfeito.

O Abílio, vaqueiro daquela região, era velho amigo do nosso primeiro visitante, sr. Quirino José da Costa, residente na entrada do Boqueirão do Banguê

(175), a umas três léguas da barra do Riachão, onde estávamos acampados.

O sr. Quirino, produto autêntico do cruzamento do ameríndio com o africano, fisionomia franca, mas austera, despertou-me, logo nos primeiros momentos, simpatia e confiança.

— “Seu” Quirino, estou curioso por saber como o senhor deu comigo aqui.

— Saberá vossoria que ninguém anda por estas redondezas sem que o povo sáiba. Nós tava cansado de sabê que vossoria vinha navegando prá cá.

Em traços rápidos procurei dar-lhe ligeira idéia do programa de trabalho da Companhia. Notei que seus olhos brilharam de esperanças. E, não se contendo, exclamou:

— Deus nosso Senhor seja louvado! Sem querê interrompê o bom perpósito do vossoria, nós, aqui, vivemos abandonados, mal ganhamos prá dá de cumê aos nossos fios e comprá uns palmos de madapolão.

— Não há mal que sempre dure, “seu” Quirino, depois de uma sêca danada, vem um inverno bom. Por falar em inverno, quero aprontar, quanto antes, uma casinha, um rancho que se a, para nos abrigarmos das próximas chuvas. Tudo indica que o inverno vem vindo. Imagine o senhor se as chuvas nos apanham de baixo destas árvores. Seria o diabo.

— Ó chem! não tem perigo não. Vossoria cum deis homens levanta e cobre a casa em poucos dias.

— Então, peço-lhe o favor de me arranjar dez ou doze camaradas.

---

(175) O termo Banguê, aqui, é empregado para designar um engenho de açúcar primitivo. *Boqueirão do Banguê*, quer dizer boqueirão onde existe ou existiu uma engenhoca. No sul, como por exemplo, em S. Paulo, *banguê* é uma espécie de liteira conduzida por dois animais, geralmente burros, um adiante e outro atrás. Ainda me lembra o pavor e curiosidade que nos causava, a nós crianças, o *banguê* que passava pela Rua do Porto, em Piracicaba, vindo das bandas do Páu d’Alho.

— Cumé? — perguntou-me meio espantado.

— Quero dizer, trabalhadores. Compreendo a sua confusão, esclareci: para nós do sul, camarada (176) é o mesmo que trabalhador manual ou trabalhador da roça.

— Disculpe a minha inguinorância, seu dotô.

— Não há nada que desculpar: cada terra com seu uso e cada roca com seu fuso.

— Se mal não lhe pergunto, quanto vossoria paga por dia?

— Quanto costumam pagar os fazendeiros das redondezas?

— Com comida, \$500 e a sêco 1\$000.

— O senhor não acha isso meio pouco?

— Achá eu acho, seu dotô, mas é o costume da terra.

— Pois bem; vamos modificar êsse costume: pagarei 1\$500 a sêco e 1\$000 dando eu a comida. Mas, sob as seguintes condições: nada de álcool, isto é, cachaça aquí não entra de jeito nenhum; ao trabalhador que vier acompanhado de sáia, não exigirei a certidão de casamento, porém, farei a questão que viva dentro da mais rigorosa moral, como se casado fôsse.

— Vossoria é o homem que tava faltando prá indireitá êste sertão.

— Com a ajuda de Deus e de vocês todos, espero fazer alguma coisa. Então, estamos entendidos?

— Nhor, sim. Pode vossoria contá com êste seu humilde criado.

Enquanto conversávamos, conversa para mim muito interessante, o António aprontou cheiroso café, que todos saborocamos com prazer, notadamente o meu novo amigo Quirino.

---

(176) Camarada, entre os sertanejos do norte, tem acepção pejorativa, é sinónimo de amásio.

— Há quanto tempo não tomo um café tão gostoso cumá êste, seu dotô. Tá é gostoso mesmo.

— Não faça cerimônia; tome mais uma xícara.

— Muito obrigado; aceito.

E eu, contra os meus hábitos, repetí o cafézinho cheiroso, para fazer companhia ao “seu” Quirino.

— Fico admirado, seu dotô, de vê um homem do sú, cumá vossoria, aquí neste cafundó, sastifeito, sem achá nada ruim.

— E’ o jeito, “seu” Quirino. Às vezes, a tristeza quer tomar conta de mim, mas eu espanto a “bicha” trabalhando. Nisto passou por nós um cachorro que viera acompanhando o “seu” Quirino, e, então, acrescentei: se eu tivesse aquí um cachorro como êsse seu para latir, para fazer barulho, seria muito agradável, pois, embora pareça bobagem, sinto falta do ruído.

— Por falta de cachorro, vossoria não ficará sem barúio. Pode ficar com êsse. Chama-se Mocó.

— Mas é preciso saber se êle concorda. Cachorro “erado” (adulto) volta sempre para o seu terreiro.

— E’ só amarrá e dá de cumê, que êle não sai mais daqui. Amanhã pode soltá.

Assim foi feito, e tudo se passou como o astuto sertanejo previra. O Mocó integrou-se no acampamento.

— Então, “seu” Quirino, o senhor pense na proposta que lhe fiz, e volte quanto antes, para fecharmos o contrato; as chuvas vêm aí e precisamos aprontar o terreno para a plantação de arroz e algodão.

— Nhor, sim; vou fazer minhas balizas (177) e nestes dois ou três dias estarei de volta, querendo Deus.

— Muito bem. E antes que me esqueça: o sr. tem arroz para semente?

---

(177) “Minhas balizas”, isto é: meus cálculos.



— Apartei o cacho mais viçoso de meu arrozá. É semente muita. É tanto se prante, cuma nasce. No Banguê tem um brejo que dá arroiz muito: dá dois cortes. É um lugar bonito prá se vê.

— Logo que apronte o meu rancho irei fazer uma visita ao Banguê.

— A conversa tá muito bôa, mais porém, tá ficando tarde e eu perciso chegá em nossa casa antes de escurecê.

— Pois, “seu” Quirino, a sua visita me deu muito prazer, e na certa vamos ser bons amigos.

— Quem sou eu prá merecê tanto?

O sertanejo, visivelmente satisfeito, levantou-se e dirigiu-se em direção à árvore em que estava anarrado o seu cavalo. Abriu o alforge e retirou de dentro um embrulho, dizendo-me:

— Eu truve (178) umas rapaduras para vossoria, da minha fabricação. Dá prá adoçá um chibéu (refresco) na hora da calma (calor).

— E até para quebrar o jejum de manhã, “seu” Quirino. Muito obrigado.

E com essa nos despedimos. Eu, porém, fiquei com aquele *truve* coçando-me a curiosidade. Pelo sentido da frase compreendí que se tratava do verbo *trazer*. Seria um vocábulo forjado pelos sertanejos ou um arcaísmo? Depois de investigar o assunto, cheguei à conclusão que era, de fato, mais um têrmo antigo em pleno uso no falar da gente daqueles rincões. É interessante como a população do interior do país conserva expressões e vocábulos, que de há muito desapareceram dos centros citadinos e até mesmo da linguagem escrita. No interior do Estado de São Paulo, Piracicaba, é comum o emprêgo dos vocábulos: *escuitar* e

(178) No seu Dicionário da Língua Portuguesa, diz Antônio de Moraes Silva: Troufêr, por *Trouver*, *Trouxer*, antiq.

*despois.* Custou vcr-me livre dêles; contudo, ainda agora, quando empolgado por uma emoção qualquer, de alegria ou tristeza, lá vêm êles, aberto o dique do subconciente, a proclamar a minha origem provinciana. Em todo o caso, creio que isso não nos desdoura, a nós da província, pois era assim que Camões falava e escrevia:

*"Promptôs estavam todos escuitando*

*O que o sublime Gama contaria*

*Quando despois de hum pouco estar cuidando,*  
*Alevantando o rosto assi dizia:" (179)*

Estava eu registrando essas notas, quando ouvi as vozes dos empregados que vieram por terra com as montarias e animais de carga. Após ligeira troca de impressões, e soltos os animais no "peador", fomos jantar.

No dia seguinte, sem esperar pelos camaradas que o "seu" Quirino ficcu de enviar, dei, com o meu pessoal, início a um carreador em demanda ao alto da colina, destinada à instalação da séde. Todos trabalhavam satisfeitos, certos de que participavam de um novo e interessante empreendimento. Antes da hora do almôço ouvi uma algazarra que partia da turma que trabalhava na picada. Fui ver de que se tratava: acabavam de matar uma paca, mal escondida num buraco raso por onde passou a roçada.

— Patrão, vossoria conhece êsse bicho? Lá no sú também tem? Disse-me o Abílio mostrando-me a caça.

— Conheço, sim: é uma paca. É um animal muito comum no Brasil inteiro. No sul temos cachorros especializados para caçar pacas: são baixinhos e compridos.

(179) Os Lusíadas Canto III, Est. 3. (O grifo é meu).

— Aqui a gente mata êsse bicho até de chapéu de côre (180).

— Bem vamos tratar de almoçar, que o António está esperando.

E assim passei mais um dia, aprendendo e ensinando.

No dia 1.º de setembro dei início à construção da casa.

Com a chegada dos operários que o “seu” Quirino mandou, organizei duas turmas: uma para cortar os esteios, vigas, cáibros e ripas e outra para cortar palha destinada à cobertura. A palha empregada na região é da palmeira catolé. (181) Trata-se de uma palmeira baixinha, que dá os cachos quase sôbre o solo. É muito abundante. As suas folhas para cobertas de ranchos e casas são melhores do que as do babaçú.

Nos dias subsequentes, prontos esteios e vigas, demos início à armação da casa. Êsse trabalho era dirigido pessoalmente por mim. Aí esperava-me um novo suplício: os *maruins*. (182) Êstes pequenos dípte-

(180) Chapéu de couro, usado pelos vaqueiros, às vezes, faz o papel de arma ofensiva. “Apanhar de chapéu de couro”, é levar forte surra. Emprega-se também no sentido moral.

(181) Há 3 gêneros desta palmeira no Brasil. *Cocos*, *Attalea* e *Scheelea*.

(182) Diz o saudoso sábio Artur Neiva em seu notável trabalho — “Estudos da Língua Nacional”, série 5ª, Brasileira, vol. 178: — “*Maruim*, *Maruy*, *Meroim*, *Miruim*, *Moroim*, *Muruim*, serve para indicar várias espécies e gêneros de dípteros hematófagos representantes da Fam. *Ceratopogonidae*. Em alguns lugares essas denominações indígenas foram substituídas pelos nomes de *mosquito pólvora*, *mosquito de mangue*. Na Amazônia, porém, o povo ignora a denominação sulina de *birigú*, que é substituída pela denominação *tatugaira* e em Abaeté-Pará, *tatuguaia*, pois muitas espécies de *Flebotomus* escondem-se nos buracos dos tatús. Em Theophilo Ottoni, Minas Gerais, desapareceram os nomes indígenas e o *birigú* é conhecido por *mosquito-palha*. “Em Piracicaba, Estado de São Paulo, acrescento eu, êste terrível díptero, que, ainda, segundo Neiva, é transmissor da *leishmaniose*, é conhecido pelas denominações de *mosquito pólvora* e *pium*. Quanto a êste último nome, ensina o ilustrado tupinólogo: “*Pium*, mosquito miúdo, cuja mordedura é mui acre.” O Tupy na Geog. Nacional.

ros são muito impertinentes. São tão miúdos que a gente só os percebe quando sente a ferroada. Desde menino eu os conhecia com os nomes de *mosquito pólvora* ou *pium*, à beira do rio Piracicaba, mas, em tamanha quantidade, confesso que não. Para poder dirigir os trabalhos de arimação da casinha de que estou tratando, foi preciso lançar mão de um estratagema, que até certo ponto não deixava, por sua vez, de ser um martírio. Mandei juntar estêrco de gado e atear fogo ao mesmo, a fim de produzir fumaça abundante para afugentar os quase invisíveis maruins. Fiquei sujeito a êste desagradável dilema: para fugir aos mosquitos, tinha que entrar na fumaça e, quando me sentia sufocado, voltava ao raio de ação daqueles. O vento, de quando em quando, intervinha amavelmente e os varria para longe.

Apesar dêsses e outros tropêços próprios do sertão, no dia 15 de setembro, iniciamos a cobertura com as folhas da palmeirinha catolé. Respirei: o receio de que as primeiras chuvas de setembro nos apanhassem debaixo das árvores onde instalamos nosso acampamento provisório, desapareceu de todo. Agora, tínhamos um teto, embora de palha, mas abrigo seguro contra as chuvas, contanto que não viessem acompanhadas de vento forte. A futura casa era, no momento, um simples rancho; que, para ser casa, precisava que se lhe fechassem os lados, deixando os vãos destinados às portas e janelas, e se fizessem as divisões internas. Terminada a cobertura, trasladamos os nossos "terens" para a novel morada.

Como se o tivesse mandado chamar, deu-nos os ares de sua graça o velho e gentil sr. Martiniano — o morador da "Pedra Furada". Ficou admirado por ver tanto progresso: do mato bravo estava surgindo um povoado. Até os maruins, com a roçada que mandei

fazer em derredor, estavam diminuindo de intensidade em seus ataques às nossas reservas sanguíneas. Meia hora depois da chegada do novo colaborador, o vaqueiro Abílio, integrado em suas verdadeiras funções, apareceu tangendo umas reses que foram adquiridas juntamente com as terras — “gado situado” — pela Companhia. A finalidade era a escolha da que deveria ser abatida para o consumo. Era a “matalotagem”. Interessante como êste vocábulo mudou de acepção aqui, em o Norte do país. (Matalotagem, em seu verdadeiro sentido, significa provisões de mantimentos para embarque, em navios e, por extensão, provisão de mantimentos com que se abastecem, para se não renderem pela fome, aqueles que esperam ser sitiados. C. Aulete). No entanto, entre os vaqueiros e os sertanejos em geral, entende-se por matalotagem abater uma rês para o consumo próprio.

Fechado êste parêntese, voltemos à triste escolha do animal que deveria morrer para alimentar seu irmão... homem. Eu já empunhava a minha *Remington* — espingarda de grande precisão e eficiência mortífera. Via-me na dura contingência de abater a rês, a tiro, porque ainda não havíamos construído o necessário curral, por falta absoluta de tempo. Dirigi-me para as proximidades, onde o gado, desconfiado, pastava. O vaqueiro indicou a vítima, dizendo:

— É aquela que tá acolá perto do formigueiro.

— Mas, Abílio, trata-se de uma vaca, e porquê sacrificá-la?

— Ela não pode criar mais. Não tem têto: as piranhas comeram tudinho.

Uma bala partiu da “*Remington*” e o animal caíu como que fulminado.

— Caíu sôbre os cascos (não deu um passo).

Foi o comentário que ouví sôbre o tiro certo.

Em três tempos, o vaqueiro, auxiliado pelo Eliseu, tirou o couro da vaca. Quando a esquartejava ví que jogava os rins para os cachorros, e reclamei:

— Que está fazendo? Então você atira os rins aos cachorros? Isso é comida de rico.

— Nós não come isso, não, seu dotô.

Rim, fígado e miolo — miolo principalmente — o sertanejo piauiense não comé. Nesta ordem de fatos observei um que até me irritou. O cozinheiro, com a carne do pescoço e cabeça, preparou um cozido gostoso, que seria capaz de ativar a secreção das glândulas salivares do mais exigente "gourmet". Pois bem, qual não foi a minha surpresa e indignação, quando me apareceu o cozinheiro informando-me que um caboclo perebento não queria comer o cozido porque a carne de pescoço e cabeça lhe faria mal. Por mais que o quisesse dissuadir daquela tolice, abuso, ou esperteza, não o conseguí. Mandei que lhe dessem um pedaço de carne assada. Aliás, carne assada, farinha e arroz é o alimento predileto do sertanejo. Feijão e verduras também não são lá muito apreciados. A estas últimas chamam-nas, com desprezo, "folhas.". Quantas vezes ouvi o matuto dizer: — "Eu não sô camalhão prá cumê foia."

Terminado o almoço, fui assistir ao trabalho do velho Martiniano: preparava, com talos de burití, os lados de um caixão destinado ao armazenamento de farinha de mandioca, com a capacidade de 6.000 litros. Pronto um lado, o velho encostou-o num dos esteios da casa. Foi o pomo do astrônomo. Daquela hora em diante o talo de burití teria mais outra aplicação.

— Será, "seu" Martiniano, que nós não poderíamos fazer as paredes da casa com talos de burití? Olhe, êsse lado da caixa que o senhor está fazendo, quase que tapa o espaço de um esteio a outro.

— É verdade, eu não tinha pensado nisso ainda, seu dotô. Vossa mercê quer experimentá?

— Não resta a menor dúvida. Pode começar imediatamente, pois temos mais pressa da casa do que da caixa para guardar farinha.

Uma semana após esta “descoberta” as paredes de burití estavam prontas. A casinha ficou um brinco.

Aproveitando a habilidade manual do velho, auxiliado por dois ajudantes que lhe dei para os trabalhos mais pesados, e sob a minha orientação, conseguí que o mesmo fizesse o mobiliário da casa. Tudo, tudo com talos de burití. O engraçado era que, de vez em quando, aparecia um curioso e abria a bôca diante “daquela beleza”. Eu aproveitava sempre a oportunidade para dar uma bôa lição.

• — Que é que o amigo admira? A nossa casa bonita?

— Nhor, sim; — respondeu o caboclo humildemente.

— Pois olhe, o amigo não tem uma residência como esta, porque não quer. Sim, porque não quer. Ou se não, oiça-me: os esteios, vigas, cáibros, ripas, palha de catolé, talos de burití e o próprio “seu” Martiniano não são daqui?

— São, nhor sim.

— Pois então, eu somente entrei com um pouco de miolo, — e colocando o indicador na testa — com isto.

Todos acharam engraçado o que eu acabara de falar. Contudo, a lição ficou.

Ia-me esquecendo de uma passagem interessante quando todos nós, patrão e operários, democraticamente, dormíamos sob o mesmo teto da casinha, sem as paredes de talos de burití. Eu tinha minha rede armada no lance da direita e os outros dois eram ocupados pelas redes dos camaradas inclusive a do velho Martiniano. Este, além das habilidades que lhe conhe-

ceiros, tinha a palavra fácil e era excelente conversador. Por isso, ao deitar-me, pedia-lhe que contasse uma história bem comprida até eu ferrar no sono.

Dava gosto ouvir o velho Martiniano; às vezes eu escutava a história ou anedota inteira; outra vezes, dormia ao meio da narrativa.

Lamento não ter tomado nota de todas elas, pois, certamente, constituiriam ótima contribuição ao nosso folclore. Felizmente conseguí registrar algumas anedotas. Não sei se o leitor amável gostará delas; o que posso garantir, é que, ao contá-las o velho Martiniano, a caboclada caía na gargalhada. Ei-las:

“Um cabra besta tava servindo de pajem pr’um home importante, um ricoço, e botaram abaxo na Fazenda dum coroné. Na hora de montá nos cavalo, o coroné da casa segurô o estribo pru móde o home importante ganhá a sela, e depois correu ao estribo do pajem. Este infeliz não estava acostumado com essas coisas, ficô zonzoz, e sem sabê o que dizê, gaguejou: “Vancê dê lembrança prá sua mãe...”

“Um dia, um viajante parô na casa dum cabocro. Depois de bebê água, olhô prá fora, na direção de uma laranjeira carregada, e disse: “A atmosfera está carregada.” — Atmosfera que êle queria dizer era o tempo, que tava ameaçando chuva. O cabocro não teve dúvida, e respondeu: — “É, êste pézinho de atmosfera é muito doce, carrega todos os anos...” (183).

O velho Martiniano, sempre com a palavra, loquaz, provocava bom humor em todos e predispunha-me a um sono reparador. De vez em quando, ao terminar uma narrativa ou anedota, chamava-me respeitosamente, em voz baixa:

— Seu dotô? Seu dotô?

(183) Essa anedota é também conhecida no Sul do país.



— Conte mais uma, “seu” Martiniano — respondia-lhe, se estava acordado, como é natural. E o bom velhote não se fazia de rogado. Nem sempre contava anedotas, às vezes narrava “causos sucedidos”, como por exemplo o do nascimento de um monstro, filho de um sitiante, não muito distante da nossa Vila. Ei-lo:

— Na semana passada, a muié do Aniceto deu a Luís uma criança parecida com macaco. E Deus me perdoe se falo mal: a criança tinha até um tóco de rabo de meio palmo de comprimento. Teve poucas horas de vida. Deus seja louvado.

— Que fizeram com ela? — perguntei, interessando-me pelo caso.

— Enterraram pertinho da casa, — junto de um jatobá grande.

— Lamento não ter tido ciência disso, pois teria solicitado autorização aos pais para conservar o pequeno monstro em alcool.

— Pra que, seu dotô?

— Para estudos científicos, e depois guardá-lo num museu.

— Vige, seu dotô! Eles não davam, não. Eles tão guardando segredo. Mas todo mundo tá fuxicando (intriga, mexerico): uns dizem que é arte do cão (diabo) e outros, a gente dêles, que a muié do Aniceto, quando táva prenha, foi à fonte e, sem esperá, deu de cara com um bando de macacos. Ela levou um grande susto, e daí nasceu a criança parecida com macaco.

— A natureza tem dessas surpresas tristes. Em todo caso, se nascer outro menino-macaco por aí, o senhor me avise com tempo para conservar o “bichinho” em alcool, se não tivermos alcool, cachaça mesmo serve. Todos acolheram a minha piada com bom humor — ótima predisposição para o sono.

Certa noite, depois de contar um rosário de coisas, o velho Martiniano, fez-me a clássica pergunta:

— Seu dotô? Seu dotô?

Fiquei quieto, fingindo que estava dormindo, e com os meus botões disse: quero ouvir o que se passa quando estou dormindo de fato.

— Pessoa — exclama baixinho o nosso amigo — o dotô tá drumindo, vamos deixá dessas bobage, vou contá uma boa:

Em Santa Filomena morava uma muié soltera chamada Mariquinha Mirindiba. A diaba era bonitinha. As muié casada da vila andavam cheia de zêlo e os /home com as cabeça virada. A diaba era bonitinha, mais não escoia, era desde o cabra de chapéu de côco ao coroné mais importante. Voceis não vêm os bicho do mato, desde rato até anta, procurá a árvore chamada mirindiba? (184).

Apois, com ela era a mesma coisa. Um dia, as muié casada começaram inticá com ela. Que que ela fez? Pegô na barra da sáia...”

Nesse momento, estremeci na rêde, tossí, fingindo que estava acordando com o barulho das risadas. O velho Martiniano parou. Todos silenciaram os comentários jocosos que iam tecendo em tórno dá narrativa. Que teria feito a endiabrada Mariquinha Mirindiba? Não sei, leitor amigo, e talvez curioso; e embora o soubesse não diria.

Voltando às construções, logo que terminámos a casinha de burití, como ficou sendo conhecida, mandei construir no mesmo alinhamento, a 50 metros de distância, o galpão para os operários solteiros e à margem direita do Riachão dei início às easas para os trabalhadores casados — era de fato o comêço da vila. Mais

(184) Árvore de grande porte pertencente à Família das Combretáceas — *Buchenarvia capitata* (Vahl.) Eichl.

tarde, pronto o curral, edifiquei a casa-grande, a séde, entre a de buriti e o galpão dos operários.

O programa agrícola era o seguinte: culturas de algodão, mandioca e arroz. Na séde plantaríamos algodão sòmente; no Banguê, algodão e arroz e, no Atalaia, algodão e mandioca. O Atalaia foi por mim batizada a gleba na divisa de S. Filomena, à beira do Parnaíba. Portanto, Vila Eng. Dodt, Banguê e Atalaia seriam os vértices do grande triangulo agro-pecuário que a novel companhia iria explorar.

Ao Sr. Quirino José da Costa — meu primeiro visitante — entreguei a administração agrícola do Boqueirão do Banguê e ao Sr. Raimundo Rosa — o mestre da balsa com que descemos o Parnaíba em 1915 — confiei a direção do Atalaia.

Eu fiquei na séde, na Vila Eng. Dodt. A notícia do novo empreendimento correu célere pelo sertão a tóra. De todos os cantos apareciam indivíduos à procura de trabalho. Um belo dia, dentre um grupo de caboclos que desejavam trabalho, apresentou-se um que não tinha nome: chamava-se tão sòmente José. Era um rapaz mestiço, forte, de uns 20 anos, mais ou menos, fisionomia franca e simpática. Ao qualificá-lo, perguntei-lhe:

— Como se chama?

— Eu me chamo José.

— José do que?

— Só José; não tenho outro nome, nhor, não.

— Seu pai como se chamava?

— Não tenho pai; quando êle morreu eu era criança, e minha mãe não fala nêle.

— E sua mãe, como se chama?

— Maria.

— Mas não tem sobrenome?

— Maria, só Maria.

— Você não pode ficar assim, só com o nome de batismo, pois há muitos Josés por êste mundo. É preciso que você seja um José diferente dos outros, para que possa ser reconhecida sua pessoa. Se eu disser: chamem o José. Não saberão de quem se trata, pois aqui no serviço há vários Josés. Você não acha que precisa ter um sobrenome?

— Entonces, vossoria dê um jeito nisso.

— Onde você nasceu?

— Eu sô de Monte Alegre.

— Pois bem: de hoje em diante, você se chamará José Montealegre. Está bem?

— Tá, nhor, sim.

Todos, inclusive o José Montealegre, receberam com alegria a solução do caso. E foi assim, *mutatis mutandis*, que se formaram os numerosíssimos sobrenomes que identificam os indivíduos da atual população do mundo. Formá-los, como vimos, é muito fácil, mas, o que é difícil, é torná-los ilustres.

Os trabalhos agrícolas marchavam regularmente. Os camaradas, de terçado em punho, pipinando (cortando) o mato, que nós no sul chamamos mato de foice”, iam deixando as árvores grandes que os machados deveriam derribar. Nesses momentos dava-se em mim uma luta tremenda: o agrônomo, a fazer tombiar árvores seculares para o preparo do solo destinado às culturas e o naturalista a sentir, dolorosamente, no fundo da sua alma, o fragor da frondosa essencia florestal que tombava: cortar o que levara séculos a crescer, para plantar vegetais efêmeros, era, em verdade, um espetáculo triste, que me dava, às vezes, a impressão de estar a praticar um crime.

Pronto o roçado, mandei lavrar os troncos grandes, retirar os que se prestavam à construção de currais, cercas etc., e a galharia imprestável foi amontoada a fim

de ser queimada. Evitei atear fogo no roçado inteiro para não destruir a matéria orgânica — elemento fertilizante de primeira ordem. Certas operações agrícolas, como esta última, entravam em choque com a velha rotina. Os caboclos não compreendiam que eu tivesse o capricho dispendioso de mandar amontoar todos os galhos e gravetos da roça para queimá-los em montes. — “Nois aqui — diziam eles — não tem disso, não. Prá que esse traibaio? Não tem coisa mió do que botá fogo de ponta a ponta. Espanta os bichos tudinhos e deixa o chão perparado prá recebê a semente”. Eu, então, procurava explicar-lhes a razão das minhas inovações. Uns fingiam acreditar e outros denotavam, na expressão sincera de seu olhar, a mais absoluta incredulidade. Em todo o caso, sem me preocupar com os fracassos, ia lançando as sementes de novos ensinamentos sempre que se me oferecia oportunidade.

Introduzi, também, novos costumes e regulamentos na vida dos moradores da Vila e dos operários da Companhia.

Proibí o uso de bebidas alcoólicas, quer entre os trabalhadores; quer entre os membros de suas famílias: a cachaça foi prescrita das terras sob minha jurisdição. Modifiquei para mais os salários dos trabalhadores rurais: 1\$500 a sêco e 1\$000 com comida. Quanto às horas de trabalho, estabeleci o seguinte horário: das 6 às 11 horas e das 13 às 17 horas. Os operários tinham duas horas para o almoço. Esta medida não agradou aos meus vizinhos, pois, como era hábito em toda parte, o trabalho rural ia de sol a sol, isto é: desde o dia clarear até o escurecer. Para o almoço, só o tempo necessário a engulir o último bocado. Os camaradas, porém, receberam essa inovação com muito prazer. Contudo, não me livreí, certo dia, dum aborrecimento, que, felizmente, terminou bem. Tinha uma

turma de uns 150 homens. Às 5,30 horas o Eliseo tocava o búzio (buzina) para alertar o pessoal. Às 6 horas tocava novamente a fim de dar início aos trabalhos. O camarada que chegasse tarde não poderia pegar no serviço, sem perda no salário do *quantum* correspondente ao atraso. Pois bem: estava eu no terreiro da minha casinha quando vejo que se dirigiam a mim dois novos empregados, com atitudes pouco amigas, e foram, sem preâmbulos, dizendo:

— Seu dotô, nós fumo desfeitoado.

— Como assim? — respondi-lhes serenamente, como se não houvesse percebido o faiscar colérico de seus olhos, injetados pela raiva.

— Seu Joãozinho, o feitô, disse que nós tava atrasado e êle ia descontá o atraso no nosso pagamento. Nós não aceitemos a imposição dêle. Entonce êle disse que nós podia faltá o dia inteiro. Isso é uma desfeita que não se faz prá home.

— Vocês estão completamente enganados. O feitor João Teodoro não desfeiteou vocês. Ele é o responsável pela disciplina do trabalho. Que foi que nós combinámos quando vocês vieram pedir serviço? Eu fiz-lhe a seguinte proposta: pagarei 1\$500 a sêco e 1\$000 com comida; o trabalho começará às 6 horas da manhã e terminará às 5 horas da tarde, com um intervalo de 2 horas para o almôço e descanso. Não foi isso?

— Foi, nhor, sim.

— Agora, pergunto-lhes: quando chegar no fim da semana (o pagamento era semanal), em vez de lhes dar 1\$500, se eu lhes der 1\$400 vocês ficarão contentes?

— Nhor, não.

— Pois, então, como é que vocês querem dar-me menos horas de serviço, em desacôrdo com a nossa combinação? Eu posso ficar contente? Então, só eu

é que devo cumprir, e vocês não? Vocês acham justo isso?

— Nhor, não. Vossoria tem razão. Nós vamo voltá pro serviço e nunca mais vamo perdê hora.

E lá se foram os dois caboclos, meio contrafeitos, como dois escolares que houvessem recebido uma reprimenda do mestre-escola

Lembra-se, por acaso, o leitor amável, da recomendação que fiz ao “seu” Quirino ao pedir-lhe que contratasse operários? Proibição de bebidas alcoólicas e que só permitiria a vida em comum às pessoas casadas ou que vivessem com tal. Essas providências tinham capital importância, e eu direi por que. Nos grandes empreendimentos sertanejos, como, por exemplo, mineração de metais e pedras preciosas, extração de borracha (aqui no Piauí, a borracha é extraída das maniçobas), mulher e cachaça constituem o binômio das tragédias. Como as mulheres aventureiras da antiguidade acompanhavam os exércitos, as “muiés solteras” (185) do sertão seguem os “cabras” em suas jornadas de bandoleiros ou nas empresas onde há grande ajuntamento. Como é de pequenino que se torce o pepino, tratei, de início, de evitar os males acima indicados. Mas, livre-me dêles completamente? Vamos vêr.

Um belo dia, de bôca em bôca, correu uma notícia que custou chegar aos meus ouvidos, mas, em fim, chegou: um Vicente de tal, mais conhecido pela alcunha de Onça-Preta, vinha descendo o rio numa balsa repleta de “muiés solteras”, para instalar-se, com elas, do lado do Maranhão, bem em frente à Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt. Onça-Preta era tido e havido como valentão do Alto-Parnaíba. Preto de mediana estatura, devia seu apelido — de que se ufanava — às cicatrizes, mais es-

---

(185) Meretriz.

curas do que a côr de sua cutis, com que a variola o marcara para sempre.

Dito e feito: dois dias após as referidas notícias, o Onça-Preta se instalava, em companhia de 5 ou 6 infelizes mulheres, à margem esquerda do rio, sob frondosos jatobás. Foi um reboiço em nosso arraial [De um lado a expectativa de como eu resolveria o caso, e, do outro, prelibação de noitadas de orgia em que a presença de tais vizinhos fazia acreditar. No momento, achei melhor aguardar o desenrolar dos acontecimentos para então tomar medidas adequadas. O diabo do Onça-Preta pôs-me uma pedra no sapato: embora estivesse ao alcance da voz humana, juridicamente estava longe, pois residia, ou melhor, fizera seu rancho no Estado do Maranhão.

À noite, quando deitado em minha rêde, ouvia distintamente as emboladas, os xeréns cantados e tocados pelo bando do Onça-Preta. Não havia dúvida, o pessoal era do barullho e da alegria, e de *outras cositas mas...* Este foi o primeiro tempo.

Observando os varais onde secavam a carne de sol, notei que da noite para o dia sumiam mantas inteiras. Não foi difícil concluir que as mesmas eram subtraídas pelos camaradas solteiros que à noite atravessavam o rio e iam churrasquear ao som dos violões e das "muiés soltera", mais o seu Vicente. Este foi o segundo tempo.

Chamei o feitor João Teodoro e dei-lhe a seguinte ordem: todo empregado que atravessar o rio será despedido. Como os salários da Companhia eram excelentes, ninguém desejava ser dispensado do trabalho. Contudo, coloquei-me de alcatéia. Certa noite, ali pelas 22 horas, depois de forte aguaceiro (primeiras chuvas de "inverno", em fins de setembro) chamei o meu fiél António Martins e mandei que fôsse ao rancho



dos camaradas solteiros a fim de verificar se estavam todos dormindo. Ao voltar informou-me que o rancho estava vazio, que todos tinham ido “vadiá” (186”) do lado do Maranhão.

— Mas, como atravessaram o rio, António?

— Com a canôa do seu dotô; ela não tá no porto, tá do outro lado também.

— Então, você fará, com toda a cautela, o seguinte: monte num feixe de talos de burití, e com um remo, ou mesmo com auxílio das mãos, vá buscar a canôa e depois você a prenda com o cadeado no porto nosso, e vamos vêr como os pândegos se arrumarão amanhã cedo.

De madrugada, às 5,30 horas, o António fez soar o búzio. Pulei da rede e fui para o terreiro, de onde descortinava o rio e a margem maranhense. No arraial do Onça-Preta a azáfama era enorme: todos os empregados da Companhia, como que impulsionados por uma só mola, corriam para a beira do rio à procura da canôa, e, não a encontrando — pois havia sido retirada pelo António — sem hesitar um momento sequer, despiram-se, fizeram uma trouxa, amarraram-na no alto da cabeça e lançaram-se n’água em demanda da margem piauiense. Eu, que me estava preparando para despedir aqueles homens do trabalho, senti-me entusiasmado pelo gesto valoroso de que acabavam de dar prova. Resolvi, portanto, dar outra solução ao problema. Mandeí chamá-los à minha presença, e depois de passar-lhes um bom “sabão”, permiti que todos continuassem a serviço da Companhia. Este foi o terceiro tempo.

Dentre os camaradas, eu sabia, por observação cotidiana de suas atitudes, com quem poderia contar

---

(186) Vadiar — é empregado pelo povo para traduzir atos sexuais ilícitos.

numa situação difícil, mesmo que fôsse preciso arriscar *el pellejo*. Certo disso, mandei chamar o Tomás de Aquino, tipo de indú, alto, simpático, que sabia ser valente no cumprimento do dever.

— Tomás — chamei-o sorrindo — tenho um servi-  
cinho para você.

— Às ordens de vossoria.

— O Onça-Preta e suas companheiras estão pertur-  
bando o nosso sossêgo, estão “virando a cabeça da ra-  
paziada”, e isto não pode continuar, precisamos dar  
um jeito. A quem pertencem as terras do outro lado?

— Ao coroné Brito Lustosa. Amigo de vossoria.

— Onde fica a séde da fazenda?

— Não fica longe, nhor, não; a cavallo é um puli-  
nho. Os fios do coroné tão lá agora fazendo vaque-  
jada.

— Então a coisa está resolvida. Enquanto eu es-  
crevo uma carta para os filhos do coronél, você prepare  
a montaria.

A medida tomada produziu ótimo resultado: os  
filhos do Cel. Brito Lustosa providenciaram, imediata-  
mente, o desalojamento dos meus importunos vizinhos.  
O Onça-Preta “caíu no breido”, isto é, fugiu, e as mu-  
lheres trataram de voltar para Sta. Filomena e Vitória.  
Como pelo lado do Maranhão o caminho fazia grande  
volta, mandaram-me pedir licença para atravessar o  
rio e passar pela nossa Vila, pois, assim, encurtariam  
umas 6 léguas. Fiquei com pena das infelizes de-  
caídas, e deferi a solicitação.

Quando elas passavam, de trouxa na cabeça, uma  
atrás da outra, nas proximidades onde seus ex-alegres  
companheiros noturnos plantavam algodão, deu-se um  
fato que demonstrou, mais uma vez, como é contradi-  
tória a alma humana, pois, em vez de ficarem silen-  
ciosos, como participantes daquela quasi comédia, de-

sandaram numa váia tremenda às coitadas, que afinal das contas não os carregaram à fôrça para a sombra dos jatobás. E foi o quarto e último tempo dêsse episódio que não deixou de ter sua graça.

A par das fainas agrícolas, eu não descuidava das construções de casas, que se tornavam necessárias para agasalhar os novos habitantes da Vila. Além dessas, resolví edificar a casa da séde, entre a de burití e o rancho dos camaradas solteiros, no eixo do caminho que dava acesso ao porto. Para não desfalcar a turma de trabalhadores agrícolas, contratei com empreiteiros o corte e o preparo da madeira destinada às construções. O primeiro “tirador de madeira” com que negociei foi o sr. Leocádio — caboclo de uns 40 anos, forte e trabalhador.

— Como já lhe disse, “seu” Leocádio, estou precisando de esteios, cáibros e, principalmente, de linhas de madeiras de lei para a casa da séde. As linhas deverão ser lavradas nas quatro faces, sendo umas de 20 palmos e outras de 30. Qual o prêço, postas aquí?

— Um as pelas outras, a 5\$000.

— Mas, “seu” Leocádio, umas tem 30 palmos e outras sòmente 20, como é que devo pagar igual prêço?

— O trabalho de tirá as linhas do mato é o mesmo.

— Mas enquanto o senhor lavra três de 20 palmos, lavra sòmente duas de 30; portanto, não é a mesma coisa.

— Não duvido do que vossoria tá me dizendo, mas, o prêço das linhas é uma coisa só. A balisa do tiradô de madeira é essa.

— Bem, então, vamos tomar por base o palmo. Eu pagarei por palmo, sem levar em conta se a linha tem 10, 20 ou 30 palmos de comprimento. Qual o prêço do palmo?

O madeireiro pensou, pensou, e depois de alguns momentos deu o preço unitário de tal maneira exagerado, que as linhas de 20 palmos custariam mais do que 5\$900, que era o preço pedido pela unidade linha. E sem poder conter o riso, diante daquela proposta mais ingênua do que maliciosa, exclamei:

— Esta é bôa, “seu” Leocádio! A coisa piorou. Assim, as linhas ficarão mais caras. Prefiro a primeira proposta. O Leocádio soltou uma gostosa gargalhada, e disse vitorioso:

— Seu doto, eu sou cuma papagaio; quando afróxo o pé é porque tô seguro no bico.

Achei perfeita e adequada a comparação, pois, o papagaio, em verdade, só larga o pé quando está seguro pelo bico. Mais uma prova do tipo de arguto observador do sertanejo. Depois dessa interessante “piada”, fechámos o negócio, e nos despedimos como bons amigos.

Até agora nada disse sôbre o meu terno de galinhas leghorn, e no entanto as lindas aves chamaram a atenção de todos os moradores da redondeza, quer pela sua plumagem branca, quer como poedeiras. Causou-lhes admiração a faculdade da galinha leghorn pôr o ano inteiro sem ficar choca. Parecia-lhes incrível; contudo, não podiam duvidar, porque estavam vendo. Todos queriam ovos das galinhas brancas. Eu propus trocá-los por ovos e frangos comuns. Êstes custavam cinco tostões cada um e aqueles 12 vintes a dúzia. Eu dava um ovo dos da raça por uma dúzia dos outros e 2 ovos, por um frango. Meu intuito não era auferir lucros, mas, sim, despertar a cobiça da gente da terra para a obtenção da preciosa raça. E quanto mais alta custasse, maiores seriam os cuidados dispensados à

mesma, e, portanto, assegurado o êxito da criação. As galinhas e os frangos da terra, que eu recebia a trôco dos ovos de raça, depois de bem tratados iam para a panela. Dentre as galinhas separava algumas para chocarem os ovos das poedeiras brancas — como foram batizadas pelos matutos. Este assunto lembra-me um caso não destituído de importância. Ei-lo: certo dia, um empregado da roça trouxe-me, com as devidas precauções, um pequeno lagarto preso no laço de apanhar cobras, e foi dizendo que se tratava de um bicho muito venenoso, chamado *jacaré do campo*. Apesar do pomposo nome de jacaré, não passava de minúsculo lagarto, com 18 a 20 centímetros de comprimento, provido de cauda curta, romba e serrilhada, a que, provavelmente, deve sua denominação popular. Examinei-o atentamente e não encontrei dispositivo algum capaz de incubar veneno: abrí-lhe a boca, apertei-lhe os músculos faciais, onde, como nas cobras, poderiam estar alojadas as glândulas secretoras do veneno, e nada de suspeito apareceu. Como todos os presentes a essa investigação contiuassem a teimar que o jacaré do campo era venenoso, propus-me a realizar uma experiência. Faria o lagartinho morder uma galinha; se ela morresse, ficaria provado que o animal era peçonhento, e, se não morresse, confirmar-se-ia a minha observação. Dito e feito: escolhemos uma galinha amarela, arrepiada, pescoço pelado, feia, para servir de cobaia. Com auxílio de uma pinça abrí a bôca do jacaré do campo e fiz que mordesse demoradamente a coxa depenada da galinha. A galinha saiu correndo pelo terreiro, sob os olhares dos caboclos que lhe vaticinavam morte certa. E eu tratei de prender o pequeno lacertídio numa caixa, para integrar a coleção

zoológica destinada ao Instituto Butantã. No dia seguinte a galinha arreniada não apareceu no terreiro. Os matutos estavam "cantando de galo". Bem, disse com os meus botões: naturalmente a nobre ficou es-carmentada e por isso "mancou", não deu os ares de sua graça. Amanhã virá. Não veio. Examinei novamente o jacaré do campo, já agora conservado em álcool, e nada encontrei que confirmasse ser um animal neconhento. Aos camaradas que me vinham interpellar, eu lembrava a possibilidade de a infeliz galinha ter sido vítima, por coincidência, de um sariguê (187). Apesar de ser possível essa hipótese, ninguém a admitia.

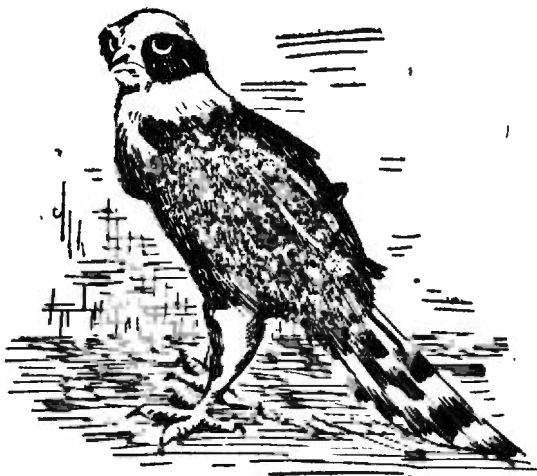
Decorridos uns 20 dias, de repente, como se fôsse por arte de caprichosa fada, appareceu no terreiro a galinha arreniada, com plumagem renovada, bonita, garbosamente acompanhada de 11 pintinhos. Ela deu-nos uma bela lição nasou-nos com o bem o mal que lhe fizemos, e, ao mesmo tempo, demonstrou cabalmente que o jacaré do campo não é venenoso.

Numa das minhas visitas de inspecção no "Boqueirão do Banguê", à tarde, tive oportunidade de ouvir o canto do Acauã (188), gavião comedor de cobras. Seu canto, alto, sonoro, cheio, semelhante à voz do contralto, ecoava nos recônditos do boqueirão: oac... oac... cauã, cauã. "Seu" Quirino, que me acompanhava, percebendo minha curiosidade, solícito, informou:

---

(187) Marsupial, do gênero *Didelphis*. No Sul do país esses terríveis comedores de aves são conhecidos por *gambás*.

(188) Ave de rapina, pertencente à família dos *Falconídeos*. Seu nome científico é *Herpethotheres cachinnans queribundus* Bangs e Penard.



Acauã

- É o Acauã, gavião comedor de cobras.
- O senhor tem certeza disso, seu Quirino?
- Ó chent! No ninho dêsse bicho é só espinho de cobra. Ele come cobra e trata dos filhotes com cobras.
- Como há de ser para eu conseguir uma acuã? O senhor sabe que eu gosto de lidar com cobras, portanto, tenho muito interêsse em conhecer êsse gavião de perto.
- Só se vossoria mandá tirar um filho do ninho, porque, para pegá bicho errado, não tem jeito, não.
- O senhor conhece alguém que seja capaz de me trazer um filhote dessa ave?
- Nhor, sim.
- Pois então, pode oferecer até 20\$000 por um filhote, que não seja muito pequeno.
- O "seu" Quirino achou, respeitosamente, a oferta de 20\$000 excessiva; eu, porém, lhe fiz vêr que tinha

grande interêsse em conhecer por observação pessoal a qualidade ofiófaga do acauã. Assim, tudo ficou entendido e combinado.

O nome vulgar do falconídeo em aprêço varia muito, conforme as localidades. Consegui coligir os seguintes: oacauã, acauã, acuã, coã e macaguã.

O douto tupinólogo Teodoro Sampáio, em sua conhecida obra "O Tupi na geografia nacional", diz: "Macaguã, corruptela mocãgua, o comedor de cabeças de cobra. É o gavião (*Falco cachinans*) que devora as cobras e por isso era tido pelos índios como ave protetora. A mesma era chamada pelos Tupís do Brasil Acauã, de *Acá-uá*, (*acãuá* contração de *acãuara*, o comedor de cabeças)". Pág. 242.

Para mim, que ouvi muitas vezes o canto dessa ave — não obstante a grande sabedoria do ilustre baiano — parece-me que se trata de um nome onomatopáico. Eu ouvia claramente: oac... oac... cauã, cauã. A menos que minha impressão não passe de mera coincidência com a verdadeira acepção do vocábulo tupí.

Os índios achavam que a acauã era uma ave santa e encantada, segundo o prof. Goeldi, citado pelo meu querido mestre Dr. Vital Brasil, e invocavam-na quando se dava um acidente ofídico. Era a padroeira contra a mordedura da cobra, como São Bento o era, e ainda o é, para os matutos e gente das cidades. A êste propósito, lembro-me — e com quanta saudade! — que quando eu era rapaz, gostava de caçar, muito embora tivesse medo de serpentes. Para conjurar o perigo, recorria à minha devoção. Antes de penetrar a zona cinegética, ficava por uns momentos, respeitosamente, religiosamente, em pé, chapéu entre as mãos à altura do peito, cabeça inclinada como o singelo modêlo do "Angelus" de Millet, a rezar baixinho:



“São Bento, São Bento, me livre de cobra e de bicho peçonhento!”

Repetia três vezes essa invocação, e entrava, impávido, por brejos e capoeiras ao encalço de preás, saracuras, rolinhas, juritís, nambús e outros infelizes animazinhos ao alcance da minha impiedosa *pica-páu*.

Desculpe-me, leitor, paciente, esta digressão, pois, às vezes, os fatos que vou narrando, trazem-me à ponta da pena, reminiscências fagueiras, e não resisto à tentação de registá-las aqui.

Muito tenho que contar ainda sôbre a ave santa dos ameríndios e agourenta do sertanejo. Quando o caboclo ouve o canto do acauã, estremece de pavor, sente o calafrio da morte, e, como se já estivesse diante de um corpo amortalhado, olha, com os olhos rasos de lágrimas, para os entes queridos que estão no ocaso da vida. O canto da acauã lhe sôa aos ouvidos como um lúgubre *De profundis*: “vá cova... vá cova”... É crença geral entre os habitantes do sertão, que a acauã é ave agourenta, e muitas anedotas ou “causós” ouvi a respeito. Anotei o seguinte:

— Já conheci uma — contou-me bôa velhinha — que um dia chamou pelo nome do dono, e não tardou muito que êle morresse. Depois, não sabe vossoria que a acauã fala? Fala, nhor, sim. É um papagaio prá falá.

A velhinha que me perdoe: não creio que a acauã fale, pois as que estiveram sob as minhas vistas jamais soltaram um pio que se pudesse traduzir por uma palavra, mesmo monossilábica. Nessas coisas, assim como noutras muitas, sou como São Tomé: quero vêr para crêr. O que não padece dúvida, para mim, é o fato de a acauã comer cobras.

Antes, porém, de entrar na parte experimental relativa à sua qualidade ofiófaga, vou tratar do casamento

da acauã. Para ser bem entendida esta passagem folclórica, devo esclarecer que, para o sertanejo, o gavião, acauã é considerado ente feminino, por causa do nome, que tanto pode ser masculino como feminino: o *acauã* ou a *acauã*. Por isso, cantou o pedido de casamento que o gavião fez a acauã:

*"Gavião mandô preguntá  
Se cauã queria casá,  
Cauã responde: gavião  
Não tem casa prá morá."*

(Estrilho)

*"Chorava, cauã chorava,  
Dizia, cauã dizia,  
Não caso com gavião."*

*"Debaxo das asas trago  
A casa prá nós morá:  
Tem quarto, tem cozinha, cauã,*

*Tem rede prá balançá."  
"Chorava, cauã chorava,  
Dizia, cauã dizia,  
Não caso com gavião."*

*"Gavião tava sentado  
No olho da carrapatera  
Que morra mulé casuda,  
Que viva moça solteira."*

*"Chorava, cauã chorava,  
Dizia, cauã dizia,  
Não caso com gavião."*

*"Mandei comprá um vestido,  
O côvado a cinco mil réis,  
Só me falta os argolão;  
Vestido barriga lisa  
Que arrasta a barra no chão."*

*“Chorava, cauã chorava,  
Dizia, cauã dizia,  
Não caso com gavião.”*

*“Permita Nossa Senhora, cauã,  
Que eu chame por ti mujé  
Meu bem foi-se embora  
Pintadinho de amarelo.”*

*“Chorava, cauã chorava,  
Dizia, cauã dizia,  
Não caso com gavião.”*

Aí ficam as estrofes tôscas, simples, tais quais foram por mim ouvidas no Alto Parnaíba.

É interessante notar que o caboclo nortista quando se refere ao canto da acauã, diz que está chorando. É isso, talvez, por ser, a voz dêsse falconídeo, diferente da dos outros, lembrando um pouco o timbre da voz humana caracterizada pelo registro peculiar aos contraltos, como já assinala. À tarde, quando a ouvi pela primeira vez, sua voz altissonante enchia os anfiteatros, os recôncavos dos boqueirões de notas empolgantes, talvez conclamando a companheira para as carícias do amor, talvez amedrontando as serpentes em seus esconderijos, fazendo, excepcionalmente, a boicininga tanger o chocalho de medo. Oac... oac... cauã, cauã, cauã.

Um dia fui acordado por um barulho estranho na minha czinha de burití. Ainda semi-conciente pelo sono, que me queria segurar na rede, ouvi um som esquisito. Perguntei-me: — será coruja? Prestando mais atenção, ouvi vozes de pessoas que conversavam. Pulei da rede e abrí a janela. A barra do dia vinha vindo, mal se distinguiam as coisas. Reconheci, entre as pessoas, alguns empregados meus, e indaguei:

— Que é isso? Que barulho é êsse?

— É o João Pedro que tá aqui com a encomenda de vossoria. É o filhote do cauã.

— Onde está êle?

— Tá aquí no côfo. (189)

Olhei. Que decepção! Um diabo feio, com penugem branca, com bocarra de urutáu, a gritar sem parar: uó, uó, uó...

— Mas, isso é mesmo filhote de acauã, João Pedro?

— Vossoria pode acreditá. Eu tirei o bichinho mesmo do ninho dêle. A cauã grande envistiu prá mim.

— E como vamos acabar de criá-lo?

— É muito fácil, seu dotô: é só amarrá o bichinho pul'um pé, que nem papagaio e dá carne fresca prá êle cunê. Não come outra coisa.

Mais tarde recebí outro filhote. Mandei que esbarrassem com a caçada de acauã. Também, pudera! A 20\$000 por cabeça, quem não grimparia as encostas abruptas das serras à procura da preciosa ave? 20\$000 representavam quase o ganho de um mês em trabalhos pesados na roça de terçado em punho.

Encarreguei o Antônio Martins do tratamento dos filhotes. Não havia carne que chegasse. Comiam mais do que curuquerê em roça de algodão. De semana em semana iam mudando de aspecto: a penugem branca dava lugar às penas bruno-escuras das costas, asas, cauda e rosto em tórno dos olhos; as pernas, peito, pescoço e alto da cabeça continuavam brancas, mas transformando-se num belo branco-marfim, que também salpicava a cauda.

Quando adultos apresentavam aspecto imponente, altivo, denotando valentia. Os olhos, de um negro vivo e expressão penetrante, davam idéia nítida do animal que veio ao mundo para lutar e vencer.

No dia 2 de julho de 1918 cantaram pela primeira vez. A primazia coube ao que apresentava o peito um

---

(189) Côfo — cesto oblongo, feito de palhas novas de palmeiras, feitio atamancado, e de pouca duração. O sertanejo o fabrica no mesmo local onde precisa acondicionar qualquer coisa.

pouco listado. Seria o macho? Era bem provável. Do que, porém, não restava dúvida, é que haviam atingido a idade necessária à experiência que eu desejava realizar. Verificar se de fato eram ofiófagas.

A cobra número um que ofereci a uma das acauãs foi uma coral não venenosa, — *Oxyrhopus trigeminus*. Foi interessante a luta: a acauã saltou ligeira ao solo, perto da cobra; aproximou-se mais, um pouco mais, e fazendo da asa escudo segurou-a com as garras aduncas; a cobra, num gesto de legítima defesa, levantou a cabeça para o lado da acauã, e esta foi-lhe ao encontro com o bico aberto. Certeira e rápida apanhou a cabeça da cobra triturando-lhe os ossos, cujos estalos pude ouvir nitidamente. Começou imediatamente o repasto. Como a cobra não fôsse muito grande — uns 70 centímetros de comprimento por quase 2 de diâmetro, — enguliu-a inteirinha.

No dia seguinte dei-lhe uma cobra cipó de 1,50 m de comprimento. Procedeu da mesma forma; mas, quando chegou em meio da cobra, como já estivesse com o papo cheio, cortou-a com o bico, deixando cair no chão o resto.

Foi emocionante a luta da acauã com a cobra. Assim que o falconídeo cravou as garras na cobra, passou-lhe esta uma volta pelo pescoço e tratou de apertar o laço. O valente rapace, num movimento rápido passou as unhas entre o pescoço e a cobra, desembaraçando-se dela. O ofídio tentou repetir várias vezes o golpe — “a gravata”, como diriam os esportistas — mas, em vão, terminou por ser vencida.

Todas as cobras que eram capturadas eu as oferecia às duas acauãs. Comeram cobras venenosas e não venenosas; entre as primeiras figuraram muitas jararacas (*Bothrops*) a cascavéis (*Crotalus*). As cobras grossas, como as cascavéis, a acauã comia arrancando a carne

aos pedaços com o bico. Tive a sorte de poder apanhar algumas fotografias da luta da acauã com as cobras. Infelizmente as coisas não terminam sempre como a gente quer. Ao regressar para o sul, no último trimestre de 1918, com abundante material zoológico, na altura do Cabo Frio as acauãs, não resistiram à mudança brusca de temperatura e morreram. Quando o António me trouxe a triste notícia, só me faltou chorar de desgosto. Eu, que estava antegozando o prazer de vê-las comer cobras no Instituto do Butantã, fiquei acabrunhado.

Dentre as aves que tinham fama de comedoras de cobra, a seriema estava na minha lista para certificarme dessa apregoada qualidade. À seriema, cujo nome científico é *Cariama cristata*, se pode aplicar, sem ofendê-la, e com muita propriedade, o dito popular: come cobras e lagartos.

Quanto ao nome vulgar dêsse corredor das chapadas, notei pequena diferença entre o empregado aqui no sertão do Norte e o que se usa no Sul. O piauiense diz — *sariema* e o paulista — *seriema*. Mais uma vez constastei o conservantismo do povo nortista, quer no guardar intactos termos do português quinhentista, quer no emprêgo quase perfeito dos vocábulos tupis. “*Sariema* — ensina Teodoro Sampáio — corrupção de çariama composto de çari-ama, a crista alta, ou levantada. Alteração: *Seriema*.”

De há muito se dizia que êsse ativo pernalta era ofiófago, mas não havia, como no caso da acauã, uma observação segura, positiva, e que merecesse fé... Razão pela qual o nosso querido mestre Prof. Vital Brasil escreveu em seu notável livro: “Trata-se de fatos que carecem de verificação cautelosa.” Êsses fatos, afortunadamente, foram por mim verificados de modo cabal.

A seriema, que mandei prender, domesticou-se com relativa facilidade. De todos os alimentos fornecidos, os que ela comia com avidez, eram as cobras e calangos, pequenos lagartos. Estes, ela os tomava pelas cabeças e os engulia com a maior facilidade. Quanto às cobras, a técnica era outra: tomava todas as precauções para não ser mordida pelo ofídio. Logo que a seriema descobria a cobra, com seu olhar vigilante e indagador, num rápido movimento a apanhava com o auxílio do bico e, erguendo a cabeça, tanto quanto o permite o comprimento do seu pescoço, fazia da cobra um chicote e o golpeava no chão. Esta ficava tonta, e, sem lhe dar tempo para que tomasse a defensiva, segurava-a outra vez e novamente dava com ela no solo. E assim continuava até que a cobra ficasse sem movimento, e, então, a engulia, começando pela cabeça. Essas duas aves ofiófagas — acauã e seriema — não são imunes aos venenos ofídicos, pois, caso sejam mordidas durante a luta, elas pagarão com a vida sua audácia. Perguntar-me-á o leitor amável, e como elas não morrem ingerindo o veneno com as cobras? O veneno ofídico, por via gástrica, é inofensivo, contanto que não haja uma solução de continuidade no aparelho digestivo do animal.

Todas essas observações eu as comuniquei por carta, ao sábio fundador do Butantã — Dr. Vital Brasil. (190).

Para não interromper o fio da narrativa sôbre os hábitos ofiófagos da acauã e da seriema, avancei um pouco, cronologicamente falando, e deixei para trás fatos e coisas de que voltarei a tratar.

O João Pedro, caboclo que me apareceu com o primeiro filhote de acauã, ingressou no quadro dos operá-

---

(190) Em 10 de setembro de 1918 realizei na Sociedade Nacional de Agricultura, Rio de Janeiro, uma conferência sob o título — "Animais Ofiófagos", em que tratei, entre outros, do cangambá, acauã e seriema.

rios da Companhia e passou a residir numa das casas da Vila. Era um "cabra" inteligente, mas um tanto malandro. Não lhe agradava muito o serviço de roça, na turma, com o capataz à vista. Gostava, isso sim, de andar pelo mato à procura de mel, frutas silvestres, tais como buritís, mangabas, cajús, e caçar juritís, nambús, jaós, "bichinhos prá seu dotô comê". Gabava-se de ser "um cabra escopetero", isto é: bom atirador.

Um belo dia sugeriu-me uma caçada em grande estilo: caçada na comida, à noite, num capão de mirindibas, cujos frutos, como já contei, são gulosamente comidos pelos bichos do mato, desde o insignificante rato à volumosa anta.

As caçadas noturnas são sempre de espera, e estas podem ser "na comida", lugar onde os animais vão comer, ou "na bebida", fonte de água em que saciam a sede. As duas modalidades feriam-me a sensibilidade, sendo que, a última, não a podia tolerar de todo. Matar traiçoeiramente um pobre animal sedento, que passou o dia inteiro escondido de seus inimigos, quando, protegido pelas trevas da noite, vem mitigar a sede, não pode deixar de ser um crime.

O homem tem nessa modalidade cinegética, uns constantes concorrentes, que são representados por feras carnívoras da família dos Felídeos: onça-pintada, suçuarana e jaguatirica. (191) Estes terríveis carniceiros escondem-se, como o irmão-homem faz à espera de que suas futuras vítimas venham comer ou beber, para, de um salto rápido, apanhá-las e devorá-las. Matam para matar a própria fome. Elas têm uma atenuante que falta ao homem. Porque, afinal das contas, a elas não lhes cabe a culpa da Natureza tê-las feito exclusivamente carnívoras.

---

(191) Onça-pintada, ou preta, *Panthera onca*; suçuarana ou onça-vermelha, *Puma concolor concolor*; jaguatirica, *Leopardus pardalis eshibitgouazou* Griffith.



— Então, João Pedro, quando iremos à caçada de antas? Está tudo preparado?

— Nhor, sim. Tá tudo perparado, e amanhã que será lua cheia, não poderá haver dia mió.

— A que horas devemos estar a postos?

— Antes do escurecer, nhor, sim.

Para caçada de espera, quer na “bebida”, quer na “comida”, armam-se, nos galhos das árvores, o mais alto possível, as redes em que os caçadores, deitados, de espingardas ao lado, ficam à espera da caça. O silêncio tem que ser absoluto: o mais leve cochicho entre os caçadores pode ser o sinal de alerta para as desconfiadas alimárias.

No dia seguinte, noite de plenilúnio, seguimos, o João Pedro e eu, para o capão das mirindibas, e lá chegámos antes do crepúsculo. As redes, durante o dia, foram armadas pelo próprio João Pedro. Estavam bem altas e inteligentemente disfarçadas por entre os ramos das árvores. Subimos, e cada um se instalou na rêde. O João Pedro, “cabra” prevenido, lançou-me um barbante, explicando:

— Vossoria faça o favô de amarrá a ponta do barbante na sua munheca.

— Para que isso?

— Se vossoria drumí, eu, com sua licença, puxo o barbante prá acordá vossoria. E’ perigoso drumí na espera.

Concordei. O astuto caboclo tinha razão. Todo cuidado era pouco. Lembrei-me do que me contára o mestre João Alves a êsse respeito: dois primos foram caçar de espera, como nós estávamos fazendo. Alta madrugada, um dêles ouviu barulho de líquido caindo nas folhas sêcas sob a rêde do irmão. E disse com seus botões: “Drumiu, e por cima tá urinando”. De madrugada, gritou pelo irmão. Nada de resposta. Subiu até

sua rêde. Estava morto. Tinha sido sangrado por uma onça que, ao chegar na espera, desconfiou e descobriu a rêde do caçador. Subiu pelo tronco da árvore e, encontrando o homem adormecido, seccionou-lhe a carótida. Tão certo deveria ter sido o golpe que a vítima nem chegou a gritar ou fazer qualquer barulho. O líquido que escorria sôbre as folhas secas, era o sangue do infeliz dorminhoco.

Passai por via das dúvidas, a noite toda com os olhos abertos. Em verdade, não foi difícil, pois tudo para mim era novidade. Nem bem escureceu, a lua surgiu, redonda no horizonte. Nos primeiros momentos, enorme e avermelhada; depois, à medida que ia subindo parecia diminuir de diâmetro, enquanto que sua luz aumentava de intensidade. Que noites lindas, são as noites de luar no sertão brasileiro!

Às 20 horas, mais ou menos, ouvi os primeiros ruidos, estalos de gravetos e fôlhas secas denunciando a aproximação de algum bicho. Eram as cotias que chegavam alegres e saltitantes. Havíamos combinado só atirar em antas ou outra caça de grande porte. Por isso, deliciava-me ao contemplar as despreocupadas cotias. Era um prazer vê-las aos pulos, de um lado para o outro, aos gritinhos assobios, como os qualificavam os matuos, à procura dos frutos da mirindiba. Depois ví dois vultos maiores: eram duas pacas, talvez um casal. Mais tarde outras apareceram. Contudo, as donas da festa eram as cotias, não só pelo número, como também pela algazarra que faziam. E assim passamos a noite até o dia clarear. Ao descer da rêde zombei da caçada:

— Acho bom, João Pedro, você ir buscar uma parrelha de burros para arrastar a anta.

— Seu dotô, vossoria não faça pôco, não; aquí tem é anta muita. Com certeza elas desconfiaram de algu-

ma coisa. Anta é um bicho sabido. De longe ela fareja um cristão.

Antes assim: diverti-me do mesmo jeito e não matei nenhum desses animais que só teriam a noite para comer sossegados, se um João Pedro não se aboletasse numa rêde de escopeta em mãos.

O meu companheiro de caçada tinha razão: as antas eram abundantes no vale do Riachão. Naturalmente elas perceberam o nosso acampamento suspenso, como jardins da Babilônia, e passaram de largo.

Uma caçada muito comum, e talvez por êsse motivo pouco apreciada, era a capivara — *Hydrochoerus hydrochoeris*. Este pacífico roedor — o maior da América — podia ser incluído no rôl dos inimigos do agricultor. Roça nas proximidades do rio ou riacho, sofria, na certa, a ação de sua voracidade. Neste particular as capivaras tinham um solerte rival no caboclo preguiçoso.

Para os dois o roceiro preparava uma perigosa armadilha. Colocava, apontando para o carreiro por onde passariam os ladrões, o "44", o rifle de calibre 44, com uma corda no gatilho, corda, ou melhor cordel que se estendia até o caminho. O animal que por ali passasse, quer fôsse de quatro pernas, quer de duas, pisando no cordel, puxaria o gatilho do "44" e, ao ouvir o tiro, estaria pago o feio pecado da apropriação indébita. A capivara, sendo a menos culpada, era a que mais sofria a ação vingativa do roceiro. Disse que era a que mais sofria, porque o outro animal, com o cérebro mais desenvolvido, também ia fazer colheitas na roça que não havia plantado, procurando evitar o tiro da armadilha. Que fazia êle para não ser alvo da espingarda? Em primeiro lugar, preparava uma alpercata de couro de carneiro, com o respectivo pêlo, de tal maneira que este cobria nitidamente a sola. Dest'arte poderia andar sem deixar rastro; depois, munido de uma

vara bem comprida, a deitava no trilho, em direção à roça; caso não esbarrasse no cordel da suposta armadilha, andava até a extremidade; aí levantava a vara, e novamente a deitava, com certa fôrça, para a frente, e assim ia, como quem mede chão, marchando rumo à roça cobiçada. Caso a vara desarmasse a armadilha e o tiro se fizesse ouvir, "caía no breo", dava às pernas. Naturalmente, o amável leitor está cansado de saber que me refiro ao bicho-homem.

Chamou-me a atenção, no caso dos larápios de roças, a precaução que tomavam para não deixar rastros. Eles conheciam a habilidade dos sertanejos, pois sertanejos também eram, em rastejar, reconhecer as pegadas de qualquer animal, até mesmo, com perdão do mau ensino, do homem. As dêste último eram reconhecíveis, quer usasse alpercatas, quer andasse de pé no chão. As alpercatas denunciavam o dono por uma particularidade de qualquer na costura ou na forma; o pé descalço, por um leve defeito ou modo de pisar.

O sertanejo tem, no solo que se espalma a seus olhos, um livro aberto, nada lhe escapa. Quantas vezes ouvi isto:

— Hum, seu Reimundo passô por aquí; mode êle foi vendê rapadura.

— Como é que você sabe que o homem passou por aquí, e que talvez tenha ido vender rapadura? — perguntava-lhe eu intrigado.

— É muito fácil, seu dotô: a pracata (192) do seu Reimundo tá enviesada no pé direito; o rasto fundo é siná de pêso no lombo; êle fabrica rapadura, apois, foi vendê rapadura no comércio.

Não era à-toa que os larápios faziam as alpercatas de couro de carneiro com o respectivo pêlo... Espertalhões!

---

(192) Alpercata.

De acôrdo com o meu programa progressista, tratei de implantar o sistema métrico decimal nas transações comerciais da Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt. No comêço encontrei resistência da parte dos matutos, pois não queriam deixar suas medidas tradicionais. Eu não os podia forçar porque, em verdade, estavam bem acompanhados, isto é: formavam ao lado dos ingleses e norte-americanos, que ainda teimam em desconhecer uma das mais perfeitas criações do gênero humano.

As medidas usadas, eram as seguintes: medidas de capacidade: caneco, prato, cuia e quarta.

Um caneco = meio litro

Um prato = dois litros (líquido)

Um prato = três litros (sólido)

Uma cuia = quatro litros

Uma quarta = 50 litros, ou 72 litros, quando se trata de quarta grande, já em desuso.

Medidas de pêso: libra e arroba. É também comum o quilo, que conseguiu transpôr a barreira da tradição.

Medidas de extensão: plegada, palmo, pé, côvado, vara, braça e légua. Estas medidas não têm equivalência métrica, pela simples razão de não ser conhecido o sistema métrico. (193) O corpo humano é o aferidor de grande parte dessas unidades: a plegada é igual à falange do polegar; o palmo é regulado pela distância entre as pontas dos dedos mínimo e polegar da mão completamente aberta; o pé representa o tamanho do pé de um indivíduo adulto; o côvado é igual à distância que vai da ponta dos dedos ao ombro do braço estirado; a vara mede a distância da ponta dos dedos, do braço estirado em sentido perpendicular ao tronco, até o ester-

---

(193) Não tinha equivalência métrica lá no sertão, pois aqui conhecemos o correspondente no sistema métrico.

no; a braça é o dôbro da vara, isto é, a distância compreendida entre os braços em cruz; a légua, no sertão piauiense regula uns quatro quilometros, mais ou menos. E' a medida mais arbitrária possível.

Medidas de superfície: tarefa e légua quadrada. A tarefa é um retângulo de 25x25 braças, e é empregada na agricultura; a légua quadrada serve para limitar fazendas de criar.

Na introdução do sistema métrico decimal tive um auxiliar precioso, representado pela ambição, que todos nós temos, de auferir maiores proventos das nossas atividades.

Mandei o carapina fazer, com rigorosa precisão, as medidas de capacidade: de um até cinquenta litros. Tudo pronto, fiquei à espera do primeiro caboclo que me viesse vender seus produtos agrícolas. Uma bela manhã fui procurado por um desconhecido, que me perguntou se eu queria comprar 20 quartas de farinha. Respondi-lhe positivamente, mas, condicionei a compra: só ficaria com a farinha se ela fôsse medida com as minhas vasilhas. E perguntei-lhe se a quarta era de 50 ou 72 litros. Repondeu-me que era de 50. Então, expliquei-lhe, do melhor modo possível, a equivalência de sua medida em relação ao litro. Notei que ficou um tanto ofendido, pois julgava que eu estivesse duvidando de sua palavra. Para que se lhe desvanecesse tal impressão, concordei em adquirir a farinha de acôrdo com as medidas do local. Uma vez terminado o negócio propus-lhe o seguinte:

— Agora, que as 20 quartas de farinha estão pagas, vamos fazer uma experiência. Vamos medir a farinha com os meus litros: se der menos, eu não reclamarei, mas, se der mais, o senhor não poderá reclamar também.

— A farinha é de vossoria.

— Aquí está a vasilha de 50 litros. Como já lhe disse, um litro é igual a um caneco, portanto, esta vasilha é igual a uma quarta pequena (194). Vamos medir.

O resultado deixou o caboclo de bôca aberta: enchemos 22 vezes a vasilha de 50 litros.

— Está vendo, amigo? Se me tivesse vendido a farinha pela minha medida, o senhor lucraria mais duas quartas.

— Vossoria tem razão — disse-me meio encabulado.

— Ainda bem que o senhor o reconhece; nesse caso, é com muito prazer que lhe pago mais duas quartas.

O sertanejo ficou admirado da minha atitude que, aliás, não passava de mero princípio de moral. Eu, por meu turno, fiquei contente por lhe ter demonstrado a vantagem do sistema métrico decimal.

Tornou-se um dos meus mais assíduos fornecedores. Certa vez, após verificarmos excessos de mercadorias, êle não se conteve e me disse:

— Nas medidas de vossoria sempre dá e sobra, mas nas medidas dos negociantes das cidades, sempre falta.

— Naturalmente — disse eu, encobrimdo, talvez, faltas alheias — as medidas antigas usadas na redondeza, eram feitas sem obedecer a um padrão único, por isso davam tais diferenças.

Aproveitei a oportunidade para, mais uma vez, mostrar-lhe as vantagens do sistema métrico decimal: o metro, o litro e o quilo eram iguais em toda e qualquer parte do mundo. E assim fui captando a confiança dessa gente simples e bôa, quer nas coisas materiais, quer nas de ordem moral. Neste último setor, então, fatos interessantes se deram, que vale a pena serem re-

---

(194) A quarta pequena corresponde ao alqueire paulista — 50. litros.

latados, pois atestam a docilidade espiritual do sertanejo, pronto a aceitar os bons ensinamentos e seguir o caminho do bem.

O leitor amável estará lembrado que “decretei” a lei sêca nos domínios da Companhia, proibindo do modo mais rigoroso possível o comércio e uso do álcool. Todos estavam cientes da minha intransigência nesse particular; mas, não obstante isso, no dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, fui procurado pelo agregado Albino, que desejava festejar a santa, e precisava de alguns esclarecimentos sôbre a proibição de bebidas alcoólicas.

— Seu dotô, eu vim aqui convidá vossoria prá assistí a festa em louvô de Santa Luzia, na nossa casa, hoje de noite. Eu soffro da vista, não enxergo muito bem, môde isso me pego com a santa milagrosa, que cura os óios dos seus devotos.

— Muito obrigado, “seu” Albino.

— O dia de Santa Luzia, seu dotô, é próprio também prá plantá arroz. Hoje, quem pôde plantô arroz.

— Agora estou compreendendo por que o Quirino, lá no Banguê, suspendeu todos os trabalhos e só está plantando arroz a toda fôrça.

— O arroz de Santa Luzia produz muito e não pragueja. Até piriquito e jandáia respeitam êle. Pode acreditá, seu dotô. Depois dos rodeios, entrou no assunto principal de sua visita.

— Como vossoria já sabe, vô festejá Santa Luzia; eu sei que é proibido bebê caçaça; mas se aparecê algum convidado com algumas garrafas prá vendê na festa, que é que eu digo?

— O senhor diz que na sua festa não se bebe caçaça.

— E si êles teimarem?

— Quem é que manda em sua casa?



— É êste seu criado.

— Pois então, nada mais temos que dizer sôbre o caso.

A festa correu às mil maravilhas: ninguém bebeu álcool, e todos se divertiram a valer, sem o menor incidente, até o dia clarear. Às 6 horas da manhã recebi a visita dos que se retiravam da festa. Todos me agradeceram a medida tomada, pois verificaram que era possível divertimento no juízo perfeito. Se os maus exemplos são imitados, também os bons encontram seguidores.

Poucos dias depois da festa de Santa Luzia, recebi uma carta de um vizinho, morador do lado maranhense, que por um motivo qualquer havia realizado uma festa em sua casa. Comunicava-me que não permitira, também, a entrada de cachaça em sua festa, e que tudo corra muito bem. Respondi agradecendo-lhe a gentileza da participação e louvando-lhe o procedimento correto. Terminei a carta com estas palavras textuais; “Só assim o senhor será útil aos seus semelhantes e agradecerá a Deus”.

Esse vizinho nada tinha que vêr com a Companhia que eu superintendia, residia no Maranhão, portanto, não tinha que me dar satisfação alguma. Proce- deu bem porque quis, porque era de boa índole, e aceitou voluntariamente o bom ensinamento.

Aos poucos fui-me transformando numa espécie de juiz de paz do Alto Parnaíba. De vez em quando apareciam querelantes a fim de que eu “desse um jeito” em suas questões. Um dia recebi a visita de um caboclo aflito.. Ao perguntar-lhe ao que vinha, expôs seu caso.

— Seu dotô, eu sô agregado do Majó Quelemente (Clemente). Duns tempos prá cá êle deu de inticá cumigo. O gado da fazenda entra na minha roça, devasta tudo e o home não qué que eu diga nem arrois.

E' verdade que em fazenda de criá, quem faz roça per-cisa cêrca. Mas, cumo vossoria sabe, boi rocero não tem cêrca que segure, êle mete a cabeça e vara mesmo. Eu reclamei, e o Majó me disse que mandava botá fogo na minha casa móde eu saí da fazenda.

— Amigo — disse-lhe eu — tudo o que acabo de ouvir é muito triste, mas que posso fazer? Acho melhor o senhor apresentar sua queixa às autoridades de Santa Filomena.

— Oví contá que vossoria é quem manda neste sertão.

— Eu mando sòmente nas terras da Còmpanhia; quanto ao mais só posso pedir e valer-me das amizades dos vizinhos.

— Antonce, vossoria faça o favô de escrevê uma carta pró fazendero móde êle tê pena de mim.

— Pois sim. Escreverei a carta e o senhor será o portador. Agora vamos tomar um cafézinho.

Escreví um bilhete ao citado fazendeiro, convidando-o a almoçar comigo, a fim de tratar de um assunto que era mais do interêsse dêle do que meu. Não se fez de rogado: no dia séguinte o Major apeava no meu terreiro. Caboclo simpático, embora um tanto desconfiado, por não saber ao certo o móvel do meu convite, indagou-me quais eram as ordens. Respondí que tinha um pedido a fazer-lhe, e entrámos no assunto. Nem bem havíamos trocado as primeiras palavras sôbre a roça do agregado, vieram-me avisar que o almoço estava servido. Almoçámos como dois velhos amigos. O Major, visivelmente agradecido pelas atenções que eu lhe dispensara, prometeu-me solucionar satisfatòriamente o caso. Mandaria transladar os bois roceiros para outra malhada, e o meu protegido poderia ficar sossegado. Ficámos amigos.

Numa das minhas idas a Santa Filomena e Vitória, quase vis-a-vis uma da outra, nesta última cidade, na casa do delegado de polícia fui obrigado, pelas circunstâncias, a servir de juiz de paz num caso difícil, e que poderia ter consequências lamentáveis. Também, como o primeiro, provocado por boi roceiro. Aliás, no Maranhão e no Piauí, principalmente neste, em que predomina a agro-pecuária, estas questões são muito frequentes. As fazendas de gado, que abrangem perto da totalidade da área do Estado, não têm cêrca; portanto, o agricultor, pequena minoria, tem obrigação de cercar suas culturas. E como o tapume às vezes é um tanto simbólico, o gado com facilidade vai pastar nas roças. Daí a origem dessas querelas.

Encontrava-me na casa do delegado quando chegaram dois indivíduos, acusando-se mutuamente, e prontos a entrarem em vias de fato. O mais triste desta história é que os dois homens eram irmãos. O primeiro a falar disse:

— Tenho uma roça bem cercada onde plantei de um tudo. Há dias um tôro de propriedade de meu irmão varô a cêrca e comeu o mio tudinho. Toquei o maruá da roça e mandei um positivo avisá meu irmão. Não valeu de nada. No dia seguinte o bicho entrô outra vez na roça. Eu me danei, mais porém, não fiz o que tinha no sentido, móde sê o tôro do meu irmão. Mandei tocá o bicho e avisá o dono, que se o diabo do boi tornasse entrá na roça eu “benefiava” êle. Entrô mais uma veis; cumprí minha palavra: castrei o maruá. Daí meu irmão prá se vingá, castrô um cavalo meu e ainda por cima deu uma facada no pescoço da minha montaria. Agora não sei o que tá prá sê, apois eu não aguento êsse desafôro.

— Eu também — aparteu o segundo irmão — não posso aguentá a desfeita. Quando vejo meu tôro “beneficiado” o sangue me sobe na cabeça.

Os dois homens, ou melhor, os dois irmãos, num crescente perigoso, com o amor próprio ofendido, recri-minavam-se acerbamente, a tal ponto que foi preciso a autoridade impôr silêncio. Nisto, aproveitando a calma momentânea, pedi licença para uma sugestão, e fui dizendo:

— Pelo que ouvi, a questão é mais moral do que material. Cada um de vocês sente-se ofendido como homem e não como proprietário dos animais mutilados. Não é isso? — perguntei-lhes. Um leve inclinar de cabeças deu-me razão. Pois então, proponho o seguinte negócio: cada um comprará de seu irmão o animal que castrou. Quem castrou o touro, ficará com o touro e quem castrou o cavalo ficará com o cavalo. Assim desaparecerá a ofensa mútua, pois, dessa maneira, os animais foram maltratados pelos seus próprios donos. Que acham? Estão de acôrdo?

— Nhor, sim — responderam os dois ao mesmo tempo.

Notei que o antigo dono do boi queria dizer alguma coisa.

— Só tem uma dificuldade nesse negócio.

— Qual é?

— Eu tava puxando com o boi umas maderas prá fazê um rancho.

— Creio que há jeito para isso, pois estou certo que seu irmão lhe emprestará o boi para você terminar o serviço. E, voltando-me para o outro, indaguei: — Não é verdade, amigo?

— Não tem dúvida. Meu irmão pode ficá com o boi até acabá o rancho.

Pedi que se abraçassem e que fossem sempre dois bons amigos, dois bons irmãos. E assim, como água na fervura, terminou a rixa, que fazia prever epílogo sangrento.

Não relato êsses episódios para pôr em evidência minha modesta colaboração, mas, sim, para revelar ao leitor paciente a índole de nosso sertanejo: bravo como a onça pintada, se ferido em seu amor próprio e dócil qual uma criança se tocado em seu coração pela varinha mágica da bondade.

Além do papel de juiz de paz, eu tinha que ser o médico também. O que me grangeou, nessa atividade, fama do bom "aplicador", curandeiro, foi um acidente ofídico num vizinho. Veio um "positivo" comunicar-me que o seu patrão fôra mordido por uma cobra, e estava passando muito mal: deitava sangue "até pela raiz das unhas". Com essa informação concluí que o responsável pelo acidente era uma jararaca, *Bothrops*, pois o veneno delas determina alarmante hemorragia. Injetei na vítima um tubo de sôro anti-bothrópico, do Butantã, e a cura se procedeu rapidamente, normalmente: a hemorragia cessou, como se se fechasse uma torneira e passados alguns dias o caboclo estava trabalhando. Mais um brasileiro que o gênio de Vital Brasil arrebatava das garras da morte e restituía são à coletividade nacional.

A cura que acabei de contar, lembra-me o curioso caso da menina paralítica do Vale do Pirajá, em quem apliquei o método da sugestão por meio do hipnotismo. Em meados de novembro chegou o mestre João, o carapina que eu deixára terminando umas obras na Fazenda Grande. Ao descrever as peripécias da viagem, contou-me que ao passar pelo vale do riacho Pirajá ficou intrigado com as notícias que corriam por lá de bôca em bôca.

— Que é que o povo dizia, mestre João?

— A gente lá diz que seu dotô é santo.

— Como assim?! — perguntei-lhe admirado, sem poder conter o riso.

— O seu dotô não curô uma menina paralítica?

— Pelo menos tentei curá-la.

— Depois, a menina tá andando, e o povo diz que o seu dotô é santo.

— Você a viu, mestre João?

— Vi, nhor, sim. Tá boazinha. Os moradores do lugar vão organizá uma romaria prá vim visitá seu dotô aquí. Eles juram que seu dotô é santo.

— Essa pobre gente está enganada. Não sou santo e muito longe estou disso. O que fiz foi hipnotizar a menina e sugestioná-la. As doentes de moléstias curáveis por sugestão, em verdade, devem a cura a si próprias. O médico, ou o hipnotizador, como no caso presente, atua como elemento sugestionador. Compreendeu, mestre João? E antes que me esqueça: convém avisar aos moradores do vale do Pirajá que larguem mão de tamanha bobagem. Na cura da mocinha tudo correu por conta dos recursos humanos, o divino, foi a graça que Deus me concedeu de passar por aquela região e ter a oportunidade de praticar o bem.

A nova do mestre João fez meu coração transbordar de alegria. À minha mente apareceu nítida a figura do crioulo, ofegante, ao saltar do cavalo, quando nos preparávamos para subir a Serra do Pará naquela tarde inesquecível. Vinha da parte da pequena parálitica pedir que lhe mandasse meu nome numa folha de papel. Mandeio-o. Resultado: cura completa. Sugestão, pura sugestão, eis o milagre ou melhor a mézinha que restabeleceu os movimentos da parálitica.

Mudando de assunto, não resisto à tentação de me referir a um ilustre visitante que veio, a alta hora da noite, bater à porta da minha humilde casinha de talos de buritizeiros. Dormia, descansando da fadiga do dia, quando o som do apito do vaporzinho "15 de Novembro" me despertou. Olhei no relógio — eram 24 horas. Agitei-me na rêde para conciliar novamente o sono, pois

ficára estabelecido com o comandante, que nas chegadas noturnas, o "gaiolinha" atracaria no porto e aguardaria o dia para a descarga. De repente, com verdadeira surpresa da minha parte, ouço uma voz conhecida chamando-me:

— Dr. Iglésias! Dr. Iglésias!

— Pronto, Dr. Júlio Lustosa — respondi, pulando da rêde — vou abrir a porta.

— Não é o Dr. Júlio Lustosa, que está aqui, é o primo dêle — Joaquim Nogueira Parnaguá.

Saí ao terreiro: a lua iluminava tudo, com tal intensidade, que conseguí lêr sem nenhum esforço, a carta de apresentação que meu inesperado quão ilustre visitante me entregou. Pedí desculpa por estar de pijama e convidei-o a entrar. Ele achou melhor conversarmos ao luar, pois pretendia demorar-se pouco, e além de mais a noite estava linda e convidativa.

Fiquei impressionado com a figura austera e ao mesmo tempo bondosa do sobrinho do Marquês de Parnaguá, ministro do Segundo Império. Alto, magro, tez branca, barba e cabelo um tanto grisalhos, porte de elegância sóbria e maneiras distintas. Enquanto conversávamos, os raios da lua iluminavam seu rosto de apóstolo, a que a barba, à nazarena, dava perfeita caracterização.

A mim que, havia tanto tempo, metido naquele sertão, não me era dado apertar a mão e palestrar com um homem daquela altura e formação moral, parecia-me, às vezes, que estava diante de um quadro irreal, produto da minha fantasia sequiosa de encontrar alguém para poder trocar idéias, e até pedir conselhos.

O Dr. Joaquim Nogueira Parnaguá, ex-senador da República, era um piauiense ardoroso, amava a sua terra enternecidamente. Expús-lhe o meu programa de trabalho e o que já havia realizado. Queria saber tudo,

queria que lhe contasse tudo. À medida que eu relatava os episódios educacionais dispensados àquela gente que me rodeava, e expunha processos modernos de agricultura aplicados àquelas regiões, e revelava um novo aproveitamento das matérias primas que a natureza dadivosa oferecia, seus lábios se entreabriam e seus olhos, procurando abranger o vasto horizonte pálido daquela noite enluarada, brilhavam de satisfação. Quando lhe mostrei uma cadeira tecida com palha tirada dos talos do buritizeiro, substituindo perfeitamente a clássica palhinha *japonesa*, mal pôde esconder a emoção que quase lhe embargou a voz, obrigando-o a um momento de silêncio, que mais parecia um preito de homenagem à sua estremecida terra piauiense. Nisto, o galo cantou: eram 3 horas da madrugada. Contudo, o ilustre patriota hesitava em ir para bordo. Então, comuniquei-lhe que eu teria o prazer de ser seu companheiro de viagem até Santa Filomena onde ia trocar dinheiro para efetuar o pagamento aos trabalhadores. Um abraço, que lembrava o de dois velhos amigos ou o de pai para filho, se se levasse em conta a diferença de idade, pôs têrmo àquela conferência original que me ficou grata e indelêvelmente gravada no coração.

Mais tarde, no último capítulo dêste livro, voltarei a tratar da personalidade invulgar do Dr. Joaquim Nogueira Parnaguá, para lamentar as angústias por que passou nos derradeiros dias de sua vida exemplar.

Vou contar como foi que me ocorreu a idéia de aproveitar o talo do buritizeiro para tecer assentos de cadeiras.

O feitor informou-me que dentre os operários da roça havia um habilíssimo na confecção de urús — pequenos cestos arredondados, que nas zonas da carnaúba são fabricados com palha dessa palmeira.



Mandei chamá-lo, e dei-lhe ordem que fizesse uma dúzia dos referidos cestos. O caboclo escolheu os talos de burití (pedúnculo da folha do buriteizeiro), e com uma faca afiada, tirava a casca do talo em forma de fitas de um centímetro de largura. Era um gôsto vê-lo trabalhar: corria a faca de ponta a ponta do talo, fazendo saltar as fitas, uma após a outra, com segurança e destreza. Isso me fez raciocinar: se ele tira fitas de um centímetro de largura, poderá também cortar fitas de meio centímetro ou talvez de 3 ou 4 milímetros, e nêsse caso serviriam para empalhar cadeiras. Incitei o caboclo à experiência. Deu ótimo resultado. Daí por diante não faltou palhinha para as cadeiras da casa.

Aproximava-se o fim de dezembro, e a casa da séde estava pronta. Como já disse, foi construída entre a casinha de burití e o rancho dos trabalhadores solteiros. Abri uma avenida, perdão, leitor paciente, um caminho largo que ligava a séde ao porto. Arborizei-o com cajueiros: mudas, filhas do "Cajueiro do Governador", de Terezina.

As alegrias não são completas: no dia da mudança para a casa nova, de paredes de adobes, mais confortável do que a de burití, uma nota melancólica emprou o prazer de que estava possuído. Ao registrar nas páginas do meu diário as ocorrências cotidianas, escreví maquinalmente, indiferentemente — 25 de Dezembro. Meu Deus! — exclamei — hoje é a noite de Natal. Fiquei estático, perplexo, ensimesmado, prêsa imediata da saudade torturante. Longe dos meus: mamãe, minhas irmãs, meus sobrinhos. Tão distantes de todos êles. Noite de Natal, e eu sózinho naquele sertão. Minha santa mãe, com certeza, estaria, naquela hora, chorando a ausência do filho querido. Que noite triste, aquela Noite de Natal! Como derivativo chamei os

empregados — alguns já dormiam — e lhes falei do sagrado natalício. E depois interpelei-os: — Vocês que farejam dias santos com enorme antecedência, como não me avisaram dêste, que é o maior de todos? Teríamos preparado presépios e louvaríamos o Menino-Jesus. Fomos muito ingratos. Agora, pedindo a Deus que nos perdôe, vamos dormir. E assim foram passando os dias em nossa pequena comunidade.

Ano Bom: 1.º de janeiro de 1918! De manhã bem cedo, mandei matar um boi e distribuir sua carne ao pessoal. O miolo e os rins ficaram para mim, pois já disse no decurso destas notas que o sertanejo não come miúdos.

À tarde, o Eliseo — não sei por quê cargas da água me chamava de padrinho — veio segredar-me, contrafeito, uma notícia que êle reputava muito grave:

— Meu padrim (corruptela de padrinho) hoje de minhã, lá na matolotagem, o cachorro do carapina Antonio Lopes correu com o Colosso.

— Não é possível. O Colosso é um cachorro valente.

— Mais correu, meu padrim, e o mestre Antõho ficô se rindo.

— Isso não pode ficar assim: aquí, nem cachorro pode levar desfeita de forasteiro. Vá vêr onde está o mestre Lopes e diga-lhe que traga o seu cachorro para fazer o Colosso correr outra vez.

Vou abrir um parêntese: havia no Alto Parnaíba uns cães que se destacavam da matilha ordinária. Eram conhecidos pelo nome de “raça do Barão”. Por quê? Porque em tempos idos o Barão de Santa Filomena, irmão do Marquês de Parnaguá, trouxera da Alemanha um soberbo cão, cuja raça se espalhou e se perpetuou no sul do Estado. De quando em quando, até agora, aquí e alí, nasce um cachorro “raça do Barão”. O Co-

losso, herói do que adiante vou relatar, foi um presente do "seu" Albino — o meu vizinho devoto de Santa Luzia. O cão recebeu êsse nome expressivo porque, desde pequenino, denotava o colosso que seria. Era da "raça do Barão". Pelos característicos que ainda apresentava, o seu antepassado alemão deveria pertencer à raça canina *Dobermann*. Era um lindo animal: alto, forte, pelagem preta luzidia, orelhas curtas e sempre em posição de sentido. Muito meu amigo e do António Martins, que era seu tratador. Valente e atrevido. Quando o António precisava "exemplá-lo", amarrava-o primeiro, porque solto, reagiria na certa.

O cachorro do mestre Lopes também tinha sangue dobermann: era "raça do Barão", porém com menos traços característicos, embora fôsse um ou dois centímetros mais alto do que o Colosso.

Feita a apresentação dos dois inimigos, fecho o parêntese. Não demorou muito apareceu o carapina Lopes acompanhado do seu bonito cão. E sem preâmbulo, eu disse:

— Então, mestre Lopes, o seu cachorro bateu o meu?

— Nhor, sim — respondeu sorridente e com fingida humildade.

— Acho que o Colosso estava com cerimônia, por se tratar de um hóspede — respondi-lhe irônicamente. Em todo o caso vamos experimentar outra vez.

— Cuma o seu dotô quisé. O Leão — chamava-se Leão, o adversário do Colosso — é bicho perigoso.

— Não faz mal. Vamos vêr prá podermos contar.

Ordenei ao António Martins que fôsse buscar o Colosso. Quando os dois cães se avistaram, resolutos, um avançou para o outro, no meio do terreiro. Eu gritei — pega Colosso! Os dois, como verdadeiros leões, numa fúria louca se atracaram, ficaram em pé

(quase da altura de homem) e entraram em *clinch*, urros curtos, guturais, violentos de raiva e ódio, que mais pareciam blasfêmias, encobriam a minha voz de incitamento. — “Pega, Colosso!” Os dois rolaram, rolaram pelo chão ora um em cima, ora em baixo, num esforço titânico de vitória. Levantaram-se novamente, bôca espumante, dentes arreganhados, agressivos, procuravam o pescoço do contendor. Tombaram enovelados, outra vez, na arena, rugindo, mordendo desesperadamente, soltando saliva que se espalhava pelos ares. A peleja estava indecisa: os contendores eram igualmente fortes, mas nem por isso diminuía de intensidade, violência e encarniçamento. Tão de pressa estavam em pé, em *clinch*, mordendo-se mutuamente, com fúria inaudita, singular, como reboCADOS no chão. Eu já estava meio rouco de tanto atizar e encorajar o Colosso. Os briguentos estavam banhados de suor e eu também. Num dado momento, quando os dois se alçaram e vieram pesadamente por terra, ví que o Colosso ficou por cima do Leão, e que com os dentes na guela do inimigo sacudia a cabeça de um lado para outro, dominando o adversário. Nisto, um ganido de dôr anunciou o fim da luta: o Leão, com muito custo, levantou-se e partiu correndo, todo ensanguentado. O Colosso o perseguiu uns 50 metros, fora da área do nosso terreiro. Voltou, campeão, com ares soberbos, mas também ensanguentado. Chegou ao pé de mim para que eu o acariciasse. Era o único galardão para sua difícil vitória, e, por isso mesmo, merecida. Afaguei-o comovido, dizendo-lhe enquanto passava as mãos pelo seu lombo: — Bravo, Colosso! Tu és um valente! E parecia que êle me compreendia.

Não sei se fiz bem ou se fiz mal. Uma coisa, porém, eu sei: não era admissível que um forasteiro batesse num ente de casa, embora fôsse um cão.

Nunca mais ví o Leão, e, curioso, perguntei ao Eliseu que fim o cachorro tinha levado.

— Meu padrim não sabe?

— Não, se soubesse naturalmente não teria perguntado.

— Depois, na corrida que o bicho saiu daqui foi batê em Santa Filomena. Nem tomou benção do mestre Antonho, terminou maliciôsamente.

Mais tarde o Colosso causou-me grande desgosto. A coisa passou-se da seguinte maneira: em janeiro, não me recordo o dia, nasceu um lindo bezerro, cujo pelame tinha uma côr fora do comum: branco e vermelho em listas transversais e uma estrêla branca na testa. Lembrava o touro sagrado dos egípcios, adorado em Memphis — *Touro Apis* (195) por isso, dei ao recém-nascido bezerrinho piauiense, com a devida vênia dos manes dos Faraós, o nome de *Apis*. Expliquei aos vaqueiros curiosos, da melhor forma possível, o que significava o nome *Apis*. Eles acharam que os egípcios eram umas bestas, “com perdão do máu ensino”.

Ao nosso *Apis* foi dispensado desde o comêço da sua vida um tratamento todo especial. Eu quis demonstrar que se podia criar um touro completamente manso, apto aos trabalhos agrícolas, sem maltratar o animal. Quando bezerras é que se devem preparar os bois de carro, de arado e até de montaria. Há um

---

(195) O Touro *Apis* era um dos touros sagrados do Egipto, adorado em Memphis. Ao morrer, o Touro *Apis* se transformava em Osiris *Apis*. Ele era considerado segunda vida de Phtah. *Apis* passava por ter nascido de uma bezerra virgem, fecundada pelo fogo celeste. O Touro *Apis* era o deus da fecundidade; no templo, onde o adoravam, as mulheres que desejavam conceber dirigiam-lhe súplicas para que seus almejos fossem realizados. Quando o touro morria, os egípcios percorriam montes e vales até encontrar um touro com as mesmas características do *Apis*: pelame branco e vermelho e uma estrêla branca na testa.

rifão português aplicável ao caso: “É de pequenino que se torce o pepino”.

Entreguei o Ápis a um meninote jeitoso, recomendando-lhe que todos os dias colocasse o cabresto no bichinho, o escovasse e, ao menos duas vezes por semana, lhe desse um banho. Se bem eu determinei melhor foi executado. Além dêsses cuidados, todos os dias, quando o Ápis ia fazer seu passeio, eu mandava que lhe colocassem um saco de estôpa no lombo para ir perdendo as cócegas. Quando êle ficou mais forte, com as devidas precauções, em vez de saco de estôpa eu colocava um menino. Ficou de tal maneira manso, que jamais deu um corcovo. Mandei fazer uma cangalha, leve, pequena que não o maltratasse, e todos os dias o Ápis trotava, com o menino escanchado no lombo, em direção ao capinzal à procura da sua ração. Depois voltava êle, visivelmente satisfeito, com dois feixes de capim tenro na cangalha a fim de que lhe preparassem a gostosa ceia. Era um espetáculo que chamava a atenção dos visitantes ou pessoas que por ali passassem. Todos achavam muita graça nas habilidades do bezerrinho.

Perto do capinzal, em prosseguimento ao algodoal, estendia-se a roça de milho, que se avistava do terreiro da séde. Os bois da fazenda, de quando em quando, varavam a cêrca e comiam o milho. Que fez o Eliseu? Ensinou o Colosso a tocar os bois da roça. Êle ficou de tal maneira “mestre”, que não era mais necessário aticá-lo ao gado. De iniçiativa própria, assim que via um animal no cercado, saía como uma flecha e o expulsava violentamente. O Colosso transformou-se em um novo Cérbero guardião da deusa *Zea mays*.

Um dia, isto foi no mês de setembro, quando me achava ausente da Vila Eng.º Dodt, o Ápis, fugindo do estábulo, penetrou na roça de milho. O Colosso, que

de longe avistara o boi (ê ele já era um garrote bem fornido) no milharal, atirou-se a êle. O Ápis mansinho, o *enfant gaté* da fazenda, jamais poderia supôr que êle era o alvo do Colosso, e o esperou tranquilamente. Triste epílogo: o Colosso matou o Ápis — o mais belo bezerro que eu ví em terras piauienses.

Vamos leitor amigo, deixar este episódio triste que me encheu o coração de mágua, e acompanhe-me ao interior da casa grande recém-construída. Como as outras, tinha a forma de um "T" grande.

A varanda, só com uma pequena grade na frente, para evitar a entrada de animais, era sala de visitas e ao mesmo tempo de refeições. Nas paredes dos lados direito e esquerdo mandei fazer, em letras garrafais, as seguintes inscrições:

**"TIRE O CHAPEU DA CABEÇA" — "NÃO CUSPA NO CHÃO"**

È sabido que os matutos do mundo inteiro têm o hábito de conservar o chapéu na cabeça quando mesmo no interior do lar. Todos sabem, também, que as pessoas de educação menos esmerada, têm o costume condenável de cuspir no chão, em qualquer parte em que estejam. Ora, são duas coisas feias, ou melhor, uma só é que é feia, a outra é anti-higiênica e perigosa.

Esse capítulo de educação social, se me fez gastar muita saliva conversando, deu-me, por outro lado, momentos de bom humor. Que de vezes se deram çenas como esta:

- Bom dia, seu dotô.
- Bom dia, amigo. Em que lhe posso ser útil?
- Eu vim aquí prá conhecê Vossoria.
- Muito obrigado. Então vamos entrar e tomar um cafézinho.

O caboclo, meio acanhado, aceitava o convite e entrava, mas entrava com o chapéu de couro enterrado na cabeça. Após algumas frases que denunciavam os verdadeiros motivos da visita, eu arriscava, com boas maneiras, a seguinte pergunta:

— O senhor sabe lêr?

— Nhor, não.

— Que penal — exclamava eu sorridente. Se o amigo soubesse lêr, — e apontava as letras da parede — saberia o que está escrito lá — “TIRE O CHAPEU DA CABEÇA”.

Incontinenti, num movimento rápido como bote de cobra, o sertanejo tirava o chapéu da cabeça e o colocava ao pé da cadeira. Então eu explicava esse ato próprio do homem civilizado, que traduzia uma atitude respeitosa, e acrescentava:

— Quando o senhor me viu no terreiro não tocou no chapéu? Eu não respondi da mesma maneira? Pois com mais razão devemos dar demonstração de apreço dentro da casa do amigo que nos hospeda. Eu mesmo, ao entrar em minha casa, tiro o chapéu. Dou-lhe 100\$000 se o senhor der comigo dentro de casa com o chapéu na cabeça. Além de tudo é um costume muito bom, porque refresca a cabeça. Diz o ditado: “Pés quentes e cabeça fria é sinal de saúde”.

No outro lado da parede — continuei explicando — está escrito: “NÃO CUSPA NO CHÃO”. Isso é muito importante, amigo. E vou dizer-lhe porque: quase todas as moléstias pegam: de um jeito ou de outro as doenças passam de uma criatura a outra. Por exemplo: um cachorro louco — *espiritado*, como vocês chamam aqui — mordendo outro cachorro, depois de certo tempo o cachorro mordido apresenta a mesma loucura. Isso quer dizer que a moléstia passou de um para o outro. Entre as pessoas há muita doença que



pega: passa do doente para o que está são. O senhor não viu algum conhecido seu morrer de tuberculose?

— Cuma?

— Doença do peito.

— Não é a tal da ética?

— É isso mesmo; mas hoje em dia os médicos dão-lhe o nome de tuberculose. Essa terrível moléstia pode ser transmitida pelo cuspe. Vamos supôr que antes de o senhor chegar aqui, apareceu uma pessoa tuberculosa e cuspiu no chão. O senhor, sem nada desconfiar, com a poeira que o vento levantou encheu os pulmões de ar cheio de germens, isto é, bichinhos invisíveis que produzem a doença. No momento, o senhor não sentirá coisa alguma; vai, porém, para casa, e no meio do caminho toma uma pancada de chuva, passa muitas horas com a roupa molhada no corpo. Resfria-se. O corpo enfraquece e o bichinho que o senhor “enguliu” com a poeira toma conta dos seus pulmões, e era uma vez um homem forte. Lá se vai o amigo balançando numa rêde direitinho para a cova. Quem cospe no chão é como aquele que dá um tiro no meio do povo: alguém receberá a bala e cairá morto.

O visitante olhava disfarçadamente o solo para vêr se havia incorrido na falta apontada, e ficava contente ao verificar que se portára bem.

Todos, sem discrepância de um só, achavam que eu tinha razão, e prometiam aplicar meu ensinamento em seus lares.

Não parei aí com a mania — bôa mania — de instruir essa humilde e bondosa gente. Organizei uma escola noturna para os operários e seus filhos.

Em homenagem ao meu querido amigo e ilustrado baiano, Dr. Agenor Augusto de Miranda, dei à novel escola o histórico nome — Escola “Dois de Julho”.

Uma nota interessante. Poucos dias antes eu havia recebido do meu sábio mestre Vital Brasil um telegrama convidando-me, em nome do Govêrno do Estado de São Paulo, para professor catedrático da Escola de Veterinária recém-criada. Agradeí profundamente honrado, e pedi licença para continuar no sertão piauiense, onde julgava que a minha presença fosse mais útil.

A Escola "Dois de Julho" foi para mim um derivativo excelente: à noite, depois dos trabalhos agrícolas, transformava-me em mestre-escola, e assim passava horas agradáveis, horas que preparavam meu espírito para um sono reparador. O bem que eu praticava, abrindo os olhos do espírito daquela pobre gente, inundava meu coração de júbilo.

Os meninos aprendiam com mais facilidade do que os adultos. Estes ficavam um tanto despeitados e a tristeza, às vezes, assomava em seu olhos. Sempre que eu percebia êsse estado de alma, pilheriava animando-os:

— O ditado diz que papagaio velho não aprende a falar, mas isso não é exato: aprende, sim; demora um pouco, porém, termina aprendendo. Todos riam, e eu continuava a lançar a bôa semente naquele terreno virgem. Essa era minha tarefa noturna.

Durante o dia a labuta agrícola reclamava minhas energias e atenção. A êsse respeito, em meados de abril, escrevia para Belém do Pará ao Comendador Simão da Costa, Presidente da Companhia:

"Começamos as plantações um pouco tarde, razão por que perdemos muitos algodoeiros novinhos no verânico de dezembro (1917). Quando eu ví que parte das terras ia ficar sem algodão, plantei mandiôca em grande quantidade para contrabalançar os prejuizos. A mandiôca está magnífica, de sorte que se transfor-

mará em enorme fonte de renda. Plantei grande quantidade de arroz, que nos dará um belo rendimento.

Terminando esta ordem de considerações, tenho o prazer de transcrever o final de uma carta que acabo de receber do Dr. João Luiz Ferreira (196), Engenheiro-Chefe da estrada Floriano-Oeiras: “aceite as minhas sinceras felicitações pelo êxito que vai obtendo nas vastas plantações, de que tenho ouvido maravilhas. Uma pessoa de minhas relações e amizade resumiu desta maneira entusiástica a impressão colhida: “Por mais que se imagine não se consegue fazer idéia aproximada do que elas são!”

“Mando-lhes estas linhas (agora sou eu que continuo a escrever ao Comendador) não porque elas acariciam a minha vaidade, que felizmente não a possui, mas para que o exmo. amigo veja como estão sendo apreciados os nossos trabalhos, o que, certamente, muito o alegrará.

Ego: quanto a minha humilde pessoa pouco ou nada tenho a lhe dizer. Antes de mais nada informo-lhe que estou pesando 84 quilos, apesar da ferida de mau caráter que apanhei no peito do pé.

Aquí tem aparecido uma ferida que em Vitória (cidade maranhense quase em frente de Santa Filomena) recebeu o nome de “ferida da moda”, porque raro é aquele que escapa de apanhá-la. Creio que se trata da úlcera fagedênica. Felizmente já estou completamente bom.

A Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt, pondo de lado a tal “ferida da moda” que foi aquí introduzida pelos trabalhadores, é um verdadeiro sanatório — um clima adorável. O Agenor, que chegou um tanto debilitado, já está crian-

---

(196) O Dr. João Luiz Ferreira era irmão de Felix Pacheco. Foi mais tarde eleito governador do Estado do Piauí.

do carne e côr”. E assim terminou a minha missiva-relatório ao Comendador Simão da Costa.

Abril foi para mim, exilado voluntário do sertão, um mês cheio de novidades agradáveis: chegou o Agenor e com êle uma vitrola que eu encomendara em Belém do Pará. A maquina edisoniana despertou a curiosidade dos sertanejos num ráio de umas 40 léguas. Até gente das lindes goianas apareceu para ouvir a “máquina falá”.

Chegavam cavaleiros e apeavam como quem queria alguma coisa. Eu os interperlava:

— Estão querendo trabalhar aquí?

— Nhor, não. Nós viémos ouvi a máquina falá.

— De onde os senhores são?

— Nós seimo das bandas do rio do Sono, e andemo 40 léguas móde ouvi a máquina.

— Então esperem um pouco; depois do jantar os amigos ouvirão a máquina chamada vitrola falar e cantar.

À noite mandei reunir o pessoal: homens, mulheres e crianças, entre êstes os forasteiros. Todos sentados no chão olhavam atentamente para a campânula da vitrola. Coloquei um disco de Caruso cantando *Una furtiva lacrima*. Silêncio no auditório. Coloquei após a *Serenata de Schubert*. O mesmo silêncio. Pus um disco de um desafio do Mané do Riachão. Um susurro de alegria cobriu a primeira estrofe do cantador. Quando terminou o disco todos estavam radiantes de alegria, e um dêles sentenciou: — Êste sim que fala espevitado”. Mané do Riachão batera Caruso! É uma questão de sensibilidade artística, de educação do sentido, de estetica, dirá o leitor amável, e eu estarei de acôrdo. Mas como é que o canto dos passarinhos enleva o matuto e extasia, ao mesmo tempo, 'o homem civilizado? Segredos da natureza.

A experiência acima orientou-me na organização dos programas gramofônicos: para os sertanejos, discos que lhes tocassem a alma — e a mim também tocavam. Porque negá-lo? Antes da hora de dormir, quando eu ficava só, deleitava-me com os trechos de óperas e serenatas.

Falei da alegria que me proporcionou a visita do bom amigo Agenor, um dos organizadores da Companhia. A estada dele na Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt não foi longa, porque seus deveres de Engenheiro-Chefe do Distrito Telegráfico do Piauí não o permitiram. Em todo caso, foi suficiente para que projetasse uma roda hidráulica necessária às futuras instalações industriais. Represamos o Riachão num ponto encachoeirado atrás do curral, e com um nível de triângulo fizemos a levada. O mestre João Alves, guiado por mim, construiu a roda. Esta foi calculada para produzir 12 HP, a fim de acionar um descascador de arroz, um descarçador de algodão e uma serra circular. Se não me engano foi essa a primeira roda hidráulica do sertão piauiense, ou pelo menos, do Alto-Parnaíba. Os sertanejos da redondezas afluíam à sede dos nossos serviços para admirar a nova “ingresia” (197).

Pouco tempo gozei a companhia do Agenor: quando o “15 de Novembro” voltou, duas semanas apenas, lá se foi rio abaixo o bom amigo.

A navegação do Alto-Parnaíba, de Uruçuí a Santa Filomena era bastante regular no inverno, no período

---

(197) Este vocábulo é empregado, nos sertões dos Estados do Piauí e Maranhão, na acepção de coisa engenhosa. Creio, salvo melhor juízo, que “ingresia” se relaciona com objetos feitos por inglês. Como do espanhol se formou espanholada, não será absurdo — com licença dos senhores filólogos — que do inglês, mudado o “l” em “r”, tenha saído “ingresia”. O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, bem informado das coisas do Norte, registra o vocábulo com outras acepções: “Ingresia s.f. Linguagem arrevezada e ininteligível; barulho; berreiro; confusão”. Por onde andei jamais ouvi o termo nessas acepções.

das chuvas. Duas vezes por mês o "gaiolinha" republicano, "15 de Novembro", amarrava no porto da Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt.

Na estação sêca êle aparecia — quando aparecia — uma vez por mês. Em verdade, navegação no Alto-Parnaíba no estio, ou melhor, nos meses em que não chove, é uma temeridade. O Segundo Império, como já expliquei, encarregou o notável engenheiro Gustavo G. Dodt de estudar a navegabilidade do Parnaíba. O ilustre engenheiro fez um estudo completo, indicando as obras necessárias à navegação do rio, principalmente em relação às cachoeiras. Creio que as obras não foram executadas de acôrdo com o plano traçado, pois as condições de navegabilidade, quando o rio está baixo, são muito precárias. Certa ocasião, ao regressar de Santa Filomena onde fôra trocar dinheiro, o naviozinho bateu numa pedra da "Apertada Hora", e só não fomos ao fundo porque, com a velocidade em que ia o navio, encostámos na barranca do rio. Não resta dúvida, navegar no Alto-Parnaíba durante a sêca é não contar com a desgraça. Durante essa estação eu recebia correspondência de minha família, em São Paulo, com um atraso desolador: às vezes demorava mais de dois meses. No fim das contas, quando Mãe me informava que todos estavam bem, eu me perguntava: "e nêste dois meses, que terá acontecido?" Esses pensamentos perturbavam a serenidade que eu deveria ter para enfrentar e resolver os problemas concernentes à tarefa que me havia imposto. Por isso procurava dissipá-los de minha mente, com as preocupações do trabalho ou estudo e observação da vida e costumes da gente daquelas paragens.

Um dia, de manhã, recebi a visita de uma velha que desejava vender-me um papagaio.

— Minha boa senhora — fui-lhe dizendo sem preâmbulos — não posso comprar mais papagaios. Tenho cinco papagaios e uma araruna, a senhora não acha que é muito papagaio?

— Eu vendo barato, seu dotô. São só dois.

— Dois!

— Nhor, sim. Vendo a 10\$000 cada um. Falam cuma quê. Estô percisando dêsse dinheiro prá comprá mezinha prá minha fia que tá doente. Móde isso que eu vendo os bichinhos.

Pensei um pouco, e achei melhor comprar os papagaios da velha, porque no fim das contas eu terminaria dando mesmo os 20\$000.

— Está bem. Como a senhora diz que os papagaios são muito faladores, fico com êles.

A velha ficou contente, e, como era também muito faladora, deu com a língua no céu da bôca que não parou mais. Sabia resas fortes “prá fechar o corpo” e simpatias para curar mil e uma coisas. Eu, naturalmente, puxava pela língua da velha.

— Seu dotô conhece a mezinha prá tirá só da cabeça?

— Tirar sol da cabeça?

— Nhor, sim.

— Não conheço, e nunca ouví falar nisso.

— Depois, eu sei.

— Então, conte lá.

Ela contou mais ou menos assim, o que, para ser mais inteligível, explico com minhas palavras:

Quem tem sol na cabeça, quando o sol nasce começa a dôr e sòmente termina quando êle desaparece nas Ave-Marias.

Remédio: coloca-se uma toalha na cabeça do enfêrmo e sôbre ela adapta-se uma garrafa de água até o meio, de tal sorte que a toalha lhe tape a bôca sem

deixar o líquido sair. O curandeiro fica atrás do doente, que se conserva em pé, e apanha a garrafa sempre de boca para baixo apoiada na cabeça do paciente e reza, fazendo com o polegar da mão direita sete cruces e sete vezes repete a seguinte oração:

*"Deus é luz,  
Deus é claridade,  
Deus é quem cura  
Esta enfermidade"*

Nas primeiras benzeduras a água começa a ferver. É o sinal da cura: "é o mesmo que tirar a dor com a mão".

Outros remédios:

Para certas dores, como, por exemplo, no pescoço, atrás da orelha, a mézinha é esta: tomar o barro da casa de marimbondo e amassá-lo com azeite de mamona e colocar no lugar dolorido.

Para reumatismo, mata-se um cascável e corta-se um palmo da cabeça e um da cauda, e come-se o resto.

Para tuberculose (o sertanejo não usa este termo, mas, sim: ético, tísico ou doença do peito): óleo de sucurujú.

Fortificantes: pau de sangue e óleo de pequi.

Feridas bravas: folha de lima e abóbora cozida.

Para cortar febres: golda da casca de jamburandí. Se se der em excesso o doente morre. A golda do peireiro (uma euforbiácea) também serve para cortar febre.

Para constipados e dor de olhos 20 bagos de pinhão de purga (euforbiácea, *Jatropha curcas*).

Moléstia preta (grangrena) na ferida não tem cura.



A velha, amarrando o dinheiro da venda dos papagaios no lenço, não parava de me ensinar remédios para isto e para aquilo. Era, além do mais, incentivada pela curiosidade que notou em mim em relação às coisas que me contava. E dava gosto ouvi-la em seu pitoresco linguajar:

— Vô lhe contá o sentoma de um páu prá curá bichas de vantage que admira. O páu se chama gamelera (198). É remédio também para amarelão.

E continuou mais ou menos assim:

*Cajui de chapada*: é vomitório. Toma-se a raspa da entrecasca, desmancha-se na água, cõa-se e bebe-se. Tem “calibre” de gente que vomita logo; outros precisam beber um pouco de água quente.

*Mata-cachorro* (planta da família das Flacourtiáceas serve para curar a pira. Tem “calibre” de gente que não “arreseste”, racha a pele. O *Jiló* (*Solanácea*) também serve para curar a pira. Corta-se a fruta e esfrega-se com ela o corpo da pessoa doente. Arde de tal sorte que a “freguês” tem que cair na água.

*Paulista*: é aplicada nas indigestões e em gente que leva pancada que quer “virar postema”. Corta-se a fruta em 4 pedaços, bota-se numa panela com água e leva-se ao fogo. Depois de uma hora está pronto o remédio. Prepara-se também o “lambedô”: depois da água ferver com um quarto da fruta, tira-se esta e coloca-se rapadura na panela e mexe-se até “dar ponto” de mel grosso. Toma-se uma colher das de sopa por dia.

*Para mordedura de cobra*: sumo de cruá (*Sicana odorifera*) e penas torradas das asas de perdidz; cabeça

---

(198) Sob o nome popular de *gamelera* são conhecidas diversas espécies de *Moráceas*, tais como: *Gamelastra branca* — *Ficus doliarica* Mart. G. de veneno — *Ficus atrox* — e G. da lumbrigueira — *Ficus radula* Willd. Será esta última o remédio da velha?

de cachimbo quebrado e misturado com água. “Abaixo de Deus é o que cura.” Outro “exemplo”, também, para curar mordedura de cobra é o fogo.

*Refrescos: Maria-mole (Cassia alata)* é um refresco “munto” gostoso (eu não degustei). Prepara-se ‘assim: cozinha-se a flôr e depois junta-se raspa de rapadura no caldo.

*Fruta de crotá (Bromeliácea dos gêneros Ananas):* o caldo da fruta adoçado com rapadura dá uma garapa saborosa.

*Cipó-de-escada:* é um refresco diurético. Modo de preparar: soca-se o cipó num pilão e deixa-se de infusão um certo tempo. Depois cõa-se e adoça-se. Tem um sabor que lembra a gengibirra.

Enquanto a bôa da velha ia, com prazer da minha parte, enumerando os remédios para grande parte das moléstias que afligem a população sertaneja, perguntava eu aos meus botões: que remédio será êsse que a velha quer comprar com o dinheiro da venda dos papagaios? Em todo o caso, não quis ser indiscreto, pois não seria de extranhar que o remédio fôsse a “milagrosa” cachaça — milagrosa, sim, porque ela é empregada pelos nossos matutos nas mais diversas e contraditórias finalidades: é o veículo obrigatório dos medicamentos que constituem a terapêutica caipira; serve também para refrescar quando faz calôr e esquentar quando faz frio.

Com um “até outra vista”, a velha partiu, prometendo-me que qualquer dia voltaria para me contar mais coisas sôbre a vida dura do sertão. Apesar de sua promessa, nunca mais voltou. Contudo, a velha estava sempre presente em seus papagaios.

Uma tarde, antes da Ave-Maria, quando as aves vôam à procura de seus pousos prediletos, deu-se um fato engraçado ou que outro nome mais adequado possa

ter. Bandos enormes de papagaios, vindos do lado maranhense, passavam sôbre a nossa séde soltando seus estridentes gritos: grác, grác, grác. Os papagaios de casa respondiam da mesma maneira: grác, grác, grác, num alarido infenal. Nisto, desde o meu quarto, que era também meu escritório, ouvi entre aquela algazarra uma voz que dizia: "Cala bôca, cala a bôca, filho da..." Surpreendido, prestei melhor atenção para certificar-me de que ouvira bem. E repetidas vezes ouvi: "Cala a bôca, cala a bôca, filho da..." Indignado fui vêr quem era o atrevido que tinha o dispudôr de proferir aquelas palavras imorais.

Qual não foi, porém, minha surpresa ao verificar que era um dos papagaios da velha, que procurava impôr silêncio aos seus barulhentos companheiros com aqueles palavrões.

— Bôa mestra tiveste, meu pândego — disse eu acenando para o papagaio. E voltando-me para o pessoal da cozinha, que mal podia disfarçar a risota impudica, acrescentei: — Tirem êste papagaio malcriado daqui e levem-no para o paiól. Assim foi feito.

Pouco tempo de vida teve o papagaio xingador. Uns vinte dias após o que sucedera, vieram comunicar-me que êle estava "deitando sangue". Fui vê-lo, e constatei que era exata a informação. Estava morrendo. Tive dó do pobre animalzinho. Contudo, logo que morreu, mandei incinerá-lo, pois não seria descabido desconfiar de uma infecção microbiana, de um agente qualquer patológico, diante do desfêcho fulminante da enfermidade (199). Ou então, provàvelmente, o louro tagarela tinha saltado do puleiro sem se lembrar que

---

(199) Tratar-se-ia da moléstia infecciosa, mais tarde descoberta na Alemanha, conhecida pelo nome de *psitacose*. Esta entidade mórbida específica das aves trepadoras, pertencentes à família dos *Psitacidaeos* — papagaios — é transmissível ao homem.

não podia contar com as asas cortadas, e o acidente lhe foi fatal.

A bôa velha, quando me vendeu o papagaio em questão, naturalmente não pensou que êle fôsse “fazer feio na casa do seu dotô”. Certamente ficaria acanhado e não soltaria aqueles palavrões. Os nosos caboclos — e também gente fina dá cidade — dão agudo raciocínio aos papagaíos. O vasto anedotário sôbre os nossos psitacídeos confirma eloquentemente o que acabo de dizer. As observações que tenho feito me autorizam a concluir que os papagaios são muito inteligentes e vão além do instinto natural. Às vezes praticam certas ações reflexas que mais parecem raciocínios elementares.

Tenho um papagaio que me diz “até logo” quando me vê sair de casa, e “bôa tarde”, ao me vêr chegar. Êste “bôa tarde” é invariável, qualquer que seja a hora do dia ou da noite. E já não é pouco para um papagaio.

Voltando aos remédios e simpatias usados nestas redondezas, vou consignar mais alguns que me parecem interessantes.

*Hidrofobia:* Para curar a raiva coloca-se na boca do enfermo a chave do sacrário da igreja. O matuto que me ensinou essa simpatia informou mais: — “A criatura, sendo mordida por um cachorro espartado, e não sendo tratada com as chaves do sacrário, na primeira lua depois da mordedura apresenta o mal. Também pôde endoidá depois de sete anos.”

*Formigueiro:* Para matar formigas procede-se da seguinte maneira: ao espocar um formigueiro na roça, no quintal ou dentro de casa, o morador espera que passe pela estrada ou rua um indivíduo amancebado (sic), e, com todo o cuidado, apanha a terra do rasto — a que foi calcada pelos pés do amancebado — colocando-a numa cúia, que, em seguida, é despejada nos

olheiros do formigueiro. Acaba completamente com as formigas. Dizem que essa simpatia é o "inzempro" (200), isto é remédio infalível na extinção do dano himenóptero.

*Efeitos maléficos causados pelo eclipse solar:* Eclipse, para os sertanejos, é o que se dá com o sol. Quanto ao da lua nunca ouvi referência.

Como todo efeito tem uma causa, e se esta escapa à percepção de seus minguados conhecimentos, êle não vacila: joga a culpabilidade às costas largas do eclipse. Quando o algodão, *verbi gratia*, fenece sem causa aparente para o agricultor, o eclipse tal é o responsável. Daí a necessidade de preservar as plantações de seus malefícios. Assim sendo, depois do eclipse os matutos pulverizam o algodão com cinzas da fogueira de São João, e assim ficam a coberto da ação fatal do fenómeno astronômico.

Qual a origem d'essa abusão? Liga-se-á à ação da luz solar sobre as leguminosas? Explico-me: à noite as leguminosas fecham os folíolos e de manhã, ao raiar da aurora, abrem-se e assim ficam o dia inteiro banhados da luz a fim de que se realize a função clorofiliana em toda a sua plenitude. Nas grandes eclipses solares, assim como as galinhas procuram os puleiros, as leguminosas, "acreditando" que já é noite, dobram seus folíolos. É bem possível que os sertanejos tenham observado essas coisas, e daí a suposição de que o eclipse seja o flagelo das plantas cultivadas.

*Amuletos:* para máus olhados, dente de jacaré. Para proteger a dentição, pata de jaboti.

*Oração para curar bicheiras:* apanham-se três folhas de uma árvore qualquer e abre-se-lhes um furo no meio: depois toma-se uma e, visando-se a bicheira pelos orifícios delas, pronunciam-se estas palavras:

---

(206) Corruptela do vocábulo *exemplo*, e é aplicado na aceção de eficaz, paradigma de remédios específicos.

"Bicheira maldiçoada, os bichos que te comam e que te cáiam, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Assim como esta folha é verde e sêca, bem assim secará esta malvada bicheira, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Amem."

O rezador, à medida que vai rezando, joga as folhas para trás, por cima do ombro.

Às vezes parece que a reza deu certo e então proclamam, vitoriosos, o efeito milagroso da cura; outras vezes a bicheira continúa num crescendo que vai até a morte do animal. Nêsse caso — como a reza é infalível — houve uma falha da parte do curandeiro, ou falta de fé.

Se a matuto conhecesse a biologia da mosca, cuja larva é o bicho das bicheiras, encontraria explicação natural para o fenômeno, saberia por que os bichos caem e a "maldiçoada bicheira sêca".

Não são necessários grandes conhecimentos científicos para encontrar-se o "x" do problema; basta conhecer os elementos de entomologia. Este ramo da zoologia estuda os insetos, quer do ponto de vista da taxinomia, quer no que diz respeito à biologia, ensina que a mosca é um díptero (ordem dos insetos que possuem duas asas) e que é inseto de metamorfose completa, isto é, que seu ciclo evolutivo tem quatro fases distintas: ovo, larva, ninfas e imago ou inseto perfeito. Isto posto, vamos estudar o que se passa na bicheira. Esta nada mais é do que o ataque de larvas das chamadas vulgamente *varejeiras* (201). As moscas *varejeiras* depositam nas machucaduras ou mucosa dos animais seus ovos ou mesmo — conforme o gênero e a espécie — as pequeninas larvas. Estas não perdem tempo: segundos após seu nascimento atacam os tecidos

---

(201) A *Cochliomyia macellaria* é uma das várias moscas varejeiras conhecidas pela ciência.

expostos pelos ferimentos (os matutos dizem então: "deu bicho na ferida"). As larvas, findo o período larval, abandonam a ferida, caem ao solo e aí se transformam em ninfas, que por sua vez se transformam em insetos perfeitos, as moscas, prontas para perpetuarem a espécie à custa dos pobres animais feridos.

O homem também é vítima do terrível díptero. Conheci um colono que morreu em consequência de uma bicheira no nariz. O infeliz tinha o hábito de fazer sesta na roça. Com certeza, numa dessas ocasiões a varejeira depositou-lhe os ovos ou já as larvas, o que é mais provável, nas fossas nasais. (202).

Vamos, leitor amigo, tirar as conclusões do que acima ficou dito: se as larvas terminaram o período próprio sem atingirem órgãos vitais de seus hospedeiros, e sem que novas deposições tenham sido feitas por outras moscas, ao deixarem a ferida esta secará "como a folha que era verde e secou". neste caso a simpatia foi positiva, foi um "inzempro". Se, porém, as larvas penetrarem órgãos de que a vida do animal dependa, hipótese esta favorecida por novas e sucessivas deposições de ovos ou larvinhas, o animal atacado morrerá: neste caso houve imperícia do curandeiro ou falta de fé.

Procurei explicar essas coisas com palavras simples e do modo mais objetivo possível ao caboclo que me ensinara a oração para curar bicheira. Num dos ganchos da parede do seu rancho ví uma lata de creolina, e então indaguei-lhe para que servia aquele desinfetante.

— Prá curá bichera do imbigio do bezerto novo,  
— respondeu-me sem vacilar.

---

(202) Humberto de Campos, em suas "Memórias" cita o caso de um seu professor que fôra portador de uma bicheira no nariz. Restabeleceu-se.

— Mas, amigo — disse-lhe eu com certa malícia — para que o senhor gasta dinheiro com isso, tendo a reza que também cura?

— Prá bichera no ímbigo a simpatia não dá bão — respondeu-me cândidamente.

Então eu lhe fiz vêr que êsse era o caso da segunda hipótese, e aconselhei-o a que empregasse sempre a creolina. Assim procedendo não se afastaria da divina providência, porque toda a sabedoria dos homens emana de Deus.

Enquanto colhia essas crendices populares — que constituíam o meu passatempo — os trabalhos agrícolas e o de instalação da vila seguiam a passos acelerados. Frequentemente apareciam pessãoas pedindo trabalho com fim especial de se instalarem na nova moradia. Certo dia recebí uma visita singular: era uma senhora que vinha pedir morada na vila. Disse-lhe que, infelizmente, a verba destinada às construções já estava escassa, e portanto não podia atendê-la. Não podendo sopitar minha curiosidade perguntei-lhe:

— A senhora pode dizer-me por quê deseja morar aquí?

— Posso, nhô, sim. Eu sô casada e tenho quatro fios. O meu marido é trabaiadô, mas, quando êle bebe tiquira, não hai que se apulume em casa. Bate nas crianças e termina espancando-me também. Móde isso, a minha vida é cuma um inferno, com perdão do máu ensino. Lá nas banda que nós mora chegô a notícia que aquí no Riachão é puribido bebê esprito. Antonces eu disse pros meus fios: vô vê se arranjo uma morada prá nós lá no Bão.

— A senhora mora muito longe daqui?

— Moro, nhô, sim; bem umas 10 léguas.

— Veio a cavalo?



— Nhô, não. Vim nas minhas pracatas. A necessidade ensinô sapo a pulá.

— Como? Lá no Bom, disse a senhora?

— Nhô, sim. O povo só chama êste lugar assim. Inveis de dizê Riachão, todo mundo diz: lá no Bão.

O que acabara de ouvir enchera-me o coração de alegria. E a cabocla continuava, mais animada, talvez por ter notado, pela intuição — o sexto sentido — peculiar às mulheres, qualquer que seja sua condição social, que o baluarte vacilava:

— Por seu favô, me arranje um cantinho móde eu mais meus fios e marido morá.

— Está tão difícil.

— Vossoria há de dá um jeito. Meu marido quando bebe não é nem gente e quando tá são é trabaiadô, é um fio de ôro.

— Bem — respond, vencido pela súplica da pobre mulher —, vou dar um jeito, como me pede; mas a senhora e os seus terão que ajudar na construção da casa.

Agradeceu e partiu alegremente em busca da família e dos seus “terens”.

A lei sêca por mim implantada na Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt estava produzindo bons resultados. A minha vida nesses sertões era qual um livro novo em que eu lia a cada hora que se passava novos e interessantes capítulos.

De quando em quando, e sempre que se fizesse necessário, mandava ensilhar o tordilho e seguia em viagem de inspeção ao Boqueirão e ao Ataláia.

No Banguê fui vêr a colheita de arroz, que foi plantada em fins de novembro de 1917. Setenta e dois litros de sementes produziram 10.750 litros; portanto, 146 vezes mais. Foi um rendimento fora do comum; apesar dos bandos de jandáias e periquitos, que

nestas regiões constituem verdadeiras pragas agrícolas. O rifão popular que diz: papagaio come milho e periquito leva fama, no Banguê perdia seu significado, porque os periquitos, que são mais numerosos, justificam perfeitamente a fama proverbial. Eles levam a fama, mas também comem o milho e o arroz. Uma praga, os periquitos. Ia-me esquecendo de apontar como tal o *Chico-preto* (uma espécie de *vira*), que em bandos numerosos, ataca os arrozais. Os espantalhos não lhes causam sobrosso.

No Ataláia o algodoad estava sendo atacado pelo *curuquerê Alabama argilacea*, praga que aparece onde quer que brote um pé de algodão. Entrámos em luta renhida com os inimigos naturais das plantas cultivadas.

No algodoad da Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt, lugar onde nunca se havia plantado, no dia 3 de março de 1918 apareceram as lagartas do *curuquerê*. Coloquei algumas em observação e no mesmo dia se transformaram em crisálidas. No dia seguinte, à tarde, as ninfas estavam perfeitas. A 15 do mesmo mês, portanto, onze dias depois, as borboletas saíram. Não havia dúvida possível: tratava-se da célebre *Alabama argilacea*. Organizei as turmas de combate às pragas, e em pouco tempo os algodoeiros foram pulverizados com *verde-París*, ingrediente de que dispunha na ocasião.

Mal me havia refeito do susto e trabalho que o *curuquerê* me causara, quando notei — 16 de julho de 1918 — a lagarta rosada atacando as “maçãs” dos algodoeiros. (Lagarta rosa — *Platyedra gossypiella* Saund). Como teria sido possível o aparecimento de mais essa terrível praga, se as sementes enviadas pela Estação de Coroatá, Maranhão, foram devidamente expurgadas? Era a pergunta que me não cansava de fazer de mim para mim diante do micro-lepidótero,

que, embora pequenino, ou talvez por isso mesmo, constitui um inimigo difícil de ser combatido. Contudo, não esmorecí e, resoluto, entrei na luta, que tinha, além de tudo, uma circunstância especial. Eu, elemento novo de progresso, não podia fracassar como, graças a Deus, não fracassei aos olhos daquela gente que me julgava um super-homem, "home do Sú", que para êles queria dizer qualquer coisa de portentoso. Como prova do que acabo de afirmar, citarei alguns trechos do que escreveu o Dr. Agenor Augusto de Miranda em seu notável livro — "Estudos Piauienses" — nas páginas 162, 163 e 164 (203):

"Dos trabalhos agrícolas dos anos de 1918 e 1919, há as seguintes referências (Relatório da Companhia: êste parênteses é meu): "o algodão que temos produzido foi classificado no Rio de Janeiro, pelo falecido Comendador Cunha Vasco, como sendo alvo, macio, sedoso e resistente, de fibra bastante longa para tecidos n.º 40. Nos Estados Unidos, foi reputado igual ao Egito e uma firma portuense solicitou o privilégio da importação exclusiva daquela qualidade de fibra."

"Continuamos, porém, a nos esforçar por melhorar cada vez mais as novas culturas que temos feito, por meio de seleção e investigação cuidadosa, na esperança de que conseguiremos fixar um tipo uniforme, que será assinalado pela marca "T.A.P." que já se acha registrada."

"Em 1919 foi alcançado mais o seguinte: as primeiras remessas de pluma fizemos para Liverpool, que logrou as seguintes referências da firma Stawett & Cia.: "algodão branco e bonito, boa côr e muito bom, grau regular, boa fibra". "Temos certeza, acrescenta a citada firma, que esta classe de algodão en-

contrará venda pronta. Servirá para os fabricantes de Lancashire, admiravelmente, em virtude da fibra de que poderíamos dispôr em qualquer quantidade. Em qualquer época êsse algodão encontrará melhores preços aqui que no Rio de Janeiro. É nossa opinião que Vossas Senhorias podem exportar tal algodão com inteira confiança e em qualquer quantidade.”

“Transcrevendo a informação supra, o Senhor Simão da Costa (Presidente da Companhia), acrescentava, de Belém: “para bem se compreender o valôr dêste atestado, é preciso saber-se que aquela firma enviou, ao Brasil, um perito em fibra de algodão e que, tendo procurado em Recife e Rio, as amostras mais perfeitas que foi possível obter com classificação de Seridó e Alto Sertão, todas essas amostras foram reputadas muito inferiores às que foram colhidas no Pirajá e enviadas, por mim, para o nosso govêrno. Creio que, por enquanto, não devemos bater muito a língua. Mas é justo que o nosso amigo Iglésias (Francisco de Assis Iglésias, engenheiro agrônomo), conheça êsse resultado, para guardar para si que lhe coube, se for feita por êle, e que sirva de estímulo constante para continuarmos a dita seleção.”

“O empreendimento Simão da Costa, no Piauí, não foi um grito no deserto e os resultados de seus trabalhos, levados fora do Estado, onde foram devidamente apreciados, ficarão como um marco indelével, uma prova real de que o Piauí, rico em pecuária, pelas suas excelentes pastagens, sê-lo-á, um dia, como Estado algodoeiro. Ninguém duvidará disso.”

Ao terminar as citações das palavras dos meus eminentes amigos comendador José Simão da Costa, ilustre português que já entregou sua alma ao Creador e Dr. Agenor Augusto de Miranda, honra e glória da enge-

nharia brasileira, sinto o coração invadido pelo suave sentimento da saudade.

A bem da verdade declaro — e o faço com imenso prazer — que não guardarei só para mim a glória da seleção das sementes do algodão, pois esta cabe em quase toda sua totalidade ao meu ilustre e querido colega de turma — William W. Coelho de Souza, diretor da Estação Experimental de Algodão, Coroatá, Maranhão, grande especialista na matéria e a quem o Brasil muito deve nêsse setor agrícola.

Pingando o ponto final nesta digressão, voltemos, leitor paciente, às fainas agrícolas. Dentre as culturas que integravam os campos da Companhia, não posso olvidar a da mandioca, pela sua importância intrínseca e por constituir base da alimentação do sertanejo: com farinha de mandioca e rapadura êle quebra o jejum, com farinha e carne almoça e janta.

Mandioca — *Manihot utilisima* Pohl. No sul do país, Estado de São Paulo, o roceiro distingue duas espécies de mandioca: a brava de que faz farinha e tapioca, e a mansa que serve para ser comida diretamente, sob várias modalidades.

Para o agricultor nortista, mandioca é sempre a venenosa; a mansa, não venenosa, é designada pelos nomes de *macaxeira* ou *macaxea* e *aipim*.

Sete são (sete é conta de mentiroso, mas o caso em aprêço garanto que é verdade) as variedades de mandiocas que encontrei no Alto Parnaíba. (Quando digo Alto Parnaíba incluo as regiões banhadas pelo magestoso rio, quer do lado do Piauí, quer da banda maranhense):

1 — *Mandioca babú*: esta variedade é mais comum porque produz em pouco tempo: plantada em outubro, doze meses depois pode ser colhida. Dá farinha alva e de boa qualidade e tapioca (amido) abundante. Tem

o brôto terminal vermelho e as outras folhas verde-escuras. As raízes chegam a alcançar até 5 quilos.

2 — *Mandiôca mansa*: esta variedade é tardia: só pode ser colhidas após 2-3 anos. Sua farinha é alva e bôa. A tapiôca é abundante. Tem as manivas (galhos) e folhas roxas. Prefere terras enxutas e arenosas.

3 — *Mandiôca manipeva*: é tardia também: pode ser colhida do segundo ano em diante. A farinha é branca e um tanto amarga. Quanto à tapiôca, produz mais do que as outras variedades. As raízes crescem muito, chegando a pesar mais de uma arroba! Manivas e folhas roxas. Estas têm 4 lóbulos.

4 — *Mandiôca najá*: em 12 meses dá colheita. Farinha amarela. A porcentagem da tapiôca é menor do que as outras. Manivas vermelhas e folhas verdes com 5 lóbulos.

5 — *Mandiôca roxinha*: igual à precedente em precocidade, côr da farinha e porcentagem da tapiôca. Manivas roxas e folhas verdes.

6 — *Mandiôca jaboti*: dá colheita de 12 meses em diante. Farinha alva e bôa. Grande porcentagem de tapiôca. Raízes de um metro de comprimento.

7 — *Mandiôca sutinga*: dá colheita em 12 meses. Farinha alva e bôa. Tapiôca, quantidade regular. Maniva roxa e o broto terminal branco. Pouco exigente no que se refere à fertilidade do solo. (204)

Todo matuto tem uma roça de mandiôca, uns mais, outros menos, mas ninguém deixa de plantar êsse vegetal indispensável à sua alimentação. Não foi à-tôa que na sistemática botânica lhe deram o nome de utilíssima, para caracterizar a espécie.

Plantei, como já ficou dito, mandiocais. Enquanto esperava os 12 meses das mais precoces, comprava fa-

---

(204) Estas notas foram por mim escritas em 23-4-1918 na Villa Eng° Doct.

rinha e tapióca de meus vizinhos. Os prêços eram irrisórios mesmo para aquela época: uma quarta (50 litros) de farinha, 2\$000 e uma de tapióca 5\$000. Tapióca, com que faziam os saborosos bolinhos, “bananinhas”, para comer com café pela manhã, a um tostão (10 centavos) o litro! A farinha branca e saborosa a dois vinténs e meio (2,5 centavos) o litro! E que farinha! Ainda com apreciável porcentagem de tapióca, pois os sertanejos fazem questão — vaidade de fabricante — que sua farinha ao ser vendida, levante poeira branca de tapióca.

Quando se aproximava a “desmancha”, fabrico da farinha, de 1918, ofereceram-me a quarta de farinha a 1\$200! Tudo isso por falta de transporte e organização no comércio dos produtos agrícolas.

— Transporte? perguntar-me-á quem passar os olhos por estas linhas. Não dispõem, os produtores, do rio Parnaíba?

— Dispõem, sim — respondo. Mas a questão é que o indefeso agricultor desce o rio numa balsa, digamos com 200 quartas de farinha e 50 de tapióca, balsa cujo feitiu deu não pouco trabalho, para chegar às portas dos mercados ribeirinhos, onde negociantes, ou melhor, traficantes desalmados não se envergonham de oferecer prêços irrisórios pelas mercadorias dos sertanejos. Diante disso, o pequeno agricultor prefere vender o produto do seu trabalho aos negociantes locais, que se encarregam do transporte, porque têm comprador certo em Florianópolis ou Terezina. A tragédia do agricultor é sempre a mesma, em qualquer dos pontos do território nacional: é êle quem mais trabalha e menos ganha. Parece-me que essas coisas não têm remédio, e, assim sendo, apliquemos-lhe a filosofia cabocla: “O que não tem remédio, remediado está.”

Pecuária: neste ramo de atividade agrícola pouco pude fazer em virtude da falta de tempo. Limitei-me a observar a técnica sertaneja e tirar partido dela. No vale do Riachão, embora predomine o capim agreste, forragem pobre, o gado apresenta bom aspecto, naturalmente por que, de Uruçuí para o sul, os riachos não "cortam", isto é, não secam durante a estiagem.

Achei curiosa a organização da boiada em demanda dos mercados consumidores. A boiada divide-se em *malocas* de 150 reses a fim de ser conduzida pelas estradas e evitar o quanto possível o "estouro". Cada maloca necessita dos seguintes homens: um "madrinha" que vai na frente, um "contador" e cinco "tangerinos". Todos vão a pé, com exceção do "contador" que vai a cavalo. Sempre que a boiada passa por um lugar em que haja possibilidade de um boi fugir, o "contador" toca, rápido, para a frente para contar as reses. Um dos "tangerinos" coloca-se em frente do "contador", mediando entre os dois o espaço necessário à passagem de duas ou três reses, e assim, à medida que vão passando, são contadas. Depois de alguns dias de viagem os bois ficam tão "mestres", que todos passam como se fossem carneiros, sem a menor "dificuldade".

Para os compradores de gado que vão de Piauí a Maranhão, o gado que está na margem oposta do Tocantins quase não convém, pois as reses que atravessam o rio, ficam estropeadas e com muito custo endireitam. Se não descansarem numa bôa invernada não "botam" até as feiras. Além disso, na travessia do rio muitas delas morrem, e é preciso, também, pagar os homens que são especializados nesse serviço. O gado situado na margem que fica do lado dos Estados referidos, vale mais 10\$000 *per capita*.

Um rapaz de Uruçuí, comprador de gado em Goiás, contou-me o seguinte episódio: — "Eu tinha um "cabra"



que era danado num aboio. Às vezes, quando todos estávamos cansados e tristes, o “cabra” pegava a aboiar, e alegrava tudo no mesmo instante. A boiada também se animava, e um boi mocho que ia na “maloca”, se apartava dos outros e vinha bater onde estava o “cabra”, e enquanto êle aboiava o bicho não saia do pé dêle como se fôsse um cachorrinho manso. Era bonito de se vêr. Quando nós chegamos na feira me cortou o coração vêr a tristeza com que o “cabra” velho se despediu do boi mocho. Se não fôsse o trabalho, que seria muito, o boi voltaria “mais nós”.

Quando a gente entrega o gado, êle fica preso nos currais, e só é solto depois de bem jejuado: os bois sofrem uns três dias de fome. O “cabra”, então, todos os dias pegava um cabresto, tirava o boi mocho prá fora móde êle pastá: enquanto os outros bois estavam com a barriga no fundo, o mocho estava com o bucho empanturrado. Prá o senhor vêr: o “cabra” tinha êsse trabalho, e no entanto o gado não era mais nosso.

— Por que — perguntei-lhe depois de elôgiar os sentimentos nobres de seu empregado — deixam o gado tanto tempo sem comer?

— Êles dizem que é prá móde isso: o gado estando com a barriga cheia, se espalha e muitos bois tratam de voltar, apois, não acostumam no pasto. Mas estando jejuado êle vai do curral e não quer saber de mais nada a não ser de comer, e quando dá fé já está acostumado no pasto.

Relatei êste simpático episódio do boi mocho para que se veja como é bôa e sensível a alma do caboclo sertanejo.

Informou-me o Sr. Raimundo Nonato dos Santos: Da cidade de Porto, no Tocantins, até Tutóia, uma boiada gasta 98 dias. Os bois comprados a 40\$000 ficaram em Tutóia a 58\$000 *per capita*, e foram vendidos a

83\$000. Não deixou de ser bom negócio apesar do trabalho que deu conduzir, melhor, tanger pelos caminhos, que não passam, em seus longos cursos, de trilhos emaranhados de matos, predominando, às vezes, as juremas de espinhos felinos e agressivos.

Em Goiás o fisco cobrava, *per capita*, machos — 7\$500 e fêmeas — 20\$000. O talão só tem valôr até 60 dias. Quando findava o prazo era preciso fazer uma “safadage” (sic) com o coletor para evitar de pagar duas vezes o direito de exportação.

Do Porto, no Tocantins, atravessava a boiada três rios: o Manuel Alves, que dava váu na sêca, o do Sono e o Balsa.

Um dos tangedores que tomavam parte nessas informações, saiu-se com boa piada:

— De uma feita nós levava uma boiada pro Maranhão. Apois, o rio Itapicurú tava com um alarme de enchente. Não me deu sobrosso, não; metí os bois nágua, e disse: seja lá o que Deus Nosso Senhô quisê. Cortei umas voltas. A coisa era ruim prá se daná. Se não fôsse a minha felicidade doméstica (205), a boiada não passava, não!

Um fato estranho, para o qual não achei interpretação plausível, foi por mim observado depois da primeira “matalotagem” que fizemos nos primeiros dias que acampámos na foz do Riachão, na futura vila Eng.<sup>o</sup> Dodt. Como já disse, os primeiros bois para o fornecimento de carne ao pessoal trabalhador, foram abatidos a tiros, porque não tínhamos curral. Pois bem: à tarde, anós o abate da primeira rês, o gado, pouco a pouco, foi-se aproximando do local da “matalotagem” e, farejando e cavando com as patas dianteiras o chão embe-

---

(205) É muito comum, principalmente entre os sertanejos em contacto com meios citadinos, ouv.rem-se vocábulos sem nexo, como êsse. Eles acham-nos bonitos, e os empregam.

bido de sangue do companheiro morto, soltava plangentes vozes, doloridos mugidos, que mais pareciam lamentações. Impressionado com aquele barulho estranho, fui vêr de que se tratava. Bois e vacas em tórno da grande mancha de sangue da rês abatida, cavavam o chão, farejavam a terra ainda úmida de sangue, levantavam a cabeça e mugiam dolorosamente.

— Que é isso? — perguntei ao vaqueiro Abílio que me acompanhava.

— Os bois estão chorando a morte do companheiro. Vô tocá os bichos daí, porque tão cedo êles não se aquietam, não, seu dotô.

Achei acertada a iniciativa do Abílio, porque, em verdade, aquele espetáculo macabro produziu-me profunda tristeza. À noite, no jantar, não pude comer a carne do boi sacrificado. Aleguei uma indisposição qualquer e limitei-me a saborear uma coalhada branca como um lírio. Esquecendo-me da alegada indisposição, quase esvaziei a terrina.

Como explicar o fenômeno acima? Será que os animais, ditos irracionais, (classificação com que não concordo: para mim, os animais — todos êles! — são mais ou menos racionais) além do instinto de conservação, têm a faculdade de encarar a morte como o término da vida? Deixo aqui essa interrogação para que os sábios, os filósofos a respondam. Eu, em verdade o digo, tive impressão nítida de que aqueles bois choravam a morte do companheiro. Para ser imparcial, todavia, devo consignar também um hábito aparentemente contraditório à observação acima: por carência de cal nas pastagens, o gado, em pleno campo, come os ossos de seus semelhantes que branqueiam à luz fulgurante do sol nordestino. É agora? Só uma idéia me acode à razão: o gado vacum — para terminar estas considerações com um sorriso — conhece intuitivamente

te química orgânica e sabe, portanto, preparar suas rações balanceadas... como dizem os zootécnicos.

Os vaqueiros, de um modo geral, todos os sertanejos têm subtilezas que são praticadas sem discrepância. Por exemplo: para indicar, mais ou menos, a altura de um animal, espalmam a mão em plano vertical e dizem: o bczerro tem esta altura: se se referem a um ente humano, indicam com a mão aberta em plano horizontal: o meu bichinho“ tá é desta altura mesmo. “Bichinho” tem acepção carinhosa. Muitas vczes ouvi o sertanejo pedir água para beber: — “Bichinho, — dirigindo-se a algum menino da casa — tráis um tiquinho dágua aí, bichinho”. Esta expressão carinhosa é empregada até nos meios distintos das cidades em linguagem familiar. É pronunciada com tal inflexão de voz que não há quem resista à solicitação: “Bichinho, tráis um tiquinho dágua aí, bichinho”.

Logo no início de nossos trabalhos o vaqueiro Abílio — o que serviu de contra-mestre da balsa em que figurei, pela primeira vez, como mestre — pediu-me autorização para mandar fazer um “liforme”. O que êle queria era o indumento de couro próprio dos vaqueiros, e por êles designado “liforme”, corruptela do vocábulo uniforme. Ao mesmo tempo aconselhou-me que eu também mandasse fazer um para o meu uso.

— Você não está vendo, Abílio, que não sou vaqueiro?

— Apois, seu dotô, como lá diz o outro: em terra de sapo o jeito é coaxá, Vossa Senhoria não tem cortado volta quando passa a cavalo pelo campo móde os picos do agreste? (206)

---

(206) A semente do capim agreste lembra o arroz agulha, porém, muito mais fina e pontiaguda.

— Não há dúvida. Quantas vezes fui obrigado a apelar do cavalo para tirar picos de agreste que estavam entrando na minha perna como espinhos de ouriço!

— E' isso mesmo, patrão. Não digo que vossoria ande com o jibão, basta só ponhá as calças. O Ribeiro saíra vencedor. Mandeí chamar o alfaiate dos "liformes". Tirou-me as medidas e em menos de 15 dias apareceu com sua obra: O indumento do vaqueiro consta de: chapéu, peitoral, jibão, luvas, calças e botinas. As luvas são simples coberturas para as costas das mãos, que se prendem por uma alça em que passam os quatro dedos e uma fivela no pulso deixando, por baixo, os dedos completamente livres. O couro empregado foi de veado suaçuapara, veado galheiro pertencente à mais bela espécie de cervídeos do Brasil — *Blastocerus dichotomus*. Esta espécie, que é a maior entre os cervídeos brasileiros, tende a desaparecer em virtude da utilidade de seu couro por um lado, e, por outro, à falta de proteção aos espécimes raros da fauna nacional. (207)

O "liforme" de couro de suaçuapara assentou-me como se fôra um terno executado por bom alfaiate. Nas inspeções que fazia a cavalo, ora no Boqueirão do Banguê, ora no Ataláia, as calças — única peça do "liforme" por mim usada — livrou-me dos picos do agreste, verdadeiros espinhos da carne dos cavaleiros.

Aproximava-se o dia da minha partida, sem que eu me apercebesse: estavam contados os dias da minha permanência na Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt. E continuava a trabalhar, entusiasmado com a tarefa que a mim mesmo havia imposto.

---

(207) Mais tarde, na qualidade de Diretor do Serviço Florestal do Brasil, não poupei esforços para proteger flora e fauna brasileira. Deus queira que a semente lançada germine e frutifique.

No dia 29 de junho comprei por 10\$000 um lindo exemplar de cangambá.

A 14 de julho — data gloriosa para a França — capturei uma cobra coral venenosa (*Elaps coralinus*) (208) medindo 0,96 m. de comprimento. Conservei-a em álcool para a coleção do Butantã.

No dia 20 de julho — última nota consignada em meu diário na Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt, o Sr. Alves de Carvalho, morador no Riozinho, contou-me que o Sr. Raimundo Lopes, filho do Sr. José Lopes, morador no Barrero, no brejo do dito lugar, foi acudir um porco que a sucuriú estava comendo, foi atacado pelo enorme ofídio e imediatamente envolto e apertado em sua roscas possantes, e teria sido engulido pela cobra se não fosse a intervenção, incontinenti, do declarante e outros companheiros, que corajosamente mataram o monstro a facção. O rapaz, muito machucado, foi carregado para sua casa. Felizmente restabeleceu-se. Não é à-tôa que o sertanejo tem mais mêdo da sucuriú do que de onça pintada.

Na primeira semana de agosto chegou um "positivo" de Uruçuí com um telegrama de São Paulo. Nervoso, com receio de má notícia, abrí-o. Era Mamãe que comunicava que a mana caçula havia sido pedida em casamento e nada queria resolver sem minha presença. Respirei aliviado. Depois, passando a direção dos serviços ao guarda-livros Sr. Soeiro, dei início aos preparativos de viagem. Em 48 horas tudo ficou pronto: malas com roupas e utensílios meus, gaiolas de acauã e papagaio, caixa com dois cangambás, e finalmente uma caixa com cobras vivas, afora as que levava conservadas em álcool. Entreguei tudo aos cuidados do meu fiél

---

(208) Agora o gênero de corais venenosas passou a ser — *Micrurus*.

Antonio Martins. E, como se de antemão tivesse combinado, o "15 de Novembro" apitou no porto, de subida para Santa Filomena e Vitória. Na volta do vaporzinho, que não foi demorada, embarquei mais o Antonio e a bicharada. Antes, porém, abracei todos os meus auxiliares e trabalhadores. Quando o vapôr deixou a barranca do rio eu, em pé, no tombadilho, acenando um adeus, olhei pela última vez para aquela gente bôa e sincera, e ví lágrimas rolando em seus rostos, ví que choravam porque o moço do sul os deixavam. Quís dizer — voltarei, e não pude; quis conter as lágrimas e também não me foi possível. O vaporzinho, apitando — êle sim, pode dizer Adeus! — entrou na curva do rio e tudo se acabou, ou melhor: o moço do sul seguiu o seu destino.

No segundo dia de viagem estava-me reservada interessante surpresa. Creio que foi antes do almoço. O "15 de Novembro" parou do lado do Piauí, a fim de carregar lenha para sua caldeira. O comandante Leal, sempre muito amável, convidou-me para saltar em terra. Mas, não sei por que, preferí ficar lendo no vaporzinho. O comandante foi, enquanto os marinheiros carregavam a lenha. Nisto apareceu na barranca do rio uma mulher de meia idade pobrememente vestida, olhou-me e perguntou:

— E' vossoria que é o seu dotô?

— Sim. Por que?

— Môde um bicho que mordeu minha fia. O seu Leal disse que vomicê tem mézinha.

Compreendí que se tratava de um acidente offídico, mas queria vêr se a senhora teria coragem de dizer que a filha fôra mordida por uma cobra. Entre os matutos há uma superstição a êsse respeito: se se declarar que fulano foi mórdido por uma cobra, não escapa, morre

na certa. Por isso empregam-se eufemismos como êstes: bicho, cipó etc.

— Bicho mordeu? Que bicho? — perguntei-lhe, fazendo-me de desentendido.

— Foi cipó, seu dotô.

— Piorou. Nunca ví cipó mordeê gente. Cipó, quanto muito póde dar umas “tacadas”, mas morder, nunca ví.

— Depois, seu dotô, na minha fia o cipó mordeu. Vomicê, por seu favô, me dê uma mézinha — suplicava a senhora.

Vendo que não conseguiria demovê-la de seu firme propósito, de séculos de superstição, e penalizado pela aflição, que eu lia em seus olhos, disse-lhe:

— Eu tenho remédio para curar mordedura de cobras. Foi cobra que mordeu sua filha?

Ela fez um leve movimento afirmativo de cabeça.

— Que é que ela sente? Está deitando sangue ou está cega?

— Assim que o bicho mordeu ela cegô, nhô sim.

— A senhora pode ficar sossegada, que eu curo sua filha. Vou preparar o remédio.

A cegueira é o primeiro sintoma que apresenta o envenenamento crotálico. Não havia dúvida: o responsável pela mordedura era uma cascavel — *Crotalus terrificus*.

Munido de uma ampola de soro anti-crotálico e com a seringa devidamente fervida, fui, guiado por um marinho, à casa da vítima.

— Onde está a moça?

— Tá no quarto, nhô, sim.

— Podem trazê-la para cá.

Todos se entreolharam indecisos, sem saber o que fazer.



Eu estava tropeçando em outra crendice: a pessoa mordida por cobra não pôde sair à luz do dia, tem que ficar num quarto escuro. Insisti:

— Podem trazer a moça para o terreiro, que não tem perigo nenhum.

Afinal, obedeceram. Amparada pela mãe a mocinha apareceu. Poderia ter uns 15 anos. Era moreninha e bonita; cabelos castanhos-escuros e crespos; mais gorda do que magra; porte pequeno e rosto oval.

— Não tenha medo, menina — disse-lhe, animando-a — você ficará completamente bôa. Daquí um tiquinho de tempo você estará enxergando.

Enquanto falava, apliquei-lhe a injeção nas costas, entre os omoplatas. Perguntaram-me se uma sua irmã mais velha, casada, em estado interessante podia voltar para casa. Disse-lhe que sim: podia voltar sem nenhum inconveniente. Isso era abusão tôla.

Não sei quem meteu na cabeça do matuto que senhoras grávidas são perniciosas nos casos de acidente ofídicos. Essa crendice, como todas as superstições populares, tem raízes profundas na alma dos tabaréus. Em todo o caso há um jeito para remediar o mal: a senhora grávida vai, pé ante pé, sem ser vista pelo doente, e prega-lhe um susto pelas costas: uuu! Evita-se assim o malefício. Santa ingenuidade!

Com um até “outra vista”, que nunca mais se realizou, despedi-me da família da menina que acabava de receber o sôro anti-crotálico do sábio e benemérito Prof. Vital Brasil. O “gaiola” partiu rio abaixo e nós fomos almoçar.

— Os caboclos ficaram tristes porquê não puderam presentear o doutor — disse-me o Comte. Leal. E’ gente muito pobre. Vive de tirar lenha para os nossos vapores.

— Comandante, dificilmente poderei traduzir em palavras o contentamento, a alegria, o sentimento de felicidade que me invade a alma por ter tido a ventura de salvar aquela vida moça, por ter podido arrancar da morte a filha daqueles pais aflitos. Eles nem sabem o grande bem que me proporcionaram.

— É um belo gesto de altruísmo, doutor.

— Vou pedir licença, para discordar, comandante; em verdade não foi um gesto de altruísmo, mas, sim, de perfeito egoísmo, se considerarmos a satisfação inaudita que sinto pelo ato que pratiquei. Estou règiamente pago, e Deus seja louvado!

Agora, leitor amigo, vamos nós tecer um comentário sôbre essa coincidência notável. Se um romancista tivesse escrito um episódio parecido com o fato que acabei de narrar, que diríamos?

“Pura fantasia. Absurdo rematado. Em pleno sertão, onde nem pó de café os matutos têm para fazer uma xícara da deliciosa bebida, café que o Brasil espalha para o mundo inteiro, como adnitir que na horinha precisa, no momento justo em que uma caboclinha é mordida por uma cascavél, para no porto ao pé de sua casa, um vaporzinho e que nêle viaje um indivíduo trazendo em sua maleta seringa e sôro anti-ofídico, ou melhor, anti-crotálico, específico para neutralizar o veneno da cobra? Pura fantasia. Além de tudo, é preciso considerar que, mesmo no Estado de São Paulo, onde funciona o Instituto do Butantã, 50% das farmácias não têm em estoque o precioso anti-tóxico. Tanto isso é verdade que o Govêrno do Estado legislou no sentido de obrigar as farmácias a adquirirem os diversos soros antipeçonhentos. Como, pois, aceitar tanta coincidência? Ou senão, vejamos: 1.º) alguém é mordido por uma cascavél no Alto Parnaíba; 2.º) um vapôr fluvial pára a fim de carregar lenha, que poderia tomar um lenheiro acima ou abaixo; no vapôr viaja um ex-funcionário do

Butantã; 3.º) êsse técnico tem à mão sôro anti-crotálico, específico no caso de mordeduras de cascavél; 4.º) injeta o sôro e salva a vítima. Quall' E' muita coincidência!"

Apesar dessas judiciosas considerações da crítica literária, se o caso que narrei fôsse mero episódio de novela, a coisa se passou exatamente como ficou dito. Às vezes parece que a vida copia o romance, produto da fantasia humana.

E para terminar êsse "causo sucedido", direi, embora adiantando os ponteiros do relógio, quebrando a ordem cronológica dos fatos até aqui mais ou menos obedecida, direi que, em princípios de 1919, me encontrei na cidade de Floriano com o Comandante do "15 de Novembro" — Senhor Mendes Leal. Perguntei-lhe pelo estado de saúde da mocinha:

— Completamente curada — respondeu-me jovial. O povo lá está engordando frangos e leitões para o senhor.

Ficou assim sastisfeita a minha e sua curiosidade, leitor paciente. Vamos continuar a descida do caudaloso Parnaíba. Em Floriano houve baldeação para o navio, nosso velho conhecido, "João de Castro". Em Terezina tomei a estrada de ferro que liga a margem esquerda do Parnaíba à direita do Itapicurú. Em Caxias embarquei, se não me engano, no "Santo António", que me deixou em São Luís do Maranhão. Finalmente embarquei num dos navios do Loide Brasileiro, tipo grande: creio que foi no "Ceará". Tomei fôlego. E não era para menos: fazer uma viagem tão longa, cheia de baldeações e com o jardim zoológico que levava, não era brincadeira. Felizmente o amigo António Martins cuidava de tudo com carinho e desvêlo.

Mas... esperava-me um aborrecimento: dobrámos o Cabo Frio à noite, e de manhã cêdo apareceu-me o

Antonio, com cara de quem guardou defunto. Fui-lhe perguntando nervoso:

— Que foi, Antonio?

— Foi a acauã que morreu! Ainda ontem de tarde ela comeu carne; tava tão esperta que dava gôsto se vê. Hoje amanheceu durinha na gaiola. E agora?

— Pinche êsse diabo mole no mar com gaiola e tudo — ordenei ao atônito companheiro de viagem, como se a acauã tivesse tido culpa de não aguentar a mudança de temperatura. Ví num momento quase um ano de trabalho perdido, pois meu desejo ardente era levar o lindo falconídeo ao Butantã para que todos, como eu, pudessem vêr o gavião dos boqueirões piauienses matar e comer serpentes. Em todo o caso, restavam-me os cangambás. Passado o choque da notícia inesperada e desagradável, refletí melhor, e dei instruções ao António para conservar a ave morta. Deveria tirarlhe as vísceras e encher a cavidade com algodão embebido em álcool. Talvez desse maneira conseguíssemos fazê-la chegar às mãos do taxidermista do Museu Paulista. Fiquei muito triste, tristeza, felizmente, que se dissipou com a alegria de avistar de novo a saudosa e incomparável silhueta orográfica do Rio de Janeiro.

No dia 10 de setembro, na Sociedade Nacional da Agricultura, a convite de seu presidente, Dr. Miguel Calmon, realizei a já mencionada conferência sobre "Animais ofiófagos." Sem perda de tempo segui para São Paulo: entreguei o material zoológico ao Butantã e fui descansar no seio de minha família.

Vou terminar êste capítulo declarando que não pude resistir à honra do novo convite do meu sábio mestre Dr. Vital Brasil a fim de reingressar no Instituto do Butantã. Assim sendo, desliguei-me da Companhia, que ainda aguardava capitais norte-americanos, que desafortunadamente nunca vieram, para que pudesse ser executado seu vasto programa.

## CAPÍTULO XII

*Nova excursão ao Norte a serviço do Butantã - Cantiga de cégo - "Papa-pinto" - O acidente rábico e o Pe. Malvino - Em demanda do Instituto Pasteur - O tratamento - Morte da "avósinha" - Regresso para a Fazenda Grande - Almôço no arraial Cascavél - Casamento de sertanejos e honras da festa - Revendo a Fazenda Grande. Caçadas de Cangambás - Em Bom Jesus - Orações contra a gripe - As tamareiras do Dr. Rangel - Vocabulário regional - Adeus aos amigos - Brasília Melo - Despedida de "bandeirantes" - Folclore do "Paraiso" - Parnaguá - O litígio da Fazenda das Pedrinhas - Lagoa Parnaguá - Piranhas e garças - Rumo à cidade de Barra - Nas cabeceiras do Curimatá - No divisor de dois grandes rios - Chegada à Barra.*

VENCIDA a pandemia - mundialmente conhecida por Gripe Espanhola - em janeiro de 1919 os meus superiores hierárquicos, Dr. Artur Neiva e Dr. Vital Brasil, entusiasmados pelo cangambá, animal eficiente na profilaxia do ofidismo, determinaram minha volta ao Piauí, com a finalidade especial de estudar *in-loco* os hábitos do animal e capturar mais exemplares para o Butantã.

Em janeiro, sobremodo pesaroso, deixei minha família e amigos diletos, e seguí rumo ao nordeste brasileiro. Depois de excelente viagem marítima aportei em

São Luís do Maranhão no dia 8 de fevereiro. O “São João”, vapor do Loide Maranhense, estava anunciado para sair às 19 horas. Tratei, sem perda de tempo, de comprar a passagem. Procurando certificar-me com exatidão, na agência, da hora da partida, o próprio comandante do vapor informou-me que “sairia lá pelas 22 horas”. Tomei fôlego, e fui jantar sossegado. Às 21 horas, pelo sim, pelo não, estava eu a bordo. O “São João” só partiu às 2 da madrugada do dia 9... Não é à-tôa que os nossos matutos dizem: “devagá também é pressa”.

Nas “Duas Irmãs”, na baía de São Marcos, o vaporzinho teve que esperar a maré. A velha guarita, — monumento histórico — que fica à margem esquerda do rio Itapicurú, a montante da cachoeira, foi completamente demolida para o “aproveitamento” de um punhado de pedras com que fôra construída... É profundamente lamentável que nos falte amôr às coisas do passado, que não saibamos cultivar as nossas relíquias históricas. A História é o alicerce moral de um povo, e sòmente sòbre êsse fundamento poderá edificar sua grandeza.

Em Rosário fizemos baldeações para o “São Paulo”, porque o “São João”, vapor de maior calado, só podia fazer o trajeto entre São Luís e Rosário, em virtude de estar o Itapicurú com pouca água, apesar de estarmos em fevereiro. No pôrto comprei 5 côcos verdes para tomar água, mas fui logrado: estavam tão maduros que já não tinham mais água. Reclamei do vendedor. Êste, mui fleumáticamente, disse-me que não estava “drento dos côcos... por isso não podia saber se tinham água ou não”. Deu-me vontade de atirar-lhe os côcos na cabeça; mas, ao mesmo tempo, achei certa graça na desculpa desaforada do sem-vergonha.

Em frnete do Rosário há uma olaria, no antigo sítio dos Rochas, onde se fabricam potes e quartinhas (moringas) de primeira qualidade. A casa de morada faz lembrar ainda o velho tempo em que havia mais progresso nêsse interior: é um sobrado que atesta a opulência de seu antigo proprietário.

Dia 10 de fevereiro, às 15,30 horas saímos de Rosário debaixo de forte pancada de chuva que durou toda a tarde até às 18 horas. Chegámos a Bôa Vista às 20,30 horas. Nesta localidade há um porto de lenha. Esta é vendida em achas de um metro de comprimento a 16\$000 (16 cruzeiros) o milheiro. A mais comum era a Unha-de-gato, leguminosa, mimosácea, de crescimento rápido.

Aquí fabricam a célebre farinha d'água muito apreciada pelos maranhenses e piauienses. Ela é feita de mandiôca amarela, variedade vulgamente chamada *paruára*.

As plantações estão sentindo a sêca. O arroz plantado nas partes menos úmidas está morrendo, segundo informações que ouvi.

O povo reza para chover. A julgar pelo aguaceiro de Rosário, as chuvas não demorarão a inchar o solo de Bôa Vista.

Vî bandos de "ciganas", ave galinácea, um pouco menor do que o jacú, característica da Hiléia Amazônica.

Dia 12. Coroatá. Chegamos às 14 horas e partimos às 15,30 horas. Tarde quente e cheia de sol. O rio continúa baixando, não obstante estarmos em estação própria de chuvas.

Dia 13. Codó. Chegamos às 10,45 horas e partimos às 18,30 horas.

Dia 14. Amanheceu o céu coberto e ameaçando chuva. Das 7 às 8 horas tomamos lenha num pequeno

porto. No barranco ví grande monte de côco babaçú com casca. No meu diário leio esta nota: "Porque a navegação fluvial não emprega o babaçú em vez de lenha?" Às 12 horas passamos pela barra do afluente da mangem esquerda — Prata, riacho de pouca água, mas limpa e não "corta".

Caxias: às 22 horas aportamos na terra de Gonçalves Dias e Coelho Neto, cidade de que guardo lembranças agradáveis.

Fui saber quando teria trem para Flores — cidade maranhense defronte de Terezina — e informaram-me que, de acôrdo com o horário, no dia 17. Recebí essa notícia com prazer, pois só assim poderia matar as saudades dos meus bons amigos de Caxias.

Na manhã imediata à minha chegada, dia 15, encontrei pelas ruas um cego pedindo esmolos a cantar. Era um tipo de rua bastante curioso. Dei-lhe uma pratinha (a mão esquerda que me perdoe a indiscreção) e pedi-lhe que cantasse a modinha desde o começo:

*"Mandei fazê um liforme  
Bem feito, com perfeição,  
Móde botá na cidade  
No dia de uma enleição,  
E o qual admirô  
Á toda população.*

*O chapéu de arroz doce,  
Forrado de tapióca,  
As fitas de alfentm (209)  
E as fivelas de paçoca  
E a camisa de nata  
E os botão de pipóca.*

---

(209) *Alfentm*: puxa-puxa de açúcar branco.



A cerola de sôro  
 E a calça de coalhada,  
 O cinturão de mantega  
 E o broche de carne assada,  
 O sapato de pirão  
 E as biqueiras de cocada.

As meias de mingáu  
 E os véos de gergelim  
 E as aspas de pão-de-ló  
 E o anelão de bulim (210)  
 As fitas de gordura  
 E as luvas de tocin. (211)

O colete de banana  
 O fraque de carne frita  
 O lenço de marmê (212)  
 E o lecre de cambica (213)  
 O colarim de bolacha  
 E a gravata de tripa.

O relógio de queijo  
 A chave de rapadura  
 A caçuleta de doce  
 E o trancilim de gordura  
 Quem tem um liforme dêste  
 Pode julgar-se em fartura."

Perguntei-lhe como se chamava e respondeu-me que seu nome era: Raimundo Leão de Salles.

.. Seu Raimundo, foi o senhor que inventou êsses versos tão bonitos?

— Nhor, não. Foi um cego cearense que me ensinô.

(210) *Bulim*: diminutivo de bolo.

(211) *Tocin*: toucinho.

(212) *Marmê*: farinha puba — farinha fermentada.

(213) *Cambica*: vinho de buritizeiro — liquido vermelho e adocicado que se extrai do estipe da palmeira *Mauritia vinifera*.

Reinciei meu passeio, e cego entoou, *da capo*, a sua cantiga suculenta:

“Mandei fazê um liforme...”

A medida que o cego ia cantando eu escrevia, a lapis, os versos do “Liforme”, interessante contribuição folclórica, não só pela sua feição genuinamente popular, como também, e principalmente, por ter sido produzida por um pobre cego, cearense, filho dessa “terra de sol” banhada pelos “verdes mares bravios”, onde a inclemência das longas estiagens faz o “retirante” vêr, em sonhos, cacimbas de águas cristalinas e despensas recheadas de manjares suculentos e apetitosos.

Ao longe, bem distante do cego-cantor, ainda ouvi distintamente:

“E o broche de carne assada,  
O sapato de pirão”.

da Comissão de combate à *lagarta rosada*, que a praga chegou quase a dizimar a safra algodeira do município. As plantações deste ano estão sendo atacadas pelo *curuquerê* de tal forma, que alguns cotonicultores já tiveram que replantar duas vezes seus algodoadais!

Às 15 horas caiu forte pancada de chuva, mas durou pouco. Calôr asfixiante. Às 22 horas começou a chover novamente e a temperatura melhorou um “tiquinho”.

Dia 17. O dia amanheceu molhado. Às 6 horas chovia. Todos estavam contentes. Partí para Terezina, onde cheguei às 11,30 horas, com pequeno atraso

chuva a caldeira da locomotiva não consegue atingir alta pressão... razão por que atrasa um pouco.

Hospedei-me no Hotel 15 de Novembro, meu velho conhecido de 1913 quando, pela primeira vez, cheguei a Terezina.

Dia 13. Recebí muitas visitas e as retribuí. Tive a impressão de chegar à terra natal pelo acolhimento cordial de todos.

Dias 20 e 21 choveu abundantemente. A 23, às 5 horas da madrugada, a bordo do "Manuél Tomás", chegou de Floriano o meu querido amigo Agenor, e a convite d'ele mudei-me para o Pirajá, séde da Companhia de que me desligára, porque ví, como os fatos confirmaram, que eram baldados os nossos esforços, mais do que isso, nosso sacrifício.

Dia 26. Muita chuva: estávamos em pleno inverno.

Dia 27. Apanhei, no mulungú, em frente da residência do Pirajá, uma cobra não venenosa que estava comendo uma rã. Choveu a noite toda.

1.º de março. Céu encoberto. Continuava chovendo. O rio Parnaíba aumentava, a olhos vistos, de volume. Águas barrentas. Os umbus estavam ficando maduros. Vamos comer gostosas umbusadas.

Dia 2. Domingo de carnaval. Como o carnaval carioca, êsse também foi chuvoso. Na cidade pouca coisa se notava que indicasse o reinado folgazão do Momo. Ridicularizando o carnaval, ou, melhor, a ausência d'ele, o poeta Jónatas Batista distribuiu, impresso, humorístico soneto.

Dia 3. Enxertei 4 laranjeiras da Baía. As plantações estavam atrasadas: no município de Terezina ainda não haviam plantado arroz.

Dia 4. As margens do Parnaíba amanheceram cobertas de neblina. Enquanto os pescadores pescavam bonitos *piratingas e fidalgos*, eu apanhava um belo

exemplar da nossa já conhecida cobra ofiófaga — *Papa-pinto*, medindo 1,90 metros de comprimento. Como se tratava de uma cobra preciosa, cujos hábitos ofiófagos interessavam à profilaxia do ofidismo e fôsse objeto de estudos, coloquei na caixa, em que a prendí, uma rã branco-amarelada para que lhe servisse de alimento. A papa-pinto quis morder a rã. Esta gritou. Momentos após presenciei um fenômeno de mimetismo curiosíssimo: a rã mudára de côr, tomára a côr da serpente. Vivamente interessado pelo fenômeno, passei a rã para outra caixa e coloquei dentro uns papéis vermelhos. A rã voltou à sua côr primitiva. Coloquei-a, de novo, junto à cobra: em minutos mudou de côr outra vez para se confundir com a de sua inimiga — a cobra (214).

No meu diário encontro esta nota: “Dia 6-3. O mulungú está, desde que cheguei, coberto de folhas verdes. A rã amanheceu morta. A côr que apresentava era amarelo-clara. Conservei-a em álcool formolado.” Não estou seguro se enviei êsse exemplar de rã *mutabilis color*, como o são certos políticos, ao Museu Paulista ou ao Instituto do Butantã. Quanto à Papa-pinto, não perdi tempo: remeti-a viva para o Butantã.

---

(214) A ciência, atualmente, explica da seguinte maneira êsse fenômeno de mimetismo: O medo faz as glândulas supra-renais secretarem adrenalina, e esta altera o tamanho dos cromatóforos da pele modificando-lhe a côr. O que, porém, me deixa intrigado é que a rã por mim observada mudava de côr, confundindo-se com a côr da cobra. Seria mera coincidência? Quando a coloquei noutra caixa ao lado de papéis vermelhos, voltou à sua côr natural — branco-amarelada. Esta última parte concorda com a teoria que explica da secreção da adrenalina pela ação do medo. Os papéis vermelhos não ofereciam perigo, por isso o fenômeno não se realizou. P. M. T. Hartley (Endeavour, Vol. VII, n.º 27, 1948) em artigo sob o título — *El camuflaje animal*, demonstra que a rã, *Hyla arborea*, toma as côres das folhas sôbre as quais permanece pousada. Termina seu trabalho assim: “El animal que ni llama la atención de sus enemigos ni alarma a sus victimas ha dado un gran paso en el camino de una evolución satisfactoria”.

O Dr. Vital Brasil em seu notável livro, tradução francesa, "La défense contre l'ophidisme", (215) assim se refere à comedora do Piauí:

"Au nord du Brésil, il existe un serpent non venimeux, connu vulgairement sous la dénomination de "Papapinto" qui correspond à l'espèce décrite scientifiquement sous le nom de "Coluber corais". (216) Il est ophiophage, selon la tradition populaire, confirmée par l'observation d'un ami qui est mon compagnon de travail. Ce dernier, M. Francisco Iglezias, est parvenu à faire manger un individu de cette espèce en lui donnant des serpents venimeux. Cet ami nous a dernièrement envoyé quelques individus de cette espèce de l'État de Piauh; l'un de ces ophidiens, qui mesurait 2m.35, était malheureusement mort, à son arrivée."

Dia 7. Manhã límpida e sol brilhante. Ao nascente alguns cúmulos de bom tempo, que nessas alturas querem dizer mau tempo.

O inverno estação chuvosa — estava muito incerto, ameaçando ser muito falta de água.

Grande nuvem de moriçocas invadiu a casa. Nos primeiros momentos do crepúsculo, parecia que tínhamos nos quartos um bando de recrutas corneteiros ensaiando toques diversos, tal era o número d'esses perigosos e mais que impertinentes mosquitos. Lá pelas 20 ou 21 horas, elas, moriçocas, diminuíram o barulho; com certeza estavam pousadas. O ruflar das asas é, por assim dizer, o prelúdio do vôo nupcial; depois só lhes resta, às fêmeas, sugar sangue para assegurar a perpetuação da espécie. O meu sangue elas não chuparam. Mandeí queimar folhas secas de cajueiro, por falta de coisa melhor, em toda a casa. Além disso, o

---

(215) 1914. Imprimerie POCAI-WEISS & C. Rue João Adolfo 60 — Saint-Paul. Traduction française par le professeur J. Maibon.

(216) Agora mudou para: *Drymarchon corais*.

mosquiteiro não permitiu que algum recalcitrante me viesse à pele.

Dia 8. Observei as primeiras folhas no algodoad de Pirajá e o curuquerê que o atacava, porém, em pequena escala. As guabirobeiras do campo estavam carregadas de frutos. Aquí, como quando há poucos dias subí o Itapicurú, ví os xexeus nidificando. Esta ave gregária, ao nidificar, enche as árvores de ninhos pendurados, dando àquelas aspectos de árvore de Natal.

Dia 12. Manhã encoberta. Apesar da chuva as águas do Parnaíba baixavam paulatinamente, como que a desmentir o “cabra” que me havia afirmado dias atrás: “O rio bota... é água muita êste ano.

Dia 15. A temporada correu mal para a produção de piqui, fruto do piquizeiro (*Caryocar brasiliensis*). O ano passado “foi piqui prá estruí”. Aliás, êsse fenômeno vegetativo é muito comum: após colheitas abundantes sucedem-se produções escassas. Há um depauperamento do vegetal.

A mangaba também estava vasqueira: raramente aparecia nos taboleiros das feiras.

Quando eu subia o Itapicurú, ainda há pouco, ví muito bacurí — *Platonia insignis* Mart. — fruto de aroma e sabor delicioso. O bacurizeiro é árvore própria da Hiléia; portanto, sua presença no vale do Itapicurú indica que aquela região *sui generis* se estende até as fronteiras piauí-maranhenses.

Domingo — 16, à noite, caiu forte temporal, e no dia seguinte o calor era sufocante. Às 14 horas o termómetro sêco marcava 31.º e o úmido 28.º. A sensação de calôr era maior do que se poderia calcular pelos gráus. registrados. Era calor úmido, calor de autoclave!

Dia 23. Manhã encoberta. No mulungú um casal de sabiá de peito vermelho estava atarefado na ali-

mentação dos filhotes. De quando em vez o macho, para encher de poesia o suave e doce trabalho, cantava, cantava melodiosamente.

Dia 26. Tive o prazer de receber a visita do Dr. Miguel Rosa, ex-governador do Piauí. Conversa vai, conversa vem, passamos imperceptivelmente para coisas e fatos anedóticos, alguns fantasiosos, outros verídicos. Entre êles, o Dr. Miguel contou um que se passou quando êle era governador:

“Um empregado da novel companhia elétrica numa prestação de contas consignou:

— Gastos numa viagem a São Luiz, mas que não se realizou por fôrça maior — 300\$000”.

Ingênuo? Descarado? Quem saberia decifrar? Contudo, não deixava de ter muita graça. Lembrava os contos *del Gran Capitan*.

Dia 28. Fui acompanhar uns amigos que regresavam à Bahia, via São Luiz. Às 12 horas atravessamos o rio que estava bastante cheio. Havia chovido muito e o velho Parnaíba “tinha se danado prá encher”. Onde a correnteza era mais forte a lancha montou num páu que descia “de bubuia”. Felizmente não passou de susto. Na Barrinha, porto de canoas e balsas, ví muitas dessas jangadas e botes descarregando arroz. Uma velha preta, siá Eva, vendia bóia aos embarcadiços. A comida constava de arroz misturado com um pouco de feijão e carne. Vendia os pratos (uma lata das de goiabada) bem cheio a 200 réis, as latas menores, um prato pequeno, a 100 réis. As colheres eram improvisadas com uma lasca de taquara. Depois de esvaziado o prato, cada um descia à beira do rio, lavava-o, enchia-o da água corrente, bebia-a gostosamente como se fôsse uma linfa cristalina e entregáva a vasilha a siá Eva que a enxugava à espera de outro freguês. Lavar o prato não era coisa essencial, pois, notei que muitos

se utilizavam da mesma lata sem aquele cuidado higiênico.

Dia 1.º de Abril. Respondi, penhorado, à participação do casamento do Dr. Eurípedes Aguiar, governador do Estado.

Dia 8. Às 22 horas chegou de Piracuruta um padre italiano — padre Malvino — que ia ser hóspede do meu amigo Agenor no Pirajá. À tarde enfardamos feno de capim e malícia (uma leguminosa), e estava cheiroso que dava gosto. Preparei êsse feno para ensinar o pessoal, principalmente os criadores, como se consegue uma bôa forragem para o período da sêca em que o gado chega a morrer de fome nos campos esturricados pela canícula. Medas e silos subterrâneos seriam a salvação de grande parte da pecuária nordestina.

Apanhei belos maracujás do caramanchão da horta. Os "correntinos", passarinhos canóros, povoam os ares de alegria.

Dia 12 de Abril, sábado, dia de uma dolorosa ocorrência. Eu estava consertando a bomba do poço que nos fornecia água potável. Nisto, passou, vindo da horta, o padre Malvino com o rosto ensanguentado. Sobressaltado, perguntei-lhe:

— Que foi isso, reverendo?

— Una carezza della *Havana* — respondeu-me em italiano.

— Um animal tão dócil como a *Havana* mordê-lo assim, é incompreensível!

Mal tínhamos terminado esse rápido diálogo, a *Havana*, cachorra que pertencia ao Dr. Agenor de Miranda, passou ao lado do poço, onde estávamos, cabisbaixa; rabo caído e aspecto tristonho. Chamei um empregadinho — o Damião — e mandei que prendesse a cachorra na corrente. Ela não reagiu. Suspeitei que estivesse hidrófoba. Ordenei ao empregado que fôsse



buscar um pouco de pão embebido no leite, manjar de que ela muito gostava, e com precaução colocá-lo ao seu alcance. Não poudo comer (um dos sintomas de hidrofobia), e quis agredir uma sua filhinha de uns 4 meses. Dai por diante o quadro sintomatológico se foi caracterizando de mais em mais, de modo que, não havia dúvida possível: a *Havana* estava raivosa.

Disse ao padre Malvino que lavasse o rosto com sabão e depois de enxaguá-lo desinfetasse os ferimentos com iodo, e procurando fazer das tripas coração, pilheirei: — Padre, o que arde cura e o que aperta se-gura.

Quando falei em desinfetar com iodo, lembrei-me que na véspera eu estava brincando com a cachorrinha filha da *Havana* e que me ferira na costa da mão direita numa das suas presas, e havia tomado as mesmas precauções, isto é: lavei as mãos com sabão e cauterizei o ferimento, embora superficial. Levei tremendo choque, larguei a bomba do poço e fui consultar a minha “Enciclopédia Agrícola”, volume de “Hygiene de la ferme”, que por acaso ainda se encontrava na casa do amigo Agenor. Calculei o período da incubação da raiva e concluí que não estava passando muito perigo. O acidente no padre era gravíssimo. Além de tudo fôra mordido no rosto, perto dos centros nervosos. Havia casos, nessas condições, em que a moléstia se manifestava no período até de 15 dias. Passei um longo telegrama ao Dr. Vital Brasil, relatando o caso. Enquanto esperava a resposta, fiz ciente ao padre da gravidade de sua situação. Ele recebeu a notícia com absoluta serenidade, verdadeiro estoicismo. No dia 15, com desusada urgência, recebi a solícita resposta do meu querido mestre:

“Siga Recife a fim submeter-se tratamento apesar pouco provável infecção. Convem esperar e observar cãozinho. Saudações”

Diante dêsse telegrama preparei-me, ou melhor, preparamo-nos para viajar, o padre e eu, pois não seria compreensível que partisse só em demanda de um Instituto Pasteur e abandonasse aquele pobre sacerdote que o destino colocara a meu lado, para juntos enfrentarmos uma jornada cujo término era para ambos lúgubre interrogação. Mas êle não tinha um ceitil para ocorrer às despesas de viagem. Lembrei-me do Governador do Estado. Fui ao Palácio e expus ao meu amigo Dr. Eurípedes Aguiar a situação precária do padre Malvino. O Governador era médico e compreendeu a necessidade de providências rápidas. Mandou chamar seu secretário da Fazenda Dr. Lucrécio Avelino, homem severo e duro que realizava *in totum* o programa rigidamente honesto do Governador. Ouviu-me atento e calado. Enquanto eu falava não percebi a mais leve contração dos músculos de seu rosto. Tive a impressão de estar discursando a uma estátua de bronze. Finda minha exposição, respondeu pausadamente, mas com acento firme: — Estou de acôrdo, desde que o Governador aprove.

Saí do Palácio com o dinheiro no bolso. O padre italiano poderia viajar sem implorar a caridade pública. Creio, para honra do Governador, que essa foi, talvez, a única liberalidade dos cofres públicos piauienses.

Dia 18. Sexta-feira Santa, partí em companhia do padre, rumo ao Instituto Pasteur. Às 13 horas tomamos o trem em Flores, trem que nos deveria conduzir a Caxias, à margem do Itapicurú, onde embarcaríamos numa “gaiola” até São Luiz. Aguardava-nos inacreditável surpresa: o vaporzinho partira uma hora antes da chegada do trem! Como explicar tamanha incom-

preensão do interesse público e dos da própria Companhia que explora o tráfego fluvial? Perguntei ao agente se o navio descera superlotado. Respondeu-me que não, muito pelo contrário. Esse fato irritou-me sobremaneira. Os bons amigos caxienses propuseram arranjar-me uma lancha; mas, infelizmente, não resolveria a situação, porque ela faria somente o trajeto do rio: não poderia atravessar a baía de São Mateus, principalmente o célebre Boqueirão, a fim de aportar em São Luiz. Alguém mais otimista lembrou a possibilidade, quase certeza, de que dentro de 24, no máximo 48 horas, chegaria outro vapôr. Sentí momentâneo alívio. Benditos sejam os otimistas! Não sei por que, humildemente o digo, não sei por que esse espírito do bem não figura entre as bemaventuranças do divino Sermão da Montanha!

Domingo da Ressurreição — dia 20 — apitou no porto o "Victoria"! Em verdade, para mim e o padre Malvino o aparecimento do navio representava uma vitória.

Nem bem me havia acomodado a bordo, percorri o tombadilho para vêr se o meu companheiro de infortúnio estava arrumado. Que ví, Santo Deus! O padre beatificamente sentado e aos seus pés aconchegado um cão de tamanho e côr do *Havana!* Indaguei, arrebatado:

— Que cachorro é esse, padre Malvino?

— Ah, doutorzinho! é *il mio Picciotto* (cuja existência eu ignorava).

— Mas, reverendo, o senhor não sabe que é por causa de um animal dêsses que nós estamos sofrendo e não sabemos ao certo qual será o nosso fim?

— Ma, *il Picciotto* non mórde, dottore.

— A *Havana* também não mordida, era mansa, e mordeu, porque ficou hidrófoba.

— Io non potevo lasciare il mio *Picciotto*; voglio tanto bene al mio *Picciotto!*

Aquela calma, aquela serenidade, venceu meus ímpetos de moço. Comparei a minha à sua situação e ví o velho padre num plano superior ao meu. Êle fôra mordido, profundamente, perto dos centros nervosos, acidente gravíssimo e eu levemente, e de hipotética infecção. No entanto êle “nem móde coisa”, impassível, como se nada lhe houvesse acontecido.

O naviozinho ia descendo em marcha acelerada, que era um gôsto. A contemplação da natureza, dos lugares meus conhecidos, restituiu-me a tranquilidade tão necessária nessas ocasiões e tomei posse complêta de meus nervos. Seja o que Deus quizer, murmurei como uma prece.

Às 16 horas chegamos a Codó. Resolvi fazer uma visita ao meu amigo Sr. Ulisses de Jesus, chefe do expediente da Estação Experimental do Algodão de Coroatá quando eu estudava lá os insetos nocivos e os úteis ao algodoeiro. O amigo Ulisses era pai de uma santa mocinha chamada Flora. Na noite de São João, de 1915, em Coroatá — estás lembrado, leitor paciente? — tornei-me compadre, primo e neto, na fogueira de São João, de muitas e bonitas jovens do local. Em meio ao encantador folgado perguntei à Flora que gráu de parentesco queria ter comigo. Ela, meigamente respondeu-me:

— Quero ser sua avózinha.

— Pois bem — disse assentindo — serei o seu netinho.

Desde aí, sempre que nos encontrávamos, dávamosnos êsse gentil e respeitoso tratamento.

Em fins do primeiro semestre de 1916, deixei definitivamente Coroatá, e nunca mais ví o amigo Ulisses e sua graciosa filhinha.

Então, ao saltar, naquela tarde, no porto de Codó, senti saudade de minha "avózinha". E resolvi fazer-lhe uma surpresa. Fui andando, fui andando pelas ruas arenosas da cidade. Não me lembrava onde ficava a residência da família Ulisses de Jesus. Mas, sem perguntar, continuei andando, ora entrando à direita, numa esquina, ora à esquerda; de repente avistei a 50 metros de distância muita gente em frente de um prédio que deveria ser a morada do meu amigo. Passei por entre as pessoas ali em pé, todas de semblantes tristonhos e atitudes compungidas, como se alguma coisa de grave houvesse acontecido. Entrei. A sala estava transformada em câmara ardente e no centro, sobre uma eça, entre quatro círios, num caixão branco, caixão de virgem, Flora, a minha querida avózinha: estava morta!

Que coincidência, leitor amigo! Não parece até um desfecho dramático artificialmente imaginado?

O "Vitória" apitava chamando os passageiros. Partí profundamente contristado. Não pude jantar. E a noite foi muito comprida. Custou amanhecer.

Na tarde do dia 23 chegaria a São Luiz. Aí fiquei ciente que em Belém do Pará também havia Instituto Pasteur. Neste caso tomaríamos o primeiro vapor do Loide Brasileiro que passasse: se fôsse para o sul, iríamos a Recife, se ao contrário, fôsse para o norte, seguiríamos para Belém. Ancorou no porto o "Bahia" com destino a Manáus. Telegrafei ao Butantã comunicando que seguia para Belém onde havia também um Instituto Pasteur.

No dia 30, às 21 horas chegámos à baía de Guajará. Não pudemos desembarcar. Na manhã seguinte — 1.º de maio — saltamos em terra. Hospedei-me no "Café da Paz" que tinha fama de ser hotel de primeira ordem quanto à cozinha. O Grande Hotel aca-

bava de ser inaugurado. Meu companheiro de viagem, padre Malvino, foi procurar o convento dos beneditinos. Na capital marajoara o velho sacerdote, ao contrário do que sucedera em São Luiz, não encontrou o mínimo apóio da parte das autoridades eclesiásticas. Não comentarei o que lá se passou, porque não é do meu feitio; além do mais, um comentário implica sempre em julgamento, e obediente ao que Jesus recomendou: "Não julgueis, e não sereis julgados" (S. Lucas — 5.37.) não quero julgar.

Mal deixamos as malas no hotel, fomos, o padre e eu, ao Instituto Pasteur. No caminho tive receio de encontrá-lo fechado, pois estávamos no dia 1.º de maio. Felizmente, o diretor, avisado por telegrama pelo Dr. Vital Brasil, aguardava-me para iniciar o tratamento. Às 15 horas tomei a primeira injeção dada pelo Dr. Jaime Aben-Athar. Simultaneamente telegrafei para Terezina indagando como estava passando de saúde a cachorrinha que ficara presa em observação. A resposta foi: "Cachorrinha passando bem". Mostrei o telegrama ao Dr. Aben-Athar, diretor do Instituto, e ele me esclareceu que, em rigôr, não havia necessidade de prosseguir no tratamento; mas, se quisesse continuar, teria a vantagem de ficar imune, à infecção rábica, por dois anos.

Lembrei-me das léguas de sertão que tinha em mira atravessar, e pedi ao médico que continuasse o tratamento, ou, melhor, a imunização. Finda a 18.ª injeção tive alta. O padre, porém, à vista da gravidade do caso, deveria tomar 21 injeções e ficar três meses em observação direta do Instituto Pasteur, pois de um momento para outro o mal poderia aparecer inexorável e fatal.

No dia 18, domingo, despedi-me do Dr. Jaime Aben-Athar, agradecendo-lhe as atenções e gentilezas.

Paguei 90\$000 (creio que se tratava duma taxa) ao Instituto e ao servente ofereci 10\$000 para saborear um assaí.

Descanso à espera do navio do Loide Brasileiro. O "João Alfredo", que já deveria ter chegado, estava retido em Manáus por causa da gréve. Afinal, dia 21, às 24 horas o antigo "Olinda", chegou e no dia seguinte, às 22 horas zarpou para o sul.

O velho padre, pelo sofrimento feito meu amigo, como era de esperar, foi despedir-se de mim a bordo. Confesso que fiquei comovido, e êle, a supôr pelos olhos marejados de lágrimas, não o estaria menos.

Qual teria sido o fim do padre Malvino? Teria morrido? Não, leitor amável, o boníssimo sacerdote, não morreu. Finda a quarentena que a ciência exigiu o padre Malvino regressou ao Maranhão, e em São Luiz foi ser capelão do Asilo da Velhice desamparada. Deus seja louvado.

Dia 23, após fastidiosa viagem em que não pude sair do camarote, às 13 horas, o vapôr ancorou em frente a São Luiz. Uma hora depois estava eu novamente na terra das palmeiras, "onde canta o sabiá". Às 17 horas, acedendo a amável convite, tomei parte num elegante *garden-party*, no Clube de futebol, em que se reuniu a elite maranhense. A lei da compensação não falha, mesmo em sociologia: o bom tempo sucede à borrasca. No finzinho do dia, às 24 horas, embarquei no "Fragoso", sob o comando do Sr. Cabral.

Dia 1.º de junho cheguei a Caxias, às 17 horas. Visitei os amigos Drs. Cromwell, promotor público, e Cometi, diretor da estrada de ferro Caxias a Flores.

Os cajueiros começaram a florescer, ou florar, no dizer pitoresco da gente nortista.

Dia 2 cheguei a Terezina, minha querida e simpática "Chapada do Corisco". Foi meu companheiro de viagem de São Luiz até a capital piauiense o Cte. Gervásio Sampáio, Capitão de Mar e Guerra.

Assim que cheguei ao Pirajá, indaguei da saúde da cachorrinha:

— Como vai a filha da *Havana*, está boa ainda?

— Boa nada — respondeu o menino Damião — três dias depois que seu dotô Agenô mandô o telegrama prá Vossoria, a bichinha se danô que se rasgô todinha. Dava pena de se vê.

E matutei: como foi bom ter continuado o tratamento, embora pouco provável a infecção! Contudo, fiquei com os nervos em posição de sentido. Certa noite, ao retribuir uma das muitas visitas que recebera, saltei do cavalo à porta da casa de um velho amigo. Batí. Um lulú, lindo e branco como um capulho de algodão, surgiu quase a meus pés ladrando estridentemente. Enquanto o diabo esfrega um olho, sem me dar conta do que fazia, chicoteei-o. Pedí mil desculpas, e fui bondosamente desculpado. Lembrei-me do caboclo piracicabano, barriga verde da rua do Porto, que costumava dizer: "Quando a gente fica nervosa, fica de mola, não sabe o que faz".

Sábado, 7 de junho, às 10 horas, partí no vaporzinho "Piauí" rumo a Floriano. Muitos amigos foram deixar-me a bordo. Sentí-me honrado com a presença dos ilustres piauienses Drs. Miguel Rosa e Antonio Costa.

Dia 9. Às 13 horas parámos em Amarante, onde tive oportunidade de trocar idéias com o Coronel Abdão sobre fibras, peles e algodão especialmente. Às 21 horas chegámos a Floriano, onde o amigo Agenor e Mr. Stryler aguardavam minha chegada.



Dia 10. Às 10 horas partimos, os três, para Uruçuí, no "15 de Novembro", que navegava no Alto-Parnaíba. Foi nessa ocasião que o Cte. Mendes Leal me informou da cura radical da caboclinha que fôra mordida por cascavél, e que eu tratei com uma injeção de sôro anti-crotálico. Lembra-se o leitor?

Eram 16 horas quando passámos por Nova-York, pequena cidade maranhense, e já nossa conhecida. Saltei para "desenferrujar" as pernas e vêr se encontrava algum conhecido. Ao lado da igreja havia barraquinhas de jogos: certamente festejavam Santo Antonio. Parei em frente de uma rodinha que um "cabra", de olhos espertos, fazia rodar. Era uma espécie de joguinho usual no interior de São Paulo, que os "sabidos" costumavam anunciar assim: "Chega povo, êste é o joguinho do caipira, quem mais bóta, mais tira." Experimentei a sorte. Cheguei a ganhar 1\$000. O "cabra", o banqueiro mirim, estava suando frio: "tava era aguniado mesmo", como comentou um parceiro. Insisti. Terminei perdendo (era o que eu desejava) 1\$000. Retirei-me satisfeito por ter gozado os apuros do matuto, enquanto êle ficou sorridente, a pedir que eu continuasse.

Dia 12. Chegámos a Uruçuí às 14 horas. Fui à Estação Telegráfica a fim de dar notícias à minha família e ao Butantã. Jantamos em casa do nosso amigo Cardoso, folgazão e acolhedor, aquele que planejou fazer-me comer carne de macaco.

Dia 13. O Agenor continuou viagem para a Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt. Eu permaneci em Uruçuí, pois dessa localidade deveria seguir para a Fazenda Grande, à margem do rio Gurguéia, onde ia terminar minhas observações sôbre o cangambá, assim como capturar e conduzir ao Butantã, o maior número possível desse animalzinho ofiófago.

Lamentei não poder ir, em companhia do amigo Agenor, à Vila Eng.<sup>o</sup> Dodt, rever aquela gente amiga e minhas iniciativas naquele sítio, onde tantas ilusões patrióticas me povoaram a mente, e o coração jovem e bem intencionado.

Em palestra com o Cardoso, êle me contou da tristeza da caboclada por causa da minha partida, e reproduziu uma frase ouvida de um dêles: — “A saída do seu dotô Inguilésio (217) até aribú sentiu”. Tocou-me no fundo da alma êste conceito, aparentemente simples, mas que em verdade traduzia um mundo de coisas: fôra, para mim, o maior elogio ao esforço e sacrifícios que denodadamente empreguei em benefício do progresso do sertão piauiense.

Para o sertanejo, o urubú — que êle nomeia aribú — é um animal desprezível. Pois bem, até êsse ente inferior, que se alimenta de carne putrefata, sentiu a minha saída.

No capítulo antecedente, sem querer imitar a coruja, registrei pareceres de homens ilustres sôbre meu trabalho no Alto Parnaíba, e com maior prazer, pois não é só de pão que vive o homem, consigno aqui o julgamento valioso do sertanejo, que ombro a ombro comigo lutou na brecha que abri para passagem do progresso naquelles ínvios sertões.

Dia 23, véspera de São João. Fiquei até meia-noite assistindo aos festejos joaninos. O mais interessante, como já contei, era a cerimônia de “pular a fogueira”, em que se estreitam laços de amizades, compadrecos e de matrimônio. As festas prolongaram-se até o dia seguinte.

Dia 27. Parti com destino à Fazenda Grande, habitat de *cangambá* (*Conepatus chilensis*) às 16 horas. À tarde “botei abaixo” no pouso “Morro Redondo”.

---

(217) Inguilésio: corruptela do meu nome Iglésias, que os sertanejos raramente pronunciavam bem.

Aquí se deu um fato insignificante, mas que não deixa de ter sua graça. Depois do jantar ofereci um cafézinho aos moradores da casa em cujo terreiro, eu e os meus camaradas, armámos nossas rédes. Café, nessas alturas era bebida rara, e por isso todos repetiram a dose e mandei em seguida, que o Antonio enchesse a garrafa térmica com o resto do café ainda quente, pois assim evitaria os inconvenientes e a perda de tempo em fazer fogo de manhã. Ocorreu-me nesse momento uma idéia jocosa, e, voltando-me para os circunstantes, disse-lhe:

— Os senhores estão vendo essa garrafa que ainda agora meu pajem encheu de café quente?

— Nhôr, sim — responderam todos *una voce*.

— Pois bem — disse eu com ênfase de prestigeador: amanhã bem cedo todos estão convidados a tomar outra xícara de café, que estará tão quente quanto agora.

Todos se entreolharam com expressão de incredulidade.

Quando acordei de madrugada, mal podendo distinguir bem as coisas, ví uns vultos encostados nos esteios do rancho próximo do galho onde o António pendurara a garrafa térmica. Eram os “cabras” que vinham tirar a limpo minha afirmativa da véspera. O dia clareou e eu pulei da réde. Dados os bons-dias, fui perguntando:

— Então, amigos, vieram tomar o cafézinho quente da garrafa que amanheceu ao céu descoberto?

— Nhôr, sim. (Um nhôr, sim, desconfiado)

— António, veja as xícaras e sirva café aos nossos amigos.

Quando o Antonio destapou a garrafa térmica, ouvimos um leve estouro e simultaneamente vimos o vapor d’água, a fumaça do café sair pelo gargalo. O café foi servido, e um dos “cabras”, não se contendo, sussurrou:

— Vigc, êsses home do Sull!

Achei muita graça nesse simples episódio, e para que não fôsse interpretado falsamente, expliquei o porquê da coisa. Não sei se aqueles rudes sertanejos acreditaram na verdade por mim exposta. Caso não tenham compreendido bem, deram certamente, ao que viram, feição sobrenatural, como é corrente nos espíritos menos esclarecidos.

Com um “até outra vista” montei a cavalo e a tropa se pôs em marcha. Almoçamos no “Tamboril” e fomos dormir em “São Francisco”.

Dia 29, domingo — São Pedro.

Fomos almoçar em “Cascavél”. Como era dia santificado resolvi dar folga aos empregados e passar a noite ali. Numa das casas do arraial havia azáfama: uns amarravam entre as árvores do terreiro barbantes cheios de bandeirinhas de papel, outros socavam a terra do piso das salas e quartos, outros, enfim, na cozinha preparavam quitutes e assados. Era festa de casamento. Os noivos e comitiva não haviam regressado ainda da igreja, que não ficava muito próxima. À tardinha, pouco antes de escurecer, ouvi tropel de cavalos e vozerio. Saí ao terreiro, e ví uns 15 a 20 cavaleiros, os noivos à frente, trotando alegremente. A 200 metros da casa da festa, em desabalada carreira, aos gritos que recordavam o ancestral ameríndio, deflagravam ruidosamente suas armas, cujas detonações se confundiam com os papocos de rifles 44 dos convivas que os aguardavam. Tudo isso entremeado de risadas estrepitosas, índice inequívoco de grande alegria. Passados alguns minutos, a manifestação de contentamento daqueles matutos foi declinando até o limite do razoável. Escureceu. Deitado na rêde pensava na relatividade das coisas: quanta alegria em tórno de um fato banal da vida! Nisto, recebí inesperada visita:

vinham convidar-me para comer uns doces e tomar uma xícara de café. Aceitei o convite, pois seria quase uma ofensa se o recusasse. Acompanhado pela comissão que me transmitira o convite, dirigí-me à casa em que eram celebradas as bodas. Felicitei o jovem par e seus pais. A mesa, uma folha de porta sôbre dois cavaletes de páus toscos, estava repleta de doces: bolos, gerimum em calda, doce de buriti, roscas de tapióca, compota de mangaba etc. O café, embora fraco, estava cheiroso. O pai da noiva, que parecia o dono da casa, fez questão que me sentasse à cabeceira da mesa. Chamou-me a atenção, agradavelmente, aquela atitude do velho oferecendo-me o lugar mais conspícuo da mesa, não tanto pela honra que me conferia, que não era pequena, mas pelo que representava de cavalherismo e civilidade naqueles caboclos singelos. A maneira distinta por que fui tratado não ficou no gesto cativante do anfitrião, foi muito além de toda suposição. Terminados os doces, deram início ao baile. A rabeça, os pífanos e os violões entoaram um xerém cadenciado que convidava o corpo a se mexer. A sala estava vazia. Havia uma expectativa em todos os olhares. O noivo, conduzindo a noiva pelo braço aproxima-se do lugar em que eu estava, e num requinte de gentileza convida-me a dançar com ela a primeira contradança. Fiquei perplexo, contudo, sem dar a perceber meu embaraço, saí dansando com a bonita e jovem cabocla. Ela e eu sozinhos. Mais ninguém na sala dançando. E dançava bem a moreninha de corpo esguio, flexível e maneiro. Depois, foi um Deus-me-acuda: todas as moças queriam dançar com "seu dotô, o moço do Sul". À meia-noite aleguei que precisava repousar — o que era verdade — para bem cedo continuar a viagem. Agradecí sinceramente as gentilezas récebidas, e retirei-me acompanhado pelos mesmos que me foram convidar. Às 3 horas da madru-

gada acordei por causa de pessoas que passavam discutindo em altas vozes perto da minha pousada. Uma voz feminina dizia:

— “Desafôro — de mim ninguém faiz pôco, não. Onde já se viu querê supará qualidade de gente: preto numa sala e branco nôtra. Depois que seu dotô foi embora, não ficô branco mais lá, não...”

Assim ia vociferando alguém que fôra diminuído em virtude da cutis mais ou menos escura ou dos cabelos mais ou menos encaracolados. Embora pareça mentira, entre os mestiços há gradações de côres que determinam antagonismos raciais. No Rio de Janeiro já me fôra dado observar êsse fenômeno social, mas em pleno sertão nordestino jamais, a não ser naquela memorável madrugada no arraial de “Cascavél”.

Dia 1.º de julho cheguei à Fazenda Grande às 20,45 horas, tendo saído às 7,30 horas de Aparecida, e descansado, para almôço, em Inhúma, às 10,30 horas.

Foi um imenso prazer que reví tudo: amigos e conhecidos, o bangalô que construí com o auxílio do mestre Amâncio o mestre João, curral e as vacas leiteiras fornecedoras de ótimo leite. Dei início à captura de cangambás. Mandeí o vaqueiro anunciar que pagaria 10\$000 por cabeça. Não houve a menor dificuldade: todas as manhãs apareciam “cabras” com cangambás dentro de côfos. — Por que de manhã? — perguntar-me-á o leitor amável.

— Porque o cangambá é um animal de hábitos noturnos. E’ à noite que êle sai da toca para caçar cobras venenosas que, também, são noturnas. Assim sendo, só à noite, principalmente noite de luar, é que poderá ser apanhado com relativa facilidade.

Os “cabras”, ou melhor, os improvisados caçadores de cangambás, ficavam nus em pêlo, para evitar que o

líquido nauseabundo, que o *Conepatus* solta quando pressente perigo, inutilizasse a roupa dêles.

Como já estava resolvido a fazer a viagem para o Sul a cavalo, mandei um camarada comprar em Uruçuí 4 caixas vazias das usadas para o transporte de garrafas de cerveja. No dia 14 o "positivo" chegou com as caixas. Custaram 16\$000. Foi fácil adaptá-las para o transporte dos cangambás. Mandei o carapina furá-los com páu de 3/4 de polegada, abrir em cada compartimento uma portinhola e colocar-lhes nos topos alças para prendê-las nas cangalhas. Cada compartimento agasalharia um casal de *Conepatus*.

Dia 14. Morreu um cangambá. Tirei-lhe as glândulas secretoras do tal líquido para posterior estudo. No dia 16 morreu outro cangambá. Dêsse tirei-lhe o couro e o crânio, que foram convenientemente preparados.

Dia 20. 7 horas, temperatura 25,5.º — céu limpo. Às 14 horas temperatura 30.º — céu limpo. Às 22 horas temperatura 26.º — céu O — vento O. Com a temperatura acima tive sensação de frio.

A faveira do curral estava carregada de favas. Estávamos no mês das faveiras "botarem".

Dia 21. As sucupiras (218) estavam cobertas de flôres roxas. Estávamos, também, no mês da floração dos cajueiros, sendo que alguma dessas árvores já se apresentam com castanhas, isto é, frutos.

Dia 23. De regresso da Vila Eng.º Doldt, chegou o amigo Agenor, acompanhado do vaqueiro Alípio Rocha, que vinha para tomar conta da Fazenda Grande.

Dia 27. O Agenor, Alípio e eu fomos ao "Jacaré". Diziam que a distância era de 4 léguas. Não duvidá-

---

(218) Sucupira ou sicupira e sibipira, pertence à família das Leguminosas. Com êsses nomes vulgares a sistemática registra duas espécies: *Bowditchia nitida* Spr. e *Bowditchia virgilloides* H. B. K.

mos, pois gastámos 2 horas e 45 minutos em cavalos descansados. Ví muitos cajueiros carregados de cajús.

Dia 2 de agosto. Passou, com destino a Corrente, sul do Estado, o norte-americano Dr. A. J. Terry. Creio que era pastor evangélico. Morreram duas cangambás.

Dia 3. Às 7 horas passou por nossa casa, fazendo-nos uma rápida visita, o nosso amigo Sr. Odilon Parente.

Dia 4. Morreu mais uma cangambá, das que foram apanhadas nos primeiros dias da minha chegada. Mandeí o António redobrar os cuidados na alimentação dêsses preciosos animais

Dia 5. Às 5 horas da manhã iniciámos os preparativos da partida. Às 17 horas, tudo pronto, montámos a cavalo, e dissémos adeus à Fazenda Grande. O combôio apresentava aspecto *sui generis*: três burros de cangalhas, com duas caixas cada um, conduzido 24 cangambás, ou sejam, 4 cangambás em cada caixa. Jamais burro de cangalha conduziu carga mais leve, porém um tanto ou quanto fétida. Às 11,40 horas chegámos a "Tranqueira", a morada da cabocla simpática que me quis pôr em xeque com a história dos "quatro filhos são meus e quatro do meu marido", sendo que só estavam ali, realmente, 7 meninos.

Um matuto que estava apanhando folha de carnaúba, informou-me o seguinte sôbre o corte das folhas: em agosto faz-se o primeiro corte — 10 palhas (folhas); em outubro, segundo corte — outras 10 palhas; se o inverno não começar cedo pode fazer-se mais um corte, o 3.º, de 5 a 6 palhas. Mil palhas dão 6 a 8 quilos de cêra.

Agora, leitor amável, peço-lhe vênica para abrir um parêntesis: disse o sertanejo que me deu as informações acima: "se o inverno não chegar cedo pode se fazê mais um corte". Aquí vai a explicação do fenômeno fisio-



lógico: as plantas, certos vegetais, cobrem as folhas de cêra para, nos climas tórridos, evitar a evaporação excessiva. Ora, desde que chova, o vegetal pode restabelecer, com facilidade, o teor de umidade necessária à sua vida normal; portanto, não precisa de cobrir a superfície das folhas de cêra para proteger-se da evaporação exagerada que lhe determinaria a morte. Eis por que, em chovendo, a carnaúba não dá o terceiro corte de folhas com cêra. Há certos fenômenos fisiológicos nos vegetais que dão a impressão de que as plantas raciocinam. Não é de balde que Bose, fisiólogo indú, conclui que os vegetais têm sistema nervoso que preside às suas funções.

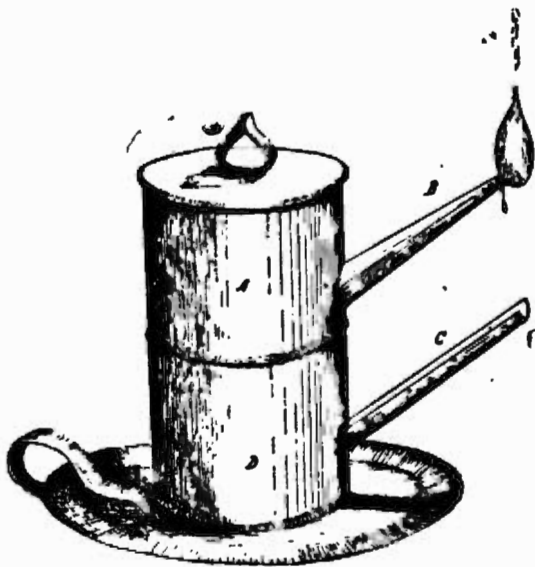
Fechemos o parêntesis e continuemos nossa viagem.

Dia 6. Temperatura às 6 horas — 18.º. Levantá-mos o acampamento. Fomos almoçar na “Barra do Corréa”. Às 14,30 horas a temperaturulra era de 32.º. Às 17 chegámos ao lugar chamado “Mato Grosso”, onde pernoitámos. Dormi ao relento e sentí muito frio.

Tomei nota de uma interessante oração que, pelos dizeres, era destinada a combater a terrível Gripe Espanhola:

“Oração devotíssima contra a peste e que se deve rezar todos os dias: A Estrêla do céu que criou a seu peito o Senhor, arrancou também do mundo a peste da morte que o primeiro Pai dos homens plantou nêle. A mesma Estrêla se digne agora aplacar os Astros cujas armas e influxo ferem a gente de mortífero e cruel contágio. Ó Estrêla clementíssima do mar, livrai-nos da peste! Ouví, Senhora, os nossos rogos, por que o vosso Santíssimo Filho, sem vos negar coisa alguma, sempre vos honra. Jesus, salvai-nos pro quem a Virgem nossa Mãi vos roga. Rogai pro nós, Santa Mãi de Deus, para que sejamos dignos da promessa de Cristo. Deus de misericórdia, Deus piedade, Deus indulgência que vos

compadecestes da aflição do nosso povo e dissestes ao Anjo que o farias suspender a tua mão pelo do amor daquela Estrêla Gloriosa, cujo precioso leite, com tanta suavidade bebestes, contra o veneno dos nossos pecados, concedei-nos auxílio da vossa Divina graça para que nos livremos seguramente da peste e da morte imprevista e nos salvemos por vossa misericórdia acometimento toda perdição por vós, Jesus Cristo, Rei da Glória, que com Deus Padre e Espírito Santo um só Deus viveis e reinais por toda a eternidade. P. Nosso e Ave Maria pelas almas." (sic)



Copiei esta oração, embora em certos pontos sem nexo, *verbo ad verbum*. Essa oração possivelmente foi escrita ou rezada por alguém com algumas luzes; mas, depois, com as sucessivas passagens orais entre pes-

soas analfabetas, deformou-se completamente. Contudo, como o que vale é a fé, e esta move as montanhas, que mal haveria que o povo aflito se dirigisse a Deus dessa maneira, a Ele que é onisciente?

Dia 7. Temperatura às 5 horas — 16.º. Não foi à-tôa que sentí frio durante a noite. Partimos depois de alimentar os cangambás. Às 10 horas “botamos abaixo”, para o almoço no Engenho do Sr. Sinobelino, em “Princípio”. Tive oportunidade de vêr uma medalha com a effigie do padre Cícero, “meu padim padre Ciço”, como era chamado pelos sertanejos. No reverso da medalha lia-se um reclamo farmacêutico: “Querei uma longa vida? Usae o Bálsamo Philantrópico preparado pelo pharmacêutico Oswaldo Studart, Ceará”. O velho padre Cícero era páu prá toda obra! Às 19,30 horas chegámos à “Nova Lapa”, onde passámos a noite.

Dia 8. Em “Nova Lapa” “mancámos a viagem” para fazer uma visita à propriedade agrícola do capitão Leite. Ví um bonito capinzal. As terras deram-me boa impressão. Colhí outra oração à Virgem Maria:

“Ó Maria concebida sem peccadò rogai por nós, que recorremos a vós”.

Os ipês, páu-d’arco, cobriam-se, uns de flores amarelas e outros de flores roxas. Espécies frondosas e lindas. Admirei-as desde que saímos da “Fazenda Grande”. Da Barra do Corrêa em diante observei muito craíba em flôr. Ao longe confundiam-se com o ipê branco.

Partimos às 15 horas, após o almoço e às 18,15 horas chegámos a “Inhuma”. Em “Sítio” ví novamente a palmeira babaçú.

Dia 9. Temperatura, às 6 horas, 18.º. Céu O. Vento O. Chegámos a Bom Jesus — terra do amigo sr. Odilon Parente — ao meio dia. Entrámos pela rua “do Fale Baixo”.

Dia 10. O Dr. Rangel — juiz de direito da comarca — fez-me interessante relato de 3 tamareiras por êle plantadas em Bom Jesus. As tamareiras — dois pés machos e um fêmea — tinham doze anos. Só, naturalmente, a planta fêmea produziu:

1.<sup>a</sup> carga: floração em janeiro de 1916 e frutos em junho do mesmo ano.

2.<sup>a</sup> carga: floração em outubro de 1917 e frutos em março de 1918. Cada carga produziu 6 belos cachos.

Em 1919 as tamareiras estavam, como vimos, com 12 anos de idade. Portanto, foram plantadas em 1907 e frutificaram com 9 anos de idade, em 1916. A produção foi farta, esplêndida; no entanto, a iniciativa do ilustre e patriota magistrado piauiense não encontrou imitadores. Numa região flagelada pelas sêcas, em que outros vegetais economicamente utilizáveis representariam arriscada aventura em seu cultivo, a demonstração feita pelo Dr. Rangel não encontrou eco no meio dos seus conterrâneos (219).

Dia 11. Vi um interessante candeeiro para óleo de babaçú, fabricado em Floriano, e muito usado em Bom Jesus. Desenhei o curioso utensílio.

Tomei algumas notas sôbre expressões e vocábulos que me pareceram dignos de registro:

*Siricáta*: uma espécie de pudim.

*Furdúncio*: barulho, algazarra.

*Furupa orgia*, turbulência.

*Tiquara*: refresco de frutas.

*Samberiba* refresco de frutas

*Malicúnia*: corruptela de melancolia. Anel de prata no dedo cura *malicúnia*.

---

(219) Em meu regresso chamei a atenção dos melos agrícolas do Sul para essa experiência interessantíssima, e também foi em vão. Como custa vingarem as coisas boas em nossa terra!

*Macacôa*: aborrecido, estropiado, adoentado.

*Macaca*: má sorte, caiporismo. Dar o tiro na macaca ou cair no barricão diz-se das moças que se não casam.

*Lapáu*: jumento.

*Papa-fogo*: isqueiro.

*Empurrar*: ir ao bota-fora de alguém.

*Assinar*: marcar o gado na orelha.

*Mão noventa*: diz-se de quem doma bezeros com facilidade. *Simpatia*. O mão noventa diz: "Bezerro que eu amanso não sai mais do curral".

*Rebolero*: arremeçar um páu.

*Côr apertada*: côr escura, relativa ao pigmento humano.

*Dá pareça*: é semelhante.

*Imprudente*: mal criado.

*Desmarcado*: enorme, desmedido.

Dia 12. A Gripe Espanhola, como já vimos, andou, pela sua ação nefasta, despertando os sentimentos religiosos do pobre povo, que, não tendo os recursos da terra, se dirigia ao Céu em preces fervorosas:

"A Nossa Senhora:

A Estrêla do Céu (Maria Santíssima), que a seus peitos creou o Senhor, extinguiu a mortal peste que no mundo introduzira o primeiro pai dos humanos.

Digne-se agora a mesma Estrella reprimir os influxos dos astros que, por suas disposições malignas, ferem o povo com pestíferas chagas.

Gloriosa Estrela do Mar, de sublimes louvores digníssima, da peste nos defendei, contra os enganos do mundo nos protegei:

Medicina cristã, aos sãos conservai, aos enfermos sarai; o que a humana fôrça não pode, vossa grassa nol-o conceda. Amem" (ipsis-litteris).

O meu amigo Odilon Parente, a quem muitos obséquios fiquei devendo e em cuja casa tive a honra de me hospedar, sabendo do interêsse que eu tinha pelo

folclore nacional, recitou-me os seguintes versos, que um sertanejo "tirou" (improvisado) por ocasião da inauguração do cruzeiro em S. Tomé, Ceará:

*"Numa obra pia e santa  
De ter-se respeito e fé  
Só é o Santo Cruzetiro*

*Da vila de São Tomé  
Que tem pintado os martiros  
De Jesus Nazareth.*

*Aquí tem pregado um padre  
Por nome frei Serafim  
Só por Deus teria vindo  
Este missionaro assim  
Pregando sua obra santa  
Que nunca mais terá fim.*

*Abrtu as santas missão  
Mandô no dia tercero  
Que fossem cortá um páu  
Prá trabaia no madero.*

*Saiu Bernardo Nogueira  
Com seu machado na mão  
João Francisco e João de Lira  
E Evaristo seu irmão.  
Prá cortá uma braúva  
Na mata do Riachão.*

*Saiu êsses quatro homens  
Desta obra encarregados  
Com prazo de 11 dias  
Deram pronto e acabado.  
Para amparo dos cristãos  
Serem aquí colocados.*

*A santa caixa das almas  
 Perto dos cruzeiros tem;  
 Cada um dê sua esmola  
 Que eu também dô meu vintém,  
 Bendito louvado seja  
 O Santo Cruzeiro... Amem."*

O falecido pai do Sr. Odilon, Cel. Marco Aurélio Rodrigues Coelho, era um homem inteligente, que, no meio daquela solidão, sabia aproveitar as horas de lazer. Assim, tudo quanto de curioso despertasse sua atenção, era por êle registrado. Folhei vários e grossos cadernos de notas. Num dêles encontrei transcrito do extinto jornal "O Telephone", publicado em Terezina em 1886, o seguinte episódio:

"Um freguês, de fora, baldo de instrucção, mas dotado de uma grossa veia poética, uma dessas capacidades naturaes, sem o mais leve vislumbre de cultivo, deve há muito tempo a um negociante de Campo-maior, e mandou-lhe outro dia uma pequena quantia por conta, o credor dirigiu-lhe o seguinte mote, que êle imediatamente devolveu glosado:

## MOTE

*Ilustre poeta Malta,  
 Me diga por que razão  
 Você não mandou pagar-me  
 Tôda a sua obrigação.*

## GLOSA

*Para lhe satisfazer,  
 Meu ilustre capitão,  
 Eu não tenho ilustração  
 Nem posso poeta ser  
 Portanto vou lhe dizer*

*Com verdade bem exacta  
De sciência em mim há falta  
Para acceitar a expressão  
E a denominação  
— Illustre poeta Malta.*

*Do que quer de mim saber  
Vou lhe dar o fundamento  
Não fiz todo o pagamento  
Por dinheiro não haver;  
Apenas pude obter  
A pequena porção  
Que mandei ao capitão  
Para a crédito levar-mes  
Por que não quer esperar-me?  
Me diga por que razão?*

*Portanto, caro Senhor,  
Como bem sabe sou pobre,  
A grande falta de cobre  
Neste mundo é um clamor!*

*É uma crise de horror!  
Toda porfia a apertar-me  
Meus credores a atacar-me  
Nunca se viu coisa assim!  
Por isso é que diz a mim  
Você não mandou pagar-me.*

*Assim julgo respondido  
Todo o seu conteúdo;  
Breve lhe pagarei tudo,  
De mim não é esquecido  
A falta que tem havido  
Della lhe peço perdão  
E espero occasião  
De vel-o dizer sem falta  
Pagou-me o poeta Malta  
Toda a sua obrigação."*



Depois de uma saída dessas, se a conta do poeta Malta não era muito grande, com certeza foi perdoada. Eu, pelo menos, me daria por satisfeito.

Dia 13. Noite quente e nublada, e prometia chuva grossa. Apanhei dois escorpiões na janela do meu quarto, debaixo do jarro de água.

Dia 14. Preparativos para reiniciarmos a viagem: o Agenor seguiria outro rumo na inspeção das linhas telegráficas e eu marcharia, com meus cangambás, em demanda da cidade da Barra, no rio São Francisco, Baía. O Sr. Basílio Mello pediu-me autorização para viajar em minha companhia até Barra, onde ia fazer compra de fumo e outras mercadorias com que negociava. Foi para mim motivo de júbilo poder contar com tão amável companheiro, que, além de tudo, era parente e pessoa de minha amizade.

Apanhei muitos triatomas (*chupão*) insetos perigosos, cuja presença sempre me causava apreensão, pelo fato de ser o transmissor da tripanosomiasis descoberta e estudada por Chagas.

Dia 15. Temperatura às 6 horas — 23,6.º Céu 2 limos. Vento O. Partimos: eram 9 horas. Na Lagoa do Estreito, perto de Bom Jesus, a estrada bifurcava-se. Ali separei-me do amigo Agenor. Os combóios tomaram rumos diversos: o dele para a direita e o meu para a esquerda. Nós saltámos das nossas respectivas montarias, e num abraço fraterno, em que mal pudemos pronunciar algumas palavras, despedimo-nos fazendo votos de felicidade recíproca. E assim separaram-se dois amigos, dois sertanistas, nos recônditos sertões da terra piauiense.

Após marcha regular, vencendo duas léguas de distância, cheguei, às 11,30 horas, a "Novo Horizonte", propriedade do major José Parente. Almocei, e fiz pequena sesta, para evitar o calor. Durante o percurso notei

as seguintes essências florestais: jatobás, que predominavam e estavam carregados de frutos, catinga de porco, também conhecida por chapada; tinge-roupa, páu-de-pente e camaçarí; tinguí-de-bola, cagaita, cajueiro, Gonçalo Alves, caraíba, tamboril.

Parti de Novo Horizonte às 16 horas, e às 20 horas, depois de ter andado 5 léguas, cheguei ao local chamado Areia. As essências florestais, nesse trecho, mais comuns são as que acima mencionei e as seguintes: angico preto, angico branco e aroeira. No Salgadinho, lugar entre as duas moradas acima, começava a presença da palmeira piassaba.

Dia 16. Saí do pouso Areia às 7 horas e fui almoçar em Buriti-Grande às 9,35 horas, tendo percorrido três lugares. Ví bonitas vacas, notáveis pelo tamanho grande que tinham. Essências florestais notadas: folha-de-carne, tamboril, frei Jorge, puça, fava-de-anta, vaqueta, mata-cachorros (em todo o caminho), aracá, jurema, calumbí, assapeixe, xixá, piquizeiro, unharé ou bureré ou ainda murumé, gameleira, mufermo ou mufumba, sambáiba, xique-xique, palma rasteira com flôr.

Cheguei ao pouso Resfriado às 19,40 horas. Distância percorrida — 4 léguas. Estava eu já à margem direita do Paraím. Informaram-me que nesse rio havia mais moriçoca do que no rio Gurguéial! Ai de mim, meu rico mosquiteiro, murmurei, e sorri da peça que ia pregar a êsses terríveis hematófagos.

Estava eu deitado na rêde, descansando, quando chegaram alguns curiosos das casas vizinhas, “môde vê o gringo ou inguileis”, designação dadas pelos sertanejos aos forasteiros. Nessa ocasião eu procurava entabular conversa não só para passar o tempo à espera do sono, como também para fazer observações e coleta folclórica. Mandeí distribuir um cafézinho, e, vendo os meus circunstantes alegres, perguntei:

— Quem sabe recitar poesia? Todos fizeram “luxo”, dizendo que não sabiam. Insisti. Então o meu hospedeiro apontou para um rapagão preto como azeviche, alto, fornido, de fisionomia simpática e olhar humilde:

— Esse aquí sabe e é muito.

— Vamos, amigo, não tenha acanhamento, recite alguma coisa — solicitei-lhe. E o rapagão não se fez de rogado:

*“Rica prenda de sentido,  
Não sei de que sorte vivo:  
De uma sorte tão penosa,  
De tão descontente chorosa...  
— Adeus cidade amorosa,*

*Sou rôxo (220) côr de caroba,  
Arrefinado cuma açúcar  
Gozando sempre as doçura  
Do doce de marmelada.”*

Deu-me vontade de mandar o poeta plantar batatas. Se não fôsse o apláuso dos ouvintes, eu poderia supôr que o poeta estava caçoando comigo. Porquê, geralmente, o povo só usa versos soltos a título de pilhéria, como por exemplo aquela estrofe assás conhecida em Piracicaba — Estado de São Paulo:

*“Eu trepei na laranjeira  
Prá apanhá um cacho de uvas  
Veio o dono dos marmelos  
Não me apanhe essa guaiava.”*

Dia 17. Vale do Paraím. Partí de Resfriado às 7 horas e fui descansar — almôço — na Barra do Rangel, às 11,30. Antes de armar a rêde indaguei do morador:

---

(220) Rôxo, como sinônimo de preto, é um eufemismo muito usado entre a gente de côr.

— O senhor tem um banco?

— Nhôr, não. A casa é nova e não tem êsse acessório.

Ao Antônio, que preparava o almoço, o dono da casa, convidado por mim a participar da nossa comida, foi dizendo em tom de pilheria:

— Bote mais água nêsse arroz, que eu tenho basea (base?) nisso.

A expressão “água no arroz” é equivalente à do sul do país, “água no feijão”.

— Môde meu tio tá com supepa (fome) — interveio um rapazote que estava ao lado.

Essências florestais do Resfriado à Barra do Rangel: muito jatobá, abundância de piquizeiros em flôr, cajueiros e faveiros; fava-de-anta de castanha (221), creolí, carobá (medicinal), marmelada, cundurú, copaiba, folha-larga, amargoso, mufumo, almiscar. gameleira; abeirando o brejo, páu loiro, mata-cachorro, azeitonas, patí, muricí, para-fogo.

Terras de vazantes férteis. Ví um pouco de caatinga e o mais chapada de agreste.

Perguntei a um “cabra” com pronunciados traços ameríndios:

— Você tem parente caboclo bravo?

— Ó chent! meus parentes passados são tudinho caboco maciço pegados a casco de cavalo.

Depois do almoço, ofereci aos circunstantes café com bolo.

Nisto, chegou um retardatário que pelos modos desejava participar da sobremesa. E, com desembaraço, foi dizendo:

— Hoje eu venho meio pedra, meio tijolo com vontade de comê bolo — disse olhando para o bolso de um

(221) A castanha é comestível e prepara-se assim: torra-se e pisa-se no pilão com farinha de mandioca e rapadura. Lembra a passôca de amendoim do sul do país.

companheiro que guardara parte da fatia de bolo no bolso.

Este, resabiado, respondeu-lhe:

— Tu não tem dente, não come. Eu tenho e como.

— Olhe que eu também como...

Abotoando o paletó, o interlocutor respondeu com uma quadrinha que achei interessante registrar:

— *Plantei mandioca,  
Nasceu manivas  
De ladrão de casa  
Ninguém se livra.*

Para por água na fervura, mandei o António dar um bom pedaço de bolo ao esperto sertanejo.

Demorei mais do que esperava na Barra do Rangel, riacho de águas límpidas e que oferecem esplêndido e refrigerante banho.

Saí às 18 horas para alcançar às 19,30 o pouso Taperá ou Poço de Pedra, onde pernoitei, por ficar perto dali a passagem do Paraím.

Dia 18. Às 7 horas começou a travessia do rio, no lugar denominados Gameleiras. Tudo correu bem, pois nenhum animal foi atacado pelas terríveis piranhas, peixes carnívoros muito abundantes nêsse curso de água. Sòmente registrei um pequeno incidente: o canoeiro ao transportar para a canôa um saco de sal atrapalhou-se e o deixou cair na água.

— Terem recomendado não presta! — exclamou, aborrecido, fazendo uma careta engraçada.

Apesar do prejuízo não pude conter o riso. E era o jeito, como o sertanejo conclui quando diante do irremediável.

Cheguei a Jatobá às 10,40 horas. Fiz alto para o almôço e descanso. Como sempre procurei ouvir os

caboclos que vinham “cheirar” novidades. Eis alguns ditos:

“Este está com amorosa”, isto é: está com preguiça.

“Fulano pêa ema”, ou seja: fulano é mentiroso. Essa frase merece um comentário: pear ema, prender com peiás essa pernalta velocíssima é impossível ao sertanejo, por isso quem diz coisas que não realizou ou fogem às suas possibilidades, está pcando ema.

Parti de Jatobá às 15 horas. A cavalo, de garrafa térmica a tira-colo com água fresca. Esse pequeno utensílio prestou-me inestimáveis serviços e comodidades: à noite colocava-lhe café quente para a manhã seguinte, o que reduzia a perda de tempo nos preparativos de viagem; durante o dia a enchia de água fresca, e à medida que me dava sêde, a cavalo mesmo, ia bebendo. Quem andou pelo sertão nordestino poderá avaliar essa preciosidade.

Cheguei à pousada Duas-Passagens às 17,50 horas. No trajeto feito anotei as essências florestais: mareré, surucucú, imburana-de-espinhos, jurema-de-chapada, japécanga (cipó de espinho das vazantes, medicinal, indicado nas doenças venereas), piranha (cipó fino), casaca, muquem (vegeta nas vazantes e dá bôa cinza), tamboril, pajaú, frei Jorge e creolí.

Dia 19. Às 5,30 horas, mal a barra do dia vinha vindo, tive o prazer de ouvir pela primeira vez nesses rincões o pio do nambú chororó. Lembrei-me de minha pica-pau, do meu pio de caviúna feito pelo habilíssimo artífice piracicabano nhô Cândido, recordei-me, saudoso, da minha adolescência. Às 5,30 horas, nascia o sol, prenunciando dia de intensa canícula. Saída do pouso às 6 horas. Mais ou menos, alí pelas 10 horas, encontrei um cavaleiro que vinha das bandas de Parnaguá. Trocou algumas palavras com meu companheiro de viagem, Sr. Basílio Mello, e em seguida perguntou-me:

— Vamicê é que o dotô engenhero?

— Sou. Por que?

— Vanmicê vai sempre (mesmo) prá Parnaguá?

— Pretendo almoçar lá, se Deus quiser.

— Antonces, eu previno vamicê, seu Coroné mandô comprá uns cunhetes de balas de rifle na Baía, móde o negoço da “Fazenda das Pedrinhas”. Ele disse que não deixa medí a fazenda.

— Muito obrigado pela informação. Vamos vêr se consigo dar um jeito nisso. E o caboclo partiu, deitando-me um olhar de misericórdia, como que a dizer: se fôr a Parnaguá é homem morto.

Provavelmente o leitor amigo deverá estar intrigado com o sentido do diálogo acima. Vou esclarecê-lo:

O Dr. Júlio Lustosa, sabendo que na minha viagem a cavalo para o Sul passaria por Parnaguá, solicitou, em seu nome e no do seu ilustre primo Dr. Joaquim Nogueira Parnaguá, meus serviços de engenharia a fim de estabelecer, de acôrdo com a respectiva sesmaria, a linha divisória da “Fazenda das Pedrinhas” sita naquela cidade do sul do Estado. Aceitei, e fui nomeado pelo juiz, em cuja vara corria a questão, engenheiro louvado. Recebí, também, as seguintes instruções: caso me fôsse obstada à mão armada a ratificação dos limites da propriedade em litígio, deveria fazer, se possível, declaração no cartório da cidade sôbre as ocorrências.

La pensando na camisa de onze varas em que me havia metido, quando um galho de arbusto, à beira do caminho, físgou o guarda-chuva pendurado no braço do meu companheiro Basílio. Este quis retroceder para apanhá-lo; mas eu, que estava poucos metros atrás, metí o cavalo na moita e tirei o guarda-chuva. Passados alguns minutos, comecei a sentir comichão nas pernas. Enfiava o cabo do chicote nas perneiras, e, em vez de minorar, aquele prurido desagradável aumentava de

mais em mais. Apeei do cavalo, tirei as perneiras e ví centenas de carrapatos de vários tamanhos ferrando-me as pernas. Tentei tirá-los com os dedos, mas eram tantos que dificultava a operação. Fiz um punhado de capim e com êle esfreguei as pernas. Os carrapatos — havia até dos rodoleiros — começaram a subir. Tomei uma resolução heróica, e perguntei:

— Quantas léguas faltam para chegar a Parnaguá?

— Uma légua, mais ou menos — respondeu o amigo Basílio.

— Então, o senhor vai acompanhando o combôio, e eu tocarei com toda a fôrça do cavalo. Chegarei lá e tomarei um banho a fim de me livrar dessa praga.

Dito e feito: às 11,50 horas avistei a lendária lagôa de Parnaguá e ao meio dia em ponto saltava na porta da casa do juiz de direito, Dr. Raimundo Nogueira Parnaguá. Cheguei, assim, sem ninguém me esperar, com absoluta surpresa de todos: gregos e troianos. Conteí, ràpidamente o que me acontecia a pessoa da família do Dr. Raimundo, tirei a maca da garupa do cavalo na qual trazia roupa, toalha e sabão, e ia correr para a lagôa, quando alguém advertiu:

— Cuidado, doutor, com as piranhas. Aquí tem uma bacia para o senhor banhar-se sem entrar na lagôa. Lá encontrará uns banquinhos de bater roupa, e sôbre um dêles o senhor poderá tomar banho sem perigo.

Agradecí e encaminhei-me para a grande banheira. Com todas as precauções que o caso exigia, iniciei o banho: em pé num banquinho bem firme, nú em pêlo, com a bacia apanhava a água e despejava-a da cabeça aos pés; depois, sabão, e esfrega que esfrega; mais água, mais sabão e finalmente água, muita água, e estava livre dos molestos e perigosos acarídeos. Vestí-me e fui tranquilamente para a casa que me fôra reservada,



ao lado da residência do juiz. O combôio de cangambás não demorou. Depois do almoço dei início à minha missão de topógrafo. O Dr. Raimundo estava ausente, mas deveria chegar brevemente, e como era meu intento começar pelo lado mais difícil, fui visitar o Cel. O'Donnell de Alencar, chefe da parte contrária, e quem mandara comprar os cunhetes de balas de rifle 44, na Baía. Os dois ferrenhos adversários moravam na mesma praça, quase enfrente um do outro, e eram parentes: uma questão de terras — sempre muito perigosa — dividia uma grande família, talvez uma das mais illustres do Estado do Piauí.

Sozinho atravessei a praça e na porta da casa que me indicaram ser a do Cel. O'Donnell, batí Silêncio. Tornei a bater: pela fresta da porta do corredor percebi que alguém espiava; nisto um senhor grisalho apareceu. Trocamos cumprimentos cerimoniaes. Perguntei-lhe se era o Col. O'Donnell, e, obtendo resposta afirmativa, apresentei-me. Convidou-me a entrar na sala de visitas. Nas frestas das portas eu continuava a sentir-me alvo de olhares indagadores. Pondo de lado preâmbulos inúteis, abordei de frente a questão.

— Coronel, como o senhor certamente sabe, aqui estou para os trabalhos topográficos necessários à retificação dos limites da "Fazenda das Pedrinhas".

— É do meu conhecimento — afirmou-me, sècamente, meu interlocutor. Mas eu não estou de acôrdo com essa providência.

— É também do meu conhecimento sua attitude. E sei mais: que o coronel mandou comprar cunhetes de balas para opôr-se à mão armada ao meu trabalho.

— Mandei, sim, senhor.

— Então, coronel, permita que lhe diga: se o senhor não aproveitar as balas na caça a bichos do mato, perderá o seu dinheiro, pois sou muito moço e não pretendo deixar meu esqueleto por aqui.

Essas palavras, ditas em tom chistoso, foram a varinha de condão, que veio dar à nossa palestra um cunho amistoso. O Cel. O'Donnell sorriu e disse:

— Doutor, vou falar-lhe com franqueza: nós estamos apaixonados por essa questão.

— Diante do que o senhor me acaba de afirmar só me resta ir ao cartório e declarar, por escrito, que deixei de verificar o rumo da linha divisória da “Fazenda das Pedrinhas”, por força maior, isto é, por estar a parte contrária, representada pelo Cel. O'Donnell de Alencar, na firme rasolução de obstá-la de arma na mão. Nêstes têrmos, mais ou menos, será minha declaração. Espero do coronel um gesto digno de sua atitude: o senhor assinará comigo, a bem da verdade, a declaração nos têrmos enunciados.

— Perfeitamente. Não seja essa a dúvida.

— Vamos, se não lhe fôr incômodo, agora mesmo ao tabelião.

Assim foi feito. Assinei o têrmo e o Cel. O'Donnell, concordando *in totum*, assinou também.

Ficamos camaradas, e fui por todos tratado com muita gentileza. No dia seguinte, 20 de agosto, a convite dos filhos do coronel visitei a ilha que fica no meio da lagôa. Foram atreladas duas canôas para maior estabilidade e segurança. O perigoso, nessa excursão aquática, não era cair na água, pois todos sabíamos nadar, o inimigo capital eram as vorazes piranhas. Quando nos aproximávamos da ilha, a uns 200 metros, notei manchas brancas, enormes, e indaguei do que se tratava. Disseram os rapazes que aquela alvura era constituída por bandos numerosos de garças, jaburús e colheireiros, êstes, côr de rosa claro. Pensei que estivessem pilheirando comigo. Mas, não demorou muito, a verdade resplandeceu pelos ares: com uma batida nas bordas das canôas uma nuvem de garças, jaburús e colheireiros abandonou a ilha.

Dei um tiro num jaburú que passava não muito distante das canôas. Caiu. Incontinenti formou-se um rebôjo de peixes em tórno da ave: eram as piranhas. Na gana de arrancar um pedaço do jaburú, as piranhas chegavam a saltar fora da água, como se um forte repuxo ascendente as fizesse borbulhar. Preparei a Kodak a fim de apanhar um instantâneo. De repente voltou a calma em volta da ave que tinha as asas espalmadas à superfície das águas. Chegámos perto e recolhemos o animal: só restavam as asas e os ossos: tudo se passou em menos tempo do que levei a contar êsse episódio.

Chegámos depois à ilha. Colhi muitos *aigrettes* debaixo das árvores em que nidificam as garças. Estou para vêr pássaro mais estúpido para fazer o ninho. Não passa de uns gravetos mal arrumados, com espaços enormes entre êles, de sorte que seguidas vezes caem os filhotes no chão ou nágua. Sob os ingazeiros à beira da ilha, as piranhas bóiam continuamente à espera que cáia um filhote de garça, como em festas populares a criançada espera, pulando, que lhes atirem caramelos. Colhi também algumas intãs, conchas perlíferas da lagôa. Todas essas riquezas, inclusive as vorazes piranhas, estão esperando quem sáiba tirar partido delas. A respeito das piranhas contam coisas do arco da velha, e que não deixam de ser verdadeiras. O rio Paraím e os riachos Grande e Fundo formam a Lagôa de Parnaçuá. Ao norte dessa represa natural sái o rio Paraím, — qual verdadeiro sangradouro da lagôa — com uns 20 metros de largura, para continuar sua viagem até a margem do Gurguéia de que é afluente. Na saída do Paraím, perto da cidade, na estação da sêca dá váu, e os cavaleiros passam por êle. Certo dia, contou-me, um negociante local, entrou montado numa burra (mula) no rio e não reparou que ferira o animal com as esporas: estava sangrando um pouco. Foi a conta. As pi-

ranhas atacaram a mula de tal maneira, que ela não conseguiu varar os 20 metros de largura do rio. O negociante, calçado somente de alpercatas, pulou do pobre animal, e refugiou-se numa corôa de areia, com menos de um palmo de água, pois, mesmo assim, o peixe audacioso cortou-lhe as falanges de alguns artelhos. Gritou por socorro, e felizmente foi acudido a tempo. A mula, coitada, fez às vezes do boi das piranhas. Esse peixe é de tal maneira agressivo que certas façanhas por êles praticadas, parecem hiperbólicas, inverossímeis como as história do Barão de Muchausen.

A lagôa tem a forma elítica, representando um volume de água considerável. De N. S. mede uns doze quilômetros e de E. O. uns seis. Em dias de vento suas águas formam ondas altas encapeladas, capazes de fazer sossobrar as pequenas embarcações que as cruzam.

As terras que rodeiam Parnaguá são adequadas à criação de gado vacum e cavalari. Foi onde ví os mais belos exemplares de equinos. Não faltam pastagens, porque os rios e riachos do sul do Estado, a partir de Uruçuí, não "cortam", isto é: não secam na estação sêca.

Um fato que me chamou também a atenção foi a altura média dos homers dessas bandas, mais elevada de que o tipo clássico dos habitantes do Piauí.

A riqueza natural estava intacta, à espera do braço do homem que a quisesse colher e beneficiar. Deu-me pena vêr tamanha porção de terra sem ser aproveitada, e mal habitada por uma população escassa, à mingua de recursos. Tive mesmo a impressão de que Parnaguá estava regredindo. E como atestado eloquente dessa suposição, lá estava a única igreja da cidade em estado de ruínas, com a fachada completamente ruída, qual enorme bôca escancarada a clamar pela falta de espírito religioso de seus paroquianos. No fundo da nave ainda restava um altar com algumas imagens solitá-

rias. Era de causar dó verificar tamanho gráu de indiferentismo daquela gente. Ai do povo que não levanta os olhos para os céus, e não fita seus olhares em um Deus todo poderoso! Ai do povo que, a par do pão para o corpo, não procura o refrigério do espírito, de onde, qualquer que seja o prisma com que olhe, divisará a face divina do homem! Em noites de tormenta, disseram-me, o gado procurava a velha igreja e se refugiava em sua nave: longe de tocar às ráias do grotesco, deveria lembrar um presépio. Quem sabe? E' bem possível.

Enquanto eu passeava com os meus novos amigos pelos recantos mais interessantes da cidade e seus arredores anotando tudo que me despertava a atenção, o António, o incansável António Martins, procedia a uma limpeza em regra nas caixas dos cangambás, lavando-as à beira da lagôa. Apesar de todos os cuidados dispensados, inclusive farta e bôa alimentação, composta de frangos e galinhas, os cangambás iam morrendo. Notei-lhes uma secreção nos olhos, sintomas que precedia sempre a morte do animal. Cheguei a crêr, e não desarrazoadamente, que era falta de alimento cobra, e cobra venenosa. Porque a natureza, conferindo-lhe imunidade a todos os venenos ofídicos, fez dêsse alimento a fonte precípua de seu equilíbrio orgânico. (222) A morte dos cangambás causava-me profunda tristeza. Receei chegar ao Butantã com as mão abanando. Depois de tanto sacrifício, através daquele sertão inóspito, arriscando-me de quando em quando, como seria doloroso o fracasso que, acabrunhado, às vezes, antevia! Contudo, meditando na causa, que acima apontei, a falta de alimento apropriado, concluí que não tinha razão o naturalista, Dr. Rodolfo von Ihering, quando pre-

---

(222) E' bem possível que os cangambás estivessem sendo vítimas de avitaminose.

tendia apresentar o cangambá como simples e perigoso comedor de galinhas... Se assim fôsse, êles, os cangambás, que estavam sendo tratados com frangos e galinhas deveriam gozar a mais perfeita saúde. E no entanto morriam.

Outro fato que constatei no decorrer da viagem, foi a ignorância completa, por parte dos sertanejos, da qualidade ofiófaga do cangambá. Todos, surpresos, indagavam para que carregava semelhante bicho fedorento. Ao comunicar-lhes que o bicho fedorento era comedor de cobras venenosas, e portanto um amigo anónimo do homem, o espanto tocava as ráias da incredulidade. Positivei, junto ao povo, do mesmo *habitat* do *Conepatus*, a originalidade de minha descoberta. Nem tudo estava perdido.

Essências florestais que anotei de Duas Passagens a Parnaguá: passei por uma caatinga onde havia maniçoba, depois dela, até Parnaguá, zona de vazante, ví jatobá, tamboril, juá, mutamba (medicinal: prepara-se da fruta um xarope para resfriados), gameleira, sabonete, aroeira, salgueiro, pajaú, (prepara-se chá das folhas e das flôres) muquem, jenipapo, canafistola, São João (fruto comestível para cavalos), juái, moroó.

Gramíneas: capim mimoso, de raiz, marmelada e manso.

O companheiro Basílio, entre outras contribuições folclóricas, saiu-se com a seguinte estrofe:

*"Paraiso já foi paraiso,  
Hoje é grande confusão,  
Dentro dêle está morando  
Uma corja de ladrão".*

Naturalmente êsse "paraiso" não passava de nome de algum lugarejo, em que o poeta não se deu bem.

Vocabulário da região ou nela em uso:

*Mucumbú*: cocix das aves.

*Infuca*: vencer obstáculos. Ação violenta.

*Bêno*: cobertor.

*A peste*: gente ordinaria.

*Chaloque*: um pedaço de qualquer coisa.

*Canguinho*: avaro.

A colheita folclórica foi pequena, não obstante ter-me demorado alguns dias na cidade que emprestou o nome ao único marquês piauiense — Marquês de Parnaguá.

Dia 22, às 6 horas, temperatura — 19.º. Partí às 16,30 horas da velha Parnaguá com um pressentimento que a divisa da Fazenda das Pedrinhas — que já havia dividido uma grande família — seria a causa de conflitos sangrentos. E assim aconteceu. No Rio de Janeiro várias vezes tive o prazer de me encontrar com o notável piauiense Dr. Joaquim Nogueira Parnaguá. Nesses encontros o meu excelente amigo colocava-me a par da marcha do interminável pleito, cuja solução dia a dia mais se agravava. Disse-me êle, certa feita, que, prevendo um fim sangrento, solicitou encarecidamente uma audiência ao presidente da República — Dr. Artur Bernardes, e que jamais lhe fôra dado avistar-se com o mais alto magistrado do país, a fim de que fôsse evitada a catástrofe. Tudo inútil: os gonzos dos portais do Palácio do Catete permaneceram emperrados e o ex-senador, membro de ilustre família, desolado, voltou ao seu amado Piauí, para assistir à tremenda carnificina. De um lado os Nogueira Parnaguá, do outro, os O'Donnell de Alencar. Morreram muitos homens das duas facções adversas. O Dr. Joaquim Nogueira Parnaguá, alma boníssima, que sonhava com um Piauí próspero e feliz, não resistiu à tamanha tragédia, que dilacerou seus sentimentos mais puros, e desalentado sucumbiu para sempre. Vamos deixar, leitor amigo, essa reminiscências

tristes e voltemos ao combôio de cangambás, que, na sua passagem, escandalizava os moradores do sertão.

Às 19,50 horas cheguei ao pouso Lagôa da Piassava. Lugar bom para criação de gado, sendo mesmo considerado refrigério. Pastagens: capim mimoso, capim fino, agreste (apresentava aqui as folhas mais miúdas), feijão bravo e camaratuba. Vereda de piaçavas. A leste da entrada notei caatinga.

Dia 23. Partí da Lagôa da Piassava, último ponto onde ainda se vê a prodigiosa palmeira babaçú, às 5,50 horas. Meia légua antes de Sambabáia passei por uma baixa em que predominam angico e aroeira. Na caatinga abundam camaratuba, caroá, alho-bravo, jurema de espinho, cipó espinhoso limpa beijo. Na Vereda preponderam os capins mimoso e panasco, ótima forragem.

Cheguei a Sambambáia às 10,35 horas, fortemente resfriado e o corpo meio mole. Nessa morada começam a aparecer as primeiras casas cobertas com casca de páu. Depois do almoço e de um bom descanso partí às 14,45 horas de Sambambáia (223). O meu combôio ia galgando a Serra do Piauí — cujo espigão divide as bacias dos rios Parnaíba e São Francisco — sem fadiga alguma, devido à suavidade da rampa, que o caminho em grandes curvas contornava. Sòmente me sentia um pouco abatido pelo resfriado, que culminara numa coriza impertinente. Não havia lenço que chegasse, e como o nariz se convertera em fonte abundante, tomei o alvitre, aliás pouco poético de ser narrado, de inclinar a cabeça para o lado e deixar que fôsse pingando. E assim viajei a tarde inteira.

Geralmente, meu companheiro de viagem e eu, costumávamos andar adiante do combôio, mesmo por que

---

(223) Sambambáia é variante, que por sua vez, segundo T. Sampaio, é "corruptela de cama-mbái (*Filix herbacea*); corr. cahamb-ai, o olho torcido e enrolado, alusão ao broto que des-ponta encaracolado".



não seria nada agradável ir cheirando a inhaca dos cambás; mas, em virtude das constantes paradas para indagar de alguma coisa, a carga passou à frente, fato êsse que me acarretou certo incômodo. Escureceu. Embora tocasse a minha montaria, não conseguia alcançar o combôio, nem ouvir-lhe o chocalho que ia no pescoço da "madrinha". — Teriam os camaradas errado o caminho? — perguntava eu ao companheiro Basílio.

— Desviar, não desviaram, por que não há erradas — ponderava meu companheiro. Vamos tocar mais depressa, talvez os alcancemos ainda.

Tocámos os animais, porém com resultado negativo. As 21,30 horas chegámos ao lugar chamado Santo António, resolvidos a pernoitar alí de qualquer maneira, com ou sem nossa carga. Avistei uma casa, e comó era natural, enderecei-me a ela para solicitar pousada. Soltei o grito costumeiro, próprio do sertão:

— Ó de casa!

Silêncio absoluto. Como único sinal de que havia gente, ví apagar-se a luz. Eu insistí:

— Ó de casa!

Nenhum pio: mudez completa. Perdí a paciência — caso inaudito — e berrei ameaçador:

— Se não aparecer já o dono da casa eu meto o cavalo pela porta a dentro!

Então, como um fantasma, surgiu na soleira da porta um homem de côr, alto e forte, que balbuciou algumas palavras, baixinho, declarando que podíamos aprear. Exasperou-me aquela falta de hospitalidade, talvez motivada pela hora adiantada da noite. E sem saber com quem estava falando, nem o perigo por que poderia passar, desandei numa descompostura, entremeadada de moral, naquele homem que permanecia impassível, em pé na soleira da porta de sua casa, e terminei dramaticamente: "Não preciso de sua hospitali-

dade oferecida dessa maneira: prefiro dormir ao relento como os bichos do mato.”

— Vamos, Basílio, um pouco mais para a frente, talvez encontremos outra morada, ou água onde posamos dar de beber aos animais e pernoitar. Devemos estar nas cabeceiras do rio Curimatã, afluente da margem direita do Parajm.

— Nós devemos estar pisando as nascentes de Curimatã — afirmou Basílio.

Efetivamente; a pouca distância avistei sinal indisfarçável de água.

— Basílio, o único recurso que nos resta é dormir aqui. Já é muito tarde, e nada de carga. Os nossos cavalos terão água boa e pastagem fina. Nós, ao contrário, não teremos nem ao menos um cafézinho. Quanto a mim, o resfriado está me prestando bom serviço: tirou-me o apetite; nêsse particular levo vantagem ao amigo.

— Não se incomode, amigo; estou habituado com êsses tropêços de viagem. Mais ou menos assim descorríamos enquanto desensilhávamos nossas montarias. Depois levamos os animais ao primeiro ôlho de água onde mataram a sede, e ali mesmo os peamos. Eram quase 23 horas. O amigo Basílio, que trazia na garupa do cavalo sua rêde, armou-a, e num requinte de gentileza m'a ofereceu:

— E você, amigo?

— Eu dormirei no chão.

— Não vejo por que razão devo aceitar seu sacrificio. Somos dois homens presumidamente da mesma idade, portanto, fico-lhe muito grato, mas não aceito. Quem me mandou “mancar” a viagem, facilitando o distanciamento da carga com todos os nossos utensílios?

Dizendo isso, arrumava, com as peças do arreo, miinha cama no chão, na terra úmida das vertentes do

Curimatã, sobre o altiplano da Serra do Piauí. Deitei-me vestido como estava, de perneiras e tudo o mais.

E, à guisa de bôa noite, pilheriei com o companheiro de viagem:

— Basílio, agora quem leva vantagem é você, deitado em sua tipóia.

Apesar do cansaço sentia a dureza do solo. Se não fôsse muito tarde cortaria um feixe de capim para amaciar aquela cama dura. Antes de poder conciliar o sono, lembrei-me da gratidão do caipira paulista decantada ao som da viola:

*“Arre lá capim do campo  
Devo muita obrigação  
Tem me servido de cama  
Em muitas ocasião.”*

Como não há remédio melhor para dormir, até sobre um leito de pedra, do que viajar o dia inteiro a cavalo, adormeci profundamente. Todavia, aos primeiros albores da madrugada, acordei ao som dos cantos da passarada.

Dia 24, domingo. Às 5,30 horas fui vêr o termómetro: 15.º,2. Foi por isso que sentí frio ao despertar.

Partimos da nossa *sui generis* pousada às 6 horas. Não tínhamos andado 3/4 de hora quando demos com vestígios do pouso do combôio: os tições ainda fumegavam. Se tivéssemos dado alguns tiros, os camaradas nos responderiam e nós nos teríamos encontrado. Contudo foi melhor assim: o pitoresco das viagens são êsses pequenos incidentes, que no momento de serem vividos aborrecem um pouco, mas, depois, lembrados, nos dão certo prazer, a satisfação que dá a dificuldade vencida. De resto, o homem vale pelos obstáculos que vence na vida.

Não demorou muito alcançamos a tropa. Às 8 horas estávamos sôbre o *divortium aquarum* dos maiores rios do Meio-norte brasileiro. Às 9 horas transpusemos os limites do Piauí e Baía no lugar denominado Lagôa Formosa. Chegámos às 10 horas a Jatobá, onde almoçámos e descansámos. Foi nosso primeiro almoço no sertão baiano.

Uma observação interessante: teòricamente, a noite por mim passada completamente desabrigado, dormindo sôbre chão úmido, resfriado como estava, deveria ter agravado a moléstia. No entanto o resultado foi diametralmente opôsto: restabelecí-me como que por encanto. Conclusão: remédio infalível para resfriado é dormir no chão duro e ao relento.

Ao descer da serra ví muitos angicos. De Santo Antônio a Jatobá passamos, com pequeno intervalos sob caatinga alta: mata em que predomina catuaba, vaqueta de caatinga, jacarandá, angico do bezerro, catinga de porco, unha de gato, caroá.

Vocábulos e expressões:

*Maroto*: gente de outra terra, de além mar, que veio pelo mar, como por exemplo, os portugueses que descobriram e povoaram o Brasil.

Foi a primeira vez que ouvi tal vocábulo com essa acepção. É não seria a verdadeira, a primitiva? Como todo invasor porta-se mal, e hostil à gente indígena daí, talvez, a atual acepção do termo. Dou a palavra aos filólogos.

*Cachimônia*: paciência, capacidade. Um sertanejo ao tomar conhecimento da minha descoberta em relação à qualidade ofiófaga do *Conepatus*, comentou: "Que cachimônia o seu dotô teve prá descobrí o cangambá comê cobra."

*Grolô*: farinha mal torrada e empelotada. Botandô-se muita massa no fôrno de uma vez, vira grolô.

*Escaralado*: feijão limpo retirado da vagem, é feijão sem grodura no sentido de pobreza.

*Fazer capote*: descascar mandioca até o meio e entregar o resto a outra pessoa para terminar de descascá-la.

*Palavra marruda*: palavra tôska, rude.

*Cruviana*: garôa, chuva miúda.

Partimos de Jatobá às 16 horas e fomos pernoitar em Sítio, onde chegámos às 19,50 horas. Nêsse pouso deu-se um caso engraçado: já havíamos jantado, e da minha rêde, coberta do respectivo mosquiteiro, que pelo contraste da miséria circunstante, dava-me assim uns ares de opulento rajá indiano, ví um rapazola seminú de calção, procurando ajeitar-se para dormir, à beira da cinza de um fogo quase extinto, reclinando a cabeça sôbre — sôbre que, leitor paciente? — um tôco de páu à guisa de travesseiro! Para forrar o chão colocou uma única fôlha de palmeira catolé, ou piassava, não me recordo bem. Não pude conter-me, e o interpelei:

— Rapaz, você vai dormir aí dessa maneira?

— Nhôr, sim.

— Por que, então, não arranjou alguma coisa mais macia do que êsse tôco de páu para encostar a cabeça? E em vez de uma palha, não cortou uma dúzia para deitar-se sôbre elas? (o pindobal começava ao pé da choupana).

Êle sorriu e não respondeu. Percebí em seu sorriso qualquer coisa de irônico que me escarnecia, como que a dizer: “Que homem bobo é êsse; para que tanta coisa, se eu estou tão bem? Durma e não me amole!” Obedecí ao pensamento do rapaz: calei-me e dormí. O sertanejo baiano, pelo menos nos lugares por onde passei, vive sem o menor confôrto. Não tem nem rêde para deitar-se, dorme no chão. Isso me chamou a atenção de um modo especial, pois nunca ví o piauiense sem

rêde, por mais suja e remendada que fôsse. Fiquei com pena do matuto baiano, digno de melhor sorte.

De Jatobá até Sítio, na caatinga, predomina a unha de gato, e de quando em quando manchas de caroá.

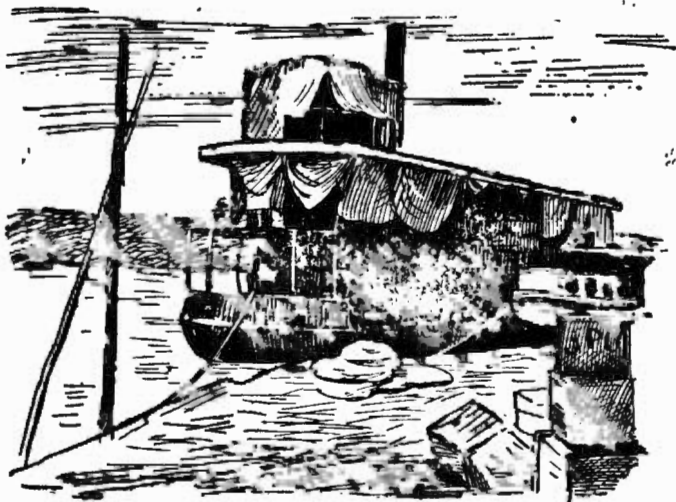
Dia 25. Partimos de Sítio às 5,40 horas e fomos descansar no local chamado Segrêdo, onde chegámos às 9,50 horas. No trajeto percorrido nessa jornada ví muita jurema de caatinga e marmeleiro. De Segrêdo em diante as terras vão piorando: caatinga baixa, sêca e arenosa. Ví os primeiros buritizeiros baianos, cabeça de frade (cactus) e três pés de côco da práia (côco da Baía).

Reiniciámos a viagem às 16,20 horas. Como não encontrássemos moradas em que pudéssemos fazer pouso, às 20,40 horas, já cansados, "botamos abaixo" ao lado de um riacho no ponto conhecido por Jatobá. (essa ramalhuda leguminosa espalhou seu nome por todos os cantos). Instalamo-nos debaixo de uma catinga de porco. Seria mais certo, para justificar o nome, que existisse um jatobá que nos abrigasse e não uma catinga de porco.

Para nós, dormir ali à beira do riacho e sob uma catinga de porco, era o mesmo que pousar nas moradas dos matutos, pois sempre armávamos nossas rêdes debaixo das árvores.

Dia 26. O sol nasceu às 5,30 horas. A temperatura registrada, nêsse momento, foi de 20,05. Às 6 horas em ponto partimos para Muricí, onde chegámos às 10,30. Na caatinga predomina a jurema preta. Às 16 horas seguimos em direção ao Estreito. Quase de 15 em 15 minutos passávamos por uma baixa: o gado entrava na água para comer aguapé. As nossas montarias estavam dando os últimos: a miuha nem mais fazia conta das esporas, coitada. Cansados, também nós, chegamos ao Estreito às 20 horas.

Dia 27. Pulei da rêde às 5,25 horas e às 6,50 levantámos o acampamento para percorrer a última etapa. Já não era sem tempo! As 12 horas, ao meio dia, apeámos na cidade da Barra (224), às margens esquerda do majestoso São Francisco e direita do rio Grande. Estava finda a penosa viagem através dos sertões piauienses e baiano. Tudo correu bem, graças a Deus. Após o almoço dei umas voltas pela cidade a fim de esticar um pouco as pernas. Por toda parte notavam-se vestígios da grande enchente dos rios, cujas águas alargaram as ruas da cidade. Barra chama-se assim por que fica situada na barra do rio Grande, afluente do São Francisco, bem no vértice do ângulo formado pelos dois caudais.



Finda a longa jornada, através de caatingas e chapadões, afigurou-se-me que seria de relativa facilidade,

(224) Terra natal do notável estadista do Segundo Império, Barão de Cotegipe.

em virtude da topografia favorável do terreno, fazer-se uma estrada de rodagem que ligasse as duas importantes artérias fluviais: São Francisco e Parnaíba.

A estrada ligando a cidade da Barra, na Baía, a Santa Filomena, no Piauí, colocaria a zona fertilíssima do sertão piauiense à fácil penetração do progresso.

Num país de extensão territorial imensa como a do Brasil, em que a população mal povôa a orla da costa oceânica, um sistema de comunicações conjugando as vias fluviais às terrestres, não poderia deixar de ser um elemento precioso ao desenvolvimento econômico nacional.

A quem viaja, como o rabiscador destas linhas, pelo interior do País, que contempla caudalosos cursos d'águas completa ou deficientemente utilizados, a alma lhe cái aos pés, por notar tanto descaso das cousas brasileiras, tanta indiferença à grandeza da Pátria.

Dia 28. Chegou de madrugada o vapôr que me deveria conduzir a Pirapora. O seu nome tocou-me o coração de paulista: o navio chamava-se "Prudente de Moraes".

Quando fui tratar do embarque da minha bagagem, o comissário refugou as caixas de cangambás. Não perdí tempo: procurei o comandante — Sr. Valentim Carvalho, moço inteligente e compreensivo. Contei-lhe que acabava de atravessar léguas e léguas do sertão para poder levar ao Instituto do Butantã, em São Paulo, aqueles animaizinhos preciosos para profilaxia do ofidismo, e que, no último momento, via meu sacrifício baldado. Dependia d'ele, comandante, o êxito de minha missão. Felizmente fui atendido. O António colocou as caixas bem na pôpa do navio, para que um possível esguicho fétido dos cangambás não motivasse reclamação dos passageiros. Dos 24 que saíram da Fazenda Grande só chegaram nove. Êstes tiveram a satisfação de comerem cobras venenosas no Butantã.



Em Barra, nos hospedamos todos, inclusive os cangambás, num hotel modesto, em todo o caso, o melhor da cidade

O meu companheiro de viagem, ou melhor, meu amigo Basílio Mello, sabendo do meu interesse pelo folclore nacional, à última hora ainda me contou a seguinte anedota, mais ou menos assim:

### O URUBU E O GAVIÃO

O gavião altivo encontrou o urubú meditando no tope de um mourão de porteira, e dirigiu-lhe a palavra:

— Que é isso, cumpade urubú, tú tá triste?

— Tô, não. Tô é esperando que alguém morra móde eu cumê.

— Vigel! Tú vive à custa da desgraça alea! Pruquê tu não fás cuma eu? Bicho miudo não se apuluma perto de mim, não. Cáiu em riba dêles e cumo sangrando.

Nisso passou cortando os ares uma verdadeira (pomba). O gavião interrompeu o diálogo, e, como seta, atirou-se ao seu enalço. A verdadeira, para livrar-se do seu atroz perseguidor, meteu-se por entre um emaranhado de galhos. O gavião atrás. Numa falha de direção fisgou-se na ponta sêca de um galho lascado. Sangrando pediu socôrro. O urubú compareceu e ficou contemplando impassível a cêna.

— Cumpade urubú, por teu favô, me acóde, cumpade.

— Acudo, não, cumpade gavião. Apois tú não sabe que eu vivo da desgraça alea? Tô esperando que tú morra prá te comê. (225)

Os sociólogos que apliquem *eu cuento*: há entre os seres humanos muitos que vivem da desgraça alheia: há muito urubú por êsse mundo em fora.

Dia 29. Despedi-me dos meus companheiros de viagem: o simpático Basilio Mello e os camaradas, que desde a Fazenda Grande até a Barra, prestaram-me ótimo serviço auxiliando o António Martins. Todos foram deixar-me a bordo. Partí pesaroso, embora desejasse chegar quanto antes ao seio da minha família.

Dia 6 de setembro, sábado, às 13 horas, o navio "Prudente de Moraes" encostou no cais de Pirapora. O trabalho de despachar meus "terens" mal me deu tempo de conhecer a cidade.

Dia 7, aniversário da independência do Brasileira, às 4 horas da madrugada o trem partiu, e no dia 9 saltei contente na paulicéia.

A impressão que me deixou no espírito a prodigalidade da natureza do Meio-norte da país, abundante de matérias primas preciosas, e a pobreza do homem, foi a de um mendigo repousando num bloco de ouro, indiferente à riqueza por seus pés calcada.

Só as sementes oleaginosas, convenientemente aproveitadas pela indústria, transformar-se-iam em maior riqueza do que a que produz o café do Estado de São Paulo e, no entanto, está, abandonada, à espera da inteligência e da mão do homem.

Em as narrativas dos fatos e coisas que ví, assim como nos comentários que adicionei, sempre procurei ser o mais simples e claro possível, a fim de que a verdade, supremo ideal, não fôsse sacrificada.

---

(225) Não é só o gaúcho que emprega o pronome da segunda pessoa com o verbo da terceira: o sertanejo nortista também.



ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRAFICA  
DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.,  
A RUA CONDE DE SARZEDAS, 38,  
SAO PAULO, PARA A COMPANHIA  
EDITORA NACIONAL, EM 1951.





CAATINGAS  
e  
CHAPADÕES

1115

FRANCISCO DE ASSIS IGLÉSIAS

CAATINGAS  
e  
CHAPADÕES

(notas, impressões e reminiscências  
do meio-norte brasileiro.)

1912 - 1919

*Ilustrações de Paim*

★

981  
3823  
v. 241

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
SÃO PAULO

v65

*Todos os direitos de reprodução reservados.  
Interdita qualquer reprodução.*



52-1025

1951, 204234

661, 204234, 756322-10

1951

---

IMPRESSO NOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
Printed in the United States of Brasil

## IN MEMORIAM.

A MINHA SANTA MAE, ANA COLL IGLÉSIAS,  
PELO MUITO QUE ME AMOU E PELO MUITO QUE  
A FIZERAM SOFRER AS MINHAS LONGAS AU-  
SÊNCIAS ATRAVÉS DOS INVÍOS SERTÕES DO  
NORTE; E A MEU IDOLATRADO PAI, JOÃO IGLÉ-  
SIAS, QUE NÃO POUPOU ESFORÇOS E SACRIFI-  
CIOS PARA DAR AO PAÍS UM BRASILEIRO PRES-  
TATIVO, OFEREÇO ESTE DESPRETENSIOSO  
TRABALHO.

*“Isto pensava, isto escrevo; isto  
tinha na alma, isto vai no papel: que  
doutro modo não sei escrever.”*

**ALMEIDA GARRETT**

*“Viagens na minha Terra”*



*“O homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, comete o crime de covardia, é um mau cidadão.”*

JULIO RIBEIRO

*(Cartas Sertanejas, II — Diário  
Mercantil, 6-3-1885.)*

# ÍNDICE

Prefacio .....	IX
----------------	----

## CAPÍTULO I

Como as comissões «acontecem» — Convite do Dr. Charropin para a do Norte e aprovação do Dr. Vital Brasil — Despedida da família — Ida ao Rio e encontro com o acadêmico Gustavo Barroso quando era João do Norte — Embarque no «Brasil» do Loide — Um pulinho nos portos de passagem — O pescador de caranguejos — As reliquias gloriosas do Forte de Cabedelo — Indicação e fanatismo pela água de coco verde — Chegada a Tutóia — Primeira noite no «gaiola» e alvorada com a «Viuva Alegre» — Subindo o Parnaíba — Cobra, a bordo e reboliço — Chegada a Terezina .....	3
--	---

## CAPÍTULO II

Terezina a cidade de esmeralda — Prosódia nortista e fenômenos de semantica — O jardimzinho zoológico de Madame Charropin — Início das relações e trabalhos com o governo estadual — A jovial camaradagem do jornalista João de Lima, em Potí — O «batismo» junto ao Morro da Arara — Inspeção nos manióbais de Regeneração — O preto Claro, primeiro assistente — A futura Bothrops iglesiassi — Retorno a Terezina — O Negrais e o camaleão — Inauguração dos gabinetes de biologia e química com mágicas e discursos — O Ministro extingue o Serviço ainda novo. ....	37
--	----

## CAPÍTULO III

Centro Agrícola David Caldas — O Dr. Agenor Miranda — Encalhe do «gaiola» na foz do Poti — Rio abaixo em canoa com o cearense Pinto — Luzinha sôbre as águas	
--	--

— Cavalgando para Terezina — A besta Briosa empaca no cemitério — De como um agrônomo é promovido a médico — Dados sobre o óleo de babaçú e considerações sobre sua importância econômica — Observações folclóricas — Louvor a S. Benedito e festeiros do Divino — Voltando para o Rio — Parada no Ceará — O famoso açúde de Quixadá e seu desaproveitamento — Horto Florestal — Alvitres para atenuar os malefícios da seca

#### CAPITULO IV

Um ministro que lê e comenta os relatórios — Nomeação para a Estação Experimental de Algodão em Coroatá — Viagem a S. Paulo e visita ao Butantã — Um adeus à família e, mais uma vez, rumo ao Norte — Vaso de guerra inglês inspeciona o navio «Olinda» — Palpites sobre a guerra de 1914 — Bairrismos em ação — Porque Campos Sales não atendeu os retirantes para a Amazônia — Chegada a S. Luz — «Olhe o tubarão, patrão!» — Atenas ou «apenas» brasileira — «Onde canta o sabiá» e o filólogo Otoniel Mota... — A navegabilidade do Rio Itapicuru — Crítica à via férrea em construção — Coroatá sede da Estação Experimental — Insetos daninhos aos algodoeiros e entomófagos — Festa de S. João — Os pulos e os parentescos à fogueira — Bumba meu boi! — A caminho de Terezina .....

#### CAPITULO V

Preparativos para uma demorada excursão a Sta. Filomena — A difícil arte de ser «bandeirante» — Canção da primeira semana cinegética — Cactus sem espinhos — A natureza brasileira dispensa o mestre Burbank — Chegada a Amarante — Dr. Agenor adoece — Hipnotizador «ad-hoc» — Primeiros contactos com os vaqueiros e sua perícia em seguir os rastros — Gado Caracú — O velho Bernardo, de Canavieiras — Jerumêna — Origem deste nome na opinião dos sábios — «Beneficiamento» dos D. Juans... — O inimigo natural das saúvas — O primeiro Triatoma — Olho d'Água das Inhumas — Em Bebedouro o correlo «botou abaixo» —

O burro do estafeta come muitas milhas e pouco milho — Modo imprevisto de entregar correspondência — Fazenda Grande — Grupo espectral de retirantes — Fabrico de farinha — Tapiti — A noção de distância do preto velho — As «avoantes» pousaram nas moradas das pedrinhãs — João do Norte e o vôo dessas aves... — Chegada a Bom Jesus — Franca hospitalidade dos graúdos — Linguajar sertanejo — Quinhentismos em voga — Custo da vida — Medidas antigas em uso — Marcas de gado e letras características dos municípios — Leis provinciais do Piqui — Como o A. conheceu o Zé Grande — A noite siberiana do pouso Conceição — Serra acima — Dormida no Chapadão — Geologia da zona — Casa do Zé Grande e canto religioso — Vale do Uruçuí — Pastagens e forragens — A «garoa» das cigarrinhas — Morro d'água — Nem sempre o sonho é melhor que a realidade — A árvore que chora — Santa Filomena — Praga do cafeeiro, — Excursão ao Riachão — Despedida das montarias .....

Formigas saúvas ... ..

137  
261

CAPÍTULO VI

Descendo o Parnaíba, «de bubuia» — Poesia da balsa — Cachoeiras perigosas — Uruçuí — O A. adocece — Nova York fornece uma canoa mais rápida — Batebate até Floriano — Dr. Eurípedes Aguiar — Para Terezina no «gaiola» Manuel Tomaz — Em Terezina e novo acesso palúdico — Para Coroatá — No solar do Dr. Cronwell de Carvalho — Banquete — «Luar do Sertão» — O poeta da Samaritana — Chegada a Coroatá e recepção carinhosa — Mais uma dose de entomologia — A engenhoca do Leopoldo — Catalão metamorfoseado em sertanejo — Índios «Canelas» — Cirurgião e clínico, à força — Assistência aos retirantes cearenses — Estudo do vício da diamba (maconha) — Club de diamantistas — Folclore e parte experimental .....

264

CAPÍTULO VII

Novamente em Terezina — Leilão das máquinas da extinta Inspetoria — O Padre Lopes — Revolução po-

lítica — «O que não farei» do candidato Dr. Euripedes — Lutas jornalísticas — Pródromos da revolução — Três colunas em marcha — Debandada dos aulicos — O A. é chamado ao Rio — Mau quarto de hora no Ministério — Congresso de Pecuária de S. Paulo — O «Foque» — Projeto de regresso ao Norte. ....: ..... 332

## CAPÍTULO VIII

Companhia Pastoril e Agrícola — Na chácara do Pirajá — Cultura do algodoeiro — Entre cobras — A «papa-pinto» também come cobras — Cajueiro do Governador — Partida para Uruçuí — Naufrágio do «gaiola» — Peripécias cómicas — Trocando de montaria — Meu guia Zé Cartucheira — Folclore sertanejo — Outra vez em Nova York — «Flor do tempo» — Semana santa do lado do Maranhão — Ainda Folclore — De Uruçuí a Fazenda Grande — A mula branca — Presidiário modelo 361

## CAPÍTULO IX

Aspectos florísticos — Ajuste entre o dono da fazenda e o vaqueiro — Espertezas dêste — Vaquejada — Origem mourisca do aboio — Os engenheiros norte americanos — Morissocas do vale do Gurguéia — Um achaque de erisipela — Zé Cartucheira dá amostra do pano e as de «Vila Diogo» — Caçada ao «tatú bola» — Construção da Casa Grande — Um Santiago que não era Santiago — Caçada de cobras venenosas — Os dois luzitanos — Dura provação do Teixeira — Cura de caboclo «espiritado» — Impaludismo — Festa na Fazenda Grande — Folclore — O cangambá: animal ofiófago. 400

## CAPÍTULO X

Despedida da Fazenda Grande — O quebra-cabeça das sete crianças — Dialeto sertanejo — «Bicho de pulo macio» e «quando o sol fizer roda» — Adivinhação do cachorro «Paraná» — Louvor ao Bom Jesus (Folclore) — Tratamento da jovem paralítica — Pernoite no Cha-

padão — Sábado a sêco — Martírio da sêde e o precioso líquido ..... 442

## CAPÍTULO XI

Fundação da Villa Engenheiro Dodt — Quem foi este sábio — Falar sertanejo e expressões Camoneanas — O velho Martiniano — Casa de talos de buriti — A merindiba — José Monte Alegre — Regime de trabalho — A turma de «solteiras» do Onça Preta — Lógica de madeireiro — Galinhas de raça — Acauã — Folclorismo — Caçada na espera — Sistema métrico — Arroz de Santa Luzia e festa sem cachaça — Boas notícias da jovem paralítica e projeto de canonização do A. — Visita do venerando Dr. Joaquim Nogueira — Natal tristonho — Raça do «Barão» — «Colosso» bate «Leão» mas não respeita as regalias do touro Apis — Noções de higiene — Escola «2 de Julho» — O sucesso da vitrola — Roda d'água — Doenças e remédios do lugar — Papagaio sem educação — «Simpatias» — Algodão, mandioca e pecuária — Moça picada por cascavel — As «vantagens» do boi mocho — Partida de «Engº Dodt» — Morte da acauã — Chegada à capital do país — O A. desliga-se da Companhia. .... 469

## CAPÍTULO XII

Nova excursão ao Norte a serviço do Butantã — Cantiga de cego — «Papa-pinto» — O acidenté rábico e o Pe. Malvino — Em demanda do Instituto Pastcur — O tratamento — Morte da «avósinha» — Regresso para a Fazenda Grande — Almôço no arraial Cascavel — Casamento de sertanejos e honras da festa — Revendo a Fazenda Grande — Caçadas de Cangambás — Em Bom Jesus — Orações contra a gripe — As tamareiras do Dr. Rangel — Vocabulário regional — Adeus aos amigos — Brasília Melo — Despedida de «bandeirantes» — Folclore do «Paraiso» — Parnaguá — O litígio da Fazenda das Pedrinhas — Lagoa Parnaguá — Piranhas e garças — Rumo à cidade de Barra — Nas cabeceiras do Curimatá — No divisor de dois grandes rios — Chegada à Barra ..... 568

## PREFÁCIO

Este livro nasce velho. Eu me explico: em 1918, ao regressar do Piauí, ingressei novamente no Instituto do Butantã.

A gripe, a célebre pandemia que ceifou tantas vidas, em todos os recantos civilizados do mundo, para terminar a obra destruidora da primeira grande guerra, cobriu de luto os lares brasileiros, implantando a dor e o desespero por toda parte. Sòmente o setor da saúde pública — Serviço Sanitário e suas dependências — conservava a calma que não pode faltar nas grandes calamidades. No Instituto do Butantã congregavam-se os homens de laboratório, com o fim especial de enfrentar e debelar a grande desgraça. Nessa ocasião, tive a oportunidade de conhecer lá o Professor Oscar Freire, e estreitar mais os laços de amizade com o Dr. Artur Neiva — Diretor do Serviço Sanitário. Com êste saudoso higienista, conhecedor do Norte do País, a nossa palestra sempre versava sòbre as coisas nortistas. Ofereceu-me êle o relatório que escrevera em colaboração com o não menos ilustre higienista — Belisario Pena — seu companheiro de viagem.

Alguns dias depois, perguntando-me se já havia lido o relatório, e obtendo resposta afirmativa, sujeitou-me a uma verdadeira sabatina. Gostou dos meus comentários e de outras coisas mais, que eu ia relatando.

— Porque Você não escreve uns artigos sôbre o que viu? É muito interessante o que me contas — disse-me êle um dia.

— Mas publicar onde? — perguntei eu.

— Na “Revista do Brasil”, do Monteiro Lobato. Você conhece o Lobato?

— Não.

— Pois olhe, é um espírito interessante, alçado aos píncaros da fama literária pelo Rui Barbosa. É um rapaz inteligente e despido dessas vaidadezinhas que só servem para empanar o brilho da boa qualidade. Hoje, à tarde, iremos à redação da “Revista”.

— Será para mim um grande prazer, Dr. Neiva!

Custaram a passar as horas, até que chegou o momento de irmos à redação. Eu, que nunca entrara numa redação de revista, sentia um prazer misturado com medo, como o garoto que vai assistir, pela primeira vez, a um espetáculo de circo de cavalinhos.

Chegamos: sala simples, cheia de prateleiras, e livros por toda parte. O Lobato abraçou alegremente o Dr. Neiva, que, sem preâmbulos, me apresentou. E sem dar-me muita importância, ou como se há muito me conhecesse, mandou, com gesto largo, que me sentasse.

— A casa aqui é sua — mande os originais. Estas portas estão abertas para os moços, (e eu naquele tempo era bem moço), os que não podem fazer ouvir sua voz em outros respiradouros, sufocados pelos medalhões que têm medo de sombra. Medalhão aqui não entra!

Assim falou, mais ou menos, o jovem pai do Jeca-Tatú. Com estas palavras simples, compreendi o seu programa e ficou esteriotipada na minha mente a personalidade invulgar de Monteiro Lobato.



A nossa amizade começou a 100 quilômetros por hora. 28 anos são passados, e cada vez mais admiro e estimo êsse boni amigo.

É escusado dizer que me tornei um "habitué" da "Revista do Brasil", instalada no segundo andar de um prédio da Rua "Boa Vista".

Quando se aproximava o fim do mês, as sessões cresciam de importância: era o empacotamento e distribuição da "Revista" — verdadeiro muxirão em que todos trabalhavam: os raros empregados da "redação", Lobato e os colaboradores. Entre êstes, contava-se a flor da nova geração, nos diversos ramos do saber humano. Cito, só com o auxílio da memória: Dr. Artur Neiva — grande cientista e Diretor do Serviço Sanitário; Dr. Artur Mota — ilustre engenheiro e Diretor da Repartição de Águas; Malta — engenheiro competente, notável matemático e homem de letras; Manoel de Oliveira Filho — o Manéquinho — entomologista de valor; Amando Caiubí — jovem escritor. Leo Vaz, o autor do "Professor Jeremias", Paim Vieira, o Paim da estilização da cerâmica marajoara. E muitos outros, de que no momento não me lembro. Ia-me esquecendo de uma figura interessante — o Corrêia. O Corrêia era alto, magro e louro. Bigodes fartos, de pontas caídas. Comêço de calvície. O Corrêia não escrevia, mas se dava ao luxo de ser crítico de poesias. E suas críticas não eram descabidas.

Toda essa gente, e mais quem estas linhas está rabiscando — empacotava a "Revista".

Como tenho saudades dessas noites! Eram verdadeiras tertúlias de arte e bom humor, em que as piadas cruzavam o ambiente, quase sempre provocando gostosas gargalhadas.

— Vocês querem saber de uma coisa engraçada? — disse o Lobato, dirigindo-se à turma de empacotamen-

to — o Manéquinho meteu na cachola do Corrêia isto: o Corrêia, depois de uma noitada no Bar Baron, fez-lhe a confidência de um caso amoroso. O Manéquinho não entrou em pormenores e o Corrêia ficou na dúvida, se disse ou não disse. Que coisa engraçada! (E o Lobato soltou uma ruidosa gargalhada). Que estado d'alma interessante! Não vi ainda êste assunto explorado na literatura: nem em romances, nem em comédias.

Quanta vez, no duelo de espírito que se travava entre os dois, o Manéquinho ameaçava o Corrêia de "contar tudo". E o Corrêia, naquela dúvida atroz, calava-se resmungando.

— Êste Manéquinho!... continuava o Lobato. Só usa a barba para encobrir o moleque que é.

E o Lobato? Poder-se-ia dizer o mesmo: aquelas suas grandes e bastas sobrancelhas, quais mandorvãs hirsutas, que faziam gaguejar a quem pela primeira vez falava com êle, só serviam para acobertar um coração bom, lhano, aberto constantemente às causas nobres.

E assim, entre brincos e gracejos, a "Revista do Brasil" tornou-se o centro de irradiação cultural, que marcou o início de uma nova era na literatura brasileira, e, principalmente, deu começo à indústria do livro no Brasil.

Em 1919 a "Revista" publicou os meus artigos: — "Cinco anos no Norte do Brasil", à guisa de comentário, ou notas à margem, ao relatório do Dr. Artur Neiva e Belisario Pena. Os artigos, pela matéria nêles tratada, agradaram, e o Lobato me propôs enfaixá-los num volume.

— Porque Você não publica o livro? — interpela-me o Dr. Neiva. Aproveite a proposta do Lobato!

— Vou esperar um pouco — respondi. Quero escrever alguma coisa mais.

— Adiar, meu amigo, é esquecer. Não perca a oportunidade!

O prognóstico do meu saudoso amigo Artur Neiva, quase que deu certo: só agora, depois de 27 anos, é que resolví começar os artigos que deverão constituir o livro "CAATINGAS E CHAPADÕES".

Porisso é que eu disse, no princípio dêste prefácio, que o livro nasce velho — pois é integrado por notas escritas entre 1913 e 1919.

Mais tarde, em 1920, aparece no cenário da "Revista do Brasil", um rapaz modesto e simpático, para quem estava reservado um grande papel no movimento editorial brasileiro — Octales Marcondes Ferreira. A ação organizadora dêste moço não se fez esperar. Aos olhos de todos nós, estava-se revelando um grande administrador. Creio, sem medo de me enganar, que ali, na despreziosa redação da "Revista do Brasil", estava o embrião, o berço da atual e importante empresa que espalha livros por todos os recantos do Brasil — a "Companhia Editora Nacional".



Nêste desprezioso trabalho, estão enfiçadas as observações que fiz em o nordeste brasileiro ou melhor, como querem ilustres geólogos patricios, Meio-norte brasileiro. Sendo o observador um engenheiro-agrônomo, naturalmente foram anotados os fatos concernentes aos três reinos da natureza: mineral, vegetal e animal.

Além das observações agronômicas que me interessavam mais de perto, não perdi a oportunidade de colher informações sôbre o modo de viver do homem nas regiões por mim percorridas.

Colhi farta messe folclórica sem a preocupação própria dos entendidos em demopsicologia.

Anotei, também, modalidades próprias do linguajar dos sertanejos, o qual procurei reproduzir, com a maior fidelidade que me foi possível, nos diálogos que figuram neste livro. Consignei neologismos, arcaísmos e rifões.

É interessante o fato de o povo guardar termos e expressões antiquadas. Às vezes, certos vocábulos pareciam-me criações do meio sertanejo; no entanto, estudando melhor o assunto, cheguei à conclusão de que eram formas usadas pelos quinhentistas contemporâneos dos povoadores da Terra de Santa Cruz.

O povo é eminentemente conservador e esse fenômeno linguístico lembra o não menos interessante fenômeno petrográfico da cristalização, em que os minérios, por um capricho da natureza, retêm, em seu íntimo, gotas de água puríssima, guardadas, assim, para todo o sempre.

Nesta coleção de material procedi como o garimpeiro que na sua bateia colhe as gemas preciosas e depois as entrega aos lapidários para que éstes, em mil e uma facetas, as façam brilhar esplendorosamente.

Aos especialistas, portanto, ofereço as minhas observações como matéria prima propícia a seus estudos.

Nas diversas travessias que fiz a cavalo procurei, também, anotar as distâncias percorridas, altitudes, temperaturas e fenômenos meteorológicos que poderão ser úteis aos futuros exploradores da economia do sertão por onde andei.

Figuram neste livro descobertas e estudos científicos por mim realizados nos Estados do Piauí e Maranhão, tais como a qualidade ofiófaga do cangambá, o vício da diamba, e também sobre os insetos nocivos e os úteis ao algodoeiro.

As minhas observações e colheita de material herpetológicos não foram destituídas de importância, tal o interesse demonstrado pelo Instituto Butantã.

Além do que acima ficou consignado, os zoólogos e botânicos encontrarão uma série de notas capazes de despertar-lhes o interesse científico pela fauna e flora do Meio-norte.

E, para terminar êste introito, convido o amável e paciente leitor a acompanhar-me nas longas caminhadas que fiz pelos ínvios sertões da nossa terra.

F. A. I.

#### EM TEMPO:

Como satisfação ao meu grande amigo Monteiro Lobato, que, por mais de uma vez, desejou editar em livro os artigos por mim publicados na "Revista do Brasil", sôbre o Norte brasileiro, mandei-lhe, quando estava êle em vilegiatura em Buenos Aires, por especial favor de pessoa da minha amizade, o prefácio dêste livro que êle tanto quis publicar.

Assim dizia eu, em carta de 9 de outubro de 1946, ao meu saudoso amigo Lobato:

*"Dona R. será portadora amável do livro que estou acabando de escrever sôbre os meus cinco anos no Norte do Brasil, grande parte publicado na "Revista do Brasil" de sua saudosa direção. Como eu voltei mais um ano e tanto depois, resolvi dar ao livro o título de "Viagens ao Norte do Brasil" (última e definitivamente mudado para "Caatingas e Chapadões".*

*Nestes últimos tempos, tenho-me lembrado muito do querido amigo: primeiro porque, redi-*

gindo os capítulos do livro a que me referí, naturalmente sempre a sua pessoa é lembrada. Segundo, por causa do surto, do jorro sem conta de petróleo nos domínios da velha mulata do Nosso Senhor do Bomfim. Interessante! Como o destino ligou você à era do petróleo brasileiro! O primeiro poço a dar petróleo foi o de Lobato e agora o que está escandalizando a bugrada são os últimos dois poços: um calculado em 3.000 barris por dia, outro, em 1.800 no lugar chamado Candeias. Candeias é luz, luz é espírito, e você, meu caro Lobato, foi a inteligência que iluminou esse capítulo interessante da história econômica brasileira. Meus parabens, meu grande amigo e grande brasileiro.

IGLÉSIAS.”

Pouco tempo depois, tive o prazer de receber amável carta do Lobato, cuja transcrição tenho a honra de fazer aqui.

“Buenos Aires, 7, 11, 1946

Caro Iglésias:

Esteve cá a tua apresentada, d. R., com quem muito simpatizamos. Trouxe o prefácio do teu livro, que li e achei ótimo — e me encheu de saudades. Daqueles “meus” empacotadores de revistas, por V. citados, resta V. e o Caiubi. Todos os mais já embarcaram para o undiscovered country: o Neiva, o Maneco, o Mota, o Correia. Também está vivo o Malta, surdo naquele tempo e hoje a ouvir maravilhosamente por meio duma contrap-tion elétrica. Tive saudades de tudo — e da minha saúde naquele tempo. Estou hoje um caco indecente, e já a pensar em sair daqui, porque o

*clima desta cidade é dos peores possíveis: frio horrendo no inverno e calor pior que o do Rio na primavera e no verão... Para onde ir? . Onde morar? That is the question.*

Publique o livro e me mande um, que eu, que já não leio coisa nenhuma, irei lê-lo demoradamente, e de novo viver umas horas daquele tempo — aquele tempo de mocidade, que, como a flor do lotus, só floresce uma vez (se não está errada a botânica do poeta que disse isso.)

Adeus, Iglésias. Tua lembrança do passado me deixou melancólico...

Abraço do

LOBATO".

• • •

Este livro foi escrito nos anos de 1946 a 1949, com longas intermitências.

F.A.I.

Rio, 3 de Maio de 1950.

Meu querido Iglesias.

Saúde.

Acabei de ler o precioso livro que V. escreveu, descrevendo sua viagem pelo interior do nosso grande Brasil e devo-lhe dizer que se V. tivesse sido acompanhado por um bom cineasta não representaria um filme tão fiel como a descrição que apresenta.

O Grande Sudoeste piauiense continúa virgem, mas chegará o dia em que suas observações serão tomadas em consideração para benefício do Estado do Piauí, de cujas terras temos ambos saudosas recordações.

Sempre seu afetuoso am.<sup>o</sup>, mt.<sup>o</sup> agradecido ás referências a mim feitas no livro que terá, certamente, grande acolhimento, entre os amigos do Brasil, seu

ex-corde

AGENOR MIRANDA.



# Viação do S. Francisco

## Bagagem e encomendas

Num 15867

Nome Aludente  
 Para de Barros  
 Para de Arribas  
 Expresso 8 10 15 20 25 30 35 40 45 50  
 Distribuição 16 meses  
 Indicações \_\_\_\_\_  
 Número de volume 5-9  
 Hora \_\_\_\_\_  
 Dia \_\_\_\_\_

### Volumes

DI N. VOLUMES

5	Constit
9	Assuare
	pequeno
5	
11	9
	9

8 400



Barra 28 de Agosto 1919

VIAÇÃO DO S. FRANCISCO

*Alvarado*